



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO TEORIA E PRÁTICA DO ENSINO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

FRANCIONE CHARAPA ALVES

AÇÃO TUTORIAL NA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM DOIS PROGRAMAS:
PET/BRASIL E PTM23/PORTUGAL

FORTALEZA

2016

FRANCIONE CHARAPA ALVES

AÇÃO TUTORIAL NA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM DOIS PROGRAMAS: PET/BRASIL E
PTM23/PORTUGAL

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação. Área de Concentração: Educação, Currículo e Ensino.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Meirecele Calíope Leitinho

Coorientadora: Prof^a Dr^a. Patrícia Helena Carvalho Holanda

FORTALEZA

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- A479a Alves, Francione Charapa.
AÇÃO TUTORIAL NA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM DOIS PROGRAMAS : PET/BRASIL E
PTM23/PORTUGAL / Francione Charapa Alves. – 2016.
463 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação
em Educação, Fortaleza, 2016.
Orientação: Profa. Dra. Meirecele Calíope Leitinho.
Coorientação: Profa. Dra. Patrícia Helena Carvalho Holanda.
1. Ação tutorial. 2. Tutoria. 3. Educação Superior. 4. Programa de Educação Tutorial (PET). 5. Programa de
Tutoria Maiores de 23 (PTM23). I. Título.

CDD 370

FRANCIONE CHARAPA ALVES

AÇÃO TUTORIAL NA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM DOIS PROGRAMAS: PET/BRASIL
E PTM23/PORTUGAL

Tese apresentada ao Doutorado em Educação do Departamento de Teoria e Prática da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação. Área de Concentração: Educação, Currículo e Ensino.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a. Meirecele Calíope Leitinho (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a Dr^a. Patrícia Helena Carvalho Holanda
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a Dr^a. Ana Maria Iorio Dias
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a Dr^a. Francisca Rejane Bezerra Andrade
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. José Albio Moreira de Sales
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

À Deus, a quem consagro tudo o que sou, tudo o que tenho e tudo o que faço!

À Nossa Senhora, pelo amor singelo e maternal!

À minha família pelo amor e apoio incondicional, e por entenderem as minhas ausências!

À Jean Claude Lachaud, meu *bem precioso* (*in memoriam*), por todo amor, doação, carinho, companheirismo, pelos ensinamentos de afeto! *Saudade é o amor que fica!*

À professora Cláudia Maria Magalhães Grangeiro (*in memoriam*).

Aos que colaboraram com a pesquisa no Brasil e em Portugal.

AGRADECIMENTOS

Gratidão é algo que deve nos acompanhar durante toda a vida. O que aqui está escrito não bastará para expressar o que sinto. E, se, porventura, no calor das emoções, eu me esquecer de citar algum nome, peço perdão! Nestas páginas ficarão impressas não somente palavras, mas o sentimento de um caloroso: *MUITO OBRIGADA!*

Ao divino... amor que me move, razão do meu existir!

À Deus em primeiro lugar. Que mesmo na minha pequenez me acolhe em momentos tão meus! E à Nossa Senhora, minha mãezinha, pela Sua proteção!

Aos laços familiares... histórias de amor primeiro!

À minha família por me ensinar o significado e o sentido de : amor, família, afeto, paternidade, maternidade, solidariedade, luta, irmandade, e doação.

Ao meu pai, Francisco Carneiro Alves, que me ensinou a conquistar uma vida com muito trabalho, doação e honradez!

À Mainha, Francisca Charapa Alves, que significa a força e a fé da mulher na minha vida!

Aos meus irmãos Francisco Fredson, Alan Carlos e Cícero Ricardo, por seguirem os passos de nossos pais e serem irmãos tão amorosos!

Às minhas irmãs Fátima, Kátya Elyzabeth, irmãs pra toda hora, é amor demais!

Aos meus sobrinhos: Clara e João, Nicolle, Arthur, Nichollas e Eduardo, Letícia e Guilherme, Ana Beatriz, Gabriel, *gotas de alegria* que Deus me deu!

Aos professores da escola e da vida... outros laços... outras histórias de afeto!

À minha orientadora Dr^a Meirecele Calíope Leitinho pelos ensinamentos e pelo carinho e pela compreensão! Pela dedicação sem medida. Por me dar a oportunidade de ser sua orientanda! Meu respeito e meu afeto!

À professora Dr^a Patrícia Holanda por partilhar de conhecimentos e sentimentos!

À professora Socorro Lucena pelas suas palavras tão sábias e humanas!

À professora Ana Iório por me ensinar muito de afeto e de humanidade na educação.

Ao professor Álbio Sales, pela participação na minha formação como pesquisadora!

À professora Rejane pelas contribuições dadas para o aprimoramento da tese!

A todos os professores da Universidade Federal do Ceará- UFC que contribuíram para a minha formação nessa trajetória do doutorado.

Aos amigos antigos... outros nem tão antigos assim:

À Meire, Yana, Palmira, Marilene, pela amizade que perpassa o tempo!

Às *filhinhas do Cariri*, Ana Maria, Gercilene, Katyane, pela convivência, por vezes diária, ainda lembraremos muito dessas experiências de irmandade!

À Inambê, pela amizade pela força.

A Nilson, Andréa, Artur, André e à Márcia, Fernando, Danzinho, presentes que Deus me deu, irmãos de partilha de vida!

À Jaqueline pelas demonstrações de amizade.

À Lia Freitas pela disponibilidade em ajudar.

A Cássio, pelo profissionalismo, pelas escutas e conselhos em final da escrita!

Na Universidade Estadual do Ceará- UECE

Aos meus queridos colaboradores da pesquisa: interlocutoras, tutores e tutorandos do PET.

Aos professores Andrea Pereira, Tarcileide, Cláudia Magalhães, João Rameres, Dafne Paiva, Manuela Barros, Helena Frota, Oriel Herrera, Jerffeson Teixeira.

Na Universidade Federal do Ceará-UFC

Ao professor João Figueredo, Felipe, Flávio, Alice, Marília, pelo aprendizado na Comissão de Bolsas.

A Sérgio, Geíza, Adalgiza, Ariadna, pelos serviços prestados a nós alunos!

Aos colegas do grupo de avaliação curricular, especialmente Elivânia, Germana e Aline pelas partilhas em muitas quintas-feiras de estudo.

À Rochely pela partilha e pela amizade.

E nos momentos finais, duas pessoas especiais... uma mensagem de despertar...

"E de repente, num dia qualquer, acordamos e percebemos que já podemos lidar com aquilo que julgávamos maior que nós mesmos. Porque não foram os abismos que diminuíram, mas nós que crescemos". (Fabíola Simões)

À Paulinha, uma irmã em meu caminho, histórias tão iguais!

A Felipe, o seu exemplo de fortaleza me incentivou nesta caminhada!

À Lisboa...aos de Lisboa!

Larrossa nos diz que "A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca (LARROSA, 2002, p.21)". Grata pela experiência que tive em Portugal, especialmente a Lisboa, este lugar lindo que faz parte da minha história de vida! Pela oportunidade de caminhar às margens do Tejo. E às pessoas com quem convivi!

Na Avenida Almirante Reis... nos arredores da Alameda Dom Afonso Henriques, nunca esquecerei!

Ao meu querido Jean, por tudo que me proporcionou, abrindo as portas deste caminho para mim. De onde tudo começou!

Aos queridos amigos da pastelaria Fonte da Alameda: Ao Sr. Graça, pelas demonstrações de amizade, carinho e respeito; Lourdes, Filomena, Dona Maria João, Dona Nazaré, Dona Tica, Dona Antonieta, e todos aqueles que me deram palavras de força; Nuno, Tereza, Lina, Isabel e família, pelos cafés da tardinha, cheios de risos! Ao Zé, amigo com sorriso sempre aberto!

Aos queridos Sr^a Gracinda e Sr. Joaquim, pelo carinho e atenção!

Na Universidade de Lisboa...

À professora Ana Margarida Veiga Simão, por abraçar esta causa dos M23, pelo seu profissionalismo e conhecimentos partilhados.

Aos meus queridos alunos Maiores de 23 que colaboraram com a minha pesquisa, sem vocês nada disso seria possível!

À Arlete Verhaeghe, Célia, Ana Marques, Sofia Francisco, Adriana, Inês, Edna Correia, José Carlos, Marlene Igreja, Carolina Mangana, Bruno Fernandes, André, pela disponibilidade, atenção e abertura!

À Silvana, Tereza Silva, Suammy, Sidclay, Núbia, Helen, Carmelite, cadinhos de Brasil na Universidade de Lisboa.

Em Alcântara, naquela casinha branca de quintal ensolarado: havia flores, havia calor humano, havia havia Patrícia e Bárbara!

À Bárbara, por dividir comigo momentos tão importantes!

À Patrícia pelo acolhimento incondicional, a companhia, o carinho, por compartilhar espaços, sentimentos de irmandade! Momentos que ficarão para sempre na minha memória!

Outras amizades além mar...

Às famílias: Arnaldo e Aldair e Stéfano; Giovanna e José; Adriana Kovács, Peter e Eduardo, pelos momentos de partilha, pela amizade e pelo carinho.

À Tina, pelo apoio e pela amizade.

À Cécile e Carlos, irmãos que a vida me deu, sou grata por vocês existirem, pelo carinho e pela amizade que fica para sempre!

Às instituições...do Brasil e de Portugal!

À Universidade Federal do Ceará- UFC pela formação que tenho recebido.

À Universidade de Lisboa, espaço de realização do Doutorado Sanduíche.

À UECE por ceder o espaço para a investigação.

À CAPES pelo financiamento da pesquisa no Brasil e em Portugal!

Ao meu Brasil, quando estive além mar de ti senti saudades!

À todos que participaram direta ou indiretamente na escrita desta colcha de retalhos que compõem a tese e que se misturam com a vida. ***Tese e vida, vida e tese.***

“E penso que é assim mesmo que a vida se faz de pedaços de outras gentes que vão se tomando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma. Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias” (Cora Coralina).

RESUMO

A presente pesquisa teve como objeto de estudo a ação tutorial na Educação Superior e como objetivo geral: compreender como se constitui a ação tutorial no Programa de Educação Tutorial (PET) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e no Programa de Tutoria Maiores de 23 (PTM23) da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FP-UL) em seus aspectos teórico-práticos e político-pedagógicos. Utilizamos a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo-DSC que se fundamenta na Teoria das Representações Sociais (atribuição de sentido de sujeitos) para tratamento dos dados do tipo depoimentos coletados em discursos verbais ou escritos. O resgate dos discursos ocorreu em dois momentos: na etapa I, no Brasil, realizamos entrevistas semiestruturadas com duas interlocutoras e com sete tutores; e grupos de discussão com 68 petianos. Na etapa II, em Portugal, fizemos entrevistas semiestruturadas com duas coordenadoras; duas tutoras; e oito alunos “Maiores de 23”. A análise foi realizada partir da criação de eixos discursivos organizados por grupos de atores sociais com base nas ancoragens para a criação dos DSCs. Os referenciais teórico-metodológicos da pesquisa centraram-se nas construções de Sacristán (2000), Macedo (2008, 2011, 2013), Veiga Simão, Flores (2005); Baudrit (2009), Álvarez Pérez e González Afonso (2008), Leitinho (2008), Zabalza (2011), Lefèvre e Lefèvre (2005, 2010), dentre outros. Os achados revelaram que há uma necessidade de formação dos tutores e no tocante à prática, a ação tutorial é multidimensional, enriquecendo profissionalmente os tutores, dando-lhes oportunidade de múltiplas aprendizagens, e para os alunos ela promove o seu desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional para atuarem em sociedade. Concluimos que o conceito de tutoria não é uniforme, havendo “tutorias” diversas, sendo que cada uma atende a necessidades específicas em contextos diferenciados. O desenvolvimento da tutoria deve ocorrer de maneira sistematizada e adaptada às realidades, por meio da superação das dificuldades e dos desafios que se apresentam, tornando-se importante a institucionalização de suas práticas. Nesse sentido, a tutoria necessita de avaliação constante promovendo uma melhoria de qualidade das suas ações, o que irá repercutir nas metodologias de ensino e de aprendizagem, na gestão, no currículo, enfim, em toda a instituição e para aqueles que dela se beneficiam.

Palavras-chave: Ação tutorial. Tutoria. Educação Superior. Programa de Educação Tutorial (PET). Programa de Tutoria Maiores de 23 (PTM23).

ABSTRACT

The present study had as object of study the tutorial action in Higher Education and as a general objective: to understand how the tutorial action is constituted in the Program of Tutorial Education (PET) of the State University of Ceara (UECE) and in the Tutoring Program Over 23 (PTM23) of the Faculty of Psychology of the University of Lisbon (FP-UL) in its theoretical-practical and political-pedagogical aspects. We used the methodology of the Discourse of the Collective Subject-DSC that is based on the Theory of Social Representations (attribution of sense of subjects) for the treatment of the data of the type testimonies collected in verbal or written discourses. The rescue of the speeches occurred in two moments: in stage I, in Brazil, we conducted semi-structured interviews with two interlocutors and with seven tutors; and discussion groups with 68 petianos. In stage II, in Portugal, we conducted semi-structured interviews with two coordinators; two tutors; and eight students "Over 23". The analysis was carried out from the creation of discursive axes organized by groups of social actors based on the anchorages for the creation of the DSCs. The theoretical-methodological references of the research centered on the constructions of Sacristán (2000), Macedo (2008, 2011, 2013), Veiga Simão, Flores (2005); Baudrit (2009), Álvarez Pérez and González Afonso (2008), Leitinho (2008), Zabalza (2011), Lefèvre and Lefèvre (2005, 2010), among others. Results revealed that there is a need for tutors training and in concerning practice, the tutorial action is multidimensional, professionally enriching the tutors, giving them the opportunity for multiple learnings, and for the students it promotes their personal, academic and professional development to act in society. We concluded that the concept of tutoring is not uniform and there are several "tutorials", each of which attends to specific needs in different contexts. The development of the tutoring should take place in a systematized way and adapted to the realities, by overcoming the difficulties and the challenges that are presented, making it important to institutionalize their practices. In this sense, tutoring requires constant evaluation, promoting an improvement in the quality of its actions, which will impact on teaching and learning methodologies, on management, on the curriculum, in the end, on the whole institution and for those who benefit from it.

Keywords: Tutorial action. Tutoring. College education. Tutorial Education Program (PET). Tutoring Program Over 23 (PTM23).

RESUMÉ

Cette recherche a eu pour objet d'étude l'action de tutorat dans l'Enseignement Supérieur et comme objectif général : comprendre comment est l'action de tutorat dans le Programme d'Enseignement Tutoriel (PET) de l'Université d'État du Ceará (UECE) et dans le Programme de Tutorat Plus de 23 (PTM23) de la Faculté de Psychologie de l'Université de Lisbonne (FP-UL) dans leurs aspects théoriques, pratiques, pédagogiques et politiques. Nous avons utilisé la méthodologie du Discours du Sujet Collectif - DSC qui repose sur la Théorie des Représentations Sociales (attribution de signification des sujets) pour le traitement de données de type témoignages collectées dans des discours oraux ou écrits. Le sauvetage des discours a eu lieu en deux phases : dans la phase I, au Brésil, nous avons mené des entretiens semi-structurés avec deux interlocuteurs et sept tuteurs; et des groupes de discussion avec 68 participants du PET. Dans la phase II, au Portugal, nous avons mené des entretiens semi-structurés avec deux coordinateurs; deux tuteurs; et huit étudiants "Plus de 23". L'analyse a été réalisée à partir de la création d'axes discursifs organisés par des groupes d'acteurs sociaux sur la base des points d'ancrage pour la création de DSCs. Les cadres théorique et méthodologique de la recherche sont axés sur les constructions de Sacristán (2000), Macedo (2000, 2011, 2013), Veiga Simão, Flores (2005); Baudrit (2009), Álvarez Pérez et González Afonso (2008), Leitinho (2008), Zabalza (2011), Lefèvre et Lefèvre (2005, 2010), parmi d'autres. Les résultats ont révélé qu'il y a un besoin en formation des tuteurs et à l'égard de la pratique, l'action de tutorat est multidimensionnelle, enrichissant professionnellement les tuteurs, en leur donnant la possibilité d'apprentissages multiples et, pour les étudiants, elle favorise leur développement personnel, académique et professionnel pour être acteurs dans la société. Nous concluons que le concept de tutorat n'est pas uniforme, avec des « tutorats » divers, dont chacun répond aux besoins spécifiques dans des contextes différents. Le développement du tutorat doit être systématique et adapté aux réalités, en surmontant les difficultés et les défis, d'où l'importance de l'institutionnalisation de leurs pratiques. En ce sens, il faut évaluer constamment le tutorat pour promouvoir l'amélioration de la qualité de ses actions, ce qui aura des répercussions dans les méthodologies d'enseignement et d'apprentissage, la gestion, les programmes scolaires, enfin, dans toute l'organisation et pour ceux qui en bénéficient.

Mots-clés: Action de tutorat, Tutorat, Enseignement Supérieur, Programme d'Enseignement Tutoriel (PET), Programme de Tutorat Plus de 23 (PTM23).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Desenho do Percurso metodológico	37
Figura 2 – Programa e Projeto que assistem os alunos M23	123
Figura 3 – Estrutura do Projeto de Tutoria M23 (PTM23)	125
Figura 4 – Sujeitos envolvidos no PTM23	127

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Figuras metodológicas do DSC	35
Quadro 2 –	Campo social de investigação	38
Quadro 3 –	Distribuição dos sujeitos da pesquisa de acordo com a IES	39
Quadro 4 –	Datas dos encontros com os Grupos PET-UECE	45
Quadro 5 –	Datas das entrevistas com tutores e interlocutores do PET-UECE	46
Quadro 6 –	Datas das entrevistas com sujeitos do PTM23	48
Quadro 7 –	Seleção de teses e dissertações do Banco de Teses Capes relacionadas ao tema da Formação do Tutor	52
Quadro 8 –	Seleção de teses e dissertações do Banco de Teses Capes relacionadas ao tema da Prática do Tutor	53
Quadro 9 –	Seleção de textos do Portal Periódicos Capes (CaF) para tema da tutoria no Ensino Superior	58
Quadro 10 –	Seleção das dissertações e teses do RCAAP sobre tutoria	62
Quadro 11 –	Seleção dos artigos RCAAP sobre tutoria	64
Quadro 12 –	Seleção das dissertações e teses do RCAAP sobre Maiores de 23	65
Quadro 13 –	Seleção dos artigos da temática Maiores de 23	66
Quadro 14 –	Dimensões tutoriais	79
Quadro 15 –	Funções Tutoriais	80
Quadro 16 –	Tarefas do tutor	88
Quadro 17 –	Histórico de Editais MEC/SESu para Criação de Novos Grupos PET	107
Quadro 18 –	Campus da UECE	111
Quadro 19 –	Resumo do planejamento de atividades dos grupos PET UECE - 2015	113
Quadro 20 –	Modelo do Instrumento de Análise dos Discursos - IAD	129

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	– Eixos e sub-eixos discursivos de análise dos discursos dos tutores - PET	132
Gráfico 2	– Eixo das concepções de tutoria no PET com suas ancoragens	133
Gráfico 3	– Eixo e sub-eixos da prática da tutoria no PET com suas respectivas ancoragens	136
Gráfico 4	– Eixo e sub-eixos da formação para o exercício a tutoria no PET com suas respectivas ancoragens	146
Gráfico 5	– Eixo do perfil do tutor e suas ancoragens	152
Gráfico 6	– Eixo da relação currículo e tutoria e suas ancoragens	155
Gráfico 7	– Eixo da tríade: ensino, pesquisa e extensão e suas ancoragens	158
Gráfico 8	– Eixo da avaliação e suas ancoragens	159
Gráfico 9	– Eixo dos aspectos institucionais e normativos e suas respectivas ancoragens	164
Gráfico 10	– Eixos e sub-eixos discursivos de análise dos discursos dos tutorandos PET	167
Gráfico 11	– Eixo das concepções de tutoria e suas respectivas ancoragens	168
Gráfico 12	– Eixo do perfil do tutor e suas respectivas ancoragens (tutorandos)	170
Gráfico 13	– Eixo da prática e sub-eixos e suas respectivas ancoragens (tutorandos)	171
Gráfico 14	– Eixo de expectativas dos tutorandos em relação a mudança de tutor e suas respectivas ancoragens (tutorandos)	176
Gráfico 15	– Eixos e sub-eixos da tutoria no PTM23	181
Gráfico 16	– Eixo das concepções de tutoria no PTM23 e suas ancoragens	182
Gráfico 17	– Eixo e sub-eixos da prática no PTM23 e suas respectivas ancoragens	184
Gráfico 18	– Eixo e sub-eixos da Formação no PTM23 e suas ancoragens	190
Gráfico 19	– Eixo do perfil do tutor e suas ancoragens	192
Gráfico 20	– Eixo da avaliação e suas respectivas ancoragens	194
Gráfico 21	– Eixos e sub-eixos das concepções dos tutorandos sobre o PTM23	198
Gráfico 22	– Eixo das concepções de tutoria e suas ancoragens (tutorandos)	198
Gráfico 23	– Eixo da prática do PTM23 e suas ancoragens (tutorandos)	200
Gráfico 24	– Eixo do perfil do tutor no PTM23 e suas ancoragens (tutorandos)	204
Gráfico 25	– Eixo da avaliação do PTM23 e suas ancoragens (tutorandos)	205

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAPES	Coordenação de Apoio e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CED	Centro de Educação
CECITEC	Centro de Educação, Ciências e Tecnologia da Região dos Inhamuns
CH	Centro de Humanidades
CESA	Centro de Estudos Sociais Aplicados
CCS	Centro de Ciências da Saúde
CCT	Centro de Ciências e Tecnologia
CLAA	Comitê Local de Acompanhamento e Avaliação
DEPEM	Departamento de Projetos Especiais de Modernização e Qualificação do Ensino Superior
EaD	Educação a Distância
ENCEPET	Encontro Cearense dos grupos PET
ENEPET	Encontro Nordestino dos grupos PET
ENAPET	Encontro Nacional dos grupos PET
FP	Faculdade de Psicologia
FECLI	Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu
FAEC	Faculdade de Educação de Crateús
FACEDI	Faculdade de Educação de Itapipoca
FAFIDAM	Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos
FAVET	Faculdade de Veterinária
FECLESC	Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central
FUNCAP	Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico- IES – Instituição de Ensino Superior
ISCB	Instituto Superior de Ciências Biomédicas
MEC	Ministério da Educação (Brasil)
ME	Ministério da Educação (Portugal)
M23	Maiores de 23
MOB	Manual de Orientações Básicas
PET	Programa de Treinamento Especial (antiga denominação)

PET	Programa de Educação Tutorial (nomenclatura atual do programa)
PROGRAD	Pró-Reitoria de Graduação
PROPGPq	Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
PPGEB	Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira
PTM23	Programa de Tutoria Maiores de 23
SESU	Secretaria de Educação Superior
SIGPET	Sistema de Gerenciamento de bolsas do PET
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UL	Universidade de Lisboa
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	21
2	DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO: FUNDAMENTAÇÃO E PERCURSO METODOLÓGICO	31
2.1	Fundamentação teórica do Discurso do Sujeito Coletivo-DSC: Teoria das Representações Sociais e Teoria da Reprodução Social	31
2.2	Método Discurso do Sujeito Coletivo (DSC): princípios básicos e conceitos fundamentais	34
2.3	Percurso metodológico	36
2.3.1	<i>Campo social da investigação</i>	38
2.3.2	<i>Atores/Agentes sociais da pesquisa</i>	39
2.4	Resgate do Pensamento Coletivo	40
2.4.1	<i>Instrumentos e técnicas</i>	40
2.4.2	<i>Passo a passo do resgate do pensamento coletivo: Campo Social I e II</i>	42
2.5	<i>Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) dos atores sociais</i>	49
2.6	O Estado da questão	51
2.6.1	<i>Banco de Teses Capes</i>	51
2.6.2	<i>Portal Periódicos Capes</i>	57
2.6.3	<i>Portal RCAAP - Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal</i>	61
3	REFERENCIAL TEÓRICO	68
3.1	Tutoria ou tutorias? Etimologia do termo e exemplos de tutoria	68
3.1.1	<i>Concepções e configurações atuais da tutoria na educação</i>	76
3.1.2	<i>A tutoria no contexto universitário contemporâneo</i>	82
3.1.3	<i>Desafios da docência e da tutoria na educação superior</i>	85
3.2	Currículo: Campos Conceituais	89
3.2.1	<i>Os atos de currículo</i>	93

4	ANÁLISE DO CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO E SUA RELAÇÃO COM A TUTORIA	98
4.1	Dados de Contexto do Campo Social da Pesquisa I- Programa de Educação Tutorial- PET	99
4.1.1	<i>Antecedentes históricos e legais da criação do PET</i>	99
4.1.2	<i>Da criação do Programa Especial de treinamento-PET ao Programa de Educação Tutorial-PET</i>	105
4.1.3	<i>Campos Social da Pesquisa I - O Programa de Educação Tutorial na UECE</i>	110
4.2	Dados de Contexto do Campo Social da Pesquisa II: O acesso ao Ensino Superior em Portugal por meio dos Maiores de 23	115
4.2.1	<i>Antecedentes históricos e legais da criação do Acesso Maiores de 23 em Portugal</i>	115
4.2.2	<i>Da criação do Acesso Maiores de 23</i>	119
4.2.3	<i>Campos Social da Pesquisa II - Contextualização do projeto de tutoria maiores de 23 - PTM23 na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa</i>	121
5	REPRESENTAÇÕES DA TUTORIA PARTIR DOS DISCURSOS DOS ATORES SOCIAIS	129
5.1	Representações sociais da tutoria no Programa de Educação Tutorial - PET da Universidade Estadual do Ceará - UECE	131
5.1.1	<i>Concepções de tutores e interlocutores sobre a tutoria no PET</i>	132
5.1.2	<i>Concepções de tutorandos sobre a tutoria no PET</i>	167
5.2	Representações sociais da tutoria no Programa de Tutoria Maiores de 23 da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa	181
5.2.1	<i>Concepções de tutores, coordenadores e professores sobre a tutoria no PTM23</i>	181
5.2.2	<i>Concepções de tutorandos sobre o PTM23</i>	197
6	O DSC: UM DISCURSO DO “EU AMPLIADO”	209
7	REFLEXÕES FINAIS	216
	REFERÊNCIAS	226
	APÊNDICES	237
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO	238
	APÊNDICE B – CARTA CONVITE DA ETAPA I DA PESQUISA	239

APÊNDICE C	– FORMULÁRIO DO TUTORANDO	241
APÊNDICE D	– FORMULÁRIO DO TUTOR	244
APÊNDICE E	– ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA TUTORES	247
APÊNDICE F	– ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ASSESSORES	248
APÊNDICE G	– ROTEIRO DE ENTREVISTA COM EX-ASSESSORES	249
APÊNDICE H	– ROTEIRO DE GRUPO DE DISCUSSÃO COM TUTORANDOS	250
APÊNDICE I	– CARTA CONVITE DA ETAPA II DA PESQUISA	252
APÊNDICE J	– GUIÃO DA ENTREVISTA COM TUTORADOS (PRIMEIRO ANO)	253
APÊNDICE K	– GUIÃO DA ENTREVISTA COM TUTORADOS (SEGUNDO E TERCEIRO ANO)	255
APÊNDICE L	– GUIÃO DA ENTREVISTA COM DOCENTE	257
APÊNDICE M	– GUIÃO DA ENTREVISTA COM TUTOR(A)	259
APÊNDICE N	– GUIÃO DA ENTREVISTA COM EX-TUTOR(A)	261
APÊNDICE O	– GUIÃO DA ENTREVISTA COM COORDENADORA DO PROGRAMA	263
APÊNDICE P	– GUIÃO DA ENTREVISTA COM COORDENADORA DO GAPE	265
APÊNDICE Q	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 (IAD 1)	267
APÊNDICE R	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 (IAD 2)	273
APÊNDICE S	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 3 (IAD 3)	278
APÊNDICE T	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 4 (IAD 4)	286
APÊNDICE U	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 5 (IAD 5)	292
APÊNDICE V	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 6 (IAD 6)	303
APÊNDICE W	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 7(IAD 7)	309
APÊNDICE X	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 8 (IAD 8)	315
APÊNDICE Y	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 9 (IAD 9)	320
APÊNDICE Z	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 10	325
APÊNDICE AA	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 11	331

APÊNDICE BB	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 12	335
APÊNDICE CC	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 13	347
APÊNDICE DD	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 14	356
APÊNDICE EE	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 15	362
APÊNDICE FF	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 16	367
APÊNDICE GG	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 17	373
APÊNDICE HH	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 18	377
APÊNDICE II	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 19	395
APÊNDICE JJ	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 20	399
APÊNDICE KK	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 21	401
APÊNDICE LL	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 22	417
APÊNDICE MM	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 23	420
APÊNDICE NN	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 24	422
APÊNDICE OO	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 25	425
APÊNDICE PP	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 26	429
APÊNDICE QQ	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 27	440
APÊNDICE RR	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 28	443
APÊNDICE SS	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 29	448
APÊNDICE TT	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 30	450
APÊNDICE UU	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 31	453
APÊNDICE VV	– INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 32	455

1 INTRODUÇÃO

Esta investigação se insere no eixo de Currículo e na linha de Educação, Currículo e Ensino (LECE) do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC) e tem como objeto de estudo a ação tutorial do tutor no Programa de Educação Tutorial (PET) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e no Programa de Tutoria Maiores de 23 (PTM23)¹ da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FP/UL), em Portugal, visando uma compreensão de como essa ação se constitui em seus aspectos teórico-práticos e político-pedagógicos.

Entendemos que não podíamos estudar esta temática sem identificar as políticas educacionais e curriculares estabelecidas pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) no Brasil e pelo Ministério da Educação (ME) em Portugal, que orientaram currículos, interferiram na docência, nos novos papéis assumidos pelos sujeitos envolvidos no processo educacional na Educação Superior e que influencia no papel do tutor. Assim, para investigar a ação tutorial presencial nas referidas Instituições de Ensino Superior (IES) mencionadas, optamos por analisá-la no contexto do Programa de Educação Tutorial (PET) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e no Programa de Tutoria Maiores de 23 (PTM23) da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FP/UL).

Ressaltamos que nossa investigação teve como marco temporal e conceitual: a Declaração de Bolonha (1999)², ocorrida no Espaço Europeu; a oficialização do Programa de Educação Tutorial (PET), no Brasil (2005)³; e a Política de Acesso ao Ensino Superior M23 (2006), em Portugal.

Fez-se necessário observar as constantes transformações ocorridas nos fundamentos teórico-práticos e metodológicos da docência na Educação Superior, face às

¹ “Maiores de 23” é uma denominação dada à uma política de acesso ao Ensino Superior em Portugal através do concurso especial, regulamentada pelo Decreto-Lei 64 de 21 de Março de 2006. Entretanto, a Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa - FP/UL criou o Programa de Tutoria Maiores de 23 - PTM23, com o objetivo de facilitar a permanência desses acadêmicos na universidade.

² A Declaração de Bolonha (19 de junho de 1999) — que desencadeou o denominado Processo de Bolonha — é um documento conjunto assinado pelos Ministros da Educação de 29 países europeus, reunidos na cidade italiana de Bolonha. A declaração marca uma mudança em relação às políticas ligadas ao ensino superior dos países envolvidos e estabeleceu em comum um Espaço Europeu de Ensino Superior a partir do comprometimento dos países signatários em promover reformas de seus sistemas de ensino. A declaração reconhece a importância da educação para o desenvolvimento sustentável de sociedades tolerantes e democráticas. Embora a Declaração de Bolonha não seja um tratado, os governos dos países signatários comprometem-se a reorganizar os sistemas de Ensino Superior dos seus países de acordo com os princípios dela constantes.

³ Embora o Programa de Educação tutorial tenha sido criado em 1979, somente foi oficialmente instituído em 2005, pela Lei 11.180/2005 e regulamentado pelas Portarias nº 3.385/2005, nº 1.632/2006 e nº 1.046/2007.

atuais mudanças ocorridas na sociedade contemporânea e nas Instituições de Ensino Superior (IES) e que na atualidade tem gerado investigações sobre a formação continuada do professor desse nível de ensino para o exercício do ensinar⁴, preparando-o para diversas atividades que vêm surgindo na sociedade, como, por exemplo, a ação tutorial. É nesse cenário que investigamos a formação e a prática do tutor no exercício da tutoria em dois contextos: um no Brasil e outro em Portugal.

De acordo com Zabalza (2007) a tutoria na atualidade é utilizada na Educação Superior, com a finalidade de melhorar a interação pedagógica entre tutores e tutorandos, extremamente necessária para orientar e dirigir os processos ensino e de aprendizagem. O autor afirma que a tutoria é uma das competências da docência universitária, apresentando-se como conhecimento básico da formação (ZABALZA, 2007). Corroborando com este pensamento, Álvarez Pérez (2002) afirma que a ação tutorial é inerente à competência docente.

No Brasil, a tutoria passa a existir na docência universitária a partir da proposição de políticas educacionais, que definiram programas de tutoria institucionalizados como a tutoria do Programa de Educação Tutorial (PET) e da Educação a Distância da Universidade Aberta do Brasil (EaD/UAB). Portanto, a ação tutorial é uma atividade de mediação exercida pelo professor, com finalidades de orientação acadêmica, profissional e pessoal, incluindo, portanto, dimensões afetivas e motivacionais do tutorando.

O tutor é então aquele orientador que está integrado aos processos de ensino e de aprendizagem via função docente ou não⁵, e que necessita de uma formação específica para um desempenho competente na ação tutorial. Essa formação está vinculada a aspectos ligados à carreira profissional e ao planejamento de outras intervenções específicas para atingir os objetivos desejados de desenvolvimento individual do tutorando. A formação e a orientação são, portanto, dois elementos indissociáveis do bom desempenho da tutoria (BAUDRIT, 2009; ÁLVAREZ PÉREZ, 2002; ARGÜIS *et al.*, 2002).

Afirmo que a escolha de um objeto de estudo não ocorre por acaso: ela se dá em consonância com acontecimentos da vida e com a formação de cada um, experiências essas que se mesclam entre si. Por esse motivo trago⁶ alguns excertos do percurso formativo, que

⁴ Cf. Garcia (1999); André *et al.* (2002); Pimenta e Anastasiou (2002); Masetto (2000); Cunha, (2002); Anastasiou (2002); Balzan (2000); Morosini (2001), dentre outros.

⁵ No caso da tutoria do Programa de Tutoria Maiores de 23 (PTM23) não é exercida por um docente, mas por uma psicóloga do curso.

⁶ A partir desse momento o texto será escrito na primeira pessoa devido ao gênero das reflexões subjetivas, que são abordadas, e dos relatos de experiências pessoais.

me direcionaram para uma problemática em relação à formação e prática do tutor no âmbito da educação superior.

Minha trajetória de formação se confunde com minha narrativa de vida, uma vez que o meu percurso formativo profissional não aconteceu por acaso, mas na complexidade cotidiana e no delinear das escolhas que fiz no decorrer da minha vida. Por esse motivo, trago à memória alguns momentos vividos e experienciados por mim que foram significativos e que influenciaram na construção da minha identidade profissional. Experiências singulares me conduziram a estudos que realizei no doutorado e influenciaram na minha concepção de educação, de ser humano e de mundo, que foi se construindo ao longo da minha carreira docente.

Minhas primeiras experiências de docência no Ensino Superior foram no Curso de Filosofia do Instituto Dom José⁷, local em que cursei a graduação em Filosofia. Ao concluí-lo, fui convidada a ministrar uma disciplina de Introdução a Economia na turma do primeiro ano deste curso, visto que eu tinha uma formação em Ciências Econômicas pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Trabalhei em vários cursos da Universidade do Vale do Acaraú (UVA) do Crato e, em 2005, fui aprovada em um concurso para professor substituto na URCA em uma vaga para Filosofia da Educação no curso de Pedagogia. Estas foram algumas das experiências mais desafiadoras da minha vida profissional.

Nesse contexto tive oportunidade de ressignificar o conceito de Educação a partir das novas leituras, das reuniões de colegiado, nos momentos de luta pelas causas sociais, que envolvem a profissão docente, e todos os momentos vivenciados, foram muito significativos para mim. Nesse processo, alguns professores mais experientes me auxiliaram muito e contribuíram não somente para o domínio de conhecimentos teórico-metodológicos e políticos, mas também para a aquisição de atitudes, das relações interpessoais e de competências vinculadas aos processos pedagógicos na Educação Superior.

Simultaneamente ao trabalho desenvolvido na Universidade fui professora na Educação Básica, o que me proporcionou o crescimento na compreensão da relação escola-universidade e o repensar da minha prática docente, foi um período de muita riqueza e aprendizado, que me conduziu ao mestrado.

No ano de 2009, iniciei o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UECE, área de concentração de Formação de Professores, linha de Didática e Formação de

⁷ Instituto de Filosofia Dom José, local onde fiz a minha graduação de Filosofia, funcionava no Seminário São José do Crato e ofertava somente esse curso, que tinha como objetivo a formação dos padres diocesanos e capuchos. Entretanto, a minha turma foi a primeira a formar leigos. Atualmente é a Faculdade Católica do Cariri.

Professores, que culminou com a dissertação intitulada “A Pesquisa como Instrumento de Formação Docente”⁸, pesquisa-ação realizada com professores da Educação Básica. Neste período, participei também do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Formação do Educador (GEPEFE/Ceará)⁹, um espaço para a reflexão sobre didática, formação docente e pesquisa em educação.

Ao terminar o mestrado, em 2011, fui convidada para trabalhar na Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD)¹⁰ da UECE como bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), como coordenadora do Estágio e Atividades Complementares dos cursos de graduação desta IES. Nesta atividade passei a conhecer outra face da universidade.

Em 2012, participei do processo seletivo para o Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (PPGEB/UFC) e entrei para a linha de Pesquisa Educacional e o Eixo de Avaliação Curricular. No ano de 2013 houve uma reorganização do PPGEB-UFC e o meu projeto foi realocado para a Linha Educação, Currículo e Ensino (LECE), no Eixo de Currículo.

Percebo que cada momento dessa trajetória foi fundamental para o meu desenvolvimento profissional docente, e compreendo esse percurso como um processo formativo que me faz realizar um movimento constante de pensar sobre mim como pessoa e como profissional docente, sobre a minha formação e prática, o meu trabalho no contexto em que eu vivo e atuo, bem como sobre as políticas subjacentes à minha profissão.

Na UECE também conheci de perto o programa de Educação à Distância (EaD) da Universidade Aberta do Brasil (UAB), que tem como objetivo a formação de professores em municípios do interior do Ceará.¹¹ Em suas plataformas, os cursos de graduação a distância possuem uma organização e uma estrutura diferente dos presenciais, bem como papéis docentes apropriados para outra forma de ensinar e de aprender.

⁸ *A Pesquisa como Instrumento de Formação Docente*, pesquisa-ação realizada com professores da educação básica do Iborepi, distrito do Município de Lavras da Mangabeira - Ceará, orientada pela Dra. Maria Socorro Lucena Lima.

⁹ Grupo de Estudos coordenado pela professora Socorro Lucena e Marina Cavalcante no Ceará e vinculado ao GEPEFE da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP).

¹⁰ A PROGRAD da UECE possuía uma Célula Técnica Pedagógica (CTP), que era constituída pelas assessorias como a de Estágio e as Atividades Complementares, o Programa de Monitoria, o Programa de Educação Tutorial (PET), o Programa de Iniciação à docência (PIBID), a assessoria de construção dos Projetos Pedagógicos para reconhecimento e validação dos cursos, enfim, assim, percebemos ainda mais a complexidade que uma instituição como a UECE envolve.

¹¹ Cursos ofertados por meio da Secretaria de Apoio às Tecnologias Educacionais (SATE) e financiamento da Universidade Aberta do Brasil (UAB).

Quando fui professora formadora nos cursos de Licenciatura em Pedagogia e em Química, na modalidade à distância UECE, tive contato com tutores presenciais e a distância da UAB, identificando os desafios enfrentados por eles no tocante à sua formação e prática. Com base nessa experiência, realizamos pesquisas exploratórias com a finalidade de conhecer melhor a ação tutorial¹² efetivada por esses profissionais, o que resultou em pesquisas exploratórias e artigos científicos, que foram publicados em eventos científicos.

Estas investigações revelaram que a formação específica para ser tutor nos Programas investigados da UECE era inexistente até aquele momento, nunca tendo sido ofertada nem pela instituição, nem pelo MEC. Houve um processo de autoformação na prática cotidiana do tutor, no próprio exercício da tutoria e com os saberes que já possuíam na profissão docente. Por isso, faz-se necessário a institucionalização da formação do tutor, para que esse processo não se resuma na procura isolada e espontânea de cada tutor ou somente no saber da experiência.

Além das experiências relatadas, considero relevante também a minha participação em um Curso de Formação de Tutores¹³ que propiciou a atuação como tutora a distância em um curso de formação de gestores pela UECE. Nesse momento, percebi o quanto a ação tutorial promove novas aprendizagens do fazer docente, na relação com o aluno, com os outros professores e em relação às metodologias de ensino, que exigem novos saberes, domínio das tecnologias de informação e uma formação específica para exercer esta prática no ensino à distância.

No ano de 2015, vivenciei outra experiência marcante e única, que gerou uma relação mais próxima com a minha temática investigativa: a realização de um Doutorado-Sanduiche (ou Doutorado Intercalar)¹⁴, em Lisboa, Portugal. O período de realização do Doutorado Sanduiche foi de seis meses, compreendidos entre setembro de 2015 a março de 2016.

¹² Estado da Arte: Portal Periódico Capes e Banco de Teses Capes – outubro e novembro de 2013. Também realizamos pesquisas exploratórias, com tutores da Educação a Distância do Curso de Pedagogia da UECE e com tutores do PET da UECE, que deram origem aos artigos: ALVES, F.C.; LEITINHO, M.C. A tutoria na graduação: foco nos professores tutores de Curso de Pedagogia na Modalidade à Distância da UECE, 2011. (Publicado no Enforsup); A formação do professor para o exercício da tutoria no Programa de Educação Tutorial. 2013. (Publicado no livro *Currículo: diálogos possíveis*); FILHO, A.C.; SALES, V.M.B.; ALVES, F.C. A identidade docente do tutor da Educação a distância, 2012. (Publicado no SIED/ENPED); ALVES, F.C.; LEITINHO, M.C. Experiências de tutoria entre iguais, 2013. (Publicado no XI ENPPG).

¹³ Curso de Formação de Tutores à Distância na Universidade Estadual do Ceará (UECE), 2013. Após o curso, atuei como tutora durante três meses no Curso de Formação de Gestores Escolares do Maciço do Baturité.

¹⁴ A nomenclatura utilizada em Portugal para o “Doutorado Sanduiche” é Doutorado Intercalar. Entretanto, no texto utilizaremos a denominação do Brasil.

A ideia de submeter o meu projeto ao Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE/CAPES) surgiu a partir do momento em que soube da possibilidade de submeter o projeto, a partir do conhecimento de experiências de outros colegas do doutorado.

O primeiro contato com os textos de tutoria em Portugal ocorreu pela leitura da obra *Tutoria e Mediação em Educação*¹⁵ (2009) organizada por três professoras da Universidade de Lisboa (UL). O meu estágio foi orientado pela professora Dra. Ana Margarida Veiga Simão¹⁶, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FP/UL) que havia coordenado investigações sobre tipos de tutoria na educação superior, dentre as quais podemos mencionar *Concepções e práticas de tutoria na universidade: a perspectiva dos docentes* (2007/2009).

A escolha por Portugal se deu pelo vínculo histórico-cultural que este país tem com o Brasil, exercendo forte influência sobre a educação. E no tocante à tutoria, o Ensino Mútuo existente no período pós-jesuítico foi uma prática semelhante à tutoria entre pares existente nos dias atuais.

Neste país, optei por investigar a ação do tutor em um programa de tutoria específico ofertado para os alunos Maiores de 23 que ingressam no Mestrado Integrado em Psicologia, na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FP/UL), denominado Programa de Tutoria Maiores de 23 (PTM23). Uma das razões para a escolha desse Programa foi por ele se constituir em uma tutoria presencial e por ser bem distinta daquela exercida no PET, assim poderia conhecer outra experiência. Outro motivo foi por estar alocado na mesma instituição em que eu realizaria o Doutorado Sanduíche, pois assim eu poderia racionalizar o tempo e conhecer melhor este espaço de formação. Estava, assim, ampliando o meu repertório de conhecimento sobre a ação tutorial, fato que viria a agregar conhecimentos e gerar novos questionamentos aos que já havia traçado anteriormente, principalmente no que diz respeito à formação e prática do tutor para exercer tal atividade.

¹⁵ Cf.: SIMÃO, Ana Margarida Veiga; CAETANO, Ana Paula; FREIRE, Isabel (Orgs.) Tutoria e mediação. Lisboa, PT: Educae Autores, 2009.

¹⁶ Professora da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Membro, em representação da Faculdade de Psicologia, da Comissão Científica, nomeada pelo Reitor da Universidade de Lisboa para organizar e acompanhar o processo de acesso e creditação das qualificações dos maiores de 23 anos na Universidade de Lisboa. Investigadora (membro efetivo) do Centro de Investigação em Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Investigadora (membro colaborador) da Unidade de Investigação & Desenvolvimento em Educação e Formação da Universidade de Lisboa. Principais Áreas Científicas de Investigação: Psicologia da Educação (autorregulação da aprendizagem, estratégias de aprendizagem); Formação de Professores (Desenvolvimento profissional de professores, Formação de professores em contextos colaborativos); Relação Educativa (Violência entre pares/promoção da convivência e do bem-estar dos alunos, Gestão do Conflito, Bullying and Cyberbullying) e Pedagogia no Ensino Superior (tutoria).

A **problemática** da minha investigação está centrada na ação tutorial dos programas de tutoria que exige dos professores e de outros profissionais que irão exercer essa atividade complexa que tenham formação adequada e sem que a sua atividade seja devidamente institucionalizada e reconhecida.

Os Programas que têm a tutoria como atividade essencial foram retomados na atualidade de forma legal e institucionalizado no Brasil pelo Ministério da Educação (MEC) a partir da proposição do Programa de Educação Tutorial (PET) e da oferta de cursos de graduação na modalidade a distância da Universidade Aberta do Brasil (UAB), sob a responsabilidade da CAPES, considerando estes programas como elementos de avaliação institucional. No caso de Portugal, o Programa de Tutoria Maiores de 23 (PTM23) surge para suprir necessidades de um público específico, que são os alunos Maiores de 23.¹⁷ E em Portugal, a atuação do tutor na universidade têm sido mais exigida após o Acordo de Bolonha.

No desenvolvimento desses programas quase inexitem experiências de formação específica para o exercício da ação tutorial, que vão para além da docência, desenvolvendo dentre outras atividades as de aconselhamento e orientação profissional, podendo ser exercida individualmente ou em grupo de forma diversificada.

O **problema** desta investigação está centrado nas questões problemáticas da tutoria, principalmente no tocante à ação docente que à ela é agregada o exercício da ação tutorial e as implicações desse problema no currículo e à formação para exercê-la.

Observamos que a ação tutorial nos Programas de tutoria investigados nesta pesquisa não foram analisados cientificamente, havendo uma ausência de estudos investigativos tanto sobre o Programa de Educação Tutorial (PET) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e o Programa de Tutoria Maiores de 23 (PTM23) da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FP/UL), especificamente no que diz respeito à formação e à prática dos tutores. Daí surgir o nosso interesse de investigar a tutoria e os seus efeitos em contextos diferentes.

Constatamos que há muitas pesquisas sobre as produções do PET nas diversas áreas e em instituições de todo o país e sobre as atividades realizadas pelos petianos em seu grupo. Entretanto, a ação que o tutor exerce nesse programa é pouco estudada no Brasil. Em Portugal, semelhante fato ocorre em relação ao Programa de Tutoria Maiores de 23 (PTM23),

¹⁷ Decreto-Lei 64, de 21 de Março 2006. Pela lei esses alunos têm direito de acesso especial na educação superior; entretanto, quando eles ingressam na instituição, precisam de um apoio diferenciado devido a uma série de fatores, como o fato de terem passado um longo período sem estudar, o que dificulta a sua permanência na graduação.

as pesquisas encontradas focam apenas na forma de acesso Maiores de 23, falta estudar sobre a tutoria nesse programa.

Face ao problema especificado, justifica-se então esta investigação a partir das seguintes questões:

a) Questão central:

- ✓ Como se constitui a ação tutorial no Programa de Educação Tutorial (PET) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e no Programa de Tutoria Maiores de 23 (PTM23) da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FP/UL) em seus aspectos teórico-práticos e político-pedagógicos?

b) Questões específicas:

- ✓ Quais as características do Programa de Educação Tutorial (PET) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e do Programa de Tutoria Maiores de 23 (PTM23) do curso de Psicologia da Universidade de Lisboa (UL) e suas influências sobre as ações de tutoria?

- ✓ Em que contextos históricos e sociopolíticos surgem os programas de tutoria investigados nas respectivas universidades e seus impactos para o ser tutor?

- ✓ Quais as concepções dos tutores e dos tutorandos do PET/UECE e do PTM23/UL sobre a ação tutorial?

- ✓ Como o exercício da tutoria tem contribuído para a formação do tutor?

- ✓ Que aspectos devem ser considerados na organização de um programa de formação específica de um tutor?

A partir das questões enunciadas, definimos os objetivos desta investigação:

a) Objetivo geral:

- ✓ Compreender como se constitui a ação tutorial exercida no Programa de Educação Tutorial (PET) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e o Programa de Tutoria Maiores de 23 (PTM23) da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FP/UL) em seus aspectos teórico-práticos e político-pedagógicos.

b) Objetivos específicos:

- ✓ Analisar a estrutura e o funcionamento dos Programas de tutoria presenciais investigados, o Programa de Educação Tutorial (PET) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e o Programa de Tutoria Maiores de 23 (PTM23) da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FP/UL) afim de identificar as influências sobre as ações de tutoria;

- ✓ Descrever o contexto histórico e sociopolítico em que surgem o PET e o PTM23.
- ✓ Identificar os significados atribuídos à tutoria pelos sujeitos envolvidos no PET e no PTM23.
- ✓ Elaborar um mapeamento temático, que sirva como base para um programa de formação contínua do tutor.

Portanto, a *tese* que defendemos é: *a inexistência de uma formação específica para exercer a ação tutorial nos programas investigados contribui para que o desenvolvimento desta prática nos dois programas esteja centrado apenas em aspectos técnico-pedagógicos.*

O presente texto estrutura-se da seguinte forma: no primeiro capítulo, intitulado *Discurso do sujeito coletivo: fundamentação e percurso metodológico*, trago os fundamentos teóricos do método utilizado, o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), na perspectiva dos autores Lefèvre e Lefèvre (2005). Apresento, também o caminho percorrido, as técnicas utilizadas para o resgate dos discursos dos atores sociais, a definição dos campos sociais da investigação, dos atores sociais e a análise segundo os critérios do DSC e por último, o estado da questão, em que trago o mapeamento acadêmico-científico sobre tutoria, realizado a partir das buscas em portais e bases de pesquisa de origem brasileira e portuguesa. Este capítulo nos permite compreender a importância da relação entre a escolha do método e o objeto de investigação, bem como de que modo o estado da questão nos auxilia na construção deste objeto por meio do levantamento das obras que tratam do tema.

No segundo capítulo, *Referencial teórico*, destaco a discussão sobre a Tutoria na Educação Superior e em seguida, as concepções de currículo e de *atos do currículo*. Aqui podemos perceber a tutoria em diversos contextos, trazendo a compreensão da ação tutorial como uma ação curricular, exercida pelos atores curriculantes que estão diretamente envolvidos nesta prática.

No terceiro capítulo, denominado *Análise do contexto sócio-histórico e sua relação com a tutoria*, apresento os dois campos sociais de investigação. No Brasil, as discussões sobre o ensino, da pesquisa e da extensão no Ensino Superior e a criação do Programa Especial de Treinamento (PET); em Portugal, algumas transformações ocorridas na educação superior após a Declaração de Bolonha, que proporcionaram a criação do programa de acesso ao ensino superior Maiores de 23 e, conseqüentemente, o Programa de Tutoria para

alunos Maiores de 23 da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, o PTM23. Este capítulo nos dá uma visão ampla do cenário que cerca os dois tipos de tutoria investigados.

No quarto capítulo, *Representações da tutoria a partir dos discursos dos atores sociais*, apresento a forma como a coleta e análise dos dados foi efetivada pelo DSC, e a partir dos discursos gerados realizo as discussões sobre os achados da pesquisa. Este capítulo se constitui como o ápice da pesquisa por trazer as contribuições de todos os participantes da investigação por meio dos DSCs elaborados a partir dos discursos resgatados.

Por fim, trago o texto produzido pela pesquisadora, denominado *DSC: um discurso do “Eu ampliado”* que é um discurso elaborado pela pesquisadora na primeira pessoa, representando o DSC dos DSCs elaborados, em seguida as *Reflexões finais* em que fazemos um fechamento do trabalho refletindo de que modo respondemos aos objetivos da pesquisa e à nossa tese.

2 DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO: FUNDAMENTAÇÃO E PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresentamos a fundamentação teórico- metodológica do DSC, bem como o caminho percorrido para realizarmos esta investigação que perpassa pelas técnicas utilizadas para o resgate dos discursos dos atores sociais, a definição dos campos sociais da investigação, dos atores sociais e a análise segundo os critérios do DSC.

Também como parte desse percurso, realizamos o estado da questão. Neles trazemos o contexto acadêmico-científico sobre tutoria, realizado a partir de um mapeamento em portais e bases de pesquisa de origem brasileira e portuguesa.

2.1 Fundamentação teórica do Discurso do Sujeito Coletivo-DSC: Teoria das Representações Sociais e Teoria da Reprodução Social

De acordo com Lefèvre e Lefèvre (2005a; 2005b; 2010), o DSC se fundamenta em duas abordagens teóricas: a Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici (1978), e a Teoria da Reprodução Social, de forma bem mais específica nos conceitos de esquemas sociocognitivos e *habitus*, formulado essencialmente por Pierre Bourdieu (1988).

O conceito de representações sociais foi inicialmente trabalhado por Émile Durkheim na sua obra *As regras do método sociológico* (1895), sendo denominado de “representações coletivas”, que “constituíam uma classe muito genérica de fenômenos psíquicos e sociais” (MOSCOVICI, 1978, p. 42). Durkheim “quis assim designar a especificidade do pensamento social em relação ao pensamento individual” (MOSCOVICI, 1978, p.25). Porém, em 1978, Serge Moscovici trabalha esse conceito sob outra perspectiva em sua obra *A representação social da Psicanálise* (1978). De acordo com Crusoé (2004) a discussão iniciada por Durkheim foi de suma importância para que Moscovici buscasse na sociologia um contraponto para a perspectiva individualista da psicologia social.

Moscovici (1978) defende que a representação social deve ser encarada “tanto na medida em que ela possui uma contextura psicológica autônoma como na medida em que é própria de nossa sociedade e de nossa cultura” (MOSCOVICI, 1978, p. 45). Assim, a representação social possui duas dimensões, sujeito e sociedade, e situa-se “na encruzilhada de uma série de conceitos sociológicos e de uma série de conceitos psicológicos” (MOSCOVICI, 1978, p. 41), tornando-se um conceito difícil de apreender.

O conceito trabalhado no DSC tem sua fundamentação naquele apresentado por Serge Moscovici (1978), que trouxe a noção de que representar é um fenômeno cotidiano, que se desenvolve em um determinado contexto social, onde o indivíduo se apropria dos valores construídos na coletividade, internalizando-os para então expressar ideias consensuais em prol da comunicação. Portanto, para ele, o conceito de representação social se refere a um fenômeno produzido e partilhado coletivamente e que contribui para a construção social da realidade, orientando comportamentos e comunicações e permitindo interpretar os acontecimentos do cotidiano (CRUSOÉ, 2004).

Assim, de acordo com Moscovici (1978), fica claro que as representações não são criadas por um indivíduo de forma isolada. O autor acrescenta que elas são

objeto de um permanente trabalho social, no e através do discurso, de tal modo que cada novo fenômeno pode ser sempre reincorporado dentro de modelos explicativos e justificativos que são familiares e, conseqüentemente, aceitáveis (MOSCOVICI, 2004, p.216).

Ainda buscando definir as representações sociais, Moscovici (1978) declara que:

[...] elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através duma palavra, dum gesto, ou duma reunião em nosso mundo cotidiano. Elas impregnam a maioria de nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos (MOSCOVICI, 1978, p. 41).

As representações nascem na e para a sociedade, sendo, portanto, sociais. Assim, os saberes que foram criados na História serão sempre reinterpretados, sofrendo alterações semânticas, a fim de facilitar a comunicação entre grupos, de acordo com cada geração.

Jodelet (1989, p. 54) afirma que as representações sociais constituem-se em um

Ato de pensamento pelo qual o sujeito se refere a um objeto. Este tanto pode ser uma pessoa, uma coisa, um acontecimento material, psicológico ou social, um fenômeno natural, uma ideia ou uma teoria, etc.; tanto pode ser real como imaginário ou mítico, mas será sempre requerido. Não há representação sem objeto (JODELET, 1989, p. 54).

As representações podem ser vistas, portanto, como um importante recurso de análise de aspectos sociais, uma vez que nos ajudam a compreender como o indivíduo se constitui a partir de suas relações. Desta forma, a Teoria das Representações Sociais recupera o sujeito que, através de sua ação e relação com o mundo, constrói o mundo e a si próprio e ainda, nessa relação, constrói saberes sociais. Sobre isso, Lefèvre e Lefèvre (2010) afirmam

que, de modo geral, as representações sociais de um determinado grupo sociocultural ou são semelhantes ou apresentam algo em comum, o que o faz ser diferente de outro grupo.

Assim, no que se refere à Teoria das Representações Sociais, o DSC encontra o seu suporte em uma visão socioantropológica da realidade social e no pensamento dos sujeitos de determinada formação sociocultural representada pela concepção e ação dos sujeitos. Vale lembrar que a formação sociocultural dentro dessa visão é concebida como “um sistema de troca (diálogo, conflito, conciliação, confronto etc) de ideias, e para que elas possam ser trocadas precisam ter algo em comum” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2010, p. 30).

Portanto, sobre essa fundamentação, os autores Lefèvre e Lefèvre (2005b) justificam a adoção da visão socioantropológica para compreender o pensamento de uma coletividade:

Adota-se, aqui, um pressuposto socioantropológico de base na medida em que se entende que o pensamento de uma coletividade sobre um dado tema pode ser visto como um conjunto de discursos, ou formações discursivas, ou representações sociais existentes na sociedade e na cultura sobre esse tema, do qual, segundo a ciência social, os sujeitos lançam mão para se comunicar interagindo, pensar, Bourdieu fala a respeito dos *habitus* como esquemas sociocognitivos (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005b, p. 16).

Os sistemas simbólicos, e dentro deles as representações sociais, portanto, não se dão no vazio, eles sofrem uma grande influência do contexto sócio-histórico em que determinados grupos estão inseridos. Assim sendo, “os indivíduos não pensam ou tem ideias, opiniões sobre qualquer coisa, mas sempre sobre temas social ou coletivamente compartilhados” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2010, p. 22). Por outro lado, os sujeitos também influenciam as relações sociais, culturais, políticas, deste mesmo contexto em que vivem e, conseqüentemente, as representações são influenciadas pelos atributos ou lugares de onde falam.

Essa discussão da relação entre pessoa e sociedade encontra seu fundamento na Teoria da Reprodução Social de Bourdieu e de Passeron, cuja categoria base é o *habitus*¹⁸, conceito que já fora utilizado por muitos teóricos antes de Bourdieu. Entretanto, construir a noção de *habitus* para ele significava compreendê-la como um

sistema de esquemas adquiridos que funciona no nível prático como categorias de percepção e apreciação, ou como princípios de classificação e simultaneamente como princípios organizadores da ação, significava construir o agente social na sua verdade de operador prático de construção de objetos (BOURDIEU, 1988, p. 26).

¹⁸ De acordo com Bourdieu (1982, p. 25), essa noção já havia sido utilizada por autores como Hegel, Husserl, Weber, Durkheim e Mauss, de uma forma mais ou menos metódica, entretanto, o seu conceito rompe com a visão desses autores, diferenciando-se pois da tradição idealista, positivista, dentre outras.

Nesse sentido, o individual, o pessoal e o subjetivo são ao mesmo tempo sociais e coletivamente orquestrados. O *habitus* é, então, uma subjetividade socializada (BOURDIEU, 1992). Bourdieu afirma que o cientista social “pode descobrir a necessidade, a coação das condições e dos condicionamentos sociais, até no íntimo do *sujeito*” (BOURDIEU, 1988, p. 27). Através da forma do que ele denomina de *habitus*. O autor ainda complementa que

a análise das estruturas objetivas- as estruturas dos diferentes campos- é inseparável da análise da gênese, dos indivíduos biológicos, das estruturas mentais (que são em parte produto da incorporação das estruturas sociais) e da análise da gênese das próprias estruturas sociais: o produto de lutas históricas (nas quais os agentes se comprometem em função de sua posição no espaço social e das estruturas mentais através das quais eles apreendem esse espaço) (BOURDIEU, 1988, p. 26).

Compreendemos que cada grupo social mediante e em função das condições objetivas que caracterizam sua posição na estrutura social constitui um sistema específico de disposições e de predisposições para a ação, gerando assim o *habitus* incorporado pelos indivíduos (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2004). É importante ressaltar que os indivíduos podem agir de duas formas: em conformidade com o *habitus* de um determinado grupo ou classe social, seja de forma voluntária, ou podem ser coagidos por algum tipo de violência simbólica.

À luz dessas teorias, que nos trazem os conceitos de Representações Sociais e de *habitus* é que fomos buscar a compreensão do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) presente nos discursos dos sujeitos envolvidos nos programas de tutoria investigados, pois eles apreendem essa realidade com mais propriedade por estarem mergulhados nesse contexto.

2.2. Método Discurso do Sujeito Coletivo (DSC): princípios básicos e conceitos fundamentais

No que concerne ao método, a nossa opção foi pela metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que pode ser definida como um conjunto de procedimentos destinados a conformar, descritivamente, os discursos de uma dada coletividade como produto *quantiquantitativo*, o qual propõe uma análise que contemple uma explicação sociológica, antropológica, ética, política e pedagógica do fenômeno investigado, entendendo o depoimento discursivo como: “manifestação linguística de um posicionamento diante do

tema, composto por uma ideia central e seus respectivos conteúdos de argumentos” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005 a, p. 13).

O Discurso do Sujeito Coletivo permite a construção de um pensamento coletivo, expressado e relatado individualmente, e constituído como forma de representação social de um sujeito coletivo. Por isso, o DSC pode ser visto como um “eu ampliado”, ou seja, como uma tentativa de reconstruir um sujeito coletivo que, como (primeira) pessoa coletiva, esteja veiculando uma representação ou um discurso como conteúdo ampliado. Apresenta-se, no entanto, como um discurso individual composto na primeira pessoa do singular (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005 a, p. 58).

O “eu ampliado” do DSC relacionado a uma determinada opinião, que pertence a um universo de opiniões possíveis da comunidade estudada, num determinado tempo histórico é compreendido, assim, por agregar em um discurso uno os vários depoimentos com sentido semelhante em um discurso. Dessa maneira, possibilita que boa parte do conteúdo seja uma opinião compartilhada socialmente pelos sujeitos que participaram da pesquisa. O DSC permite, por meio de uma pesquisa social e empírica, resgatar o pensamento de uma coletividade sobre determinado tema, que no caso, subsidia a organização de um painel de depoimentos discursivos. Para confeccionar os DSC os autores criaram as seguintes figuras metodológicas:

Quadro 1 – Figuras metodológicas do DSC

FIGURA METODOLÓGICA	SIGLA	DEFINIÇÃO
Expressões-chave	ECH	As expressões-chave são pedaços, trechos ou transcrições literais do discurso, que devem ser sublinhadas, pelo pesquisador, e que revelam a essência do depoimento, do conteúdo discursivo dos segmentos em que se divide o depoimento (que em geral, correspondem às questões da pesquisa). As expressões-chave são uma prova discursivo-empírica da verdade das ideias centrais e das ancoragens e vice-versa.
Ideias Centrais	IC	A ideia central é um nome ou expressão linguística que revela e descreve, da maneira mais sintética, precisa e fidedigna possível, o sentido de cada um dos discursos analisados e de cada conjunto homogêneo de ECH, que vai dar nascimento, posteriormente, ao DSC. Ela não é uma interpretação, mas uma descrição do sentido de um depoimento ou de um conjunto de depoimentos.
Ancoragem	AC	Algumas ECH remetem não a uma IC correspondente, mas a uma figura metodológica que sob a inspiração da teoria da representação social, denomina-se ancoragem, que é a manifestação linguística explícita de uma dada teoria, ou ideologia, ou crença que o autor do discurso professa e que, na qualidade de afirmação genérica, está sendo usada pelo enunciador para “enquadrar” uma situação específica.
Discurso do Sujeito Coletivo	DSC	É um discurso-síntese redigido na primeira pessoa do singular e composto pelas ECH que têm a mesma IC ou AC.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

2.3. Percurso metodológico

O objetivo geral desta investigação foi compreender como se constitui a ação tutorial exercida no Programa de Educação Tutorial (PET) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e o Programa de Tutoria Maiores de 23 (PTM23) da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FP/UL) em seus aspectos teórico-práticos e político-pedagógicos.

Para atender esse objetivo, utilizamos como metodologia de coleta e de análise de dados o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)¹⁹ na perspectiva dos autores Lefèvre e Lefèvre (2005a), que é uma metodologia *quantiquali* centrada no discurso dos sujeitos. Ressaltamos que a nossa abordagem foi somente qualitativa.

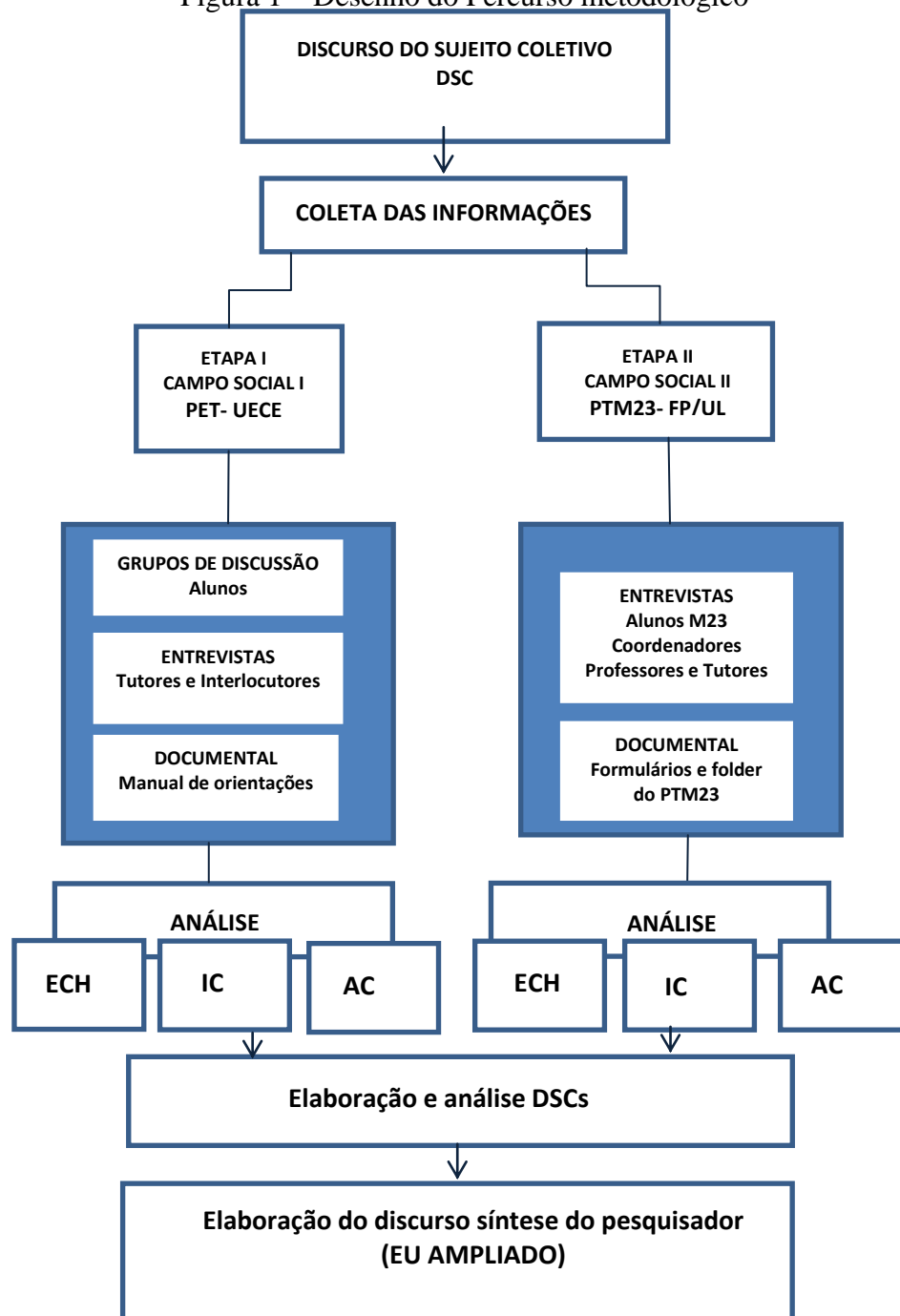
Semelhante a outras metodologias, o DSC exige um rigor metódico em todo o percurso. Seguimos todos os passos que o DSC aponta para a preparação do projeto de investigação, conforme apresentamos a seguir:

- a) Identificação de temas e problema de pesquisa;
- b) Construção do campo social:
 - ✓ Definição dos atores/ agentes sociais;
 - ✓ Definição de lugares do campo social;
 - ✓ Definição de número de sujeitos de pesquisa;
- c) Resgate do pensamento coletivo.
 - ✓ Entrevistas individuais;
 - ✓ Entrevistas Grupais;

Apresentamos na sequência, a escolha dos campos sociais e dos atores sociais da pesquisa, as técnicas utilizadas no resgate dos depoimentos e os passos efetivados para a elaboração do Discurso do Sujeito Coletivo. Para compreender melhor esse processo, esboçamos um desenho alusivo ao percurso metodológico da nossa investigação:

¹⁹ Ver fundamentação teórica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) no capítulo quatro.

Figura 1 – Desenho do Percurso metodológico



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

LEGENDA:

DSC - Discurso do Sujeito coletivo.

ECH - Expressões-Chave.

IC - Ideias Centrais.

AC - Ancoragens.

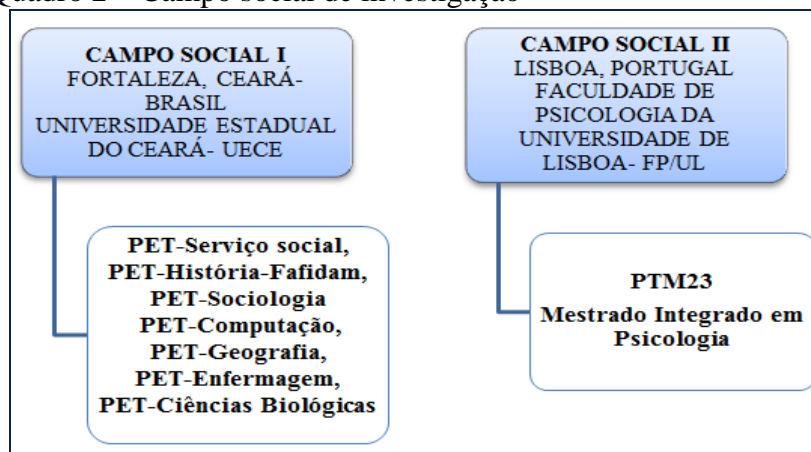
2.3.1 Campos sociais da investigação

Segundo Lefèvre e Lefèvre (2010) uma pesquisa de opinião que utiliza o Discurso do Sujeito coletivo requer a presença no *espaço ou no campo social* de sujeitos ou conjunto de sujeitos a serem entrevistados para quem o problema de investigação faça sentido. O campo social é entendido então como “um espaço que enquadra ou condiciona a ação de atores sociais” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2010, p. 40). Desse modo, sendo o nosso objeto de investigação a ação tutorial, percorremos um longo caminho até tomar a decisão por dois campos sociais específicos onde encontraríamos esses atores ou agentes sociais.

Vale lembrar que na definição do campo social é recomendável analisar as possibilidades reais de realização da pesquisa, levando em consideração “a pertinência em relação ao tema e aos problemas pesquisados, os atores selecionados, bem como a acessibilidade” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2010, p. 42).

Os dois campos sociais desta investigação consistiram no município cearense de Fortaleza-Ceará/Brasil, uma vez que optamos por realizar a nossa investigação no Programa de Educação Tutorial (PET) da Universidade Estadual do Ceará (UECE); e na cidade de Lisboa - Portugal, devido à realização do Doutorado-Sanduíche que nos permitiu investigar o Programa de Tutoria para os Maiores de 23 (PTM23) da Faculdade de Psicologia na Universidade de Lisboa (FP/UL).

Quadro 2 – Campo social de investigação

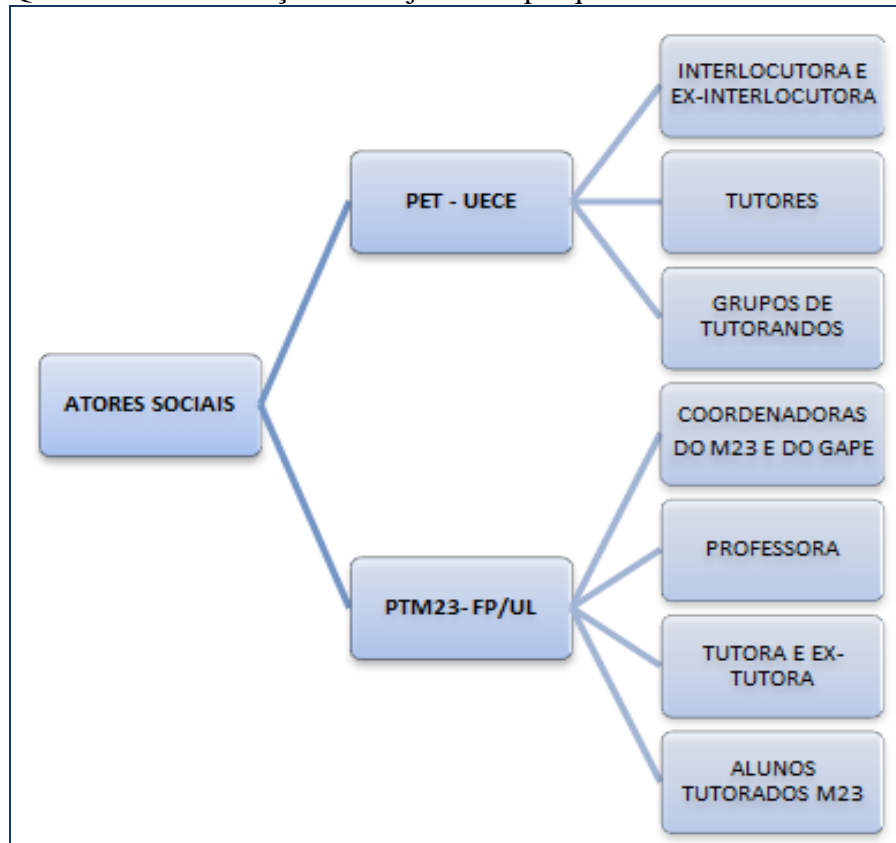


Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

2.3.2 Atores/Agentes sociais da pesquisa

De acordo com Lefèvre e Lefèvre (2010), sendo os atores sociais definidos por posições relativas no espaço de investigação para quem a problemática investigativa seja significativa, eles serão “capazes de, sobre o problema, emitir julgamentos, opiniões, posicionamentos [...]” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2010, p. 39). Observando este aspecto foi que optamos por sujeitos que pudessem julgar e tecer argumentos correspondentes sobre a tutoria e a ação tutorial do tutor nos dois programas definidos: PET e PTM23. Assim, definimos os nossos sujeitos:

Quadro 3 – Distribuição dos sujeitos da pesquisa de acordo com a IES



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Ressaltamos que os sujeitos da pesquisa foram definidos tendo em consideração os atores sociais envolvidos diretamente com o Programa de Educação Tutorial (PET) do Ministério da Educação (MEC) da UECE e com o Programa de Tutoria para os Maiores de 23 (PTM23) da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (UL), em Portugal.

As opiniões e percepções dos atores sociais acerca da tutoria foram coletadas pelos discursos dos sujeitos através de instrumentos próprios para o resgate do pensamento coletivo, que descreveremos passo a passo.

2.4 Resgate do Pensamento Coletivo

Lefèvre e Lefèvre (2010) nos dizem que os pensamentos de uma coletividade podem ser obtidos de vários modos. Neste tópico, descrevemos o modo como resgatamos o discurso dos atores sociais, especificando o passo a passo que seguimos para a sua realização.

2.4.1 Instrumentos e técnicas

Os instrumentos utilizados por nós foram: levantamento estruturado por meio de um questionário; entrevistas semiestruturadas; grupos de discussão; análise documental.

a) Questionários

- ✓ Com professores tutores, alunos tutorandos (Campo Social I).²⁰

Antes de selecionarmos os agentes sociais da Etapa I, realizamos uma pesquisa exploratória por meio de questionários *on-line* pelo *Google Docs*. Essa técnica nos possibilitou duas escolhas posteriores, que foram de suma importância para a pesquisa. A primeira foi a definição dos atores sociais e a segunda foi a elaboração de um roteiro para a entrevista que contemplasse mais a realidade.

b) Entrevistas semiestruturadas

Realizamos entrevistas nos dois campos sociais I e II da nossa investigação, por considerarmos essa técnica muito pertinente na busca de respostas para o nosso objeto de estudo.

- ✓ Com professores tutores e interlocutores (Campo Social I);²¹
- ✓ Com coordenadores do programa de tutoria e mentoria, docentes, tutores e alunos tutorandos (Campo Social II).²²

Lefèvre e Lefèvre (2010) afirmam que as pesquisas com DSC em sua maioria se utilizam de entrevistas individuais ou grupais em que “os respondentes sejam convidados a expor livremente seu pensamento sobre o tema pesquisado” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2010,

²⁰ Cf.: Apêndices C e D.

²¹ Cf.: Apêndices E e F.

²² Cf.: Apêndices J, K, L, M, N, O, P.

p.51). Vale lembrar que o roteiro da entrevista e as orientações que o pesquisador cede, no decorrer da mesma, devem estar ancorados no referencial teórico-metodológico do DSC.

c) Grupos de discussão

✓ Com alunos tutorandos (Campo Social I);²³

De acordo com Weller e Pfaff (2010, p. 56), o *grupo de discussão* objetiva “a obtenção de dados que possibilitem a análise do contexto ou do meio social dos entrevistados, assim como suas visões de mundo ou suas representações coletivas”. Permite captar as *opiniões de grupo* e as orientações coletivas que têm origem em determinado contexto social dos sujeitos que participam da investigação.

No *grupo de discussão* o pesquisador assume a postura que Mannheim (1982 *apud* WELLER; PFAFF, 2010) definiu como *sociogenética* ou *funcional*, em que há um mínimo de intervenção do pesquisador e as perguntas devem ser do tipo “como”, que fomentam a reflexão e narração, gerando um discurso e evitando-se perguntas do tipo “o que” ou “por quê”. Essas perguntas são exigidas pelo DSC, devido à necessidade de levar os sujeitos a produzirem um discurso a respeito de determinadas experiências e não somente a descrição de fatos (WELLER; PFAFF, 2010). Assim, as autoras afirmam que:

Os grupos de discussão realizados com pessoas que partilham de experiências em comum reproduzem estruturas sociais ou processos comunicativos nos quais é possível identificar um determinado modelo de comunicação. Esse modelo não é casual ou emergente, muito pelo contrário: ele documenta experiências coletivas assim como características sociais desse grupo (WELLER; PFAFF, 2010, p. 58).

Ainda na visão das autoras, os grupos de discussão representam um instrumento através do qual o investigador pode estabelecer um caminho, que permite a reconstrução dos diferentes meios sociais e do *habitus* coletivo do grupo. Por isso consideramos essa técnica apropriada para o nosso método do DSC no sentido de que queríamos compreender a percepção dos alunos sobre a tutoria desenvolvida no seu programa.

d) Análise documental

No DSC os discursos também podem ser encontrados nos documentos oficiais ou não. A análise documental complementa informações obtidas por outros instrumentos. Assim,

²³ Cf. Apêndices H.

o investigador deve interpretá-los, sintetizar as informações, determinar tendências e na medida do possível fazer a inferência. May (2004) diz que os documentos não existem isoladamente, mas precisam ser situados em uma estrutura teórica para que o seu conteúdo seja entendido. Nesta investigação, confrontamos o discurso que está no Manual de Orientações do PET, por exemplo, com o que ocorre na realidade da ação tutorial.

2.4.2 Passo a passo do resgate do pensamento coletivo: Campo Social I e II

À medida que realizávamos as entrevistas e os grupos de discussão, registrávamos tudo por meio de gravações e de anotações.

No intuito de atender às premissas teóricas e metodológicas da proposta dessa pesquisa, os procedimentos da nossa investigação foram realizados em dois campos sociais, que correspondem a duas etapas, a saber:

✓ ETAPA I /CAMPO SOCIAL I: Coleta de dados nos grupos PET na Universidade Estadual do Ceará (UECE).

✓ ETAPA II / CAMPO SOCIAL II: Coleta de dados na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (UL).

A seguir apresentamos um quadro no qual resumimos o nosso percurso metodológico e a descrição de como ocorreram as etapas investigativas.

A. Etapa I / Campo Social I: Coleta de dados nos grupos PET na Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Em um primeiro contato com a pró-reitora de graduação da UECE solicitamos a autorização para realizar a pesquisa, uma vez que o PET é um programa vinculado a esta pró-reitoria na IES.

Em seguida realizamos o contato com a interlocutora do PET e, tão logo iniciamos a pesquisa de campo, no mês de junho de 2015, a interlocutora prontamente se disponibilizou a apresentar os pormenores do PET, concedeu todos os contatos dos tutores do programa de tutoria e nos mostrou alguns documentos que regulamentam o programa de Educação Tutorial (PET). Ressaltamos que, com os e-mails em mãos, iniciamos efetivamente a coleta de dados no PET, que foi realizada de forma intensa no período de junho a agosto de 2015.

Nesta oportunidade, a interlocutora nos convidou para a reunião do CLAA, na qual participam interlocutora, tutores e representantes petianos de cada grupo. A reunião do CLAA do PET ocorreu no dia 19 de junho de 2015.

A partir desse momento com a posse dos e-mails dos professores tutores e alunos tutorandos dos grupos do PET, realizamos um levantamento estruturado para o qual elaboramos um roteiro de formulário *on line*²⁴, com questões abertas e fechadas para ter um conhecimento preliminar do PET e dos sujeitos envolvidos no Programa.

Obtivemos resposta de seis (6) tutores e de quarenta e um (41) tutorandos. O objetivo desse levantamento estruturado foi traçar um perfil do PET da UECE para escolher um curso a ser trabalhado. Os dados do questionário permitiu tomarmos a decisão de trabalhar com todos os grupos PET da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Além disso, o questionário – que favoreceu obter as respostas prévias sobre algumas questões do PET – ajudou a melhorar o instrumento da segunda etapa, que seriam as entrevistas.

No dia 19 de junho participamos da reunião do CLAA com a nossa orientadora de tese e procedemos à explanação dos objetivos da investigação e ao convite para participarem da investigação. A aceitação dos tutores e tutorandos representantes que estavam presentes foi bastante positiva.

Nesta reunião do CLAA, reforçamos o envio do questionário para os seus e-mails e solicitamos o preenchimento. A partir de então todos os grupos receberam o formulário *on line*. Também neste dia levamos o formulário dos tutores impresso junto com a carta convite²⁵ da pesquisa para cada um deles e pedimos autorização para visitar os grupos PET e apresentar a pesquisa para cada grupo individualmente.

A proposta que levamos para o grupo foi de que daríamos um retorno para os colaboradores da pesquisa por meio de formações ministradas por nós, para os tutorandos (petianos) e pela professora orientadora, e para os tutores. Percebemos que eles ficaram muito animados. Ressaltamos que a nossa visão de pesquisa é que devemos colaborar com os nossos investigados, consistindo em uma relação de parceria.

Na ocasião, agendamos a entrevista com alguns tutores. E com alguns petianos que estavam presentes solicitamos que pedissem autorização ao grupo para a visita individual. Eles nos deram o conhecimento dos horários de suas reuniões e ficaram de mencionar com os outros petianos para que em uma próxima reunião pudéssemos apresentar a proposta da pesquisa para todos.

²⁴ Apêndices C e D.

²⁵ Apêndice B.

Os grupos que não tinham representantes na reunião CLAA, à medida que visitávamos alguns, informávamos-nos os dias em que poderíamos encontrar os outros e fomos batendo de porta em porta nas salas do PET, insistindo nos e-mails até conseguirmos marcar outros encontros.

Os tutores que não estiveram presentes contatamos por e-mail e eles agendaram as datas das suas entrevistas. Mesmo assim, precisamos participar de uma segunda reunião do CLAA, no dia 15 de julho de 2015, para conseguirmos fechar o agendamento com mais alguns tutores e grupos.

O contato com os grupos ocorreu em três momentos: o *primeiro* para apresentação da pesquisa e coleta de sugestões dos petianos; o *segundo*, que consistiu em um minicurso com um tema escolhido por eles²⁶; o *terceiro* momento, no qual seria o grupo de discussão-GD propriamente dito para a coleta dos dados necessários à pesquisa.

Após o primeiro contato com os grupos – em que realizamos a apresentação dos objetivos da pesquisa e obtivemos a aceitação de todos eles –, optamos por realizar a formação antes da coleta de dados para poder romper um pouco com as barreiras do distanciamento. Consideramos que esta foi uma estratégia metodológica muito feliz.

Para o *Grupo de discussão (GD)* elaboramos um roteiro²⁷ e o realizamos a partir de eixos de discussão, com os tutorandos (petianos) dos grupos PET. Cada grupo tem aproximadamente 12 alunos bolsistas, podendo também ter voluntários. Conseguimos quase a totalidade de participação nos grupos: PET de Ciências Biológicas (10 membros); Sociologia (09 membros); Serviço social (09 membros); Computação (10 membros); Enfermagem (08 membros); Geografia (10 membros); História (12 membros), totalizando 68 petianos.

O roteiro dos GD trazia um eixo com questões, que promoveram a nossa aproximação e também a autovalorização de cada membro do grupo. Quando perguntamos, por exemplo, a característica pessoal que cada um trouxe e que contribuía para o grupo, eles se divertiram muito. Acreditamos que esse foi um elemento muito importante de aproximação e que todo investigador deve considerar em técnicas como estas.

Os GD foram realizados sem a presença do tutor para que eles não se sentissem constrangidos de falar sobre a tutoria exercida. Percebemos que eles se sentiram bem à vontade para colocar as suas opiniões para o grupo. Também filmamos e gravamos em dois

²⁶ Na reunião do CLAA um dos petianos da Biologia sugeriu que fosse trabalhado sobre o Projeto Individual e sobre a produção de artigos científicos. Então, todos os grupos quiseram a mesma formação por se tratar de um tema emergente e necessário para eles, pois teriam que propor um artigo para a Semana Universitária, e também porque todos têm que fazer o seu projeto individual ou melhorar o que já tem.

²⁷ Apêndice H.

gravadores devido à quantidade de pessoas – ora quem falava estava perto de um gravador, ora perto do outro – e também devido à acústica das salas. Assim, garantimos que todos os discursos fossem registrados com segurança, muito embora ainda apresente alguns trechos inaudíveis. Ressalte-se que quando percebíamos que havia constrangimento em filmar o encontro, não o fazíamos: deixávamos somente o registro do som.²⁸

A seguir apresentamos um quadro com o resumo de todos os encontros realizados com os grupos PET, que ocorreram nas respectivas datas²⁹:

Quadro 4 – Datas dos encontros com os Grupos PET-UECE

GRUPO PET	APRESENTAÇÃO DA PESQUISA	MINICURSO	GD
GD 1	20/07/2015	22/07/2015	27/07/2015
GD 3	28/07/2015	28/07/2015	28/07/2015
GD 6	22/07/2015	29/07/2015	29/07/2015
GD 5	22/07/2015	14/08/2015	18/08/2015
GD 4	07/08/2015	--	07/08/2015
GD 2	17/08/2015	17/08/2015	19/08/2015
GD 7	22/07/2015	19/08/2015	19/08/2015

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Simultaneamente, aos encontros com os grupos, realizamos também as *entrevistas semiestruturadas*: elaboramos um roteiro³⁰ de entrevistas com questões abertas e aplicamos com sete (07) Professores tutores dos grupos PET – nas áreas de Ciências Biológicas, Sociologia, Serviço Social, Computação, Enfermagem, Geografia e História (FAFIDAM) – e com duas (02) Interlocutoras do PET na UECE (a atual e a *ex-interlocutora*).³¹

Todas as entrevistas também foram registradas em áudio e em vídeo, com a finalidade de obtermos uma melhor percepção do momento e de evitarmos a perda de algum dado, visto que os recursos tecnológicos podiam e podem falhar.

Apresentamos a seguir um quadro com o resumo de todas as entrevistas realizadas com os tutores e as interlocutoras:

²⁸ Registramos que somente um dos grupos teve a filmagem para garantir somente o som, devido a um petiano que não se sentia à vontade com filmagens e fotos.

²⁹ Alguns GD ocorreram no mesmo dia da formação, porque os petianos não teriam outra data disponível, devido ao volume de atividades que eles tinham para realizar e porque estavam em fim de semestre.

³⁰ Apêndice E.

³¹ Apêndices F e G.

Quadro 5 – Datas das entrevistas com tutores e interlocutores do PET-UECE

ENTREVISTADO	DATA
TUTOR 3	28/07/2015
TUTOR 6	30/07/2015
TUTOR 1	05/08/2015
INTERLOCUTORA 2	06/08/2015
TUTOR 5	06/08/2015
INTERLOCUTORA 1	07/08/2015
TUTOR 2	11/08/2015
TUTOR 4	13/08/2015
TUTOR 7	19/08/2015

Fonte: Elaborada pela autora (2016).

Por fim, realizamos a *Análise documental*. Observamos alguns pontos que consideramos importantes de ser analisados no Manual de Orientações do Programa de Educação Tutorial (PET) para obter uma compreensão do que está no PET idealizado nos textos legais e o que existe na realidade. Utilizamos também os planejamentos e os relatórios do ano de 2015 para tomar conhecimento das atividades realizadas pelos grupos, com mais propriedade e como referência para elaborar os dados de contexto.

B. ETAPA II / Campo Social II - Coleta de dados na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (UL)

Esta etapa consiste na aprovação do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) da Capes para a realização de parte da pesquisa em Portugal, na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (UL).

No ano de 2014, quando soubemos da possibilidade do Doutorado-Sanduíche, procuramos saber os procedimentos necessários para concretizá-lo. Antes de submetermos a proposta à CAPES tivemos que procurar o Programa da UFC e a Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da UFC, que nos orientou sobre os documentos e procedimentos necessários. A primeira providência foi conseguirmos um professor que nos orientasse no exterior e que tivesse pesquisas na nossa temática de investigação. Realizamos alguns contatos, dentre os quais se destacou a Prof^ª Dra. Ana Margarida Veiga Simão, que havia realizado o projetos com o tema da tutoria no ensino superior e tinha muitas referências na área de investigação de nosso interesse.

Assim, entramos com todos os procedimentos necessários junto à Universidade de Lisboa e, após recebermos a resposta positiva desta instituição e a carta de aceite da

professora e da CAPES, começamos a resolver as questões mais concretas para a viagem, que ocorreu em setembro de 2015.

Ao chegarmos em Lisboa-Portugal, entramos em contato com a orientadora por e-mail e ela respondeu, convidando-nos para participar da sessão inicial do Programa de Tutoria Maiores de 23 (PTM23), que ocorreria no dia 04 de setembro de 2015.

No dia 15 de setembro houve a segunda sessão, a qual também participamos. Neste momento a tutora solicitou que nos apresentássemos para eles, mas ainda não divulgamos que eu iríamos trabalhar com a tutoria desse programa, porque ainda não estava definido: tratava-se apenas de um contato inicial, o que foi fundamental para primeiro contato.

Participamos da reunião do PTM23 para conhecer melhor esta realidade, uma vez que havíamos proposto – no plano de trabalho no exterior – investigar programas de tutoria diferentes dos que eram realizados no Brasil. Reunimo-nos com a tutora do PTM23 para que ela nos situasse mais na realidade do programa que poderia ser nosso campo de investigação em Portugal. Em seguida, formalizamos a matrícula no doutoramento intercalar, para que pudessemos participar das atividades dentro da instituição, uma vez que já tínhamos a carta de aceite da Faculdade de Psicologia (FP/UL).

Tivemos outra reunião com a orientadora de Portugal para delinear o que poderia ser trabalhado. E no dia 06 de outubro de 2015 a nossa orientadora no Brasil, Prof^a Dra. Meirecele Calíope Leitinho, foi para Portugal e tivemos uma reunião com a Prof^a Dra. Ana Margarida Veiga Simão, que já havia sido previamente agendada. Neste momento, delineamos com mais clareza o nosso campo de atuação no Doutorado-Sanduíche. Assim, decidimos investigar a tutoria do PTM23 e definimos os sujeitos que seriam investigados: não seria uma pesquisa comparativa, mas para enriquecimento teórico-prático sobre a tutoria. Dessa forma, adaptamos o roteiro (guião) das entrevistas para a realidade local e iniciamos os trabalhos.

A investigação em Portugal teve como objetivo refletir sobre a ação tutorial no Programa de Tutoria Maiores de 23, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FP/UL), a partir das percepções de alunos M23, tutores, coordenadores e professores.

Ainda no mês de outubro tivemos outros momentos com a tutora do PTM23, que nos cedeu os contatos dos alunos tutorados do primeiro ano. Também ela nos auxiliou com os contatos de alguns alunos do segundo e terceiro ano, que eram mentores e que haviam passado pelo programa de tutoria.

Para atingir o objetivo proposto nesta etapa da investigação, realizamos entrevistas semiestruturadas com 13 sujeitos: as coordenadoras do Projeto de Tutoria M23 e

do GAPE (C1 e C2)³² e uma professora que realiza sessões temáticas (P1)³³; duas tutoras (TP-1, TP-2); e oito alunos Maiores de 23, dois do terceiro ano (A7, A8)³⁴ que foram mentores e seis do primeiro ano, ingressantes em 2015 (A1, A2, A3, A4, A5, A6)³⁵, com faixa etária em uma amplitude de 24 a 52 anos.

De posse dos contatos, enviamos carta-convite³⁶ via e-mail para os alunos, obtivemos algumas respostas e, mais tarde, procuramos os tutores, professores e coordenadores presencialmente ou via e-mail.

Realizamos também observação de atendimento da tutora com uma das alunas. Paralelamente, tivemos encontros regulares com a orientadora para discutir o plano de trabalho e a adaptação dos instrumentais para iniciar as entrevistas.

No mês de novembro de 2015 iniciamos as entrevistas conforme distribuição abaixo descrita:

Quadro 6 – Datas das entrevistas com sujeitos do PTM23

ENTREVISTADO (A)	DATA
TUTOR(A) (T1)	05/11/2015
COORDENADOR (A) (C1)	06/11/2015
COORDENADOR (A) (C2)	09/11/2015
ALUNO (A1 E A2)	09/11/2015
ALUNO(A) (A3)	11/11/2015
ALUNO(A) (A4)	17/11/2015
ALUNO(A) (A7)	20/11/2015
ALUNO (A) (A5)	27/11/2015
PROFESSOR(A) (P1)	01/12/2015
TUTOR(A) (T2)	11/12/2015
ALUNO (A) (A8) ³⁷	12/12/2015

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Simultaneamente à coleta de dados das duas etapas realizamos as transcrições do material. De retorno ao Brasil, no mês de abril, concentramos as nossas forças na análise do material conforme a metodologia do DSC.

³² Cf.: Apêndices O e P.

³³ Cf.: Apêndice L.

³⁴ Cf.: Apêndice K.

³⁵ Cf.: Apêndice J.

³⁶ Cf.: Apêndice I.

³⁷ Sobre esse(a) investigado(a), a entrevista foi realizada por meio da internet, devido à impossibilidade de um encontro pessoal com o(a) mesmo(a).

2.5 Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) dos atores sociais

Na análise dos dados realizamos a triangulação dos resultados dos diversos instrumentos de coleta utilizados, exceto o questionário, que somente foi utilizado para escolha do campo e dos sujeitos de investigação.

Ressaltamos que antes de iniciarmos a análise propriamente dita, escutamos novamente todas as gravações para revisar as entrevistas e os GD.

Os discursos foram organizados e interpretados a partir de categorizações que ultrapassaram a mera descrição, evidenciando significados, crenças e valores identificados. No DSC é orientado ao pesquisador que realize uma série de operações sobre o material verbal coletado da fala dos sujeitos investigados. Por isso seguimos todas as etapas que o DSC exige.

A análise do material verbal em geral foi composta das seguintes fases: a Seleção do material verbal de cada depoimento, que consistiu na leitura e releitura do conjunto das respostas e dos textos de documentos; a fase de Identificar as Expressões Chave (ECH), na qual realizamos a leitura de cada resposta em particular para limpar o discurso de textos – que não tivessem relacionados à pesquisa – para, em seguida, identificarmos as ECH; separamos as respostas pelas temáticas das questões da investigação e passamos a procuramos Identificar as (Ideias Centrais) IC de cada resposta. Na nossa concepção essa foi a fase mais difícil, pois consiste em uma tomada de decisão do investigador em saber como vai organizar essa análise de modo que o leitor compreenda a lógica dada por nós.

Por vezes, encontramos algumas Expressões Chave (ECH) e Ideias Centrais (IC), que são muito semelhantes em outra pergunta do roteiro, o que exigiu de nossa parte outra tomada de decisão: optamos por eleger *eixos discursivos*, que nos conduziram a uma análise mais temática (com relação às questões investigativas) em vez de seguir à risca o roteiro de perguntas, o que tornaria um trabalho exaustivo e desinteressante para o leitor. Posteriormente definimos as Ancoragens (AC): elas nos possibilitaram “sintetizar as ideologias, os valores, as crenças, presentes no material verbal das respostas individuais ou agrupadas, sob a forma de afirmações genéricas, destinadas a enquadrar situações particulares” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p. 22).

Após todas essas fases, fez-se necessário retornar à análise para ver se havíamos escolhido corretamente as Ideias Centrais (IC) e, por fim, realizamos a Construção do

Discurso do Sujeito Coletivo, com o conjunto das Expressões Chave (ECH), que foi a sistematização dos discursos dos Sujeitos Coletivos propriamente ditos.

Devido ao volume de dados tivemos que realizar uma análise final, com base em todos os DSC produzidos, para que não desse a ideia de algo fragmentado. Vale lembrar que a análise dos dados realizada por meio do Discurso do Sujeito Coletivo consiste numa forma

não matemática nem metalingüística de representar [...] de modo rigoroso o pensamento de uma coletividade, o que faz mediante uma série de operações sobre os depoimentos, que culmina em discursos- síntese que reúnem respostas de diferentes indivíduos, com conteúdos discursivos no sentido semelhante (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005a, p. 25).

Dessa forma, delimitamos as unidades de análise com mais precisão e planejamos melhor a nossa investigação. Consideramos ainda que

O pensamento coletivo aparece, então, sob uma forma discursiva, mas que o esvazia como categoria empírica, uma vez que pela via metadiscursiva, ele não é mais um discurso da realidade e sim um conjunto de respostas ou extratos de respostas discursivas individuais justapostas que sob a forma de ilustrações, se articulam a um discurso teórico, gerado fora do espaço dos depoimentos, como um discurso sobre a realidade (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005a, p. 15).

Há muitos exemplos de pesquisas que tenham utilizado o DSC. Entretanto, sabemos que cada investigação requer decisões próprias no momento da análise, pois há muitos fatores que nos fazem estabelecer os nossos próprios critérios de análise, como o referencial teórico escolhido por nós e o campo de investigação que nos remete a determinadas escolhas em relação à forma como iremos apresentar o nosso objeto de estudo no texto.

No nosso caso, conforme mencionado, optamos por não seguir a análise pelo roteiro das perguntas, mas sim pela sequência que melhor respondesse às nossas questões de investigação, como apresentamos no capítulo de análise. Isso porque, no momento em que fazíamos as perguntas das entrevistas, os sujeitos respondiam outra questão. Assim que decidimos deixá-los produzirem o discurso livremente, sem interrupções desnecessárias, e só intervimos quando era realmente algo que restava dúvidas ou quando havia fuga do tema.

Desse modo, a análise do material verbal em geral no DSC é composta das seguintes fases:

- 1) Seleção do material verbal de cada depoimento, que consiste na leitura e releitura do conjunto das respostas e dos textos de documentos;

2) Identificação das Expressões-chave (ECH): nessa fase realizamos a leitura de cada resposta em particular para limpar o discurso de textos, que não tivessem relacionados à pesquisa, e depois identificamos as ECH;

3) Sistematização do material em Ideias Centrais (IC);

4) Definição de Ancoragens (AC) que possibilitem “sintetizar as ideologias, os valores, as crenças, presentes no material verbal das respostas individuais ou agrupadas;

5) Análise que contemple uma explicação sociológica, antropológica, ética, política e pedagógica;

6) Por último se faz a sistematização dos discursos dos Sujeitos Coletivos propriamente ditos que pode ser realizado com o uso dos programas *qualiquantisoft* e *QLQT*, um recurso importante neste momento da análise, principalmente, se houver dados quantitativos³⁸, pois facilita a otimização do tempo.

Vale lembrar que a análise dos dados realizada por meio também do Discurso do Sujeito Coletivo consiste numa forma não matemática nem metalinguística de representar (...) de modo rigoroso o pensamento de uma coletividade, o que faz mediante uma série de operações sobre os depoimentos, que culminam em discursos-síntese e que reúnem respostas de diferentes indivíduos, com conteúdos discursivos no sentido semelhante (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005a, p. 25).

2.6 O Estado da questão

A seguir, trazemos o resultado do mapeamento acadêmico-científico realizado em dois portais e bases de origem brasileira, o *Banco de Teses Capes* e o *Portal Periódicos Capes*, e de origem portuguesa, o *Portal RCAAP - Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal – RCAAP* no que concerne à formação e prática de tutores.

2.6.1 Banco de Teses Capes

O procedimento utilizado para o mapeamento dos trabalhos foi: Pesquisa I - No Banco de Teses Capes³⁹ - *Tutoria no Ensino Superior* - 2013 a 2016, constam resultados de 748.948 trabalhos; então, realizamos a pesquisa somente pelo termo tutoria e caiu para 358

³⁸ Ressaltamos que não fizemos uso do programa, a construção dos DSCs foi feita manualmente e consta nos apêndices desse texto.

³⁹ Devido a alterações do sistema, a Plataforma Sucupira (Banco de Teses Capes) somente estão disponíveis os trabalhos de 2013 a 2016.

trabalhos. Daí, começamos a selecioná-los pelos seguintes descritores ou palavras-chave: *Tutoria no Ensino Superior, Formação e prática do Tutor* a partir da leitura do título, das palavras-chave e dos resumos.

Identificamos todos os resumos e realizamos uma leitura flutuante (BARDIN, 1977) de todos os títulos e das palavras-chave, a fim de eliminar aqueles que, claramente, não se relacionavam com a temática proposta. Nesta etapa foram retirados cento e noventa e oito trabalhos (198), selecionamos cento e sessenta (160) trabalhos e catalogamos, organizando-os por título, data de defesa, tipo de trabalho e ano, temáticas abordadas e objetivos. Em seguida, separamos de acordo com duas categorias *Formação do tutor* e *Prática do tutor* e fizemos uma catalogação em forma de tabela, organizada por título e autor.

Fizemos uma opção pela leitura minuciosa dos resumos nas duas categorias mencionadas pela aproximação com a nossa investigação. O mapeamento final totalizou quatro (04) trabalhos para *Formação do tutor* e trinta e um (31) relacionados à *Prática do tutor*.

A partir destes trabalhos selecionados, realizamos uma leitura mais criteriosa dos resumos, a fim de conhecer as principais discussões que envolvem a tutoria no ensino superior no que diz respeito à formação e à prática do tutor, conforme podemos observar nos quadros a seguir. Primeiramente, apresentamos o quadro que está relacionado à formação:

Quadro 7 – Seleção de teses e dissertações Banco de Teses Capes relacionadas ao tema da Formação do Tutor

Nº	TÍTULO	AUTOR	ANO	INSTITUIÇÃO
1.	Tutoria em Educação a Distância: papéis, formações e percepções	GUIMARAES, Beatriz Vieira	2015	Universidade do Grande Rio - Prof. José de Souza Herdy- UNIGRANRIS
2.	As representações sociais dos tutores sobre a formação para a atividade de tutoria	MEDEIROS, Jennifer de Carvalho	2014	Universidade de Brasília-UNB
3.	Avaliação de eficácia da formação continuada de tutores: o caso EAD Sebrae	MARTINS, Luana Coelho	2014	Universidade de Brasília-UNB
4.	Estudo de caso da tutoria virtual da UAB – UFSCAR: análise do processo formativo e atuação'	FONSECA, Ana Paula Araújo	2013	Universidade de São Paulo-USP

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Em relação à Prática do tutor, selecionamos também por temáticas correlatas como mediação do tutor, atuação e desempenho do tutor, função do tutor e atividades do tutor.

Quadro 8 – Seleção de teses e dissertações do Banco de Teses Capes relacionadas ao tema Prática do Tutor

Nº	TÍTULO	AUTOR	ANO	INSTITUIÇÃO
1.	Bytes de afeto: navegando pelas emoções da tutoria a distância Recife	MONTEIRO, Alice Fogaça	2016	Universidade Federal de Pernambuco- UFP
2.	Práticas e saberes da docência virtual	BATISTA, Janete Barroso	2015	Universidade Federal do Ceará- UFC
3.	A ação de tutoria em ambientes virtuais de aprendizagem na Rede E-Tec Brasil: uma visão complexa'	SA, Cristiane Freire de	2015	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC/SP
4.	A profissionalidade do tutor online na docência no sistema Universidade Aberta do Brasil: tensões entre concepções e exercício docente	GOMES, Ednaldo Farias	2015	Universidade Federal de Pernambuco- UFP
5.	Estudo da atuação do tutor presencial de disciplinas pedagógicas e específicas nos cursos de licenciatura a distância'	CORREA, Juliana Hammes	2015	Universidade Católica de Petrópolis- UCP
6.	O tutor presencial em teleaulas	CORREA, Monica de Souza	2015	Universidade Católica de Petrópolis- UCP
7.	Educação a distância no ensino superior e a fragmentação da categorização do trabalho do professor-tutor	MONTESCHIO, Valeria Juliana Tortato	2015	Universidade Tuiuti do Paraná- UTP
8.	Mediação <i>on line</i> : um estudo sobre a atuação de tutores a distância do curso de licenciatura em música da UNEB	COELHO, Raiden Santos	2015	Universidade de Brasília-UNB
9.	Impacto de fatores psicossociais sobre o desempenho: um estudo com tutores em EaD	CINTRA, Josiane Costa	2015	Universidade Metodista de São Paulo- UMESP
10.	Análise das representações sociais que tutores de EaD têm da afetividade em ambientes virtuais de aprendizagem	ANDRADE, Maria Luzia Paiva de	2015	Universidade Estácio de Sá- Unesa
11.	O tutor no ensino a distância: considerações sobre o elemento humano da mediação educativa com tecnologia	SANTOS, Daniela Derminio Posterare	2015	Universidade Est. Paulista Júlio de Mesquita Filho/ Araraquara- UNESP
12.	O agir pela linguagem nas práticas formativas do tutor da EaD	SANTOS, Annie Rose dos	2015	Universidade Estadual de Londrina- UEL
13.	A prática do tutor na mediação do conhecimento com o aluno do curso de filosofia a distância da UEMA'	PRAZERES, Girsivania Teixeira dos	2015	Universidade Federal do Maranhão- UFMA
14.	Tutoria, prática docente e condições de trabalho: um olhar sobre a atividade do tutor no Curso de Pedagogia a distância da Universidade Federal de Uberlândia	OLIVEIRA, Luciana Charao de	2014	Universidade Federal de Uberlândia- UFU
15.	A tutoria como dispositivo de educação permanente no Sistema Saúde Escola de Sobral-Ce	LIMA, Noraney Alves	2014	Fundação Oswaldo Cruz- Fiocruz
16.	Educação sem distância: o tutor presencial no Consórcio CEDERJ'	SANTOS, Jader Campos dos	2014	Universidade Católica de Petrópolis- UCP

17.	Framework para o Compartilhamento do Conhecimento na Gestão de Tutoria de Cursos de Educação a Distância'	LENZI, Greicy Kelli Spanhol	2014	Universidade Federal de Santa Catarina
18.	O conversar como processo de formação contínua da tutoria na educação profissional à distância	BROD, Fernando Augusto Treptow	2014	Universidade Federal do Rio Grande-FURG
19.	Uma abordagem de acompanhamento das atribuições de tutores a distância	CAVALCANTE, Carlos Henrique Leitão	2014	Universidade Federal do Ceará-UFC
20.	Modelo de Comunidade de Inquirição: A presença social mediada pela prática da tutoria em uma disciplina on-line'	CARVALHO, Jane Garcia da	2014	Universidade Cruzeiro do Sul-UNICSUL
21.	A educação à distância no ensino das línguas e o papel da tutoria na mediação da aprendizagem	MENEZES, Cristina Alves da Silva	2014	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais-PUCMINHAS
22.	Tutoria e qualidade na educação a distância sob a ótica dos tutores'	DEMARCO, Silvia Regina Senos	2013	Universidade Estácio de Sá-Unesa
23.	Tutoria a distância: uma reflexão acerca da epistemologia da prática docente no ensino online	SANTOS, Elisandra Silva	2013	Fundação Universidade Federal de Sergipe-UFS
24.	Mediação da aprendizagem colaborativa na Ead: percepções de tutores a distância'	SOEIRA, Elaine dos Reis	2013	Fundação Universidade Federal de Sergipe-UFS
25.	Qualidade de vida profissional de tutores de educação à distância de Campo Grande - MS'	MENEGHEL, Vanusa	2013	Universidade Católica Dom Bosco-UCDB
26.	Tutoria na educação a distância: um estudo sobre a função pedagógica do tutor'	MELANI, Nelma de Toni Donadelli Zonta	2013	Universidade de Brasília-UNB
27.	A prática do tutor e sua constituição como educador na educação a distância	MANARA, Alecia Saldanha	2013	Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC
28.	A atividade de tutores na educação a distância: uma análise bakhtiniana do prescrito e do vivido nos ambientes virtuais de aprendizagem	ALVES, Shirlei Marly	2013	Universidade Federal de Pernambuco-UFP
29.	Educação a Distância e Universidade Corporativa: um estudo sobre os sistemas de tutoria dos programas educacionais	DAHMER, Alessandra Zago	2013	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC/SP
30.	Profissionalização do Tutor na Educação a Distância	SILVA, Fernanda Casqueiro Souza da	2013	Universidade Católica de Santos-UNISANTOS
31.	Prática do Professor na Tutoria do Curso de Graduação em Enfermagem do Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO) - à luz da concepção de cultura de John B. Thompson'	SILVA, Carmen Maria dos santos Lopes Monteiro Dantas da	2013	Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

As teses e dissertações analisadas nos mostram que há uma necessidade de melhor compreender o papel das Tecnologias da Informação e Comunicação na educação de modo geral e, principalmente, na modalidade da Educação a Distância, que vem ganhando destaque na sociedade atual não só pelo largo avanço das tecnologias da informação e da comunicação, mas também devido à reestruturação do mundo do trabalho, algumas novas formas de organização, flexibilização, competitividade, comunicação e informação nos processos de produção requerem novas configurações na formação da docência. Assim, novos estudos devem ser desenvolvidos no sentido de aprofundar a compreensão e a análise crítica. O trabalho docente vem sentindo a necessidade cada vez maior de conhecimento e formação, de aperfeiçoamento e requalificação para atender as exigências do mercado de trabalho.

Há também uma grande necessidade de se compreender o papel do tutor e de um reconhecimento efetivo, que as instituições e os poderes públicos devem aferir a este profissional, pois o tutor contribui para a construção do conhecimento do aluno na modalidade da educação a distância e é um mediador cognitivo e afetivo do conhecimento.

Andrade (2015) também discute sobre a afetividade e sua interferência no processo pedagógico em salas de aula a distância e afirma que há uma necessidade de formação específica nesse sentido, mas também afirma que os professores tutores

investigados possuem uma forte representação sobre o afeto. Nesse mesmo sentido, Monteiro (2016) nos diz que as emoções que decorrem das relações interferem nas ações dos tutores, tanto no que diz respeito à sua formação, quanto às suas ações de tutoria. De forma adaptativa, respondem a estas emoções com ações que visam trazer o aluno para a convivência virtual, interagir e assim dar sentido à sua função docente.

No tocante à *formação do tutor* há poucos trabalhos desenvolvidos sobre este tema, o que nos leva a afirmar que devemos dar maior atenção para a formação da docência para atuar numa realidade de constantes inovações no campo da educação e do conhecimento, principalmente no que se refere à tutoria. É fundamental que haja formação continuada para o trabalho com o ensino a distância e que envolva o tutor em uma perspectiva integral.

Guimarães (2015) identifica as competências priorizadas em uma experiência de formação de tutores e o papel da formação na atuação desses profissionais a partir dessa experiência. Ela parte da concepção de tutoria dos próprios sujeitos investigados no sentido de promover um aperfeiçoamento das práticas de formação de tutores de educação a distância por meio da reflexão e do conhecimento das competências necessárias ao exercício desta atividade.

A análise dos dados coletados por Guimarães (2015) indicam que os tutores atribuem principalmente como papéis da tutoria as tarefas de mediador, incentivador, facilitador, motivador e promotor da aprendizagem, que as competências pedagógicas e sociais têm sido mais presentes nas formações que as competências técnicas e gerenciais, e que as formações para tutoria têm sido relevantes para sua atuação profissional. Outras pesquisas afirmam que a mediação do tutor favorece a aprendizagem, o crescimento e desenvolvimento pessoal, social e profissional dos alunos (MENEZES, 2014; CARVALHO, 2014).

De acordo com Guimarães (2015), pesquisas como estas colaboram para o desenvolvimento da área, trazendo assim subsídios para que as políticas de formação de tutores possam ser repensadas e aprimoradas. Essa problemática é investigada também nas pesquisas de Medeiros (2014) que percebe o movimento de contradições, dissensos e consensos existentes entre o tutor e a formação e que recebe para o exercício do seu trabalho, que se torna fragmentado (MONTESCHIO, 2015), conforme nos alerta Oliveira (2014). Isto porque Oliveira afirma que o trabalho do tutor é organizado segundo uma lógica capitalista, que traz consigo várias contradições, seja pelas condições de trabalho ou pela remuneração deste, dentre outras. Santos (2014) também corrobora com esse pensamento e afirma que a

ausência de vínculos institucionais contribui para a precarização do trabalho desenvolvido pelo professor-tutor da Educação a Distância (EaD).

Soeira (2013) destaca que o afastamento entre a concepção de tutoria presente nas instituições e o exercício da docência é uma questão preocupante, que favorece a precarização do trabalho docente. Por isso, entende que é relevante investigar sobre a docência nas práticas de tutoria como forma de fortalecer a profissionalização docente.

Oliveira (2014) afirma também que a estruturação do modelo de Educação a Distância estabelecido pela Universidade Aberta do Brasil (UAB) não permite que se estabeleça nenhuma espécie de vínculo empregatício entre os envolvidos na EaD e a instituição na qual atua, e que tais condições levam à precarização do trabalho desses profissionais. Silva (2013) também aponta para essa direção, pois os resultados da sua pesquisa mostram a falta de condições para o trabalho da tutoria principalmente pelo número de alunos sob a responsabilidade dos tutores e também revela a desvalorização desse profissional.

Dahmer (2013) nos chama a atenção para a diversidade de atuação dos tutores: sua pesquisa mostrou que não há um modelo só de tutoria; por isso, a prática do tutor está diretamente relacionado contexto educacional em que está inserido.

A atividade da tutoria é considerada complexa (SÁ, 2015) e é marcada por diversos conflitos (ALVES, 2013), pois ora o tutor é docente, ora já não é mais. Gomes (2015) traz essa questão sob outra perspectiva, afirmando que é a mediação pedagógica que mobiliza sistematicamente os conhecimentos específicos de formação do tutor, contribuindo para a apropriação dos conhecimentos, e que o professor tutor é um profissional em construção. Noutra perspectiva, a autora afirma que o tutor se configura como um sujeito “sem lugar” (SILVA, 2013), pois há a necessidade de regulamentar a atividade da tutoria para que assim o tutor possa ser reconhecido como professor tutor para que ele compreenda bem o seu papel.

Martins (2014), ao avaliar uma formação continuada de tutores afirma que a ela precisa sempre ser avaliada para articular melhor a relação entre as abordagens técnicas e pedagógicas, a fim de que seja possível praticar o que se aprende, com base metodológica na interação dos tutores, motivando ao diálogo e o compartilhamento de experiências. Já Fonseca (2013) também chama a atenção para o auxílio dos tutores formadores no processo formativo para a primeira inserção na atividade de tutoria: ela afirma que a equipe docente e o Supervisor de Tutores representam importante apoio para o planejamento das estratégias de acompanhamento do tutor iniciante e que se faz necessário mapear aspectos relevantes da

formação. Sugere ainda que a Análise do Comportamento pode contribuir com a formação docente do tutor.

As investigações realizadas mostram que a EaD tem promovido muitas inquietações no campo de atuação docente, especificamente com a figura do professor no exercício da tutoria. Há uma grande necessidade de estudos aprofundados sobre quais seriam os modelos pedagógicos mais adequados, abrangendo como deve ser a formação do tutor. A discussão sobre a qualidade da educação a distância, que envolve as tecnologias disponíveis nos cursos que são dessa modalidade, mostra que esses dispositivos não são suficientes para garantir o sucesso do aluno no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, a mediação do tutor é prática imprescindível para que o aluno aprenda. Portanto, em relação à *prática do tutor*, os trabalhos encontrados nos levam para muitas direções.

Somente dois trabalhos discutem sobre o tutor presencial na EaD e nos mostram que a sua prática pedagógica está voltada para o atendimento das necessidades dos alunos, respeitando suas singularidades por meio de auxílios qualitativos, contextualizados e direcionados a uma educação contínua e colaborativa. A prática foi relacionada à transmissão de saberes e à avaliação formativa, baseada na orientação e acompanhamento, que ocorreu de forma contínua, motivando-as à construção do próprio conhecimento por meio de uma relação de proximidade, solidariedade e colaboração. Santos (2014) constatou em sua pesquisa que há semelhança entre as atribuições das funções de professor e tutor presencial e destacou a relevância desse profissional no processo ensino-aprendizagem dos estudantes.

As pesquisas apontam para uma importância de se compreender melhor a EaD nos seus aspectos teórico-metodológicos, bem como a compreensão do que vem a ser a tutoria e clarificar as funções do tutor presencial e a distância. Evidenciam também a necessidade de formação contínua para o exercício da ação tutorial, tendo em vista que as dificuldades e os desafios são inúmeros, assim como a complexidade que esta atividade envolve.

Os resultados encontrados nas pesquisas também apontam alguns caminhos, que poderão fundamentar propostas e práticas de docência na tutoria presencial e a distância a partir da reconstrução e teorização de conhecimentos, colaborando com os estudos na área. Por isso, torna-se urgente investir no aprofundamento teórico-metodológico no campo da tutoria sob novas perspectivas críticas, permeadas pela reflexão, sentidos e significados.

2.6.2 Portal Periódicos Capes

No Portal Periódicos Capes realizamos a busca pela Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), que dá acesso restrito ao conteúdo assinado no espaço da Comunidade

Acadêmica Federada de textos completos de artigos selecionados de revistas internacionais e nacionais.

Pesquisa I - Foram utilizados os descritores *tutoria*, ensino *superior* utilizando os operadores de pesquisa “contém” “no assunto” e “(or) ou”, sem determinar período, aparecem 4.263 trabalhos, ordenado pelo critério de *relevância*. Modificando o operador de pesquisa de Or (OU) para And (e), o número cai para 34 trabalhos. Depois utilizamos os operadores “qualquer”, “no assunto” e “And” e “e” no período dos *últimos 5 anos*: o resultado cai para o número de 17 trabalhos, que foram analisados, observando se há repetição de algum no Banco de Teses e Dissertações Capes. Após leitura dos títulos e objetivos selecionamos seis (06) artigos, uma (01) tese e uma (01) dissertação.

Quadro 9 – Seleção de textos do Portal Periódicos Capes (CaF) para tema da tutoria no Ensino Superior

Nº	TÍTULO	AUTOR	ANO	TIPO/ PERIÓDICO
1.	Programas de tutoria y mentoria en universidades brasilenas: un estudio bibliometrico.	ALBANAES, Patricia; de Sousa; SOARES, Frederico Marques; PATTA BARDAGI, Marucia.	2015	Artigo Psicologia, 2015, Vol.33(1)
2.	A atuação do docente tutor na Educação a Distância.	DUTRA, Regina Maria; PEREIRA, Valdir.	2015	Artigo Revista Multitexto, 01 June 2015, Vol.3(1)
3.	A Tutoria e o tutor nos cursos de pedagogia das instituições de ensino superior parceiras da Universidade Aberta do Brasil.	OLIVEIRA, Francisnaine Priscila Martins de; LIMA, Claudia Maria.	2012	Artigo Revista Educação Por Escrito, 01 January 2012, Vol.3(1)
4.	Perspectivas de tutores brasileiros em relação ao seu papel e influência no processo de aprendizagem de alunos em cursos a distância.	LOCATELLI, Patrícia Chaves; BRUNETTA, Nádia; SAWITZKI, Roberta Cristina; ANTUNES, Elaine.	2012	Artigo Educação, Formação & Tecnologias, 2012, Vol.5(2)
5.	Mediação Pedagógica online: análise das funções do tutor na Universidade Aberta do Brasil.	AMARO, Rosana.	2012	Dissertação Universidade de Brasília, 2012
6.	Mediação e acompanhamento na formação, educação e desenvolvimento profissional.	RODRIGUES, Manuel Alves; BAÍA, Maria da Conceição.	2012	Artigo Revista de Enfermagem Referência, 01 July 2012, Vol.serIII(7)
7.	Competências dos tutores para atuação em programas de educação a distância mediados pela internet: o caso do curso de graduação em administração da EA/UFRGS.	CARVALHO, Mario Cesar Dos Santos De Garay.	2011	Tese Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011
8.	Un modelo de tutoría universitaria para el aprendizaje de materiales instruccionales.	ORTEGA-ANDRADE, Norma Angélica.	2011	Artigo Educación y educadores, 2011, Vol.14(1) [online]

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Os trabalhos encontrados trazem em sua maioria a questão da EaD, principalmente na Universidade Aberta do Brasil (UAB), considerando que a EaD tem se consolidado nos últimos anos como um dos instrumentos de execução das políticas docentes para a formação de nível superior ofertada aos professores da educação básica no país. Oliveria *et al.* (2012) reitera o impulso que Educação a Distância (EaD) sofreu com as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs), que, com o uso da internet, possibilitou o aparecimento de formas alternativas de geração e distribuição do conhecimento (DUTRA, 2015).

Nesse contexto, Rodrigues e Baía (2012) ressaltam a importância da aprendizagem mediada no processo de desenvolvimento da cadeia educativa e aqui é fundamental a figura do tutor. Isso porque, conforme nos afirma Dutra (2015), as tecnologias são insuficientes na eficácia do aprendizado dos alunos. Por isso é necessário conhecer a função, prática e papel do tutor dentro desse sistema. Albanaes *et al.* (2015) também afirmam que os processos de tutoria e de mentoria acadêmicas têm sido ferramentas relevantes para o desenvolvimento global e para a integração acadêmica dos estudantes universitários.

Ortega-Andrade (2011), por sua vez, realizou um estudo de um modelo concebido para resolver problemas relacionados com a compreensão de leitura e o aprendizado de materiais de instrução em estudantes universitários com o apoio de tutores. Os resultados mostraram que o desempenho dos estudantes melhorou com a intervenção do tutor.

A investigação de Locatelli *et al.* (2012) teve como objetivo compreender as perspectivas dos tutores em Educação a Distância (EaD) a respeito das atividades de tutoria desenvolvidas em uma Instituição de Ensino Superior brasileira. Os resultados também apontaram que a influência do tutor foi muito importante para a aprendizagem dos alunos. De acordo com os investigados a influência do tutor no processo foi muito positiva. Outro elemento importante que a pesquisa mostrou é que os sujeitos compreendem que o papel do tutor na modalidade EaD se assemelha àquela desenvolvida pelos professores, o que contradiz à realidade institucional por não serem reconhecidos como docentes.

Carvalho (2011) realizaram uma pesquisa que teve como objetivo identificar e caracterizar as competências fundamentais requeridas ao tutor para atuar em programas de educação a distância mediados pela internet. Os resultados obtidos foram duas competências fundamentais: atendimento aos alunos e interação com a equipe de EaD para trocas de informações, conhecimentos e inovações, além de um conjunto de recursos pessoais, de conhecimentos e de habilidades, que são os elementos que possibilitam aos tutores agir com competência nos cursos de EaD mediados pela internet.

O trabalho de Oliveira e Lima (2012) mostram ainda a preocupação com as condições de trabalho do tutor que não tem vínculo institucional: embora seja considerado como um professor tutor, faz-se necessário repensar a forma como tem sido encarado na política da UAB no que se refere à profissionalização do tutor.

Pesquisa II - Com os descritores *Programa de Educação Tutorial (PET)* e *Programa de Educação Tutorial* com o operador “*or (ou)*” nos últimos cinco anos, *Todos os itens*, aparecem 12 trabalhos. Desses doze, apenas dois se referiam ao Programa de Educação Tutorial (PET), sendo uma (01) tese e um (01) artigo.

A tese intitulada *A experiência no Programa de Educação Tutorial (PET) e a formação do estudante do Ensino Superior*, de Balau-Roque (2012), teve como objetivos identificar e analisar os motivos de decisão de ingresso do estudante no PET, bem como as mudanças positivas e negativas percebidas pelos estudantes decorrentes de sua participação no PET, referente às dimensões acadêmica, profissional, interpessoal e pessoal. A autora realizou uma investigação com 30 alunos participantes do PET em uma Instituição de ensino superior. Os resultados da pesquisa apontam para uma sobreposição dos pontos positivos em detrimento dos negativos e possibilitou a percepção da importância do PET neste processo de desenvolvimento, além de contribuir para a análise qualitativa do próprio Programa.

O segundo texto é um artigo, *Integração comunitária através da educação cooperativa: os programas de ensino e pesquisa da UNESP/FFC*, dos autores Caldas e Machado (2014), e teve como objetivo analisar as atividades desenvolvidas pelo grupo de alunos que compõem o Programa de Educação Tutorial (PET) como recurso da representação do conhecimento de alunos da graduação na integração do ensino e da aprendizagem entre universidades. Os resultados mostram que o programa PET se fundamenta na atividade da prática do ensino no que se refere à importância educação cooperativa para a produção do conhecimento. Outro ponto foi a integração da universidade como elemento importante para a promoção de uma sociedade democrática. As autoras afirmam que o PET tem grande impacto nas ações que desenvolve junto à comunidade.

2.6.3 Portal RCAAP - Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal

Muito embora tenhamos realizado um mapeamento das produções científicas durante o processo de definição da temática de investigação no Banco de Teses CAPES, resolvemos atualizar os dados, realizando pesquisas em outras bases de dados devido à ampliação da pesquisa em Portugal. Assim, realizamos uma busca no RCAAP⁴⁰ de Portugal com a configuração a seguir:

Pesquisa 1 - Palavras-chave: *Tutoria no Ensino Superior; Formação do tutor; Prática do tutor* com o operador de pesquisa “E”; tipo: *texto integral*; data: *2009 até 2015*, considerando somente *dissertações de mestrado e teses de doutoramento e artigos*; e opções de apresentação: *relevância; ascendente*.

Pesquisa 2 - Em um segundo momento, realizamos a busca no mesmo portal RCAAP com as palavras-chave *Maiores de 23, tutoria no Ensino Superior*; com o operador de pesquisa “E”; tipo: *texto integral*; data: *2009 até 2015*, considerando somente *dissertações de mestrado e teses de doutoramento e artigos*; e opções de apresentação: *relevância; ascendente*.

Como resultado da **pesquisa 1** obtivemos vinte e quatro (24) trabalhos sendo vinte (20) dissertações de mestrado e quatro (4) teses de doutoramento e doze (12) artigos.⁴¹ Após coletar todos os trabalhos, realizamos uma pré-seleção por uma leitura flutuante (BARDIN, 1977) dos *títulos, palavras-chave e resumos*, nesta sequência. A partir de uma leitura mais criteriosa dos *resumos* e dos *sumários* ou *índices*, considerando como principal critério as próprias *palavras-chave* utilizadas no início da busca, restaram assim seis (06) entre teses e dissertações, relacionando-as a seguir por ano em ordem decrescente:

⁴⁰ Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal- RCAAP, O portal RCAAP tem como objetivo a recolha, agregação e indexação dos conteúdos científicos em acesso aberto (ou acesso livre) existentes nos repositórios institucionais das entidades nacionais de ensino superior, e outras organizações. Constitui-se como um ponto único de pesquisa, descoberta, localização e acesso a milhares de documentos de caráter científico e acadêmico, artigos de revistas científicas, comunicações a conferências, teses e dissertações, distribuídos por inúmeros repositórios portugueses. Vide: <https://www.rcaap.pt/about.jsp>

⁴¹ Realizada em 05 de junho de 2016.

Quadro 10 – Seleção das dissertações e teses do RCAAP sobre tutoria

Nº	TÍTULO	AUTOR	ANO	INSTITUIÇÃO
1.	Gestão de cursos de graduação na modalidade à distância: referenciais de qualidade do processo de acreditação do Ministério de Educação e Cultura	ARAÚJO, Matilde Medeiros de	2015	Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro-UTAD
2.	Educação a distância e participação política sustentável: o contributo da Universidade Aberta de Portugal no contexto internacional	GOMES, Josenir Hayne	2014	Universidade Aberta de Portugal
3.	As interações na tutoria: um estudo de caso	CAVACO, Teotónio Paulo de Jesus	2013	Universidade Aberta de Portugal
4.	Apoio tutorial no ensino secundário: estudo exploratório da perspectiva dos alunos	RATO, Vera Sofia Tavares Velez	2013	Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa-UL
5.	Tutoria: uma forma flexível de ensino e aprendizagem	SEMIÃO, Filomena	2009	Universidade dos Açores
6.	Avaliação de uma situação de formação de formadores no domínio da tutoria	MARQUES, Paula Maria Rodrigues de Carvalho Bazenga	2009	Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa-UL

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Partimos para a análise dos resumos, que ocorreu com base nos descritores ou palavras-chave – *tutoria no ensino superior, formação do tutor, prática do tutor* –, observando também os *objetivos* e o que *apontam estas pesquisas*, recorrendo ao texto integral quando necessário.

As leituras nos mostram que a discussão sobre *tutoria no ensino superior* aparecem em dois trabalhos (ARAÚJO, 2015; GOMES, 2014) relacionados à Educação a Distância-EaD. Muito embora os dois não apresentem em seus objetivos nada que nos remeta à tutoria, ambos – ao apresentarem a importância da educação a distância no cenário atual – referem-se à figura do tutor nessa modalidade de ensino.

Araújo (2015) se refere ao tutor presencial e ao tutor a distância como sujeitos desse processo, destacando que a atividade de tutoria é essencial na educação a distância, porque ela “desenvolve a interlocução entre os professores e alunos, propiciando o sentimento de pertencer à instituição onde o curso é ofertado” (ARAÚJO, 2015, p. 203).

Gomes (2014) discute sobre a educação superior a distância na formação das pessoas e, por conseguinte, no seu capítulo 3 dá uma especial atenção à formação *do tutor* para atuar na educação a distância e afirma que uma tutoria eficaz possibilita a aproximação dos sujeitos envolvidos na EaD. Sendo assim, o tutor é uma figura imprescindível para que a comunicação se efetive. Por isso o autor destaca a importância da formação para os tutores. O autor também apresenta as funções do tutor apontadas por García Aretio (2001), que são: a função orientadora, a função afetiva e a institucional.

No tocante à *formação e prática do tutor* Marques (2009) considera a tutoria como uma estratégia no processo de ensino-aprendizagem e afirma que formar docentes para esta prática significa, na sua concepção, habilitá-los para um desempenho reflexivo. De acordo com a autora, deve haver uma preocupação com a avaliação da formação para a tutoria. Diferente das outras pesquisas, a autora apresenta em seus objetivos a temática específica da tutoria, tendo como objetivo principal refletir sobre a avaliação da formação para a prática da tutoria entre docentes.

Os resultados desta investigação indicam aspectos negativos dessa formação, destacando principalmente uma carga horária insuficiente para a execução da formação específica, o que não permite atingir os objetivos propostos pelo referencial de formação. A autora conclui assim que há necessidade de alicerçar a formação de tutores no intuito de promover uma prática reflexiva e que, para tanto, é necessário promover a qualidade da formação (MARQUES, 2009).

Dois trabalhos se referem à tutoria no ensino secundário. Rato (2013), Semião (2009) e Cavaco (2013) trabalham com diversos tipos de tutoria. Muito embora o nosso interesse seja a tutoria no ensino superior, as discussões apresentadas nesses trabalhos são interessantes. Já Semião (2009) apresenta alguns conceitos associados ao de tutoria, como *coaching*, supervisão e mentoria.

A pesquisa de Rato (2013) discutiu sobre o apoio tutorial em um Projeto de Apoio Tutorial específico na percepção de alunos. Os resultados obtidos revelaram que o Apoio Tutorial influenciou positivamente nos resultados escolares, organização e métodos de estudo dos alunos.

Cavaco (2013) mostra que há necessidade de (re)definir as funções do Tutor em situações diversas através do conhecimento das principais dificuldades sentidas e registradas nas interações das práticas investigadas. O autor acredita que a tutoria pode promover a melhoria quer do processo de ensino e aprendizagem quer da prática relacional em ambientes educacionais, bem como na definição de uma nova cultura escolar/cultura de escola.

No que se refere aos artigos científicos encontrados no RCAAP, dentre os doze (12) trabalhos selecionamos cinco (05), que consideramos mais pertinentes ao nosso estudo:

Quadro 11 – Seleção dos artigos RCAAP sobre tutoria

Nº	TÍTULO	AUTOR	ANO	FONTE
1.	Tutoria e Tutor em Educação a Distância: Retratos do Presente versus Visões para o Futuro	NASCIMENTO, Lauriza, LEAL, Maria; SPILKER, Maria João; MORGADO, Lina	2015	EaD em Foco: Revista Científica de Educação a Distância, v. 5, 1, 2015
2.	Tutorias – um modelo sociopedagógico flexível para crescer com sentido	ALMEIDA, Sandra Mónica Dias; PALMEIRÃO, Cristina	2015	Atas do I Seminário Internacional, Universidade Católica Portuguesa, 2015
3.	Dimensões pedagógicas da sala de aula virtual: teoria e prática	RODRIGUES, Ana Paula; MONTEIRO, Angélica; MOREIRA, J. António	2013	Pedagogia no Ensino Superior, nº 26, 2013
4.	As atividades da tutoria que desencadeiam níveis superiores de reflexão crítica colaborativa no e-fórum	JORGE, Idalina	2012	Revista Científica de Educação a Distância, v.3, 6, Jul.2012
5.	A função tutorial na formação continuada docente	BARROS, Daniela Melaré Vieira; REIS, Verónica Lima dos	2009	RIED, v.12: 1, 2009

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

O artigo de Nascimento *et al.* (2015) direciona a discussão para a tutoria na Educação a Distância e e-Learning, no Ensino Superior. Parte da análise de um curso ofertado pela Universidade Aberta de Portugal denominado *Tutoria em Educação a Distância: Modelos e Práticas*. Os autores afirmam que essa tutoria é baseada em modelos pedagógicos e organizacionais e leva a práticas diferenciadas. Assim, para exercer esse papel, o tutor necessita de habilidades e competências específicas. Nesse sentido, concluem que é de extrema importância buscar novos conhecimentos sobre modelos de tutoria, as práticas, o papel e as funções desempenhadas pelos professores, atores que enfrentam desafios próprios das pedagogias contemporâneas e pelas tecnologias emergentes.

Ainda no que se refere à EaD no ensino superior, Rodrigues (2013) aborda a sala de aula virtual como um espaço que promove experiências pedagógicas integradas e mobilizadas neste ambiente. Dentre elas, a interação gerada pelo apoio tutorial e Barros e Reis (2009) discutem sobre a relevância da tutoria na educação à distância e nos processos de ensino e de aprendizagem. O estudo também aborda sobre as atribuições e competências para exercer a ação tutorial. Jorge (2012) também realiza um estudo na EaD e faz uma avaliação da intervenção tutorial, com o objetivo de identificar as tarefas da tutoria on-line que melhor explicam os níveis superiores de reflexão crítica colaborativa. A autora discute sobre o desenvolvimento do diálogo no e-fórum para a construção do conhecimento, destacando nesse processo a contribuição acadêmica e cognitiva do apoio tutorial para a reflexão, a colaboração

e a aprendizagem. Por fim, o estudo de Almeida e Palmeirão (2015), que discute sobre o papel da tutoria no combate à retenção e ao abandono escolar, considera que a tutoria é uma medida de apoio sociopedagógico que traz benefícios particularmente para os sujeitos que vivenciam situações e ambientes de risco; portanto, ela teria uma função inclusiva.

Como resultado da *pesquisa 2* obtivemos inicialmente 10.168 trabalhos com o descritor *Maiores de 23 somente*. Então acrescentamos a palavra-chave *tutoria no ensino superior* e encontramos vinte e quatro (24) trabalhos, sendo dezoito (18) dissertações de mestrado e cinco (5) teses de doutoramento, que já haviam sido observadas na *pesquisa 1* e um (01) artigo que trata da educação a distância no ensino superior. Dentre as teses, dissertações e artigos nenhum deles trata de tutoria relacionada ao Programa *Maiores de 23*. Dessa forma, redefinimos pela terceira vez a *pesquisa* com as palavras-chave *Maiores de 23*; tipo: *título*; data: *2009 até 2015*, considerando somente dissertações de mestrado e teses de doutoramento e artigos; e opções de apresentação: *relevância*; *ascendente*. O resultado foi: sete (07) dissertações de mestrado, uma (01) tese de doutoramento e três (03) artigos.

Quadro 12 – Seleção das dissertações e teses do RCAAP sobre *Maiores de 23*

Nº	TÍTULO	AUTOR	ANO	INSTITUIÇÃO
1.	Transição e adaptação dos novos públicos ao Ensino Superior: o caso dos maiores de 23 na Universidade do Minho.	GONÇALVES, Paula Fernanda Dourado	2014	Instituto de Educação, Universidade do Minho-UM
2.	Os alunos maiores de 23 anos e suas motivações para o ingresso no ensino superior: estudo exploratório sobre alunos de uma Universidade a norte de Portugal.	FONSECA, Telma Liliana Mateus da	2013	Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro-UTAD
3.	O perfil dos estudantes maiores de 23 anos na Universidade do Algarve.	GONÇALVES, Teresa.	2012	Universidade do Algarve-UAlg
4.	Porque ingressam e como se integram no ensino superior os estudantes maiores de 23 anos comparativamente aos estudantes do acesso regular.	SILVA, Rita Santos	2010	Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto-UP
5.	Autorregulação motivacional: estudo exploratório com alunos maiores de 23.	POMBO, Joana Filipa Catarino Ribeiro	2010	Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa-UL
6.	A gestão de acesso e creditação de qualificações dos "Maiores de 23" na Universidade de Lisboa.	MENDES, Cláudia de Jesus Gomes	2009	Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa-UL
7.	Alunos maiores de 23 anos: motivações para o ingresso no ensino Superior na UP.	PEREIRA, Eduarda Alexandra da Silva Almeida.	2009	Faculdade de Letras, Universidade do Porto-UP
8.	O estudante adulto não-tradicional na Universidade de Aveiro: caracterização do grupo de maiores de 23 matriculado no ano lectivo 2006-07.	BAPTISTA, Ana Vitória Madeira Teixeira.	2009	Universidade de Aveiro-UA

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Quadro 13 – Seleção dos artigos da temática Maiores de 23

Nº	TÍTULO	AUTOR	ANO	FONTE
1.	A Universidade Portuguesa: o abrir do fecho de acesso: o caso dos maiores de 23 anos	BRÁS, José Viegas; JEZINE, Edineide; FONSECA, Sofia; GONÇALVES, Maria Neves.	2012	Revista Lusófona de Educação n.º 21 (2012)
2.	Estudantes maiores de 23 anos em psicologia: motivações e processo de integração	SILVA, Rita Santos; NASCIMEN TO, Inês.	2012	Revista Brasileira de Orientação Profissional, jan-jun. 2012, v.13, nº. 1
3.	Percursos vocacionais e vivências académicas: o caso dos alunos maiores de 23 anos	SOARES, Diana L.; ALMEIDA, Leandro S.; FERREIRA, Joaquim Armando G.	2010	Psicologia, Educação e Cultura, 2010, v. XIV, nº 1

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os trabalhos encontrados com a temática dos Maiores de 23, em sua maioria, tratam de uma discussão sobre as mudanças ocorridas na educação superior após a Declaração de Bolonha (FONSECA, 2013). Partem do princípio de Aprendizagem ao Longo da Vida e dos contributos das teorias de desenvolvimento e da aprendizagem de adultos (SILVA, 2010; BAPTISTA, 2009; MENDES, 2009) e de como isso influenciou em Portugal, principalmente com a criação em Portugal do Decreto-Lei Nº 64/2006, de 21 de Março de 2006 (MENDES, 2009), que regulamenta as provas especialmente adequadas destinadas a avaliar a capacidade para o ingresso no ensino superior dos Maiores de 23. Pereira (2009) considera que o acesso desses alunos Maiores de 23 ao ensino superior foi uma das mudanças mais significativas ocorridas neste período. A pesquisa de Silva e Nascimento (2012) discute sobre as motivações dos alunos Maiores de 23 e o seu processo de integração na universidade e Soares *et al.*(2010) tratam das experiências académicas apresentadas por esses alunos.

Nesse sentido, as pesquisas estão preocupadas com o ingresso, a sua caracterização e o perfil desses alunos, bem como se dá o processo após o ingresso, como ocorre a aprendizagem, quais as dificuldades encontradas e os avanços alcançados por eles, investigações estas ocorridas em diversas universidades de Portugal.

A pesquisa desenvolvida no Algarve por Gonçalves (2012) revela que há uma diversidade de motivações para que estas pessoas procurem a universidade, seja de ordem pessoal, social e profissional. Os sujeitos por ela investigados destacam aspectos positivos relativamente ao regime de acesso e ao processo de adaptação e de integração. Entretanto, também apontam que há muitos obstáculos a serem superados, principalmente no tocante à

capacidade de conciliar o trabalho e a família com as exigências acadêmicas dos cursos que frequentam.

Pombo (2010) realiza uma investigação no sentido de conhecer as metas de aprendizagem desses alunos, expectativas e dificuldades enfrentadas por eles no sentido de buscar recursos para ultrapassar essas dificuldades de acesso ao ensino superior e de refletir sobre formas institucionais para auxiliá-los no processo de adaptação.

Consideramos importante também destacar a tese desenvolvida por Gonçalves (2014), pois os resultados obtidos nesta investigação realizada com alunos Maiores de 23 na Universidade do Minho revelaram que

apesar das dificuldades relativas à adaptação e vivências acadêmicas, a motivação intrínseca destes alunos pode contribuir favoravelmente para a sua permanência e persistência no curso e nas próprias atividades de estudo. Da mesma forma entende-se que este regime específico de acesso ao Ensino Superior para maiores de 23 anos é sentido, por estes estudantes, como uma oportunidade efetiva de retomarem um percurso escolar interrompido, de forma a rentabilizarem experiências e conhecimentos adquiridos na vida e na profissão e adquirirem novas competências e grau acadêmico que satisfaça necessidades de realização pessoal ou exigências da sua atividade e carreira profissional (GONÇALVES, 2014, p. 7).

Em geral, as pesquisas mostram que os alunos Maiores de 23 tratam desta oportunidade como muita seriedade por ser esta uma chance ímpar de inclusão na vida acadêmica, pois, conforme o artigo de Brás *et al.* (2012), a Universidade portuguesa era elitista, e estas iniciativas romperam com as barreiras do elitismo, possibilitando uma maior democratização do ingresso no ensino superior. Nenhum desses trabalhos discute sobre a tutoria com alunos M23. Constatamos, portanto, que a tutoria com esse público é uma temática ainda não investigada.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo trazemos um pouco da etimologia e exemplos de tutoria por meio de uma breve incursão na história. Em um segundo momento, temos as concepções de currículo e de atos de currículo.

Essa relação entre os dois temas é importante de ser mencionada, considerando que a ação tutorial intervêm no currículo dos cursos da Educação Superior aos quais os programas estão vinculados.

3.1 Tutoria ou tutorias? Etimologia do termo e exemplos de tutoria

A tutoria na sociedade atual tem características próprias, entretanto, não se trata de algo recente: é uma prática que acompanha a história humana no que se refere à instrução de pessoas, apresentando diferentes configurações no tempo e no espaço.

Para compreender melhor como isso ocorreu faremos breves incursões históricas, com o intuito de exemplificar o surgimento de algumas práticas, que se assemelhavam e deram origem à ação tutorial na educação tal como hoje a concebemos. Ressaltamos que não é nossa pretensão fazer um histórico da tutoria em todas as fases da história, mas apenas para exemplificar.

Etimologicamente, os termos *tutoria* e *tutela* são sinônimos e vêm do verbo latino *-tueri*, que significa “proteger”, “defender”, “cuidar”, “zelar por”, “supervisionar”, “governar”. Embora tenham mesma raiz etimológica, a palavra *tutela* é utilizada no sentido jurídico para designar a autoridade legal de um adulto sobre uma pessoa menor ou interdita. Portanto, a palavra *tutoria* retém o sentido amplo de proteger e cuidar. Neste segundo aspecto, recordamos da tutoria familiar nas comunidades antigas em que os anciões, sábios, sacerdotes ou pais eram encarregados de repassar oralmente aos primogênitos os saberes necessários para perpetuar as suas tradições, a exemplo dos judeus.

Com o desenvolvimento social, político e econômico dos povos houve uma maior necessidade de reestruturar o modo de repasse tradições de cada povo. As escolas da antiguidade surgem com a função social de transmitir principalmente as crenças, a religião, no intuito de garantir a formação moral das pessoas. Para exercer esta função são delegadas outras figuras *tutelares*, que não fossem mais membros da família, líderes religiosos ou chefes de tribos.

Mas é na civilização clássica que a tutoria tem maior representatividade. Entre os

espartanos, a educação começava aos sete anos de idade e se preocupava com o aprimoramento das habilidades físicas do indivíduo: cada criança era mantida por um tutor que desempenhava a função por vínculo de amizade e sem ganhar nada em troca, fato que não ocorria somente na cidade de Esparta. Muitos personagens da história grega se destacam nesse aspecto, pois o ensino na Grécia era ministrado pelos tutores escolhidos de acordo com a estima mútua e amizade para ensinarem aos seus discípulos sobre ética, política, retórica, arte, educação, dentre outros temas.

Apesar de esta relação entre ambos ter caráter afetivo forte, muitas vezes, ao desenvolver as suas próprias ideias, o discípulo discordava ou rompia com o seu mestre, como foi o caso de Pródico, lembrado ironicamente por Sócrates como seu “mestre”, uma vez que Pródico era sofista. Os sofistas foram censurados por Sócrates, Platão e Aristóteles por exigirem compensação pecuniária pelos seus ensinamentos: eles eram contratados para serem tutores de jovens, que queriam desenvolver a arte da retórica e da oratória para fins de vida pública (REALE; ANTISERI, 1990).

Sócrates (470-399 a.C.) é um grande exemplo de tutor na Grécia Antiga, pois nunca fundou escola, ensinava em locais públicos (sem cobrar pelos seus ensinamentos) e exercia grande influência não só sobre os jovens, mas também sobre homens de todas as idades. Por isso tinha tantos discípulos que eram fascinados pela forma como ele ensinava através do diálogo e da oralidade dialética.

Dentre os amigos de Sócrates sete foram os mais representativos: Xenofonte, Êsquines, Antístenes, Aristipo, Euclides, Fédon e o maior discípulo de todos: Platão (REALE; ANTISERI, 1990). Sócrates também nunca escreveu nada. O “diálogo socrático” surgiu como gênero literário específico e teve como inventor Platão, que foi o seu “único representante autêntico, porquanto somente em Platão é possível reconhecer a verdadeira natureza do filosofar socrático [...]” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 130).

Embora estes dois filósofos tenham sido exemplos de tutores na Grécia Antiga, temos que destacar Aristóteles, que desde cedo ficou órfão e foi tutorado por Proxênio. Com dezoito anos foi para a academia platônica, onde permaneceu até a morte de seu mestre, e em 343 a.C. Aristóteles foi convidado para a corte por Filipe da Macedônia, que confiou-lhe a educação do seu filho Alexandre.

Aristóteles permaneceu na corte macedônica até Alexandre subir ao trono, por volta de 336 a.C. Após passar um período em Estagira, Aristóteles voltou para Atenas, onde fundou um Liceu, onde passou a ministrar os seus ensinamentos aos seus discípulos.

No que se refere à educação romana também podemos destacar alguns elementos

que apontam para a existência de tutores. Isso porque os romanos primavam pela educação no seio da família, ou seja, cabia aos pais educarem os filhos, ensinando-lhes desde as letras às leis. Vale lembrar que o papel da mulher não era secundário. “Aqui, Tácito lembra Cornélia, mãe dos Gracos, Aurélia, mãe de César; Ácia, mãe de Augusto. Quintiliano [...] também atribui à mãe a tarefa de ensinar aos filhos os primeiros elementos do falar e do escrever” (MANACORDA, 2006, p. 75). Entretanto, após os sete anos, a criança migrava para a tutela do pai a fim de aprender das tradições familiares e pátrias, além de exercitações físicas e militares. Quintiliano defendia que, posteriormente, a educação da criança deveria sair da tutela familiar para desenvolver-se na coletividade (SEMIÃO, 2009).

Outro personagem importante na educação dos romanos foi o escravo grego. Era costume dos grandes entregarem a educação dos filhos à preceptoria destes escravos, embora houvesse quem não confiasse, mesmo que o escravo fosse instruído.

Manacorda (2006) ao escrever sobre a passagem da educação familiar para a escolar em Roma destaca que “provavelmente a evolução histórica foi do escravo pedagogo e mestre na própria *família* ao escravo e mestre das crianças de várias *familiae* [preceptor, tutor] e, enfim, ao escravo *libertus* que ensina na sua própria escola.” (MANACORDA, 2006, p. 78).

Estes preceptores geralmente não falavam a língua romana e ensinavam a sua própria cultura aos romanos. De acordo com Semião (2009) o sistema de tutoria romano foi predominante na Idade Média: a diferença é que os tutores foram os padres. Nas palavras da autora:

A Igreja utilizou os clérigos como tutores de senhores e imperadores, divulgando e defendendo a literatura clássica que, de outro modo, se teria perdido. Manteve-se, porém, o princípio de que a tutoria se devia processar entre apenas um tutor e um tutorando, ou seja, o instrutor podia ter a seu cargo vários tutorandos, mas a tutoria fazia-se individualmente (SEMIÃO, 2009, p. 13).

Muito embora o movimento universitário europeu tenha iniciado nos fins do século XII, quando então surgiram as primeiras e as mais importantes universidades – Bolonha, Paris, Oxford, Montpellier – foi a partir século XIII que este movimento se desenvolveu e deu origem a novas universidades fundadas pela autoridade papal, imperial ou real. Foi o caso da universidade de Nápoles, que conferia aos mestres e estudantes os privilégios do clero, dentre eles, a licença para ensinar (JANOTTI, 1992). Assim, cada aluno, ao entrar nesta universidade, tinha por obrigatoriedade ficar sob a responsabilidade de um mestre até que tivesse domínio das habilidades exigidas. Após esse período o aluno “ensinava,

sob supervisão docente, a alunos mais jovens. Vê-se assim que o papel de tutor e monitor está presente na origem da universidade.” (GEIB *et al.*, 2007, p. 218).

O *New College*⁴² de Oxford, criado em 1379, foi reconhecido como berço do sistema tutorial devido à importância que dava à educação do seu alunato. Tratava-se de uma tutoria de pares em que os alunos mais velhos, os *seniors*, assumiam a responsabilidade de assistir aos mais novos, os *juniors*, cuidando para que estes tivessem bons resultados acadêmicos, além de velar pela sua boa conduta moral e pela fé religiosa. Também havia um professor responsável por cada aluno, o *dean*, que era auxiliado nesta tarefa pelo *college tutor*, que era responsável direto para dirigir os estudos dos alunos a ele confiados. (BALCELLS; MARTIN, 1985).

Mesmo com a existência destes professores, que realizavam a tutoria aos seus alunos, o termo *tutor* na língua inglesa somente passa a ser utilizado no final do século XVI. De acordo com Semião (2009), este termo surge

nos estatutos do Brasenose College de Oxford, para designar os professores que acompanhavam, dentro do College, o trabalho pessoal de cada aluno, ao lado dos magistras que, fora do College, ministravam as lições. Pouco a pouco, a função do tutor foi assumindo características especificamente educativas e didáticas em detrimento da de guardião e, no século XVII, o seu trabalho era reconhecido. Em Cambridge, o tutor manteve a sua função de guardião da conduta moral e da fé religiosa, cabendo a orientação dos estudos a um supervisor (SEMIÃO, 2009, p. 14).

Em Portugal o surgimento da Universidade propiciou a criação do papel do moderno “explicador” (CARVALHO, 1996, p. 77), que ministrava as explicações em casa. O papel que ele cumpria não era igual ao do tutor inglês, mas algumas funções didáticas se assemelhavam com as ações de tutoria exercidas na Inglaterra.

Outro tipo de ensino que vale a pena ser lembrado é aquele oferecido pela Companhia de Jesus⁴³, que teve grande repercussão na Europa e foi trazido para o Brasil, em 1549, pelos portugueses, tendo sido implementado durante o Período Colonial.

O *Ratio Studiorum* foi um texto que deu origem à sistematização dos estudos e que foi utilizado na educação de crianças, jovens e adultos em escolas e universidades jesuítas. Todos os papéis eram muito bem definidos no *Ratio*: o Mestre era aquele que ensinava e desempenhava o papel de orientador dos alunos. Para auxiliá-lo nesta tarefa, uma

⁴² New College é uma das faculdades constituintes da Universidade de Oxford, na cidade homônima do Reino Unido. O nome completo do colégio é *The Warden and Scholars of St Mary's College of Winchester in Oxford*. O nome oficial da faculdade, *College of St Mary*, é o mesmo do antigo Oriel College, portanto ela tem sido chamada de "New College of St Mary" e, agora, é quase sempre conhecida como "New College".

⁴³ A Companhia de Jesus foi uma ordem religiosa da Igreja Católica, fundada na Europa, em 1540, por Inácio de Loyola.

forma de manter a disciplina era a organização das turmas em grupos de dez alunos (*decúria*) e para cada grupo havia a figura denominada *decurião*, semelhante ao tutor, que era um colega da mesma turma responsável por observar esse grupo.

Ressaltamos que essa forma de organização em *decúria* ou grupo de dez alunos já era utilizada por Comênius. No Capítulo XIX da sua *Didática Magna* denominado *Fundamentos para ensinar com vantajosa rapidez*, ele defende que um só professor é suficiente para uma turma de alunos, mesmo que ela seja numerosa, desde que ele conte com o auxílio de monitores – que eram alunos mais adiantados – orientados pelos professores. A sala deveria ser organizada da seguinte forma:

Se os alunos forem divididos em várias turmas, por exemplo de dez alunos cada uma; e se se colocar à frente de cada uma um aluno que vigie os outros, e à frente desses chefes de turma, outros alunos e assim sucessivamente até o chefe supremo (COMENIUS, 2001, p. 300).

No Brasil, após a expulsão dos Jesuítas pelo Marquês de Pombal, passou a ser utilizado o método mútuo ou Método de Lancastriano⁴⁴, que também utilizava de *monitores ou decuriões*, que “eram os responsáveis pela organização minuciosa do método. Deles dependia a organização geral da escola, da limpeza ao aprimoramento de cada aluno e, fundamentalmente, a manutenção da ordem” (LANCASTER, 1805 *apud* NEVES, 2003, p. 152).

De acordo com Semião (2009), a partir do século XIX, com o aumento do número de crianças nas escolas, há uma tendência a substituir a intervenção direta do professor pelo trabalho em grupos, favorecendo uma interação maior entre os pares, a cooperação, ajuda e a apropriação do conhecimento. Assim, cabia ao professor monitorizar o trabalho dos diversos grupos, promovendo o diálogo entre os alunos, assumindo dessa forma o papel de professor tutor. Porém, com o aumento progressivo do número de estudantes nas escolas e nas universidades, tornou-se inviável a existência da tutoria, com a configuração um para um ou até mesmo em pequenos grupos, conforme aponta Semião (2009):

a tutoria como processo único de formação e educação de um para um não é, aritmeticamente falando, exequível nem desejável. Contudo, o seu princípio básico permanece actual – o de que há sempre uma relação que passa pelo zelo, cuidado e

⁴⁴ Conhecido como Método Lancastriano de Ensino e também como Sistema de Madras, criado em 1798. O quaker inglês Joseph Lancaster (1778-1838), identificado com o trabalho pedagógico realizado em Madras, na Índia, pelo pastor anglicano Andrew Bell (1753-1832), e com os ideais reformadores do jurista inglês Jérémy Bentham (1748-1792). No Brasil foi implantado com a Lei de 15 de outubro de 1827.

orientação a nível pessoal e académico, beneficiando os vários intervenientes no processo –, mesmo que assumindo modalidades distintas (SEMIÃO, 2009, p. 32).

Poderíamos pensar que não haveria sentido mais falar em tutoria nos dias de hoje, ou que não veríamos o retorno dessa atividade ao cenário educacional, mas não foi o que de fato aconteceu. Conforme poderemos ver, ela apenas recebe nova configuração e sendo, a ação tutorial uma atividade humana, é histórica, portanto, atendendo às necessidades do seu tempo.

No que diz respeito ao retorno da tutoria na educação, estudos ocorridos nos Estados Unidos, anos 60 do século XX, são exemplos desta prática científica necessária para compreensão do que vem mesmo a ser a tutoria, o efeito-tutor, a ação tutorial etc. De acordo com Semião (2009) nos Estados Unidos surgiram vários programas tutoriais como:

Youth Tutoring Youth para jovens em risco de exclusão social; *Homeworker Helper*, dirigido a crianças económica e culturalmente desfavorecidas e *National School Volunteer Program*, mais direccionado para as crianças com deficiências várias ou sobredotadas (SEMIÃO, 2009, p. 34).

A via intercultural foi uma das responsáveis pelo regresso da tutoria. Trata-se de uma experiência vivenciada por Peggy e Ronald Lippitt, nos EUA, na década de 1960. Os professores americanos foram surpreendidos com as diferenças culturais dos alunos imigrantes, que muitas vezes não falavam nem a língua da própria escola em que estudavam. Topping (1988) afirma que “a distância social que separa os professores destes alunos é muitas vezes importante, porque não utilizam as mesmas formas de linguagem e têm dificuldade de compreender-se” (TOPPING, 1988, p. 16-17 *apud* BAUDRIT, 2009). Diante da situação-problema observada, Peggy e Lippitt tiveram a ideia de encontrar pessoas que fossem da mesma cultura que os imigrantes, ou seja, que moravam há muito tempo nos Estados Unidos e, portanto, dominavam a língua inglesa. Assim, poderiam ajudar os alunos com dificuldades de leitura.

De acordo com Baudrit (2009), a tutoria intercultural também pode ocorrer em sala de aula. O autor cita um exemplo de uma pesquisa etnográfica, que mostra como a professora seleciona tutores para as crianças recém-chegadas numa escola francesa. Vejamos a fala da professora:

Aqui há muitos alunos recém-chegados e é evidente que não têm uma cultura francesa, não têm vocabulário, o que não aconteceria se falassem a língua francesa em casa (...) quando recebo um recém-chegado, procuro juntá-lo sempre com uma

criança disponível para estar com ele, para que a integração do novo aluno se processe da melhor maneira possível (BAUDRIT, 2009, p. 50).

Neste mesmo sentido podemos também citar uma outra experiência de Cloward (1967 *apud* BAUDRIT, 2009), intitulada *Homework Helper*, em que crianças negras ou porto-riquenhas eram ajudadas à noite por pares um pouco mais velhos em seus trabalhos de casa e na aprendizagem da leitura, o que do ponto de vista teórico teríamos a noção vigotskiana de *interação tutorial*. Cloward (1967 *apud* BAUDRIT, 2009) constatou progressos destas crianças em relação a um grupo de controle, que consistia numa população escolar idêntica que não fora atendida pelo programa tutorial.

É interessante observar que Cloward (1967) não se limitou a esta constatação e teve uma intuição que se confirmaria mais tarde: “e se, nesse processo, os tutores também progredissem?” (CLOWARD *apud* BAUDRIT, 2009, p. 12). Por isso também procurou investigar em outra perspectiva e lançou um olhar sobre o tutor, questionando se neste processo os tutores também não se beneficiariam, questionamento esse que se trataria do “efeito-tutor”.⁴⁵ Os estudiosos utilizam o método experimental para fazer comparações do progresso dos alunos.

Muito embora a tutoria seja considerada uma atividade recente em alguns países como Espanha, Portugal e Brasil, na década de 1970 houve um crescente interesse pela questão, conforme nos dizem Cid Sabucedo *et al.* (2011):

La tutoría recibe la atención de los investigadores a partir de los años setenta de la anterior centuria. En un estudio longitudinal realizado por Levinson et al. (1978) ponían de manifiesto cómo la tutoría era un proceso de desarrollo importante en la madurez con beneficios para el tutor y tutorando. Ellos fueron los primeros en defender que el acceso a un tutor era ventajoso para el desarrollo profesional y personal del protegido/tutorando (CID SABUCEDO *et al.*, 2011, p. 130).

Neste período, a ideia foi amplamente divulgada nos países anglo-saxônicos e em outros, mas não ficaram restritas à escola, pois englobava os campos profissionais e universitários. Podemos exemplificar com a tutoria no campo do trabalho social na Grã-Bretanha em que os professores universitários exercem a tutoria, atuando como mediadores entre os profissionais e os estudantes desta área de estudo, principalmente, quando estes fazem estágios.

Ainda sobre a tutoria na atualidade, Lourenço (2012) nos diz que:

⁴⁵ O que nós denominamos de efeito-tutor, para os americanos é o *Learning Through Teaching*.

Hoje em dia, as escolas anglo saxónicas oferecem um modelo de acompanhamento personalizado aos seus estudantes a que chamam "Tutoring" ou "Supervising", consoante os objetivos definidos para a ajuda a prestar aos alunos que podem ir do acompanhamento no estudo e na orientação na realização dos trabalhos escolares, ao acompanhamento global do aluno no seu ambiente escolar (LOURENÇO, 2012, p. 30).

Devemos mencionar uma tendência contemporânea na educação de que as mudanças ocorram com a partir de iniciativas legais. Por isso é imprescindível observarmos como as leis interferem neste campo. Podemos citar alguns exemplos de como isto impulsionou o retorno da tutoria nos moldes que aparecem hoje nas instituições escolares e universitárias, marcadas por esse quadro legal.

A tutoria em Portugal surge a partir de mudanças na legislação, que regem as escolas como: a Lei nº115 A de 04 de maio de 1998, artigo nº36 ponto 4, que prevê a possibilidade de as escolas designarem professores tutores. Já o Decreto Regulamentar Nº 10 de 21 de julho de 1999, artigo nº10, prevê a criação da figura de Professor Tutor como entidade de referência para o percurso do aluno e sua inserção na Escola. Por sua vez, o Decreto-Lei n.º 75, de 22 de abril de 2008, no seu art.º 44,4 Capítulo IV, menciona que "no desenvolvimento da sua autonomia, o agrupamento de escolas ou escolas não agrupadas pode ainda designar professores tutores para acompanhamento em particular do processo educativo de um grupo de alunos". E a Lei nº 51 de 5 de setembro de 2012, que aprova o Estatuto do Aluno e Ética Escolar, prevê no seu artigo 35º a formação de equipas multidisciplinares 29 destinadas a "acompanhar em permanência os alunos", prevendo no ponto 3 a integração nestas equipas dos professores-tutores.

No que diz respeito à Educação Superior temos a criação da Universidade Aberta, com o Decreto Lei nº 444 de 02 de Dezembro 1988, cuja modalidade de ensino necessita da figura de um tutor. Também podemos citar a própria Lei de Bases do Sistema Educativo português, a Lei Nº 46/86 de 14 de Outubro, que em seu artigo 16º traz como modalidade o ensino a distância. Além desses, devemos mencionar a influência do acordo proposto com a Declaração de Bolonha de 1999, que foi integrado no quadro jurídico português, em 2006, através do Decreto-Lei n.º 74 de 24 de Março de 2006, que foi o que realmente impulsionou o desenvolvimento da tutoria por todo o Espaço Europeu.

No Brasil, podemos mencionar a Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 em seu artigo 80º, que se refere à educação a distância e que regulamentada pelo Decreto N.º 2.494, de 10 de fevereiro de 1998. Há também: o Decreto Nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005, que caracteriza a educação a distância como modalidade; o Decreto Nº 5.800, de 08 de junho de

2006, que cria o Sistema Universidade Aberta; e a Lei 11.180/2005, que cria o Programa de Educação Tutorial (PET) e que traz em sua estruturação a figura do tutor, desde a antiga versão deste programa, criada em 1979, quando ainda era Programa Especial de Treinamento (PET) e já havia o tutor e o co-tutor.

Por esta inclusão diacrônica, que foi realizada até o momento, pudemos perceber como historicamente surgem essas designações de preceptores, decuriões, monitores no campo educacional ou não, com suas funções diversificadas, mas que se confundem com a ação tutorial por terem características comuns, muito embora sofram variações espaço-temporais. Atualmente, outros termos mais modernos vêm se assemelhando e também se confundindo com a tutoria. Podemos citar como exemplos o *coaching*, a supervisão e a mentoria.

Independente da nomenclatura adotada, o que consideramos importante é a ação tutorial, o modo como ela é exercida e se atinge realmente os seus objetivos. Por isso se faz necessário que haja estudos sobre as experiências de tutoria. Somente assim os resultados contribuirão para quem exerce essa prática e para quem dela usufrui, bem como para aqueles que querem compreendê-la melhor.

3.1.1 Concepções e configurações atuais da tutoria na educação

Ao longo desta investigação sobre a tutoria na educação superior tínhamos como pretensão encontrar um conceito de tutoria. Entretanto, quanto mais avançávamos nas leituras mais percebíamos que não seria possível uma visão essencialista desta ação, mas uma visão existencialista.

Um dos problemas que se nos apresentaram nesse percurso foi uma grande quantidade de definições nem sempre compatíveis entre si. Portanto, incorreríamos no erro se quiséssemos compilar todos em um conceito ou uma definição abrangente. Sobre essa problemática, Álvarez Pérez e González Afonso(2008) comentam que:

Concretamente, en el plano conceptual, la diversidad de términos al uso para referirse a las actividades de tutoría es casi interminable: tutoría de acompañamiento, tutoría académica, tutoría de itinerario, tutoría curricular, tutoría de aprendizaje, tutoría de pares, tutoría personalizada, tutoría telemática, tutoría entre iguales, tutoría profesional, tutoría de asignatura, etc. Igualmente cuando se nombra al tutor nos encontramos con distintas acepciones del término: persona que ejerce la tutela, interlocutor, representante del alumno, asesor, mentor, guía, encargado de orientar a los alumnos, acompañante, consejero, etc. Y se habla del tutor de prácticas, del tutor de asignatura, del tutor de carrera, del tutor académico,

del tutor virtual, del tutor de curso, del tutor personal, del tutor de especialidad, del tutor profesional etc (ÁLVAREZ PÉREZ; GONZÁLEZ AFONSO, 2008, p. 52).

Esse fato ocorre porque a tutoria assume diversas formas e acontece em contextos diferentes, escolas e universidades, com uma infinidade de objetivos. Consequentemente, percebemos que na literatura há uma dificuldade para se chegar a um consenso no que se refere à classificação da tutoria, das funções e papéis do tutor, dentre outros aspectos.

Portanto, há muitas questões que permeiam a discussões existentes sobre o que vem a ser tutoria: como ela é definida? Existe só um tipo ou várias formas de exercê-la? Qual o papel do tutor? Como ela se organiza? Que resultados que a tutoria vem alcançando na educação? O que vem a ser a ação tutorial?

Na tentativa de responder a essas perguntas propusemos trazer algumas classificações mais generalizadas, que consideramos pertinentes à nossa investigação, trazendo alguns exemplos de tutoria. No capítulo da análise dos dados deixaremos claro a que tutoria nos referimos e qual o papel do tutor nesse contexto, bem como se dá a sua formação e prática.

Conforme já mencionamos, há distintas definições para os termos tutoria e tutor. Álvarez Pérez (2002) fez um levantamento de algumas delas, com autores e suas respectivas especificações e em seguida, observando as diferentes definições, Álvarez Pérez (2002) elenca alguns elementos importantes que devem ser ressaltados acerca delas.

Primeiramente está a necessidade de o tutor ajudar os alunos para que eles permaneçam na educação. Depois, a importância atribuída ao conhecimento, que o professor tutor tem que alcançar de seus alunos, a fim de ajudá-los a resolver seus problemas, dificuldades e dúvidas. E, por fim, a ideia de que deve contribuir para o desenvolvimento integrado do indivíduo em seus diferentes campos: pessoal, escolar, profissional etc.

No campo educacional a ação tutorial, quando bem estruturada, pode apresentar melhorias nos processos de ensino e de aprendizagem, tanto no desenvolvimento curricular como na orientação dos tutorandos.

De acordo com Álvarez Pérez (2002) a ideia de tutoria é inerente à função de educar e socializar para ser realizada por cada professor: a tutoria é uma dimensão mais de ensino, como quaisquer outros conhecimentos a serem desenvolvidos. Por outro lado, a tutoria também está associada à aprendizagem; assim sendo, estimula a compreensão e proporciona condições para que o aluno aprenda. Desse modo, aprendizagem ganha significado na interação do conhecimento com as novas experiências através da interação social e também no campo individual (VEIGA SIMÃO; FLORES, 2005).

Consideramos importante lembrar que há tutores que não são docentes, mas são outros indivíduos que exercem a tutoria em diferentes contextos, como ocorre no caso da tutoria intercultural, em que imigrantes que já haviam chegado há mais tempo nos Estados Unidos ajudavam os outros.

Recorremos ao à definição de Topping (2000, p. 6) que concebe a tutoria “como um processo em que pessoas, não necessariamente professores, ajudam e apoiam a aprendizagem de outras de forma interactiva, sistemática e significativa”. Compreendemos que o autor se refere ao tutor como uma pessoa mais experiente, podendo ser uma pessoa mais velha, ou um par que tenha mais conhecimentos em determinado assunto, como a tutoria intercultural já mencionada.

No caso dos contextos escolares e universitários, embora não sejam docentes, consideramos que as atividades realizadas por esses tutores são atividades psicopedagógicas quando visam auxiliar o tutorando na resolução de um problema relacionado à aprendizagem ou a problemas interpessoais, acadêmicos, profissionais. De acordo com Barnier e Guichard (*apud* BAUDRIT, 2009) o método tutorial foi criado para ajudar os tutorandos a progredir, mas o que acontece na realidade é que ele também pode trazer benefícios para os tutores.

Quando falamos em tipos de tutoria aparecem as mais diversas nomenclaturas, como dimensões da tutoria, categorização, caracterização, tipos, funções. Algumas são denominadas de acordo com os objetivos ou com as funções dos tutores. Apresentaremos aqui algumas classificações⁴⁶ desenvolvidas por diversos teóricos.

Com base em ampla literatura, especialmente na denominação dada por Lázaro Martínez (1997), Mundina, Pombo e Ruiz (2007)⁴⁷ elaboram a denominação de *dimensões da ação tutorial*, discutida no âmbito das *V Jornadas de Investigación en Docencia Universitaria* na Universidade de Alicante-Espanha, conforme exposto no quadro a seguir:

⁴⁶ Optamos por utilizar o termo classificação, devido à complexidade de nomes que aparecem quando se refere aos tipos de tutoria.

⁴⁷ *Dimensión convergente de la tutoría en la universidad: Tutoría entre iguales*. Comunicação apresentada nas V Jornadas de Investigación en Docencia Universitaria, Universidade de Alicante, 2007.

Quadro 14 – Dimensões tutoriais⁴⁸

DIMENSÃO TUTORIAL	DESCRIÇÃO
Dimensão tutorial legal ou administrativa.	A legislação prescreve que todo professor universitário, com dedicação plena, reserve seis horas semanais a tutoria.
Dimensão tutorial acadêmica ou formativa.	Representa a ajuda que é oferecida ao aluno para que ele possa ter sucesso na vida acadêmica. Busca o desenvolvimento de certas capacidades, de modo a que o aluno, possa aplicá-los em seu trabalho, nas suas interações com os outros, permitindo-lhe ser mais independente e autônomo na sua aprendizagem.
Dimensão tutorial docente ou curricular.	Que interpreta a tutoria estritamente dedicada ao campo do currículo como conselhos sobre conteúdo e desenvolvimento do programa.
Tutoria entre iguais ou <i>peer tutoring</i> .	Seus antecedentes estão no ensino mútuo iniciado por Lancaster e repetido em várias experiências escolares. Este método goza de grande prestígio em muitas universidades por causa do nível de comunicação e grau de empatia que é conseguido entre pares de correspondência.
Dimensão Tutorial personalizada.	No nível pessoal e futuro profissional. No pessoal, o tutor fornece apoio especial em casos de dificuldades particulares e incorpora conselhos para o desenvolvimento educacional os estudantes. No campo profissional, presta assistência na criação de seu itinerário curricular e possíveis oportunidades de carreira.
Tutoria em período de práticas.	Que em certas carreiras (magistério, Medicina, Enfermagem etc.), goza de uma longa tradição; no entanto, nos outros, recentemente, tem sido introduzida nos respectivos programas. Nesta modalidade estão envolvidos os professores universitários e os tutores das práticas.
Tutoria a distância.	Própria do ensino não presencial.
Dimensão da tutoria como atenção à diversidade.	Dirigida a alunos com diferentes problemáticas, tais como devido às suas características pessoais e fenômenos sociais, econômicos e culturais, características do nosso tempo. É o caso de alunos com deficiência ou estudantes <i>Erasmus / Sócrates dimensão-equipe, Maiores de 23</i> , ⁴⁹ de outros países e culturas diferentes dimensões-sociocultural.
Tutoria telemática.	Este é o modo mais comum em tutoria a distância, mas não o único. A incorporação de novas tecnologias no ensino é uma boa oportunidade para incorporar novas ações de ação tutorial. É preciso realimentação formas potentes de comunicação entre os alunos e entre alunos e tutores.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A classificação abaixo diz respeito às funções tutoriais e foi apresentada em um Simpósio⁵⁰ no V Congresso Iberoamericano de Docência Universitária, no ano de 2008, por Carrasco-Embuela, Veiga-Simão, Rosado-Pinto, Flores-Fernandes, Giner-Gomis e Lapeña-Perez. Vejamos:

⁴⁸ É importante considerar que essas classificações são todas elaboradas de acordo com os contextos em que elas foram observadas, em sua maioria baseados em experiências ocorridas nos Estados Unidos, Inglaterra, Espanha, Portugal, dentre outros.

⁴⁹ Muitos países europeus, especialmente aqueles que fazem aderiram ao acordo proposto na Declaração de Bolonha, têm Programas de ingresso especial na universidade para aqueles que não tiveram oportunidade de acesso na idade certa.

⁵⁰ Simpósio *La perspectiva de los profesores sobre las concepciones y las prácticas de la acción tutorial en la educación superior* coordenado por Carrasco-Embuela, 2008 na Universidade de Alicante.

Quadro 15 – Funções Tutoriais

FUNÇÃO TUTORIAL	DESCRIÇÃO
Função tutorial legal ou funcional.	A legislação prescreve cada professor universitário em tempo integral (6 horas por semana).
Função tutorial acadêmica.	Que interpreta a tutoria como estritamente limitada aos campos científicos e acadêmicos. É uma assessoria sobre o conteúdo do programa, a orientação dos trabalhos, prestação de fontes bibliográficas e documentais etc.
Função tutorial docente.	Que assume a tutoria como uma forma de ensino. O trabalho mediante seminários, a preparação e o seguimento das práticas de um grupo de alunos... são várias formas de desenvolver esta dimensão educativa.
Tutoria entre iguais ou <i>peer tutoring</i> .	Seus antecedentes encontram-se no ensino mútuo e tem sido aplicada em muitas experiências, especialmente nas universidades anglo-saxônicas.
Tutoria personalizada.	Em que o aluno pede ajuda ao professor tutor no campo pessoal ou no campo profissional. É muito positivo, pois ele aborda as necessidades básicas e expectativas dos alunos e fornece-lhes orientações sobre estudos e profissões.
Tutoria colegial.	Que surge a partir de um grupo de professores que presta assistência a um grupo de estudantes e procede a um seguimento a partir dos grupos constituídos.
Tutoria virtual.	Que se apoia num ambiente formativo telemático, capaz de diversificar as fontes de conhecimento e de proporcionar ajuda aos alunos

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Percebemos que a categorização de Mundina, Pombo e Ruiz (2007) é muito semelhante à esta segunda, pois ambas trazem quase a mesma discussão. A primeira difere apenas na nomenclatura *Dimensão da tutoria a distância* (correspondente a tutoria virtual nessa segunda classificação) e na *Dimensão tutoria em período de práticas* e *Dimensão da tutoria como atenção à diversidade*, que não aparece nesta e que tem a *tutoria colegial* como diferenciação.

Outros autores preferem se referir a Modelos de Tutoria, como García Nieto (2008), Martínez Juárez e Pérez Cuso (2010), que afirmam existir muitas definições de tutoria que podem ser encontrados na literatura especializada. Independentemente do adjetivo que acompanha este conceito o autor nos diz que a tutoria deve fornecer informações e orientações o estudante nas seguintes áreas:

- **Acadêmica:** relacionada ao currículo, seleção de curso, aos títulos universitários, pós-graduação, mestrado, cursos de especialização;

- **Profissional:** relacionados com aconselhamento e assistência em matéria de integração no trabalho, Universidade de facilitação de ingresso na vida ativa, o estudo de ofertas e pedidos de emprego, estágios de exercício em empresas;

- **Pessoal:** foco na vida pessoal, familiar, psicológico, emocional, afetivo, que podem afetar direta ou indiretamente a aprendizagem dos alunos e desenvolvimento pessoal e profissional;

- **Social:** destina-se a questões informativas sobre ajuda e serviços universitários, diferentes tipos de bolsas de estudo, permanência no exterior e estudantes de intercâmbio, a mobilidade de estudantes;

- **Administrativa ou gestão:** focada em informações sobre os requisitos administrativos, registro, validações, uso de bancos de dados, biblioteca, serviços sociais, auxílio estudantil etc.

De forma semelhante, Argüis *et al.* (2002) também se referem a três dimensões e afirmam que muitos autores coincidem no que se refere às dimensões da ação tutorial:

1. *A orientação pessoal.* Tem como finalidade proporcionar ao aluno uma formação integral, facilitando-lhe seu auto – conhecimento, sua adaptação e a tomada de decisões refletida.
2. *A orientação acadêmica.* O tutor ajudará o aluno a superar as dificuldades relacionadas com os hábitos e as metodologias de estudo e com sua integração na sala de aula. No caso do IES que experimenta a reforma educativa, a ajuda acadêmica aos alunos consistirá na escolha de créditos variáveis para que seu currículo seja equilibrado e adaptado às suas necessidades e aptidões.
3. *A orientação profissional.* Pretende que o aluno consiga fazer uma escolha profissional e acadêmica de acordo com sua personalidade, suas aptidões e seus interesses. O tutor ajudará o aluno a se conhecer a si mesmo e a informar-se sobre os créditos e estudos existentes relacionados com o mundo profissional (ARGÜIS *et al.*, 2002, p. 20).

De acordo com os autores, faz-se necessário que esses objetivos sejam fundamentados em situações concretas, pois nelas é que os tutores, junto com toda a equipe, poderão buscar recursos e estratégias para traçarem o planejamento e a execução da ação tutorial.

Sem pretensões de nos alongarmos nas classificações, acreditamos que todas elas têm a sua pertinência, independente de nomenclaturas e que contribuem para compreender o que vem a ser um determinado tipo de tutoria. Nesse sentido, elaboramos um roteiro contendo elementos que consideramos importantes para registrar e conhecer qualquer tutoria:

- a) **Nomenclatura** (Que nome recebe?)
- b) **Iniciativa?** (Atitude espontânea ou Institucional? Autônoma, Pública ou privada? De quem parte a iniciativa? Um programa, uma política? Financiada ou voluntária?)
- c) **Dimensões/funções em que atua?** (Quais as suas características? Ela atende o tutorando no campo pessoal, profissional, acadêmico, administrativo?)
- d) **Fundamentos, Bases legais ou normativas** (Que teorias fundamentam? Existem leis, normas, manuais de orientação que regem essa tutoria?)
- e) **Razão ou motivo** (Por que existe necessidade de tal ação tutorial? Que motivações levaram à sua criação?)

- f) **Objetivos da tutoria** (Para que essa tutoria existe? Que tipo de problema ela visa solucionar? Os objetivos estão claros?)
- g) **Contexto em que se aplica a tutoria** (Onde? Contextos *macro*: observar o contexto econômico, político, cultural, social e educacional... ou em contexto *micro*: em uma escola, universidade, em hospitais, em uma comunidade, ambiente virtual, outros espaços...)
- h) **Atores que desempenham o papel de tutores** (Docentes ou não, outros profissionais, pessoas da comunidade)
- i) **Aspectos relativos à formação e prática do tutor** (competências exigidas do tutor, papel do tutor, formação e prática do tutor, a ação tutorial...)
- j) **Aspectos relativos ao tutorando** (Qual o seu papel na tutoria? O que se espera do tutorando? Quais as suas competências?)
- k) **Público-alvo** (alunos, imigrantes, professores em início de carreira...)
- l) **Forma de organização** *Número de pessoas*: se é individual ou em grupo; *Modo como é exercida*: em encontros presenciais, a distância; *Tempo necessário*: reuniões sistematizadas em períodos a longo ou curto prazo;
- m) **Planejamento e Avaliação** (de que modo ocorrem? Como ocorrem? Quem participa do planejamento e da avaliação?).

Dessa forma, acreditamos que a observância desses aspectos poderá trazer uma compreensão clara da tutoria ou da ação tutorial investigada e, conseqüentemente, a compreensão do papel que o tutor e o tutorando devem desempenhar.

A seguir, discutiremos sobre a necessidade da tutoria na educação superior.

3.1.2 A tutoria no contexto universitário contemporâneo

O retorno da tutoria na educação indubitavelmente passa pelo contexto europeu. De acordo com García Níeto (2008) a incorporação da tutoria no espaço universitário espanhol é recente em se comparando com as universidades anglo-saxônicas, americanas e britânicas. O mesmo ocorre com a tutoria nas Instituições de Ensino Superior em Portugal.

As mudanças ocorridas durante o século XX impulsionaram as universidades européias a incorporarem o Espaço Europeu do Ensino Superior (E.E.E.S.) e a repensarem sobre as novas configurações que essas instituições deveriam aderir para atender às demandas atuais. Seria necessário rever questões de ensino, de aprendizagem, de metodologias, de

avaliação, de gestão etc. e, junto com isso, forçar a universidade a repensar a tutoria como aliada.

García Nieto (2008) enumera alguns dos fatores que levam a considerar a dimensão tutorial como um elemento essencial para a universidade atual na Espanha. Entretanto, acreditamos que se adequam a todo o cenário europeu:

- a) A ampliação do número de alunos nas universidades levou à uma despersonalização do aluno que sente a sua identidade perdida em meio à massa, assim, o aluno precisa de um tutor representante da instituição a quem dirigida seus problemas e necessidades.
- b) A universidade foi se configurando como uma instituição complexa em todos os sentidos, no que diz respeito à sua estrutura e funcionamento, aos cursos ofertados, aos currículos, dentre outros aspectos e o estudante se sente um pouco perdido em tudo isso e precisam de alguém para orientar e ajudar a entender, a ser localizado no ambiente universitário e convenientemente escolher.
- c) O currículo universitário atual é um pouco aberto e suscetível a percursos educativos alternativos (multi-core, obrigatório, opcional, livre escolha, genérico) diante do qual devemos escolher e escolher corretamente e de forma rigorosa, o que é muito difícil sem aconselhamento especializado e tutela.
- d) São muitos os fatores que levam os estudantes a desistirem dos estudos ou não concluírem no prazo previsto, mudarem de carreira, ao aumento dos índices de repetência; em geral, os universitários não são orientados corretamente na escolha dos seus cursos. Um bom regime tutorial poderia aliviar esta situação.
- e) Os jovens que ingressam cada vez mais jovens na universidade, necessitam de desenvolver o nível de maturidade e autonomia.
- f) A lógica de competitividade da sociedade atual exige das Instituições de Ensino Superior um certo nível de qualidade, entendida não apenas como eficaz, mas também a eficiência e funcionalidade.
- g) Dificilmente A função tutorial da Universidade no contexto atual do ensino superior uma organização pode ser merecedor de qualidade se não satisfação é contemplado e estima do cliente, neste caso, o estudante universitário, coisa difícil, se não existe relações interpessoais e adequados proximidade, boa acolhida, apoio e comunicação. Ele pode ser função fundamental de um tutorial bem realizado.
- h) A universidade atual, como um filho fiel de seu tempo, está sujeita a sérios riscos e problemas do que ou os mesmos adultos são livres: abuso de drogas, AIDS, estresse e família abandono, dificuldades em encontrar trabalho, crises emocionais e (...) resposta emocional, novos canais de comunicação e a existência de profissionais que em um ponto trazer o bom conselho, ajuda oportuna e perto da empresa pode ser necessária.
- i) Outro fator lembrado foi uma mudança no perfil da média do estudante universitário espanhol, o que ocorre também em Portugal, como o aumento no número de mulheres que entram na universidade e com a incorporação de alunos mais velhos, no caso português, cabe lembrar aqui do acesso dos alunos Maiores de 23, dos alunos trabalhadores, dos imigrantes, enfim, de todos alunos que ingressam na educação superior por acesso especial. Esta diversidade aumenta à medida que a Aprendizagem ao Longo da Vida (LLL) e a mobilidade estudantil no EEES se tornam realidade a cada dia, assim, os processos de ensino e de aprendizagem assumem características diferenciadas e necessitam de tutoria.
- j) O conceito de crédito europeu ECTS (European Credits Transfer do System) como um tipo de unidade de avaliação ou medida do trabalho total do aluno, teórico e prático, o apoio a procura de aprendizagem que em grande parte tem que ser autónomo e que, sem a devida orientação, por parte dos professores, pode levar ao desperdício ou a falta de estudo de otimização do tempo (GARCIA NIETO, 2008, p. 29).

Todos esses fatores são apontados por Garcia Nieto (2008) como suficientes para justificar a existência da ação tutorial na educação superior e Zabalza (2011) considera que “todos esses aspectos têm [...] importantes repercussões no desenvolvimento da docência universitária” (ZABALZA, 2011, p. 26).

Embora essas considerações estejam se referindo ao contexto europeu, acreditamos que mudanças sofridas pelas universidades não ocorrem de modo isolado, quando se fala tanto em globalização, sistema, conexão, intercâmbio, troca de experiências, dentre outros termos que retratam o quadro mundial contemporâneo. Isto se dá devido às mudanças provocadas pela revolução informacional – que tem a internet como vedete, possibilitando a quebra de fronteiras – e pelas transformações científicas, que refletem no campo econômico, político, educacional, cultural etc. Portanto, as razões que trouxeram a tutoria de volta para as universidades européias não são idênticas às do Brasil. De todo modo, há algo em comum. O fato é que a sociedade capitalista é muito dinâmica, as coisas ocorrem muito rápido e as Instituições de Ensino Superior precisam refletir constantemente sobre a sua função social e de como sobreviver diante das contradições sociais e dos desafios que se lhe apresentam.

Sobre esse quadro Zabalza (2011) assinala que nos encontramos em meio à mudanças profundas tanto em relação à estrutura do ensino na universidade quanto no que se refere à sua posição e sentido social. O autor afirma que a universidade sempre esteve em processo de mudança de sua orientação e de sua projeção social, contudo,

essa dinâmica de adaptação constante essa dinâmica de adaptação constante às circunstâncias e às demandas da sociedade acelerou-se tanto [...] que é impossível um ajuste adequado sem uma transformação profunda das próprias estruturas internas das universidades. Estamos incorporando, em ritmo de marcha forçada, mudanças na estrutura, nos conteúdos e nas dinâmicas de funcionamento das instituições universitárias com o objetivo de colocá-las em condição de enfrentar os novos desafios que as forças sociais lhes obrigam a assumir (ZABALZA, 2011, p. 18).

Um dos maiores desafios que recaem sobre as IES do mundo inteiro é o desenvolvimento da qualidade dos seus cursos de graduação. No Brasil, esta inquietação cresceu principalmente em função da “ampliação das políticas governamentais de avaliação e acompanhamento dessas instituições” (MASETTO, 2010, p. 11)⁵¹, que exigem referenciais mínimos de qualidade como “a organização do currículo de um curso em suas diversas

⁵¹ O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004, analisa as instituições, os cursos e o desempenho dos estudantes. O processo de avaliação leva em consideração aspectos como ensino, pesquisa, extensão, responsabilidade social, gestão da instituição e corpo docente.

dimensões, assim como o desempenho docente competente se apresentam como indicadores fundamentais de qualidade” (*Idem*).

As IES precisam ter uma nova face sem perder de vista a qualidade do seu projeto de formação, que passa, sobretudo, pelo currículo, pelos processos de ensino e de aprendizagem, pela formação e pela prática docente, pela inserção da ação tutorial como prática pedagógica de suporte para este novo aluno. Se por um lado, nesse processo, percebemos a necessidade de que o aluno seja mais autônomo, por outro, observamos as exigências que se impõe ao professor da educação superior. De acordo com García Nieto (2008),

Dada a importância e a magnitude destas forças impressionantes presentes na sociedade de hoje, a Universidade deve saber enfrentá-los e manter-se à altura das circunstâncias, sabendo confrontá-los com uma espécie de novo currículo, com um tipo de aprendizagem diferente do que está acostumada ou até então, o uso da ação tutorial, no contexto atual de professor no ensino superior que deve caminhar no ritmo das mudanças, assimilando novos papéis. Ou seja, há necessidade de dotar os professores com um novo perfil profissional e humano, uma vez que lhes vão exigir competências, tarefas e funções diferentes, para as quais não pode haver improvisação ou boa vontade, quase sempre necessário, mas nunca o suficiente na educação. (GARCÍA NIETO, 2008, p. 37).

Dessa forma, a docência no ensino superior tem sido submetida a constantes transformações nos seus fundamentos teórico-metodológicos. Nesse contexto, a formação pedagógica assume um papel relevante e inquestionável para a aquisição de saberes e práticas indispensáveis à ação docente, principalmente para assumir novas atribuições, como a de ser tutor, que é o que discutiremos a seguir.

3.1.3 Desafios da docência e da tutoria na educação superior

Zabalza (2011) afirma que o elemento fundamental no desenvolvimento da docência no ensino superior são os professores e, considerando que as IES são instituições formativas, “ninguém deveria desprezar nem o papel dessa função primordial nem a importância daqueles que a exercem.” (ZABALZA, 2011, p. 104). Porém, indubitavelmente, os professores são obrigados a inovar e ampliar as suas práticas e a lutar pelo seu desenvolvimento profissional.

Normalmente, o professor do ensino superior era considerado como única fonte de conhecimento, transmissor de cultura e de conhecimento científico em profundidade, dotado de habilidade e competência, com capacidade para ensinar. O foco era dado ao ensino. Aos poucos, essa compreensão vai cedendo lugar para uma visão mais complexa, em que é dado

mais importância ao que os alunos aprendem de forma mais ativa, colaborativa, experimental e contextualizada (GARCÍA NIETO, 2008), envolvendo os alunos nas pesquisas, na produção de conhecimento, no desenvolvimento de estratégias e atividades apropriadas. Nesse contexto, o professor da educação superior deve, além de ter domínio dos conhecimentos específicos, ser um motivador e facilitador de recursos de aprendizagem, o que implica em uma mudança substancial no seu papel como professor e na sua formação pedagógica para atuar, também, como tutor, pois a tutoria exige conhecimentos específicos por parte dos professores e uma estrutura operacional própria (CARRASCO-EMBUENA *et al.*, 2008).

Quando nos referimos de modo específico à formação pedagógica do professor da educação superior afirmamos que o seu propósito maior é estimular a inovação, o sentido crítico e a criatividade para atender as novas necessidades dos alunos, dos próprios docentes e da instituição. Por essas razões, a formação deveria ser ofertada de forma diversificada nas diferentes IES, possibilitando respostas efetivas às demandas e dilemas pedagógicos enfrentados pelos professores no exercício profissional docente (LEITINHO, 2008). Todavia, apesar de esse problema ter uma dimensão institucional, “a normalização sobre a qualificação profissional é posta no âmbito individual, deixando que cada professor procure dar conta desse reclamo de forma isolada [...]” (LIMA, 2001, p. 6).

Se por um lado, percebemos a preocupação no Espaço Europeu, em formar o professor da educação superior para atuar nesse cenário, o modelo atual das IES no Brasil reflete um professor com poucas condições institucionais de se formar na docência superior. O sistema de avaliação da educação brasileira não deixa margem para interpretações, quando apresentam definidos os indicadores, tipos e *locus* onde incidirá tal avaliação, dentre os quais o ensino superior e a tutoria.

Por outro lado, fica evidente a ausência de uma política diretamente voltada para a formação dos professores do ensino superior e, muito menos, para tutores visto que essa é uma realidade que ainda não faz parte do cotidiano de todos os professores no ensino presencial das IES brasileiras – como parte integrante da atividade docente institucionalizada –, exceto no caso dos professores que atuam nos cursos a distância ou semipresenciais, e daqueles que são tutores em programas específicos como o PET.

Quando dizemos que ainda não é uma prática institucionalizada não negamos a sua existência, pois no Brasil muitos professores exercem ações tutoriais conforme é concebida na Europa. A diferença é que não é de forma sistematizada, mas acompanham e orientam os seus alunos em muitas situações para atendê-los em suas necessidades, exercendo as *dimensões* (LÁZARO MARTÍNEZ, 1997; MUNDINA; POMBO; RUIZ, 2007) ou *funções*

tutoriais apontadas anteriormente (CARRASCO-EMBUENA *et al.*, 2008). Considerando “a tutoria como uma acção de ajuda ou orientação ao aluno que o professor pode realizar além da sua própria acção docente e paralelamente a ela – não simultaneamente” (MARQUES, 2009, p. 20) daí alegarmos ser ela uma atividade diferente da docência.

Refletir sobre as *dimensões* ou *funções* tutoriais é pensar também sobre o papel do tutor, que vai sofrer variações de acordo com todos os tipos de tutoria a ser exercida, com os objetivos, o público-alvo etc. Portanto, apresentaremos algumas considerações do que os autores pensam de forma generalizada sobre o perfil, o papel do tutor e sobre as contribuições que a tutoria pode trazer para a educação superior.

No que se refere ao perfil do tutor sabemos também que é impossível traçar um único perfil devido à amplitude de papéis ou funções desempenhados por ele em diferentes cenários de atuação tutorial (MARQUES, 2009). De todo modo, entendemos que o tutor seja “resposta à realidade / necessidade que se lhe impõe, tendo a cada momento a resposta humana e profissional passível de dar.” (MARQUES, 2009, p. 23).

Lourenço (2012), a partir de análises realizadas sobre a prática tutorial, apresenta o tutor como:

peessoa à qual é atribuído o acompanhamento de um grupo de alunos ou de um aluno individualmente. O professor tutor assume um papel determinante no projeto educativo, tendo em conta que os seus objetivos se deverão nortear pela estimulação das capacidades e processos de pensamento, tomada de decisões e resolução de problemas do tutelado (LOURENÇO, 2012, p. 32).

Para que os objetivos de qualquer tutoria se cumpram é essencial que o tutor exerça bem o seu papel de orientação, pois ele é considerado como um guia e uma referência para o aluno. Pois “apesar de existirem diferenças nos objetivos, nos conteúdos, nas dimensões da estrutura organizativa dos diversos sistemas, a função do docente/tutor é essencialmente de promoção e de desenvolvimento” (VEIGA SIMÃO *et al.* 2008, p. 322).

Zabalza (2003) apresenta um quadro organizado por Almajano e Béltran sobre o papel dos tutores e o que eles devem ou não devem fazer no processo de tutoria.

Quadro 16 – Tarefas do tutor

SÃO TAREFAS DO TUTOR	NÃO SÃO TAREFAS DO TUTOR
<ul style="list-style-type: none"> - Orientação vocacional; - Orientação de capacidades; - Orientação regulamentar, curricular e acadêmica; - Orientação psicológica; - Ensinar a aprender e organizar o tempo; - Avaliar, processar e encaminhar solicitações legítimas; - Detectar necessidades, carências, acertos e transmiti-los ao alunado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ministras aulas particulares; - Criar falsas expectativas; - Aparentar ser amigo/a; - Ser um defensor incondicional; - Agir como de curto circuito entre o diálogo normal que deve existir entre aluno e professor; - Suprir as tarefas próprias do Professor Responsável ou das diferentes comissões; - Exercer função de psiquiatra ou de psicólogo se não possui formação para isso; - Comentar em público (sem nome) casos que poderiam ser identificáveis; - Resumindo: fazer o que não sabe ou ir “contra a natureza”.

Fonte: Almajano e Béltran (*apud* ZABALZA, 2003, p. 12).

Percebemos que, na visão dos autores referenciados, as tarefas do tutor estão focadas na orientação dos estudantes, visando o seu desenvolvimento integral. Entretanto, é importante alertar para as atividades que não são tarefas do tutor que são incompatíveis com a natureza da ação tutorial.

Muitas investigações sobre a tutoria como uma componente inerente à docência no ensino superior revelam que a ação tutorial traz contribuições para o estudante como a interação e o desenvolvimento integral do aluno nos aspectos intelectuais, emocionais, pessoais e sociais (CARRASCO-EMBUENA *et al.*, 2008).

De acordo com García Nieto (2008) a função tutorial para a educação superior é que ela também pode ser um valioso meio para impedir a fragmentação do processo educacional nas IES, concebendo-a como um processo global, e para favorecer uma educação integral do aluno, oferecendo-lhe uma formação acadêmica, científica, técnica e promovendo a sua maturidade pessoal e intelectual do aluno, contribuindo também para que a IES cumpra melhor a sua missão.

Zabalza (2003) fala da missão formativa das IES como um desafio, porém, não basta somente carta de intenção: é preciso que se converta em proposta de ação institucional, que é o que ele denomina de desenho curricular, ou projetos de formação nas diversas áreas de conhecimento, envolvendo as experiências, práticas, metodologias de ensino e de aprendizagem, definição do perfil profissional, competências docentes e discentes, ou seja, uma série de decisões sobre o projeto a ser adotado. Nesse sentido, faz-se necessário compreender melhor o que vem a ser o currículo para ampliarmos o entendimento sobre a tutoria dentro dessa missão formativa das IES.

3.2 Currículo: Campos Conceituais

É consensual entre muitos teóricos que o conceito de currículo é um dos mais controversos da área educacional e, por esse motivo, nos últimos anos, as discussões sobre currículo têm sido motivo de debates por professores e pesquisadores. Entretanto, ainda não há uma compreensão clara por parte da comunidade escolar no que diz respeito ao que vem a ser realmente o currículo (MACEDO, 2008).

Pensar em currículo como conceito e como campo de conhecimento não é algo que surge do nada. Existe uma alteridade histórica, que caracteriza o campo do currículo. Rasco (1994) considera um importante marco histórico nesse sentido. De acordo com o autor, a partir de 1918 – com os estudos empreendidos por Bobbit, na tentativa de sistematizar o seu sentido –, muitas outras investigações surgiram, o que gerou um grande número de concepções muitas vezes divergentes entre si.

Assim, ao termo currículo estão associadas muitas concepções que variam de acordo com as históricas de educação, as experiências curriculares e também de acordo com as influências teóricas vigentes neste dado momento histórico, pois, muitas vezes, as teorias são diversas e divergentes e cada uma traz uma visão sócio-política diferente sobre a educação, sociedade, conhecimento, escola etc.

Macedo (2008) nos alerta que neste exercício de conceituar o currículo devemos evitar uma polarização, que sai do reducionismo ao relativismo conceitual. Tampouco podemos reduzir o currículo aos conteúdos, nem podemos crer que tudo é currículo. Devemos ter cuidado com definições abrangentes demais de currículo. Sabemos que “ainda não existe um acordo totalmente generalizado sobre o que verdadeiramente significa” (MACEDO, 2008, p. 35). O autor ainda nos alerta que

Enquanto construção social, o currículo se configura na educação contemporânea, como um dos mais poderosos dispositivos educacionais. Nestes termos, o estudo do currículo passa a ser uma parte da teoria formativa que ultrapassa o mero domínio de um tema/ instrumento educacional. É, em realidade, uma maneira de, pela formação sociopedagógica, compreendermos como a educação do presente e suas políticas concebem, organizam, implementam, institucionalizam e avaliam os conhecimentos, configurados por conteúdos técnicos, éticos, políticos, étnico-culturais e estéticos eleitos como formativos (MACEDO, 2011, p. 15).

Moreira e Candau (2007, p. 18) nos mostram que diferentes fatores sociais, econômicos, políticos e culturais contribuem para que o currículo seja compreendido como: conteúdos, experiências, planos pedagógicos, objetivos a serem alcançados, processos de

avaliação, que terminam por influir nos conteúdos e nos procedimentos selecionados nos diferentes graus da escolarização.

Zais (1976 *apud* RASCO, 1994) afirma que o termo currículo é usado pelos especialistas de duas maneiras: para indicar um plano de ensino ou para identificar um campo de estudos. Neste primeiro sentido, o conceito de currículo adquire um significado prescritivo; no segundo, sentido, é tratado como um fenômeno digno de ser investigado.

Estes significados são dois dos três que Beauchamp (1972 *apud* RASCO, 1994) indica como legítimos do conceito de currículo. Além de ser um *documento escrito* (em que se determina os objetivos da ação e o conteúdo a ser estudado) e um *campo de estudo disciplinar*, o conceito de currículo pode ser usado também segundo Beauchamp (1981, p. 62) para indicar o *sistema curricular* (todos os processos e a estrutura organizativa através do qual é aplicado).

Tyler (1978) apresenta uma definição limitada que se equipara com um *curso de estudo*; por outro lado, também apresenta uma definição ampla em que o currículo é considerado como tudo aquilo que faz parte tanto do planejamento, como dos processos de o ensino e a aprendizagem de uma instituição educativa.

Rasco (1994) em sua obra faz uma investigação sobre as possibilidades semânticas presentes nas distintas acepções de currículo, na tentativa de compreender as implicações subjacentes a cada uma delas. Nesse sentido, o autor agrupa essas acepções da seguinte forma:

a) currículo como conteúdo

Um das formas mais usuais e historicamente mais relevantes que podemos encontrar. De acordo com Taylor e Richards (1979 *apud* RASCO, 1994), o currículo se refere ao conteúdo educacional. Ou ainda, segundo Engler (1970 *apud* RASCO, 1994), os termos “currículo” e conteúdo educacional indicam a mesma coisa, trata-se de um curso de estudo que se tem a seguir para adquirir uma determinada educação. Entretanto, muitos autores afirmam que o currículo também se refere ao conhecimento disciplinar ou as matérias escolares.

Taylor e Richards (1979 *apud* RASCO, 1994) também indicam que o currículo como conteúdo faz referência à experiência escolar. Entretanto, devemos observar que o conhecimento que o aluno tem, aquilo que ele aprende, nunca será devido somente ao

conteúdo selecionado, mas a todos aqueles significados, padrões de conduta, valores morais etc., que subjazem a experiência educativa.

Enfim, a compreensão de currículo como conteúdo (ou conhecimento cultural) representa umas das possibilidades mais generalizadas de entendê-lo. Sem dúvida nenhuma que todo currículo construído e ofertado tem que incluir um conhecimento cultural selecionado por seu valor educativo e social, mas um currículo construído só como conteúdo (conhecimento cultural) não atende às necessidades da escola.

b) currículo como planejamento

Em geral, quando o conceito de currículo significa planejamento, inevitavelmente se assume que nele vem resumido e estabelecido o marco dentro do qual se desenvolverá a atividade educativa de uma escola. Como afirma Beauchamp (1972 *apud* RASCO, 1994) um documento escrito no qual se representa uma meta a alcançar e a organização do programa educativo projetado para uma instituição escolar (BEAUCHAMP, 1981 *apud* RASCO, 1994).

Nesse segundo grupo, assim como ocorre no primeiro, o grau de especificação do termo também varia consideravelmente. Por exemplo, Pratt (1978 *apud* RASCO, 1994) afirma que o currículo é “um conjunto organizado de intenções educativas, onde se apresenta também o que deve ser aprendido e ensinado, os materiais, os métodos de ensino [...]” (PRATT, 1978 *apud* RASCO, 1994, p. 133). As intenções limitam o currículo a planos e anteprojetos, propósitos. Um currículo não são as atividades, senão as ideias usualmente escritas, previamente pensadas por alguém. Dizer que as intenções estão organizadas significa dizer que um currículo tem que mostrar a relação entre elementos tais, como fins, objetivos, avaliação, matéria, análise de custos etc. (PRATT, 1978 *apud* RASCO, 1994). Na mesma linha de argumentação Beauchamp (1981 *apud* RASCO, 1994) afirma que o currículo deve conter o seguinte:

a) Declarações sobre as intenções de usar o documento como um guia no planejamento de estratégias de ensino.

b) As declarações que descrevem os objetivos da escola para a qual o currículo foi concebido.

c) Um corpo de conteúdos curriculares para a realização dos objetivos.

d) As declarações sobre o regime de avaliação para determinar o valor e a eficácia do currículo e do sistema de currículo.

Inversamente a essa proposta, Hirst (*apud* RASCO, 1994) apresenta um currículo muito mais restrito: "O termo currículo, é claro, tem sido usado de muitas maneiras, mas me proponho a defini-lo como um programa de atividades destinadas a fazer os alunos por meio do Centro de Aprendizagem para alcançar determinados objetivos ou metas". E acrescenta: "Se o currículo é um plano que abrange atividades que visam atingir as metas é um plano que é, por sua vez, outros dois elementos, um conteúdo a ser utilizado, e os métodos a serem empregados para o Centro de aprendizagem." (HIRST *apud* RASCO, 1994, p.133).

c) O currículo como realidade interativa

Neste grupo, basicamente, o currículo é o que acontece com os alunos na escola, como resultado de que os professores fazem. Inclui todas as experiências educacionais que a escola é responsável (OLIVER, 1965 *apud* RASCO, 1994).

Esta abordagem assume implicitamente que, em última análise, um currículo é uma construção feita entre professores e alunos, e em geral, a criação ativa de todos os envolvidos direta e indiretamente na vida da escola (CORNELLY; CLANDININ, 1992 *apud* RASCO, 1994).

Após descrever os três significados fundamentais do currículo que aparecem na literatura, Rasco (1994) relaciona essas ideias com o que ele denomina de dimensões básicas da nossa razão: *representação* e *ação*. De acordo com o autor, a primeira dimensão é a capacidade que temos de representar o mundo, explicar, analisar, formular teorias, entender e interpretá-lo em palavra; no segundo, a ação se refere à capacidade de agir sobre o mundo para transformá-lo. Essas duas dimensões constituem a estrutura básica de nossa racionalidade, que vai depender da forma como entendemos a representação e o tipo de ação que queremos aceitar como racional. Portanto, o currículo se refere tanto à representação quanto à ação e integra aspectos prescritivos aos aspectos interativos num contexto determinado e determinante (RASCO, 1994).

Rasco (1994) questiona sobre a relação entre as dimensões da racionalidade e os significados de currículo. Ele nos diz que ao ser definido como uma seleção de conteúdo cultural, estamos colocando o conceito, a dimensão da representação. Quer dizer que o currículo projeta uma representação específica da cultura.

Ao aceitar que um currículo é um planejamento também estamos construindo uma representação; mas, neste caso, representa uma possível ação, ou ação que gostaríamos que

existisse nas escolas. Aqui, portanto, podemos falar claramente do currículo como "representando a ação".

Por fim, a ideia de currículo como realidade interativa significa colocar este conceito em ação, pois trata-se do processo de ensino, onde o currículo é essencialmente a ação e a prática educativa.

3.2.1 Os atos de currículo

Conforme vimos anteriormente, muitos elementos além dos conteúdos passam a ser considerados quando se fala em currículo. Na percepção de Moreira e Candau (2007) currículo escolar representa “um conjunto de práticas que propiciam a produção, a circulação e o consumo de significados no espaço social e que contribuem, intensamente, para a construção de identidades sociais e culturais” (MOREIRA; CANDAU, 2007, p. 28). Nesse sentido, compreendemos o currículo escolar como um artefato cultural e dos atos de currículo concebidos como dispositivo de grande efeito no processo de construção identitária dos/das estudantes.

Nesta mesma perspectiva, Sacristán (2000, p. 61) nos diz que o currículo seria esta ligação entre a “cultura e a sociedade exterior à escola e à educação; entre o conhecimento e cultura herdados e a aprendizagem dos alunos; entre a teoria (idéias, suposições e aspirações) e a prática possível, dadas determinadas condições”.

Percebemos que o currículo deixou de ser uma área visto apenas como técnica, principalmente após a década de 1960, quando as teorias críticas do currículo “efetua uma completa inversão nos fundamentos das teorias tradicionais” (SILVA, 2011, p. 29), que se restringiam apenas à atividade técnica do “como” fazer o currículo. Barbosa (2005) ressalta que embora as questões relacionadas ao “como” tenham a sua importância, só adquirem significado se forem vistas numa perspectiva que levante questionamentos sobre o “por quê” das estruturas de como o conhecimento escolar encontra-se organizado.

As teorias críticas⁵² questionam de forma radical os arranjos educacionais existentes e as formas de conhecimento, pois são teorias que nos fazem perguntar, desconfiar, desejar uma transformação. Nessa perspectiva, Sacristán (2013) nos diz que

⁵²Teorias que trazem à tona discussão sobre poder, ideologia, resistência, questões não discutidas pela teoria tradicional. Destacamos teóricos como: Althusser; Bourdieu e Passeron; Baudelot e Establet; Berstein; Michael Young; Bowles e Gintis; Pinar; Apple e Giroux. Conferir ainda Silva (2011).

O pensamento sobre o currículo tem de desvelar sua natureza reguladora, os códigos por meio dos quais ele é feito, que mecanismos utiliza, como é realizada essa natureza e que consequências podem advir de seu funcionamento. Porém, não basta de deter a isso. Também é preciso explicitar, explicar e justificar as opções que são tomadas e o que nos é imposto; ou seja, devemos avaliar o sentido do que se faz e para o que o fazemos (SACRISTÁN, 2013, p. 23).

As discussões das teorias críticas foram ampliadas pelas teorias pós-críticas⁵³, que introduzem novos conceitos como o de multiculturalismo, que representa um importante instrumento de luta política, pois ele remete à seguinte questão: o que conta como conhecimento oficial? O multiculturalismo e a diversidade fazem perceber que a igualdade não se obtém simplesmente através da igualdade de acesso ao currículo hegemônico, sendo preciso realizar mudanças substanciais do currículo existente (SILVA, 2011). Assim, estas teorias trouxeram à tona a discussão sobre poder, ideologia, resistência, questões não discutidas pela teoria tradicional.

A perspectiva pós-crítica preocupa-se, sobretudo, com as práticas sociais éticas, observando as intenções educacionais diretas e indiretas para influenciar pedagogicamente as pessoas em diferentes espaços, seja dentro ou fora dos muros escolares.

Silva (2011) ressalta que com as teorias pós-críticas outros elementos passaram a ser preocupação dos estudos curriculares como: identidade; alteridade; diferença; subjetividade; significação e discurso; saber-poder; representação; raça; gênero; etnia; sexualidade; cultura e multiculturalismo.

Nos últimos anos estudiosos da educação vêm apresentando preocupações sobre as relações entre currículo e cultura (MOREIRA, 2002). Isto se deve à preponderância da esfera cultural na organização social contemporânea, bem como na teoria social. Stuart Hall (1997) confirma este fato dizendo que “a cultura é agora um dos elementos mais dinâmicos – e mais imprevisíveis – da mudança histórica no novo milênio.” (HALL, 1997, p. 97).

A manifestação da pluralidade cultural está presente em todos os espaços sociais, dentre eles, a escola. Entretanto, de acordo com Moreira (2002), “essa pluralidade frequentemente acarreta confrontos e conflitos, tornando cada vez mais agudos os desafios a serem enfrentados pelos profissionais da educação” (MOREIRA, 2002, p. 20). Estes conflitos se devem a outro elemento forte, que é a relação entre cultura e poder, o que nos permite perceber que as estruturas curriculares são dispositivos de saber-poder eficientes na constituição de sujeitos sociais, de novas identidades, de reconhecimento desta pluralidade

⁵³Referimo-nos às teorias que abordam dentro do currículo as discussões étnicas, raciais, de gênero, culturais e discursivas (SILVA, 2011).

cultural. E, como o próprio autor sugere, é uma oportunidade que a escola tem de enriquecer a sua proposta pedagógica, bem como a prática docente.

Dentro dessa visão pós-crítica de currículo, o conceito de pluralidade cultural – um dos fios condutores da discussão sobre os *atos de currículo* – é que nos conduz a um questionamento sobre o papel da educação e da escola/universidade diante da diversidade cultural e social, que configuram a sociedade contemporânea. Faz-se necessário enxergar a diversidade de “matizes” culturais presentes na sala de aula, que constituem as diferenças de ritmo de aprendizagem, de gênero, de raça, de religião, de sexualidade etc.

Estes são apenas alguns pontos de reflexão sobre a diversidade na sociedade e na escola, mas o que vale ressaltar é que literalmente estamos assistindo um quadro contemporâneo de processos de discriminação e racismo, de exclusão social e cultural que se agravam a cada dia, gerando segregações e, conseqüentemente, conflitos, diversas formas de violência entre grupos e pessoas, movidas por questões de classe, de gênero, religião, etnia, sexualidade, entre outras.

Daí o caráter urgente em refletir sobre as nossas representações sociais, que fazemos dos outros, sobre as formas com que lidamos com essas diferenças. E esse deve ser um exercício diário na sociedade atual. Macedo nos diz que antes de aplicar os modelos curriculares, como solução pra remediar situações de formação, devemos antes pensar nas reais necessidades dos grupos sociais envolvidos e nos seus contextos (MACEDO, 2013). Desse modo, possibilitamos que as práticas curriculares sejam construídas por “processos intercíticos” e os atos de currículo se constituirão em atos de *justiça curricular*, que é

o resultado da análise do currículo que é elaborado, colocado em ação, avaliado e investigado levando em consideração o grau em que tudo aquilo que é decidido e feito em sala de aula, respeita e atende às necessidades e urgências de todos os grupos sociais; lhes ajuda a ver, analisar, compreender e julgar a si próprios como pessoas éticas, solidárias colaborativas e corresponsáveis por um projeto de intervenção sociopolítica mais amplo destinado a construir um mundo mais humano, justo e democrático (SANTOMÉ, 2013, p. 9).

A justiça curricular diz respeito às ações socialmente implicadas na construção de uma cidadania. É uma percepção e uma ação que contradiz aos silenciamentos e exclusões presentes na história do currículo. Muitas vezes tentamos eliminar as diferenças, procurando a conciliação sem questionamento, como se o diferente tivesse que ser aceito sem se questionar a origem desta diferença. Sobre essa questão, Giroux (1995) alerta que

[..] os/as educadores não poderão ignorar, no próximo século, as difíceis questões do multiculturalismo, da raça, da identidade, do poder, do conhecimento, da ética e do trabalho que, na verdade as escolas já estão tendo que enfrentar. Essas questões exercem um papel importante na definição do significado e do propósito da escolarização, do que significa ensinar e da forma como os/as estudantes devem ser ensinados/as para viver em um mundo que será amplamente globalizado, *high tech* e racialmente diverso que em qualquer outra época da história (GIROUX, 1995).

Nesse contexto, muitos são os desafios que se nos apresentam no campo do currículo, como: o reconhecimento da diversidade; a inserção de grupos excluídos; a valorização do acervo de cultura do aluno; a articulação entre elaboração de propostas curriculares no âmbito das políticas públicas e a realidade escolar; e, principalmente, a vivência de prática participativa na construção do currículo.

Sacristán (2000, p. 101) nos diz que o currículo “é um objeto que cria em torno de si campos de ação diversos, nos quais múltiplos agentes e forças se expressam em sua configuração, incidindo sobre aspectos distintos”. Corroborando com esse pensamento, devemos, pois, nos perceber como *atores curriculantes*, concebidos como aqueles que a partir de sua posição política encontram-se envolvidos com as questões curriculares, que estão numa interatividade e numa incessante atribuição de sentidos – os atos de currículo –, legitimando a própria dinâmica da vida cotidiana (MACEDO, 2013). Sobre isso Macedo (2013) nos diz:

se formos de alguma forma, criadores de atos de currículo, somos, portanto, curriculantes. A mãe de um aluno da Educação Infantil que solicita satisfações à coordenadora ou à professora sobre o que seu filho está aprendendo; o professor que reflete sobre os assuntos e atividades pertinentes para mediar certo conhecimento eleito como formativo; o formado que questiona a importância do conhecimento proposto pelo currículo como importante para a sua vida; o mais alto especialista que é contratado para fazer e orientar grandes políticas públicas de currículo; o trabalhador que negocia nas tensões das relações capital-trabalho as propostas de formação para o trabalho e a formação profissional; os movimentos sociais que, ao propor conhecimentos para suas formações, protagonizam de forma crítica concepções e implementações curriculares, são todos, absolutamente todos, curriculantes. Eles instituem, portanto atos de currículo, ou seja, do lugar dos seus interesses e posicionalidades produzem atos de currículo (MACEDO, 2013, p. 30).

O autor concebe que os “atores sociais indexalizados”⁵⁴ e “implicados”⁵⁵ a seus contextos socioculturais podem alterar⁵⁶ as cenas curriculares e, uma vez que estes se

⁵⁴ O conceito de *indexalização* das ações, caro à etnometodologia, às nossas etnopesquisas e estudos curriculares, nos fala da impossibilidade de se compreender qualquer ação humana se não enraizada nas suas bacias semânticas, ou seja, na dinâmica relacional do seu contexto sociocultural.

⁵⁵ A *implicação*, como conceito, explicita os vínculos que constituímos e ao mesmo tempo nos constituem, quando nos relacionamos e subjetivamos nossas realidades com esses vínculos. É a forma pela qual nossa existência se implica e é implicada a crenças, desejos, projetos, conscientes ou não.

⁵⁶ A ideia da *alteração* foi cunhada por Jacques Ardoino. Afirma o *outro* não somente como *alteridade*, mas também, e fundamentalmente como condição para nos alterar. Essa ideia está totalmente entretida à

apropriem de conceitos culturalmente significativos, podem constituir “autorizações”⁵⁷, ou seja, podem se tornar coautores dos seus processos de aprendizagem (formação) pelos seus *atos de currículo* (MACEDO, 2011; 2013). Desse modo, apropriando-se dos conceitos culturais significativos, tornam-se criadores de sentido e não somente portadores ou reprodutores: são sujeitos sociais que exercitam autonomizações curriculantes (MACEDO, 2013). Assim, os atos de currículo são entendidos como toda ação socioeducacional através da qual o currículo é corporificado.

os atos de currículo, neste caso, são compreendidos como toda e qualquer ação sócio-educacional. O currículo não se completa nem se confunde com os programas de curso, os conteúdos selecionados ou as disciplinas que compõe a matriz curricular. Os atos de currículo se traduzem, justamente, no conjunto de ações que possibilita conexões com o social de modo relacional. Por isto, a pertinência dos estudos de currículo não está apenas em compreender o que o currículo ou como ele se faz, mas sim em compreender os efeitos dos atos de currículo na vida dos sujeitos escolarizados. Não é por outra razão, que em muitos estudos da área, se depreende o sentido do currículo como artefato vivencial que engloba as diversas formas de aprendizagem que o sujeito obtém como consequência de estar sendo escolarizado (GOMES, 2012, p. 27).

Essa compreensão por parte da comunidade escolar do que vem a ser os atos do currículo, e do papel que cada um exerce, faz-nos ver com mais clareza a lógica que está por traz de cada construção curricular. Faz-nos, inclusive, compreender a sua complexidade, que está relacionada ao mundo do trabalho e da produção, e que temos um papel na dinâmica de sua elaboração, contradizendo ao currículo uniforme e imposto.

Olhando sob esta ótica das teorias pós-críticas e da visão etnometodológica dos atos de currículo, estabelecemos uma relação do currículo com a tutoria, percebendo que a sociedade se complexifica e o mundo do trabalho exige novas aprendizagens docentes para que elas impliquem em um repertório de posturas na prática do profissional, e consequentemente na ação tutorial, há um movimento cíclico de retorno para o currículo. Os tutores e os tutorandos em sua ação ao proporem atividades que trabalham questões emergentes na sociedade como gênero, sexualidade, trabalho, diversidade, informação, tecnologias, saúde, enfim, ou outras pertinentes à atuação da sua área nos diversos contextos sociais, já estão sendo atores curriculantes, provocando reflexões e mudanças na forma de perceber o currículo do seu curso.

experiência da *negatricidade*, que é o movimento pelo qual, em não sendo o mesmo, todo ator social pode contrariar expectativas postas e desjogar o jogo do outro (ARDOINO, 2012).

⁵⁷ O conceito de autorização, também cunhado por Jacques Ardoino, implica em processos onde nos constituímos coautores de nós mesmos, via nossa ineliminável negatricidade (ARDOINO, 2012).

4 ANÁLISE DO CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO E SUA RELAÇÃO COM A TUTORIA

Neste capítulo apresentaremos os dados de contexto relativos aos contextos em que surgiram os dois Programas investigados: PET/Brasil e PTM23/Portugal.

Trazemos algumas discussões pertinentes no que diz respeito ao Ensino Superior no Brasil ao longo da história, com destaque para a Reforma Universitária⁵⁸ e para criação do Programa Especial de Treinamento (PET), em 1979, pois é nesse momento em que surgem com mais força as discussões sobre indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, objetivo primordial desse programa. Depois trazemos a alteração de nomenclatura e para o Programa de Educação Tutorial (PET). Em seguida, contextualizamos um pouco do Programas na Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Em um segundo momento, apresentamos algumas transformações ocorridas na universidade em Portugal, que proporcionou a criação da modalidade de acesso ao Ensino Superior denominado Maiores de 23 e, conseqüentemente, o Programa de Tutorias Maiores de 23 (PTM23) na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FP/ UL).

Veremos que as transformações ocorridas na Educação Superior no Brasil e na Europa estão relacionados às mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais que ocorrem no mundo. Vale mencionar o Relatório para a UNESCO⁵⁹ da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, 1993, coordenada por Jacques Delors, que traçou os pilares que sustentam a Educação ao Longo da Vida: *aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a viver juntos*, que nos fazem refletir sobre os conflitos da educação perante a sociedade contemporânea (DELORS, 1998). Também o Processo de Bolonha, 1999, que propunha reestruturação educacional, ambas repercutiram na formas de ensinar e de aprender, na flexibilidade do ensino, nas formas de avaliar e gerir a educação, o que recai sobre a função social da escola e da universidade. É nesse contexto que são criados ou reestruturados os programas de tutoria como o PET e o PTM23, dentre outros que surgem em atendimento às exigências das demandas sociais em virtude desse cenário internacional.

⁵⁸ Ocorrida com a Lei 5.540 de 1968.

⁵⁹ Relatório que escrito sob a forma de um livro denominado *Educação um tesouro a descobrir*, organizado pelo Jacques Delors, editado no Brasil pela Cortez Editora em 1998.

4.1 Dados de Contexto do Campo Social da Pesquisa I- Programa de Educação Tutorial- PET

Neste tópico apresentamos os aspectos históricos e legais que antecedem e estão relacionados à criação do PET no Brasil.

4.1.1 Antecedentes históricos e legais da criação do PET no Brasil

Se realizarmos um estudo sobre a História do Brasil Colonial, e se compararmos esta colônia portuguesa com os países colonizados pela Espanha, veremos que o Ensino Superior no Brasil chegou tardiamente. Assim, “os filhos da elite colonial portuguesa, considerados portugueses nascidos no Brasil, tinham de se deslocar até a metrópole.” (SOARES, 2002, p. 32).

Somente em 1808, com a chegada da Família Real para o Brasil, é que foi criado em Salvador o curso de Cirurgia, Anatomia e Obstetrícia, que fora solicitado por burgueses locais, que dariam um suporte financeiro significativo para a criação de uma universidade do Brasil, onde os seus filhos pudessem estudar. Depois, com a transferência da Corte para o Rio de Janeiro, foram criados uma Escola de Cirurgia, além de Academias Militares e a Escola de Belas Artes, o Museu Nacional, a Biblioteca Nacional e o Jardim Botânico. Assim,

No período imperial, apesar das várias propostas apresentada, não foi criada uma universidade no Brasil. Isto talvez se deva ao alto conceito da Universidade de Coimbra, o que dificultava a sua substituição por uma instituição do jovem país. Assim sendo, os novos cursos superiores de orientação profissional que se foram estabelecendo no território brasileiro eram vistos como substitutos à universidade (SOARES, 2002, p. 32).

A criação da primeira universidade brasileira ocorreu em 1920, pelo Decreto n° 14.343. A Universidade do Rio de Janeiro (UERJ) foi uma reunião administrativa de Faculdades profissionais já existentes e priorizava o ensino em detrimento da pesquisa, mantendo a autonomia das faculdades.

Em 1916 foi criada a Academia Brasileira de Ciências. Soares (2002) nos lembra que “nesses círculos acadêmicos, eram debatidas questões referentes à pesquisa e ao ensino superior no Brasil.” (SOARES, 2002, p. 33). E em 1924 foi criada a Associação Brasileira de Educação (ABE), que insistiu neste debate publicando uma obra que reunia entrevistas de professores do ensino superior de vários estados brasileiros. Essa discussão culminou na

produção de uma obra intitulada *O problema universitário brasileiro* (1929).⁶⁰ Vale lembrar que esses debates visavam, dentre outras questões, a inserção da pesquisa e da prática de extensão como núcleos da universidade.

A década de 1930 representou um período de grande desenvolvimento urbano industrial e, conseqüentemente, aumentou a demanda pelo ensino superior no Brasil. Getúlio Vargas criou o Ministério da Educação e Saúde Pública (MESP) e teve como primeiro titular o ministro Francisco Campos, cuja reforma normatizava o ensino superior e definia as suas finalidades. Com a aprovação do Estatuto das Universidades Brasileiras houve a definição de que a instituição poderia ser pública federal, estadual ou municipal, consideradas oficiais, mas também poderiam existir as instituições livres, ou seja, as particulares. Também deveria incluir três dos seguintes cursos: Direito, Medicina, Engenharia, Educação, Ciências e Letras. Essas faculdades seriam ligadas, por meio de uma reitoria, por vínculos administrativos, mantendo, no entanto, a sua autonomia jurídica (SOARES, 2002).

Sobre o Estatuto das Universidades Brasileiras, Fávero (2006) aponta que:

Analisando-se o Estatuto das Universidades Brasileiras, outras questões merecem registro. A primeira refere-se à integração das escolas ou faculdades na nova estrutura universitária. Pelo Estatuto, elas se apresentam como verdadeiras “ilhas” dependentes da administração superior. Outra questão relaciona-se à cátedra, unidade operativa de ensino e pesquisa docente, entregue a um professor. No Brasil, os privilégios do professor catedrático adquiriram uma feição histórica, apresentando-se o regime de cátedra como núcleo ou alma mater das instituições de ensino superior. E mais, a idéia de cátedra contida nesse Estatuto ganha força com as Constituições de 1934 e 1946, subsistindo até 1968, quando é extinta na organização do ensino superior, mediante a Lei nº 5.540/68 (FAVERO, 2006, p. 24).

Em 1934, foi criada a Universidade de São Paulo, que também se tratava da reunião de várias faculdades independentes, e fora denominada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Entretanto, Soares afirma que “na esfera organizacional, “a idéia inovadora foi fazer, da nova Faculdade de Filosofia, o eixo central da universidade, que viria a promover a integração dos diversos cursos e das atividades de ensino e pesquisa” (SOARES, 2002, p. 36). Entretanto, a concretização desse plano de integração não se concretizou em grande parte devido à resistência das faculdades tradicionais, que não abriam mão de selecionar e formar os seus alunos, desde o ingresso até a formatura.

Apesar da tendência centralizadora, que marcou as decisões políticas de Vargas a partir de 1935, neste ano foi criada a Universidade do Distrito Federal (UDF), fundada no Rio

⁶⁰ ABE - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. *O Problema Universitário Brasileiro*. Rio de Janeiro: A Encadernadora S.A., 1929.

de Janeiro, capital da República, pelo Decreto Municipal nº 5.513/35, que contou com apoio e insistência de Anísio Teixeira. Devido a uma série de problemas, essa Universidade é extinta e seus cursos transferidos para a Universidade do Brasil (UB), em 1939, por meio do Decreto nº 1.063, de 20 de janeiro. “Em nome da disciplina e da ordem, o Ministro Capanema encaminha ao Presidente exposição de motivos que acompanha esse decreto, justificando, diria, a destruição da UDF.”⁶¹ (FAVERO, 2002, p. 36).

A partir de 1945, o ensino superior sofre uma expansão, principalmente no que concerne ao ensino e à pesquisa, com a criação do CNPq e da CAPES em 1951, e da criação de muitas universidades federais e incentivo à criação das instituições privadas. No Ceará, em dezembro de 1954, foi criada a Universidade do Ceará pela Lei 2.373. E, constavam ao “final da década de 1950 (...) 21 universidades e mais de cem instituições de ensino superior” (ROSSATO, 2005, p. 144).

A década de 1960 foi marcada pela emergência e predominância da concepção educacional produtivista, que atribuía à educação importante papel no desenvolvimento e consolidação das relações capitalistas. Este pensamento era fundamentado na Teoria do Capital Humano, sendo incorporada à legislação por meio dos princípios da racionalidade, eficiência e produtividade. Também foi um período de efervescência de movimentos de luta de diversos setores da sociedade, que se rebelaram contra a Ditadura e que foram reprimidos pelo Ato Institucional n. 05. Vale lembrar que muitos professores, artistas, dentre outros foram exilados nessa época por serem considerados rebeldes.

Em 1961 tivemos a nossa primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a Lei 4.024/61, que não trouxe muitas mudanças para o ensino superior e manteve uma maior preocupação com o ensino do que com a pesquisa (SOARES, 2002). Essa questão vai ganhar espaço nos fóruns acadêmicos, que discutiam sobre a modernização do ensino superior, bem como nas reuniões da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e também nas revistas científicas da época, onde muitos – em fóruns acadêmicos, como as reuniões da Sociedade – defendiam os modelos alemão ou norte-americano para as universidades brasileiras e que estas instituições se voltassem mais para a pesquisa.

Em 1961, ocorreu também a transferência da capital federal do Rio de Janeiro para Brasília, o que propiciou a criação de uma universidade, que atendia aos objetivos econômicos nacionais desenvolvimentistas da época e seguia os moldes norte-americanos, a Universidade de Brasília (UNB). De acordo com Soares os principais objetivos desta

⁶¹ Cf.: GC 36.09.18, doc.13, Série G, CPDOC/FGV.

universidade eram “o desenvolvimento de uma cultura e de uma tecnologia nacionais” (SOARES, 2002, p. 38). Ressaltamos que esta foi a primeira universidade brasileira que não foi criada pela aglutinação de faculdades já existentes.

Nesse contexto de debates em busca da modernização da universidade, não podemos deixar de falar sobre o fortalecimento do movimento estudantil através da União dos Estudantes (UNE).

Dos seminários e de suas propostas, fica evidente a posição dos estudantes, através da UNE, de combater o caráter arcaico e elitista das instituições universitárias. Nesses seminários são discutidas questões relevantes como: a) autonomia universitária; b) participação dos corpos docente e discente na administração universitária, através de critério de proporcionalidade representativa; c) adoção do regime de trabalho em tempo integral para docentes; d) ampliação da oferta de vagas nas escolas públicas; e) flexibilidade na organização de currículos (FÁVERO, 1994, p. 150-151).

Fávero (2006) afirma que neste período foram elaborados por algumas universidades uns planos de reformulação estrutural, que resultaram em um documento que gerou as Diretrizes para a Reforma da Universidade do Brasil aprovadas em junho de 1963. Entretanto, com o golpe militar de 1964, quaisquer formas de expressão democrática foram impossibilitadas. Soares (2002) destaca algumas medidas oficiais durante esse período que são: o plano de assistência técnica estrangeira, consolidado pelos acordos MEC/USAID⁶²; o Plano Atcon (1966)⁶³; e o Relatório Meira Mattos (1968).⁶⁴

De acordo com Saviani (2007) tem início uma nova etapa para o ensino superior no Brasil, no ano de 1969, quando entra em vigor a reforma universitária instituída pela Lei 5.540, de 28 de novembro de 1968 e quando foi aprovado o Parecer CFE n. 77/69, que regulamentou a implantação da Pós-Graduação[...] (SAVIANI, 2007, p. 363).

⁶² A intervenção da USAID na América Latina se processa de modo integrado, nos anos 60, em várias áreas e sob três linhas de atuação: assistência técnica; assistência financeira, traduzida em recursos para financiamento de projetos e compra de equipamentos nos EUA, além da assistência militar, concretizada pela vinda de consultores militares norte-americanos ao Brasil e do treinamento de militares brasileiros nos Estados Unidos, assim como do fornecimento de equipamentos militares (FÁVERO, 1994, p. 152-153).

⁶³ Plano ATCON - documento que resulta de estudo realizado pelo consultor americano Rudolph Atcon, entre junho e setembro de 1965, a convite da Diretoria do Ensino Superior do MEC, preconizando a implantação de nova estrutura administrativa universitária baseada num modelo cujos princípios básicos deveriam ser o rendimento e a eficiência.

⁶⁴ Decreto nº 62.024 de 1967, que cria uma comissão especial presidida pelo General Meira Mattos, com as finalidades de: “a) emitir pareceres conclusivos sobre reivindicações, teses e sugestões referentes às atividades estudantis; b) planejar e propor medidas que possibilitassem melhor aplicação das diretrizes governamentais no setor estudantil; c) supervisionar e coordenar a execução dessas diretrizes, mediante delegação do Ministro de Estado”. Do relatório final dessa Comissão, algumas recomendações também vão ser absorvidas pelo Projeto de Reforma Universitária, como o fortalecimento do princípio de autoridade e da disciplina nas instituições de Ensino Superior.

O país vivia um período de Ditadura Militar marcado por muitas tensões estudantis e por reformas no ensino superior, que eram debatidas apenas nos gabinetes. Nesse contexto, o governo criou um Grupo de Trabalho (GT), no âmbito do Conselho Federal de Educação (CFE), liderado por Valnir Chagas, que elaborou um parecer sobre “Reestruturação das Universidades Brasileiras”.

O clima era de tensão, pois enquanto os universitários e os professores reivindicavam a abolição da cátedra, mais verbas para desenvolver pesquisa, autonomia universitária e mais vagas para ampliar a atuação da universidade, os grupos adeptos ao poder militarista buscavam vincular o ensino superior ao projeto de modernização consonante com o capitalismo internacional.

O GT da Reforma Universitária procurou atender à primeira demanda proclamando a *indissociabilidade entre ensino e pesquisa* [Grifo meu], abolindo a cátedra, instituindo o regime universitário como forma preferencial de organização do ensino superior e consagrando a autonomia universitária, cujas características e atribuições foram definidas e especificadas. Em contrapartida, procurou atender à segunda demanda instituindo o regime de créditos, a matrícula por disciplina, os cursos de curta duração, a organização fundacional e a racionalização da estrutura e do funcionamento (SAVIANI, 2007, p. 372).

Mais tarde, os dispositivos que não estavam em consonância com os ideais militares foram vetados pelo presidente, principalmente o que diz respeito à autonomia universitária. Portanto, a Reforma Universitária, Lei 5.540/68, teve como principais estratégias: a substituição do vestibular seletivo pelo classificatório; a reforma dos currículos, que visava uma maior flexibilização dos cursos de graduação; a matrícula por disciplinas, que correspondia ao sistema de créditos; a divisão dos campi estudantis por área do conhecimento; a existência de departamentos, cuja chefia deveria ser de caráter rotativo; a autonomia das universidades, dentre outras. Vejamos os três primeiros artigos dessa lei:

Art.1º O ensino superior tem por objetivo a pesquisa, o desenvolvimento das ciências, letras e artes e a formação de profissionais de nível universitário.

Art. 2º O ensino superior, indissociável da pesquisa, será ministrado em universidades e, excepcionalmente, em estabelecimentos isolados, organizados como instituições de direito público ou privado.

Art. 3º As universidades gozarão de autonomia didático-científica, disciplinar, administrativa e financeira, que será exercida na forma da lei e dos seus estatutos (BRASIL, 1968).

O ensino e a pesquisa aparecem aqui como indissociáveis. De acordo com Soares (2002), com o estabelecimento do regime de tempo integral e a dedicação exclusiva dos professores, além da valorização de sua titulação e da produção científica, a Reforma “possibilitou a profissionalização dos docentes e criou as condições propícias para o

desenvolvimento tanto da Pós-Graduação como das atividades científicas no país” (SOARES, 2002, p. 39). Vale lembrar que essa Lei nº 5.540/68, da Reforma Universitária, era dirigida às Instituições Federais de Ensino Superior (IFES). Entretanto, chegou a atingir grande parte do setor privado, que dependia de subsídios do governo, devendo obedecer às mesmas finalidades.

Muito próximo desse período, em que a Lei 5.540/68 versava sobre autonomia das instituições universitárias, em 1975 foi criada a Universidade Estadual do Ceará (UECE), pela Resolução do Conselho Diretor da Fundação Educacional do Estado do Ceará-FUNEDUECE.⁶⁵ Soares (2002) nos mostra que na década de 1980 ocorreu uma grande expansão de instituições públicas estaduais no Brasil, dentre universidades, faculdades e Centros de Educação Tecnológica.

Após longo período de Ditadura Militar, o Brasil vivencia a partir de 1985 um momento denominado de redemocratização. Em termos legais, em 1988, temos a promulgação da nova Carta Magna, a CF-1988, que dedica em seu texto dez artigos dedicados à educação, artigos nº 205 ao nº 214, trazendo algumas antigas discussões à tona no que se refere ao ensino superior. Assim, um terceiro elemento é associado à função da universidade: a extensão. O artigo 207, de 1988, dispõe que “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”.

Mais tarde, ocorre outra mudança muito importante para a educação, que foi a aprovação da Lei nº 9394/96, que estabelece em seu artigo 43 as finalidades do ensino superior:

Art. 43. A educação superior tem por finalidade:

I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;

II - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;

III - incentivar o trabalho de **pesquisa** e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;

IV - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do **ensino**, de publicações ou de outras formas de comunicação;

V - suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;

⁶⁵ Criada pela Lei 9.753, de 18 de outubro de 1973, na gestão do governador César Cals de Oliveira Filho, e em 10 de maio de 1979 foi transformada na Fundação Universidade Estadual do Ceará (FUNECE).

VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;

VII - promover a **extensão**, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.

VIII - atuar em favor da universalização e do aprimoramento da educação básica, mediante a formação e a capacitação de profissionais, a realização de pesquisas pedagógicas e o desenvolvimento de atividades de extensão que aproximem os dois níveis escolares (Incluído pela Lei nº 13.174, de 2015) (LDBEN, 1996, grifo nosso).

Conforme percebemos nas finalidades do Ensino Superior expressa na Lei de Diretrizes e Bases, LDB nº 9.394/96, os três eixos aparecem separadamente. Todavia, no inciso VIII dá a ideia de que deve haver a associação dos três em favor da educação básica. Assim, as universidades devem estar atentas a essa questão. Nesse aspecto Moita e Andrade (2009) nos alertam que

se considerados apenas em relações duais, a articulação entre o ensino e a extensão aponta para uma formação que se preocupa com os problemas da sociedade contemporânea, mas carece da pesquisa, responsável pela produção do conhecimento científico. Por sua vez, se associados o ensino e a pesquisa, ganha-se terreno em frentes como a tecnologia, por exemplo, mas se incorre no risco de perder a compreensão ético-político-social conferida quando se pensa no destinatário final desse saber científico (a sociedade). Enfim, quando a (com frequência esquecida) articulação entre extensão e pesquisa exclui o ensino, perde-se a dimensão formativa que dá sentido à universidade (MOITA; ANDRADE, 2009, p. 269).

Assim, partindo desse olhar na história do ensino superior brasileiro, percebemos que as relações entre ensino, pesquisa e extensão decorrem dos conflitos em torno da definição da identidade e do papel da universidade ao longo da História (SILVA, 2000).

4.1.2 Da criação do Programa Especial de treinamento - PET ao Programa de Educação Tutorial - PET

Em meio às transformações econômicas ocorridas no mundo e no Brasil, a flexibilização do mercado e a reestruturação do capital, as exigências de formação de mão de obra qualificada recaem sobre as instituições formadoras de ensino superior. Assim, desde a década de 1970, o Ministério da Educação (MEC), através da Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cria vários programas, cujo objetivo era melhorar a graduação com a formação de recursos humanos qualificados.

É nesse contexto que foi criado o Programa Especial de Treinamento (PET), conforme nos diz Spagnolo (1996) que, em 1979,

com o objetivo de melhorar o ensino de graduação e a qualidade dos cursos de pós-graduação, Cláudio de Moura Castro, então Diretor-Geral da CAPES/MEC, implantou o Programa Especial de Treinamento- PET, que visava elevar a qualificação de grupos selecionados de alunos da graduação, mediante um intenso e avançado treinamento (SPAGNOLO, 1996, p. 8).

O Programa Especial de Treinamento (PET) foi implementado baseado em uma experiência realizada pelo professor Ivon Leite de Magalhães Pinto, na Faculdade de Economia e Administração da Universidade de Minas Gerais, na década de 1950, da qual o professor Castro fora aluno bolsista e era inspirado em programas de Universidades americanas e em procedimentos adotados em universidades inglesas (SPAGNOLO, 1996).

Este programa surgiu em um momento de expansão desordenada de instituições de ensino superior brasileiro, que deixavam muito a desejar no quesito qualidade. Portanto, esta iniciativa visava o fortalecimento do ensino superior no Brasil, pois, mesmo tendo ocorrido uma expansão progressiva do número de instituições de educação superior no país, que seria mais significativa nos anos 80, muitas delas se dedicavam somente ao ensino, desrespeitando a indissociabilidade entre os três eixos.

A ideia do Programa Especial de Treinamento (PET) era oferecer uma formação de excelência para alunos bolsistas, que retornariam às instituições como docentes e pesquisadores, o que parecia ser uma solução para assegurar um desenvolvimento do ensino superior pelo efeito multiplicador que teria.

Até o ano de 1999 o programa foi coordenado pela CAPES. A partir de 31 de dezembro de 1999 o Programa Especial de Treinamento (PET) teve sua gestão transferida para a Secretaria de Educação Superior (SESU/MEC), ficando sob a responsabilidade do Departamento de Modernização e Programas da Educação Superior (DEPEM).

Quando o programa foi criado, em 1979, foram formados 3 (três) grupos PET. Em 1996 havia 325 grupos. Entretanto, durante o período de 1998 a 2004, muitos grupos foram fechados.

De acordo com Martins (2007), neste período, o PET enfrentou diferentes problemas na sua manutenção e até mesmo de acomodação no novo ambiente. E somente em 2004⁶⁶ o PET passou a ser identificado pelo nome que é conhecido na atualidade, Programa de Educação Tutorial (PET)⁶⁷, e novos grupos foram criados.

⁶⁶ Em 2004, durante a mesa de abertura do IX Encontro Nacional de Grupos PET - ENAPET, Cristovam Buarque, Ministro da Educação à época, denominou-o de Programa de Educação Tutorial (PET).

⁶⁷ A partir de agora utilizaremos a sigla PET para nos referirmos também ao Programa de Educação Tutorial (PET).

Quadro 17 – Histórico de Editais MEC/SESu para Criação de Novos Grupos PET

EDITAL/ANO	GRUPOS CRIADOS	TOTAL GRUPOS
Nº 03/2006	30	323
Nº 04/2007	44	367
Nº 05/2008	30	397
Nº 05 - PET 2009	30	427
Nº 09 - PET 2010	352	779
Nº 11 - PET 2012	63	842

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.⁶⁸

Como podemos perceber, atualmente, o PET conta com 842 grupos distribuídos entre 121 IES do país, em diversas áreas do conhecimento. Na configuração atual, o PET é constituído por grupos tutoriais de aprendizagem e forma alunos de graduação sob a orientação de um professor tutor. Cada tutor orienta 12 alunos bolsistas, podendo também ter em seu grupo petianos voluntários. Para ingressarem no grupo PET do seu grupo os alunos passam por um processo seletivo. O aluno pode permanecer no grupo até o final do curso de graduação.

No que se refere às bases legais, o PET foi oficialmente instituído pela Lei 11.180/2005 e regulamentado pelas Portarias do MEC nº 3.385/2005, nº 1.632/2006 e nº 1.046/2007. A regulamentação do PET define como o programa deve funcionar, qual a constituição administrativa e acadêmica, além de estabelecer as normas e a periodicidade do processo de avaliação nacional dos grupos.

A Portaria do MEC nº 976/2010 trouxe inovações para a estrutura do PET como, por exemplo, a flexibilização e dinamização da estrutura dos grupos, a união do PET com a Conexões de Saberes, a definição de tempo máximo de exercício da tutoria, a aproximação com a estrutura acadêmica da universidade e a definição de estruturas internas de gestão do PET. Em seu artigo 2º esta portaria apresentava os objetivos do PET definidos da seguinte forma:

- I - desenvolver atividades acadêmicas em padrões de qualidade de excelência, mediante grupos de aprendizagem tutorial de natureza coletiva e interdisciplinar;
- II - contribuir para a elevação da qualidade da formação acadêmica dos alunos de graduação;

⁶⁸ Informações reunidas por André B. Leal, vice-presidente da CENAPET na gestão 2014-2016. O somatório destes números podem não corresponder ao número total de grupos existentes hoje, uma vez que Alguns dos grupos aprovados não foram criados e outros foram fechados após abertura no intervalo entre 1998-2004. Além disso, existem informações desencontradas a respeito do número de grupos existentes antes do Edital de 2006. Disponível em: <<https://cenapet.files.wordpress.com/2015/07/histo3b3rico-de-editais-mec-por-cenapet.pdf>>.

- III - estimular a formação de profissionais e docentes de elevada qualificação técnica, científica, tecnológica e acadêmica;
- IV - formular novas estratégias de desenvolvimento e modernização do ensino superior no país; e
- V - estimular o espírito crítico, bem como a atuação profissional pautada pela cidadania e pela função social da educação superior.

Recentemente, a Portaria MEC nº 343, de 24 de abril de 2013⁶⁹ altera este artigo acrescentando outros objetivos, a saber:

- VI - introduzir novas práticas pedagógicas na graduação;
- VII - contribuir para a consolidação e difusão da educação tutorial como prática de formação na graduação; e
- VIII - contribuir com a política de diversidade na instituição de ensino superior-IES, por meio de ações afirmativas em defesa da equidade socioeconômica, étnico-racial e de gênero.

Todos esses objetivos específicos juntos deverão levar à concretização do objetivo geral do programa, que é “promover a formação ampla e de qualidade acadêmica dos alunos de graduação envolvidos direta ou indiretamente com o programa [...] (BRASIL, 2006, p. 7).

Além dos dispositivos legais, que regulamentam o PET, há o Manual de Orientações Básicas, que garante uma certa regularidade das atividades desenvolvidas pelos grupos em âmbito nacional.

O Manual apresenta o programa como um complemento à formação dos seus integrantes e uma oportunidade para a melhoria de todo o curso no qual está inserido, garantindo a todos os alunos, sejam petianos ou não, oportunidades de vivenciar experiências não presentes na estrutura curricular do curso, visando uma formação acadêmica global (BRASIL, 2006).

Por ser um programa acadêmico de longo prazo destinado a alunos de Instituições de Ensino Superior (IES), públicas e privadas, o PET visa a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, proporcionando a complementação da formação acadêmica e, consequentemente, a melhoria da graduação.

Por meio da educação tutorial, o PET pretende estimular a criação de um modelo pedagógico para a universidade.⁷⁰ Para tanto, a proposta metodológica de ensino por meio da formação de grupos tutoriais no PET se caracteriza pela presença de um tutor, que é responsável pela orientação de um grupo de doze alunos e busca estimular a sua aprendizagem ativa. Martins (2007) afirma que compreender o significado e realizar uma

⁶⁹ Esta portaria faz uma série de mudanças em relação à Portaria MEC nº 976/2010.

⁷⁰ Cf. Manual de Orientações, p. 7.

aproximação conceitual da educação tutorial impõe, igualmente, buscar elementos que fundamentem a importância da tutoria, além de identificar e sistematizar aspectos que possam delinear o perfil do tutor, suas funções e deveres (MARTINS, 2007, p. 15).

Cabe ao tutor a responsabilidade perante a IES e a SESu/MEC, o planejamento e a supervisão das atividades e zelar pelo desempenho do grupo sob sua orientação. Compete a ele “orientar os bolsistas no caminho de uma aprendizagem segura, relevante, ativa, planejada e adequada às necessidades do grupo e do curso como um todo.” (BRASIL, 2006, p. 7).

Mesmo desempenhando todas essas funções o tutor não é o único responsável pela aprendizagem do aluno: este também, como sujeito ativo, assume a co-responsabilidade sobre a sua aprendizagem e o seu desenvolvimento pessoal.

A formação tutorial se constitui, portanto, em um trabalho coletivo entre os tutores e o grupo de alunos petianos. Entretanto, ela deve ir para além dos próprios sujeitos inseridos no grupo. Laffin (2007) afirma que:

[...] programa de educação tutorial, em seus princípios explicativos, constitui-se em percursos de formação que se fundamenta sobre e nas vivências do trabalho, no âmbito das relações petianas, ampliando não somente as experiências pessoais e profissionais do aluno e do tutor como sujeitos históricos, como também contribui para o desenvolvimento da função social e institucional da universidade (LAFFIN, 2007, p. 29).

Portanto, a educação tutorial possibilita ampliação de conhecimentos tanto dos tutores quanto dos alunos. E mesmo considerando que os tutores são sujeitos culturalmente mais experientes do que os alunos, não devemos desconsiderar que muitos saberes da docência são construídos no exercício da tutoria, saberes e práticas inovadoras que contribuem para a melhoria do ensino superior.

Esta afirmação nos leva a refletir sobre os diversos saberes que o docente possui. Tardiff (2002) enuncia que: “pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais.” (TARDIFF, 2002, p. 36). Considerando que no PET o tutor é um professor, ele também adquire novos conhecimentos na tutoria que vão ser somados aos outros saberes que os docentes já têm, entretanto, esta aprendizagem não exclui a necessidade de formação específica para o exercício da tutoria.

É importante ressaltar o papel que o aluno tem na ação tutorial. De acordo com Koltermann e Silva (2007) há muito tempo que o trabalho coletivo tem sido valorizado em processos sociais dos mais diversos, “sendo também um dos caminhos fundamentais da

formação do aluno e, além disso, por sua condição de favorecer o desenvolvimento de habilidades sociais e éticas” (KOLTERMANN; SILVA, 2007, p. 50).

Ainda de acordo com estes autores, o processo de ação tutorial precisa envolver o aluno em diferentes atividades propostas para a sua formação e qualificação (KOLTERMANN; SILVA, 2007, p. 52).

De acordo com Kato e Faggian (2007, p. 38) um diferencial do PET é o movimento emancipatório em relação às atividades curriculares tradicionais uma vez que as atividades extracurriculares desenvolvidas faz com que os estudantes interajam com os colegas de seu curso, seja do mesmo período ou de outro, mas também com estudantes e tutores de outras áreas de conhecimento.

Destacamos ainda que a aprendizagem que o PET oferece amplia a visão do estudante sobre “o papel e as potencialidades de transformação da sociedade apresentados pela Universidade.” (NARDO JÚNIOR; GARCIA, 2007, p. 32). De acordo com os textos legais, a formação do PET contrapõe-se, portanto, à conteudística tradicional.

4.1.3 Campos Social da Pesquisa I - O Programa de Educação Tutorial na UECE

A Universidade Estadual do Ceará (UECE)⁷¹ surge no período da Ditadura Militar no Brasil pela justaposição de escolas e faculdades que já existiam, a exemplo de muitas outras universidades brasileiras. A sua criação ocorreu em 10 de março de 1975, com a Resolução nº 2 de 05 de março de 1975 do Conselho Diretor, referendada pelo Decreto nº 11.233.

De acordo com Lima (2003) a UECE, na sua criação, teve incorporada ao seu patrimônio quatro instituições estaduais, que foram: Escola de Administração do Ceará; Faculdade de Veterinária do Ceará; a Faculdade de Filosofia do Ceará; Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, em Limoeiro do Norte. Também foram incorporadas mais entidades particulares: Escola de Enfermagem São Vicente de Paula, Escola de Serviço Social de Fortaleza e o Conservatório de Música Alberto Nepomuceno.

Atualmente a UECE é uma IES que oferta ensino de graduação presencial e à distância, cursos de pós-graduação *Lato Sensu* e *Stricto Sensu* e está organizada em uma rede multicampi distribuídos pela capital e pelo interior do Ceará.

⁷¹ Embora a UECE tenha sido criada somente em 1975, a sua história tem início com a criação da Fundação Educacional do Estado do Ceará (FUNEDUCE), pela Lei número 9.753 de 18 de outubro de 1973.

Quadro 18 – Campus da UECE

LOCAL		CENTROS/FACULDADES
CAPITAL	Itaperi (sede)	Centro de Educação (CED) Centro de Estudos Sociais Aplicados (CESA) Centro de Ciências da Saúde (CCS) Centro de Ciências e Tecnologia (CCT) Faculdade de Veterinária (FAVET) Instituto Superior de Ciências Biomédicas (ISCB)
	Fátima	Centro de Humanidades (CH)
INTERIOR	Limoeiro do Norte	Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos/FAFIDAM
	Quixadá	Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central - FECLESC
	Iguatu	Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu – FECLI
	Crateús	Faculdade de Educação de Crateús – FAEC
	Itapipoca	Faculdade de Educação de Itapipoca – FACEDI
	Tauá	Centro de Educação, Ciências e Tecnologia da Região dos Inhamuns-CECITEC

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O Programa de Educação Tutorial (PET) está presente em sete cursos da UECE, quais sejam: Ciências Biológicas e Enfermagem (CCS); Ciências Sociais (CH); Serviço Social (CESA); Geografia e Computação (CCT) e História (FAFIDAM).

Os primeiros grupos do PET da UECE tiveram a sua aprovação pela CAPES em 1991 (KING, 2007, p.27), quando o PET ainda era o Programa Especial de Treinamento coordenado pela CAPES.

O PET mais antigo da UECE é o PET - Serviço Social, que teve o seu início logo na aprovação do projeto em 1991. Seguido pelo PET - História, 1993 e pelo PET-Enfermagem, 1994; o PET - Geografia, desde 1996 e o PET - Computação, que também teve o seu início na década de 1990, mas houve um rompimento das atividades por um período e retorna em 2002.⁷² O PET - Ciências Biológicas⁷³ e o PET- Ciências Sociais, existem desde 2010.⁷⁴

O PET esteve institucionalmente vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa até o ano de 1999, quando era coordenado pela CAPES. Após 1999, quando o Programa passou a ser gerido pela Secretaria de Educação Superior (SESu/MEC), passa a estar vinculado à Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD), até os dias atuais.

O PET possui um interlocutor, papel exercido por um professor que faz a interlocução entre a instituição e o MEC. Na UECE, este profissional encontra-se vinculado à Pró-reitoria de Graduação (PROGRAD) e é indicado pelo(a) pró-reitor(a). A função do

⁷² Todas as informações têm fonte nas entrevistas concedidas pelos tutores em vigência no ano de 2015.

⁷³ Conferir Projeto Político Pedagógico do Curso de Ciências Biológicas da UECE (2014, p. 61).

⁷⁴ O PET- Sociologia entrou no sistema do MEC em dezembro de 2010; entretanto, a tutora afirma que as atividades somente tiveram início em 2011.

interlocutor na IES compreende dentre outras atividades: coordenar as reuniões do Comitê Local de Acompanhamento e Avaliação (CLAA)⁷⁵; fazer toda a comunicação necessária entre a UECE e o MEC; cadastrar e descadastrar tutores e tutorandos (petianos); fazer a homologação das bolsas no (Sistema de Gerenciamento de bolsas do PET (SIGPET)⁷⁶; enfim, responder pelo PET na instituição.

Os grupos PET da UECE são constituídos por um tutor e por 12 petianos em média, pois em alguns grupos temos os bolsistas e os que são voluntários, denominados de não-bolsistas⁷⁷. Os tutorandos passam por processo seletivo para ingressarem no grupo, no qual é lançado um edital para selecionar os interessados. Os critérios de seleção geralmente são: prova escrita, currículo e entrevista. No Manual de Orientações Básicas consta que “o processo de seleção de bolsista é efetuado por uma comissão composta por, no mínimo três (03) professores universitários, sob a coordenação do tutor” (BRASIL, 2006, p. 21).

Os tutores também ingressam por meio de processo seletivo. A orientação é que o processo de seleção para substituição do tutor seja coordenado pelo Comitê Local de Acompanhamento e Avaliação (CLAA) do PET, garantindo-se a representação de todos os seus membros.

Para que o grupo funcione há um custeio que deveria ser semestral. Isso porque, conforme está expresso no Manual de Orientações Básicas (2006, p. 25), “a IES receberá, semestralmente, o valor equivalente a uma bolsa por aluno participante, a ser aplicado integralmente no custeio das atividades do grupo”. Porém, de acordo com os tutores, os interlocutores e os petianos há uma grande dificuldade de utilizar este recurso, pois quando chega é quase no final do ano e há uma série de restrições impostas para o gasto desse dinheiro. Por outro lado, a IES que sedia o PET tem que dar uma contrapartida, principalmente de infraestrutura. A UECE possui um espaço com salas pra uso do PET. Entretanto, vale ressaltar que foi uma conquista de muitas lutas dos interlocutores, tutores e petianos dentro da própria instituição para consegui-lo.

⁷⁵ O Comitê Local de Acompanhamento e Avaliação é composto pela interlocutora da instituição, pelos tutores e por representantes discentes (petianos) de cada grupo PET. As reuniões são mensais e são registradas em atas.

⁷⁶ O Sistema de Gerenciamento de Bolsas foi desenvolvido pelo Ministério da Educação com objetivo de facilitar a operação de diversos programas governamentais que ensejam pagamento e acompanhamento de bolsas a estudantes de graduação. Atualmente, estão incluídos no Sistema de Gerenciamento de Bolsas os seguintes programas: Programa Bolsa Permanência (PBP); Programa de Educação Tutorial (PET); Programa de Apoio Acadêmico (PAA). Disponível em: <<http://sigpet.mec.gov.br/>>.

⁷⁷ Os petianos não-bolsistas têm as mesmas obrigações daqueles que são bolsistas. Em alguns casos, quando há saída de petianos, o grupo se reúne para decidir se aquele não-bolsista assume o lugar do outro, ou se abre seleção para outras pessoas concorrerem com ele. Isso varia de cada regimento e de cada situação, pois o aluno tem que demonstrar interesse e desenvolvimento dentro do grupo, assim como os outros.

O planejamento das atividades é realizado anualmente. Segundo os investigados, à medida que realizam a avaliação das atividades do ano anterior o grupo vai selecionando aquelas que tiveram êxito para que permaneçam e criam novas atividades para substituírem aquelas que não deram certo. Conforme a filosofia do PET, os grupos devem realizar atividades de ensino, pesquisa e extensão, buscando a indissociabilidade entre tais atividades.

A partir do exemplo do planejamento realizado pelos grupos PET da UECE em 2015, conforme o quadro a seguir, percebemos que há um certo equilíbrio entre as atividades planejadas, muito embora alguns grupos afirmem ter que em alguns momentos um eixo prevalece sobre o outro, devido à natureza da área de conhecimento, ou das condições efetivas de realização do planejamento.

Cada grupo também realiza uma pesquisa coletiva que conta com a participação de todos os seus membros e, simultaneamente, cada petiano desenvolve uma pesquisa individual, que pode ter duração de um período, de um ano, ou pode durar até o fim do curso, culminando na sua monografia, algo que varia de grupo para grupo e da rotatividade de alunos.

Quadro 19 – Resumo do planejamento de atividades dos grupos PET UECE - 2015

GRUPO	ATIVIDADES
PET-SERVIÇO SOCIAL	Introdução ao Curso de Serviço Social Grupo de Estudos sobre Cultura Iniciação à Docência Iniciação à Tutoria Mostra Audiovisual Simpósio de Pesquisas Pesquisa Cultura na Serrinha Seminários Temáticos de Pesquisa Pesquisa de Avaliação da Iniciação à Docência Pesquisa de Avaliação da Iniciação à Tutoria Exposição visual online – PETSS nas redes sociais Minicurso Feira das Profissões Planejamento e execução do Projeto de Extensão Seminário “65 anos do curso de Serviço Social no Ceará: história e resistência”
PET- GEOGRAFIA	Pesquisa coletiva Pesquisas individuais Ciclo de diálogos e Práticas Cine debate Minicurso Grupo de estudos: ciclo de Leituras e debates geográficos Iniciação à docência Oficinas geográficas Feira das profissões Semana de Iniciação Filosófica e da História do Pensamento Geográfico Recepção aos calouros (Re)encontro geográfico

PET-HISTÓRIA	<p>Aula inaugural Oficinas pedagógicas Ensinando e aprendendo Mesas-redondas Ciclo de conferências Pesquisas individuais Pesquisa coletiva: memória institucional da FAFIDAM / O PET vai à chapada Conversando sobre a pesquisa Seminário de teoria e Metodologia da História O PET vai às escolas Semana de História</p>
PET-COMPUTAÇÃO	<p>Pesquisa e desenvolvimento individual Olimpíada Cearense de Informática (OCI) Pesquisa & desenvolvimento coletivo Petlestras Encontros petianos Organização de palestras Tutoria Debates Recepção dos calouros Organização de cursos e Minicursos Feira das profissões</p>
PET-CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	<p>Adote um Pet I Curso de Paleontologia Biologia itinerante I Curso de Borboletas (Lepidoptera: Papilionoidea & Hesperioidea) Triagem de dados do projeto de levantamento dos alunos egressos do Curso de Ciências Biológicas - Ingresso 1998 - 2010. Feira das Profissões Grupo de Línguas Educação Ambiental com os idosos do Lar Torre de Melo XII Semana da Biologia “Vida de Biólogo: Ensino, Pesquisa e Extensão Semana de Acolhida aos Calouros I Curso de Microbiologia</p>
PET- ENFERMAGEM	<p>XIX Enfermaio: Formação do Enfermeiro: Realidades e Perspectivas EnferPET Iniciação a Docência Leitura Coletiva Pesquisas Individuais Pesquisa Coletiva: Universidade e escola somando saberes: concepções de alunos e professores sobre educação em saúde Feira das Profissões Universidade e Escola somando saberes: proposta de educação em saúde para adolescentes Outubro Rosa Novembro Azul Dia das Crianças</p>
PET- SOCIOLOGIA	<p>Apresentação PET Sociologia Minicurso na Semana Universitária Atividade de extensão em centros urbanos de cultura e arte Feira das profissões Oficina de saberes Sarau de leituras Atualização da página do facebook Memorial PET Tutoria acadêmica Recepção aos calouros: a Universidade sob o olhar da Sociologia Mesa-redonda: Temas Contemporâneos em Ciências Sociais Elaboração de artigos científicos</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

As atividades dos grupos variam de acordo com a especificidade do conhecimento. Porém, há algumas que, muito embora sejam denominadas de forma diferente, têm muito em comum. Como exemplo, temos a atividade de acolhimento aos novos estudantes, que aparece como uma aula inaugural ou uma tutoria entre pares, visando dar suporte aos calouros.

Outra atividade que todos os grupos realizam é a participação efetiva na Semana Universitária da UECE, com apresentação de resultados de suas pesquisas individuais e/ou coletivas, que já contempla o eixo da pesquisa, além da realização de minicursos.

Os petianos também desenvolvem atividades de iniciação à docência em uma disciplina do seu curso, no que diz respeito ao eixo ensino. As atividades de extensão variam de acordo com a área de conhecimento. Entretanto, percebemos que em quase todas as atividades desenvolvidas por eles há uma dificuldade em dissociar os três eixos, mesmo que um deles prevaleça.

Além dessas atividades o PET é um programa politicamente estruturado. Os grupos da UECE participam do InterPET - Ceará, que consiste em um movimento organizado pelos Grupos PET do Estado do Ceará, com a finalidade de discutir tudo o que diz respeito ao PET aqui localizados, bem como facilitar a integração dos grupos do estado e tomar as decisões coletivas por meio de uma reunião quinzenal.

Além desse movimento, há os encontros organizados a nível nacional, como o Encontro Nacional dos Grupos PET (ENAPETE), o Encontro Nordestino dos Grupos PET (ENEPET) e o Encontro Cearense dos Grupos PET (ENCEPET).

4.2 Dados de Contexto do Campo Social da Pesquisa II: O acesso ao Ensino Superior em Portugal por meio dos Maiores de 23

Neste tópico trazemos todo o contexto histórico em que surge o Acesso Maiores de 23 em Portugal, as mudanças provocadas na Educação Superior a partir da Declaração de Bolonha e a discussão sobre a Aprendizagem ao Longo da Vida.

4.2.1 Antecedentes históricos e legais da criação do Acesso Maiores de 23 em Portugal

Neste momento trazemos uma breve discussão sobre as mudanças ocorridas no acesso ao ensino superior no que diz respeito ao regime especial de acesso dirigido a alunos

maiores de 23 anos, destacando os seus principais aspectos como o processo seletivo, as bases legais, abordando alguns elementos do contexto de surgimento desse Processo.

Em Portugal, além do ingresso normal à universidade proporcionada aos jovens, há uma forma especial de ingresso no Ensino Superior denominada de Processo dos “Maiores de 23”. Trata-se de uma oportunidade para aquelas pessoas adultas, que desejam frequentar a universidade e não fizeram em tempo hábil pelas mais diversas circunstâncias. Vale ressaltar que o ingresso independe das habilitações académicas que eles têm – mesmo que não tenham completado o Ensino Secundário ou não possuam este grau de ensino –, desde que comprovem os conhecimentos que lhes permitam fazer o curso almejado. Atualmente, este processo é válido para todas as instituições de ensino superior de Portugal, exceto para as de ensino superior público militar e policial.

Para compreender como surge o processo dos “Maiores de 23 anos” em Portugal, faz-se necessário compreender o contexto das transformações ocorridas na Europa, que envolvem a democratização do acesso ao ensino superior e a discussão sobre a educação de adultos.

As políticas educacionais estão intimamente relacionadas ao contexto social e econômico global. E a busca por uma melhor qualificação profissional tem ocorrido no intuito de atender as necessidades vigentes de crescimento econômico do país e para uma melhor inserção no quadro europeu.

Com base na Teoria do Capital Humano – que defende uma relação diretamente proporcional entre educação e emprego, para um maior empenho no aproveitamento do capital humano para o emprego, o que dá a entender que há uma preocupação maior em democratizar a educação, mas não é isto que ocorre na prática –, a preocupação é unicamente econômica. Se olharmos por este ângulo perceberemos que “a educação e formação de adultos têm vindo a ser instrumentalizada ao serviço desta mesma lógica, uma vez que as políticas públicas de Educação de Adultos têm vindo a ser orientadas para a gestão de recursos humanos” (TIAGO, 2011, p. 3). A consequência disto é que se esconde a verdadeira realidade, como a exclusão das camadas sociais mais vulneráveis, expostas a situações sociais instáveis, enquanto o que deveria ocorrer era o desenvolvimento individual e a integração na sociedade (TIAGO, 2011).

Por isso, não devemos compreender esta democratização unicamente como uma benesse política, pois uma sociedade que se diz democrática deve proporcionar uma educação de qualidade para os seus cidadãos, visando não somente o acesso do estudante ao sistema educacional, mas a sua permanência e o seu desenvolvimento ao longo da vida. Por outro

lado, não devemos ser totalmente descrentes das consequências positivas que isto pode acarretar, pois o processo de globalização e mundialização exige das sociedades que elas sejam mais inclusivas, demonstrem progresso humano e não somente do capital.

Atualmente, há uma maior cobrança social para que se dê visibilidade social aos marginalizados por meio de políticas e programas sociais inclusivos. A educação não pode ser privilégio de poucos, principalmente nos países que se denominam democráticos. Nesse sentido, entendemos que o Processo Maiores de 23 pode ser considerado inclusivo. Nestes termos, BRÁS *et al.* afirmam que

Esta política de acesso ao ensino superior, no contexto português, insere-se num processo de democratização, ao promover a inclusão de um público não tradicional, com outros saberes, constituindo assim, possibilidades de que formação e qualificação profissional venham gerar processos de equidade social e de mobilidades sociais. Neste sentido, considerando o *Processo Maiores de 23 anos*, como uma forma nova e diferente de acesso ao ensino superior, pode-se considerar o abrir do fecho, como um processo de democratização e quebra do elitismo da educação superior em Portugal. Todavia, torna-se importante investigar os resultados deste processo, no quotidiano do fazer universitário (BRÁS *et al.*, 2012, p. 172).

Brás *et al.* (2012), nesta citação, diz “abrir o fecho” para se referir a todo esse processo no contexto europeu, que teve repercussão na educação em Portugal. A começar pela publicação do *Livro Branco sobre a Educação e Formação*⁷⁸ (1995), pois é a partir de então que a Aprendizagem ao Longo da Vida emerge. Some-se o fato de que 1996 foi declarado *O Ano Europeu da Educação e da Formação ao Longo da Vida*, pelo interesse da Aprendizagem Permanente, tendo sido estes os marcos desta discussão que teve início com o Relatório Relatório Faure⁷⁹. Sobre isto, Wer thein (2000, p.15) nos diz que:

O postulado de educação para todos ao longo da vida (lifelong education) defendido pelo Relatório daria origem a sucessivos estudos e, aos poucos, ele foi sendo adotado pelos países, como também se faria presente nos principais documentos de orientação da UNESCO (Relatório Jacques Delors, Declaração de Hamburgo e Declaração Mundial sobre a Educação Superior para o Século XXI, entre outros).

⁷⁸ Ensinar e Aprender – rumo à sociedade cognitiva, Livro Branco da Comissão Europeia, 1995. O Tratado da Comunidade Europeia, assinado em Amesterdão em 1997, introduziu subsequentemente, no Preâmbulo, a disposição “promover o desenvolvimento do mais elevado nível possível de conhecimentos dos seus povos, através de um amplo acesso à educação, e da contínua atualização desses conhecimentos.”

⁷⁹ Uma das primeiras iniciativas da UNESCO em relação aos problemas da educação foi a elaboração do Relatório coordenado por Edgar Faure, em 1972, considerado um marco importante na história do pensamento educacional da Organização.

A *Convenção sobre o Reconhecimento das Qualificações Relativas ao Ensino Superior na Região Europeia*, também conhecida por *Convenção de Reconhecimento de Lisboa ou Convenção de Lisboa*⁸⁰ (1997, em vigor desde de 1999), aprova um conjunto de princípios gerais sobre o reconhecimento mútuo das qualificações, que dão acesso ao ensino superior, de períodos de estudo de ensino superior e de qualificações de ensino superior, entre os países signatários.

Brás *et al.* (2012) também aponta como antecedente importante neste processo a rede *European Network of Information Centres* (ENIC) e os “Grupos de Trabalho Temáticos da rede ENIC”⁸¹, fundada pela iniciativa da UNESCO e do Conselho da Europa. Outro fator favorável à quebra de paradigma educacional foi a Declaração de Bolonha (1999), que traz novas propostas e ações que devem ser seguidas por todos os sistemas de ensino superior europeu. A partir de então, com as novas políticas que foram sendo implementadas pelos diversos países, houve um surgimento de *novos públicos* a frequentarem o Ensino Superior.

Também destacamos a Cimeira de Lisboa, em 2000, que deu origem ao documento *Memorando Sobre Aprendizagem ao Longo da Vida*, que traz em seu texto a recomendação de que aprendizagem ao longo da vida seja considerada como um direito social ao qual todos devem ter acesso. Em 2002, O Conselho Europeu define diferentes dimensões da Aprendizagem ao Longo da Vida (ALV): i) princípio orientador, ii) bem valioso, iii) processo interno, iv) atividade institucionalizada.

Consideramos que todos estes fatos foram importantes e se constituem na base para uma ressignificação da educação de adultos e para o acesso ao Ensino Superior. Neste contexto, em Portugal foi criado o Sistema de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC), que é o reconhecimento e a validação de saberes e competências adquiridas pelo adulto ao longo da vida, atribuindo-lhe uma certificação de nível básico ou secundário.

⁸⁰ A Convenção foi aberta à assinatura dos Estados membros do *Conselho da Europa*, em Lisboa, em 11 de Abril de 1997.

⁸¹ A Rede ENIC é uma rede europeia de centros nacionais de informação sobre reconhecimento e mobilidade académica, criada pelo Conselho da Europa e pela UNESCO, como forma de implementar a Convenção de Lisboa e de desenvolver políticas e práticas para o reconhecimento de qualificações. O Conselho da Europa e a UNESCO/CEPES formam conjuntamente a Rede ENIC que, por sua vez, coopera diretamente, com a Rede NARIC da União Europeia. Esta foi criada em 1984, por iniciativa da Comissão Europeia, com o fim de promover o reconhecimento de diplomas, títulos e períodos de estudo nos países membros da União Europeia, nos países da Zona Económica Europeia, nos países da Europa Central e de Leste e no Chipre. Esta rede faz parte do Programa Socrates/Erasmus e é constituída por todos os centros de informação nacionais sobre reconhecimento académico existentes nos países que a compõem. Disponível em: <http://www.uc.pt/ge3s/pasta_guia_ge3s/out_org_int/>. Acesso em: 15 Out.2015.

Em 2001 foram criados – por iniciativa da ANEFA⁸² (1999-2002) – os Centros de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (CRVCC), centros creditados para realizar o reconhecimento, validação e certificação de competências escolares e dos conhecimentos, que foram adquirindo em diversas situações, ao longo do seu percurso de vida pessoal, social e profissional. O público-alvo era constituído por pessoas maiores de dezoito anos, que ainda não fossem portadores de um diploma escolar do primeiro, segundo ou terceiro ciclos de escolaridade. E em 2005 o governo português criou o programa denominado *Novas Oportunidades*, que também promovia a certificação do cidadão ao nível de ensino secundário (FERREIRA, 2012, p. 15).

Devemos observar que estas iniciativas ao mesmo tempo que incentivaram um maior contingente de jovens a sair do secundário, consequentemente, também provocaram em muitos o desejo de cursar o Ensino Superior.

4.2.2 Da criação do Acesso Maiores de 23

No que concerne à formação superior percebemos que sofre um processo de alargamento e de flexibilização por meio da criação do Decreto-lei nº 64 de 21 de março de 2006, que regulamenta o acesso ao Ensino Superior pelas pessoas com mais de 23 anos. Este Decreto seguia a lógica da *Aprendizagem ao Longo da Vida* (ALV), tendo como objetivo promover o acesso ao ensino superior de forma mais igualitária. De acordo com Brás *et al.* (2012) o Processo Maiores de 23 anos, além de abrir as portas para o acesso dos jovens e dos adultos por meio da seleção especial para o Ensino Superior, também lhes proporcionava o aproveitamento da experiência e das competências.

De acordo com Cabrito (2008) cada Instituição de Ensino Superior tem autonomia para criar o seu próprio processo seletivo Maiores de 23. Porém, no artigo 6º do Decreto-lei nº 64/2006 está escrito que a cada “*o órgão legal e estatutariamente competente de cada estabelecimento de ensino superior fixa a forma que deve revestir a avaliação da capacidade para a frequência de cada um dos seus cursos de licenciatura*”. Assim, cada estabelecimento de ensino cria o seu próprio júri legal, que organiza e realiza as provas que ocorrem anualmente. Vale considerar que todos têm um só objetivo final: proporcionar-lhes o ingresso no Ensino Superior, dadas as condições.

⁸² A Agência Nacional para a Educação e Formação de Adultos (ANEFA) foi criada em 1999 e, nesse ano, estabelece-se em Portugal a educação e formação de adultos e em 2000 regulamentam-se os cursos EFA.

Para ter acesso, o interessado deve se dirigir a uma instituição de nível superior e verificar as informações necessárias sobre a seleção, que geralmente são disponibilizadas na página virtual do estabelecimento.

Em geral, as condições exigidas para a participação no concurso especial são: a) que sejam maiores de 23 anos; b) que não sejam titulares da habilitação de acesso ao ensino superior; c) que sejam titulares das provas especialmente adequadas destinadas a avaliar a capacidade para a sua frequência do ensino superior, realizadas nas Instituições de Ensino Superior; e d) que satisfaçam os pré-requisitos, quando exigidos pelo par instituição/curso pretendido.

Cada instituição fixa o seu próprio regulamento⁸³ das provas, definindo os prazos e regras em que as provas serão realizadas, determinando os componentes que a integrarão; também devem deixar claros os critérios de classificação e de atribuição de classificação final, bem como a forma de avaliação, que dará direito ao estudante de frequentar um dos seus cursos de licenciatura ou de mestrado integrado (Decreto-lei n° 64, Art. 14°, 2006).⁸⁴

Muito embora haja esta autonomia para criar a seleção própria todas as instituições devem considerar o artigo 5° do Decreto-lei n° 64/2006, que regulamenta os componentes obrigatórios da avaliação, quais sejam:

- 1-A avaliação da capacidade para a frequência íntegra, obrigatoriamente:
 - a) A apreciação do currículo escolar e profissional do candidato;
 - b) A avaliação das motivações do candidato, que pode ser feita, designadamente, através da realização de uma entrevista;
 - c) A realização de provas teóricas e ou práticas de avaliação dos conhecimentos e competência considerados indispensáveis ao ingresso e progressão no curso, as quais podem ser organizadas em função dos diferentes perfis dos candidatos e dos cursos a que se candidatam.
- 2-As provas devem incidir, exclusivamente, sobre as áreas de conhecimento directamente relevantes para o ingresso e progressão no curso.

A classificação dos candidatos aprovados é atribuída pelo mesmo júri, que organizou e realizou o processo seletivo. Assim, “*aos candidatos aprovados é atribuída, pelo júri, uma classificação final expressa no intervalo 10-20 da escala numérica íntegra de 0 a 20*” (Decreto-lei n° 64/2006, Art. 11°). De acordo com o regulamento da Universidade de Lisboa, a prova tem validade de dois anos, entretanto, não corresponde a qualquer equivalência a habilitações escolares (Despacho n.º 3236/2015, Art. 12°).

⁸³ Os regulamentos devem ser publicados no Diário da República.

⁸⁴ O regulamento a que se refere o artigo 14° pode prever que as provas sejam utilizadas para a candidatura à matrícula e inscrição em mais que um curso do mesmo estabelecimento de ensino superior (Art. 12°, 2).

Ressaltamos que uma vez aprovado, matriculado e inscrito no curso desejado, o aluno pode requerer da instituição creditação, que lhe dará o aproveitamento da sua experiência, dos seus saberes e competências pela equivalência de unidades curriculares correspondentes a no máximo 60 horas (Decreto-lei nº 64/2006, Art. 13º). Entretanto, é necessário observar no regulamento quando e como isto pode ser feito.

4.2.3 Campos Social da Pesquisa II - Contextualização do Programa de Tutoria maiores de 23 - PTM23 na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa

Desde o ano de 2005 que a Universidade de Lisboa tem desenvolvido medidas no sentido de promover o acesso de adultos por meio do processo Maiores de 23 anos em suas faculdades. Em 2007 foi criado o Gabinete de Apoio ao Acesso e Creditação de Qualificações em 2007 (POMBO, 2010, p. 25).

Em termos legais, a Universidade de Lisboa, tal como as outras instituições públicas e privadas, que ofertam o processo seletivo, publicam o seu Regulamento no Diário da República. Este ano foi regulamentado pelo Despacho n.º 3236/2015 que define nos seus vinte artigos todo o *processo de avaliação da capacidade para a frequência do ensino superior dos Maiores de 23 anos nos cursos sob gestão da reitoria e das Escolas da Universidade de Lisboa constantes da lista em Anexo a este regulamento, doravante designadas como Escolas Participantes*.

O Reitor nomeia uma *Comissão Científica* para o Acesso dos Maiores de 23 anos, formada por um docente de cada uma das Escolas Participantes, e que coordena todo o processo com o apoio administrativo do Núcleo de Formação ao Longo da Vida (Despacho n.º 3236/2015, Art. 2º e 3º). A Comissão Científica nomeia um *Júri das provas especiais* de cada escola, que ficará responsável pelas atividades específicas como: definir as áreas de conhecimento e as competências a avaliar na prova de conhecimentos e competências; os critérios de avaliação da prova de conhecimentos e competências e proceder à sua elaboração e correção; a realização das entrevistas juntamente com um psicólogo nomeado pela reitoria da Universidade de Lisboa; a aplicação dos critérios definidos para a avaliação do currículo escolar e profissional do candidato; e a análise dos pedidos de validação dos processos de acesso para Maiores de 23 anos de outras instituições de ensino superior (Despacho n.º 3236/2015, Art. 2º e 3º).

Constituem-se como potenciais candidatos aqueles que sejam maiores de 23 anos ou que os completem até 31 de dezembro do ano que antecede a realização das provas, ainda

devendo atender aos seguintes requisitos: não ter habilitação de acesso para o curso pretendido⁸⁵ e –não tendo nacionalidade portuguesa e não sendo nacionais de um Estado membro da União Europeia – que residam legalmente em Portugal há mais de dois anos, de forma ininterrupta, a 31 de agosto do ano em que pretendem ingressar no ensino superior⁸⁶ (UNIVERSIDADE DE LISBOA, 2015).

Este processo de acesso à Universidade de Lisboa pela via maior de 23 anos ocorre em três etapas eliminatórias da chamada única: a prova destinada a avaliar a capacidade de expressão e interpretação, através da realização de uma prova escrita⁸⁷; a prova de conhecimentos e competências considerados indispensáveis ao ingresso e progressão no curso, a qual pode ser concretizada através de uma prova teórica e/ou prática;⁸⁸ e, por último, a prova destinada à apreciação do currículo escolar e profissional do candidato e à avaliação das suas motivações, através da análise do CV e da realização de uma entrevista.⁸⁹

Ressaltamos que as provas especiais de acesso avaliam as competências científicas específicas para o curso pretendido, as capacidades e competências no âmbito da comunicação em língua portuguesa e inglesa, a capacidade de iniciativa e competências culturais e relacionais (UNIVERSIDADE DE LISBOA, 2015).

O Programa de Apoio aos Novos Alunos da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FP/UL) é coordenado pelo Gabinete de Apoio Psicopedagógico (GAPE) e tem por finalidade acolher todos os alunos, que ingressam na referida faculdade, seja por meio dos Exames Nacionais, seja para os alunos que entram pelo acesso Maiores de 23. Inserido neste programa de Apoio aos Novos Alunos temos o Programa de Tutoria, que é direcionado aos alunos M23 que ingressam no Mestrado Integrado em Psicologia. Trata-se de um sistema de apoio a estes alunos, que é denominado Programa de Tutoria Maiores de 23 (PTM23) e é complementar a um outro denominado Projeto de Mentorado (PM).

⁸⁵ Entendendo-se por habilitação de acesso: 1) a titularidade de um curso de ensino secundário ou equivalente; 2) a aprovação nos exames nacionais, que se constituem como provas de ingresso para o curso pretendido no ano em que é apresentada a candidatura ou nos dois anos imediatamente anteriores.

⁸⁶ Os candidatos que não satisfaçam esta condição e que sejam titulares de um diploma de conclusão do ensino secundário ou equivalente no seu país de origem devem candidatar-se através do Concurso Especial de Acesso e Ingresso para Estudantes Internacionais (CEAIEI).

⁸⁷ Esta prova baseia-se em critérios que atendam à demonstração do domínio da língua portuguesa e à capacidade de compreensão de um texto em língua inglesa. Eliminatória: classificação < 9.50/Ponderação na classificação final: 20%

⁸⁸ Esta prova baseia-se em critérios que atendam à demonstração de conhecimentos e competências específicos diretamente relevantes para o ingresso e progressão no curso que o candidato se propõe frequentar. Eliminatória: classificação < 9.50 / Ponderação na classificação final: 40%

⁸⁹ Na apreciação curricular são avaliados o percurso, a experiência e formação profissional e as habilitações académicas de base do candidato, sendo valorizada a sua relevância para a área científica do curso que o candidato se propõe frequentar; A realização da entrevista destina-se a avaliar o percurso do candidato e a apreciar as motivações apresentadas para a escolha do curso. Eliminatória: classificação < 9.50 / Ponderação na classificação final: 40%.

Figura 2 – Programa e Projeto que assistem os alunos M23



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

O *Programa de Tutoria Maiores de 23 (PTM23)* tem como missão “facilitar a integração e adaptação dos alunos à instituição e ao meio universitário, sobretudo a nível académico, tendo em vista contribuir para o seu sucesso e prevenir precocemente situações de insucesso académico”.⁹⁰ Este Programa existe de forma mais estruturada desde 2012 e tem por finalidade oferecer uma tutoria académica e curricular aos alunos do primeiro ano, que ingressam no Mestrado Integrado em Psicologia⁹¹ pelo acesso Maiores de 23. Vale ressaltar que as ações desenvolvidas no Programa já existiam desde o primeiro ingresso de alunos M23 na Faculdade de Psicologia, em 2006⁹²; entretanto, só foi sistematizado tal como é atualmente no referido ano.

O PTM23 é coordenado por uma professora da Faculdade de Psicologia e tem uma executora à frente, que é a tutora, e uma técnica em psicologia da universidade de Lisboa, tutora dos dezesseis alunos ingressantes M23.

O apoio e o acompanhamento que é ofertado aos alunos ocorrem por meio de reuniões e por sessões formativas, as quais só existirão de acordo com a necessidade e disponibilidade de cada turma e são dinamizadas por diversos profissionais da faculdade: tutora, docentes, técnicos da biblioteca, dependendo da temática que os alunos considerem importantes para o seu sucesso académico e para a sua integração na faculdade.

Conforme informações contidas na página da Faculdade de Psicologia, o acompanhamento é assim assegurado:

- ✓ Sessão de Acolhimento

⁹⁰ Disponível em: <http://www.psicologia.ulisboa.pt/files/GAPE/Folheto_PT23%202015-2016.pdf>.

⁹¹ Devido à mudanças provocadas com a Declaração de Bolonha, o aluno quando entra para a graduação já pode fazer o mestrado integrado.

⁹² Desde 2006, quando houve a primeira turma, já era realizado esse trabalho.

- ✓ Sessão de Apresentação “Ser aluno M23”
- ✓ Sessões Temáticas
- ✓ Acompanhamento Tutorial.⁹³

Atualmente as principais ações realizadas são as descritas acima e o Programa encontra-se estruturado da seguinte forma:

⁹³Vide: <http://www.psicologia.ulisboa.pt/files/GAPE/Folheto_PT23%202015-2016.pdf>.

Figura 3 – Estrutura do Programa de Tutoria M23 (PTM23)



Fonte: <<http://www.psicologia.ulisboa.pt/news/module/view/id/458/>>.

De acordo com essa estrutura, observamos que há uma sessão inicial ou de acolhimento que ocorre logo no início do primeiro semestre, antes de se inscreverem no mestrado, portanto, bem antes de começarem as aulas. Este encontro ocorre com todos os alunos que fizeram o processo seletivo, independente se ele irá entrar ou não para o Mestrado Integrado em Psicologia, pois só entram cerca de 16 alunos M23 a cada ano.

O momento desse encontro é presidido pela tutora e conta com a presença da Coordenadora do Programa de Tutoria Maiores de 23 (PTM23), da Coordenadora do Gabinete de Apoio Psicopedagógico ao Estudante (GAPE), dos mentores, dos docentes tutores e dos técnicos da biblioteca e dos serviços acadêmicos e um representante da direção. Esta sessão inicial tem por finalidade orientar os alunos em relação ao funcionamento dos serviços da faculdade que usufruirão, bem como dar uma visão geral do curso que irão fazer, esclarecer dúvidas e aferir necessidades.

Na segunda sessão de recepção que a tutora faz com o grupo de alunos M23 ocorre uma sondagem por meio de um instrumento, no caso, um questionário, que é de extrema importância para o conhecimento dos novos alunos M23, visando caracterizar e identificar suas necessidades e dificuldades, a fim de desenvolver estratégias de intervenção no sentido de melhorar a integração e a adaptação do aluno. Este instrumento é composto dos seguintes itens: a) características sociodemográficas; b) motivações, expectativas e objetivos relativamente ao curso; c) características de trabalho acadêmico; d) dificuldades e desafios.

Na segunda sessão também é feita uma sondagem com um outro instrumento para saber quais os temas das sessões que os alunos têm interesse, bem como para ficar ciente dos horários mais convenientes para a realização das mesmas, visto que muitos alunos também têm estatuto de trabalhador estudante⁹⁴, portanto, têm o seu tempo reduzido.

As sessões temáticas formativas e informativas têm a finalidade de promover a integração e adaptação dos alunos e podem ter temas como: Apoio à Estatística; Ser trabalhador-estudante; Leitura de artigos científicos; Recursos da Biblioteca e Construção de projetos de vida e carreira, e outros temas que venham a ser necessários para os alunos. Neste momento, também lhes é dada várias informações sobre a biblioteca, os serviços acadêmicos, transportes, estacionamento, alimentação, cartão de estudante, enfim, tudo o que será

⁹⁴ Em Portugal, considera-se trabalhador-estudante o trabalhador que frequenta qualquer nível de educação escolar, bem como curso de pós-graduação, mestrado ou doutoramento em instituição de ensino, ou ainda curso de formação profissional ou programa de ocupação temporária de jovens com duração igual ou superior a seis meses (de acordo com o ponto 1 do Artigo 89.º do Código do Trabalho, aprovado pela Lei n.º 7/2009, de 12 de Fevereiro).

necessário para uma melhor integração. Também neste dia são apresentados os mentores⁹⁵ de cada aluno M23: são eles que acompanharão os novos alunos durante todo o semestre, caso necessitem.

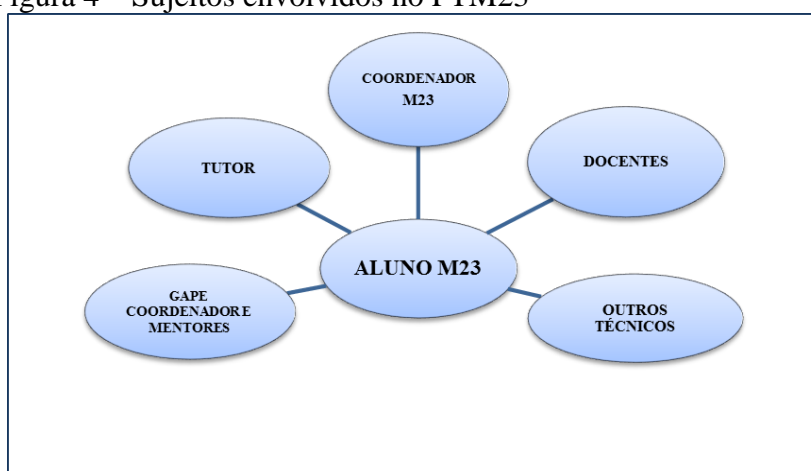
Para além dessas atividades, seguindo a estrutura apresentada, no decorrer do semestre a tutora realiza um acompanhamento tutorial, dispondo um horário fixo de atendimento individualizado para todos aqueles que desejarem e ao atendimento *on line* na plataforma e no e-mail criado para tal fim.

O que percebemos é que esta tutoria, por mais simples que possa parecer, envolve muitas pessoas para a realização de todas as suas atividades. Portanto, os sujeitos diretamente envolvidos no PTM23 podem ser assim definidos:

- ✓ Uma professora da Faculdade de Psicologia que exerce a coordenação;
- ✓ A tutora, psicóloga da Faculdade de Psicologia que exerce a tutoria;
- ✓ A coordenadora do GAPE e os mentores que são alunos mais experientes do próprio curso;
- ✓ Os docentes que auxiliam com as sessões temáticas;
- ✓ Dentre outros profissionais dos serviços acadêmicos e da biblioteca.

Em resumo, podemos ver os sujeitos envolvidos no programa assim definidos:

Figura 4 – Sujeitos envolvidos no PTM23



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

No que se refere ao *Projeto de Mentorado* é um projeto que já existe desde 2006, inicialmente para todos os alunos da Faculdade de Psicologia, e é coordenado por uma técnica

⁹⁵ Os mentores fazem parte do Programa de Mentorado da Faculdade de Psicologia e são alunos mais experientes que fazem um trabalho voluntário de acolhimento de apoio aos novos alunos. Trata-se de uma tutoria entre pares. Este é um dos programas do Gabinete de Apoio Psicopedagógico ao Estudante (GAPE) da referida faculdade.

do Gabinete de Apoio Psicopedagógico ao Estudante – que tem formação em Psicologia da Educação – e é executado voluntariamente por alunos mais experientes do segundo ou do terceiro ano do curso e eventualmente, alunos do quarto ou quinto ano que já estão no mestrado. Os mentores ajudam os novos alunos no que eles precisarem para melhor se integrarem no curso, seja por meio de telefone, e-mail ou de encontros de convívio entre o mentor e o mentorando.

5 REPRESENTAÇÕES DOS PROGRAMAS DE TUTORIA A PARTIR DOS DISCURSOS COLETIVOS

A análise material resgatado a partir dos discursos dos atores sociais da pesquisa foi realizado da seguinte forma:

Primeiramente, realizamos a *Limpeza do discurso* que consiste em fazer leituras sucessivas para limpar o discurso que consiste em retirar os particularismos, informações pessoais de identificação dos atores sociais, como o curso, área de estudo, outras funções que ocupa na universidade fora a tutoria, dentre outras, esse processo é denominado de *desparticularização*. Também se faz necessário retirar palavras e frases que se repetem. Esse é um trabalho exaustivo, pois requer muita atenção e movimentos constantes de retorno ao texto considerando mais a forma do discurso, sem esquecer claro o conteúdo.

Um segundo passo foi a *criação de eixos e sub-eixos discursivos de análise* que foi a organização e classificação dos discursos tomando por base as questões investigativas, os objetivos da pesquisa e os discursos resgatados.

Optamos por não fazer a análise pelas perguntas do instrumento de resgate do discurso, no caso, o roteiro das entrevistas individuais e coletivas, pois muitas discussões se repetiam em questões diversas, além disso, havia algumas questões com discursos muito pessoais que não poderiam ser utilizados na análise, nesse sentido, criamos os eixos e sub-eixos de análise.

O terceiro passo foi a *Organização dos discursos nos Instrumentos de Análise dos Discurso-IAD* a partir dos eixos e com os elementos que a metodologia do DSC exige, conforme o exemplo:

Quadro 20 – Modelo do Instrumento de Análise dos Discursos - IAD

EIXO DISCURSIVO: TUTORIA NO PET			
SUB-EIXO DISCURSIVO: CONCEPÇÕES DE TUTORIA			
EXPRESSÕES-CHAVE	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<i>ECH:</i>	<i>ICI:</i> ... <i>ICn</i> ...	<i>AI:</i> ... <i>An</i>	<i>DSCI</i> ... <i>DSCn</i>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Na primeira linha do IAD colocamos vem o eixo discursivo e abaixo dela o sub-eixo. Na sequência, na primeira coluna das *expressões-chave(ECH)* trouxemos todos os discursos dos atores sociais referentes ao eixo e sub-eixo, com identificação do sujeito. Na

segunda coluna as *ideias centrais(IC)*, na terceira coluna as *ancoragens(A)* e na última, o *Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)* propriamente dito referente a cada ancoragem e ideia central. Ressaltamos que as expressões-chave vêm indicadas por sujeito ou ator social, já as *ideias centrais (IC)* não mais têm identificação e nem os *DSC*. Todos os *Instrumentos de Análise do Discurso- IAD* se encontram nos apêndices, devido ao volume de informações que ficaria dentro do texto.

O quarto passo foi a ***criação das ideias centrais (IC) e das ancoragens(A)*** que ocorre também por uma leitura analítica atenta ao conteúdo do discurso. Por vezes, necessitamos rever as nossas IC, reagrupá-las e renomeá-las, pois aparecem algumas muito semelhantes em outros discursos, assim também é preciso muita perspicácia no momento da percepção das ancoragens. Lembrando que “as ideias centrais são descrições do sentido presente nas expressões-chave e não interpretações” (LEFÈVRE e LEFÈVRE, 2005b, p. 52), enquanto as *ancoragens(A)* podem ou não ter a mesma descrição, depende da ideia a que ela remeter. A diferença entre *ideias centrais (IC)* e *ancoragens(A)* a primeira remete tanto ao sentido mais direto, descritivo contidos nas *expressões-chave(ECH)*, como também remete ao sentido mais indireto representado pela ancoragem, que diz respeito a uma teoria, uma ideologia ou uma crença subjacente no discurso. Tanto as *ideias centrais (IC)* quanto as *ancoragens (A)* foram elaboradas com base nos discursos das *expressões-chave (ECH)*, agrupadas de forma que tivessem o mesmo sentido ou sentido complementar. Às vezes, algumas *ideias centrais (IC)* e *ancoragens (A)* têm o mesmo nome, o que facilita o processo.

No quinto passo, a ***numeração dos elementos do DSC*** gerando uma correspondência, *A1* para *IC1* que gera o *DSC1*, e sucessivamente, para facilitar a identificação do texto nos Instrumentos de Análise dos Discurso-IAD no momento de escrever a redação final da análise e até mesmo para facilitar para o leitor encontrar os *DSC* correspondentes.

No sexto passo ocorreu a ***construção do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)*** propriamente dito, que consiste em copiar todas as *expressões-chave(ECH)* do mesmo agrupamento de *ideias centrais (IC)* para colocá-las na coluna do *DSC* e depois *discursivar ou sequenciá-las* de modo que tenha começo, meio e fim, a fim de atribuir uma coerência ao texto. Além disso, faz-se necessário também o uso de conectivos que proporcionam a coesão do discurso.

A disposição do *DSC* pode ser de diversas formas, desde que não prejudique o sentido atribuído pelos atores sociais. Assim, a metodologia permite que o pesquisador escolha a configuração que quer dar ao texto. O *DSC* propriamente dito consiste na principal

figura metodológica, porque traz uma crítica ao procedimento tradicional de categorização, porque em vez de particularizar, coletiviza as opiniões que podem ser convergentes, divergentes ou complementares.

Por fim, no sétimo passo realizamos *a análise dos discursos coletivos por eixos discursivos* com base na apresentação direta das ancoragens (A). A construção dos DSC que apresentamos aqui está organizada ora sobre cada uma das ancoragens, ora um discurso síntese que integra mais de uma ancoragem quando for possível. Ressaltamos que não traremos todos os discursos na íntegra, o que constará nos apêndices, optamos por tratar com excertos dos discursos coletivos.

Realizamos a análise dos discursos nas sequência das duas etapas da pesquisa. Primeiramente, a etapa I, realizada no Brasil, fizemos uma análise dos discursos dos tutores e interlocutores, depois dos tutorandos ou petianos.

No tocante à etapa II, realizamos uma análise aproximada àquela realizada na primeira etapa, entretanto, não realizamos comparação entre as duas tutorias.

Vale a pena lembrar que, embora tenha sido realizada em duas etapas, não se trata de uma pesquisa comparativa, pois não tínhamos elementos para isso. Trata-se de dois programas de tutoria diferentes, em todos os seus aspectos, público alvo, tipo de tutoria etc.

A etapa I, no Brasil, proporcionou a coleta de um volume muito extenso de informações, devido ao número de cursos, de atores sociais investigados e ao tempo da pesquisa. A etapa II, em Portugal, foi realizada em um curto período de tempo e com um número bem menor de sujeitos, por se tratar de um só curso. Após essas etapas, fundamentando-se nos discursos coletivos, realizamos o oitavo passo que consistiu na elaboração de um *texto síntese* na primeira pessoa a partir de eixos interpretativos, o “eu ampliado” que é uma reconstituição da representação coletiva dos atores sociais.

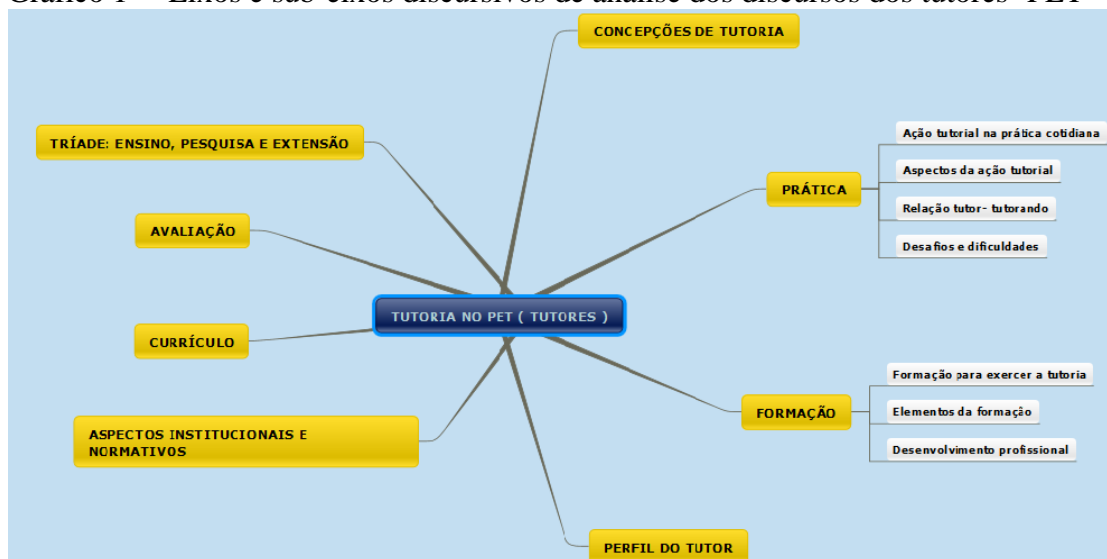
5.1 Representações sociais da tutoria no Programa de Educação Tutorial - PET da Universidade Estadual do Ceará-UECE

A seguir, trazemos as representações dos atores sociais investigados do PET, primeiramente dos tutores e interlocutores, e em seguida, a análise dos discursos dos tutorandos.

5.1.1 Concepções de tutores e interlocutores sobre a tutoria no PET

As representações sociais dos tutores e interlocutores do PET geraram os eixos discursivos de análise: *concepções de tutoria, prática, formação, perfil do tutor, aspectos institucionais e normativos, tríade: ensino, pesquisa e extensão, currículo e avaliação*. Conforme podemos visualizar no gráfico abaixo:

Gráfico 1 – Eixos e sub-eixos discursivos de análise dos discursos dos tutores -PET



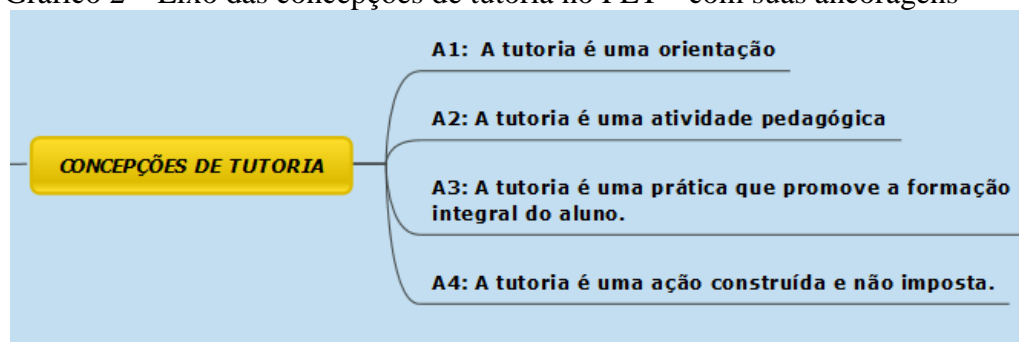
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.⁹⁶

A partir das ancoragens encontradas, trabalharemos eixo por eixo e traremos os DSCs relacionados a cada um deles com as respectivas análises.

a) Eixo discursivo: *Concepções de tutoria*

No que se refere às *concepções de tutoria*, os discursos dos tutores e interlocutores geraram quatro *ancoragens* dispostas no gráfico abaixo:

⁹⁶ Esse gráfico foi elaborado com o auxílio de um programa para elaboração de mapas conceituais. Mindomomo. Conferir: <<https://www.mindomo.com/pt>>.

Gráfico 2 – Eixo das concepções de tutoria no PET⁹⁷ com suas ancoragens

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Dessas ancoragens, foram gerados quatro discursos coletivos. Apresentaremos os discursos e no final, faremos uma análise.

O DSC1 se baseia na A1 que tem como ideia principal a orientação, conforme podemos perceber no excerto do discurso abaixo:

*[...] o tutor é aquele professor que vai **orientar** numa formação mais amíu de do tutorando, ele tem essa função de ajudar os estudantes a enfrentar seus casos, para [...] que eles, futuramente, possam resolver sozinhos e ir em frente. Assim, a tutoria tem um papel de acompanhamento, de organização e avaliação de atividades, de direcionamento [...]. Nós direcionamos, acompanhamos, **orientamos** [...] mas é uma aprendizagem deles, para eles. Então, o tutor [...] estaria lá para ajudar para dar suporte, para apoiar essas atividades que precisam ser feitas de forma muito autônoma pelo aluno. (DSC1)*

O DSC2 com base na A2 apresenta a tutoria como uma atividade pedagógica, entretanto, o discurso deixa claro que essa atividade é diferenciada das outras experiências vivenciadas pelo professor, seja com seus alunos na sala de aula, como os grupos de pesquisa ou de iniciação à pesquisa.

*A ação tutorial é uma **experiência pedagógica** que me permite educar no processo. [...] ela é uma **atividade diferenciada** daquela que regularmente um docente faz na sua relação com os alunos. Em que ela se diferencia, aliás, das outras práticas pedagógicas que eu vejo, é esse estímulo à autonomia do aluno que, na verdade é um processo, que passa a ser conjunto, entre o tutor e o aluno.*

O DSC3 é muito semelhante ao segundo, pois remete à atividade docente e tem como base na A3 que traz *a tutoria é uma prática que promove a formação integral do aluno.*

*A tutoria é uma **experiência pedagógica** muito interessante porque nós vamos acompanhando o aluno na sua formação integral, tanto as dimensões do que seja a atividade acadêmica, do ponto de vista do conhecimento, do tripé da universidade: ensino, pesquisa, extensão; como também a **relação emocional e afetiva** durante um*

⁹⁷ As ancoragens são representadas na figura pela letra A maiúscula seguida da numeração.

*processo de formação, e na questão da formação do sujeito crítico, que tenha autonomia e reponsabilidade. Então, eu vejo a tutoria também como um processo **de formação humana** do aluno, nós vamos formá-los para eles serem críticos da própria realidade e que ele seja um cidadão, responsável e autônomo, pois, se ele não tiver autonomia, se ele não tiver iniciativa, responsabilidade e além de tudo um conhecimento, um equilíbrio, um desenvolvimento emocional, se ele não tiver maturidade como é que ele vai enfrentar a realidade? Então, a tutoria, na verdade, atua no sentido de promover e facilitar, através das atividades e ações que permitam na prática acontecer essa formação mais abrangente. É muito mais importante essa formação mais ampla, do que simplesmente ter alguém que tecnicamente tenha conhecimentos da sua área, das técnicas, dos métodos, mas que na verdade não é capaz de pensar criticamente a sociedade, de pensar a universidade inserida em um determinado contexto. Então, a tutoria trabalha muito no sentido da autonomia, porque ela tem um caráter de geração de uma formação mais autônoma do aluno, ela requer um tipo de atuação diferenciada ao permitir que o próprio aluno tome suas iniciativas e busque no tutor um guia, um conselheiro, uma pessoa em que ele possa [...] buscar direcionamentos, mas que ele, o próprio aluno, tenha autonomia [...]. Por fim, a tutoria é uma prática que permite que eu veja esse diferencial, ela permite o protagonismo e autonomia do aluno, e ao mesmo tempo aproveitarmos os potenciais de cada um[...]. Temos um **papel de formadores**, ampliando no que podemos [...]o potencial do formando. [...] Também acabamos fazendo um papel meio de mãe e pai, psicólogo(a), porque tem sempre essas questões, um grupo nunca funciona sem atrito, temos que fazer essas mediações [...].*

Por fim, a tutoria do DSC4 que destaca a tutoria é uma ação construída e não imposta.

A tutoria é uma ação mediada, acho que pode até falar assim, porque ela não é uma prática que seja imposta pelo tutor, mas vejo que ela é construída nesse coletivo, que permite essa ação mais autônoma, mais protagonista do aluno, [...] Nós discutimos as soluções coletivamente, mas em muitas situações são eles próprios que descobrem e isso, acho, que é fazer tutoria. Fica uma ação muito compartilhada.

Analisando os discursos, percebemos que os discursos não trazem concepções pré formuladas de autores ou referências teóricas para conceituar o termo tutoria, mas a eles conceituam tomando como base a prática que vivenciam é que constroem o seu pensamento sobre a ação tutorial.

Vimos no capítulo teórico o quanto é complexo conceituar a tutoria, isso ocorre porque é uma atividade que está presente em diversos contextos e com diferentes objetivos. De acordo com Veiga Simão *et al.* (2008) as ações tutoriais são um caminho encontrado pelas instituições para atender as necessidades dos estudantes. As autoras ainda afirmam que “devido ao seu âmbito e às suas possibilidades de intervenção, a função tutorial encerra traços e características que apontam para a sua amplitude e diversidade.” (VEIGA SIMÃO *et al.*, 2008, p.75).

O PET é um programa que nasceu, em sua primeira versão, em um modelo de Educação Superior que fora traçado pela Reforma Universitária de 1968 que tinha como

objetivo “a prática integrada de extensão, ensino e pesquisas científicas, buscando inovação no meio acadêmico” (SILVA et al, 2010, p.111). Assim, a tutoria exercida no PET passa pelo princípio da indissociabilidade dessa tríade. Explica-se que os tutores concebem a tutoria com base na sua prática, pois é esta que eles têm conhecimento de causa.

O Manual de Orientações Básicas (MOB) do PET, quando traz a concepção filosófica do Programa, caracteriza o grupo e define método tutorial:

Um grupo tutorial se caracteriza pela presença de um tutor com a missão de estimular a aprendizagem ativa dos seus membros, através de vivência, reflexões e discussões, num clima de informalidade e cooperação. O método tutorial permite o desenvolvimento de habilidades de resolução de problemas e pensamento crítico entre os bolsistas, em contraste com o ensino centrado na memorização passiva de fatos e informações, e oportuniza aos estudantes tornarem-se cada vez mais independentes em relação à administração de suas necessidades de aprendizagem (BRASIL, 2006, p. 6).

Um elemento que perpassa todos os DSCs sobre tutoria e que é uma representação social muito forte observada na própria definição do MOB é a questão da autonomia do estudante que a tutoria deve respeitar. O tutor é aquele que estimula a aprendizagem autônoma do estudante, provocando nele uma autoregulação de sua aprendizagem. Frison(2013) afirma que atualmente as IES investem na qualidade do ensino que ofertam e que há uma preferência por um ensino ativo e interativo, com a finalidade de estimular o desenvolvimento dos estudantes, e a tutoria é apontada como uma das estratégias para atingir tal fim.

Retomando os DSCs, o discurso dos tutores DSC2 se refere à tutoria como uma prática pedagógica diferenciada das outras que é exercida por eles, enquanto o discurso DSC70 dos alunos afirmam que o faz essa tutoria diferenciada é justamente a tríade ensino, pesquisa e extensão. Mesmo que muitas vezes haja predominância (DSC54) ou deficiência (DSC55) de um desses pilares, mas continua havendo integração, o importante é compreender em que consiste cada um. De acordo com com Laffin

as atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas e analisadas na graduação, exigem níveis diferenciados de apropriação e de internalização de saberes, considerando a particularidade do projeto e concomitantemente a diversidade de alunos envolvidos num programa comum. Portanto, favorece a superação da compreensão e operacionalização das distintas atividades como individuais e fragmentadas e em procedimentos distintos. (LAFFIN, 2007, p.27)

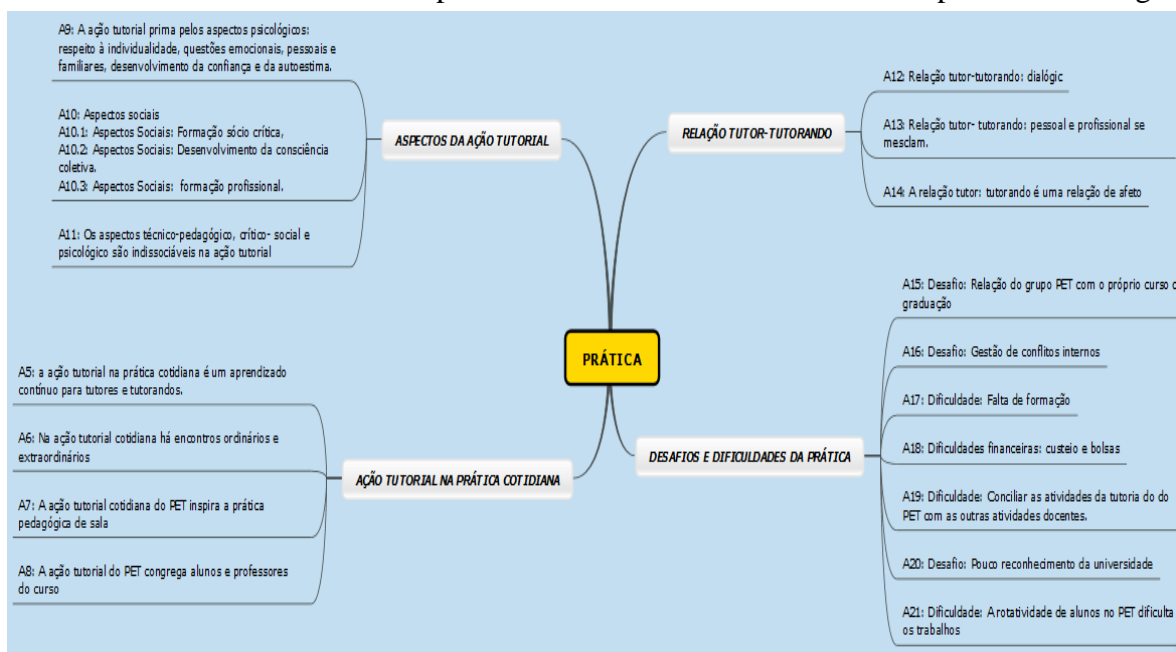
A tutoria no PET seria, pois, uma atividade pedagógica, que difere das outras atividades docentes, que promove a formação integral do aluno, destacando os aspectos pessoal, afetivo, profissional e acadêmico, desenvolvendo o seu potencial cognitivo, de análise crítico-social e principalmente sua autonomia. É uma ação mediada e compartilhada, que não havendo espaço para a imposição, mas que as decisões são tomadas no coletivo.

Sebastián Rodríguez (2010) aponta o desenvolvimento integral do estudante nos seus diferentes âmbitos: intelectual, afetivo, pessoal e social como sendo uma das características da tutoria na formação universitária e isto ocorre devido a uma intervenção essencial à tutoria que é a orientação, apontada no DSC1.

b) Eixo discursivo: A *prática* da tutoria no PET

As concepções apresentadas pelos tutores no eixo discursivo anterior remetem-nos para o exercício da ação tutorial, ou seja, a *prática* da tutoria no PET. Aqui, percebemos ainda mais a complexidade desta ação. Deste eixo discursivo, criamos quatro sub-eixos e suas respectivas ancoragens, conforme o gráfico abaixo:

Gráfico 3 – Eixo e sub-eixos da prática da tutoria no PET com suas respectivas ancoragens



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A seguir, trazemos cada sub-eixo com suas respectivas ancoragens e procuramos analisá-los trazendo alguns excertos dos discursos coletivos.

I. Sub-eixo: Ação tutorial na prática cotidiana

A5: a ação tutorial na prática cotidiana é um aprendizado contínuo para tutores e tutorandos.

A6: Na ação tutorial cotidiana há encontros ordinários e extraordinários.

A7: A ação tutorial cotidiana do PET inspira a prática pedagógica de sala.

A8: A ação tutorial do PET congrega alunos e professores do curso.

Neste sub-eixo I, os discursos coletivos revelam que a ação tutorial na prática cotidiana ocorre por meio de atividades programadas ou reuniões extraordinárias, mas que todas essas atividades de ensino, pesquisa e extensão planejadas e desenvolvidas por tutores e tutorandos contribuem para o crescimento não só de petianos, mas de todos os alunos da graduação e dos professores que usufruem das atividades, contribuem também para o desenvolvimento do próprio tutor, conhecido como *efeito-tutor*.

Baudrit (2009) nos alerta que não é evidente que a ação tutorial beneficie o tutor, segundo o fato de estarem os dois potenciais atores na presença um do outro não é o suficiente para que isso ocorra, “são necessárias condições bastante especiais, tarefas e actores bem escolhidos, para que os benefícios da tutoria se manifestem” (BAUDRIT, 2009, p. 14).

De acordo com o DSC7 a prática de tutoria no PET inspira os tutores na sua prática pedagógica em sala de aula, mas não só nesse momento, ela se constitui em um exercício à prática dialógica e de reflexão crítica.

Na prática cotidiana, eu me inspiro no PET, inclusive, para a minha prática até pedagógica não só de sala de aula, como também tem tanto de prática nesse movimento de criticidade que os alunos fazem, em tudo que nos propomos a realizar, em todas as atividades. É esse modelo assim que tentamos ser, um modelo mais dialógico, participativo, sem ser aquela figura centrada, sem o professor ser o centro naquele momento, mas algo mais participativo (DSC7).

II. Sub-eixo: Aspectos da ação tutorial

A9: A ação tutorial prima pelos aspectos psicológicos: respeito à individualidade, questões emocionais, pessoais e familiares, desenvolvimento da confiança e da autoestima.

A10: Aspectos sociais.

A10.1: Aspectos Sociais: Formação sócio-crítica.

A10.2: Aspectos Sociais: Desenvolvimento da consciência coletiva.

A10.3: Aspectos Sociais: formação profissional.

All: Os aspectos técnico-pedagógico, crítico- social e psicológico são indissociáveis na ação tutorial.

Neste sub-eixo II, retomamos as dimensões ou aspectos da ação tutorial apresentada por Lázaro Martínez (1997), Mundina, Pombo e Ruiz (2007) ou funções tutoriais elaborada pelos autores Carrasco-Embuela, Veiga-Simão, Rosado-Pinto, Flores-Fernandes, Giner-Gomis & Lapeña-Perez(2008). Dentro das classificações mencionadas especificamente a *função acadêmica* ou *dimensão tutorial acadêmica* ou *formativa*, é a que mais se assemelha a uma das ações exercidas pelos tutores do PET.

Também relembramos García Nieto (2008) e Martínez Juárez e Pérez Cuso (2010) quando nos dizem que a tutoria fornece orientações ao aluno nas seguintes áreas *acadêmica, profissional, pessoal e social, administração*. Acreditamos que olhando sob essa ótica, podemos visualizar melhor o que os discursos de tutores e dos tutorandos nos revelam.

De acordo com os DSCs, nesse processo de tutoria do PET, para além dos aspectos técnico-pedagógicos são trabalhados os psicológicos, sócio-críticos, éticas, pessoais, profissionais.

No campo pessoal, a orientação ocorre tanto em momentos individuais quanto nos trabalhos em grupo, os tutores entendem que a subjetividade de cada um permanece com a pessoa onde quer que ela esteja, a diversidade que os sujeitos trazem para o grupo precisa ser trabalhada constantemente, aprendendo a conviver uns com o outros.

*Esse convívio que nós temos de tutoria com os alunos é muito enriquecedor no aprendizado em todos os aspectos, porque além das três vertentes, da pesquisa, extensão e ensino, ainda temos que lidar com **questões emocionais, pessoais, familiares** que acontecem com eles [...] o(a) tutor(a) é como um pai ou uma mãe. Ao conversarmos sobre as dificuldades que eles estão tendo na realização das tarefas, vem as dificuldades da vida pessoal de cada um. Então, essas dificuldades batem no nosso rosto com muita frequência (DSC9).*

Também é importante mencionar que esses aspectos eles não se dissociam, eles ocorrem no cotidiano quando são necessários, e que muitas vezes, vão surgindo simultaneamente.

Na minha ação tutorial estão presentes tanto os aspectos técnico-pedagógico, quanto crítico-social e psicológica, eu acho que são ações que não dão para ser dissociadas. Em alguns momentos vemos a necessidade ter uma ação mais técnica, até pela questão do conhecimento que temos da área e das suas especialidades. Mas tem muitos momentos também que nos levam a essa criticidade, a essa questão também do lado social e do lado psicológico, então não dá para dissociar. Principalmente trabalhando com pessoas (DSC11).

As atividades de extensão que são realizadas no PET, os estudos em grupo e os projetos coletivos desenvolvem a percepção crítico-social e ética dos alunos e dos tutores sobre o papel do conhecimento na sociedade, a função social da universidade e a atuação desses futuros profissionais na sociedade. Os discursos a seguir expressam essas ideias.

Essa formação técnica e acadêmica passa por mim até certa escala, mas ela também é feita por muito outros professores [...], então essa vinculação técnica se dá também por conta de outros professores, mas essa mais social, a mais crítica, aí essa sim que é uma especial, eu, particularmente tenho essa preocupação muito grande porque a formação que um cientista de qualquer área recebe é puramente técnica, o que gera um profissional completamente desvinculado da realidade social em que ele está inserido. As atividades realizadas pelo grupo que são atividades de extensão, atividades externas se enquadram muito mais nesse perfil de uma orientação social, crítica do que meramente técnica. [...] Dentro dessa perspectiva as questões ético-sociais, ou seja, o compromisso da ciência, como é que ela vai chegar, quais são as consequências desse trabalho, acabam sendo perpassadas por essa discussão, porque pensamos assim, conhecer o mundo, entender o mundo ao seu redor e como atuar, ele como profissional de uma forma socialmente comprometida, pensando na sociedade [...] (DSC10.1).

O PET tem uma característica que é o desenvolvimento coletivo do grupo. Então, é um programa geracional porque ao mesmo tempo vão saindo bolsistas e vão entrando, então sempre tem um grupo mais velho, um grupo intermediário e um grupo novo. Então, como é que eu desenvolvo isso? Eu desenvolvo coletivamente, nós colocamos na mesa como um projeto que nós desenvolvemos durante um ano, todo ano tem um projeto para desenvolver, os alunos ajudam, dão opinião e nós desenvolvemos todas aquelas atividades coletivamente. [...] Essas ações eles tem total responsabilidade de fazer, sendo que impedimentos, os entraves, a gente traz para o grupo e o grupo se manifesta e eu como tutor(a) também me manifesto. É uma atividade muito boa, mas ela é difícil porque vai envolver formas, vai envolver seres humanos porque cada um tem sua forma, sua concepção. Tem os que estão chegando e os seres humanos têm especificidades, então, como é que eu vou levar aquele grupo para aqueles objetivos observando essas especificidades e dirigindo para que a gente consiga aqueles objetivos, claro que há frustrações, mas na tentativa de formar aquela pessoa, dele crescer em conjunto, e ter ali resultado, não só para o grupo mas na própria graduação. [...] Essa convivência coletiva, como conviver com pessoas de gêneros diferentes, concepções religiosas e teóricas diferentes, porque entram alunos de todas as ideologias, não necessariamente que seja de uma minha, ou seja, de outra, tem aluno que participa do movimento estudantil, tem aluno que não participa, então, é um caldal de ideias ali dentro e há embates. Enriquece (DSC10.1).

Percebemos nos vários discursos evidências de partilha, coletividade e o trabalho em grupo, nos DSC dos tutores e tutorandos, devido a ideia de diferenças individuais existentes dentro no grupo, essa diversidade é difícil de ser trabalhada, mas enriquece.

Ainda sobre a prática dos tutores, mencionamos a portaria nº 3.385 de setembro de 2005 em seu artigo 11, no que se refere às atribuições do professor tutor que são:

- Planejar e supervisionar as atividades do grupo e dos alunos bolsistas e não bolsistas;
- Coordenar a seleção de bolsistas e não bolsistas;
- Submeter a proposta de trabalho do grupo para aprovação pelo curso de graduação antes do envio à Pró-Reitoria de Graduação;
- Organizar os dados e informações sobre as atividades do grupo para subsidiar a elaboração do relatório da IES e a avaliação de consultores e avaliadores;
- Dedicar carga horária mínima de 8 horas semanais para orientação dos bolsistas e do grupo, sem prejuízo das atividades de sala de aula da graduação;
- Atender, nos prazos estipulados, às demandas da instituição e da SESu;
- Solicitar ao Comitê Local de Acompanhamento, por escrito, justificadamente, seu desligamento ou de aluno(s) bolsista(s);
- Controlar a frequência e a participação dos bolsistas;
- Elaborar a prestação de contas da aplicação dos recursos recebidos, a ser encaminhada à SESu;
- Fazer referência a sua condição de bolsistas do PET nas publicações e trabalhos apresentados;
- Cumprir exigências estabelecidas no Termo de Compromisso;
- Não receber qualquer outro tipo de bolsa.

Essas atribuições são amplas, de caráter legislativo e trazem apenas os aspectos técnicos, evidenciando o seu caráter objetivo, entretanto, quando as leis e a normas entram no cotidiano das pessoas, elas se deparam com as subjetividades. Nesse sentido, surgiram outros aspectos do PET que foram mencionados nos DSCs dos tutores, e logo mais veremos que também se fazem presentes nos DSCs dos tutorandos.

III. Sub-eixo: Relação tutor-tutorando

A12: Relação tutor-tutorando: dialógica.

A13: Relação tutor- tutorando: pessoal e profissional se mesclam.

A14: A relação tutor: tutorando é uma relação de afeto.

No sub-eixo III, os discursos ressaltaram a relação tutor-tutorando. Na realidade, embora se refiram à esse tema em particular, não se desvincula dos outros, há uma coerência no que é apresentado nos discursos, não há como desenvolver uma ação tutorial sem pensar em como ela é realizada e como os sujeitos envolvidos nela se comportam e atuam, e o que dela tiram proveito.

Os três discursos que se referem à relação tutor-tutorando são complementares à medida em que ela se constitui em uma relação dialógica, aberta, flexível, enfatizando que não há espaço para autoritarismos nessa, é necessário uma negociação constante entre as partes, e muito empenho de todos os participantes do grupo.

É uma relação que precisa ser muito aberta, muito flexível, precisa ser de muito diálogo. Cada aluno é um mundo, uma cabeça. [...]O tutor, ele precisa se colocar

no patamar do aluno para que ele possa dialogar efetivamente. Sem isso, esse diálogo não acontece em duas vias, a autoridade não pode ser a referência que o tutor tem para dialogar, ele precisa se posicionar porque há uma confiança, gerar uma confiança no aluno para que ele possa escutar, não pela autoridade que a gente usa em outras ocasiões, mas no PET a gente precisa se colocar realmente no patamar do próprio aluno para que o diálogo possa acontecer (DSC13).

Devido ao tempo que passam juntos permitem que eles trabalhem melhor essa perspectiva pessoal, os seus aspectos emocionais e afetivos que acabam por gerar muita proximidade entre tutores e tutorandos, e entre os próprios membros do grupo, conforme fica evidente nos DSCs:

[...]na tutoria nós estamos muito mais próximos deles. Então é, de fato, é uma relação profissional, mas também é uma relação pessoal. Diferente da nossa relação em sala de aula, que é uma relação que requer um determinado distanciamento. E, em relação aos professores tutores, eles são bem mais próximos (DSC12).

*Nossa relação é assim... é claro que uns são mais dados outros, mas eu sinto assim que **há um respeito, um carinho, a questão do lado afetivo porque a gente se envolve**. Onde eu encontro com eles 'professor(a)' me abraça, manda e-mail, sempre mandam alguma coisa, é uma relação de carinho, de proximidade. Aqui eu costumo dizer inclusive que **nós nos consideramos uma uma família**, porque são 12 bolsistas. Somos a família PET, porque não deixa de ser, eles até brincam muito porque nós acabamos até rotulando "os filhos" e alunos porque ficamos muito tempo envolvidos, ao longo do ano, **passamos muito tempo juntos**, são 10 horas que o tutor tem, mas eles tem 20 horas na verdade, nesse programa, e não tem como deixar de ter esse laço, de construir esse laço afetivo. Muitos deles inclusive se tornam amigos posteriormente. quando passam aqui é eternamente pedindo conselhos pros namorados, pros maridos pros concursos... pras coisas. [...]Por outro lado, quando o aluno não cumpre com aquelas atividades, [...]mas temos que saber também separar muitas vezes isso. Como isso faz parte do ofício mesmo do(a) professor(a), do tutor(a). Mas tentamos fazer com que o processo flua com muita tranquilidade, até porque o aluno precisa se sentir motivado e ter essa liberdade também para poder criar, para colocar sua criatividade em pauta (DSC14).*

Percebemos que, de fato, os aspectos psicológicos se sobressaem na tutoria realizada no PET, até mesmo pelas expressões utilizadas nos discursos “somos uma família” revelam que se cria um vínculo muito forte entre tutores e tutorandos, e entre os próprios petianos. Desenvolve-se assim, competências de relações interpessoais, conhecendo-se uns aos outros no contexto acadêmico e conseqüentemente nas relações sociais por meio das atividades de extensão do PET. A interação que há entre os indivíduos e o ambiente social e cultural se constitui na base para a construção das relações sociais que influenciam e são influenciadas pelos aspectos cognitivos, emocionais e pelas ações.

IV. Sub-eixo: Desafios e dificuldades da prática

A15: Desafio: Relação do grupo PET com o próprio curso de graduação.

A16: Desafio: Gestão de conflitos internos.

A17: Dificuldade: Falta de formação.

A18: Dificuldades financeiras: custeio e bolsas.

A19: Dificuldade: Conciliar as atividades da tutoria do PET com as outras atividades docentes.

A20: Desafio: Pouco reconhecimento da universidade.

A21: Dificuldade: A rotatividade de alunos no PET dificulta os trabalhos.

No tocante ao sub-eixo IV que discute sobre os desafios e as dificuldades que os tutores enfrentam no exercício da sua prática. Foram apresentados como desafios: o pouco reconhecimento da universidade e do curso, além da gestão dos conflitos internos do grupo referentes às ancoragens A15, A16, A20.

*Os desafios são muitos. Existe uma pressão normal e positiva do próprio curso em relação à atuação do grupo que existe para gerar benefícios na formação, não só dos próprios petianos, mas também de todos os alunos do curso ao qual o grupo está vinculado. Então, existe essa pressão, essa preocupação que a gente tem de estar sempre gerando atividades que possam contribuir para a formação, pra o engrandecimento da graduação. Então, essa **relação com o próprio curso**, com o coordenador do curso, é sempre um grande desafio! Você tem que fazer essa gestão, a gestão mais externa do PET, na conscientização da importância das atividades, com o corpo docente e com a coordenação. Existem exemplos que eu posso usar que são emblemáticos, quando você organiza uma semana acadêmica, por exemplo, você precisa convencer os colegas, professores, que aquele evento é importante, que é uma atividade acadêmica, para que eles liberem os seus alunos, para que a coordenação participe ativamente, estimule a participação não só do corpo docente, mas também dos alunos, então você tem ali uma **gestão de interface entre o grupo e o meio externo, a própria universidade, o corpo docente, a administração superior**, para que todos entendam a importância daquela atuação (DSC15).*

Gerir pessoas, com seus interesses, suas individualidades em um grupo que tem uma convivência semanal como ocorre no PET é realmente um desafio para o tutor e para o grupo como um todo.

*Um desafio interno é você tratar de todas essas características pessoais, esses interesses que são diferenciados, é a gestão efetivamente do grupo no seu dia a dia. Quando as pessoas estão começando, cada um tem o seu tempo de entrar. Às vezes eu tenho paciência de compreender porque eu sou mais velha, tenho até obrigação. Mas o grupo às vezes já está andando, aí a gente tem que arrumar, porque é gente do segundo, do terceiro, do quinto, do oitavo, e o tutor faz essa mediação. É que se nós nos enriquecemos enquanto pessoa, é uma aprendizagem, nós também temos dificuldades de conviver, discutir a questão que você exerce na prática, **a questão da diversidade**, essa relação, a exigência que a Universidade tem para você cumprir todas essas tarefas que você tem e ao mesmo tempo tem um grupo que você tem que acompanhar muito de perto. Você acompanha coletivamente, mas você acompanha individualmente também. Às vezes, nós desligamos bolsistas por conta de*

incompatibilidade, por não se adequar, que é um dos princípios, quem não preserva o nome do PET, quem não cumpre as atividades, etc., está lá previsto como critério de desligamento. Então, a gente tem que gerenciar muito, muito “pepino” (DSC16).

O DSC20 se refere ao pouco reconhecimento do programa dentro da instituição, o que reflete no não reconhecimento da própria ação tutorial que é apontada como um problema pelos tutores.

O não reconhecimento da Universidade! Não vou dizer o não reconhecimento, mas o pouco reconhecimento da Universidade em relação à tutoria enquanto atividade. A Universidade quer que a gente ajude a fazer projeto, quanto mais PET tiver, melhor, eu também acho, mas na hora de reconhecer a atividade do tutor! (DSC20).

Como dificuldades surgem a falta de formação, as questões financeiras, questões de tempo dos tutores para conciliar as atividades da tutoria do PET com as outras atividades docentes e a rotatividade de alunos no PET, o que dificulta os trabalhos, (ancoragens A17, A18, A19 e A21).

O problema que foi mais enfatizado nos discursos, tanto dos tutores quanto dos alunos, é a questão financeira, no que se refere às bolsas e ao custeio. Cada aluno que faz parte desse programa do governo federal recebe uma remuneração, uma bolsa⁹⁸. O tutor também recebe uma bolsa,⁹⁹ e o grupo recebe um custeio para as despesas. Esse custeio tem regras para ser utilizado.

De acordo com os discursos, há um atraso constante de bolsas dos tutorandos e isso de certa forma prejudica o trabalho e se torna um empecilho para a vida acadêmica daqueles que dependem desse recurso. Além disso, o custeio também demora a chegar, geralmente chega de uma vez só e geralmente está disponível no segundo semestre. Muito embora no Manual de Orientações Básicas o que está escrito é que esse custeio será semestral, a Portaria MEC nº 976, de 27 de julho de 2010, prevê que esse custo seja pago somente uma vez por ano, conforme expressa o artigo que se segue:

Art. 16°. O tutor de grupo PET receberá, semestralmente, o valor equivalente a uma bolsa por estudante participante, a ser aplicado integralmente no custeio das

⁹⁸ Vide Portaria MEC nº 343, de 24 de abril de 2013. Art. 19. O estudante bolsista de grupo PET receberá mensalmente uma bolsa de valor equivalente ao praticado na política federal de concessão de bolsas de iniciação científica.

⁹⁹ Vide Portaria MEC nº 343, de 24 de abril de 2013. Art. 14. O professor tutor de grupo PET receberá mensalmente bolsa de tutoria de valor equivalente ao praticado na política federal de concessão de bolsas de doutorado. § 1º A bolsa do professor tutor com título de mestre será de valor equivalente ao praticado na política federal de concessão de bolsas de mestrado;

atividades. 1º: Por conveniência operacional, o valor de custeio das atividades dos grupos poderá ser pago anualmente em uma única parcela¹⁰⁰.

Muitas vezes as atividades de extensão e outras que exigem recursos financeiros são realizadas com o uso do dinheiro da bolsa dos alunos e dos tutores porque não houve o repasse do custeio pelo MEC. Também há um senso de responsabilidade muito grande do grupo e dos tutores quando afirmam que não é a universidade ou o MEC que estão à frente das atividades junto da comunidade, mas é o PET, por isso a atividade tem que acontecer!

*Na maioria das vezes os alunos dependem da bolsa porque eles não são ricos. Agora tem muitos deles que estão sem conseguir nem vir pra aula porque há o atraso da bolsa. Esse é um problema seríssimo pra gente manter o resultado no curso. Isso tem sido um desgaste porque você vê a pessoa que tem um potencial sair porque não tem a bolsa. E assim já foram muitos. Isso dificulta muito as atividades. O financiamento dos eventos também tem sido uma dificuldade, nós não participamos porque nunca temos recursos para participar [...]. Então, tem essas dificuldades. Porque **as regras do custeio** diz que nós podemos financiar eventos científicos. Mas, por exemplo, não financia diária, financia a passagem. [...] Aí não funciona, não dá certo. Não tem transporte nem alimentação, tem única e exclusivamente a passagem. Então, fica muito complicado esse tipo de coisa. Tem gastos que a gente não pode fazer que são primordiais. [...] Mas hoje, às vezes mesmo com o custeio há coisas que têm que ser feitas e tem que sair do bolso, porque **o custeio quase nunca chega**, quando ele chega, ele chega atrasado. A gente tem que gerir os conflitos financeiros. [...] Então eu acho que a gente precisa ter muita paciência e muito sentido de previsibilidade. Eu, por exemplo, já tirei dinheiro do meu bolso, porque não tinha dinheiro em caixa e precisava comprar isso, isso, aquilo, aquilo outro... Não faz seis meses, eu doe X reais pra realizar a atividade, porque nós tínhamos nos comprometido com a comunidade e que precisava ser feito, porque não era o MEC! O MEC é distante. Não adianta dizer: "Olha, não aconteceu porque o MEC..." Nós somos a cara do MEC e da Universidade (DSC18).*

A falta de formação é uma das queixas frequentes não somente dos tutores do PET, mas de muitos outros programas em que a tutoria está presente, muito embora esse quadro venha se modificando aos poucos, ainda há necessidade de formação, o que discutiremos no próximo eixo discursivo da *Formação*, evidenciando quais os elementos que os tutores consideraram como essenciais para a formação do tutor nesse programa. A seguir, mais um depoimento: "*O exercício da tutoria é uma experiência que nós não somos formados para ela, você vai aprendendo no dia-a-dia, porque a universidade não dá, nem no ensino, nem na extensão, nem na pesquisa [...]*" (DSC17).

¹⁰⁰ Vide Portaria MEC nº 343, de 24 de abril de 2013. Art. 23. O repasse dos recursos referentes ao valor de custeio das atividades dos respectivos grupos, de que trata o art. 16, será feito diretamente ao tutor pelo FNDE, mediante o repasse de recursos pela SESu/SECADI. Parágrafo único. A prestação de contas da verba de custeio será efetuada pelo tutor, observada a legislação pertinente." (N.R.)

Além dessas duas dificuldades apontadas, ainda há a questão de que os tutores realizam muitas outras atividades dentro da universidade, e sentem dificuldade de conciliá-las com as da tutoria que requer muita atenção e disponibilidade. No DSC fica claro a insatisfação dos tutores, em relação às horas dedicadas ao PET, que não são contadas no Plano de Ação Docente na UECE, uma vez que todas as atividades realizadas pelo grupo é dedicada à graduação. Entretanto, também fica evidente no discurso que isso ainda está sendo discutido na universidade a fim de procurar uma solução.

As dificuldades na conciliação das demais atividades com o PET, que é ser um professor da UECE, pesquisador, ainda tem as questões com as atividades burocráticas que exercemos. Então assim, muitas vezes ficamos nessa dificuldade, acompanhando eles, mas o que me deixa muito impotente é querer acompanhar todo o processo e nem sempre a gente pode [...]. Principalmente agora que o PET não está mais contando do nosso PAD. Então essa é outra grande dificuldade, são X horas que eram contabilizadas no nosso Plano de Ação Docente e agora retiraram.[...] Então assim, é como se fosse uma atividade extracurricular do professor. Eles existem várias discussões sobre isso e até a Pró-Reitora está tentando voltar, resgatar essa contabilização no nosso PAD. Eu quero um pouco mais de disponibilidade, porque quando eu entrei aqui tinha redução de X horas, então, eu reduzia sempre minha carga horária para estar no PET, se envolvendo, porque o PET contribui diretamente para o curso. Então, por exemplo, os eventos que realizamos, passamos uns quatro meses de antecedência para planejar, reunir e nos debruçarmos mesmo, para que realmente tudo ocorra muito bem e sempre tem ocorrido, assim, muito bem, então sempre se destaca muito, são muitos elogios, mas conta, assim, é um esforço, um trabalho muito árduo, muito grande de envolvimento mesmo (DSC19).

Por fim, há uma preocupação com a rotatividade dos alunos que está aumentando a cada ano devido às mudanças na legislação e de acordo com o DSC21 o MEC está trabalhando na contramão da proposta de formação do programa.

O MEC tá trabalhando na contramão. Uma coisa que eu acho muito preocupante, era que antes a gente só podia pegar alunos de 2º, 3º, até no máximo 4º, porque para ter o certificado de PET ele precisava estar dois anos dentro do programa [...] agora você pode pegar até do 7º semestre. [...] Então isso para a formação é péssimo. Não vai nem entender a lógica. Não dá tempo construir coisa nenhuma. Tem gente que vai despertar com seis meses, outros com três, tem gente que com um ano, com mais de um ano é que começa a engrenar. Então, assim, esses dois anos no meu entendimento, são mínimos para gente, para formar realmente e não dá para fazer um trabalho decente. Já pensou você trabalhar um mês com uma criatura e ela ter o certificado de petiano? Então o MEC, ultimamente, tem trabalhado na contramão do que a gente espera (DSC21).

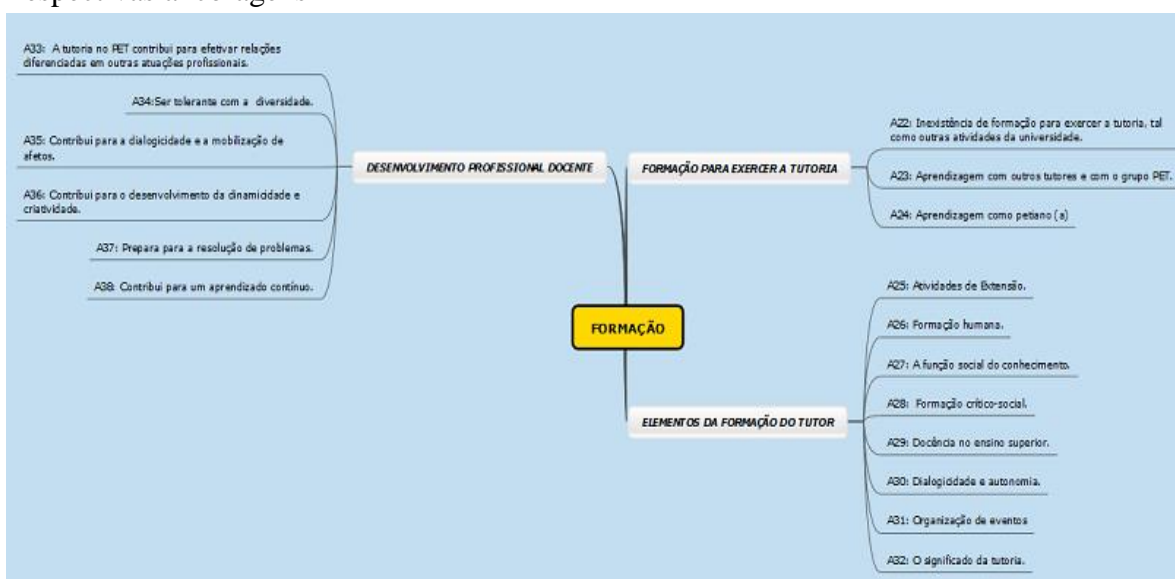
O DSC21 nos revelam que o rumo que vem tomando as Políticas Públicas para a educação brasileira estão na contramão de uma educação emancipatória. Quando o PET já se constitui uma Política bem estruturada, aparece uma lógica que atende aos padrões neoliberais

e capitalistas, entretanto, contradiz a continuidade do trabalho do tutor em relação à formação do petiano.

c) Eixo discursivo: *A formação para exercer a tutoria no PET*

O eixo discursivo da *formação*, é constituído por três sub-eixos conforme o gráfico abaixo:

Gráfico 4 – Eixo e sub-eixos da formação para o exercício a tutoria no PET com suas respectivas ancoragens



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A seguir, trazemos cada sub-eixo com suas respectivas ancoragens e procuramos analisá-los trazendo alguns excertos dos discursos coletivos.

I. Sub-eixo discursivo: Formação para exercer a tutoria

A22: Inexistência de formação para exercer a tutoria, tal como outras atividades da universidade.

A23: Aprendizagem com outros tutores e com o grupo PET.

A24: Aprendizagem como petiano (a)

Neste sub-eixo I, percebemos a necessidade de formação dos tutores para exercer tal função, que já fora mencionada como dificuldade no DSC17. A tutoria é semelhante a outras atividades inerentes à docência ou à gestão na educação superior em que os professores não estão preparados para exercê-las, vai aprendendo no dia a dia.

Eu nunca fiz nenhuma formação. Isso não existe, não! Que eu tenha participado, não! O que eu fiz foi leituras, você vai lendo, o problema é que os cabelos brancos vão aparecendo, você vai aprendendo mais algumas coisas, vai amadurecendo, vai na experiência do dia-a-dia, na experiência do ensino, da docência, aprendendo. Por isso, é auto formação, aprendendo na prática, a formação para atuação na tutoria é realmente na prática fazendo e aprendendo. Eu me sinto só, assim, o que eu aprendo é na marra, no dia-a-dia. [...] Porque nós coordenamos um grupo a nível profissional e pessoal mais do que tudo, porque o tutor coordena 12 a 15 pessoas o ano todo. É um aprendizado pra nós. É um aprendizado muito bonito. [...]A atividade de um docente na universidade ela é desafiadora já por natureza, por mais curioso que pareça, a própria docência, apesar de você ter feito graduação, mestrado e doutorado, faz concurso para ser professor de uma universidade e você não recebeu formação como docente. [...] (DSC22).

Uma das principais formas de aprendizagem para exercer a tutoria pode ser o contato com outros tutores em sua prática e com o próprio grupo de alunos do PET, porque eles têm muito a ensinar. Ter sido petiano também constitui uma aprendizagem para o exercício da tutoria, pois os tutores que participaram de um grupo PET, apontam esse dado como importante. Assim, a formação “é irremediavelmente do âmbito da experiência de quem, como sujeito social, encontra-se na aventura pensada que é aprender, subjetivando-a, valorando-a.” (MACEDO, 2013, p. 43).

Foi aprendendo no dia a dia. Nós tínhamos conhecimento das atividades porque a tutoria anterior também já apresentava planejamentos, relatórios nas reuniões do colegiado. O resto foi aprendendo mesmo com a turma que vinha, mas é uma experiência muito bacana, porque eu peguei uma turma que vinha da tutoria anterior, então a gente vai meio que a reboque. [...]O tutor, quando entra recebe um choque de realidade dos próprios petianos mais antigos do quê que é a tutoria, do quê que é o PET, do quê que é a tutoria. A relação tutorial acontece de aluno pra aluno, do aluno mais antigo para o aluno mais novo, a relação tutorial acontece do tutor com o tutor. O tutor deve absorver desse ambiente todo, dos seus alunos mais veteranos, de outros tutores que estão já atuando na sua instituição, de outros tutores de outras instituições nesses eventos, para entender essa lógica que é uma lógica diferenciada de atuação! [...]E eles me ajudaram muito no processo, então eu achei aquilo muito importante, porque eu fui tomando parte, tomando conhecimento aos poucos, embora eu já tivesse a vivência de bolsista do PET, mas essa iniciação à tutoria passa a ser um papel diferente. Então acabamos aprendendo nesse processo e foi muito importante para mim. Uma experiência com os veteranos que vão nos conduzindo, e eles me deixaram muito à vontade para criar, realizar essa condução, esse processo tutorial. [...] (DSC23).

(...)

A minha própria experiência como petiano(a) me mobilizou a estar realizando o processo da ação tutorial, mas assim, a gente aprende muito no processo[...] (DSC24).

O DSC24 nos remete ao pensamento de Baudrit quando afirma que “os bons tutores de hoje podem ter sido os tutorandos de ontem [...] e não é descabido encarar um tutorando de hoje como alguém que, um dia, exercerá com sucesso a função de tutor”

(BAUDRIT, 2009, p. 136). Esse raciocínio nos faz pensar mais longe, os tutorandos levarão consigo esse aprendizado para a sua futura prática profissional seja na docência ou não.

II. Sub-eixo discursivo: elementos da formação do tutor

A25: Atividades de Extensão.

A26: Formação humana.

A27: A função social do conhecimento.

A28: Formação crítico-social.

A29: Docência no ensino superior.

A30: Dialogicidade e autonomia.

A31: Organização de eventos.

A32: O significado da tutoria.

Consideramos esse sub-eixo II muito importante porque se refere às temáticas apontadas pelos próprios tutores como essenciais para um tutor ter conhecimento, o que pode subsidiar um possível programa de formação de tutores para atuar no PET.

Há temas mais conceituais como os das ancoragens A29 e A32 que apontam a necessidade de discutir sobre o significado da própria tutoria e conhecimentos da docência no ensino superior.

*Nós temos a possibilidade de **compreender o significado realmente de uma tutoria**. Eu acho que esse trabalho com grupos já é fundamental, no sentido de que você é responsável por aquele conjunto em termos de orientação, de organização, de coordenação. Mas ao mesmo tempo, você não é o dono, você não é o que manda. Você compreender o que é realmente o significado. Ser tutor! (DSC32).*

Por outro lado, há temáticas mais voltadas para as dificuldades da prática como formação sobre a organização de eventos e de atividades de extensão, presentes nas ancoragens A25 e A31.

*Eu acho que nós deveríamos ser orientados em **atividades de extensão** que é algo que a gente vê com mais deficiência, é o principal problema nosso, é sempre as atividades que dão maior dificuldade e a universidade não contribui muito na parte da extensão. Levar os alunos, sair da sala de aula, sair do muro da universidade para ir a expor o pensar, o conhecimento, interagir com a comunidade, nem todo mundo consegue fazer isso não! Então, muitos não têm essa formação também, como tutor, que é necessária (DSC25).*

Dias (2012, p. 152) afirma que a instituição de ensino “[...] não pode se eximir de sua responsabilidade de oferecer oportunidades para que uma formação contínua se instale, e, dessa forma, os docentes possam se sentir mais seguros no desenvolvimento do ofício.” Acreditamos que em relação à extensão não falta formar somente os tutores, mas todos os docentes, uma vez que faz parte do tripé da universidade.

Há também uma preocupação com a formação crítica A27 e A28 e humana, temas de interação e gestão de pessoal, trabalho em grupo A26 e temas que desenvolvam a capacidade de dialogicidade e a autonomia A30.

De acordo com o DSC30, é fundamental que a formação dos tutores proporcione a compreensão de uma prática dialógica conforme aquela proposta por Freire em sua *Pedagogia da autonomia*(1996). O autor se refere ao ato de ensinar que exige o saber escutar, liberdade e autoridade, de rejeição à discriminação, respeito à autonomia do ser educando, disponibilidade para o diálogo, dentre outras características que consideramos essenciais à ação tutorial. A seguir, o próximo depoimento: “*Eu acho que os temas ligados a perspectiva do Paulo Freire. A questão da autonomia, dialogicidade, eu acho que se você for numa metodologia freiriana, você vai encontrar todos os elementos.*” (DSC30).

Assim como para os educadores em geral faz-se importante, para os tutores também são considerados elementos importantes como a formação humana para que assim a tutoria caminhe na direção de uma educação que “faz do conhecimento, do respeito mútuo, da aceitação, da solidariedade e da convivência os pilares essenciais da construção pessoal, social e cultural do indivíduo.” (MORGADO, 2005, p. 16).

O que eu acho fundamental na formação são os elementos mais humanos, de relações, de gestão de pessoal, de gestão de conflitos. [...] O que nos carece, eu acho que a todos nós nesse processo de formação é essa discussão sobre como é que faz a gestão desse pessoal, como é que faz a gestão desses interesses e dessas perspectivas que são conflitantes, todo mundo tem muitos sonhos, perspectivas que são diferentes. Você tem que fazer essa gestão dos conflitos que são gerados a partir desse ambiente. Essas questões de interação, essa relação de melhor entendimento da personalidade de cada estudante para o tutor aprender a lidar melhor com essas situações que se apresentam. [...] Então, essa formação que eu estou chamando de uma formação mais humana, para você efetivamente poder fazer a gestão do grupo daquele pessoal. Um tema bastante interessante também é trabalho em grupo [...]. (DSC26).

De acordo com o DSC30, é fundamental que a formação dos tutores proporcione a compreensão de uma prática dialógica conforme aquela proposta por Freire em sua *Pedagogia da autonomia*(1996). O autor se refere ao ato de ensinar que exige o saber escutar, liberdade e autoridade, de rejeição à discriminação, respeito à autonomia do ser educando, disponibilidade para o diálogo, dentre outras características que consideramos essenciais à

ação tutorial. A seguir, o próximo depoimento: “*Eu acho que os temas ligados a perspectiva do Paulo Freire. A questão da autonomia, dialogicidade, eu acho que se você for numa metodologia freiriana, você vai encontrar todos os elementos.*” (DSC30).

III. Sub-eixo discursivo: Contribuição da tutoria para o Desenvolvimento Profissional

A33: A tutoria no PET contribui para efetivar relações diferenciadas em outras atuações profissionais.

A34: Ser tolerante com a diversidade.

A35: Contribui para a dialogicidade e a mobilização de afetos.

A36: Contribui para o desenvolvimento da dinamicidade e criatividade.

A37: Prepara para a resolução de problemas.

A38: Contribui para um aprendizado contínuo.

O sentido de desenvolvimento profissional docente é algo que perpassa a formação pessoal e profissional docente e aos contextos e às políticas educacionais em que os professores realizam suas atividades (DAY, 2001). Trazemos também o pensamento de Formosinho que concebe o desenvolvimento como

um processo contínuo de melhoria de práticas docentes, centrado no professor, ou num grupo de professores em interação, incluindo momentos formais, com a preocupação de promover mudanças educativas em benefício dos alunos, das famílias e das comunidades (FORMOSINHO, 2009, p. 226).

Para além da promoção do enriquecimento pessoal o autor afirma que há uma preocupação em promover benefícios para os alunos. De fato, o modelo tradicional de educação superior centralizado no ensino, que tem o professor como transmissor de conhecimentos vem cedendo lugar para um modelo voltado para a aprendizagem.

De acordo com Pérez Gómez (2009, p. 19) “aprender a aprender torna-se a competência central dos cidadãos na era da informação para lidar criativamente com a completa e incerta realidade.” Ou seja, muitas mudanças vêm ocorrendo nas formas de ensinar e de aprender e uma delas é a questão da ação tutorial na universidade.

Rumbo Arcase e Gómez Sánchez (2011) afirmam que há uma forte tendência no Espaço Europeu de que a tutoria deixe de ser uma atividade específica complementar para se tornar espinha dorsal do ensino superior, por dois motivos, primeiro pelo seu papel orientador nos processos de aprendizagem autônomas de alunos que se tornam participantes ativos no

seu próprio processo de aprendizagem. A segunda razão é destacar a possível virtualidade que pode ter a tutoria acadêmica no desenvolvimento profissional dos professores da educação superior.

As ancoragens A34, A35 e A37 refletem o desenvolvimento nesse campo pessoal, mas numa perspectiva de voltar-se para a busca de solução dos problemas e dos conflitos que surgem no trabalho cotidiano com esses tutorandos, que constituem uma diversidade.

A principal contribuição é aprender a gerir “pepinos”. [...] Há muitos conflitos, é muito difícil, porque é uma quantidade grande de alunos, são 12, às vezes, temos voluntários, chega a 14, 15 petianos pra gente gerir. Acontece todo tipo de conflito entre eles e estamos sempre procurando mediar (DSC37).

Eu acho que o PET ajuda também no geral a você ser mais tolerante até com as divergências, com a diversidade, porque vai lapidando a nossa forma de ver o relacionamento humano. Acho que isso é importante (DSC34).

Nós utilizamos muito os afetos também, então tem sido uma aprendizagem contínua, por essa prática mesmo muito dialógica, a pedagogia que é dialógica, é aberta, Essa própria relação que eu tenho com eles, que eu procuro também disseminar com outros grupos de grupo de pesquisa, e também de iniciação científica embora lá o foco seja diferente. Enfim, é uma relação que eu venho aprendendo, é algo que eu sempre venho tentando agregar e levar um pouquinho do PET para lá também, para a minha prática pedagógica (DSC35).

Compreendemos que o desenvolvimento profissional docente e a formação contínua são perspectivas diferentes de uma mesma realidade que é “a educação permanente de professores num processo de ciclo de vida” (FORMOSINHO, 2009, p. 225), mas que estão intimamente relacionados. As ancoragens A33, A36 e A38 retratam bem essa visão de aprendizado contínuo que a tutoria proporciona a inovação e a criatividade em sala de aula e nas outras atividades desenvolvidas pelo professor.

O PET tem sido uma escola pra mim. Talvez eu seja a pessoa que mais tenha aprendido dentro do PET [...] E esse ganho, é claro, eu vou passando para os próximos grupos que vão chegando, às vezes funciona aqui, não funciona ali, tenho que refazer, reaprender (DSC38).

A tutoria me inspira muito como professor(a) em sala, eu tenho aprendido muito, até costumo dizer com eles. Cada dia a gente aprende com o outro nessa construção, nessa dinamicidade, eles são muito criativos, são muito dinâmicos (DSC36).

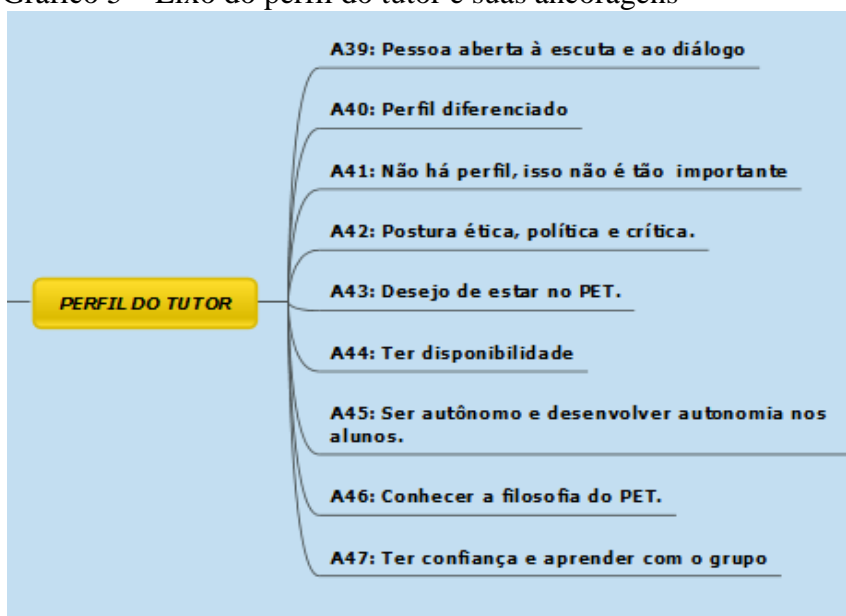
[...] Então, a atuação no PET me ajudou porque ela me permite gerar e exercitar esse tipo de relação que eu acho que é muito positiva, bastante adequada, e que eu consigo levar em pequenas instâncias, em pequenos exemplos, para outras atuações profissionais, na minha atuação como docente [...] Então, em pequenos momentos eu posso pegar essas experiências de atuação que eu tenho no PET e incluir na minha prática profissional (DSC33).

A formação do tutor no exercício da sua ação tutorial ocorre na interação com os tutorandos nas situações da prática cotidiana, à medida em que planejam e executam as atividades há uma interação maior. Assim, a exigência de acompanhamento e orientação é proporcional ao número de atividades, portanto, há um aprendizado muito mais significativo.

d) Eixo discursivo: O *perfil* do tutor do PET

No que se refere ao perfil dos tutores para exercer a tutoria no PET, surgem divergências nos discursos, entre os que consideram que há perfil ou pelo menos algumas características essenciais à ação tutoria e os que acreditam que não há perfil ou que isso não é tão importante.

Gráfico 5 – Eixo do perfil do tutor e suas ancoragens



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Veiga Simão *et al.* (2008) em análise de experiências de tutoria no Ensino Superior em Portugal¹⁰¹ identificam as competências essenciais ao desempenho da função de tutor que ocorrem em três níveis: *do saber, do ser e do saber -fazer*.

No que se refere ao *saber* podemos inferir que será importante que o tutor tenha conhecimentos prévios (e alguma formação, se possível) sobre o trabalho de tutoria

¹⁰¹ Experiências investigadas pelas autoras: a tutoria curricular na Universidade do Minho, o programa de “Tutorado” do Instituto Superior Técnico2; o Programa de Apoio a Novos Alunos (PANA) - “Mentorado” - da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa e o programa SISTESE – Sistema tutorial da Escola Superior de Educação (ESE) de Setúbal.

(finalidades, objectivos, tarefas, dimensões, monitorização...) que fazem do tutor uma pessoa com mais experiência e saber, que conheça o *currículum* do curso e o meio profissional de referência para o curso. Ao nível do *ser*, o tutor assume fundamentalmente o papel de guia sendo fundamental estar motivado para o trabalho de tutoria no sentido de criar uma disponibilidade para estabelecer relações interpessoais. No que se refere às qualidades do tutor é consensual que a qualidade da comunicação entre o tutor e o aluno é essencial. Se a comunicação entre o tutor e o aluno não existisse, esta tarefa não faria sentido. Ser organizado, flexível, perseverante e paciente parecem ser características fundamentais para o sucesso da tutoria. No que respeita ao *saber – fazer*, saber escutar, saber comunicar, saber identificar necessidades e respectivas respostas, saber negociar mantendo a coerência, saber gerir conflitos são fundamentais e exigem um domínio e desenvolvimento constantes (VEIGA SIMÃO *et al.*, 2008, p. 321).

Nessa perspectiva apontada pelas autoras, observamos que as características apontadas nos DSCs se inserem nesses níveis, e acrescentamos mais um nível, o *querer*, representado pela A4, conforme podemos ver: “*Eu gosto do PET, gosto muito! Pra mim o PET é a menina dos olhos! Tem que querer e tem que ter desejo de ficar no PET, porque eu percebo que nem todo mundo quer*” (DSC43).

No nível do *Ser*: ser disponível, ético, político, autónomo e diferenciado (A40, A42, A44, A45);

Na verdade, eu percebo que do(a) tutor(a) é requerido dele um perfil diferenciado. A atuação do tutor é completamente diferente da forma como ele atua na formação dos alunos em outras instâncias, ele precisa escutar muito. A relação tutorial não acontece só do tutor com o aluno, ela acontece do aluno com o tutor. Então, algumas pessoas possuem essa característica e outras não. Quanto a perfil, não são todos que tem esse perfil, uns tem perfil de pesquisador [...]mas não é a mesma coisa, são duas atividades completamente diferentes (DSC40).

Eu acho que o perfil do tutor que se coloca politicamente, que tem a posição ética, contribui na possibilidade de formação crítica. Eu estimulo muito eles a participarem dessa coisa política com a formação interna e de certa forma tenho trabalhado para ajudar o curso (DSC42).

O(a) tutor(a) não deve estabelecer distância entre o grupo e ele(a), isso é uma coisa que o tutor deve ter, essa disponibilidade e tempo (DSC44).

Cada um deve encontrar o seu próprio caminho, fazer as coisas do seu jeito, de modo que se adequem às suas próprias habilidades e competências. [...] Cada tutor(a) vai trazer e fazer sua trajetória. Depois ver dentro daquilo o que ele pode estar exercendo, mas ganhando autonomia (DSC45).

No nível do *Saber*: conhecer a filosofia do PET(A46), esse foi um critério fundamental apontado por tutores, interlocutores e alunos: “*O(a) tutor(a) tem que primeiro ler os manuais, porque o(a) professor(a) que não tem uma visão do programa, dessa filosofia que o norteia, ele realmente tem dificuldades.*” (DSC46).

No *Saber-fazer*: saber escutar, dialogar, confiar no grupo, desenvolver a autonomia no grupo (A39, A47, A45).

*O(a) tutor(a) tem que **confiar no grupo já existente**, porque os mais velhos, geralmente ensinam os mais novos e também ensinam os tutores. A gente aprende muita coisa que precisa demorar mesmo pra entender (DSC47).*

*O(a) tutor(a) não pode ser uma pessoa fechada. **Tem que ser uma pessoa aberta, disposta a ouvir, ser uma pessoa tolerante**, ter paciência que eu acho fundamental. Ter um perfil de diálogo, de compreensão. [...] Essa experiência para ouvir, que reflete um pouco a dimensão democrática na prática, a questão de entender e se colocar em uma **relação dialógica**, mas que também tem que ter determinada autoridade sobre o grupo. Eu acho que isso ajuda muito no ponto de vista do perfil desse interesse que eles passam a sentir pelo todo [...] é um exercício de prática autônoma, remete muito a essa ação que é mediada, jamais imposta. Um perfil autoritário para a tutoria isso não é interessante (DSC39).*

*O(a) tutor(a) também tem que **ser uma pessoa que traga autonomia para os alunos**, deixá-los bastante à vontade para escolher com autonomia, fazer com que os consigam caminhar sozinhos quando saírem daqui (DSC45).*

Divergente dos DSCs anteriores surge o DSC41 que afirma não haver perfil para ser tutor no PET.

***Eu não sei o que é um perfil de tutor do PET.** Eu nem sei se eu tinha perfil para ser tutor. No dia que nós tivermos um perfil instituído, que esteja alocado na realidade, aí eu posso dizer se eu possuo ou não essas qualidades. Acabei sendo o(a) tutor(a) e acabei descobrindo depois o que era ser tutor(a). Então, talvez isso não seja tão importante, um perfil, assim como não há um perfil pra ser petiano (DSC41).*

A legislação não se refere a um perfil, mas a alguns critérios para que o docente exerça a tutoria no PET. O artigo 10 da Portaria do MEC nº 3.385 de 29 de setembro de 2005, define requisitos que um professor deve atender para ser tutor de grupo PET:

- I - pertencer ao quadro permanente da instituição, sob contrato em regime de tempo integral e dedicação exclusiva;
- II - ter título de doutor¹⁰²;
- III - não acumular qualquer outro tipo de bolsa;
- IV - comprovar atuação efetiva em cursos e atividades da graduação nos três anos anteriores à solicitação¹⁰³; e
- V - comprovar atividades de pesquisa e extensão nos três anos anteriores à solicitação. (BRASIL, 2005).

Os critérios são baseados na titulação e na produção acadêmica docente.

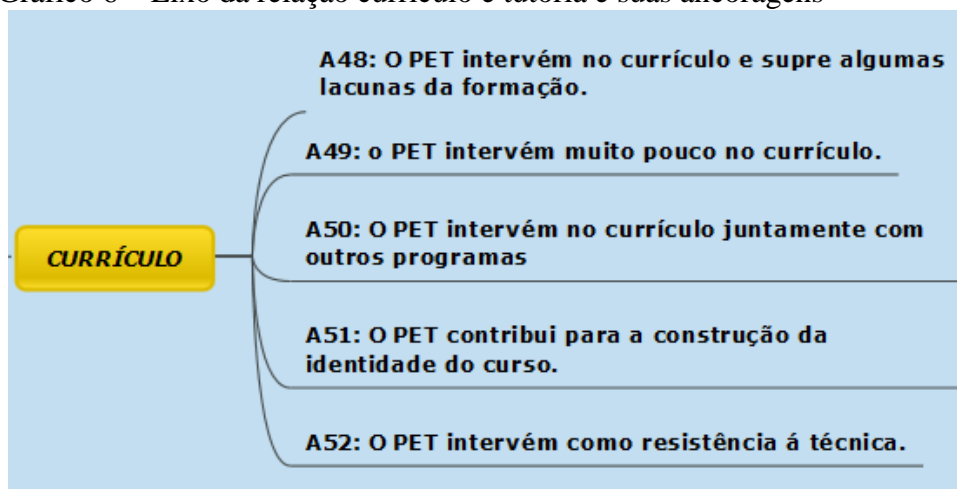
e) Eixo discursivo: *currículo e tutoria do PET*

¹⁰² § 2º Excepcionalmente, a bolsa de tutoria poderá ser concedida a um professor com titulação de mestre.

¹⁰³ § 1º Para efeitos do inciso IV, a atuação efetiva em cursos e atividades da graduação será aferida a partir de disciplinas oferecidas, orientação de iniciação científica ou de trabalhos de conclusão de curso e participação em conselhos acadêmicos.

Este eixo discursivo é constituído por cinco ancoragens: A48, A49, A50, A51, A52 que trazem a relação da tutoria com o currículo.

Gráfico 6 – Eixo da relação currículo e tutoria e suas ancoragens



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Para trabalhar os discursos aqui representados, partimos da concepção de currículo como um artefato social e cultural elaborada por Sacristán. O autor afirma que

o currículo é uma práxis, antes que um objeto estático emanado de um modelo coerente de pensar a educação [...]. É uma prática, expressão da função socializadora e cultural que determinada instituição tem que reagrupa em torno dele uma série de subsistemas ou práticas diversas, entre as quais se encontra a prática pedagógica desenvolvida em instituições escolares que comumente chamamos de ensino. (SACRISTÁN, 2000, p. 15).

Sacristán (2000) nos diz que toda prática pedagógica gravita em torno do currículo. Considerando a tutoria como uma prática pedagógica; os tutores e petianos como atores sociais dos *atos de currículo*. Nessa perspectiva, Macedo nos diz que

Atos de currículo nos possibilitam compreender como os currículos e os atores curriculantes mudam, como mudam seus significantes, ou como conservam, de alguma maneira, suas concepções e práticas, como definem as situações curriculares e têm pontos de vista sobre as suas questões, como entram em contradição, produzem ambivalências, paradoxos e derivas (MACEDO, 2013, p. 33).

Sendo todas as atividades do PET voltadas para o curso e para a comunidade, vejamos de que modo ela interfere no currículo e como se comportam esses atores sociais nos seus discursos.

O *DSC48* revela que o PET interfere no currículo do curso em que os grupos estão inseridos e o *DSC50* nos mostra que não somente o PET, mas todos os outros programas que existem na universidade provocam intervenções no currículo.

Eu acho que o PET intervém significativamente porque traz novos temas, muitas vezes que não estão sendo abordados nas disciplinas e no currículo. Então, nós trazemos profissionais de outras universidades do Ceará e da própria UECE, como também de outros estados, para trabalhar temas e abordagens que muitas vezes são bastante interessantes para o despertar do aluno em seus interesses individuais pelas pesquisas. Não falo só do aluno petiano, falo do aluno de todo o curso. [...] Então, eles fazem mesas, temas relevantes, o PET dá um gás significativo pra o debate que acontece no nosso curso. Enriquece o currículo porque tem muitas coisas que devem ter o escrutínio do cientista X e que não tem por questões de tempo e espaço na grade, não há condições de trabalhar essas questões. Então, nós dividimos nossas atividades em atividades de ensino para curso, atividades para extensão e atividades para pesquisa do aluno [...] (DSC48).

Eu acredito que o PET intervém no currículo do curso, mas não só ele. Não é uma diferenciação aqui pelo fato de ser o PET, mas por conta da maior parte dos alunos estarem desenvolvendo outras atividades: de iniciação¹⁰⁴, de monitoria, de pesquisa (DSC50).

Um discurso divergente contesta essa visão e afirma que o PET intervém muito pouco no currículo.

A gente tem dificuldades. O nosso currículo é muito restrito. A gente tem uma associação que gera um currículo de referência que a maioria das instituições usa e que é muito fechado. Eu percebo que a nossa influência do PET na questão curricular é muito pequena, em casos específicos. Mas eu percebo que, em outros cursos, pelas discussões que eu tenho com outros tutores, com petianos de outros grupos, há uma inserção bem maior dessas atividades, da atuação do próprio PET na formação dos outros alunos a nível de currículo (DSC49).

A A51 que ancora o DSC51 vai mais além quando diz que o PET não só contribui para o currículo, mas para a construção da identidade do curso,

Eu acho que o curso tem uma nova cara depois do PET. O curso era um antes do PET e hoje o curso tem uma nova cara depois do PET, pois ele contribui para construir uma identidade. Eu acho que é importante que todos os cursos tenham uma “cara” própria. Então eu acho que sim, o PET contribui para o currículo dos cursos (DSC51).

¹⁰⁴ O termo monitoria aqui se refere a um tipo de atividade desenvolvida dentro do PET que é o acompanhamento de uma disciplina do Curso em que o aluno está matriculado. Ele se candidata àquela disciplina do seu interesse e o professor da disciplina o acompanha. Também há outro programa distinto do PET na UECE que é denominado Programa de Monitoria, neste programa, também o aluno faz um projeto de acompanhamento da disciplina juntamente com o professor que o irá acompanhar nas atividades de aprendizagem da docência.

Mas o PET também pode agir de outra forma no que diz respeito ao currículo, funcionando como resistência à formação técnica.

Eu pego muito na parte teórico-metodológica, que é o grande gargalo, o grande buraco do curso. E as atividades também são montadas pra mandar essa mensagem pra o curso, temos que discutir o fundamento de tudo isso, que é o projeto que nos conduz até hoje. Nesse aspecto, eu não direciono a nenhuma linha específica, entendo mais o lado do teórico-metodológico. As leituras aqui enriquecem o currículo! Eu continuo insistindo nos fundamentos e a graduação continua dizendo “a gente quer técnica”. Reflexo do mundo! Mas nós mantemos a nossa resistência e postura nesse sentido. Temos resistido, apesar de termos tido poucas participações, mesmo com a dificuldade dessa leitura, dessa compreensão da necessidade de pensar. Ou seja, se a gente está aqui trabalhando numa formação mais global, nós não queremos privar a graduação disso, queremos compartilhar isso com eles. Só não sei o porquê a graduação continua resistindo (DSC52).

Por fim, o DSC53, traz a afirmação de que o PET está no currículo em ação.

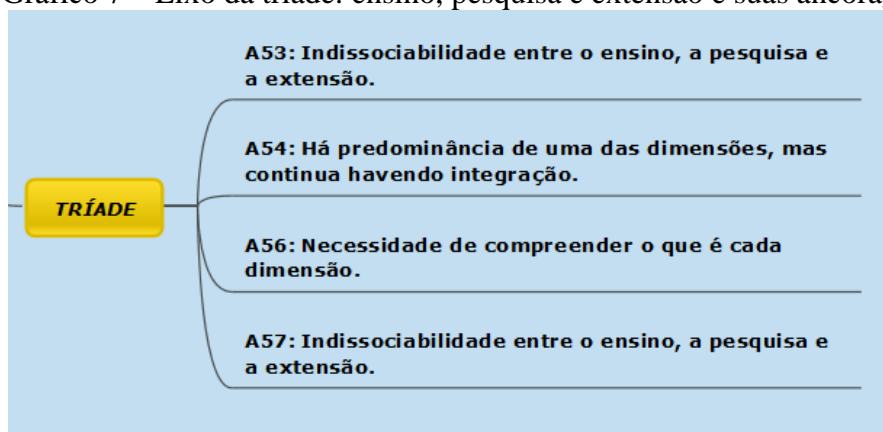
Eu acho que nós estamos de várias formas dentro do curso, são múltiplas as formas que nós acionamos esse currículo. A minha atuação tem um peso muito maior nesse tipo de formação que não é efetivamente dado, que não faz parte da grade curricular do curso. Também o aluno, no momento em que o faz a inserção à docência e vira um monitor, ele está intervindo diretamente no dia-a-dia da sala de aula. Então, eu acho que nós estamos de várias formas, dentro do curso, são múltiplas as formas que nós acionamos esse currículo. As atividades extracurriculares têm muitos problemas que muitas vezes a Universidade não traz, é uma temática polêmica, os problemas da própria graduação, a fragilidade da formação, a qualidade da formação. Então, nesse sentido nós ajudamos. Intervém também quando o aluno participa da comissão pedagógica do curso, ele está em contato em todas as nossas atividades, elas são avaliadas. Então fazemos um formulário e avaliamos todas as nossas atividades. E como a fazemos a avaliação? A gente tem um quadro para o curso, de como é que está a formação, isso tudo é feito pelos alunos, quais são os desejos dos alunos e isso mexe com o currículo, mexe com os professores (DSC53).

Esse discurso confirma a ideia de que a prática curricular deve ser pensada como uma interferência político-pedagógica. A ação tutorial e as outras ações dela decorrentes devem ser consideradas como uma ação curricular. Concebendo que o currículo “ estabelece chegadas e caminhos a percorrer, que são constantemente realimentados e reorientados pela ação atores/autores educativos” (MACEDO, 2008, p.25).

f) Eixo discursivo: *Tríade*: ensino, pesquisa e extensão.

Sobre esse aspecto do PET, o Manual de Orientações diz que o PET é um grupo de alunos vinculado a um curso de graduação para desenvolver ações de ensino, pesquisa e extensão de maneira articulada (BRASIL, 2006).

Gráfico 7 – Eixo da tríade: ensino, pesquisa e extensão e suas ancoragens



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os *DSC57* evidencia que o PET faz a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, o que deveria ser papel da universidade como um todo.

*Nós fazemos o projeto e dentro do projeto é contemplado ensino, pesquisa e extensão. Como as atividades devem ser realizadas em conjunto, não pode ser desequilibrado. Tem uma atividade individual de pesquisa de cada aluno, mas temos pesquisas coletivas que fazemos um tema que contempla **ensino, pesquisa e extensão**. Esse movimento, essa interação que está escrito no papel, era pra fazer isso na Universidade. Eu ousou dizer, que o PET é a única iniciativa efetiva que existe hoje nas instituições institucionalizadas. Pode até haver iniciativas pessoais, individuais, mas institucionalizadas que efetivamente trabalhe a tríade! As nossas universidades, elas são estruturadas, elas são criadas de forma que qualquer discussão que perpassa, individualmente, cada um dos setores é dificultada. [...]Então, quer dizer, a universidade não está estruturada para operar a tríade de forma articulada. Ela está estruturada de forma separada, realizar ensino, para realizar pesquisa e realizar extensão. [...]Você tem iniciativas como planejamento, que, a princípio, permitiria que essa integração se desse, mas, efetivamente, institucionalmente, quem está preocupado em gerar atividades que associem esses três elementos da tríade é o Programa de Educação Tutorial. Então, ele não só consegue fazer isso, mas eu acho que é o único que consegue fazer isso de forma efetiva (DSC57).*

Por vezes, pode existir a predominância de uma das dimensões, mas continua havendo integração, *DSC54*.

*Sempre tem, em alguns momentos, **uma dimensão ou outra que ela se destaca, embora que a gente tente fazer sempre esse entrelaçamento, essa integração, não tem como estar dissociando. Então, a gente tenta fazer com que as três dimensões estejam presentes, contempladas (DSC 54).***

De acordo com o *DSC56*, há uma necessidade de compreender o que é cada dimensão, porque muitas vezes a fronteira entre elas nas atividades desenvolvidas é muito sutil.

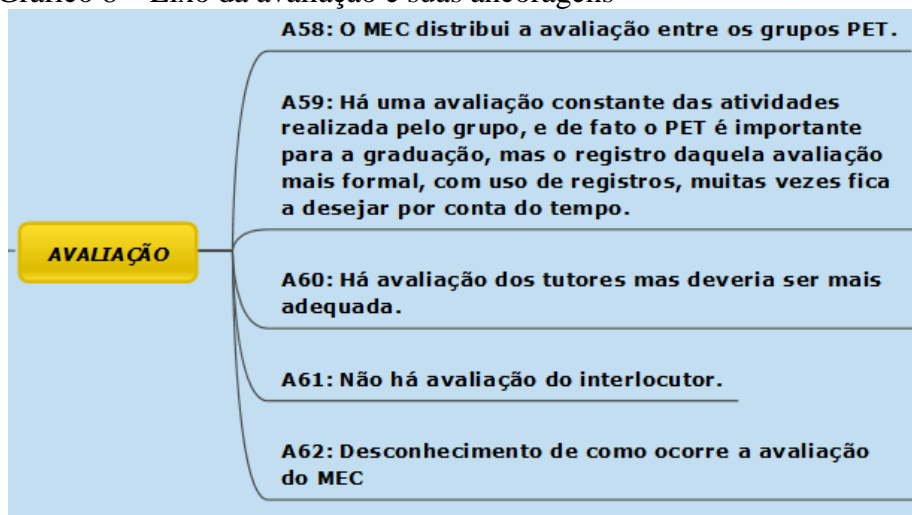
Talvez a grande dificuldade em compreender o que é extensão, o que é pesquisa, o que é ensino? Será que lá na escola, se eu fizer uma atividade lá, é só extensão? É uma extensão. É de ensino. E ao mesmo tempo pode ser pesquisa. Nós temos que pensar melhor como é que nós podemos enxergar cada dimensão dessas. Muitas vezes a gente faz como sendo ensino ou como sendo pesquisa, ou como sendo extensão e não está vendo a outra dimensão que está presente ali por trás (DSC56).

Também surge a ideia de que há deficiência de uma das dimensões, conforme a A55 que sustenta DSC55. Observemos o depoimento a seguir: “Ora, a atividade de extensão é algo que a gente vê com mais deficiência, ora o ‘estrangulamento’ é a pesquisa.” (DSC55).

g) Eixo discursivo: *Avaliação*.

Neste eixo, foram geradas cinco ancoragens, A58, A59, A60, A61 e A62 que se referem à avaliação realizada pelo MEC.

Gráfico 8 – Eixo da avaliação e suas ancoragens



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

No Manual de Orientações consta que PET em sua estrutura apresenta uma Comissão de avaliação¹⁰⁵ cujas atribuições também constam no artigo 21 da Portaria nº 3385 de 2005 que seriam: realizar bianualmente os procedimentos de avaliação dos grupos e dos professores tutores, zelar pela qualidade acadêmica do PET e dos professores tutores; zelar pela qualidade acadêmica do PET e pela garantia do princípio da indissociabilidade entre

¹⁰⁵ A Portaria nº 3385 de setembro de 2005 traz em seu artigo 8 que A Comissão de Avaliação será composta pelo Diretor do Departamento de Modernização e Programas da Educação Superior, pelo Coordenador do PET na SESu e por oito membros, na qualidade de consultores externos, nomeados pelo Secretário de Educação Superior, representando as seguintes áreas de conhecimento: Ciências Agrárias; Ciências Biológicas; Ciências da Saúde; Ciências Exatas e da Terra; Ciências Humanas; Ciências Sociais Aplicadas; Engenharias; Letras e Artes (BRASIL, 2005).

ensino, pesquisa e extensão; emitir parecer sobre a expansão e a extinção dos grupos e, elaborar relatórios de natureza geral ou específica (BRASIL, 2005).

A Portaria do MEC nº 3.385 de setembro de 2005 traz em seu artigo 22 traz em seu texto, os indicadores a serem considerados nessa avaliação, que seriam:

- I- Relatório anual do grupo;
- II- Coeficiente de rendimento acadêmico do grupo, III - participação dos alunos do grupo em atividades, projetos e programas de ensino, pesquisa e extensão no âmbito do PET;
- IV - desenvolvimento de novas práticas e experiências pedagógicas no âmbito do curso de graduação;
- V - alinhamento das atividades do grupo a políticas públicas e de desenvolvimento na sua área específica de atuação;
- VI - publicações e participações em eventos acadêmicos de professores tutores e alunos bolsistas;
- VII - relatórios de auto-avaliação de alunos e tutores; e
- VIII - visitas locais quando identificada a necessidade (BRASIL, 2005)

Muito embora haja toda essa organização em relação à avaliação do PET na legislação e no Manual de Orientações Básicas, percebemos que falta um pouco de clareza em relação ao modo como esse processo acontece.

Dentro da A58: O MEC distribui a avaliação entre os grupos PET, surgem três discursos. O DSC58.1 afirma que havia uma avaliação, mas não há mais, ainda se discute o melhor modelo; esse discurso também aponta o modelo de descentralização em que a avaliação passa a ser realizada pelos tutores como fruto de uma crítica, como algo positivo.

*No final do ano e início de cada ano, o MEC vinha fazendo uma avaliação do programa PET e tinha uma avaliação do tutor, era um programa muito confuso. Não dizia muita coisa não mas tinha uma avaliação. Isso parou, parou nos últimos dois, três anos. Eu vinha fazendo, mandavam o formulário preenchido com todas as coisas pra eu avaliar um colega lá de outro estado, onde tivesse PET, pra eu avaliar. Eu também era avaliado não sei por quem por aí mundo afora, mas era assim aquela troca. Eu acho que pela sistemática que era utilizada era assim, um setor avaliava oito PET, mas **nunca veio um retorno pra nós**. Assim, há muito tempo o processo avaliativo foi suspenso, há uma discussão ainda em andamento de qual é o melhor modelo de avaliação dos grupos PET, não só em relação à tutoria, mas a própria atuação do grupo. Já houve um processo de centralização, agora há um movimento novamente de descentralização onde se aloca pros Comitês Locais de Acompanhamento, também há atividade de avaliação. Então, ainda se está discutindo qual é esse modelo de avaliação. Eu acho que já foi um fruto muito da crítica, porque hoje a avaliação dos relatórios, dos planejamentos, é feita pelos próprios tutores via ad hoc. Então eles chamam esses tutores para fazer, eu já avaliei vários relatórios dos outros PET's do Brasil. Então, nada mais justo do que o próprio tutor fazer essa avaliação (DSC58.1).*

Em seguida o DSC58.2 que aponta para o desafio que é avaliar um programa como o PET e ainda que a forma como a avaliação vem sendo feita é um problema para o programa.

Há de fato muita dificuldade em se fazer a avaliação do PET, da tutoria, você tem uma capilaridade muito grande, uma diversidade muito grande na atuação desses grupos. Então, por um lado você tem um PET matemática, por outro você tem um PET filosofia! É muito diferente! Então, é uma lógica que você percebe que gera um desafio avaliativo, como é que você avalia? Qual é o modelo, qual o melhor modelo? Qual é a atuação melhor? Qual a melhor gestão? Então, como essa diversidade é muito grande, o desafio avaliativo também obviamente o é. O que é uma atividade bem executada? O que é uma atividade bem sucedida? Então, o desafio da avaliação é muito grande, mas, de fato a forma como os grupos têm sido avaliados, é um grande problema do programa! (DSC58.2).

E por último, o DSC58.3 que afirma haver a avaliação em que o MEC distribui a avaliação dos grupos, os pareceristas são os tutores de outras IES.

O MEC todo ano ele avalia, de que forma? Tem um planejamento, o MEC, todo ano cobra um planejamento, e no final do ano, espera-se que você relate aquilo que foi planejado. Tem um relatório que todo grupo PET preenche. Os alunos e professores fazem o relatório. Então, manda para o MEC esse relatório. O MEC recebe os relatórios, mas esses relatórios são repassados para outros professores tutores de outras instituições. E são esses professores que vão avaliar. A época de mandar os relatórios é mais ou menos em dezembro, a nós mandamos. Ai eles distribuem pra outros professores tutores de outras instituições que são eles que vão fazer essa avaliação. O tutor recebe o relatório, avalia e devolve pra o MEC. Então, os pareceristas são os próprios tutores, por exemplo, os professores tutores do curso X daqui avalia projeto do Curso X de outra IES. O MEC faz uma avaliação, se ele ver que o Programa, além de ter realizado as atividades traçadas ele se superou, em matéria do que o MEC tem como o objetivo pra o PET, ele permanece existindo. Quando não é bem avaliado, ele tem um sinal, recebe um aviso de que o programa não está sendo desenvolvido a contento, que poderá ser suspenso, caso não melhore tais aspectos que foram observados a partir dos relatórios (DSC58.3).

A A59 se refere à avaliação interna dos grupos e aponta pra três ICs, gerando três discursos. Em geral, percebemos que há uma avaliação constante das atividades realizada pelo grupo, e de fato o PET é importante para a graduação, mas o registro daquela avaliação mais formal, com uso de registros, muitas vezes fica a desejar por conta do tempo. E um outro discurso revela que o PET poderia estar melhor e não está devido aos outros programa que exigem menos dos alunos, assim, a procura está sendo menor por parte deles. Vejamos excertos desses discursos:

O PET é um programa importantíssimo para uma graduação, é um caso de sucesso de efetiva utilização de recurso público na formação de alunos que saem do PET, saem da universidade, com uma formação diferenciada em relação a outros

alunos que não são petianos, essa formação mais humana, mais socialmente preocupada e que também geram impacto relevante, através das atividades que a gente executa, na formação de outros alunos do curso. Para mim só tem sentido a existência do PET se ele atuar dessa forma da melhoria do curso, na formação geral do graduando, não só do petiano, mas do graduando. [...] (DSC59.1).

[...] Avaliamos e já tiramos sugestões para o próximo planejamento. Agora, o que talvez mais falhe é o registro. Mas sinceramente é porque o tempo não dá. Eu não tenho essa capacidade de fazer muitas coisas não. Às vezes, como são muitas atividades o aspecto avaliativo acaba sendo meio que minimizado, não parar para avaliar. Mas como vamos repetir a atividade no semestre seguinte, estamos procurando fazer melhor em relação a anterior mesmo não tendo havido avaliação formal no momento da avaliação, nós planejamos exatamente nesses parâmetros do que foi realizado anteriormente, e a atividade vem melhorando a cada ano. Então, a avaliação acaba também funcionando dessa forma. Mas às vezes o momento formal, parar para avaliar essa ou aquela atividade e que teria de ser feito, mas é por conta do tempo, é muita atividade! (DSC59.2).

O PET poderia estar melhor ainda. Porque eu venho acompanhando o perfil dos alunos e acho que tem havido uma queda. Sempre passaram pra os alunos, o programa PET é um programa de elite gente não é elitizado não, elite em que sentido? São pessoas especiais. Privilegiadas. E é porque são selecionados dentro do curso como os melhores alunos dentro do curso. Então, privilégio porque vão trabalhar num programa do MEC que é muito bem conceituado. E vão trabalhar três coisas que nem toda Universidade faz, vão trabalhar três eixos, na questão do ensino da pesquisa da extensão, aqui tem essas três coisas e mais, então tem muito trabalho a ser feito. Então o quê que tem havido em função de ter havido outros programas com bolsas onde a cobrança é menos, então muitos alunos não querem vir pro PET porque é trabalho! É trabalho, é cobrança. Então essa queda de alunos assim mais interessados, diminui em função disso aí (DSC59.3).

Um aspecto muito importante de ser mencionado é sobre a avaliação dos tutores, que a legislação se refere. A Portaria nº 3.385 de setembro de 2005 em seu artigo 23 refere-se à avaliação dos tutores que deve ser realizada com base nos indicadores de produção acadêmica:

- I - cumprimento das atividades inerentes ao PET;
- II - contribuição para a inovação e desenvolvimento do curso de graduação;
- II - publicações e produção científica;
- III - disciplinas ministradas na graduação;
- IV - orientação de trabalhos acadêmicos;
- V - participação em conselhos acadêmicos;
- VI - material didático produzido a partir das atividades desenvolvidas pelo grupo;
- VII - relação entre as ações planejadas e efetivamente executadas pelo grupo;
- VIII - relatório anual da instituição de ensino superior; e
- IX - relatório de avaliação dos alunos do grupo.

Observando o artigo 23 percebemos que a avaliação dos tutores é baseada unicamente em sua produção acadêmica dentro do grupo, desconsiderando quaisquer outros aspectos.

Sobre a avaliação dos tutores, o *DSC60.1* diz que ela existe, e o *DSC60.2* deveria se adequar melhor à realidade, o *DSC60.3* defende que deveria ter momentos de avaliação da tutoria nos Encontros Nacionais do PET-ENAPETs.

O aluno avalia o professor tutor, é uma avaliação que o tutor não tem acesso, é on line, e como o tutor também avalia os alunos, mas nenhum tem acesso ao instrumento de avaliação do outro. O que ele tem acesso é a avaliação que foi feita, mas é de maneira geral, como o grupo se comportou ao longo ano, como o grupo tem se comportado (DSC60.1).

Em relação especificamente à atividade de tutoria você efetivamente não tem um processo de acompanhamento, de avaliação adequado. A atuação do grupo ou a importância do grupo é muito dependente do tutor e dos alunos que lá estão. O que significa que se um tutor não tem um perfil adequado, que não tem a dedicação que precisa ser dada para o grupo, ou não tem interesse de efetivar o que o grupo efetivamente deveria fazer, sabemos que existem exemplos de tutores que atuam dentro do PET da mesma forma como atuam com seus alunos bolsistas de iniciação científica, nos seus laboratórios de pesquisa e transformam o PET numa extensão do seu próprio laboratório de pesquisa. Então, inclusive alguns tutores defendem isso como sendo correto e que passam aí despercebidos pelo processo avaliativo, processo de acompanhamento da atividade de tutoria não é efetivo! Eu acho inclusive que o próprio MEC reconhece que esse processo de acompanhamento não é efetivo (DSC60.2).

Deveria ter mais oportunidade de encontro entre os tutores para sistematizar mais essa experiência. Há um momento nos encontros nacionais, ENAPETs, mas são como minicongressos, não tem tempo para discutir as problemáticas. Deveria ter encontro nacional de tutores avaliando a atividade pedagógica. Faz um tempo que nós não somos avaliados, quando a gente estava sob a ordem da CAPES, a gente era avaliado igual os cursos da CAPES (DSC60.3).

O *DSC62* revela que há um desconhecimento por parte de alguns tutores sobre o modo como ocorre essa avaliação. Ainda temos o *DSC61* sobre a avaliação dos interlocutores.

Era pra ter uma avaliação em relação ao desempenho do interlocutor também pelo MEC, mas ele não avalia o interlocutor, para o MEC talvez ele não tem importância, porque se ele tivesse, ele seria avaliado. E eu acho que se ele fosse remunerado eles fariam uma avaliação (DSC61).

Lembro que tem uma avaliação que eu ainda não participei, mas um tutor falou de avaliações do MEC para os tutores, pra o andamento dos PET. Não sei dizer se é só via relatório, o relatório é um dos instrumentos, o relatório, a prestação de contas, porque tudo eles tem uma comissão para avaliar isso lá, a gente avalia aqui, mas eles avaliam lá também. Não sei se tem um instrumento (DSC62).

Muito embora o *DSC60.1* aponte que há avaliação do tutor e que ele tem acesso aos resultados, há indícios de que eles não recebem o retorno, conforme o *DSC58.1*.

Conforme pudemos observar nos discursos, a avaliação existe no papel e já aconteceu em algum momento, pois alguns discursos apontam para a sua existência, entretanto, o que nos parece é que assim como ocorre com outros programas educacionais no

Brasil, a avaliação do PET também é algo que não nos parece um processo muito claro e nem acontece com uma regularidade.

De acordo com Ala-harja e Helgason (2000) a avaliação de programa deve ser vista como mecanismo de melhoria no processo de tomada de decisão com a finalidade de

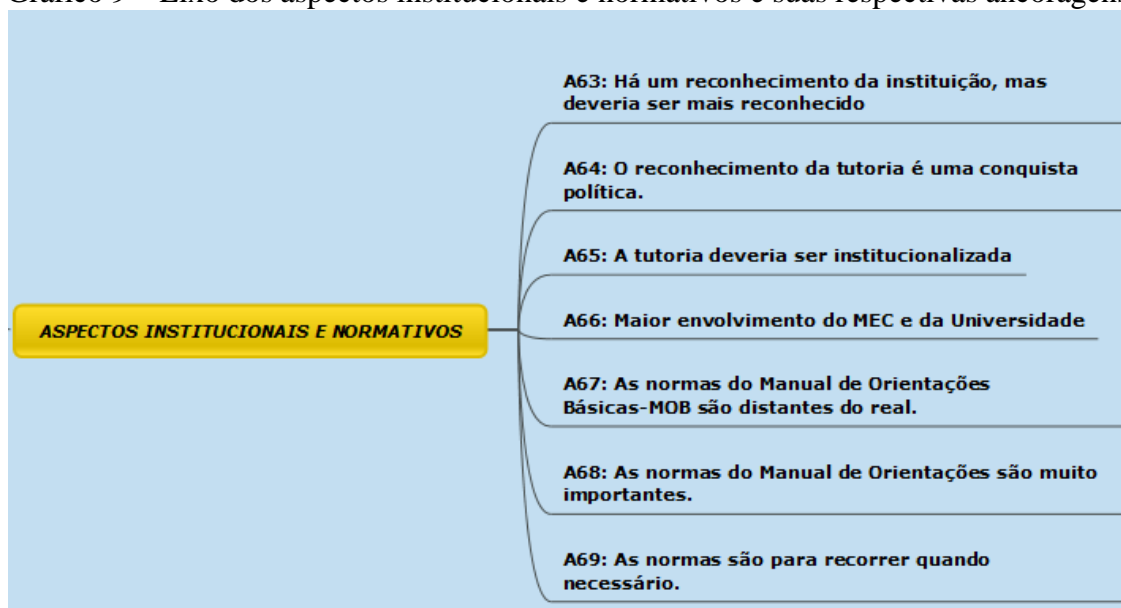
garantir melhores informações aos governantes, sobre as quais eles possam fundamentar suas decisões e melhor prestar contas sobre as políticas e os programas públicos. Não se destina a resolver ou substituir juízos subjetivos envolvidos na tomada de decisão, mas permite um certo conhecimento dos resultados de um dado programa — informação que pode ser utilizada para melhorar a concepção de um programa e sua implementação (ALA-HARJA; HELGASON, 2000, p. 5).

Veremos no próximo sub-eixo que há uma necessidade de reconhecimento do PET por parte do MEC e das IES e que isso também perpassa pelo processo de monitoramento e avaliação que permite um conhecimento da proporção que o programa vai tomando e dos seus resultados.

h) Eixo discursivo: *Aspectos institucionais e normativos*.

Neste eixo encontramos sete ancoragens, em que as ancoragens A63, A64, A65, A66 dizem respeito aos institucionais e as ancoragens A67, A68 e A69 são referentes aos aspectos normativos.

Gráfico 9 – Eixo dos aspectos institucionais e normativos e suas respectivas ancoragens



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O DSC63 nos mostra que a UECE reconhece o PET, mas este programa deveria ser mais reconhecido dentro da instituição. Isto se devia ao desconhecimento das pessoas em relação ao programa, mas o trabalho da interlocução e o trabalho significativo dos grupos tem gerado um reconhecimento maior.

Posso dizer que há, sim, reconhecimento, não só por parte dos cursos de graduação, mas pela própria administração superior, pela própria instituição. Eu vejo que hoje eles estão dando uma valorização muito maior. Mas, pela efetiva atuação do PET, eu acho que o reconhecimento deveria ser maior. Eu acho que a importância que os grupos têm para as graduações em que estão vinculadas é tamanha, não pode ser mensurada, mas esse reconhecimento poderia ser maior aqui dentro, essa questão da própria formação dos tutores. Teve uma época que o PET realmente não havia reconhecimento nenhum, até por falta de conhecimento das pessoas, e aí acho que isso vai muito de acordo com a gestão, eu percebo que assim, há uns quatro anos ou mais o PET tem ganhado uma visibilidade maior, acho que com a questão da interlocução que se faz, desde que tivemos um(a) interlocutor(a) que deu uma alavancada nessa visibilidade do programa PET aqui dentro da UECE, realmente tem conseguido manter esse reconhecimento (DSC63).

Já o DSC66 também nos fala sobre a necessidade de maior envolvimento do MEC.

O MEC deveria enfatizar mais a divulgação das universidades da representatividade, da importância deste programa para a universidade. Que isso seria a nível de discussão nos ENAPET. Então, essa relação esse envolvimento inclusive ter até mais pessoas lá do próprio MEC envolvidas com o programa. É que o MEC não está organizado suficientemente pra acompanhar o PET, eles têm um grupo de pessoal muito pequeno que não consegue efetivamente fazer um acompanhamento. Então, o que eu acho que o MEC precisa, em reconhecimento à importância e ao potencial do programa, efetivamente gerar as condições para que ele possa ser acompanhado e avaliado. Então, a sugestão seria a locação de pessoal, de muito mais pessoal do que efetivamente o MEC tem, pra fazer esse acompanhamento; que se determinasse um processo de avaliação efetivo, com a participação coletiva, que fossem discutidos esses critérios com a comunidade do PET. A comunidade do PET, ela é muito rica. Ela é, entre todos os programas de bolsa do país, a mais organizada, a mais consciente das suas próprias responsabilidades. Eu tenho a impressão que o PET foi um “tiro no pé” do MEC, no sentido de que o programa é um piloto para fazer essa indissociabilidade entre Ensino-Pesquisa-Extensão. Que deveria ser uma obrigação da universidade, mas que não faz. Se a gente pegar, aqui a UECE, ela foi um colegiado grande há muito tempo, hoje ela está exercendo mais a pesquisa e a extensão é a “prima pobre”. Então, o PET, ele foi criado numa intenção, talvez, de satisfazer algumas elites, mas ele acabou se revertendo em algo, socialmente muito importante. E crescendo! E dando resultados muito satisfatórios, em termos de formação. Então eu penso que o MEC, poderia reforçar os programas dessa natureza, para que a universidade alcance seu real objetivo, que não é o mercado, porque com isso a gente vai ter a possibilidade de, ensaiando e errando, construir realmente essa indissociabilidade entre Ensino-Pesquisa-Extensão e essa relação da ampliação, da possibilidade da construção do conhecimento com o compromisso social. Eu acho que a própria universidade, por ser um programa do MEC para a graduação, deveria se envolver mais nisso (DSC66).

Entretanto, o *DSC64* nos mostra que esse reconhecimento não deixa de ser uma conquista política do próprio PET que deve buscar o seu espaço dentro da universidade.

*A nossa carga horária como tutores não está incorporada na CDS da Universidade porque nós éramos apenas sete. E eles tinham muitas preocupações e não se lembraram de que nós existíamos. Isso foi dito em uma reunião. Se o nosso Legislativo pensasse dessa forma, as minorias nunca seriam atendidas, porque elas são uma parcela tão pequena da população. Mas eu acredito que isso também é uma aprendizagem pra Universidade, e foi feito uma nova CDS, se lembraram que nós existíamos, nós gritamos que nós merecíamos ter carga horária. Porque, afinal de contas, nós trabalhávamos tanto pra isso. Então, o que eu quero dizer é que o **PET é responsável também, como qualquer luta política, por ir ganhando seu espaço, provando seu valor.** Eu acho que, como na sociedade maior, é assim, dentro da Universidade também é assim (DSC64).*

O *DCS65* traz a ideia de que a tutoria deveria ser institucionalizada e essa atividade deveria ser expandida para todos os professores da graduação.

[...] todo professor poderia funcionar como tutor de pequenos grupos, não precisava ser de doze pessoas.. Quem tivesse interesse. Institucionalizar isso. Então, assim, todo mundo vai ser um tutor [...] o curso trabalhar com tutoria, seria muito importante. E a própria instituição ter os PETs institucionais, da instituição (DSC65).

No que se refere ao aspecto normativo, surgem três discursos. O *DSC68* que nos diz sobre a importância do Manual de Orientações Básicas, entretanto, o *DSC69* mostra que as normas só devem ser usadas eventualmente, quando necessário.

Os manuais são uma orientação e são muito importantes, porque no último momento quando a gente tem que dizer sim ou não a gente apela para os manuais, eles foram pensados não só pelo MEC, mas por um movimento, porque o PET é um movimento político pedagógico pensado por um grupo de intelectuais que pensam a formação de professores dentro da própria Universidade. É tanto que esse grupo tem uma lógica diferente, aqui a gente forma uma carreira coletiva, a gente pensa isso. Então a legislação é orientadora. Porque também ela é elaborada de acordo com o próprio movimento do PET e é fruto da nossa própria necessidade (DSC68).

*Acabamos discutindo o manual e essas coisas todas nos encontros, então, ficamos super antenado com moldes, com portarias, com isso tudo. A mesma coisa com o nosso regimento interno. Então quando sentimos uma dificuldade vamos lá ver como a gente faz, mas a gente molda muito mais pela convivência, e **vez ou outra a gente recorre ao Manual de Orientações, quando temos alguma dúvida de encaminhamento.** [...] Não precisamos estar com o papel direto porque na prática acabamos aprendendo também [...] (DSC69).*

Por outro lado, o *DSC67* nos diz que as normas do Manual de Orientações Básicas-MOB são distantes do real.

Eu já li o manual, esqueço e faço como eu entendo, porque está ali, fria mesmo, distante, pelo menos diante das necessidades dos grupos que passaram aqui, se eu ficar olhando aquelas regras, vou perder muita gente aqui. Eu leio, conheço, sei, mas cada grupo tem o seu perfil, e a gente tem que trabalhar com os perfis desses grupos. [...] (DSC67).

Nesse caso, o que é levado em consideração maior é a experiência do que funciona e do que não vai ter efeito no grupo. As normas não incluem as realidades particulares, conforme já mencionamos, e nem alcançariam tamanha capilaridade e diversidade de grupos.

5.1.2 Concepções de tutorandos sobre a tutoria no PET

A análise do material discursivo dos tutorandos do PET também foi realizada conforme a dos tutores, por eixos discursivos.

Entretanto, fizemos uma seleção de discursos diretamente relacionados à ação tutorial propriamente dita em detrimento do funcionamento do Programa investigado. Assim, foram gerados quatro eixos discursivos conforme o gráfico abaixo:

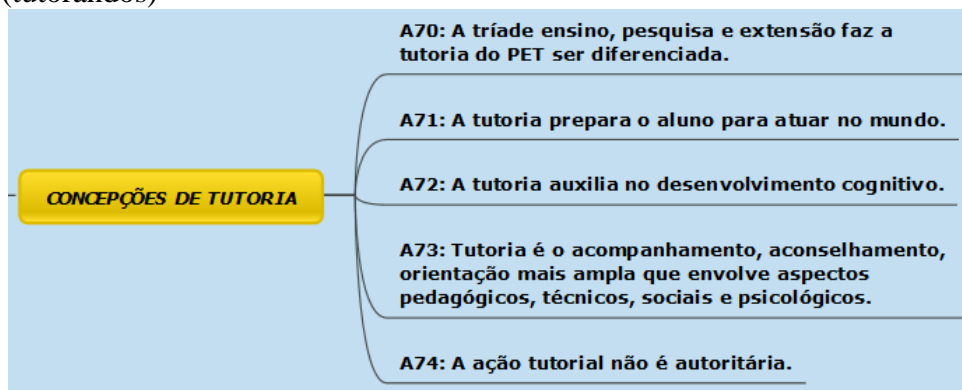
Gráfico 10 – Eixos e sub-eixos discursivos de análise dos tutorandos -PET



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

a) Eixo discursivo: *Concepções de tutoria* pelos tutorandos

Gráfico 11 – Eixo das concepções de tutoria e suas respectivas ancoragens (tutorandos)



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Em geral, o significado de tutoria está relacionado à orientação, que pode atender a diversos aspectos como o cognitivo (A72), os técnico-pedagógicos, sociais e psicológicos (A73), ou ainda uma preparação para o mundo (A71).

Eu acho a tutoria é quando você tem uma pessoa e aquela pessoa tem um conhecimento a mais que o seu e ela está lhe auxiliando nas dúvidas que você tem acerca de determinado assunto, para mim tutoria é isso, é quando uma pessoa sabe mais e vai transmitir para o que tem dúvida, para quem sabe menos (DSC72).

*Eu acho que a tutoria é o acompanhamento e o aconselhamento, não o direcionamento do passo à passo, não é necessariamente pegar na mão, mas instruir. É. Porque é difícil da gente dizer “é isso”. Mas eu percebo a tutoria como orientação. **O PET vai para além só do âmbito acadêmico e profissional.** [...] **Tem umas tendências pedagógicas e técnicas.** Isso aqui é bem visto, aqui não tem como a gente não ser, e **tem as questões mais psicológicas e sociais**, o(a) tutor(a) dá uma abertura muito grande. [...] **Tem essa questão do acompanhamento pessoal do(a) tutor(a)** por isso é diferente do que qualquer outra orientação que você tem na universidade, aqui é uma coisa mais subjetiva, o(a) tutor(a) tem um papel mais subjetivo, é um processo de acompanhamento e também de companheirismo, não de estar só dizendo que você tem que fazer isso e aquilo outro[...]. Então, eu vejo uma diferença grande, ao mesmo tempo não tem só o lado acadêmico, também tem o lado pessoal[...] (DSC73).*

Eu acho que é uma ação de modelagem do(a) tutor(a) [...] pra você crescer e estar preparado para o mundo lá fora (DSC71).

A ancoragem A70 traz uma concepção de tutoria bem fundamentada no princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. De acordo com o DSC70 a tutoria do PET é diferenciada justamente por causa dessa tríade.

[...] Eu acho que o que faz a tutoria do PET ser diferenciada é o modo como o programa funciona, porque nela a gente desenvolve pesquisa, ensino e extensão, tudo ao mesmo tempo, faz com que seja uma coisa mais subjetiva e eu acho que é uma grande diferença, porque a tutoria existe por aí em vários cantos, mas essa indissociação da tríade é dá o diferencial pra tutoria do PET ser como ela é (DSC70).

Nessa linha de pensamento de que o trabalho da indissociabilidade da tríade faz a diferença, corroboramos com Tosi (2007) quando afirma que a função maior do tutor no PET é

deflagrar situações de aprendizagens em que sendo previstas a indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão, são também concebidas para além daquilo que a graduação comumente oferece e que é identificável pela ênfase curricular. O grupo PET deve trabalhar com [...] currículo oculto, com ações que, mesmo desejáveis, não estão formalmente articuladas nos Projetos Políticos e Pedagógicos dos cursos, ou, se previstas não chegaram a ser implementadas apesar de serem consideradas importantes para a formação (TOSI, 2007, p. 90).

Outro aspecto que merece destaque é a questão de que a ação tutorial não é autoritária (A74).

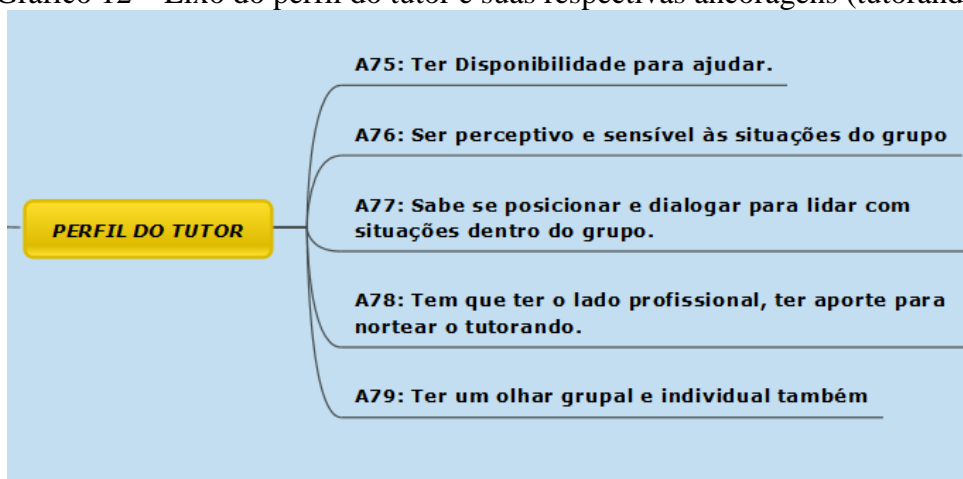
Eu acredito que o(a) tutor(a) acompanha o nosso desenvolvimento e nos ajuda nesse processo, mas não é como se fosse um chefe, não tá mandando em ninguém aqui, não diz “você faz isso!” delegando coisas, Não se trata aqui de dar ordens pra alguém, mas de acompanhar e estar junto sempre nos momentos decisivos. [...] (DSC74).

As concepções de tutoria que aparecem nos discursos dos alunos expressam o que é vivenciado por eles na prática cotidiana, o que não difere daquelas apresentadas pelos tutores. Uma ação que é vista pelos alunos como um acompanhamento, uma orientação, mas que é diferenciada de outras orientações que eles perceberam ou vivenciaram ao longo de sua carreira acadêmica até então, devido à própria natureza do PET.

b) Eixo discursivo: *Perfil do tutor* pelos tutorandos

A partir da ação tutorial experienciada pelos tutorandos com os seus tutores do PET é que foram traçados os perfis dos tutores do PET. Os alunos ao falarem remetem sempre aos seus próprios tutores, por isso os discursos são elaborados com base no que eles percebem, muito embora sejam grupos diferentes, percebemos pontos comuns mencionados por eles. No gráfico abaixo podemos visualizar algumas características desse perfil.

Gráfico 12 – Eixo do perfil do tutor e suas respectivas ancoragens (tutorandos)



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os discursos destacam características pessoais e profissionais que são consideradas importantes para o exercício da tutoria, como ser perceptivo e sensível às situações do grupo (A76) e se colocar disponível para ajudar (A75).

Estar disponível para ajudar ter mais presença e mais tempo, de tirar dúvidas, se dedicar, porque a gente tá no processo de formação. O(a) nosso(a) tutor(a) está de olho aqui no nosso trabalho. De vez em quando bate aqui na porta pra perguntar como é que está e se você for lá na sala dele(a) agora pedir ajuda pra qualquer coisa ele(a) vai parar o que ele está fazendo e vai lhe dar atenção, vai ajudar! Eu admiro muito isso nele(a) porque ele tem a humildade de parar e ensinar as coisas do começo (DSC75).

*A sensibilidade do(a) tutor(a) é uma coisa que me impressiona e me surpreende, isso é muito importante para um grupo de trabalho. A sensibilidade de perceber coisas que a gente não percebe que ajude a gente, ver e perceber o desenvolvimento das pessoas. A **percepção que um tutor tem que ter**. [...]Enfim, eu acho que essa **questão da sensibilidade também, por se tratar de seres humanos**, somos frágeis, temos nossas limitações, enfim, tem uma série de coisas e é essencial que o tutor considere isso (DSC76).*

Também há um destaque para habilidades de saber se posicionar e dialogar com o grupo para lidar com situações conflitantes sem ser autoritário (A77) e lançar um olhar de todo o grupo, mas também não deve esquecer-se de dar atenção ao individual (A79).

*Acho que o diálogo e a flexibilidade de respeitar o limite do outro. O(a) tutor geralmente deve **saber lidar com determinadas situações**, não ser uma pessoa autoritária de modo algum, uma pessoa que sabe respeitar sua opinião e também exigir, e que sabe muito bem **mediar as ações do grupo**, também de saber quando cobrar, como cobrar, dialogar mesmo, ser uma pessoa humana nesse sentido. Também ser uma pessoa resolutiva que consegue dar continuidade às coisas, mas sem aquela carga de estresse que geralmente a gente costuma ficar, uma pessoa muito segura, com quem você pode contar[...] (DSC77).*

*O tutor tem que ter um **olhar do grupal**, se preocupar com o grupo nas atividades, mas também do pessoal dentro do grupo, dar **atenção individual** (DSC79).*

Os tutores também têm que ter conhecimento ou aporte teórico A78: *Tem que ter o lado profissional, ter aporte para nortear o tutorando.*

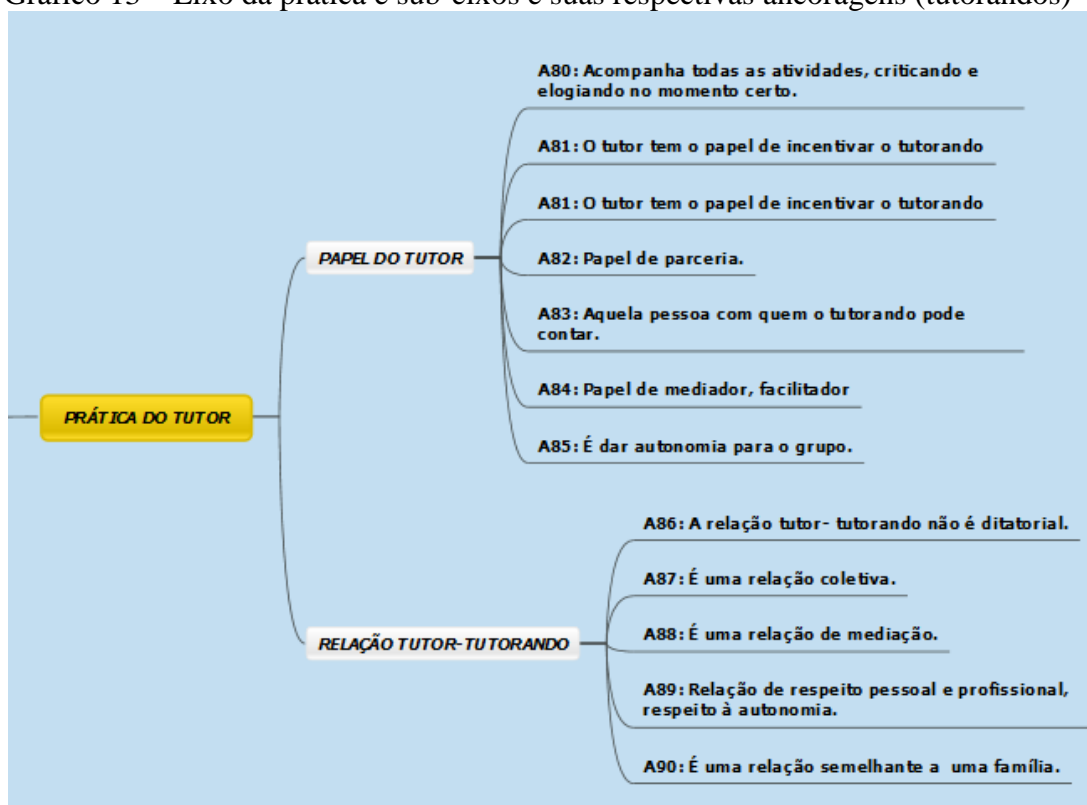
Eu considero que é necessário o(a) tutor(a) ter aquele lado bem profissional, porque querendo ou não ele(a) é tutor(a) e pode até ter a boa vontade mas precisa ser uma pessoa que tenha mais aporte do que o tutorando para poder nortear-lo, que é a função do tutor, saindo um pouco daquela imagem romântica de que os dois tem que aprender com os dois, porque, digamos assim, o(a) tutor(a) tem muito mais a ensinar do que aprender (DSC78).

Percebemos pelo DSC78 que ainda é muito esperado do docente o domínio de conhecimentos. Entretanto, vale ressaltar que para exercer a tutoria, o professor tem que ter outras capacidades que emergem da sua prática, principalmente sócio-afetivas.

c) Eixo discursivo: *Prática* pelos tutorandos

O eixo da prática se subdivide em dois sub-eixos que são o papel do tutor e a relação tutor-tutorando que podem ser observados no gráfico:

Gráfico 13 – Eixo da prática e sub-eixos e suas respectivas ancoragens (tutorandos)



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

I. Sub-eixo: Papel do tutor

No Sub-eixo I nós temos as seguintes seis ancoragens. Em relação ao discurso gerado pela A80 percebemos um aspecto mais voltado para o acompanhamento das atividades pelos tutores, cujo papel também é de quem corrige, critica quando necessário, mas também sabe elogiar no momento certo, também saber falar e saber ouvir, conforme nos diz Freire “somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele” (FREIRE, 1996, p.43).

Esses ensinamentos são destacados como algo que servirá pra a vida inteira e que também refletirá em todo o curso, não somente no PET.

Nosso trabalho com o(a) tutor(a) sempre foi muito bom, ele(a) cumpre muito bem o papel, essa questão da orientação, porque ele(a) sempre acompanhou. É aquele(a) professor(a) que critica quando tem que criticar, elogia quando tem que elogiar, pega no seu pé quando tem que pegar e também dá a oportunidade quando tem que dar. Então saber dar a liberdade para o grupo decidir e também eu acho importante para o tutor saber falar na hora certa. O(a) tutor(a) escuta muito, mas também na hora de dar carão, dá carão também, aí você reflete não só sobre o PET mas sobre sua vida inteira. Se a gente está realizando alguma atividade, em tudo que a gente tá fazendo a gente planeja ele(a) está lá e diz “a gente precisa planejar” e aí a gente vai lá e planeja. Vamos fazer “a, b, c e d”, aí ele diz “esse ‘b’ vocês não podem fazer por isso, isso e isso, ‘d’ vocês tem que tomar essas precauções” e aí a gente, com essas informações que ele(a) passa, que ele(a) acompanha, ele(a) consegue ter uma visão maior e aí vai orientando quando vê que é necessário. [...] Eu acho que tudo é válido no que ele(a) faz e isso reflete tanto aqui quanto pro curso em geral, então a gente trabalha com ele(a) aqui e o que ele(a) nos ensina aqui a gente pode repassar pro curso como um todo que isso é muito importante porque grande parte do nosso objetivo do PET é para os alunos do curso, então ele(a) ajuda muito essa parte e isso é muito importante. DSC80

Outro aspecto central nesse discurso refere-se ao direcionamento que é dado às atividades do PET, visando a melhoria do curso ao qual o grupo está vinculado. Assim, podemos afirmar que

a interação entre os petianos e alunos da graduação é uma das metas permanentes das ações desenvolvidas. Trata-se do mecanismo por meio do qual o PET pode cumprir o papel primordial para o qual foi criado [...] o de substanciar a melhoria no ensino da graduação em que está inserido (JÚNIOR; GARCIA, 2007, p. 32).

O DSC81 nos mostra um papel voltado para o incentivo à aprendizagem do tutorando, mas que esse aprendizado vai além do acadêmico, expandindo-se para a vida profissional futura.

Eu vejo muito além só do acadêmico, essa questão de incentivar mesmo, de querer que o aluno aprenda. Você sente muito no(a) tutor(a) que ele(a) quer realmente que a gente aprenda, que a gente saia daqui um ótimo profissional, sabendo escrever,

sabendo falar, fazer as coisas conforme uma excelente qualidade. O(a) tutor(a) quer o máximo de cada um (DSC81).

Os discursos apresentados focam em características mais psicológicas. Nesta mesma perspectiva, temos a ancoragem A83 em que o(a) tutor(a) é visto como aquela pessoa com quem eles podem contar, destacando essa relação de confiança entre ambas as partes.

Na perspectiva mais coletiva, a A85 se refere à autonomia que os tutorandos têm dentro do PET para realizar as atividades, entretanto, ser autônomo não significa que o tutor vá manter-se distante ou se ausentar dos trabalhos, pelo contrário, ele sempre está ali pronto para quando perceber que o grupo não está se encaminhando bem, tomar uma decisão juntamente com os tutorandos.

*Eu acho que o **papel do(a) tutor(a) é dar muita autonomia de trabalho**, nós trabalhamos de forma autônoma no PET e como trabalhamos dessa forma, às vezes sentimos falta da presença do(a) tutor(a) aqui em certos momentos em que a experiência dele(a) pode dar um norte, que às vezes nos perdemos com as discussões e quando ele(a) está aqui é muito mais produtivo as reuniões do programa, as coisas melhoram, até a própria dinâmica mesmo muda, porque passamos a ser guiados. O fato de pensarmos soluções pra um problema está nos fazendo amadurecer cada vez mais e eu acho isso muito importante, o(a) tutor(a) faz isso de uma forma muito interessante, mesmo ela não estando aqui sempre, faz com que nos questionemos sobre determinados problemas e faz com que busquemos a solução entre nós mesmos, em algum momento chegamos numa barreira que vai precisar dele(a), aí sim ele(a) se faz presente pra prosseguirmos mas, esse movimento da busca pela solução desse problema seja teórica seja prática nos engrandece bastante porque não é dizer pra onde eu devo ir, é ensinar as pessoas a buscarem, porque aí aprendemos a andar com as nossas próprias pernas (DSC85).*

Esse modo de trabalhar chega a ser mencionado no discurso como uma forma interessante, pois desenvolve nos petianos a capacidade de tomar decisões, de resolver problemas reflete na gestão do tempo, na autorregulação da sua própria aprendizagem dentre outras competências que o tutorando vai adquirindo. Esta autonomia é fruto também de um trabalho de parceria que o tutor desenvolve com os tutorandos (A82) e ao papel de mediador que o tutor exerce (A84)

*Eu sempre vejo o(a) tutor(a) como **alguém que trabalha em parceria com os "tutorandos"**, aqui eu consegui tirar aquela ideia de que o professor é um lugar que ninguém pode tocar, ninguém pode contradizer, ninguém pode contrapor, eu acho que a gente perdeu muito isso aqui. Na verdade, quando eu não via o que era o programa, eu sempre tive a visão de que o(a) tutor(a) era o professor que estava à frente, mas era aquele que pegava na sua mão. O que entendi é que ele(a) é alguém meio que parceiro, porque o grupo PET é bastante autônomo. Então, o acompanhamento é muito importante, mas sem limitar a gente no sentido de fazer isso e isso. O que o(a) nosso(a) tutor(a) geralmente faz, é dizer até onde a gente consegue ir ou dizer "não, isso aqui dá certo, isso aqui não dá, vamos fazer assim", mas ele(a) não nos restringe. Na verdade a gente dá o caminho e o(a) tutor(a)*

molda as coisas, ele(a) não dita o que a gente tem que fazer, é tipo uma construção que a gente constrói junto (DSC84).

O papel do(a) tutor(a) é mediar, ele(a) tem o papel de facilitador(a) porque a gente tem muita liberdade e fazer tudo que a gente quer, escolher os temas que a gente quer, só que o(a) tutor(a) ensinou para a gente os caminhos para facilitar qual o caminho certo, a maneira certa de fazer, a maneira ética de fazer, todas essas coisas, o papel de facilitador é essencial. E como aqui também nós somos doze, como qualquer outro grupo que se reúne, tem as divergências, diferentes opiniões e o(a) tutor(a) consegue juntar e às vezes até exclui uma mas falando da maneira correta, não de maneira grossa mas falando “olha, a sua opinião a maneira que você está expondo não pode ser colocado agora, por causa disso, disso e disso, a conduta que a gente tem que analisar é essa e não essa”, então ele(a) faz todo o processo de convencimento, e leva a gente da maneira correta até nós alcançarmos nossos objetivos (DSC84).

O fato de o grupo ser constituído por 12 membros e da quantidade de horas que eles ficam juntos desenvolvendo as atividades faz com que eles se conheçam melhor, por outro lado, também gera muitos conflitos, que o tutor tem que ter muita sabedoria para gerir, pois cada um tem a sua individualidade, suas demandas, sua forma de pensar, suas crenças, enfim, isso gera divergências que enriquecem o grupo, mas também se torna difícil de ser trabalhado. Podemos conceber o grupo como um “organismo vivo, em que todos os componentes precisam conviver de forma harmoniosa para que o organismo funcione corretamente, entendendo que essa harmonia não significa ausência de conflitos” (SPINELLI *et al.*, 2007, p. 78).

II. Sub-eixo: relação tutor-tutorando

No sub-eixo da prática que se refere à relação entre o tutor e os tutorandos, houve destaque para elementos que eles já mencionaram nas concepções de tutoria e no papel e perfil do tutor, como por exemplo, a questão da mediação (A88) que o tutor deve exercer e da relação democrática, desprovida de autoritarismos (A86), mesmo que haja as cobranças que devem existir, mas como deve ser, de forma ética e profissional.

[...] Todas as nossas coisas: o nosso planejamento, o nosso relatório, as nossas atividades, é tudo uma construção bem coletiva mesmo. O(a) tutor(a) tem a palavra final, lógico, mas dialoga junto com a gente. [...] é lógico que o tutor vai estar aqui lhe cobrando puxão de orelha e tal, mas eu diria que o(a) tutor(a) sabe ouvir, tem sensibilidade porque aqui não tem essa coisa tão hierárquica quanto tem em outros lugares. Não é uma coisa imposta, aqui não tem nada de ditadura não (DSC86).

Ele(a) faz uma função tipo de mediador, só que ele(a) deixa o grupo bem independente e só interfere, media na hora que vê necessidade, mas não media dando passo a passo, media nos delegando para que possamos dar o próprio passo. [...] Também acho que ele(a) sabe fazer essa relação de mediação pessoal com o

grupo, estamos falando de pessoas e pessoas, cada um tem sua opinião, e o(a) tutor(a) sabe colocar bem, lidar com essas situações, mesmo a situação conflitante (DSC88).

Outro destaque é para a relação coletiva (A87) e de respeito de respeito pessoal e profissional, respeito à autonomia (A89). Recordamos as palavras de Freire quando nos alerta que “respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (FREIRE, 1996, p. 24).

A minha visão é do coletivo. O nosso grupo ele tem uma característica assim, ele é muito autônomo, porque assim a gente vê a experiência dos outros grupos. [...] aqui no grupo as atividades são pensadas em coletivo, todas as ações são definidas em coletivo, o(a) tutor(a) não diz isso “você vai fazer isso, você vai fazer aquilo”, ele(a) acaba sendo um 13° integrante do grupo e só dá uma opinião mais forte quando realmente está num momento extremo, que está todo mundo perdido, todo mundo desorientado, aí ele(a) diz “é isso” aí e pronto, a gente pensa, analisa direitinho, tem que ser isso mesmo, mas todas as outras ações são coletivas, ele(a) prefere inclusive assim, é a metodologia dele(a) (DSC87).

Acho que é uma relação também muito de respeito pessoal e profissional, seja você, petiano ou tutor(a), acho que é uma relação de respeito. Cheguei algumas vezes a discordar do(a) tutor(a), discordamos, mas conseguimos conversar [...] Eu acho que isso é fundamental, porque um grupo não é essencialmente a concordância, ela não vai acontecer em tudo, acho que nem é nem saudável para um grupo ter uma concordância imune. Então, o que é essencialmente a relação do tutor com o tutorando? É fundamentalmente uma relação de autonomia, de respeito a essa autonomia, seja o(a) tutor(a) respeitando o tutorando e o tutorando também respeitando o(a) tutor(a) e isso é um movimento que deve ser constante e deve ser recíproco, e cabe ao tutor saber respeitar a autonomia do estudante por que aqui a gente está num ambiente acadêmico, ambiente de professores supervalorizados, e isso é difícil de lidar. É difícil você encontrar um tutor que vai respeitar a opinião dos tutorandos (DSC89).

E por fim, a ancoragem A90 aponta para uma relação mais próxima, em que o grupo e o tutor é comparado a uma família.

Eu acho que o(a) tutor(a) é como se fosse é como ele(a) diz 'aqui é uma família' e ele (a) é um pai, mãe mesmo. Além de orientar bastante a gente e tudo, não é simplesmente aquele(a) orientador(a), você percebe que tem aquele relacionamento, tem uma assim um carisma uma coisa bem desenvolvida. O(a) tutor(a) é como se fosse um(a) pai, mãe mesmo! (DSC90).

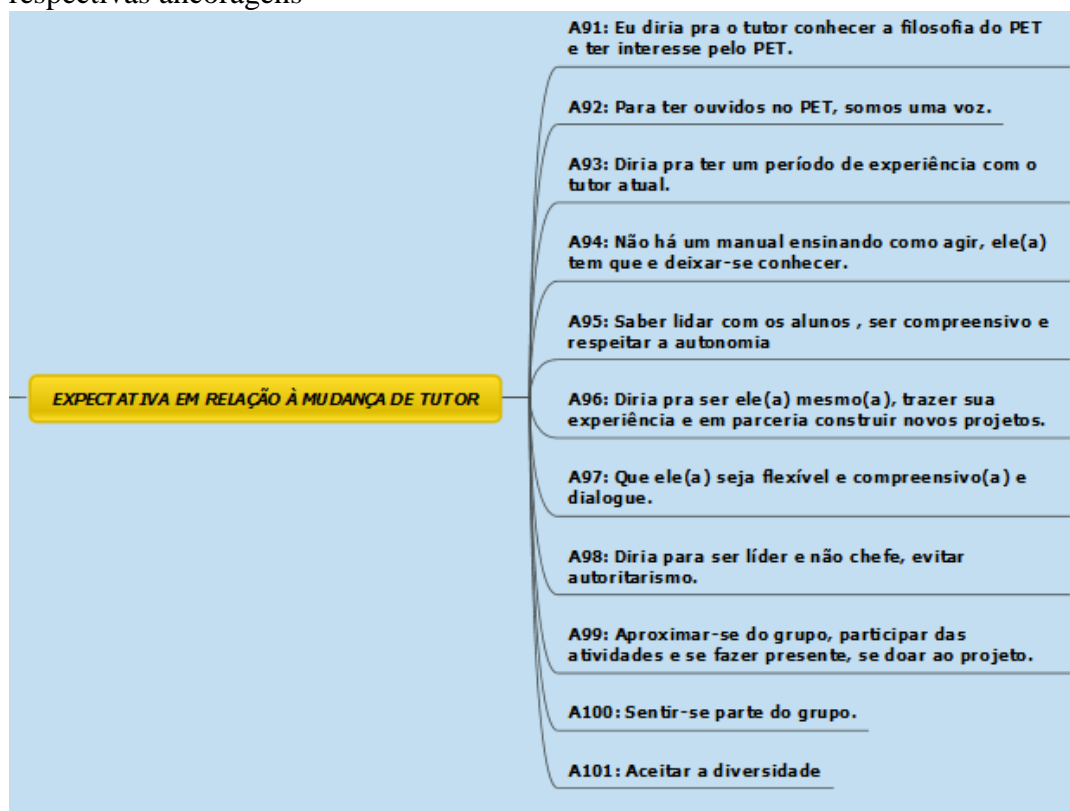
d) Eixo discursivo: *Expectativa dos tutorandos em relação à mudança de tutor*

No DSC, para obter respostas mais autênticas ou espontâneas dos atores sociais podemos usar a criatividade e elaborar “casos”, pequenas histórias ou situações problemas

que envolvam direta ou indiretamente os sujeitos, permitindo que eles se projetem na situação que seria vivenciada futuramente por alguns dos petianos.¹⁰⁶

Assim, os discursos apresentados neste eixo são oriundos de uma situação problema que foi apresentada nos grupos de discussão dos tutorandos que foi: *“Um tutor está chegando hoje no PET, ele solicita dos petianos que falem das suas expectativas em relação à tutoria, de como ele deve agir, como deve exercer a ação tutorial, o que você diria para este tutor?”*. Vejamos a seguir as ancoragens que surgiram nesse eixo discursivo.

Gráfico 14 – Eixo de expectativas dos tutorandos em relação a mudança de tutor e suas respectivas ancoragens



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Iniciamos por duas ancoragens, a *A91* em que os conhecimentos legais e normativos do PET são considerados como primeiros, ressaltando que isso requer tempo para que o tutor compreenda essa dinâmica, em momento nenhum há essa exigência, mas o conhecer é pressuposto para o querer estar no PET, o conhecimento é essencial para que depois o professor não venha a se arrepender de ter entrado no PET.

¹⁰⁶Todos os grupos PET da UECE sofreriam mudança de tutores até o fim do ano de 2016, a maioria em julho deste ano. Assim, optamos por elaborar essa situação para que eles pudessem falar melhor ao pensarem em um tutor que não era ainda conhecido por eles, o que facilitaria obter o discurso.

*Se eu pudesse falar alguma coisa para o(a) tutor(a) que fosse entrar é, logicamente toda a parte técnica é fundamental, ter o **conhecimento do que é o PET, de como se estrutura o PET**. Eu diria para ele(a) se situar ele um pouco no programa, Antes mesmo dele(a) entrar tem que ter um **conhecimento prévio da portaria MEC** até porque um(a) tutor(a) chegar aqui perdido não tem como a gente trabalhar e ter esse conhecimento prévio ter esse período de adaptação que é **fundamental que o tutor compreenda o que é o PET e isso não requer um ou dois meses pra compreender, conhecer como foi o processo histórico do PET, quais foram as lutas, quais são as lutas que a gente tem aqui. É bom também que ele conheça o PET e as atividades dele para ele não chegar com a ideia errada e ter aquele choque de repente, “Ah, não dá pra mim”**. Conhecer o PET na dimensão do programa, saber das políticas, porque existe todo um contexto de debate de sobre o programa, de como o programa pode melhorar, tem os encontros nacionais, o ENAPET etc. Então, **o ideal é que ele se envolva com os aspectos políticos do programa** também, porque são debates recorrentes. **Então uma pessoa que queira se envolver com o programa[...] e que ele(a) esteja tão interessado no Programa de Educação Tutorial quanto os próprios petianos estão. [...] que tenha acima de tudo interesse gostar de trabalhar aqui e desenvolver isso** (DSC91).*

O excerto do DSC91 “o ideal é que ele se envolva com os aspectos políticos do programa” nos remete ao pensamento de Paulo Freire, de acordo com Kato e Faggian(2007), este autor é frequentemente referido como leitura no Programa, pois ele tem um trabalho “fortemente marcado pela dimensão política da educação, comprometido com uma visão crítica da relação educação e sociedade, com a transformação social e com a transformação social e com a conscientização de direitos e deveres do cidadão” (KATO e FAGIAN, 2007, p.39).

A ancoragem A93 nos mostra que os conhecimentos e as experiências adquiridas pelos tutores anteriores são importantes para quem vem a seguir.

*Tem um projeto que existe um tempo de transição que um tutor acompanhe o outro, mas mesmo assim não daria tempo dele(a) conhecer tudo. A gente espera bastante que até pra um bom desenvolvimento da tutoria desse profissional **que ele tenha um período de experiência. É alguns meses antes, do(a) tutor(a) atual sair, ficar aqui pra ir acompanhando a situação**, as reuniões os nossos eventos pra ir pegando o ritmo e vendo como é, pelo menos seguir as orientações do(a) tutor(a) anterior que já tem essa didática, mas se tem é porque já viveu esse processo de construção do PET, já tem toda essa manha porque realmente viveu, ela sabe como é a dinâmica daqui, sabe como é (DSC93).*

Em seguida, a A92 diz o quanto é importante para o tutor procurar ouvir e perceber o que o grupo tem a dizer, o tutor deve ser “um instrumento de escuta do outro, um ouvindo, pronto a não só ouvir, mas a fazer com que a multiplicidade de falas e de indagações dos petianos se transforme em novas ideias, novas formas de pensar” (FECHINI; LIMA; ARAÚJO, 2007, p. 46).

*É ótimo realmente **que os tutores novos cheguem mesmo perguntando dicas dos petianos**. Eu diria que o(a) tutor(a) que irá entrar irá deverá ter essa sensibilidade, **que tenha ouvidos aqui no PET, todos nós somos uma voz**, a voz de ninguém aqui é superior a de ninguém e isso muitas vezes vale até para o tutor. Perceber com o tutorando, ouvir a nossa opinião, as nossas experiências que passamos, e a gente tirou como lição de cada evento pra embasá-lo(a) pra que ele(a) realmente tenha uma noção do que acontece aqui dentro e acrescentar, ele vai muito para continuar a construção. Eu acho que o grupo que está aqui vai ter que se preparar muito mais do que ele, porque para receber assim vai ser uma pessoa que não vai saber da dinâmica, não vai saber de tudo que acontece, o histórico no PET, então grupo que vai ter uma meta muito importante, porque o tutor só assim vai conseguir passar por todo o processo, então eu acho que a dificuldade e o desafio vai ser maior para o grupo do que para o próprio tutor, porque ele vai chegar aqui e vai querer saber como funciona isso aqui, o grupo deve tentar mostrar todas essas questões para ele[...] (DSC92).*

A ancoragem A94 sustenta a ideia de que não há um manual que diga tutor o que ele tem que fazer e como agir. Esse pensamento nos remete à necessidade de formação, mas sempre lembrando que “o tutor é uma figura em construção” (KATO e FAGIAN, 2007, p.40). Portanto, deve deixar-se conhecer e se sentir-se parte do grupo e passar pelo processo como um petiano quando entra.

*Eu acho que **não tem um manual que diga “Ah, o novo tutor tem que fazer isso, isso e isso”** acho que, sobretudo grupos que já tem alguns anos de existência, que já tem uma característica própria já são consolidados, o tutor tem que chegar e é um processo assim como o petiano quando entra. Quando entrei aqui não entendia nada e fui me adequando mesmo muito, acho que o tutor tem que também passar por esse processo que é contínuo, não é de uma hora para outra que vai acontecer. É também **uma questão do “se conhecer”**. A gente acaba que tem um vínculo, assim, convive todo dia, tem coisas informais, a gente sai para fazer integrações fora da universidade. Então, o(a) tutor(a) deve estar disposto a nos conhecer, e se deixar conhecer. **A gente cria realmente um vínculo. Então o tutor tem que se deixar conhecer**. Porque, às vezes a pessoa é fechada e não quer se deixar conhecer. É como a docência, você vai chegar numa classe, você não conhece os alunos, você vai ter que fazer o elo de contato com eles, [...]conquistar, não chegar de forma positiva, mas de forma a dialogar com os que aqui estão pra que você possa fazer seu grupo [...] (DSC94).*

***Se o PET tem que ter a cara do tutor, o PET também tem que ter a cara do petiano**. Então, tem que ser um misto de tudo isso. **Que se sinta parte do grupo**, no sentido em que pelo fato dele ser tutor ele não se sinta acima de nós, mas que se sinta parte de nós. E eu acho que isso é extremamente fundamental para o bom funcionamento do grupo. **Que ninguém aqui, nem mesmo um bolsista nem tutor, se ache acima ou abaixo de ninguém [...]** (DSC100).*

Outro aspecto que consideramos interessante é que os novos tutores devem ser eles mesmos, trazer a sua experiência e coloca-la à disposição do grupo (A96), aos poucos vai assimilando a dinâmica e imprimindo as suas marcas.

*Primeiro de tudo, **que ele(a) fosse ele(a), que trouxesse todas as experiências dele(a), que faça com que esse grupo tenha a cara dele(a), que construa um novo grupo** porque esse grupo foi construído por outra pessoa. **Eu acho que todas as***

peças têm alguma coisa a acrescentar. E se ele(a) está naquele cargo de tutor(a) é porque ele fez por merecer. Então eu tenho certeza que vai nos passar muita coisa e a partir dessa experiência que já vem, que carrega cada um com certeza já tem muito a acrescentar para o grupo. Ser ele e colocar o que ele tem de melhor para o grupo e saber coletar de cada tutorando qualidades, construir um novo grupo, um grupo melhor ou pior, não sei. [...] eu acho que o(a) outro(a) tutor (a) não queira imitar, copiar ou se prender aos parâmetros de comparação, que ele(a) faça o novo PET ter a sua cara com seus tutorandos e que vocês construam um novo PET, porque aqui é uma parceria entre tutor e os tutorandos, lógico que tem uma hierarquia, porque tem que ter, mas as coisas são bem democráticas, a discussão é coletiva e [...] A gente explicaria a dinâmica do grupo, o que a gente costuma trabalhar e também deixar o novo tutor se abrir para o que ele pensa do PET, quais são os novos projetos que ele pode contribuir e também a gente entrar nesses projetos, a gente ver que é a nossa realidade ou se não é, então seria uma parceria de ideias também, de outros novos projetos. DSC96

Alguns elementos se repetem nos discursos dada a importância que os petianos lhes atribuem, como o diálogo, a flexibilidade (A97), respeito à autonomia, compreensão e saber lidar com os alunos (A95),

*O novo tutor deve saber lidar com os tutorandos, orientando, **que seja compreensivo e nos dê autonomia e flexibilidade**. Eu acho que a nossa autonomia extrema importância, mas também que esteja disposto a nos acompanhar nas nossas atividades. E claro, uma coisa muito importante se fazer presente, nos dar autonomia não significa dizer que vai nos abandonar e deixar a gente fazer tudo só, não. **Se fazer presente, acompanhar, acompanhamento** não requer autoritarismo, é diferente acho que autonomia para a gente, mas também que ele se faça presente, pois deve estar disposto a nos acompanhar nas nossas atividades, que seja responsável, presente dialogando com o grupo trabalhar mesmo **essa questão da diversidade, acompanhar o diferente, respeitar as opiniões**, [...] Bem, que tivesse **diálogo, compreensão, flexibilidade** porque é importante também para trabalhar em grupo, assim como também enriquecer o grupo com sua questão pessoal, eu acho que as vezes a gente precisa ter uns momentos individuais, porque tem coisas que as vezes eu não consigo falar para o grupo, então eu acho que alguns momentos, essa questão mesmo do acompanhamento mais próximo da pesquisa ou mesmo de questões acadêmicas que a gente faz a monitoria, se eu não me sinto a vontade para abrir para todo o grupo eu acho que tem que ser com o(a)tutor(a), então nesse sentido. É lógico que sempre pedindo respeito a um grupo que já está formado, pedindo respeito à pessoa individual, aquele universitário individualmente (DSC95).*

*Eu ia falar para o novo tutor que eu acho fundamental além da **flexibilidade, do acompanhamento, é que ele(a) seja aberto ao diálogo**. Que ele seja compreensivo e respeite. Acho que compreensão e respeito é fundamental para que no grupo haja no mínimo um diálogo. Não vai vingar se for uma pessoa que não dialoga, que não seja presente, que não acompanhe eu acho que nem pode chegar a tutoria e se chegar não vai permanecer. A autonomia, a compreensão, a democracia e a flexibilidade são pontos fortes e necessários (DSC97).*

Ressaltamos que essa postura dialógica é fundamental no trabalho em grupo, não se trata de uma de uma postura de passividade diante do mundo, mas é uma exigência existencial, conforme nos lembra Freire, o diálogo “é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizados”

(FREIRE, 2011, p.109). Nesse sentido, nenhuma ideia se sobressai à outra, os sujeitos dialógicos “não apenas conservam sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com o outro” (FREIRE, 2011, p.162).

Um elemento que é bem enfatizado é a presença do tutor, mesmo que não seja sempre a presença física, mas que seja uma pessoa atenta e participativa, ter sempre conhecimento do que acontece no grupo (A99).

O tutor também deve procurar conviver, pois a convivência favorece uma relação mais próxima e de amizade com os alunos. Para que isso ocorra o tutor tem que ter mais tempo, o que ocorre é que devido ao número de atividades que o tutor tem que exercer dentro da instituição, muitas vezes não se faz tão presente como o esperado pelos tutorandos.

*É muito importante **tentar se aproximar do aluno**, nós somos um grupo não tão grande assim, já que a gente convive tanto, acaba se tornando um grupo até pequeno se vê que **a gente convive bastante**. Então eu acho que tentar **estabelecer uma relação de amizade com o aluno**, eu sei que não vai conseguir tocar todos, mas acho que tentar estabelecer essa relação de amizade contribui muito até mesmo por um voto de confiança, credibilidade àquele aluno e conseqüentemente nos dar autonomia. O que eu pediria também é exatamente de **ter mais momentos com o tutor(a)**, [...] a questão de participação, nos eventos, na construção de debates, não ficar só na reunião. Talvez ele se colocasse, fosse mais próximo do grupo, pudesse vir mais vezes[...]porque tem muito essa relação pessoal que é importante também, não falo só a nível de saber da minha vida pessoa, mais de ter uma proximidade como os outros bolsistas, a questão de tempo a troca de saberes. O problema de tutor é porque geralmente ele já tem um nível muito grande geralmente eles são doutores, então eles fazem um monte de coisa na vida acadêmica e o tempo fica restrito, eles não são exclusivos, os professores acabam sendo tutores do PET mas também têm outras atividades e não podem estar sempre presentes e de certa forma isso acaba não atrapalhando, mais talvez dificultando o andamento (DSC99).*

Todos os discursos anteriores apontam para o exercício de liderança por parte do tutor (A98).

*Bom eu acho que é falar **para agir como líder**, porque tem uma grande diferença a **questão do líder e a questão do chefe**. Porque às vezes você pode ter essa postura de o tutor querer agir como chefe, mandar “faça isso, faça aquilo” e a questão do(a) líder já é bem diferente, ele(a) vai com grupo, [...] “vamos vai dar certo, nós vamos fazer isso juntos”, mas é essa questão mesmo de liderar e não chefiar. [...] Deve ser realmente uma discussão coletiva onde a opinião do(a) tutor(a) tenha o mesmo peso da opinião dos outros bolsistas (DSC98).*

Para finalizar este eixo, a ancoragem A101 diz respeito à aceitação da diversidade, que na multiplicidade não anula as individualidades, mas tenta fazer um consenso entre as opiniões.

*O que eu diria é que realmente consiga trabalhar, **que consiga aceitar a diversidade** de pensamento, porque aqui no grupo a gente tem isso, são 12 cabeças pensando e às vezes cada um pensa de uma forma e **um bom conceito de ser tutor(a) é o(a) que consegue ouvir a todos**, ele(a) sempre coloca a opinião dele(a) e o grupo como um todo decide, mas é lógico, às vezes eu sinto que a opinião dele(a) pesa um pouco, mas tem isso aí em todo o lugar (DSC101).*

Na perspectiva dos alunos, portanto, um tutor deve ser sensível a tudo o que ocorre no grupo, deve empreender esforços em trabalhar com a diversidade no grupo, incentivando os outros a perceberem que a escuta a todos enriquece o trabalho de tutoria e conseqüentemente, isso refletirá na formação humana de todos os membros que dele participam.

5.2 Representações sociais da tutoria no Programa de Tutoria Maiores de 23 da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

A análise da Etapa II transcorreu da mesma forma que a anterior, a partir de eixos e sub-eixos discursivos. Primeiramente, trazemos a análise dos DSCs gerados a partir das concepções dos tutores. Em segundo momento, traremos os DSCs dos outros atores sociais.

5.2.1 Concepções de tutores, coordenadores e professores sobre a tutoria no PTM23

Os DSCs dos tutores foram organizados em cinco eixos discursivos conforme observamos no gráfico abaixo:

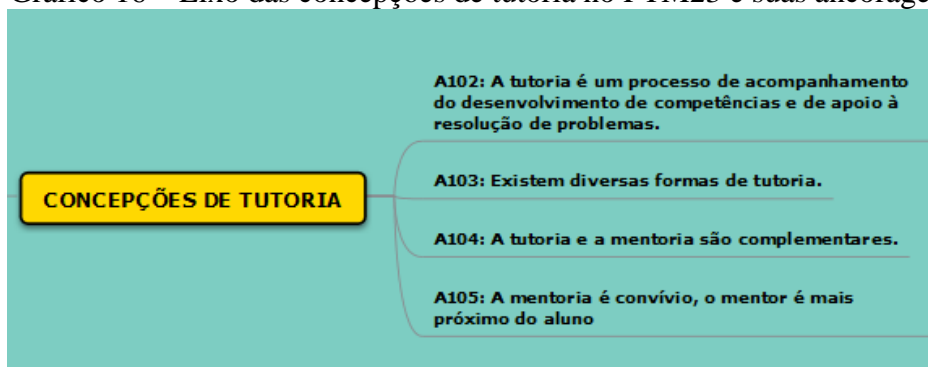
Gráfico 15 – Eixos e sub-eixos da tutoria no PTM23 (tutores)



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

a) Eixo discursivo: *Concepções de tutoria* dos tutores do PTM23.

Gráfico 16 – Eixo das concepções de tutoria no PTM23 e suas ancoragens (tutores)



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os discursos relativos às *concepções de tutoria* dos tutores do PTM23 geraram quatro ancoragens. A ancoragem *A102* traz uma concepção de tutoria como acompanhamento do desenvolvimento de competências e de apoio à resolução de problemas.

No geral, a tutoria é um processo de acompanhamento do desenvolvimento das competências dos alunos e de apoio à resolução de problemas, tem sempre um apoio e é importante que haja uma integração do aluno com o tutor para que esse desenvolvimento possa ser monitorizado ao longo do tempo, para que se possa detectar também necessidade de formação ou de necessidade ao nível da resolução de problemas (DSC102).

A ancoragem *A103* aponta para diversos tipos de tutoria, entretanto, esse discurso também mostra que a ação tutorial do PTM23 é para atender um público considerado diverso que são os alunos Maiores de 23, prestando-lhes apoio no que eles precisarem, principalmente no que se refere à sua integração na universidade. Essa tutoria tende para se realizar na modalidade a distância, devido as limitações de tempo dos envolvidos.

Então, tutoria é um apoio que existe, pode ser entre pares, pode ser entre pessoas mais velhas e mais novas ou o contrário também, dependendo da maestria que se está a realizar em determinada atividade. Essa tutoria do PTM23 é de apoio para um público alvo, para a diversidade [...]. Nesse sentido se presarmos na tutoria, é claro que ela é muito diversa, diferentes experiências tutoriais e programas tutoriais, alguns conjugam várias modalidades tutoriais, e nesse caso, especificamente, com essa diversidade de tutoria fez com que se pensasse em uma tutoria à parte no programa de mentorado para integrar também, em conjunto, esse programa de tutoria. [...] tem sempre uma tutoria curricular, ou seja, o professor faz sempre um trabalho de tutoria curricular aos seus alunos[...]uma tutoria mais administrativa, mais acadêmica, no sentido de um programa de tutoria, de apoio acompanhar os passos deles, os problemas, as situações. Vamos ter uma tutoria mais customizada, de apoio, uma tutoria para um grupo específico, ter uma tutoria mais a distância, e esse projeto tem avançado para isso, para uma modalidade que hoje é mais fácil de conceber, porque as vidas são complexas e complicadas, as pessoas tem que fazer várias atividades ao mesmo tempo, e permite que no momento em que as pessoas estão em casa, sem se deslocar, possam usufruir dessa tutoria (DSC103).

Seja qual for o tipo de tutoria, sempre é necessário que haja uma integração do tutorando com o tutor, conforme é mencionado no DSC102. Dessa forma, ambos vão se beneficiar no decorrer do processo. Em relação às A104 e A105, percebemos que os discursos se referem a um tipo de “tutoria entre iguais ou entre pares” denominado de programa de mentorado que existe na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e que é um trabalho em colaboração com o PTM23. O DSC103 afirma que o PTM23 é à parte do mentorado, mas isso não significa que sejam separados, pelo contrário, eles são complementares.

Eu acho que a tutoria e a mentoria são complementares, porque apesar de achar que o papel do tutor é importante, acho que o papel do mentor é igualmente importante. DSC104

As reuniões tutoriais, elas cada vez são menos. Porque como esse público alvo passou a usufruir de forma mais estruturada da mentoria, do programa de mentorado essas sessões grupais com o tutor passa a não ter muita pertinência, porque o mentor acaba por ser aquela pessoa que está mais próxima diariamente, acontece qualquer coisinha “olha, eu preciso de um apoio, podes me ajudar?” É um apoio muito mais imediato[...] as pessoas que entram pelo Maiores de 23 vem com uma perspectiva que é muito trabalho, que não vão ter capacidade e a perspectiva de alunos mais novos pode ajudar nesse sentido, tirar um pouquinho desse peso. [...] (DSC105).

De acordo com Veiga Simão *et al.*(2008), os mentores são recrutados são alunos de anos mais avançados que se tornam responsáveis pelos alunos recém-chegados. Esses mentores recebem uma formação antecipada e convidam os novos alunos a se beneficiarem do programa de *mentoring*. Uma vez que haja a adesão, o mentor acompanhará os alunos apoiados (*protégés*), ajudando-os no que eles precisarem, como por exemplo, na escolha de horários, no conhecimento sobre os serviços da Faculdade oferece, ou de acordo com a demanda de necessidades.

O DSC105 destaca que o mentor acaba sendo mais próximo dos alunos do que o tutor, o motivo para que isso ocorra talvez seja porque eles têm mais contatos nos corredores e também pela relação de igualdade em que se colocam, assim, os alunos se sentem mais à vontade para entrarem em contato.

b) Eixo discursivo: A prática da tutoria no PTM23

O eixo da prática no PTM23 foi subdividido em três sub-eixos sobre como ocorre a ação tutorial no cotidiano, que funções o tutor exerce e como se dá a relação tutor-tutorando.

O gráfico 17 nos mostra os desdobramentos das ancoragens geradas em cada sub-eixo:

Gráfico 17 – Eixo e sub-eixos da prática no PTM23 e suas respectivas ancoragens



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

I. Sub-eixo: Funções do tutor no PTM23

No tocante às funções que o tutor exerce na tutoria do PTM23, há uma ênfase na função de apoio presencial que o tutor exerce junto do tutorando, visando a solução de problemas que possam ir surgindo no decorrer do processo, além do atendimento individual, há as sessões que são em grupo e os atendimentos via *e-mail*. O tutor também é um mediador das sessões tutoriais que são ofertadas para os alunos, é sua função mediar o contato dos tutorandos com os professores e com os mentores.

As funções serão de apoio nessa fase de integração dos alunos maiores de 23 e, portanto, da minha parte há um apoio presencial, mas nomeadamente na tentativa de solução de problemas que eles tenham, por exemplo, encaminhá-los cá dentro

quando eles tenham dúvidas, agilizar processos cá dentro, às vezes eles estão à espera de uma informação da área acadêmica e eles não lhes dão essa informação e, se calhar se for eu a pedir é mais rápido, isso ajuda. As disponibilidades também de acesso a materiais, informações sobre os planos do curso, por exemplo, algumas regras de funcionamento, e depois fazer a ponte com a equipa dos professores que fazem as sessões tutoriais, já não sou eu que dinamizo essas sessões, mas funciono um pouco como mediador, vejo qual a necessidade que os alunos tenham depois contato com os professores para se organizar a dinamização dessas sessões (DSC106).

Era algo que este ano também gostaríamos de introduzir: o aconselhamento de carreira. Neste momento não dá porque eu não tenho disponibilidade para o fazer, mas talvez no início do próximo semestre volte a pensar nisso, porque uma das sessões temáticas que eu gostaria de desenvolver com eles era de facto o apoio à construção da carreira. Porque muitos deles disseram na entrevista que queriam vir para a psicologia, mas ainda não tinham a ideia muito clara do que é que gostariam de fazer com isto. E o objectivo também não é eles decidirem agora a especialização que vão fazer, mas em todo caso é importante irem conhecendo as áreas de aplicação da psicologia que são muito diversas (DSC107).

Uma necessidade emergente que o tutor percebeu a partir dessa turma, foi a necessidade de lhes ofertar uma sessão sobre a construção da carreira, e também orientá-los individualmente caso precisem. Pudemos presenciar uma das sessões individuais em que uma tutoranda procurou informações sobre como organizar o seu currículo de modo a direcionar para a formação que ela queria se especializar.

II. Sub-eixo: Ação tutorial na prática cotidiana

Neste eixo, os discursos dos atores destacam questões da estrutura e do funcionamento do Programa cuja ação tutorial que ocorre sempre no início do semestre (A110) porque é o período em que os alunos estarão mais livres das outras atividades do curso.

A tutoria é exercida sempre no primeiro semestre. Eu penso que não foi sempre assim. Mas eu sei que no ano passado tentamos colocar todos os workshops no início do ano lectivo, logo em outubro e novembro, exactamente porque depois eles tendem a não comparecer, vai se dissipando. [...] como o foco desse projeto é a integração no início do ano lectivo, por isso o apoio é mais concentrado. [...] só faz sentido no primeiro ano, chega no final do primeiro ano já não faz mais sentido porque os alunos já não conseguem, começam os exames, eles começam a ficar muito estressados com a época dos exames e não vale a pena (DSC110).

O apoio aos alunos envolve uma sessão de acolhimento em que estão presentes todas as pessoas responsáveis pelo PTM23, e representantes da Faculdade de Psicologia, como professores e diretor(a), da biblioteca, dos Serviços Acadêmicos, o(a) tutor(a) e a o(a) coordenadora dos Maiores de 23 e o(a) coordenador(a) do GAPE e alguns mentores (A109).

Existem momentos só com os alunos. Temos a sessão de acolhimento, depois temos de modalidades diversas, aquilo que chamamos de sessões temáticas, essas sessões temáticas podem existir, podem não existir, depende do grupo. Porque há anos que elas existem, há anos que elas existem todas, outros que só existem uma ou outra, depende da visão, da necessidade desse público, que é quem decide o que é que e necessário para si. As sessões de acolhimento inicialmente nós combinamos tudo com as pessoas, normalmente nós tentamos que o diretor da Faculdade venha, depois vêm algumas pessoas da secretaria, da biblioteca, a coordenadora do GAPE (Gabinete de Apoio Pedagógico), um professor só para dar uma palavrinha, a coordenadora dos Maiores de 23 e eu, para os alunos novos conhecerem o funcionamento do curso e conhecerem também a estrutura da faculdade e o gabinete. [...]fiz um pequeno documento no power point para explicar como funciona o projeto de tutoria. [...] eu apresento o projeto e explico que é voluntário e só participa quem quer, quais os nossos objetivos se não eles não entendem para que aquilo serve, [...] explico também a estrutura em que são realizadas as sessões temáticas, os momentos de discussão, também que pode haver um momento de atendimento mais individual, mas isso é combinado individualmente com cada um quando eles precisam [...] (DSC109).

Além da primeira sessão, há as sessões temáticas, atendimentos *online* e atendimentos individuais (A109) que visam tirar dúvidas de questões práticas dos alunos (A108).

Os alunos têm muitas dúvidas relativamente à divisão académica, em que se podem inscrever, às questões relacionadas com o Estatuto do Trabalhador Estudante, questões sobre bolsas de estudo, são coisas muito práticas, chegam a dizer que têm dificuldade, por exemplo, de estudar para uma disciplina ou em fazer um trabalho de grupo, que era aquilo que nós, se calhar, anteciparíamos numa tutoria mais pedagógica, mas eles vêm com questões muito práticas (DSC108).

No tocante às sessões temáticas, elas são organizadas de acordo com as necessidades dos alunos da turma e também levando-se em consideração as especificidades dos professores que irão ministrar. É feito um contato antecipado das disponibilidades dos professores do curso e em que podem ajudar no Programa.

As sessões mais específicas estão orientadas de acordo com a própria especialização dos professores, por exemplo, Z é da área da educação e ela trabalha muito os métodos de estudo, portanto, geralmente era ela que dava esta sessão. A professora Y, portanto, ligada à psicologia mais cognitiva e experimental, é que está mais relacionada com a leitura dos artigos científicos porque as próprias disciplinas dela estão mais relacionadas com este tipo de metodologia de trabalho, portanto, tentamos utilizar o potencial e as áreas de especialização dos professores em favor dos alunos. Foi realizada uma sessão sobre estatística, muitos alunos não se sentem a vontade com estatística, [...] (DSC111).

Ainda sobre as sessões temáticas, há uma limitação em relação à adesão às atividades propostas pelo programa de tutoria, isto ocorre devido à maioria dos alunos serem alunos trabalhadores e terem suas famílias, ou seja, eles têm de encontrar uma forma de

conciliar a vida, com o profissional e o acadêmico, encontrar um modo de gerir o seu tempo, aprenderem autorregular a sua aprendizagem, dentre outras competências que precisa adquirir, além de dar conta dos conteúdos do curso.

*Assim, quanto à sessão de acolhimento, de fato, foi a que teve maior adesão. [...] Na sessão de acolhimento explicamos o funcionamento do curso, a estrutura e o funcionamento do Programa de Tutoria, os nossos objetivos senão eles não entendiam para que aquilo servia, pensariam que era uma perda de tempo e eles já são muito atrapalhados com essa coisa de tempo. Também explicamos que o Programa é voluntário, só participa quem quer. Depois começaram as atividades propriamente ditas, as sessões temáticas, as ações mais de tutoria, mais de discussão. Este ano só ocorreu uma sessão sobre a biblioteca, à qual foram quatro alunos, e apesar de inicialmente eles têm demonstrado interessados em frequentar, depois quando elas são marcadas, elas acabam por não acontecer. **Essa é a tal questão, a adesão não tem sido muita**, chegou a uma fase que já não valia a pena mais fazer nada, porque as dúvidas que eles tinham tiravam por e-mail e estavam demasiados ocupados a estudar e fazer trabalho de grupo que não estavam a vontade para dispensar mais tempo para fazer as reuniões, sentiam que isso ia prejudicar mais do que ajudar, mas também já estavam totalmente adaptados. **Começa sempre muito bem, eles começam sempre por comparecer nas primeiras sessões e depois vai se diluindo** (DSC112).*

O planejamento das atividades é sempre realizado com base na avaliação do ano anterior e considerando o que os alunos dizem. As dificuldades de métodos de estudo são temáticas sempre mencionadas, inclusive são discutidas nas sessões temáticas da tutoria e do mentorado e que eles demonstram interesse inicial em participar, mas depois com o tempo eles não procuram mais, muito embora, essas temáticas tenham sido planejadas de forma que os alunos pudessem opinar sobre os seus interesses e necessidades, pois assim, eles também assumiam para si a responsabilidade pela escolha e pela participação.

*[...] No caso deste ano, **tentamos que isto tudo fosse feito de forma co-construída com os próprios alunos M23**; tentamos que fossem eles a definir o quê que era importante, dentro de algumas opções que já estavam definidas e deixamos que eles propusessem outras coisas, o que não aconteceu. porque o ano passado de facto havia um conjunto de ações de workshops, e depois os alunos não compareceram. [...] Isso é algo também a repensar. [...] Depois, tínhamos também planejado umas seções mais de partilha, eles falavam o que eles quisessem para vermos como é que estava andando o curso, mas não teve assim uma grande adesão. E então, tentamos pensar o que é que poderia ser específico mesmo dos M23, e oferecemos-lhes a possibilidade deles selecionarem quais é que eram as sessões em que eles gostariam de participar.[...] Portanto, tentamos que este ano isto fosse mais construído com eles para desenvolver mais no tipo de ações que eles necessitavam, no tipo de temas que precisavam de trabalhar, e de competências a desenvolver, e de responsabilizá-los também, porque se eles dizem à partida que estão interessados em frequentar, nós abrimos aquela vaga e esperamos que eles compareçam, **quando não comparecem também ficam as responsabilidades e não acontece** (DSC114).*

O fato dos alunos não procurarem mais não é visto como algo negativo, conforme é evidenciado no *DSC112*, pois isso pode ser um sinal de que eles já estão conseguindo resolver os problemas, já estão mais autônomos, ou estão encontrando respostas de outra forma que não a tutoria.

Mas de alguma forma eu não vejo isso como algo negativo. Eles sabem que estamos aqui se for preciso o apoio que aqui o terão. Mas o nosso objectivo (e pra mim isto... eu acho que isto é muito importante) também é o de promover a auto-imunização deles, e portanto, se eles não sentem necessidade, estão a obter respostas de outra forma. O nosso objectivo é esse, eles não precisam comparecer nas sessões se conseguirem desenvolver essas ferramentas de outra forma. Mas de alguma vão encontrando apoios nos professores, nos mentores, nos colegas e deixam de precisar da tutoria e isso também não deve ser visto como negativo. Eles recorrem muito ao e-mail e isso eu ainda vou recebendo, nas sessões presenciais, já não (DSC112).

O trabalho de tutoria é desenvolvido em colaboração com o Gabinete de Apoio Psicopedagógico (GAPE), que foi criado para atendimento dos alunos da Faculdade de Psicologia e do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Esse gabinete articula todo o programa de mentorado, desde a seleção, formação, e avaliação. Acompanha os mentores em sua ação. Assim, como os mentores têm uma proximidade com os alunos, sabem mais das suas necessidades, o que favorece ao(a) tutor(a) no exercício da ação tutorial.

Trabalhamos com a Coordenadora do GAPE porque ela tem acesso à informação sobre o projeto de mentorado, é ela que coordena, pensamos em conjunto com ela na perspectiva de não haver uma sobreposição. [...]também houve uma reunião com os alunos M23 do ano passado que eram mentores, e eu estive presente e aproveitei para lhes perguntar o que tinha corrido melhor e pior no ano passado, e fui recolhendo algum feedback da parte deles. E de fato eles deram algumas informações importantes, como a redundância. Nós tínhamos no Programa de Tutoria ações e workshops semelhantes às que eles tinham no mentorado, e portanto acharam que era redundante e estava por sobrepor. Depois também falaram de outras questões como o horário, as sessões eram de duas horas e eles acharam que era muito difícil para um trabalhador estudante estar a dispender de duas horas para estar nessa formação então este ano pensamos em sessões de uma hora e meia, por exemplo. Fomos recolhendo assim algum feedback dos alunos do ano passado (DSC113).

Percebemos pelo *DSC113* que a ação tutorial desenvolvido pelo tutor por vezes entra em conflito com aquela que é desenvolvida pelos alunos mais experientes do mentorado. Nesse sentido é que se faz necessário que todos estejam a par das atividades planejadas por ambas as partes para que não haja sobreposição ou redundância, e para otimizar o tempo, já que estamos falando de alunos trabalhadores em sua maioria e que têm um tempo bem restrito para os estudos.

III. Sub-eixo: Relação tutor-tutorando

Neste sub-eixo surgem dois discursos diferentes. A ancoragem A116 que evidencia uma relação em que o tutorando se sente à vontade, que o tutor os apoia, auxilia, entretanto, faz uma ressalva, o tutor não faz pelos alunos, mas aponta caminhos para que eles possam traçar metas e atingi-las.

É importante perceber que essa relação se baseia um pouco nessa ideia, um tutor, não é um professor e o tutor não é uma pessoa para resolver os problemas pelo tutorando. Um tutor é alguém que está disponível para orientar, para ajudar a encontrar caminhos. Essa deve ser a relação, não é uma relação para ensinar como é que se faz trabalhos, como é que se faz isso, como é se faz aquilo. Não é para resolver os problemas burocráticos e etc. É para ajudar o aluno, o tutorando nesse caso, construir suas próprias metas, ter um planejamento para as atingir, a materializar o seu caminho, a gerir seu tempo, o seu espaço e a refletir sobre isso para que o aluno organize no fundo, suas aprendizagens para ter sucesso (DSC117).

Considerando também que o tutor nesse programa não é um professor, vale lembrar que a tutoria que ele exerce não é curricular, essa é realizada pelo professor da disciplina.

Assim, eu acho que sempre é boa, eles se sentem bastante à vontade para contatar comigo. Quando nos cruzamos se eles precisam de alguma coisa ou até mesmo para ligarem para mim, sempre os deixo bastante a vontade. Eu acho que eu também tenho um perfil que não evito contato sou tutora, mas não sou mais do que eles. Portanto eles se sentem à vontade para isso. As dúvidas eram mais acerca do funcionamento do curso mesmo, depois vieram questões mais burocráticas e eu encaminhei para a secretaria, aí outras coisas mais de acompanhamento continuado eu encaminhei para o GAPE, mas eu acho que sempre é um contato muito fácil. [...] (DSC116).

Por outro lado, a ancoragem A115 cujo discurso traduz uma relação de apoio, mas que não se faz tão próxima quanto o esperado. Esse fato é justificado pelo apoio que os mentores lhes oferecem também, muitas vezes essas atividades acabam por se sobreporem umas às outras, daí a necessidade da tutoria planejar junto com o mentorado.

A relação tutor-tutorando é uma relação de apoio, e de mais transparência, não é de igual para igual, mas é de facto uma colaboração. Mas de alguma forma, eu não tenho tido tanta proximidade com eles quanto seria de esperar porque como as sessões temáticas não aconteceram, e só alguns é que recorreram depois ao atendimento presencial, só com esses é que eu vou tendo uma relação um bocadinho mais próxima, pois, sempre que os encontro, pergunto como é que está a correr e se eles têm alguma dúvida, mas não há. [...] Acho que encontraram se calhar nos mentores esse apoio mais sistemático e aqui é um apoio pontual, eles têm uma dúvida, mandam-me um email, se precisam de uma ajuda dos serviços académicos,

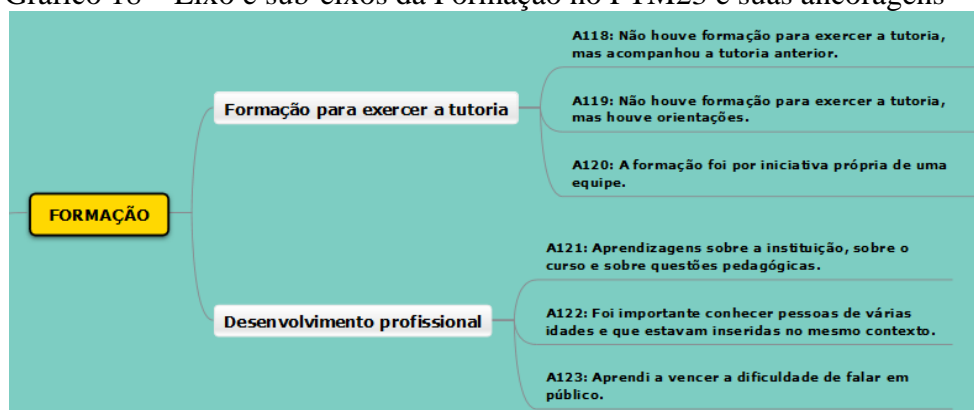
se já não está a andar qualquer coisa, eu ajudo, pronto, eu apoio pontualmente, mas penso que se sentiram a vontade para colocarem questões sempre que acharem necessário (DSC115).

Na ação tutorial, embora a relação tutor-tutorando não seja de igual pra igual, deve ser de parceria e colaboração. A tutoria requer aproximação e confiança entre as duas partes, entretanto, muitas vezes os alunos preferem procurar os seus pares em vez de procurar a tutoria por causa da relação de igualdade ser algo que os deixa mais confortáveis.

c) Eixo discursivo: *A formação* para exercer a tutoria no PTM23

O eixo da formação se subdivide em dois sub-eixos que são apresentados no gráfico abaixo com suas respectivas ancoragens.

Gráfico 18 – Eixo e sub-eixos da Formação no PTM23 e suas ancoragens



Fonte: Elaborado pela pesquisador

I.Sub-eixo discursivo: Formação para exercer a tutoria

No tocante à formação para exercer a tutoria no PTM23, percebemos que não difere de muitos outros programas em que a formação ocorre a partir da observação da experiência de outros tutores (A118), ou os tutores têm apenas orientações (A119).

*Não tive formação, mas **acompanhei a tutora** anterior e assisti às sessões dela também, deu para perceber um bocadinho (DSC118).*

*Não tive uma formação específica para realizar esse projeto, o que eu tive **orientações** e também já tenho uma base que ajuda (DSC119).*

Entretanto, a ancoragem A120 revela que a formação foi por iniciativa própria de uma equipe da Faculdade de Psicologia que procurou conhecer outros programas em outras

instituições de Ensino Superior e também por meio de investigações, seminários, o que não ocorre de uma hora para outra, isso requer tempo.

Se fosse um programa mais generalizado a muitas outras Faculdades, por exemplo, teria que ver um trabalho de formação desses tutores, agora, no caso específico da Faculdade de Psicologia, o que foi feito foi que nós todos fomos fazer formação juntos, envolvemos em outros projetos, estivemos com outros colegas em experiências na Universidade do Minho, fizemos investigação sobre o assunto, portanto, as equipes foram formando umas as outras. E também, obtendo informação e trazendo. A Universidade de Lisboa fez seminários, atividades complementares, portanto, houve aqui muito trabalho ao longo do tempo (DSC120).

De acordo com o DSC120 a falta de formação está relacionada a não institucionalização do programa em outras faculdades, se fosse um programa de toda a Universidade de Lisboa talvez houvesse uma iniciativa de institucionalização da tutoria e a oferta de formação para o exercício dessa atividade. Nesse sentido, os coordenadores e tutores anteriores, desde que a tutoria iniciou, vêm procurando formações em outras em congressos e seminários e buscando conhecer experiências de outras universidades.

II. Sub-eixo discursivo: Desenvolvimento profissional

Sobre as aprendizagens do exercício da tutoria que proporcionaram o desenvolvimento profissional, destacam-se aqueles conhecimentos adquiridos sobre a instituição, sobre o próprio curso e ainda as questões pedagógicas (A121), que são de extrema importância para os tutores, visto que eles não são docentes, mas são psicólogos.

*Aprendizagens adquiridas como **informações sobre o funcionamento do curso**, porque eu tenho trabalhado aqui na faculdade nos Serviços da Comunidade e eu não posso trabalhar para ao público interno, nem para alunos, nem para professores, nem para funcionários. Então, eu trabalho cá, mas na realidade, não sei nada sobre o funcionamento do curso de Psicologia. **E estar a trabalhar com os Maiores de vinte e três, obrigou-me a ter que saber essas informações.** Passei também a conhecer os meus colegas da Divisão Acadêmica, que eu não sabia muito bem o que eles faziam, agora tenho de saber, porque tenho de saber a quem dirigir as perguntas, a minha instituição, também o próprio curso e as **questões mais pedagógicas** que antes eu não tinha, porque nunca precisei saber. E também tem sido muito interessante trabalhar em colaboração com o GAPE, com o projeto de mentorado e a tentar perceber aqui como é que fazemos esta gestão para não sobrepor e pra proporcionarmos apoio aos alunos em várias experiências, várias frentes e, portanto, também tem me permitido aproximar do trabalho do GAPE e discutir ideias com a coordenação que eu acho isso muito interessante (DSC121).*

Esse trabalho com a tutoria proporcionou aos tutores uma atenção maior à diversidade e à diferença, bem como, foi importante pelo trabalho desenvolvido com pessoas de várias idades inseridas no mesmo contexto (A122).

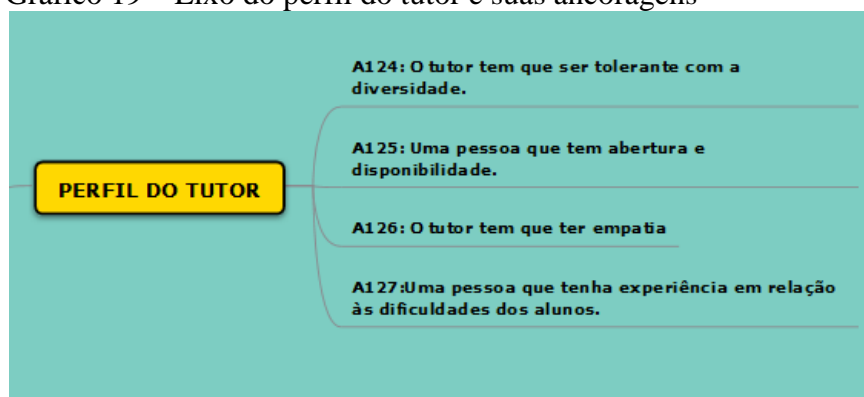
*Foi a primeira vez que lidei com adultos e esse programa de tutoria me permitiu trabalhar com jovens adultos, mas também com adultos mais velhos, por exemplo, uma senhora de 60 anos, que eu nunca tinha trabalhado, e eu achei interessante porque as pessoas mais velhas são mais envolvidas. Portanto, foi importante conhecer pessoas de várias idades e que estavam inseridas no mesmo contexto, mas com focos diferentes. Apesar de todas quererem estudar, eu acho que as pessoas mais velhas estavam mais focadas no objetivo. **A atenção à diversidade e a diferença** é algo que é cada vez mais importante. E todo esse processo me ajudou a pensar nela e de que forma posso ajudar, também a perceber o seu percurso e suas dificuldades, as metas, ajuda a perceber que são eles que vão conseguir superar seus próprios obstáculos. Tem que se identificar, encontrar soluções e etc. E esse trabalho mais próximo que a tutoria me permitiu, fez-me olhar o trabalho mais global da sala de aula. Foi importante nesse sentido (DSC122).*

O exercício da tutoria, também proporciona o a aquisição de competências como perder o medo de falar em público, pois esse trabalho constante com os alunos nas sessões exige que o tutor esteja à frente constantemente.

*Outro motivo é que eu não gosto muito de falar em público, sou tímida, e com essas sessões, apesar de ser um grupo pequeno, era na faixa de treze, portanto, não foi um número muito grande, mas **deu para conter um pouquinho as dificuldades de falar em público** e explicar, foi quase um workshop (DSC123).*

d) Eixo discursivo: O *perfil* do tutor

Gráfico 19 – Eixo do perfil do tutor e suas ancoragens



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

No tocante ao perfil do tutor para exercer a tutoria no PTM23, destacam-se características como a empatia que o tutor tem que ter com os alunos, colocar-se no lugar

deles (A126), também deve ser uma pessoa aberta e disponível para trabalhar as relações interpessoais e também disponibilidade de tempo e saber mediar conflitos (A125).

O tutor tem que ser uma pessoa que tenha disponibilidade para trabalhar as relações interpessoais, isso é muito importante, e depois o saber fazer, o saber escutar, o saber comunicar dificuldades, ter perspectivas de respostas, ter coerência, mediar conflitos, portanto, o tutor é essa pessoa que é esse elo de ligação e que tem que ter essas competências para ajudar o outro. [...] eu acho que tem que estar disponível para receber as dúvidas, talvez também as críticas. Eventualmente também podemos receber críticas. Acima de tudo a disponibilidade. É mesmo essa vontade de se contatar. [...] Enfim, é um perfil para a abertura, a disponibilidade, que eu ultimamente tenho tido menos, mas eles também não me têm procurado, portanto, eu vou dando aquilo que eles me pedem, se calhar, poderia estar a ser mais proativa e ir mais ao encontro deles, mas neste momento não está a ser possível, espero poder retomar isso mais tarde (DSC125).

É preciso ter também empatia, porque se nós não nos colocamos no lugar do outro, de compreender as dificuldades do outro, fica mais difícil ajudá-los (DSC126).

Mais uma vez surge a ideia de que o tutor tem que ser tolerante com a diversidade, a heterogeneidade e ajudar nas interrelações entre os maiores de 23 e os mais novos (A124), além disso, ser uma pessoa que tenha experiência em relação às dificuldades dos alunos (A127).

Eu acho que é muito importante tutor, principalmente com os alunos M23, ser tolerante. No sentido em que é um público muito diversificado [...] há pessoas com experiências profissionais em áreas muito diversas, algumas já viveram no estrangeiro, estiveram a emigrar, temos também o caso das pessoas que estão a planear a reforma e que este projeto dos M23 está dentro deste planeamento da reforma. Portanto, é um público muito heterogêneo em termos de habilidades, experiências profissionais, habilitações, experiências de vida, portanto, acho que a tolerância é também muito importante para conseguirmos trabalhar com todos e dar atenção a todos de forma neutra e imparcial. Nesse sentido um ponto fundamental é tomarem atenção à diversidade, à heterogeneidade das pessoas [...] E o outro aspecto também é ajudar digamos nas interrelações entre os maiores de 23 para os mais velhos e os mais novos em termos de debate, em termos enfim de intervenções nas aulas. DSC124

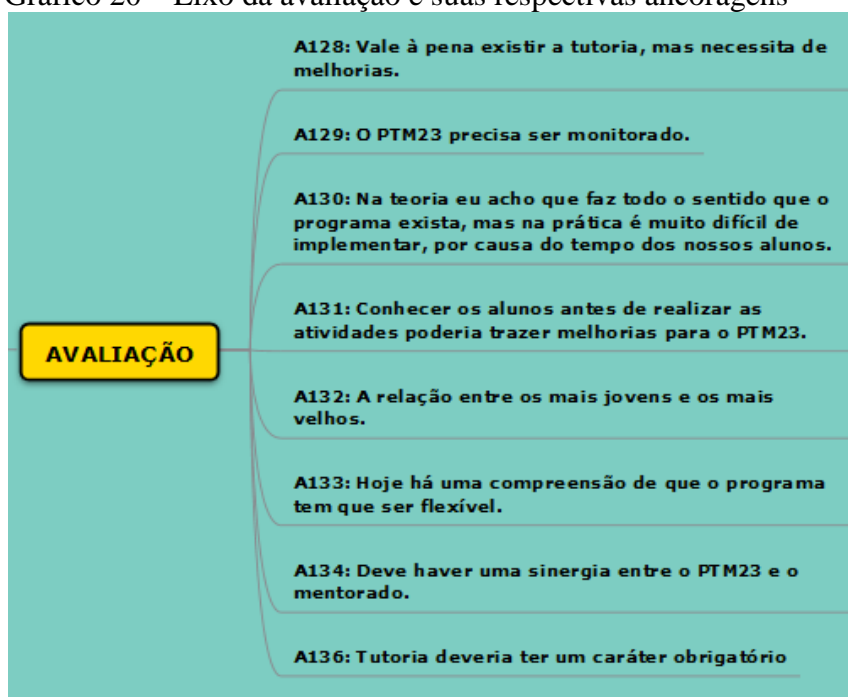
O tutor tem que ser uma pessoa que tenha bastante experiência e saber. É importante que seja uma pessoa que tenha experiência em relação às dificuldades deles, é importante ter essa experiência pessoal, não é só o saber, é o sentir, eu acho que isso ajuda bastante (DSC127).

Ressaltamos que o tutor deve estar sempre atento às dificuldades dos tutorandos, desenvolvendo o sentir, conforme o DSC127 ressalta, mas também, o tutorando tem que tomar a iniciativa de procurar a tutoria, porque a ação tutorial acontece em duas vias, do tutor para o tutorando e vice versa.

d) Eixo discursivo: *Avaliação*.

O eixo da avaliação gerou oito ancoragens, algumas acenam para a ideia de que o PTM23 está bom como está, outras que apontam para a necessidade de melhorias, até aqueles que apontam mais limitações do que possibilidades

Gráfico 20 – Eixo da avaliação e suas respectivas ancoragens



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A ancoragem *A134* nos diz que o Programa está bem elaborado e que está atendendo às demandas dos alunos, entretanto, deve haver uma sinergia entre o PTM23 e o mentorado.

Eu acho que um programa que está bastante bem elaborado e que procura abranger relativamente os vários aspectos enfim das dificuldades eventuais desses alunos. Eu acho que a partir do momento em que temos a noção que o fato para desses alunos não aderirem às sessões temáticas, sejam por uma boa razão. Leva-me a pensar que de fato tem que haver uma certa sinergia entre o que é proposto e depois outro tipo de apoio que eles têm no mentorado (DSC134).

A tutoria e mentoria também precisam ser acompanhadas e avaliadas em conjunto para não haver sobreposição e para que trabalhem em conjunto, de forma coordenada.

Para que esse acompanhamento da tutoria tenha efeitos, faz-se necessário ouvir as pessoas que estão envolvidas no processo, principalmente os alunos, criar estratégias e instrumentos próprios, além de que a análise dos mesmos requer tempo.

*Acho que o programa de **tutoria deve continuar a ser monitorado com o de mentorado**, por um lado para não haver sobreposição e por um outro lado, pra ser um apoio coordenado pra não estarmos a ajudar com frentes muito diferentes. Acho também que era importante envolvermos mais os alunos, dar-lhes voz de alguma forma, não sei ainda como, acho que aquilo é sobre tutoria, estava a pensar em buscar alternativas de intervenção. Mas é importante existir um ponto de apoio em que eles podem recorrer, não são só os colegas no caso dos mentores e também não são os professores que têm se calhar uma relação com eles um pouco mais distanciada (DSC129).*

*E nesse aspecto, não estou a ver algo que pudesse ser melhorado pelo menos seja o que ainda não se manifestaram nesse sentido, mas de qualquer modo **é sempre importante também ter a opinião deles relativamente à satisfação** que eles têm em termos de conjunto de informações disponíveis e dos programas que são propostos (DSC135).*

As ancoragens A128, A129, trazem discursos que revela a necessidade de melhorias no Programa, mas também há a crença de que vale à pena continuar com a tutoria. O público dos Maiores de 23 têm sofrido mudanças, antes eram pessoas mais velhas e que não haviam concluído o secundário, hoje também há pessoas mais jovens, ou com outras graduações, pessoas com mestrado e que procuram o acesso pela via dos M23, o que requer que o PTM23 também seja repensado, é necessário adaptar as ações às necessidades dos alunos. Mas uma modificação que é preciso realizar é que o(a) tutor(a) tenha disponibilidade para atuar todos os dias da semana, porque ninguém sabe que dia o aluno vai precisar.

***Eu acho que é importante existir**, é importante para os alunos na altura do acolhimento saberem que ela existe, é importante oferecermos esse serviço aos alunos, afinal somos uma faculdade de Psicologia, se nós não tivermos um apoio à integração e ao desenvolvimento de competências do aluno quem é que vai ter? Depois também somos do curso da Universidade de Lisboa que tem mais alunos M23.[...] Portanto, acho importante oferecermos esse serviço. Relativamente ao modelo: acho que de facto os maiores de 23 já não são o que eram há uns anos atrás, [...] Portanto, o público Maiores de 23 tem vindo a mudar e acho que de facto **o modelo de tutoria deve ser repensado em função do público** e das características dos alunos em cada ano. E se calhar oferecer workshops mais sobre práticas pedagógicas ou sobre como fazer uma apresentação, sobre como fazer um trabalho de grupo, pode ser muito básico para muitas destas pessoas que estão aqui. E em todo caso eles terão oportunidade também de aprender. Nessa perspectiva, eu acho que sim, **vale a pena existir tutoria, mas acho que necessita melhorias como a disponibilidade de estar aqui cinco dias por semana facilita focada nessa tarefa só**. Mas pronto, ter mais tempo pra eles. E se for necessário, fazer uma monitorização do programa muito melhor. Se não estão a recorrer, nós procuramos saber como é que as coisas funcionam e se não ocorrem porque de facto não sentem a necessidade, consideramos que é bom sinal em termos da sua integração (DSC128).*

Ao contrário das outras visões, o DSC130 nos diz que na teoria faz todo o sentido que o programa exista, mas na prática é muito difícil de implementar, devido ao tempo dos alunos. Nesse sentido, é importante que o Programa esteja disponível para os alunos, mas que

se encontrem novas formas de chegar até eles, de modo mais efetivo. Assim, outro discurso *DSC131* nos revela que é necessário conhecer bem melhor os alunos antes de implementar a tutoria.

Na teoria eu acho que faz todo o sentido e é por isso que o programa existe. Mas depois, na prática, é muito difícil de implementar. No nosso ponto de vista isso tem a ver com o tempo dos nossos alunos. Os alunos maiores de vinte três são estudantes e trabalhadores. E uma das maiores dificuldades que eles tem é de haver tempo para o além de vir as aulas e do trabalhar, fazer os trabalhos em grupo e etc. Eu acho que é importante fazer uma boa reflexão, se não existir esse programa os alunos vão sentir falta de algo, no entanto é preciso entender que é um processo complexo. Os limites de fato é eles terem pouco tempo porque quase todos trabalham e como trabalham o pouco tempo que tem querem dedicar ao curso, justamente porque são pessoas mais focadas do que os alunos que entram na idade habitual e que ainda estão na fase de viver a vida, não estão tão focados em ter resultados bons, em concentrar-se no curso e aprender, as pessoas que entram mais velhas tem mais essa perspectiva, se dedicam ao curso e por isso podem ter dificuldade em abrir outras atividades, eles pensam “eu já tenho tão pouco tempo, se eu for abrir mais essa ou aquela tarefa, programa ou projeto ou seja o que for, vai ser ainda mais difícil fazer o que tem para fazer. Portanto, acho que essa é a principal dificuldade. É importante que ele exista como disponibilidade, mas é preciso mais do que isso, é necessário encontrar formas de chegar aos alunos de modo mais efetivo (DSC130).

Acho que é uma pena não conhecermos os alunos antes de iniciar o projeto, porque eu acho que se os conhecêssemos, o programa iria muito mais ao encontro deles. [...] no dia da entrevista nós conseguimos ver um pouco das dificuldades que eles vão sentir, antecipar essas coisas todas, então podemos planejar muito mais o projeto ao encontro de tudo aquilo que eles querem, do que eles sentem necessidade, por isso acho que uma possibilidade é essa, com a pessoa que faz a entrevista. [...] então temos que desempenhar o foco principal do projeto logo no início, mas para isso acontecer tem que se conhecer muito bem os alunos e antes do projeto começar. Acho que isso pode ser uma possibilidade, talvez possamos melhorar mais o projeto nesse sentido (DSC131).

A ancoragem *A132* traz um dado curioso no que se refere à avaliação, que o Programa deve promover uma interação entre os mais jovens e os mais velhos. Isto se dá porque os alunos Maiores de 23, ingressam na educação superior por essa forma de acesso, mas eles irão cursar as disciplinas junto com os jovens de 18 a 22 anos, e muitas vezes, os jovens acham que os mais velhos podem estar ocupando um espaço que é deles, acreditam que eles são favorecidos. Se pensarmos bem, eles são desfavorecidos por um lado, porque não tiveram oportunidade de entrar na universidade no tempo certo.

Algumas pessoas podem achar que vão tirar o curso só por tirar porque já não vão conseguir praticar, isso de alguma forma pode prejudicar, talvez, pensando em alunos mais novos que vão estudar e quando chegam no mercado de trabalho não tem trabalho, podem pensar “nós já não temos trabalho, para que uma pessoa mais velha para tirar nosso lugar”. As pessoas pensam assim, que aquela pessoa que entrou depois, que os mais antigos não deviam existir, eu digo isso porque já ouvi pessoas dizerem que acham que pessoas mais velhas não deviam estudar, eu não

concordo, mas podem pensar assim, “eu estou aqui, tirei boas notas, acabei o secundário e agora uma pessoa mais velha vai tirar o meu lugar quando acabar o curso”. Então, isso pode virar uma dificuldade. Em relação também ao funcionamento do curso, as pessoas que trabalham geralmente têm épocas especiais para fazer os exames e aí algumas pessoas não vêm muito bem esses estudantes porque acham que são favorecidos. Agora as possibilidades, falei os limites, não sei se falei bem porque às vezes começo a pensar numa coisa e possibilidades, eu acho que são alunos muito motivados, dedicados, e eu acho que isso pode ser bom para o funcionamento do curso (DSC132).

Por fim, dois discursos bem contraditórios. Enquanto o *DSC136* afirma que a tutoria deveria constar como caráter obrigatório, institucionalizado, tal como ocorre com a tutoria curricular no curso que é realizada pelos professores da disciplina. Por outro lado, o *DSC133* está direcionado para uma flexibilidade, que a tutoria deve existir e o aluno só recorre quando sente que precisa.

Tutoria está mais associada a tempos letivos, fazer mesmo parte do seu horário. Teria que ter um caráter obrigatório, mas que esteja lá no seu horário. É preciso encontrar aqui uma solução quase que organizacional. Eu acho que se eles viessem às tutorias teriam a ganhar imenso, iriam superar obstáculos muito mais rapidamente. Eu acredito que eles pensam nisso dessa forma, mas não conseguem ver. Questões relacionadas à organização do tempo, o aluno vem trás as suas questões e o técnico pode organizar com os docentes workshops específicos, atividades específicas, orientações específicas para o aluno, isso seria o resultado dessa ação de tutoria e seria muito bom. Porque não podia ser o professor o tutor desses alunos? Porque funcionaria melhor em termos de visão dos alunos, porque era uma figura de autoridade ali (DSC136).

Eu acho que no início nós tínhamos a expectativa do cumprimento dos alunos do programa um pouco prescritivo. Percebemos que o programa tem que ser flexível e sendo aquilo que os alunos incitam, hoje estamos mais confortáveis com essa ideia, no sentido de achar que tem sido aquela ajuda que é necessária e não aquela ajuda que botamos na cabeça que eles precisam (DSC133).

Essas duas visões são conflitantes entre si, pois, se por um lado há benefícios possíveis com a institucionalização da tutoria pela universidade, e um deles é no aspecto financeiro e formativo, por outro lado, nem todos os professores querem ser tutores, se for uma tutoria em que os tutorando sejam obrigados a procurar, não desenvolverá neles a autonomia, por ser uma coisa imposta, por isso, é preciso avaliar bem a tutoria e ponderar todas as possibilidades.

5.2.2 Concepções de tutorandos sobre o PTM23

A análise do material discursivo dos tutorandos do PTM23 foi estruturada em quatro eixos discursivos conforme podemos visualizar no gráfico abaixo:

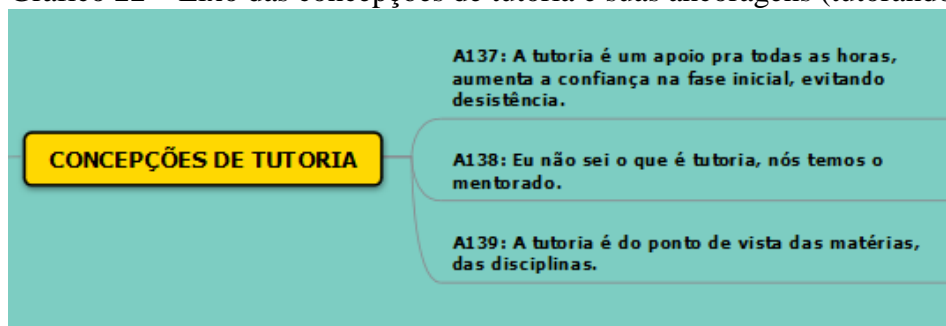
Gráfico 21 – Eixos e sub-eixos das concepções dos tutorandos sobre o PTM23



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

a) Eixo discursivo: *Concepções de tutoria* - tutorandos do PTM23.

Gráfico 22 – Eixo das concepções de tutoria e suas ancoragens (tutorandos)



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

No tocante às concepções dos tutorandos do PTM23 sobre tutoria, encontramos a ancoragem *A137* que se aproxima mais da concepção proposta pelo programa, ao mencionar que a tutoria é um apoio pra todas as horas e que aumenta a confiança na fase inicial de ingresso no curso, evitando desistência de muitas pessoas logo de início, especificamente o atendimento individual.

A tutoria M23 fez-nos sentir muito amparados e aumenta a nossa confiança na fase inicial em que as dúvidas e receios ainda são muitos e que pode levar à desistência. É um apoio pra todas as horas. Eu defino como todas as horas, porque sempre que eu tenho alguma dúvida se eu mandar um e-mail é respondido com muita rapidez e sim! É para todas as horas mesmo! O atendimento é interessante [...] a nível individual (DSC137).

Outra concepção se aproxima mais da tutoria curricular que é desenvolvida pelo docente de cada disciplina, que já tem na sua carga horária um espaço para a tutoria dos conteúdos ministrados por ele, conforme diz o depoimento: “O acompanhamento do ponto de vista das matérias ou das disciplinas, do ponto de vista acadêmico tem a ver com a tutoria” (DSC139).

Diferente dos anteriores, a ancoragem A138 traz um discurso que revela o desconhecimento do que vem a ser tutoria, há uma confusão com o mentorado, acompanhamento desenvolvido pelos alunos mais velhos aos alunos recém chegados.

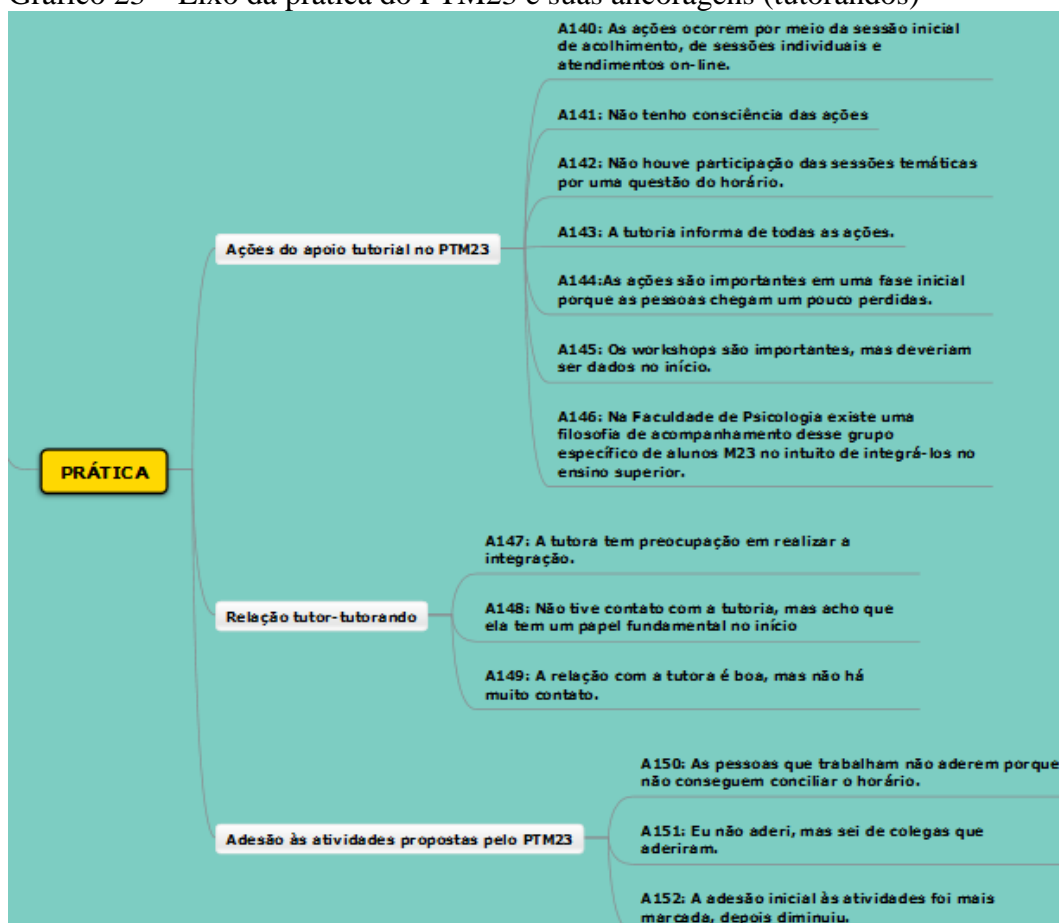
Eu não sei o que é tutoria. Tutoria é isso dos mentores, não? Não tenho assim muito a dizer. Eu não sei o que é tutoria. Nós aqui temos o mentorado que há um conjunto de pessoas que são mentores. [...] Consiste em num acompanhamento inicial quando o aluno entra para a faculdade do ponto de vista do aluno mais rapidamente ultrapassar dificuldades que não têm nada a ver com o ensino propriamente dito [...] Depois ao longo do ano ir aconselhando em termos, por exemplo, de métodos de estudo, o que é mais difícil, o que é preciso estudar mais, o que é que alguns professores valorizam mais e outros valorizam menos, mas não vai além disso, nós não nos sentamos com eles para ver se um trabalho tá bem ou se está a correr bem ou assim. Pronto! É eles saberem se existem sebatas, se existem apontamentos dos anos anteriores, quais são os livros que são mesmo necessários, e aqueles que fazem parte da bibliografia, portanto esse gênero de coisas. Bem, isto passa-se no primeiro mês, um ou dois meses, a partir daí eles são autônomos porque entretanto, formam os seus próprios grupos, começam a trabalhar uns com os outros. Portanto, onde é que existe algum acompanhamento, quase todos os anos, portanto, entra um grupo novo e tal. Assim, essas coisas todas, quando estão à vontade eles próprios se orientam. O processo é sempre o mesmo, as mesmas perguntas (DSC138).

O reconhecimento do mentorado ocorre de modo mais claro na cabeça dos alunos porque desde o primeiro dia em que chegam, já sabem quem são os seus mentores, há uma série de cartazes espalhados na universidade e há um painel na entrada com o nome de todos os alunos ingressantes e dos respectivos mentores com os contatos para que tomem conhecimento. A tutoria ocorre nas sessões de acolhimento, todos são reunidos em uma sala e é realizado todo o trabalho inicial, entretanto, não é enfatizado o nome “tutoria” ou “programa de tutoria” e não há uma divulgação como o Programa de Mentorado, embora eles recebam folders, é muita informação quando entram na universidade, tudo é muito novo.

b) Eixo discursivo: A prática da tutoria no PTM23

O eixo da prática gerou três sub-eixos: referente às ações do apoio da tutoria, à relação tutor-tutorando e um elemento que emerge também nos discursos é a adesão às atividades do PTM23.

Gráfico 23 – Eixo da prática do PTM23 e suas ancoragens (tutorandos)



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A seguir analisamos as ancoragens referentes a cada um dos sub-eixos.

I. Sub-eixo: Ações de apoio tutorial no PTM23

A ancoragem *A140* nos traz em seu discurso o tipo de ações que são desenvolvidas pela tutoria e a *A144* revela que elas são consideradas importantes na fase inicial porque as pessoas chegam um pouco perdidas, nesse sentido, a interação entre tutor e alunos M23 é essencial nesse período, porque os ajuda a se sentirem mais acompanhados.

Houve a sessão inicial de acolhimento, foi a recepção dos alunos que estavam na shortlist para serem selecionados. Teve essa primeira para apresentação do curso em si e depois ao existir essa segunda se calhar como já aconteceu em tempo de aula[...] surgiram novas questões e nós podemos colocar diretamente, em vez de estar a recorrer por e-mail, e ali diretamente entre todos se calhar, uma dúvida que era minha também era dos outros elementos e foi um altura para todos ficarmos esclarecidos. Também alguém recorreu a sessão individual (DSC140).

As ações tutoriais são muito importantes porque são um Welcome, para esses novos estudantes Maiores de 23 que já muitos deles têm uma profissão, muitos vieram como eu, sem saber exatamente o que iria acontecer. É muito importante haver esse feedback, essa troca de informação, como é que eu posso dizer, essa interação entre a tutoria e nós M23. Eu acho que é indispensável, que é um momento em que nós podemos também colocar as dúvidas que nos vão surgindo em termos de funcionamento da universidade, em termos de funcionamento do próprio curso, e se não fosse assim, eu sei que há um grande número de desistências no início, se não houvesse esse processo, essa informação, da estatística, os workshops e tudo mais, provavelmente mais gente desistiria. Ajudou-me a reforçar a confiança em mim, nas minhas capacidades e a determinação em continuar. Ajudou-me a sentir muito acompanhado(a) neste meu projeto. Eu só esperava que ações tutoriais fossem um pouco mais dinâmicas, que tomassem menos tempo (DSC144).

O DSC144 finaliza dizendo que as ações tutoriais deveriam tomar menos tempo, isso nos remete a outro discurso, o DSC142 que justifica a ausência das pessoas nos workshops, devido às questões de horário.

Na altura não participei das sessões, também por uma questão de horário, porque elas eram feitas de manhã também e eu trabalho de manhã. Depois houve uma delas que passou para a tarde que foi a de estatística, só que depois chegou a ser cancelada e não voltaram a organizar, pois então eu não cheguei a participar só por causa disso (DSC142).

Além das sessões iniciais, mencionam os workshops como atividades realizadas, mas que deveriam ocorrer mesmo no início do curso.

Depois aparecem dois discursos que são opostos, enquanto um remete à ideia de que não se tem consciência das atividades promovidas (DSC141), há outro que afirma que o grupo era informado de todas as ações.

Não ocorreram ações, acho eu! Não tenho consciência clara dessas atividades. Eu sei que houve uma sessão inicial, mas também não sabia que aquele acolhimento já era uma ação. E depois houve mais uma que eu vim que não me lembro o que era. Sei que houve uma de estatística também que eu também não fui e não ocorreu porque não havia ninguém (DSC141).

Em termos da tutoria, chega-nos algumas, algumas não, bastante informações, deixa-nos informados de tudo o que se passa, dos workshops (DSC143).

Essa divergência dos discursos acima ocorre por fatores os mais diversos. Muitos dos alunos participaram de algumas atividades, mas não tinham a consciência de que elas faziam parte do PTM23. Tanto é que o DSC143 afirma que eles eram muito bem informados de tudo o que ocorria em relação à sua turma, e esta também era outra ação realizada pela tutora.

II. Sub-eixo: Relação tutor- tutorando

Sobre a relação tutor- tutorando foram gerados dois pares de ancoragens antagônicas, enquanto dois se referem de forma positiva (A146, A147) e outros dois deles trazem aspectos negativos da tutoria (A148, A149).

O DSC146 ressalta o importante papel da Faculdade de Psicologia em que existe uma filosofia de acompanhamento desse grupo específico de alunos M23 no intuito de integrá-los no ensino superior. E o DSC147 nos diz que a tutoria tem preocupação em realizar a integração dos alunos na faculdade.

Creio que, na nossa faculdade, existe uma filosofia de grande acompanhamento deste grupo específico de alunos. Foram identificadas vantagens na criação deste programa, para permitir ou facilitar o regresso ou reingresso ao ensino superior de alunos que não seguiram o percurso padrão e que foram detetadas dificuldades, no passado, na integração e sucesso deste grupo de alunos, que levou à criação e implementação de um o programa de apoio e acompanhamento a este grupo de alunos para minorar os casos de insucesso e desistência que se verificaram no passado (DSC146).

O tutor tem grande preocupação em tornar a nossa integração na faculdade mais fácil, mais acompanhada. Ao tutorado coube o papel de aderir, ou não, às iniciativas propostas (DSC147).

A ideia que a A148 traz é de que não houve contato com a tutoria, mas mesmo assim, há uma crença de que ela teve um papel fundamental no início. E a A149 diz que relação com a tutora é boa, mas não há muito contato.

Confesso que ainda não tive contato com a tutora, mas sinceramente acho que no início ela teve um papel fundamental para o momento em que estávamos. Neste momento, acho que se calhar só mesmo aquelas questões pontuais é que podíamos recorrer a ela, porque a partir de agora acho que depende um bocado de nós. Mas por e-mail inicialmente, quando houve aquelas primeiras questões que ela na altura não teve a resposta imediata teve que procurar informação, depois informou e me comunicou com ela por e-mail (DSC148).

A minha tutora é boa, se bem que não a vejo muito, mas cada vez que vejo falo bastante, tenho uma boa relação com ela. É uma relação um pouco impessoal, uma vez que é um tutor para todo o grupo de M23 e por isso se tornou um pouco distante, mas ainda assim senti que há uma preocupação com o grupo. Ajuda-nos aqui a estar, a entrarmos no espírito aqui da faculdade, e ajuda-nos nos estudos, com alguns materiais de estudo. Basicamente, comigo foi assim, não tenho assim tanto contato (DSC149).

Os dois discursos acima revelam que não ocorreu contato com a tutoria por parte de alguns alunos. Devemos levar em consideração uma série de fatores, principalmente o tempo que essas pessoas têm para se desdobrar entre estudos, família e trabalho. Desse modo,

muitas vezes até podem estar precisando de algo, mas não podem dispor desse tempo para conversar com os tutores e alguns até com os mentores.

III. Sub-eixo: Adesão às atividades propostas pelo PTM23

Todas as atividades desenvolvidas pelo PTM23 estão voltadas para a integração dos alunos Maiores de 23 na Faculdade de Psicologia, dando-lhes todo o apoio necessário para que consigam desenvolver a sua autonomia na gestão do seu tempo, e consigam também uma autorregulação da aprendizagem. Entretanto, a adesão a essas atividades propostas deve partir dos alunos, é um ato voluntário.

Assim, três discursos aparecem neste sub-eixo. Primeiramente, há uma que se fundamenta na ancoragem A152 que afirma que houve uma forte adesão às atividades no início, mas que depois diminuiu. Aqui também aparece um segundo discurso, que afirma que houve adesão parcial por parte de alguns alunos.

Creio que a adesão inicial foi mais marcada, houve maior adesão às atividades. Eu passei pelo acolhimento e a outra sessão com os mentores, eu estive nos dois. Ah! Foi tudo bom! Pudemos tirar dúvidas, esclarecer dúvidas relacionadas com o que viria a seguir se fôssemos selecionados na primeira, na segunda já sabíamos que tínhamos sido os selecionados. No geral foi mesmo como a palavra diz, foram as estruturas de acolhimento. Acolher os Maiores de 23, esclarecer quaisquer dúvidas, encaminhar-nos, dizer o quê que iria acontecer, onde poderíamos pedir ajuda, a quem recorrer, os mentores nomeadamente, porque cada um de nós tem um mentor, e basicamente é isso! À medida que o semestre avançava, tanto por questões de maior indisponibilidade dos alunos, sobrecarregados logo desde o início com aulas e trabalhos de grupo, como pela obtenção de informação, apoio através de outros meios, a adesão às iniciativas diminuiu bastante (DSC152).

A adesão dos workshops, alguns colegas eu sei que sim. Eu fiz um que era da biblioteca, acho que houve mais um outro. Não! Acho que esse foi único, o da biblioteca, que eu fui, mas, entretanto, tem havido trabalhos de grupo. Sei que os colegas aderem, constantemente somos contactados sim! Eu recebi os e-mails todos, dos workshops que eles iam fazendo, eu recebi esse material todo (DSC151).

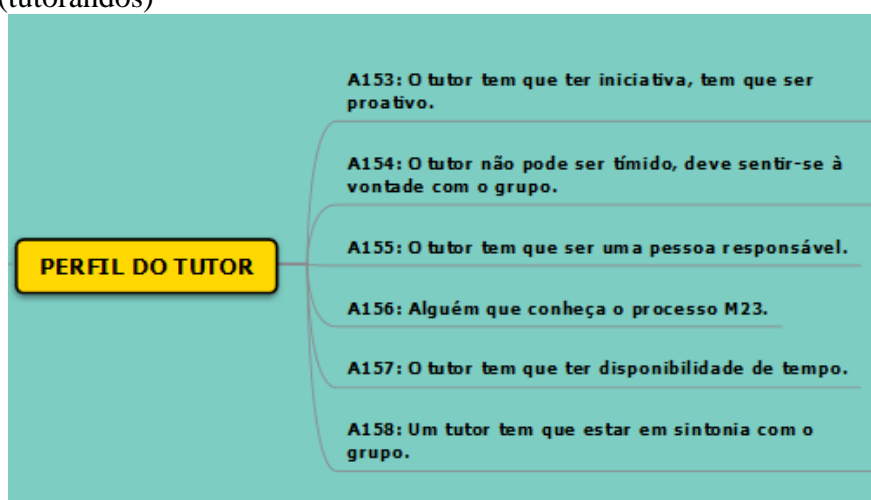
E um terceiro discurso sustentado pela ideia de que as pessoas que trabalham não aderem porque não conseguem conciliar o horário (A150), mas também afirma que quem realmente tem necessidade de participar, irá conseguir encontrar uma solução.

As pessoas querem ir aos workshops, o problema está em conciliar os horários, elas querem ir, mas tem que se arranjar aqui uns horários adequados para eles, às vezes é complicado! Os Maiores de 23 são pessoas que trabalham normalmente, ou as pessoas têm filhos, e já tem o seu tempo tão controlado que muitas vezes só se for uma coisa que eles achem mesmo muito importante. Depois depende cada pessoa tem sua necessidade e se calhar pra mim um workshop de Gestão de tempo pra mim

*não me diz grande coisa, porque eu acho que na minha cabeça já faço a minha gestão do tempo razoavelmente bem. E acho que depois depende de cada tema do workshop como ainda não fui, porque depois tem o trabalho e há coisas da faculdade pra fazer, os trabalhos de grupo, e por vezes o tempo já está tão apertado que arranjar tempo para fazer meio a um workshop às vezes não acontece. **Mas eu acho bem que eles façam esse tipo de apoio porque quem realmente tem a necessidade arranja maneira de ir aos workshops. Eu acho que tem boa adesão, é mais pela questão do tempo sim. DSC150***

c) Eixo discursivo: *Perfil do tutor* na visão dos tutorandos

Gráfico 24 – Eixo do perfil do tutor no PTM23 e suas ancoragens (tutorandos)



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Sobre o perfil do tutor para atuar no PTM23, destacaram-se: iniciativa (A153), responsabilidade (A155), disponibilidade de tempo (A157), além de ser uma pessoa sintonizada com o grupo (A158) que consegue antecipar as dificuldades que o grupo pode ter afim de minorá-las.

*O tutor tem que ter iniciativa. Proatividade é a palavra mais adequada (DSC153).
O tutor tem que ser uma pessoa responsável (DSC155).
Alguém que tenha disponibilidade de tempo (DSC157).
O tutor faz a integração do grupo e na faculdade, aproximação (e antecipação) das realidades que iríamos encontrar, desmistificar medos, angústias e anseios. **Um bom tutor será aquele que se sintoniza conosco**, que consegue compreender (e antecipar) as nossas dificuldades e anseios e consegue minorá-los. Para desempenhar bem o papel ele tem que ser: ser expansivo, empático, positivo ou otimista, ser motivador, cativar mais a adesão dos alunos, não sei exatamente de que forma (DSC158).*

Destaca-se também que se o tutor conhecer bem o processo de acesso Maiores de 23, poderá exercer a tutoria com mais propriedade (A156):

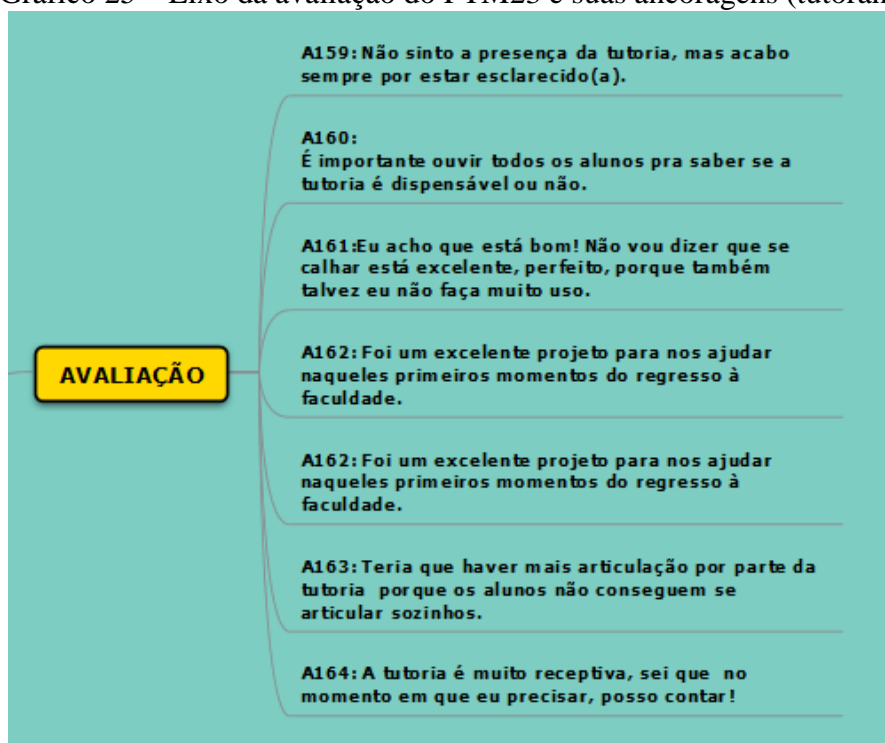
Seria bom que o tutor fosse alguém que tivesse passado pelo processo dos Maiores de 23 ou que conhecesse bem o processo. Para saber as dificuldades, para saber o que é que alguém que chega por esse acesso pensa no geral. (DSC156).

E por fim, o DSC154 chama a atenção para um aspecto que os tutorandos consideram negativo no perfil do tutor, que é a timidez, pois deve sentir-se à vontade com o grupo.

Eu gosto muito da tutora mas a ideia que dá é que ela não se sente à vontade a falar conosco. Não sei! Muito tímida! Eu acho que somos todos adultos, nesse caso, o tutor tem que ser mais ativo, falar mais conosco, tem que ser mesmo descomplicado. Já não há necessidade disso! (DSC154).

d) Eixo discursivo: Avaliação do PTM23 na visão dos tutorandos

Gráfico 25 – Eixo da avaliação do PTM23 e suas ancoragens (tutorandos)



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O último eixo discursivo diz respeito à avaliação que os alunos fazem do PTM23. Destacamos primeiramente os aspectos positivos presentes nas ancoragens (A161, A162, A164, A166, A167, A168).

O DSC161 diz que a tutoria está boa, em conformidade com o DSC166. Mas um fato curioso é a afirmação de que o programa não está excelente porque não há muito uso por parte dos alunos.

Eu pessoalmente, eu acho que está bom! Não vou dizer que se calhar está excelente, perfeito, porque também talvez eu não faça muito uso. E então eu não estou assim tão dentro. A única coisa que eu recebo da tutoria são os e-mails a informar o que vai acontecer, os workshops, ou se há alguma atividade extracurricular que queríamos fazer que contribuísse. Também acho que não haverá muito mais do que eles possam fazer, acredito, mas eu não sei exatamente qual é o papel da tutoria, se calhar por isso, se calhar se eu soubesse qual é exatamente o papel, eu teria mais o que falar sobre o assunto, mas eu acho que o papel é esse mesmo, é acolher, informar. Pronto, então se é isso, eu acho que está muito bom! (DSC161).

Pra ser muito sincero(a) eu acho que não sei o que é que eu poderia melhorar, acho que daquilo que eu tenho visto, daquilo que tenho percebido. Eu acho que é mesmo bom! Acho que estão sempre, todas as semanas tem um workshop, também se houver mais um workshop, lá está outra vez o tempo e as pessoas não vão[...] cheguei a enviar um ou dois e-mails [...] e sempre me responderam muito rapidamente com clareza, sobre, por exemplo, a dizer quando é que saíam as notas. Pronto se houvesse alguma coisa que eu tivesse dúvidas, sempre enviei e-mails e eles sempre me responderam (DSC166).

A ancoragem A167 sustenta a ideia de que a tutoria deve ser mantida porque ela faz com que os alunos se sintam mais acolhidos, porque ela se preocupa com o bem estar do aluno (A168). Nessa mesma visão, a ancoragem A162 afirma que o Programa é excelente para ajudar os alunos nos primeiros momentos do regresso à faculdade, porque além de tudo o que foi dito, a tutoria é muito receptiva, no momento em que o aluno precisar, sabe que pode contar! (A164)

Creio que foi um excelente projeto para nos ajudar naqueles primeiros momentos do regresso à faculdade. Toda a ajuda inicial que nós precisamos nos Maiores de 23 tem sido satisfatória. Teve um contributo importante na minha integração, na desmistificação de dúvidas e receios. Uma das aprendizagens mais significativas teve a ver com os depoimento que ouvi na minha sessão de acolhimento em que vi que outros como eu se tinham proposto a fazer o mesmo percurso e estavam a terminá-lo com sucesso (DSC162).

A tutoria é muito receptiva! Sempre que eu preciso e pergunto alguma coisa, a resposta é rápida, sente-se mesmo é que estão disponíveis. Sim! Sinto mesmo isso, que a qualquer momento que eu precisar, posso contar (DSC164).

Acho que a tutoria deve ser mantida. Espero que continue a existir da mesma forma porque também nós passamos nos sentir mais acolhidos, digamos assim (DSC167).

Sinto que aqui há muito mais acompanhamento e há muito mais preocupação em saber se precisa de alguma coisa, o que é que tá a correr mal o que é que não tá, acho que há uma preocupação pelo bem estar dos alunos (DSC168).

A ancoragem A165 afirma que a tutoria foi muito boa no início, mas que depois a tutoria perdeu-se.

*Assim, o fato de saber se há alguém se a gente tiver uma dúvida podemos tirar é bom, mas neste momento, não houve tempo e ainda pouco apoio não é? **É muito bom no início.** Ou seja, no processo de entrada. A partir do momento em que o ano letivo começa, a partir do momento em que nós começamos a ser alunos tal como os outros; eu achei que o objetivo dos Maiores se perdeu também. Perdeu-se, perdeu-se! **A tutoria em si, o apoio isso tudo, perdeu-se! Já não está aqui tão ativo como esteve no início.** Houve aquela primeira sessão de acolhimento, houve a sessão a seguir da biblioteca, entretanto, estamos aqui a falar de pessoas Maiores de 23 que já trabalham, têm filhos, pronto! Há ali uma ginástica muito diferente do que se fôssemos só alunos iniciais de 18 anos. Houve ali uma altura em que se quis combinar outra tutoria e para nós todos foi muito difícil! Portanto, a tutoria não se deu, mas também não foi reagendada! Pronto! E a partir daí nunca mais! (DSC165).*

Há também o pensamento de que a presença da tutoria não é tão percebida (A159) e que se sente que os mentores são muito mais presentes (A169).

*É muito complicado! A tutoria, o que ela faz é uma ligação entre nós e a universidade, basicamente. Eu não tenho sentido muita interferência, ou seja, não era interferência que eu queria dizer. **Mas se calhar não sinto muita presença da tutoria, sinceramente.** Também não me faz falta. Eu não sei em relação aos outros alunos, acabo sempre por estar esclarecido(a) (DSC159).*

*Eu vou ser sincero(a)! **Sinto mais apoio por parte dos mentores, dos nossos mentores que foram atribuídos do que através da tutoria.** É verdade! Mas há muito mais abertura por parte dos mentores que vêm ter contigo se for preciso: “Então, está tudo bem? Tu precisas de ajuda” a minha faz sempre isso., chega sempre e pergunta. É assim, como eles já vem da área, já não tem certas dúvidas que a pessoa iria ter, mas não é por isso que ela deixa no dia a seguir chegar e voltar a perguntar (DSC169).*

Diante desses aspectos que foram destacados, há sugestões de haver mais articulação por parte da tutoria, porque os alunos não conseguem se articular sozinhos, devido não se encontrarem nas disciplinas todas, dentre outros fatores (A163). Há queixas de que a tutoria foi desistente de tentar articular os horários dos workshops deixando que os alunos se organizassem, e eles não se sentem capazes de fazer isso, visto que consideram também que é atividade própria da tutoria. Ao mesmo tempo que percebemos as reclamações no discurso, há um reconhecimento também de que não têm questões ou argumentos suficientes para dar um feedback à tutoria sobre os problemas que estavam ocorrendo.

*Pra mim, até mesmo pelos emails, por exemplo, há demora. Eu achei que o(a) tutor(a) demorava assim um bocadinho para responder. Também depende das questões que nós colocamos, se forem coisas que ele (a) consegue facilmente responder, responde. E pronto! Mas eu vou ser sincero(a), mesmo desde que aconteceu, naquela altura não conseguimos estar na tutoria de estatística, **a partir daí a tutoria foi desistente.** Eu acho que foi. Não sei se eu não tenho uma ideia diferente. **Eu também não parto, eu também não tenho se calhar questões suficientes para ir falar com eles, ou dar algum feedback ou assim.** Entretanto, também se calhar parece que há um descuido, entretanto, dos Maiores de 23. Não*

quer dizer com isso que eu ache que ele(a) tem que estar sempre a ligar-nos ou a mandar emails, não, não é nada disso! Não tem nada haver com isso! É uma questão de proatividade, “Então, e daqui para frente?” “Agora que já tem alguns meses nisto, o que que é preciso? O que achou que pode ser melhor?” Não há esse acordo, não há essa continuidade. Portanto, pra mim, a tutoria dos Maiores de 23, do dia em que eu entrei para aqui foi desistente, deixou de existir. Teria que se articular conosco novamente, acho que sim. Foi aquilo, a idéia que se viu foi, isto. “Não conseguimos fazer [...] agora vocês falem todos entre vocês”, que maior parte de nós nem sequer se conhece ou não está habituado a ver as caras ou assim, e agora temos que organizar para voltar a dizer-lhe: “olha, então nós agora podemos nesta altura! “Não! Não acho que seja isso! Porque se há uma tutoria, há um tutor, alguém que está na tutoria aqui, alguém que está aqui... “pronto, se não conseguimos agora então vamos reagendar todos, eu que tenho o poder para falar com todos, vou falar e vou organizar”. Eu acho que nesse caso ela podia perguntar a todos o que acham, mas na tarde, mais na manhã. Mas passou para nós a questão de agora vocês organizem-se e depois é que avisem quando é que podem e não partiu dele(a) de saber “Então, quando é que podem? [...] Então, a partir do momento em que eu já tenho a disponibilidade de todos vou arranjar uma data” Também que seja razoável para ela porque ela também tem as coisas dele(a) e “fazer aqui”. Isto aqui também fica bem para a professora de estatística e tal. Mas achei que tendo uma posição de tutoria, tem que partir deles as ideias e quase que aqui também estou a falar um bocadinho para contornar, mas em cima de nós! Porque com a atividade que temos, a nossa vida que temos, o nosso trabalho, e ainda vamos pra aqui termos as aulas, nós nunca mais vamos lembrar se for preciso, ah ainda temos aquilo pra pensar e reagendar todos juntos! (DSC163).

Por fim, a sugestão de que é importante ouvir todos os alunos para saber se a tutoria seria dispensável ou não (A160), conforme expressa o depoimento a seguir: “Se será dispensável? Talvez também não seja dispensável. Se é completamente indispensável? Também não sei, acho que aí depois só estatisticamente teria que fazer um teste para saber o que os outros alunos acham.” (DSC160).

A apresentação dos discursos tanto dos atores sociais da tutoria investigada no Brasil quanto da que investigamos em Portugal ocorreu de forma coletiva, finalizamos nesse momento a apresentação dos depoimentos dos sujeitos por meio do resgate das ideias socialmente compartilhadas por eles, a opinião coletiva, faremos a seguir um texto síntese que evidencia o discurso de uma coletividade utilizando a figura do sujeito coletivo.

6. O DSC: UM DISCURSO DO “EU AMPLIADO”

*Sou feita de retalhos.
Pedacinhos coloridos de cada vida
que passa pela minha e que vou costurando na alma.
Nem sempre bonitos, nem sempre felizes,
mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.
Em cada encontro,
em cada contato, vou ficando maior[...]
E que assim, de retalho em retalho,
possamos nos tornar,
um dia, um imenso bordado de “nós”.*
(Cora Coralina)

Cora Coralina escreveu esse texto referindo-se à vida, fazendo uma analogia com retalhos que fazem parte da construção de uma colcha viva, de uma história. As pessoas, coisas e situações que passam pelo seu caminho e vão deixando as suas marcas, vão sendo costurados. Cada pedacinho de pano constitui uma colcha bem colorida, diversa, que não seria mais um bordado do “eu”, mas um imenso bordado de “nós”.

Trago essa analogia para representar duas situações desta investigação. A primeira analogia é para se referir à metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo que traz a soma dos discursos para um “eu ampliado”, o sujeito coletivo, o eu que fala em nome da coletividade. Trata-se das representações dos atores sociais presentes nos discursos que nos auxiliaram a compreender em que consiste a ação tutorial.

A segunda analogia é para se referir aos dois programas de tutoria investigados, cada um constitui uma grande colcha em construção, feita de retalhos, representados pelos sujeitos que estão envolvidos e os papéis desempenhados por eles nos contextos em que estão inseridos, os objetivos a que se propõem, os desafios que enfrentam, enfim, tudo o que acrescenta e faz uma tutoria ser o que é, uma atividade complexa e que abre possibilidades para muitos outros olhares, pois esse tema não se esgota.

Na metodologia do DSC o pesquisador é um interpretante que, em face dos DSCs que apenas descrevem o pensamento coletivo, as representações sociais, passa, como base no referencial teórico adotado, a tecer comentários interpretativos sobre o pensamento descrito (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005b).

Partindo desse pensamento é que me propus a elaborar um discurso síntese na primeira pessoa, afim de lançar um olhar fundamentado na literatura investigada sobre os DSCs produzidos a partir dos discursos dos atores sociais, fundamentado pela literatura investigada. Organizei o texto em eixos interpretativos e não mais discursivos:

- ✓ Concepções de tutoria;
- ✓ Prática: aspectos da ação tutorial;
- ✓ Papéis e perfis de tutores e tutorandos;
- ✓ Formação
- ✓ Currículo e avaliação.

Muito embora, investigadores já tenham se debruçado sobre o tema da tutoria, reconheço que as discussões realizadas por eles e as que realizei nesta investigação não dão de conta de todas as questões que surgem nesse campo. Por isso se faz necessário que haja cada vez mais estudos sobre as experiências de tutoria. Somente assim os resultados contribuirão para quem exerce essa prática e para quem dela usufrui, bem como para aqueles que querem compreendê-la melhor.

Início com o primeiro eixo interpretativo, *concepções de tutoria*, afirmando que ao termo tutoria são atribuídas inúmeras acepções, nem sempre convergentes entre si. Isso se deve em parte aos significados que a tutoria foi adquirindo historicamente.

Desde a antiguidade que o termo tutor existe associado à ideia de tutela na área de direito, como aquele que cuida de um ser incapaz, um guarda, um protetor, e historicamente ele vai adquirindo novas roupagens.

Na educação aparece mais na literatura americana como a tutoria intercultural e na anglo-saxônica surgem modelos de educação em que o tutor auxilia o aluno no processo de aprendizagem, ou um aluno mais experiente que auxilia outro, que é a tutoria entre pares, como exemplo cito o modelo de Oxford ou até o modelo lancasteriano ou mútuo, que passou a vigorar no Brasil após a expulsão dos jesuítas.

A incursão histórica feita nessa pesquisa, ainda que breve, fez-me perceber que tutor e tutoria são termos que não podem ser pensados independentes do tempo e do espaço, e que existem outras palavras que vão sendo utilizadas com significados semelhantes, a exemplo, a mentoria, a supervisão, *coaching*, preceptoria, correspondente à tutoria e, decurião, mentor, supervisor, preceptor, coach, para tutor.

Além destes termos diversos que podem provocar confusão, na atualidade, tutoria podem referir-se a atividades as mais diversas, em educação. O que observo é que desde que retornou ao cenário educacional que as instituições a utilizam para atender muitas necessidades.

Também gostaria de mencionar que uma tendência contemporânea na educação é de que as mudanças ocorram com a partir de iniciativas legais. Por isso é imprescindível observarmos como as leis interferem neste campo. No Brasil, as tutorias mais recentes surgiram a partir de iniciativas legais que criaram programas como a Universidade Aberta do Brasil e o Programa de Educação Tutorial. E em Portugal, ocorreu o mesmo, leis que incentivaram o surgimento desta atividade no ensino básico e na educação superior.

Assim, posso afirmar que, em educação, não há uma só tutoria e sim as “tutorias”, que surgem em contextos diversos para atender às necessidades que possam se apresentar. Percebi que em Portugal há muitas experiências tutoriais no Ensino Secundário e no Ensino Superior também tem surgido muitas formas de exercer a ação tutorial, principalmente após a Declaração de Bolonha.

Isto posto, o conceito que atribuo à *tutoria* é um sistema composto de um conjunto de elementos como os fundamentos que a sustentam, os objetivos, o contexto, os sujeitos que envolve. Já a *ação tutorial* é a atividade desenvolvida pelo tutor com o tutorando, no processo, seria a concretização dos elementos da tutoria na prática.

Percebo que o elemento central da tutoria é a ação que uma pessoa exerce na interação com outra, e que os papéis de ambas as partes são essenciais para que haja êxito. Considero que essa atividade é uma *orientação do tutor para com o tutorando* e que acontece de forma interativa, sistemática e significativa. Nessa perspectiva, não pode ser uma ação aleatória, nem autoritária, porque senão ela não será significativa e não levará a lado nenhum. Ela pode ser exercida por uma pessoa mais experiente ou entre iguais, ou seja, na educação pode ocorrer de professor para aluno, ou de alunos mais velhos ou mais experientes para aluno mais novos ou menos experientes.

Ressalto que, a esta ação de orientar, podem ser agregadas outras como apoiar, dirigir, guiar, conduzir, auxiliar, o que vai estar relacionado aos objetivos que o programa tutorial ou a experiência de tutoria se propõe a atingir. Pelas tutorias investigadas por mim, vi que foram mais usados os termos orientação e apoio para designá-la.

Compreendi que assim como há inúmeras nomenclaturas para a tutoria, também há inúmeras classificações, algumas denominadas de funções, outras dimensões da ação tutorial, outras classificações relacionadas aos objetivos que a tutoria atinge ou ainda à modalidade. Assim, há a classificação de tutoria acadêmica, curricular, administrativa, virtual, etc.

Para mim, o importante para se conhecer a fundo uma tutoria é a observância da sua multidimensionalidade: qual o público alvo que ela atinge, quem exerce a tutoria e de que modo; quais os papéis atribuídos ao tutor e ao tutorando; para quem existe, com que finalidade e qual a razão de sua existência; quais os seus fundamentos teóricos e legais; se a tutoria é presencial ou à distância; se é de iniciativa pública ou privada; se é um programa, uma experiência ou uma política; quem financia; como ela é estruturada, desde o planejamento até a avaliação; e quais as dimensões, em que a orientação vai resultar, na formação pessoal, profissional, social, cultural, dos alunos.

Com essa reflexão, já entro no segundo eixo interpretativo que é *prática: aspectos da ação tutorial*. Pelo que vi as classificações denominadas de funções ou dimensões tutoriais estão bem relacionadas à prática. Assim, entendo que as atividades cotidianas desempenhadas pelos tutores com os seus tutorandos vão dando corpo a essas dimensões.

Sobre as tutorias investigadas posso afirmar que nenhuma delas é unidimensional, ou seja, por mais que a tutoria seja administrativa ou curricular, a forma como está estruturada e como funciona, o tempo que os tutores e tutorandos estão juntos, irão revelar muitos outros aspectos, psicológicos, sociais, técnicos, pedagógicos, políticos.

Ainda no eixo da prática, percebi que é de grande importância ter clareza da definição dos papéis dos sujeitos que estão diretamente envolvidos na tutoria, ter conhecimento do que compete a cada um irá facilitar a relação tutor- tutorando, que é outro elemento fundamental de ser observado. A relação na tutoria é de mediação, respeito pessoal e profissional, respeito à autonomia e nunca ditatorial. Nessa relação, seja qual for a tutoria, exige que o tutor tenha algumas qualidades, que eu não chamaria de perfil pronto, mas de um a ser construído com o grupo, ou individualmente com o seu tutorando.

Acredito que o tutor ser uma pessoa que tenha desejo de exercer essa atividade, não deve ser uma função imposta por uma lei ou norma, deve ser por vontade própria. A não ser que um dia, a tutoria seja institucionalizada e reconhecida, para que os professores não sintam que seja um peso a mais em sua carga horária, um acúmulo de atividades e de horas, mesmo porque um elemento fundamental que ele deve ter é a disponibilidade de tempo. Penso que esse reconhecimento é uma conquista política. O tutor também tem que conhecer bem o programa ou experiência tutorial para que os objetivos sejam atingidos.

Além do que já foi dito, acredito que tem que ser uma pessoa aberta à escuta e ao diálogo para lidar com situações-problema que surgem no trabalho com os alunos; ele

também deve ter confiança e estar disposto a aprender com os tutorandos. Deve ter uma postura ética, política e crítica e deve ser autônomo e desenvolver autonomia nos alunos. Também algo que o tutor tem que ter é a proatividade, vi que o tutor tem que se antecipar aos problemas dos alunos para ajuda-los a resolver.

No que se refere aos tutorandos, devem procurar desenvolver essa parceria com o tutor, buscando a sua autonomia, porque o tutor não está lá pra fazer por ele, mas para orientá-lo para que ele possa se desenvolver em múltiplos aspectos. O aluno também deve querer participar da tutoria, porque sem ele não há sentido de existir, assim como também sem o tutor não haveria tutoria, ambos são fundamentais.

Percebi que pontos críticos referentes à prática são: as políticas educacionais de educação tutorial, o financiamento, dificuldades de trabalhar em contextos em que a tutoria não é institucionalizada, se há reconhecimento, que espaços ela tem para ser exercida e qual o apoio que recebe, dentre outras. Internamente, também surgem muitas dificuldades que vão surgindo no cotidiano como o exercício de trabalhar em grupo com a diversidade que traz, com as diferenças individuais de cada tutorando.

Sobre as dificuldades que os tutores enfrentam, acrescento a falta de formação que se insere em outro eixo interpretativo da *formação*. Observei, a partir dos estudos teóricos, do mapeamento científico e da pesquisa de campo, que a formação é um dos pontos de estrangulamento de quaisquer tutorias, geralmente ela não ocorre de forma sistematizada, assim, os tutores aprendem a exercer a sua ação tutorial no dia-a-dia. Aqui há muitas questões envolvidas, as políticas educacionais, as questões institucionais, o financiamento, dentre outras. E quando há formação, penso que deve ser avaliada para ver se atende às carências formativas dos tutores.

Trago também as reflexões sobre o eixo interpretativo *currículo e avaliação* e a sua relação com a tutoria. Primeiramente, considero que o exercício da tutoria na educação superior é um *ato do currículo*, e que os tutores, os tutorandos, interlocutores, coordenadores, professores, enfim, toda a comunidade acadêmica constitui o que denominado de *Atores curriculantes*, concebidos como todos os envolvidos com as questões curriculares, que interagem em uma incessante atribuição de sentidos- *os atos de currículo*- legitimando a própria dinâmica da vida cotidiana.

Percebi que muito embora os programas de tutoria investigados quanto outras experiências que existem ainda são uma gota no oceano, precisam crescer cada vez mais.

Penso que, de certa forma, olhando pelo ângulo das políticas educacionais institucionalizadas nesse sentido, as tutorias ainda constituem uma “elite” no sentido de dizer que poucos têm acesso a benefícios como estes, ainda é um processo seletivo, não é democrático.

A tutoria proporciona ao tutor uma melhoria de qualidade na sua prática, tendo em vista que esta ação leva a uma reflexão sobre o fazer pedagógico, e conseqüentemente isto reverbera sobre a aprendizagem discente e sobre o perfil formativo de um curso ou programa, ou seja, em sua estrutura e organização curricular. A melhoria da qualidade do ensino e a realização dos currículos estão relacionados ao aperfeiçoamento docente. Não existe política mais eficaz de aperfeiçoamento do professorado que aquela que conecta à nova formação àquele que motiva sua prática diária: o currículo.

Portanto, a ação tutorial é uma atividade vinculada ao currículo compreendido aqui como uma construção sócio-cultural. Todos os envolvidos na tutoria, nessa concepção, são atores que fazem parte da sua construção social desse e também da sua avaliação. Independente de qual seja a tutoria, considero extremamente importante avaliá-la para se saber o que está dando certo e o que não, o modo como ela é exercida e se atinge realmente os seus objetivos.

Isto posto, creio que as reflexões que foram realizadas a partir das concepções dos atores sociais envolvidos na ação tutorial dos programas investigados, trarão contribuições para as instituições investigadas (UECE-Ceará/Brasil e Faculdade de Psicologia-FP/UL, em Portugal), principalmente no tocante à compreensão da tutoria na sua perspectiva curricular, como currículo em ação, e para uma maior reflexão sobre a ação tutorial nos referidos programas por parte dos sujeitos que colaboraram com a investigação: professores tutores, alunos tutorandos, interlocutores, coordenadores dos programas de tutoria presenciais investigados. Servirá de instrumento reflexivo e avaliativo sobre as práticas neles desenvolvidas.

No que concerne à contribuição da pesquisa para o eixo de Currículo da linha de pesquisa Educação, Currículo e Ensino da Universidade Federal do Ceará- UFC, acredito que esta investigação ampliou os estudos científicos na área, com produção de conhecimento sobre questões curriculares, de modo específico sobre os programas de tutoria institucionalizado no Brasil.

As reflexões aqui realizadas a partir das concepções dos atores sociais envolvidos na ação tutorial dos programas investigados só têm a contribuir para as instituições

investigadas (UECE-Ceará/Brasil e Faculdade de Psicologia-FP/UL, em Portugal), principalmente no tocante à compreensão da tutoria na sua perspectiva curricular e para uma maior reflexão sobre os referidos programas por parte dos sujeitos que colaboraram com a investigação: professores tutores, alunos tutorandos, interlocutores, coordenadores dos programas de tutoria presencial investigados. Servirá de instrumento reflexivo e avaliativo sobre as práticas aí desenvolvidas.

Quanto à contribuição para as pesquisadoras, orientanda e orientadora, a investigação realizada no doutorado contribuiu para a nossa formação em pesquisa, e conseqüentemente, para o desenvolvimento profissional na docência, ampliando os saberes adquiridos em outras experiências formativas.

Ressalto que o aperfeiçoamento técnico-científico que fiz Portugal viabilizado pelo Doutorado Sanduíche do PDSE foi fundamental para alargar a minha compreensão sobre a tutoria, proporcionou-me novas perspectivas teóricas e práticas, no que concerne à compreensão da ação tutorial em seus diversos aspectos, à medida que me propiciou o contato próximo com o PTM23 e com novos autores estudiosos da área, visto que a literatura do Espaço Europeu, especificamente da Espanha e de Portugal é rica em experiências de tutoria nos diversos níveis de ensino.

Esta investigação, no que concerne à compreensão dos programas de educação tutorial presenciais, fez-me perceber os programas de tutoria em uma perspectiva multidimensional, trazendo elementos para a formação do tutor e também no que se refere a construções teóricas que me possibilitaram reflexões sobre as práticas investigadas.

7. REFLEXÕES FINAIS

A pesquisa que ora concluímos teve como objeto de estudo a ação tutorial dos tutor no Programa de Educação Tutorial (PET) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), e do Programa de tutoria Maiores de 23 (PTM23) da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FP/UL), em Portugal.

Todo o esforço empreendido por nós nesse texto foi direcionado no sentido de responder aos objetivos propostos no início. Consideramos que todos os objetivos foram atingidos em sua plenitude, muito embora eu reconheça as limitações que o nosso trabalho apresenta, pois sei que nenhum estudo é de todo completo.

A tese que propusemos no início afirmava que *a inexistência de uma formação específica para exercer a ação tutorial nos programas investigados contribui para que o desenvolvimento desta prática nos dois programas esteja centrado apenas em aspectos técnico-pedagógicos.*

Para discutir se esta tese foi refutada ou confirmada, retomamos o nossos objetivos, iniciando pelos específicos. No que concerne ao *primeiro* e ao *segundo objetivo específico* em que nos propusemos a analisar a estrutura e o funcionamento dos Programas de tutoria presenciais investigados, o Programa de Educação Tutorial (PET) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e o Programa de Tutoria Maiores de 23 (PTM23) da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FP/UL) afim de identificar as influências sobre as ações de tutoria e descrever o contexto histórico e sociopolítico em que surgem o PET e o PTM23, respondemos no capítulo de análise de contexto. Nele descrevemos os antecedentes históricos e legais da criação do PET, bem como o campo social da pesquisa nos grupos da UECE. Trouxe algumas reflexões sobre a universidade no Brasil e de como ela passa a se estruturar sustentada pela tríade “ensino, pesquisa e extensão”. O que percebemos é que teoricamente a universidade tem isso, mas na prática tem sido difícil se sustentar esse princípio da indissociabilidade.

Em um segundo momento dos dados de contexto, trouxemos uma discussão sobre o acesso ao ensino superior por meio dos Maiores de 23, finalizando com o campo social do PTM23. Vimos que a partir da Declaração de Bolonha, as instituições de ensino superior do Espaço Europeu passaram a rever a sua organização e a sua visão o acesso ao ensino superior, gestão, avaliação, bem como os processos de ensino e de aprendizagem, o que deu margem

para o desenvolvimento da ação tutorial como uma forma de minorar os problemas diagnosticados.

Também consideramos importante para atender estes dois primeiros objetivos a realização do Estado da Questão. As pesquisas para a contextualização acadêmico-científica do tema que fiz no Banco de Teses Capes, no Portal Periódicos Capes e no Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal- RCAAP me permitiram compor uma panorama do objeto de estudo, à medida que tive oportunidade de conhecer as investigações dos últimos cinco anos sobre a formação e a prática do tutor.

O *terceiro objetivo específico* em que buscamos os significados atribuídos à tutoria pelos sujeitos envolvidos no PET e no PTM23 sobre a ação tutorial, foi totalmente atingido com o resgate dos discursos dos sujeitos, a metodologia aplicada foi o que nos proporcionou esse feito.

O *quarto objetivo específico* que visávamos a elaboração de um mapeamento temático que sirva como base para um programa de formação contínua do tutor, foi parcialmente atingido no capítulo teórico quando buscamos o conhecimento de outras experiências de tutoria, mas também foi respondido no capítulo de análise dos dados, no eixo de discursivo da *formação*, sub-eixo *elementos da formação*, que realizamos com os tutores do PET e que foram apontados pelos próprios tutores. Também no eixo *expectativas em relação ao novo tutor* que teve origem nos discursos dos petianos.

Poderíamos elaborar um extenso roteiro de formação, entretanto, apenas aponto alguns aspectos que consideramos relevantes a partir da visão que tivemos sobre a ação tutorial nos programas investigados, mas pretendemos levar os resultados dessa tese para os grupos PET da UECE e trabalhar um momento com eles, seja com cada grupo individualmente ou em seminário. Percebemos que os grupos são tão autônomos e capazes de se autogerirem, portanto, em vez de apontar, preferimos propor uma mediação, com esse olhar de fora, de investigadora, para que juntos possamos aprofundar essa reflexão sobre a tutoria nesse programa, o que pensamos ser de grande contribuição, principalmente pela mudança de tutores que ocorreu recentemente em todos os grupos.

Mesmo que não queiramos trazer algo pronto, observando os DSCs, arriscamos pensar em uma formação para os tutores que tivesse início com a *função social da universidade, sustentada pelo tripé: ensino, pesquisa e extensão*, nessa discussão poderíamos incluir a *docência no ensino superior* e orientações de como fazer *atividades de extensão* e como *organizar eventos* que foram outras temáticas solicitadas. Aqui também traríamos a

formação crítico-social, discutindo sobre a *função social do conhecimento* que se ensina e se aprende na universidade, como isso vai repercutir na sociedade.

Um segundo elemento que não foi diretamente apontado nesse sub-eixo, mas que esteve presente em outros discursos seria a *fundamentação filosófica e legal do PET* porque esse conhecimento é fundamental para que se possa ver aspectos positivos e negativos do Programa. Também proporíamos uma reflexão sobre como o PET está sendo visto na comunidade acadêmica, sobre o *reconhecimento* e as *conquistas* que o programa tem realizado e como pode melhorar, temas de *planejamento* e de *avaliação* por grupos que são de extrema importância, como avaliar de forma mais sistematizada. Ainda, a importância do PET para a graduação, e como o curso por chegar a conhecer melhor esse trabalho para assim reconhecê-lo.

Um terceiro elemento seria a *formação humana* que é tão necessária, de como *trabalhar em grupos*, como *mediar os conflitos*, discutir sobre o respeito à individualidade dentro da coletividade, como desenvolver a autonomia dos tutores e dos alunos, e como promover a dialogicidade; e trazendo os petianos para essa discussão, para que ele reflita sobre o seu papel dentro do programa, as suas expectativas, visto que tudo nesse programa é realizado de forma conjunta e a relação *tutor- tutorando* no PET. Por fim, o *significado da tutoria no PET*, em que consiste, como deve ser essa ação tutorial, quais os seus *aspectos ou dimensões*, os desafios e as dificuldades enfrentadas e em que o tutor e o tutorando podem contribuir para que essa ação obtenha êxito.

Em relação ao PTM23 não solicitamos aos tutores que falassem sobre elementos para sua formação devido ao programa ainda estar em processo de sistematização, além disso, os(as) tutores(as) investigados nunca tinham exercido essa atividade antes e tinham pouca experiência, por esse motivo acreditamos que seria complicado que eles(as) pudessem apontar elementos com tão pouco tempo de experiência. Assim, muitas outras necessidades irão surgir com o tempo e as avaliações que serão realizadas revelarão os efeitos que essa tutoria vem produzindo e as necessidades e problemas que se vão apresentando.

Entretanto, pelas representações presentes nos discursos dos tutores e dos tutorandos, ousamos arriscar algumas sugestões: primeiramente, faríamos uma apresentação clara, mostrando em que consiste o *PTM23*, quais os seus fundamentos e como pode ser mais percebido pela comunidade acadêmica, seja pelos docentes, seja pelos alunos da Faculdade de Psicologia. Segundo, as relações tutor-tutorando e os papéis de cada um, pois tendo consciência do que lhes compete e de suas expectativas, há mais clareza do processo. Em terceiro lugar, as discussões sobre a *andragogia* e *aprendizagem ao longo da vida*, visto que

se trata de educação de adultos e que já estão no mundo do trabalho, de como lidar com os desafios de estudar e trabalhar, como o tutor e o tutorando encaram essa situação dentro da Universidade, como os *desafios sociais e econômicos* interferem dentro da universidade e em que se relaciona com a tutoria; por fim, a *diversidade e a autonomia*, temas que não podem deixar de ser discutidos em uma formação de tutor, envolvendo também os tutorandos.

Considerando que a aspiração de fins pelos homens está sujeita às determinações das circunstâncias e que a vida cotidiana não está fora da história (HELLER, 2008), pensamos que a ausência de formação está intrinsecamente relacionada ao contexto externo em que está inserido o programa, pois as contradições sociais entram de maneira sutil ou agressiva por vezes em quaisquer práticas pedagógicas dentro da universidade, inclusive a tutoria. A formação do tutor também perpassa pela estrutura do próprio programa, pelo reconhecimento dessa atividade pela instituição, pelo tempo institucional que as pessoas têm para exercer essa ação tutorial, porque acaba sendo uma atividade a mais, soma-se às outras que esse profissional já exerce, seja o professor no caso do PET, seja o psicólogo, no caso do PTM23, enfim, são muitos os desafios.

Chegando ao *objetivo geral* desta pesquisa que foi: Compreender como se constitui a ação tutorial exercida no Programa de Educação Tutorial (PET) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e o Programa de Tutoria Maiores de 23 (PTM23) da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FP/UL) em seus aspectos teórico-práticos e político-pedagógicos. Para atender a esse objetivo, recorreremos ao capítulo dos fundamentos teóricos e metodológicos da pesquisa, bem como ao capítulo das análises dos dados em que trazemos as representações dos atores sociais.

No que concerne à concepção de tutoria, a literatura investigada apontou para um número muito grande de experiências e para variadas classificações denominadas de funções por Carrasco-Embuen, Veiga-Simão, Rosado-Pinto, Flores-Fernandes, Giner-Gomis & Lapeña-Perez (2008) ou dimensões da tutoria por García Nieto (2008), Martínez Juárez e Pérez Cuso (2010). Desse modo, reafirmamos a existência de inúmeras práticas de tutoria que atendem às necessidades diferenciadas advindas dos públicos também diversificados. As particularidades de cada tutoria é que a identifica.

No caso do PTM23 são adultos que já atuam profissionalmente, e esta tutoria específica visa ajudá-los a desenvolver um grau de autonomia e crescimento necessários para melhor desempenharem os seus papéis na sociedade, respeitando a diversidade e auxiliando aqueles que ainda não trabalham ou àqueles que pretendem mudar de profissão, na construção de sua carreira. E o PET, tem como finalidade, dentre outras, de elevar a qualidade da

formação dos alunos da graduação mediante a aprendizagem tutorial de natureza coletiva e interdisciplinar, estimulando o espírito crítico, bem como a atuação profissional pautada pela cidadania e pela função social da educação superior. O PET também tem como objetivo contribuir para a consolidação e difusão da educação tutorial como prática de formação na graduação e contribuir com a política de diversidade na instituição de ensino superior-IES, por meio de ações afirmativas em defesa da equidade socioeconômica, étnico-racial e de gênero.

O PET é um Programa bem mais complexo do que pensávamos, pois só tínhamos um conhecimento superficial do mesmo. Todos os sujeitos diretamente envolvidos no Programa demonstraram compromisso e dedicação com os princípios que o sustentam no desenvolvimento das atividades, o que vai além da obrigação exigida pelo Ministério da Educação- MEC, pois as suas ações ultrapassam em quantidade e em qualidade o que lhes é inicialmente proposto. Este programa é uma pequena amostra do que se diz por função social da universidade que perpassa pela indissociabilidade da tríade: ensino, pesquisa e extensão, muito embora em alguns momentos haja predominância de um dos eixos.

Os discursos dos tutores, dos interlocutores e dos tutorandos em geral demonstram que somente quem deseja estar nesse programa consegue ficar, porque há uma concentração de trabalho muito grande, e às vezes, o tempo se torna um fator desafiador, porque todos os tutores têm inúmeras outras atividades dentro da instituição, e os tutorandos, que estão desenvolvendo as atividades no dia-a-dia também têm essa limitação, por isso, vem diminuindo a procura de novos alunos pelo PET que exige mais dedicação do que outros programas.

A tutoria do PET promove o desenvolvimento profissional docente daqueles que a exercem, os discursos revelam que há um aproveitamento de aprendizagens adquiridas nessa função que são úteis para serem aplicadas em outras atividades.

Percebemos que, em ambos os programas, houve ênfase por parte dos atores sociais quando falam sobre a prática, neste eixo foram geradas muitas ideias centrais e ancoragens, respectivamente. Justifica-se porque a tutoria é uma ação pedagógica, e ela acontece no cotidiano, portanto, a cara que é dada à tutoria pela coletividade do discurso apresentado vem das significações atribuídas por cada um desses atores sociais, que a vivenciam diariamente.

No tocante à tutoria do PTM23 é importante considerar que a experiência dos anos vai proporcionando uma melhoria e uma inovação das ações tutoriais, entretanto, isso não dispensa a avaliação necessária a cada ano, pois é o avaliar das experiências passadas

aliada à percepção das diferenças e os anseios que os novos grupos trazem que proporcionam o êxito do Programa de tutoria.

Observamos também que essa tutoria é considerada pelo grupo como uma tutoria da diversidade, pois esse público, embora tenha algo em comum que é a faixa etária e a maturidade, tanto alguns alunos como professores e tutores afirmaram que há inúmeras situações que os fazem ver o quanto constituem um público diversificado com as suas individualidades e aspirações. Por esse motivo, não se pode atuar da mesma forma todos os anos com todos os grupos M23.

No aspecto da formação do tutor nesse programa, constatamos que as tutoras ao longo desse percurso, buscaram se autoformar juntamente com a coordenação e professores envolvidos, destacamos aqui o aprendizado na prática, pois foi refletindo sobre a própria ação tutorial que elas foram aprendendo.

Quanto aos tutorandos do PTM23, percebemos que há uma diversidade muito grande entre os Maiores de 23, uns mais velhos, outros mais jovens e que falta a alguns a ação de, ir à busca da tutoria, o que se justificou pela falta de tempo devido ao trabalho e à família, ou até mesmo porque não precisaram, aqueles que consideram não precisar afirmam que foi pelo bom trabalho realizado pela mentoria ou até mesmo porque se consideram autônomos e conseguem resolver sozinhos, outros é porque estiveram na escola há pouco tempo e ainda dominam os métodos de estudo, ou reconhecem o ambiente acadêmico com mais facilidade. Tempo restrito foi o maior motivo, entretanto, percebemos que às vezes há um alheamento do que eles têm direito e de como fazê-los valer, mesmo que isto lhes custe um pouco mais de esforço e cansaço.

No pensamento filosófico, autonomia é um conceito que determina a liberdade de indivíduo em gerir livremente a sua vida, efetuando racionalmente as suas próprias escolhas. O questionamento que faço é: será que eu tenho mais ou menos autonomia por não participar? Será que esta minha decisão de não participar está me trazendo benefícios? Será que sem participar eu vou saber sugerir melhorias? São questões que devemos refletir.

Outros questionamentos giram em torno do tutor no PTM23. Muitos alunos falaram que um bom tutor tinha que ter proatividade e que em alguns momentos sentiram a falta disso. A tutoria também deve sempre ser um pouco mais proativa, mas como um dos objetivos do programa consiste em dar autonomia aos alunos na busca de respostas para as suas perguntas e de soluções para as suas necessidades, procurou respeitar o ritmo de cada um. Há quem tenha sugerido que a tutoria deveria ser obrigatória. Interrogo-me se será por esta via que se deve caminhar.

É fato que em geral, professores, coordenadores, alunos e tutores consideram esta tutoria do PTM23 como importante, embora precise ser revista não devendo nunca deixar de existir. Nesse sentido, ela está conseguindo encontrar a sua razão de ser como atividade que contribui para o desenvolvimento e o crescimento de tutores, tutorandos e conseqüentemente, influencia a instituição como um todo.

Afirmamos que o desenvolvimento de qualquer tutoria, tal como qualquer processo pedagógico, não ocorre de forma mágica ou instantânea. Faz-se necessário que haja interesse e empenho de um grupo ou iniciativa de políticas públicas, e quando essa tutoria vai tomando forma mais sistematizada é fundamental institucionalizá-la, pois, o tutor e os outros profissionais envolvidos terão que ter disponibilidade de tempo para realizar bem os seus papéis. Se o tutor não faz parte da instituição, ou até mesmo se ele faz parte, mas se ele desempenha inúmeros outros trabalhos, não poderá se dedicar o suficiente na tutoria. Assim, poder-se-á estruturar a formação dos tutores a fim de fundamentar a sua prática.

Finalizamos afirmando que a nossa tese foi confirmada no que diz respeito a ação tutorial nos dois programas, uma vez que ambas as tutorias trabalham mais de um aspecto mencionado, e ultrapassando o técnico-pedagógico, muito embora em nenhuma das duas haja a formação específica para exercê-la.

No caso do PET, ficou mais do que provado nos discursos coletivos de tutores e tutorandos que a tutoria desenvolvida nesse programa é multidimensional. Além de valorizar as diferenças individuais, respeitando os aspectos pessoais, é uma tutoria democrática que desenvolve, sobretudo, a consciência de igualdade de direitos e deveres dentro do grupo, a autonomia dos seus membros, a consciência social e política.

Em relação ao PTM23, também é refutado, porque consideramos que se centra nas orientações teórico-práticas e o político-pedagógicas ao trabalhar os problemas mais burocráticos, de integração dos alunos, desenvolvendo neles a autonomia, dando-lhes apoio, para eles que vêm sem acreditar muito ou cansados de enfrentar tantas dificuldades que a vida lhes impõe, acreditamos que isso também é um apoio psicológico. E quando trabalha a questão de construção de carreira, esse é o aspecto profissional.

Em ambas as tutorias, a ação desenvolvida pelo tutor, no que se refere aos aspectos psicológicos, há um suporte mais emocional e de integração para com os alunos do que mesmo até de formação, principalmente em Portugal. Portanto, percebemos que, mesmo que haja predominância do aspecto político-pedagógico, outros também são desenvolvidos.

Para finalizar, trazemos uma reflexão crítica sobre os dois programas investigados para a Educação Superior e levantando alguns questionamentos pertinentes que nos farão pensar sobre a importância de cada um em seu contexto específico.

No que diz respeito à reflexão sobre o PET na universidade brasileira, vale lembrar que em 1997 uma portaria da CAPES, antiga responsável pelo PET reduziu o número de bolsistas nos grupos e suspendeu o repasse das verbas de apoio aos estudantes. Houve uma reação imediata dos bolsistas e da comunidade científica e o Governo acabou por recuar e manter o número de bolsistas. Também houve corte de bolsas dos tutores e promessas de que o PET só existiria até o ano de 1999. Lembramos desse fato só para reiterarmos a importância da luta política dos tutores, dos petianos e daqueles que têm interesse em ver a nossa universidade cumprindo com a sua função social, uma vez que o PET é o único programa que trabalha com o ensino, pesquisa e extensão, primando pela indissociabilidade desse tripé. Os eventos promovidos pelos grupos PET a nível nacional, regional ou local sempre estão atentos às discussões políticas que afetam as Instituições de Educação Superior, dentre outras problemáticas sócio-políticas que permeiam a educação. Isto também ocorre dentro dos grupos PET em suas atividades que são desenvolvidas durante o ano.

Sabemos que um programa como este é considerado “elitista” pois não deveria ser exclusivo de um pequeno contingente de alunos da universidade. Isto também vale para outros programas de iniciação à docência ou de iniciação científica. Deveríamos sonhar com uma universidade que, no mínimo, conseguisse sustentar a indissociabilidade do tripé e garantir aos acadêmicos uma formação cidadã de qualidade, que o promovesse no mundo do trabalho e o fizesse capaz de intervir na sociedade de forma crítica e consciente. Entretanto, sabemos que o neoliberalismo tem como característica a pulverização de programas sociais, seja por meio da educação ou da saúde, mas que no fundo não há uma consistência ou garantia de que isto vá ser “para todos” ou vá gerar igualdade. O que precisávamos era de um projeto de educação que fosse de Estado e não de governo, assim, talvez houvesse uma universidade mais autônoma e menos frágil.

Alguns questionamentos emergem dessa realidade: por que o PET não é pra todos os alunos? Por que todos os alunos não reclamam para si tal bolsa? Será que as condições que são impostas para ser bolsistas são para todos conseguirem entrar no Programa? O Estado está interessado em promover uma educação de qualidade para todos? Os moldes sócio-políticos e econômicos em que vivemos no país, permite tal igualdade de condições na educação? A Educação Superior é para todos? Quantos jovens conseguem ter acesso à uma educação pública superior? São questões amplas que refletem a realidade do nosso país e do mundo.

O PET tem a sua importância dentro da universidade e para o curso em que está inserido, uma vez que promove uma melhoria em diversos aspectos como pudemos perceber no decorrer desta investigação. Entretanto, não devemos olhar para ele como uma panacéia, e atribuir-lhe a pesada responsabilidade que cabe à Universidade como um todo, seria injusto exigir tamanha cobrança, pois nem a própria Instituição de Ensino Superior consegue realizá-la, porque dentro dela se reproduzem todas as contradições sociais da sociedade capitalista neoliberal em que vivemos. No fundo, sabemos que o PET e outros programas são uma forma de encobrir falhas e problemas que a nossa Educação Superior apresenta.

O contexto de Portugal é específico, mas também sabemos que o acesso Maiores de 23 à educação superior é uma política que tenta incluir os adultos na Educação Superior, considerando que é muito difícil para um país conseguir fechar essa conta de demanda e oferta na educação em tempo certo para todos. Sempre fica um saldo da população que não consegue chegar nesse nível de ensino. Consideramos que isto é reflexo das desigualdades sociais existentes não só em Portugal ou no Brasil, mas ocorre em várias partes do mundo.

O estudo desse contexto também suscita algumas questões que podem dar origem a outras pesquisas: por que é necessário criar políticas como estas que proporcionam o acesso ao Ensino Superior pelos alunos Maiores de 23? Por que o PTM23 não é para todos os alunos e somente para os Maiores de 23? Porque só há o PTM23 na Faculdade de Psicologia? Qual a importância da permanência desse programa e de sua ampliação para as outras faculdades das Universidades de Lisboa? A comunidade acadêmica tem clareza da importância desse programa? O que falta para que esse programa seja reconhecido pela instituição como parte de suas atividades?

O Programa de Tutoria Maiores de 23- PTM23 é uma iniciativa ainda embrionária considerando a dimensão da Universidade de Lisboa, pois é uma experiência existente somente na Faculdade de Psicologia. Percebemos que não é um programa institucionalizado para todos os cursos, mas que vem crescendo a cada dia pelo esforço e dedicação daqueles que acreditam nos benefícios que esta tutoria pode trazer para os acadêmicos no tocante à sua integração e à sua permanência no Ensino Superior, o que só tem a acrescentar ao curso e à instituição como um todo.

Esperamos com esta investigação ter conseguido plantar uma semente que venha a servir de inspiração para novas pesquisas sobre a tutoria na educação superior, que o conhecimento de experiências como esta desenvolvida em Portugal sejam disseminadas em outras instituições em Portugal e que sirvam de modelos para serem reinventadas em outros

contextos no Brasil, especificamente para o público de jovens e adultos. E que o Programa de Educação Tutorial-PET cresça como oportunidade para um maior contingente de acadêmicos no Brasil e também seja uma inspiração para outros países.

REFERÊNCIAS

- ALA-HARJA, M.; HELGASON, S. Em Direção às Melhores Práticas de Avaliação. **Revista do Serviço Público**, Brasília, Ano 51, n. 4, out./dez., 2000.
- ALBANAES, P.; SOARES, F. M. S.; BARDAGI, M. P. Programas de tutoria y mentoria en universidades brasileñas: un estudio bibliometrico. **Revista de Psicologia**, Lima, Peru, v. 33, n.1, p.21-36, 2015.
- ALMEIDA, S. M. D.; PALMEIRÃO, C. Tutorias – um modelo sociopedagógico flexível para crescer com sentido. SEMINÁRIO INTERNACIONAL, I, 2015. Porto, Portugal. **Actas...** Porto – Portugal: Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Educação e Psicologia , 2015. v. II, p. 587-598.
- ÁLVAREZ PÉREZ, P. R. **La función tutorial en la universidad**: una apuesta por la mejora de la calidad de la enseñanza. Madrid: Ed. EOS, 2002.
- _____. GONZÁLEZ AFONSO, M. C. Análisis y valoración conceptual sobre las modalidades de tutoría universitaria en el Espacio Europeo de Educación Superior Miriam C. GONZÁLEZ AFONSO. **Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado**, Zaragoza, Espanha, v. 22, n.1, p. 49-70, 2008.
- ALVES, S. M. **A atividade de tutores na educação a distância: uma análise bakhtniana do prescrito e do vivido nos ambientes virtuais de aprendizagem**. 2013. 186 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.
- ANDRADE, M. L. P. **Análise das representações sociais que tutores de EaD têm da afetividade em ambientes virtuais de aprendizagem**. 2015. 188f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2015.
- ARAÚJO, M. M. **Gestão de cursos de graduação na modalidade à distância**: referenciais de qualidade do processo de acreditação do Ministério de Educação e Cultura. 2015. Tese (Doutoramento em Gestão) - Universidade de Trás-os Montes e Alto Douro, UTAD, Portugal, 2015.
- ARGÜIS, R. *et al.*. **Tutoria**: com a palavra, o aluno. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BALAU-ROQUE, M. M. **A experiência no Programa de Educação Tutorial (PET)**. 2012. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- BALCELLS, J. P.; MARTIN, J.L. F.. **Os métodos no ensino universitário**. Lisboa: Livros Horizonte, 1985.
- BAPTISTA, A. V. M. T. **O estudante adulto não-tradicional na Universidade de Aveiro**: caracterização do grupo de maiores de 23 matriculado no ano lectivo 2006-07. 2009. 244 f. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Ativação do Desenvolvimento Psicológico) - Universidade de Aveiro, Departamento de Ciências da Educação, Aveiro, Portugal, 2009.

BARROS, D. M. V.; REIS, V. L. A função tutorial na formação continuada docente. **RIED**, Espanha, v. 12, n. 1, p. 37-62, 2009.

BAUDRIT, A. **A tutoria: riqueza de um método**. Porto: Porto Editora, 2009.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, SP, n.19, jan./abr., p.20-28, 2002.

BRÁS, J. V.; JEZINE, E.; FONSECA, S.; GONÇALVES, M. N. A Universidade Portuguesa: o abrir do fecho de acesso: o caso dos maiores de 23 anos. **Revista Lusófona de Educação, Lisboa, Portugal**, n. 21, p. 163-178, 2012.

BRASIL. Lei 5.540, 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 29 nov., 1968, Seção 1, p. 10369.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Lei nº. 9.394, de 24 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 23 dez., 1996, p. 27833.

_____. Ministério da Educação. Portaria nº 976, de 27 de julho de 2010. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 28 jul. 2010. p. 103-104.

_____. Ministério da Educação. Portaria nº 343, de 24 de abril de 2013. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 abr., 2013, Seção 1. n. 79.

_____. Lei 11.180 de 23 de setembro de 2005. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 24 set., 2005, Seção 1, p. 1.

_____. Ministério da Educação. Portaria nº 3.385, de 29 de setembro de 2005, **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 30 set., 2005, Seção 1.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Manual de Orientações Básicas (MOB): Programa de Educação Tutorial**. Brasília, DF: Ministério da Educação. Fundação. Secretaria de Educação Superior- SESU. Departamento de Projetos Especiais de Modernização e Qualificação do Ensino Superior, 2006.

BOURDIEU, P. **Lições de aula: aula inaugural profesira no Collège de France em 23 de abril de 1982**. São Paulo: Ed. Ática, 1988.

_____. **O poder simbólico**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

CABRITO, B. G. A creditação das aprendizagens pela experiência no acesso ao ensino superior: o caso dos maiores de 23 na Universidade de Lisboa. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 26, n.1, jan./jun., p. 231-250, 2008.

CALDAS, R. F.; MACHADO, L. S. Integração comunitária através da educação cooperativa: os programas de ensino e pesquisa da UNESP/FFC. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação, Londrina, PR**, v.1, n.01, p. 19-341, Jun. 2014.

CARRASCO-EMBUENA, V. *et al.* (2008, Outubro). La perspectiva de los profesores sobre las concepciones y las prácticas de la acción tutorial en la educación superior. Texto apresentado no CONGRESSO IBEROAMERICANO DE DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA, 5. SIMPOSIO AUTOORGANIZADO, 2., 2008. , Alicante. **Anais...** Alicante: Universidad de Alicante, 2008.

CARVALHO, R. **História do ensino em Portugal**: desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

CARVALHO, J. G. **Modelo de Comunidade de Inquirição**: a presença social mediada pela prática da tutoria em uma disciplina on-line. 2014. 182 f. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências) - Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, 2014.

CARVALHO, M. C. S. G. **Competências dos tutores para atuação em programas de educação a distância mediados pela internet**: o caso do curso de graduação em administração da EA/UFRGS. 2011. 101 f. Dissertação (Mestrado em Administração) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2011.

CAVACO, T. P. J. **As interações na Tutoria**: um estudo de caso. 2013. 186 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) . Universidade Aberta. Lisboa, Portugal. 2013.

CID SABUCEDO, A.; PÉREZ ABELLÁS, A.; SARMIENTO CAMPOS, J. A. La tutoría en el Practicum. Revisión de la literatura. Universidade de Vigo. Faculdade de Ciencias da Educación. Departamento de Didáctica, Organización Escolar e Métodos de Investigación. Ourense, España. **Revista de Educación**, Madrid, Espanha, n. 354, p. 127-154, ene./abr. 2011.

COMENIUS, I. A. **Didactica magna (1621-1657)**. Lisboa: Fundação Kalouste Gubenkian, 2001. Ebook. Disponível em: <www.ebooks.Brasil.org>. Acesso: em: 5 jul. 2015.

CRUSOÉ, I. M. C. C. A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação. **Aprender - Cad. de Filosofia e Pisc. da Educação**, Vitória da Conquista, Ano II n, 2, p. 105-114, 2004.

DAHMER, A. Z. **Educação a distância e universidade corporativa**: um estudo sobre os sistemas de tutoria dos programas educacionais. 2013. 118 f. Tese (Doutorado em Educação – Currículo). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

DELORS, J. (org.). **Educação um tesouro a descobrir**: relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo, SP: Ed. Cortez, 1998.

DIAS, A. M. I. Descaminhos da leitura na formação docente para educação superior. In: D`ÁVILA, C.M.; VEIGA, I.P.A.(org.) **Didática e docência na educação superior**: implicações para a formação de professores. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012.

DUTRA, R. M.; PEREIRA, V. A atuação do docente tutor na Educação a Distância. **Revista Multitexto**, Montes Claros, MG, v.3, n.1, p. 9-13. 01, jun. 2015.

FÁVERO, M. L.A. Vinte e cinco anos de reforma universitária: um balanço. In: MOROSINI, M. C. (Org.) **Universidade no Mercosul**. São Paulo: Cortez, 1994. p. 149-177.

_____. A universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar em Revista**, Curitiba, n.28, jul./dez. 2006.

FECHINI, J. M.; LIMA, E. C. A.; ARAÚJO, D. L. A educação tutorial e as novas formas de ação e de atuação na prática pedagógica. In: MARTINS, I. L. (Org.) **PET - Programa de Educação Tutorial: estratégia para o desenvolvimento da graduação**. Brasília: Ministério da Educação, 2007. p. 44-48.

FERREIRA, M. J. P. A. **O trabalho colaborativo da equipa técnico-pedagógica de um centro novas oportunidades**. 2012. 179 f. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Educação Almeida Garrett, Lisboa, 2012.

FONSECA, T. L. M. **Os alunos maiores de 23 anos e suas motivações para o ingresso no ensino superior**: estudo exploratório sobre alunos de uma Universidade a norte de Portugal. 2013. 168 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, UTAD, Portugal. 2013.

FORMOSINHO, J.(coord.). **Formação de professores: aprendizagem profissional e acção docente**. Porto, Portugal: Porto Editora, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FRISON, L. M. B. Tutoria: uma prática de ensino autorregulada utilizada no ensino superior. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 21, n. esp., p. 66-81, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex>>. Acesso em: 5 jul. 2016.

GARCÍA ARETIO, L. **La educación a distancia de la teoría a la práctica**. Editora Ariel S.A. Barcelona, Espanha: 2001.

GARCÍA NIETO, N. La función tutorial de la Universidad en el actual contexto de la Educación Superior. **Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado**, Espanha, v.22, n.1, p. 21-48, 2008.

GEIB, L. T. C. *et al.* A tutoria acadêmica no contexto histórico da educação. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, mar./abr., v. 60, n. 2, p. 217- 220, 2007.

GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Tradução Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GOMES, N. L. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. Currículo sem fronteiras, [S.l.], v.12, n.1. p. 98-109, jan/abr 2012. Disponível: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/articles.htm>>. Acesso em: 21 set. 2016.

GOMES, E. F. **A profissionalidade do tutor online na docência no sistema universidade aberta do Brasil: tensões entre concepções e exercício docente.** 2015. 199 f. Tese (Doutorado em educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2015.

GOMES, J. H. **Educação a distância e participação política sustentável: o contributo da Universidade Aberta de Portugal no contexto internacional.** 2014. 134 f. Dissertação (Mestrado em Cidadania Ambiental e Participação) - Universidade Aberta de Portugal, Lisboa, Portugal, 2014.

GONÇALVES, P. F. D. **Transição e adaptação dos novos públicos ao Ensino Superior: o caso dos maiores de 23 na Universidade do Minho.** 2014. 186 f. Tese (Doutoramento Ciências da Educação). Universidade do Minho Instituto de Educação. 2014.

GONÇALVES, T. **O perfil dos estudantes maiores de 23 anos na Universidade do Algarve.** 2012. 195 f. Dissertação (Mestrado em Educação Social) - Universidade do Algarve, Algarve, Portugal, 2012.

GUIMARÃES, B. V. **Tutoria em Educação a Distância: papéis, formações e percepções.** 2015. 131 f. Dissertação (Mestrado em Humanidades, Culturas e Artes) - Universidade do Grande Rio Profº José de Souza Herdy. Duque de Caxias, RJ, 2015.

HALL, S. The work of representation. In: _____. (Org.) **Representation Cultural representation and cultural signifying practices.** London; Thousand Oaks; New Delhi: Sage; Open University, 1997.

HELLER, A. **O cotidiano e a história.** São Paulo: Paz e Terra, 2008.

JANOTTI, A. **Origens da universidade.** São Paulo: EDUSP, 1992.

JODELET, D. Représentations sociales: um domaine em expansion. In: _____. **Les représentations sociales.** Paris: PUF, 1989. p. 47-78.

JORGE, I. As atividades da tutoria que desencadeiam níveis superiores de reflexão crítica colaborativa no e-fórum, 2012. **Paideia.** Revista Científica de Educação a distância. v.3. n.6, Jul. 2012. Disponível em: <[http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=article&op=view&path\[\]=240](http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=article&op=view&path[]=240)>. Acesso em: 6 ago. 2016.

KATO, L. F.; FAGIAN, R. A. F. O enfoque problematizado no ensino tutorial: a descoberta pela atividade. In: MARTINS, I. L. (Org.) **PET - Programa de Educação Tutorial: estratégia para o desenvolvimento da graduação.** Brasília: Ministério da Educação; 2007. p. 37-42.

KING, L. M. **Programa de Educação Tutorial - PET de Serviço social: a trajetória de um debutante.** 2007. 198f. Monografia (Graduação em Serviço Social) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2007.

KOLTERMANN, P. I.; SILVA, E.L. T. Desafios e perspectivas da educação tutorial. In: MARTINS, I. L. (org.). **PET - Programa de Educação Tutorial: estratégia para o desenvolvimento da graduação**. Brasília: Ministério da Educação, 2007. p. 50-54.

LAFFIN, M. Princípios Explicativos do Programa de Educação Tutorial. In: MARTINS, I. L. (org.). **PET - Programa de Educação Tutorial: estratégia para o desenvolvimento da graduação**. Brasília: Ministério da Educação, 2007. p. 24-29.

LÁZARO MARTÍNEZ, A. La función tutorial de la acción docente universitaria. **Revista Complutense de Educación**, Madrid, Espanha, v. 8, n. 1 e 2, p. 109-127, 1997.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **Depoimentos e discursos: uma proposta de análise em pesquisa social**. Brasília, DF: Liber, 2005a.

_____. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)**. 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2005b.

_____. **Pesquisa de representação social: um enfoque quali-quantitativo: a metodologia do discurso do sujeito coletivo**. 2. ed. Brasília, DF: Liber livro, 2010.

LEITINHO, M. C. A formação pedagógica do professor universitário: dilemas e contradições. **Linhas críticas**, Brasília, v. 14, n. 26, jan./jun., p. 79-92, 2008.

LIMA, J. Á. V. **Gestão de Autonomia Universitária: a experiência da UECE**. Fortaleza: EDuece, 2003.

LIMA, M. S. L. **A formação contínua do professor nos caminhos e descaminhos do desenvolvimento profissional**. 2001. 164 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

LOCATELLI, P. C.; BRUNETTA, N.; SAWITZKI, R. C.; ANTUNES, E.. Perspectivas de tutores brasileiros em relação ao seu papel e influência no processo de aprendizagem de alunos em cursos a distância. **Educação, Formação & Tecnologias**, Portugal, v.5, p. 71-84, 2012.

LOURENÇO, L. F. **Tutoria: Um caminho possível para o sucesso escolar**. 2012, 61 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Lisboa, Portugal. 2012.

MACEDO, R. S. **Currículo: campo, conceito e pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Currículo: educação, currículo e avaliação**. Pedagogia. Módulo 4, volume 2 – EAD. Ilhéus, BA: EDITUS, 2011. 114 p.

_____. **Atos de currículo e autonomia pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 2013.

MANACORDA, M. A. **História da Educação: da antiguidade aos nossos dias**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MARTINS, G.A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para Ciências Sociais Aplicadas**. São Paulo: Ed. Atlas S.A., 2007.

MARTINS, L. C. **Avaliação de eficácia da formação continuada de tutores: o caso EaD Sebrae**. 2014. 84 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília-UNB, 2014.

MARTÍNEZ JUÁREZ, M.; PÉREZ CUSO, J. La tutoría universitária: el papel del profesorado. Congreso Internacional Virtual de formación del profesorado., I. Universidade de Murcia, Espanha. **Atas...** Murcia, Espanha, 2010.

MARQUES, P. M. R. C. B. **Avaliação de uma situação de formação de formadores no domínio da tutoria**. 2009. 140 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, 2009.

MASETTO, M. T. **O professor na hora da verdade: a prática docente no ensino superior**. São Paulo: Avercamp, 2010.

MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processo**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MENDES, C. J. G. **A gestão de acesso e creditação de qualificações dos "Maiores de 23" na Universidade de Lisboa**. 2009. 39 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, 2009.

MENEZES, C. A. S. **A educação a distância no ensino da libras e o papel da tutoria na mediação da aprendizagem**. 2014. 123 f. Dissertação (Mestrado em educação) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

MOITA, F.M.G.S.C.; ANDRADE, F.C.B. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissolubilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n.41, p. 269-393, 2009.

MONTEIRO, A. F. **Bytes de afeto: navegando pelas emoções da tutoria a distância Recife**. 2016. 88 f. Dissertação (Mestrado em educação matemática e tecnológica) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

MONTESCHIO, V. J. T.. **Educação a distância no ensino superior e a fragmentação da categorização do trabalho do professor-tutor**. 2015. 103 f. Dissertação (Mestrado em educação) - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba. 2015.

MORGADO, J.C.. **Currículo e profissionalidade docente**. Porto, Portugal: Porto Editora, 2005.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. (Orgs.). **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

MOREIRA, A. F. B. Currículo, diferença cultural e diálogo. **Educação e Sociedade**, Campinas, SP, ano 23, n. 79, p. 15-38, ago. 2002.

MOSCOVICI, S.. **A representação social da psicanálise**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MUNDINA, J. B.; POMBO, N.C.; RUIZ, E. R. Dimensión convergente de la tutoría en la universidad: Tutoría entre iguales. Jornadas de Investigación en Docencia Universitaria, V. **Actas...** Alicante, Espanha: Universidade de Alicante. 2007. Disponível em: <<http://www.eduonline.ua.es/jornadas2007/comunicaciones/2G3.pdf>>. Acesso em: 5 abr.2016.

NARDO JÚNIOR, N.; GARCIA, M. F. **Análise sobre educação tutorial**. In: MARTINS, I. L. (org.). PET - Programa de Educação Tutorial: estratégia para o desenvolvimento da graduação. Brasília: Ministério da Educação, 2007. p. 32-35.

NASCIMENTO, L.; LEAL, M.; SPILKER, M. J.; MORGADO, L. Tutoria e Tutor em Educação a Distância: Retratos do Presente versus Visões para o Futur. **Revista Científica de Educação a distância**, Rio de Janeiro, Edição Especial do XVI Encontro do AIESAID, 2015.

NEVES, F.M. **O método Lancasteriano e o projeto de formação disciplinar do povo (São Paulo, 1808-1889)**. 2003. 293 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista-UNESP, São Paulo, 2003. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103191/neves_fm_dr_assis.pdf?sequence=1>. Acesso em: 5 jul. 2016.

NOGUEIRA, M. A. & NOGUEIRA, C. M. M. **Bourdieu e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

OLIVEIRA, F. P. M.; LIMA, C. M. A Tutoria e o tutor nos cursos de pedagogia das instituições de ensino superior parceiras da Universidade Aberta do Brasil. **Revista Educação por Escrito**, Rio Grande do Sul, v.3, n. 1, p.74-88, 01 Jan. 2012.

OLIVEIRA, L. C. **Tutoria, prática docente e condições de trabalho**: um olhar sobre a atividade do tutor no Curso de Pedagogia a distância da Universidade Federal de Uberlândia. 2014. 95 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

ORTEGA-ANDRADE, N. A. **Un modelo de tutoría universitaria para el aprendizaje de materiales instruccionales**. Educación y Educadores [online], Cundinamarca, Colômbia, v. 14, n. 1, p. 85-104, enero-abril, 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/834/83418921006.pdf>>Acesso em: 5 jul. 2016.

PEREIRA, E. A. S. A. **Alunos maiores de 23 anos**: motivações para o ingresso no ensino Superior na UP. 2009. 79 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2009.

PÉREZ, G. A. **Aprender cómo aprender**: Autonomía y responsabilidad, el aprendizaje de los estudiantes. Madrid, Espanha: Akal S.A., 2009.

POMBO, J. F. C. R. **Auto-regulação motivacional**: estudo exploratório com alunos maiores de 23. 2010. 62 f. (Mestrado Integrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, 2010.

PORTUGAL. **Decreto-Lei nº. 64**, de 21 de Março 2006. Regulamenta o acesso ao ensino superior pelos aprendentes maiores de 23 anos. **Diário da República**. n. 57, 21 de mar. 2006, p. 2054-2057.

_____. Despacho n.º 3236, 30 de março de 2015. Regulamento do processo de avaliação da capacidade para a frequência do ensino superior dos maiores de 23 na Universidade de Lisboa. **Diário da República**, 2.ª série, n. 62, 30 de mar. 2015. p. 7758-7760.

RASCO, J.F. A. ¿A qué llamamos currículum? In: Angulo Rasco, José Félix e Blanco, Nieves (coords.). **Teoría y Desarrollo del Currículum**. Málaga: Aljibe, 1994.

RATO, V. S. T.V. **Apoio tutorial no ensino secundário**: estudo exploratório da perspectiva dos alunos. 2013. 94 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, 2013.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia**: Antigüidade e Idade Média. 4.ed. Paullus: São Paulo, v.1, 1990.

RODRIGUES, A. P.; MONTEIRO, A.; MOREIRA, J. A. Dimensões pedagógicas da sala de aula virtual: teoria e prática. **Cadernos de Pedagogia no Ensino Superior**, Centro de Inovação e Estudo da Pedagogia no Ensino Superior (CINEP), Coimbra, Portugal, nº 26. 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10216/70319>>. Acesso em: 29 ago.2016.

RODRIGUES, M. A.; BAÍA, M. C. Mediação e acompanhamento na formação, educação e desenvolvimento profissional. **Referência- Revista de Enfermagem**, Coimbra, Portugal, v.1. n. 7, p. 199-205, 01 jul. 2012.

ROSSATO, R. **Universidade**: nove séculos de história. Passo Fundo: UPF, 2005.

RUMBO ARCASE, B.; GÓMEZ SÁNCHEZ, T. F. La acción tutorial en un contexto universitario masificado y la reivindicación europea de su valor formativo. **Revista de Formación e Innovación Educativa Universitaria**. Vigo, Espanha, v. 4, n. 1, p. 13-34, 2011.

SÁ, C. F. **A ação de tutoria em ambientes virtuais de aprendizagem na Rede E-Tec Brasil**: uma visão complexa. 2015. 199 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

SACRISTÁN, J.G. (org). **Saberes e incertezas sobre o Currículo**, tradução Alexandre Salvaterra. revisão técnica Miguel Gonzáles Arroyo, Porto Alegre, Penso, 2013.

_____. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANTOMÉ, J. T. **Currículo escolar e justiça social**: o cavalo de tróia da educação. Tradução: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Penso, 2013.

- SANTOS, J. C.. **Educação sem distância: o tutor presencial no consórcio Cederj**. 2014. 121 f. Dissertação (Mestrado em educação) - Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis. 2014.
- SAVIANI, D. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.
- SEBASTIÁN RODRÍGUEZ, E. (Coord.) **Manual de Tutoría universitaria**. Recursos para la acción. Barcelona: Octaedro/ICE-UB, 2010.
- SEMIÃO, F. M. R. C. **Tutoria: uma forma flexível de ensino e aprendizagem**. 2009. 138 f. Dissertação (Mestrado em Supervisão Pedagógica) - Departamento de Ciências de Educação, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 2009.
- SILVA *et al.* A educação tutorial: reflexão de docentes sobre as suas práticas. **Revista educação em questão**, Natal, RN v.39, n. 25, p 108-130, 2010.
- SILVA, F. C. S. **Profissionalização do Tutor na Educação a Distância**. 2013. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Santos, Santos, São Paulo, 2013.
- SILVA, R. S.. **Porque ingressam e como se integram no ensino superior os estudantes maiores de 23 anos comparativamente aos estudantes do acesso regular**. 2010. 196 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, 2010. Disponível em: <https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.show_file?pi_gdoc_id=566454>. Acesso em: 6 ago. 2016.
- SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução à teoria do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- SILVA, R. S.; NASCIMENTO, I. Estudantes maiores de 23 anos em psicologia: motivações e processo de integração. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Florianópolis, SC, v.13, n. 1, jan./jun. 2012.
- SILVA, M. G.. Universidade de sociedade: cenário da extensão universitária? In: **Reunião Anual da Anped**, 23, Caxambu, 2000. **Anais...** Caxambu: ANPED, 2000. Disponível em: <<http://www.anped11.uerj.br/23/1101t.htm>> .Acesso em: 19 abr. 2016.
- SOEIRA, E. R. **Mediação da aprendizagem colaborativa na EaD: percepções de tutores a distância**. 2013. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Fundação Universidade Federal de Sergipe, 2013.
- SOARES, M. S. A. (Org.). **A educação superior no Brasil**. Brasília: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2002.
- SOARES, D. L.;ALMEIDA, L. S.;FERREIRA, J.A G. Percursos vocacionais e vivências acadêmicas: o caso dos alunos maiores de 23 anos. **Psicologia, Educação e Cultura**, Porto, Portugal, v. XIV, n. 1, 2010.

SPAGNOLO, F.; CASTRO, C. M.; PAULO FILHO, W. Enclaves de qualidade em universidades de massa? Programa Especial de Treinamento (PET) da CAPES. **Ensaio: Avaliação de Políticas Públicas Educacionais**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 10, p. 5-16. jan/mar. 1996.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TIAGO, H.P. P. **De Professor a Formador**: Fronteiras entre as atividades. 2011. 137 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2011.

TOPPING, K. **Tutoria**. Academia Internacional de Educação. Departamento Internacional de Educação. Série Prática Educativa-5. UNESCO. 2000.

TOSI, P.G.. A graduação e o PET: gestão educacional voltada para a humanização do saber com base em equidade. In: MARTINS, I. L. (org.). **PET - Programa de Educação Tutorial: estratégia para o desenvolvimento da graduação**. Brasília: Ministério da Educação, 2007. p. 88-92.

TYLER, R. W. **Princípios Básicos de Currículo e Ensino**. 5 ed. Porto Alegre: Ed. Globo, 1978.

VEIGA SIMÃO *et al.* Tutoria no Ensino Superior: concepções e práticas. **Sísifo: Revista de Ciências da Educação**. n. 7, p. 75-88, set/dez.2008. Disponível em: <<http://sisifo.fpce.ul.pt>>. Acesso em: 5 mar.2016.

_____. FLORES, M. A. Reforçar o valor regulador, formativo e formador da avaliação das aprendizagens. **Revista de Estudos Curriculares**, Braga, Portugal, v. 3, n. 2, p. 265-289, 2005.

WELLER, W.; PFAFF, N. (Org.) **Metodologia da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

WER THEIN, J. Fundamentos da nova educação. Brasília: UNESCO, 2000. 84p.

ZABALZA, M. A. **O Ensino Universitário: Seu Cenário e Seus Protagonistas**. São Paulo: ArtMed, 2011.

_____. Competencias docentes del profesorado universitaria. Calidad y desarrollo profesional?. España: Narcea Ediciones, 2003. Disponível em: <<http://files.sld.cu/reveducmedica/files/2011/03/10-competencias-docentes.pdf>> Acesso: 17 jul. 2016.

_____. La Didáctica Universitaria. **Bordón**. Revista de pedagogía. Madrid, Espanha, v. 59, n. 2-3, pp. 489-510, 2007. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/184892>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO, CURRÍCULO E ENSINO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA:

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:

Prezado(a) Colaborador(a),

Você está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa de doutorado que irá investigar _____, e que tem como objetivo _____.

Ao participar desta pesquisa você estará contribuindo com a sua percepção sobre a tutoria na educação superior, que será registrada por meio de _____. Lembramos que a sua participação é voluntária, você tem a liberdade de não querer participar, e pode desistir em qualquer momento, mesmo após ter iniciado o(a) os(as) (formulários, entrevistas ou grupos de discussão) sem nenhum prejuízo para você. O(s) procedimento(s) utilizado(s), ou seja, _____, poderá(ão) trazer algum desconforto pelo fato de serem gravados, entretanto, ressaltamos que isto não trará riscos uma vez que nós tomaremos todas as precauções possíveis no trato com o material coletado. Os benefícios esperados com a pesquisa são _____. Se você tem alguma coisa que necessite de tratamento, você será encaminhado(a) pela pesquisadora _____. Fone: _____ Email: _____ ou pela orientadora _____. Fone: _____/ Email: _____ para o Comitê de Ética da Universidade Estadual do Ceará- UECE. Todas as informações que o (a) Sr.(a) nos fornecer ou que sejam conseguidas por meio dos questionários, das entrevistas ou grupos de discussão serão utilizadas somente para esta pesquisa. Seus dados pessoais e suas respostas ficarão em segredo e o seu nome não aparecerá em nenhum lugar dos(as) questionários, gravações das entrevistas ou dos grupos de discussão, nem quando os resultados forem apresentados, serão mantidos em absoluto sigilo de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) 466/12 que trata da Pesquisa envolvendo Seres Humanos. Ressaltamos que os dados e as informações colhidas com as entrevistas e documentos serão utilizados para compor os resultados da investigação, os quais serão publicados em periódicos e apresentados em eventos científicos, bem como para compor a tese.

Se tiver alguma dúvida a respeito da pesquisa e/ou dos métodos utilizados na mesma, pode procurar a qualquer momento o pesquisador responsável.

Nome do pesquisador responsável:

Endereço:

Telefone para contato:

Se desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética da sua Universidade:

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – CEP- Universidade Estadual do Ceará-UECE.

Responsável: Profª. Drª. Ana Valeska Siebra e Silva

Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Campus do Itaperi, Fortaleza-CE.

Telefone (85) 31019890, Fortaleza, Ce. / Email: cep@uece.br

Se o(a) Sr.(a) estiver de acordo em participar deve preencher e assinar o Termo de Consentimento Pós-esclarecido que se segue, e receberá uma via deste Termo e a outra ficará com o pesquisador.

Antecipadamente, agradecemos a sua colaboração.

Fortaleza-Ce, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante ou Representante Legal

Assinatura do Pesquisado

APÊNDICE B – CARTA CONVITE DA ETAPA I DA PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO, CURRÍCULO E ENSINO

CARTA CONVITE

Fortaleza, ___de _____de _____

Prezado (a) Tutor (a),

Dirigimo-nos a Vossa Senhoria para convidá-lo (a) a participar da pesquisa intitulada: _____, que tem como objetivo _____.

Ao participar desta pesquisa você estará contribuindo com a sua percepção sobre a tutoria no Programa de Educação Tutorial - PET, que será registrada por meio de *formulários on-line* (respondidos por tutores e tutorandos); *entrevistas* (por tutores, assessores de programas de tutoria e coordenadores de curso de graduação ao qual este Programa está vinculado) e *grupos de discussão* (com tutorandos).

Lembramos que sua participação é voluntária, com liberdade de não querer participar, ou de poder desistir a qualquer momento, mesmo após ter iniciado o (a) os (as) a coleta de dados sem nenhum prejuízo para você. O(s) procedimento(s) utilizado(s), as entrevistas ou grupos de discussão, poderá (ão) ser gravados, no entanto, ressaltamos que este fato não trará riscos uma vez que tomaremos todas as precauções possíveis no trato com o material coletado. Se precisar de alguma orientação, por se sentir prejudicado, ou se o pesquisador descobrir que você tem alguma coisa que necessite de atenção especial, deverá ser encaminhado (a) pela pesquisadora *Francione Charapa Alves* (Fone: _____/ Email: _____ ou pela orientadora _____ (Fone: _____/ Email: meirecele@terra.com), para o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal do Ceará- **COMEPE**- Rua Coronel Nunes de Melo, 1127, Rodolfo Teófilo. Fortaleza-Ceará Fone: (85) 3366 8344. Email: comepe@ufc.br.

As informações que nos forem fornecidas por meio dos instrumentos de coleta de dados serão utilizadas somente para esta pesquisa. Seus dados pessoais e suas respostas ficarão em sigilo; o seu nome não aparecerá em nenhum lugar dos instrumentos, e, quando os resultados forem apresentados, também serão mantidos em absoluto sigilo, de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) 466/12 que trata da Pesquisa envolvendo Seres Humanos. Ressaltamos que os dados e as informações colhidas serão utilizados para sistematizar os resultados da investigação, que serão publicados em periódicos e apresentados em eventos científicos, assim como para compor o texto da tese mencionada. Se tiver alguma dúvida a respeito da pesquisa ou dos métodos nela utilizados, dirija-se a qualquer momento ao pesquisador responsável.

Desde já agradecemos sua colaboração,

Atenciosamente,

Francione Charapa Alves
Doutoranda



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO, CURRÍCULO E ENSINO

CONSENTIMENTO PÓS ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o Sr.(a) _____, portador(a) da cédula de identidade nº _____, declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Fortaleza-Ce, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante ou Representante Legal

APÊNDICE C – FORMULÁRIO DO TUTORANDO¹⁰⁷



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO, CURRÍCULO E ENSINO

FORMULÁRIO DO TUTORANDO

Caro (a) aluno (a),
Este questionário é um dos instrumentos para coleta de dados da pesquisa de doutorado _____, que tem como objetivo _____. Este questionário busca obter informações para traçar um perfil pessoal dos alunos tutorandos investigados. Para isso solicitamos gentilmente contar com a sua colaboração no preenchimento dos itens solicitados. Ressaltamos que todos os dados pessoais de identificação e da instituição serão mantidos em total sigilo ético.

Agradecemos por sua colaboração!

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Francione Charapa Alves E-mail: francioncharapa@gmail.com

ORIENTADORA: Dr.^a Meirecele Calópe Leitinho-UFC. E-mail: Meirecele@terra.com.br

IDENTIFICAÇÃO

CÓDIGO:

Instituição em que estuda:

Curso :

Programa de tutoria em que atua:

PERFIL DE FORMAÇÃO: Graduação

Licenciatura

Bacharelado

Tipo de seleção para participar do programa de tutoria:

Prova Escrita.

Entrevista.

Outra: _____

Exigências para ingressar no programa de tutoria:

Estar matriculado no curso.

Ter disponibilidade de horas preestabelecidas para dedicar ao programa..

Apresentar rendimento escolar satisfatório.

Assinar termo de compromisso.

Não participar de outro programa de formação.

Não estar matriculado no Estágio Curricular.

Outra(s): _____

Horas semanais dedicadas à atividade de tutoria.

1 a 5 horas

6 a 10 horas

11 a 15 horas

¹⁰⁷ Formulário realizado através do Google Docs disponível no link: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdS3cPld_hkRDdz8PemgzdiPwV1o4CIY3DLP9YesZq7NxZkjQ/viewform?usp=send_form

16 a 20 horas

Outra. Especifique: _____

Número de vezes que participou de processo de formação para atuar em programa de tutoria.

Somente uma vez.

Mais de uma vez.

Nunca participei.

Teve alguma formação específica para atuar no programa de tutoria.

Sim. Especifique? _____

Não.

A tutoria de que você participa é:

Remunerada. Especifique a fonte: _____

Não-remunerada.

Tempo que você participa da tutoria:

Até 6 meses.

De 7 a 12 meses.

De 13 a 18 meses.

De 19 a 24 meses.

Outro tempo: _____

Número de alunos que compõem o seu grupo de tutoria:

de 1 a 6 alunos

de 7 a 12 alunos

de 13 a 18 alunos.

Outro: _____

Conhecimento sobre o Projeto Político Pedagógico -PPP do seu curso:

Sim.

Não.

Se você já conhece o PPP do seu curso, reponda: a tutoria está contemplada no texto deste documento:

Sim.

Não.

A Coordenação da tutoria na sua instituição é realizada:

Pelo coordenador do Curso.

Por um docente do curso, designado para coordenar.

Por um assessor da Pró-reitoria de Graduação.

Outro: _____

Não sei.

A tutoria na sua instituição é regida por:

Obs.: Caso necessário marque mais de uma opção.

Leis, portarias e resoluções externas à instituição.

Resoluções e portarias da instituição.

Manual de orientações externos à instituição.

Manual de orientações da instituição.

Outro: _____

Não sei.

A tutoria que você participa envolve atividades de:

- Ensino.
- Pesquisa.
- Extensão.
- Outra: _____

Você recebe orientação acadêmica para produção científica no decorrer da ação tutorial:

- Sim. Especifique: _____
- Não.

Outras atividades que você realiza na tutoria:

- Estudos de textos.
- Participação em eventos,
- Reuniões do grupo para planejamento;
- Produção científica;
- Projeto de pesquisa,
- Outras: _____

Expresse a sua visão do que é tutoria.

Contribuição da tutoria para a sua formação:

Avalie o desenvolvimento da tutoria no seu curso:

- Regular.
- Bom.
- Ótimo.

Justifique:

Identifique características de um bom tutor:

- Estabelecer as relações empáticas com o alunos e colegas.
- Saber lidar com os ritmos diferentes de cada aluno;
- Enriquecer o processo de aprendizagem com seu conhecimento e experiência
- Incentiva a Inovação e a criatividade;
- Domina técnicas de ensino e de avaliação;
- Educado, cordial e receptivo com alunos ;
- Promove a interação do grupo;
- Ter habilidades de investigação e incentiva o espírito investigativo;
- Apropriar-se de novas tecnologias;
- Dominar metodologias científicas em pesquisas.
- Orientar adequadamente atividades de extensão.

APÊNDICE D – FORMULÁRIO DO TUTOR¹⁰⁸



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO, CURRÍCULO E ENSINO

FORMULÁRIO DO TUTOR

Caro (a) professor(a),
Este questionário é um dos instrumentos para coleta de dados da pesquisa de doutorado _____, que tem como objetivo _____. Este questionário busca obter informações para traçar um perfil pessoal dos professores tutores investigados. Para isso solicitamos gentilmente contar com a sua colaboração no preenchimento dos itens solicitados. Ressaltamos que todos os dados pessoais de identificação e da instituição serão mantidos em total sigilo ético.

Agradecemos por sua colaboração!

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Francione Charapa Alves E-mail: francioncharapa@gmail.com

ORIENTADORA: Dr.^a Meirecele Calfope Leitinho-UFC. E-mail: Meirecele@terra.com.br

IDENTIFICAÇÃO

CÓDIGO:

DADOS DA FORMAÇÃO: *

Formação inicial: Graduação

- Bacharelado. Curso/Instituição: _____
- Licenciatura. Curso/Instituição: _____

Formação na Pós-Graduação:

- Mestrado acadêmico. Especifique (Curso, Instituição/Ano): _____
- Mestrado profissional. Especifique (Curso, Instituição/Ano): _____
- Doutorado. Especifique (Curso, Instituição/Ano): _____

Formação específica para o exercício da tutoria:

- Sim. Ofertada pela instituição em que trabalha. Curso _____

Período: _____ Instituição: _____

- Não.

- Sim. Ofertada por outra instituição. Curso _____

Período: _____ Instituição: _____

Autoformação para o exercício da tutoria:

- Sim. Especifique como : _____

- Não.

DADOS DA PROFISSÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO

Instituição à qual está vinculado (a):

Tempo de exercício da docência na instituição em que exerce a tutoria:

- de 1 a 5 anos
- de 6 a 10 anos

¹⁰⁸ Formulário realizado através do Google Docs disponível no link:
https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSc3Czx-8zn64E2L2UpXHjMSF1XrIq19M2EVBVYVXrYVdDS-o5A/viewform?usp=send_form

Outro: _____

Regime de trabalho:

40 horas

20 horas

Outra: _____

Programa de tutoria em que atua:

Funções que exerce como tutor. Especifique:

Tempo que exerce a tutoria na instituição:

Horas semanais dedicadas à atividade de tutoria:

1 a 5 horas

6 a 10 horas

11 a 20 horas

Outra: _____

Sua inserção na tutoria ocorreu por:

Seleção.

Indicação.

Outra. Especifique: _____

A tutoria que você exerce é:

Remunerada. Fonte: _____

Não- remunerada.

O seu trabalho de tutoria envolve atividades de:

Ensino.

Pesquisa:

Extensão:

Outra. Especifique: _____

Número de alunos que estão sob sua ação tutorial:

De 1 a 6 alunos.

De 7 a 12 alunos.

De 13 a 18 alunos.

Outro: _____

A ação tutorial que você exerce está contemplada no Projeto Político Pedagógico -PPP do seu curso:

Sim.

Não.

Não sei.

Coordenação da tutoria na instituição em que atua:

Coordenador do Curso.

Docente do curso designado para coordenar.

Assessor da Pró-reitoria de Graduação.

Outro: _____

A tutoria na sua instituição é regida por:

Obs.: Caso necessário marque mais de uma opção.

- Leis, portarias e resoluções externas.
- Resoluções e portarias da instituição.
- Manual de orientações externos.
- Manual de orientações da instituição.
- Outros: _____
- Não sei.

Sua percepção sobre a tutoria como componente curricular:

Identifique características de um bom tutor:

- Estabelecer as relações empáticas com o alunos e colegas.
- Saber lidar com os ritmos individuais diferentes de cada aluno;
- Enriquecer o processo de aprendizagem com seu conhecimento e experiência
- Incentiva a Inovação e a criatividade;
- Domina técnicas de ensino e de avaliação;
- Educado, cordial e receptivo com alunos ;
- Promove a interação do grupo;
- Ter habilidades de investigação e incentiva o espírito investigativo;
- Apropriar-se de novas tecnologias;
- Dominar metodologias científicas em pesquisas.
- Orientar adequadamente atividades de extensão.
- Outra: Especifique: _____

APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA TUTORES



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO, CURRÍCULO E ENSINO

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA TUTORES

Interlocutor (código): _____
 Instituição: _____
 Data: ___/___/___
 Horário/Início: _____ Horário/fim: _____
 N° da gravação: _____
 Entrevistador(a): _____

Tutoria: concepção e ação tutorial

- 1.1. Qual a sua concepção de tutoria?
- 1.2. Como você se tornou tutor?
- 1.3. Fale sobre a sua formação para exercer a tutoria.
- 1.4. Como acontece a sua ação tutorial na sua prática cotidiana?
- 1.5. Você considera que na sua ação tutorial predomina mais as orientações técnico-pedagógicas, ou orientações de natureza crítico-social e psicológicas. Justifique.
- 1.6. Fale sobre a relação professor-aluno na sua ação tutorial.
- 1.7. Como você compreende a relação entre a tutoria presente nos Manuais de orientação e nas normas legais e a sua ação tutorial?
- 1.8. Qual a contribuição da tutoria para o seu desenvolvimento profissional docente?
- 1.9. Fale sobre as dificuldades e os desafios que o docente enfrenta no exercício da tutoria.
- 1.10. Qual o perfil de tutor do PET. Que características pessoais o tutor deve ter e o que você trouxe e que contribui para o programa.
- 1.11. Um tutor está chegando hoje no PET e solicita que você lhe dê sugestões de como deve exercer a ação tutorial no grupo. O que você diria para este tutor?

PET no seu grupo: História do PET no curso, planejamento, desenvolvimento e avaliação das ações

- 2.1 Há quanto tempo existe o PET no seu curso? Como surgiu o Programa de Educação Tutorial no curso?
- 2.2. Fale sobre o funcionamento do PET no seu curso. Sobre o seu projeto. Que atividades realizam. De que modo são planejadas, desenvolvidas as ações do seu grupo?
- 2.3. Fale sobre a tríade: ensino- pesquisa e extensão no seu aspecto funcional dentro do seu grupo PET. Alguma delas se sobressai, se destaca.
- 2.4. Sugestões de melhoria quanto ao desenvolvimento do programa, (Se pudesse, o que faria este programa ser melhor).
12. O PET proporciona a realização de atividades extracurriculares. Você acha que estas atividades do PET intervêm no currículo do curso? De que modo.
13. Como você avaliaria o PET no seu curso?
14. Há algo que eu não perguntei que você gostaria de falar no que concerne à sua ação tutorial em seus aspectos teórico-metodológicos, pedagógicos, éticos, políticos e sociais.

APÊNDICE F – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ASSESSORES



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO, CURRÍCULO E ENSINO

Interlocutor (código): _____
 Instituição: _____
 Data: / / _____
 Horário/Início: _____ Horário/fim: _____
 N° da gravação: _____
 Entrevistador(a): _____

PET: O PET NA INSTITUIÇÃO/MEC

1. Há quanto tempo existe o PET na UECE? Como surgiu o Programa de Educação Tutorial na instituição?
2. Fale um pouco sobre o funcionamento do PET a nível institucional e no que se refere ao MEC.
3. Que documentos ou leis regem o PET na instituição. Há documentos específicos de cada grupo? (manual, regimentos....)
4. Como PET é avaliado pela assessoria ou pela instituição? E de que forma é feita a avaliação do PET pelo MEC?
5. Na sua opinião, o PET visibilidade na Universidade (pela gestão, pela pró-reitoria...).
6. Na sua opinião, quais pontos positivos e negativos no desenvolvimento do PET na instituição?
7. Que critérios são exigidos para que um projeto seja aprovado no PET. Como um curso pode ser inserido no programa.
8. O programa funcional tal e qual no manual de orientações?

ASSESSORIA: FUNÇÕES

8. Desde quando você é assessora do PET? Como ocorreu este ingresso na assessoria?
9. Quais as principais atividades que você realiza como assessora do PET?
10. Fale sobre os desafios ou dificuldades que você enfrenta no exercício da assessoria.
11. Qual a contribuição da tutoria para o seu desenvolvimento profissional docente? O que você aprendeu neste programa.

TUTORIA

12. Pelo contato que tem com os tutores, como você compreende a tutoria?
13. Você considera que na tutoria em sua instituição predomina mais as orientações técnico-pedagógicas, ou orientações de natureza crítico-social e psicológicas. Justifique.
14. Como você compreende a tutoria presente no Manual de orientação e nas normas legais e a tutoria no cotidiano.
15. Na sua opinião, existe um perfil de tutor para atuar no PET? Quais as principais características ou qualidades que um tutor deve ter para exercer a tutoria no PET.
16. Como é feita a seleção de tutores no PET-UECE?
17. Há algo que eu não perguntei que você gostaria de falar.

APÊNDICE G – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM EX-ASSESSORES



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO, CURRÍCULO E ENSINO

ENTREVISTA COM Ex-ASSESSORES

Interlocutor (código): _____
 Instituição: _____
 Data: ___/___/___
 Horário/Início: _____ Horário/fim: _____
 Nº da gravação: _____
 Entrevistador(a): _____

PET: O PET NA INSTITUIÇÃO/MEC

1. Há quanto tempo existe o PET na UECE? Como surgiu o Programa de Educação Tutorial na instituição?
2. Fale um pouco sobre o funcionamento do PET a nível institucional e no que se refere ao MEC.
3. Que documentos ou leis regem o PET na instituição. Há documentos específicos de cada grupo? (manual, regimentos....)
4. Como PET é avaliado pela assessoria ou pela instituição? E de que forma é feita a avaliação do PET pelo MEC?
5. Na sua opinião, o PET visibilidade na Universidade (pela gestão, pela pró-reitoria...).
6. Na sua opinião, quais pontos positivos e negativos no desenvolvimento do PET na instituição?
7. Que critérios são exigidos para que um projeto seja aprovado no PET. Como um curso pode ser inserido no programa.
8. No período em que você foi assessora, quantas seleções teve para PET e como se dá o processo de seleção?

ASSESSORIA: FUNÇÕES

9. Quantos anos você foi assessora do PET? Como ocorreu este ingresso na assessoria?
10. Quais as principais atividades que você realizava como assessora do PET?
11. Fale sobre os desafios ou dificuldades que você enfrentou no exercício da assessoria do PET.
12. Qual a contribuição da assessoria no PET para o seu desenvolvimento profissional docente? O que você aprendeu neste programa.

TUTORIA

13. Pelo contato que tem com os tutores, como você compreende a tutoria?
14. Você considera que na tutoria em sua instituição predomina mais as orientações técnico-pedagógicas, ou orientações de natureza crítico-social e psicológicas. Justifique.
15. Como você compreende a tutoria presente no Manual de orientação e nas normas legais e a tutoria no cotidiano.
16. Na sua opinião, existe um perfil de tutor para atuar no PET? Quais as principais características ou qualidades que um tutor deve ter para exercer a tutoria no PET.7. Como é feita a seleção de tutores no PET-UECE?
17. Há algo que eu não perguntei que você gostaria de falar
18. Como a tutoria é avaliada, e por quem?

APÊNDICE H – ROTEIRO DE GRUPO DE DISCUSSÃO COM TUTORANDOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO, CURRÍCULO E ENSINO

ROTEIRO DE GRUPO DE DISCUSSÃO COM ALUNOS TUTORANDOS

Número de alunos participantes: _____
Instituição: _____
Data: __/__/__
Horário/Início: _____ Horário/fim: _____
Nº da gravação: _____
Entrevistador(a): _____

TEMÁTICA: TUTORIA NA GRADUAÇÃO

PONTOS PARA DISCUSSÃO

1) Entendimento e impressões do PET pelos tutorandos.

- 1.1. Qual a sua primeira impressão ao entrar no grupo PET? Quais eram as suas expectativas e o que você encontrou?
- 1.2. Como você compreende a filosofia do PET proposta pelo MEC.
- 1.3. Qual o perfil de um aluno petiano. (Que características pessoais um aluno deve ter para fazer parte desse grupo) habilidades pessoais que você trouxe e que acha que contribui para o crescimento do seu grupo.
- 1.4. E o que você aprende ao participar do PET? O que o PET agrega à sua formação acadêmica e profissional.
- 1.5. O que o PET significa para você, hoje.

2. Compreensão e impressão da ação tutorial.

- 2.1. Como você definiria a tutoria no PET?
- 2.2. Qual a importância da tutoria no PET (Importância do papel do tutor- o que ele representa dentro do grupo?)
- 2.3. Como é a relação tutor – tutorando no seu grupo? Aprendizagens significativas no processo de tutoria (da relação tutor- tutorando).
- 2.4. Contribuições da tutoria para a vida acadêmica e profissional.
- 2.5. **Situação problema:** Um tutor está chegando hoje no PET, ele solicita dos petianos que falem das suas expectativas em relação à tutoria, de como ele deve agir, como deve exercer a ação tutorial, o que você diria para este tutor?

3. . Planejamento, desenvolvimento e avaliação das ações tutoriais.

3.1. Fale um pouco sobre o projeto desenvolvido pelo PET. Estrutura e funcionamento .Como funciona o seu grupo PET?

3.2. Planejamento e execução das atividades:

- Que tipo de atividades desenvolvem;
- de quem é a iniciativa do planejamento das atividades;
- quem é beneficiado com as atividades realizadas pelo grupo(tutorandos, acadêmicos, professores...comunidade);

3.3. Qual o papel dos sujeitos envolvidos diretamente no projeto(tutor e tutorandos)?

3.4. Fale sobre a tríade: ensino- pesquisa e extensão no seu aspecto funcional dentro do seu grupo PET, alguma delas se sobressai ou há um equilíbrio das atividades desenvolvidas nesta tríade.

3.5. Sugestões de melhoria quanto ao desenvolvimento do programa (o que precisa melhorar, e o que você faria este programa ser melhor).

APÊNDICE I – CARTA CONVITE DA ETAPA II DA PESQUISA

Lisboa, ____ de ____ de _____.

Prezado(a) Senhor(a),

Dirigimo-nos à Vossa Senhoria para convidá-lo a participar da pesquisa de doutoramento intercalar que tem como objeto de estudo a tutoria no Ensino Superior com foco na formação e na prática do tutor. O objetivo desta investigação é compreender como se constitui o programa de tutoria dirigido aos alunos Maiores de 23.

Ao participar desta pesquisa você estará contribuindo com a sua percepção sobre a ação tutorial desenvolvida neste programa. Lembramos que a sua participação é voluntária, você tem a liberdade de não querer participar, e pode desistir em qualquer momento, mesmo após ter iniciado as entrevistas sem nenhum prejuízo para você.

O procedimento utilizado para coleta das informações, ou seja, a entrevista, será gravada; entretanto, ressaltamos que isto não trará riscos uma vez que nós tomaremos todas as precauções possíveis no trato com o material coletado. Os seus dados pessoais e suas respostas serão mantidas em sigilo e o seu nome não aparecerá em nenhum lugar das entrevistas, nem quando os resultados forem apresentados. Ressaltamos que os dados e as informações colhidas serão utilizados para compor os resultados da investigação, os quais serão publicados em periódicos e apresentados em eventos científicos, bem como para compor a tese.

Se tiver alguma dúvida a respeito da pesquisa e/ou dos métodos utilizados na mesma, pode procurar a qualquer momento o pesquisador responsável.

Desde já agradecemos pela sua colaboração,

Atenciosamente,

FRANCIONE CHARAPA ALVES
Aluna do Doutorado Intercalar na Faculdade de Psicologia
da Universidade de Lisboa- UL
Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira
Da Universidade Federal do Ceará- Brasil
Email: francione.charapa@gmail.com/ francione.charapa@campus.ul.pt

ORIENTADORAS:

Profª Drª. Margarida Veiga Simão- Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa-FP/UL
Profª Drª. Meirecele Calfope Leitinho- Universidade Federal do Ceará- UFC/Brasil

APÊNDICE J – GUIÃO DA ENTREVISTA COM TUTORADOS (PRIMEIRO ANO)

GUIÃO DA ENTREVISTA COM TUTORADOS (PRIMEIRO ANO)

Entrevistados: Alunos Tutorados do primeiro ano dos Maiores de 23.

Tema: A percepção dos alunos do primeiro ano sobre o apoio tutorial em todos os seus aspectos: planeamento, desenvolvimento e avaliação das ações tutoriais;

Objectivos Gerais:

- ✓ Compreender como os alunos tutorados percebem a tutoria realizada no primeiro semestre do programa Maiores de 23;
- ✓ Conhecer como os alunos compreendem o planeamento, desenvolvimento e a avaliação das ações tutoriais;

BLOCOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	TÓPICOS/QUESTÕES
I BLOCO Legitimação da Entrevista	Estabelecer uma relação com o entrevistado	Iniciar uma interactividade com o entrevistado; Entregar a carta convite e o termo de consentimento livre esclarecido;
	Legitimar a entrevista	Informar o entrevistado sobre os objetivos da investigação; Esclarecer sobre o carácter ético da pesquisa, garantindo o anonimato e a confidencialidade das informações coletadas; Lembrar que a participação na pesquisa é voluntária e solicitar a autorização para gravação da entrevista; Informar que ele pode desistir de participar da pesquisa a qualquer momento;
	Motivar os participantes	Deixar claro para o entrevistado sobre a importância da sua participação na pesquisa;
II BLOCO Entendimento e impressões do Processo M 23	Identificar expectativas e impressões sobre o M23	Qual a sua primeira impressão ao entrar no M 23 ? Quais eram as suas expectativas e o que encontrou ?
	Conhecer a filosofia do M23 na visão do aluno	Como você compreende a filosofia do M23?
	Identificar o perfil do aluno M23 na visão do académico do Curso de Psicologia	Qual o perfil do aluno M23? Quas características desse grupo do 1 ano você destacaria?
	Conhecer os desafios e as dificuldades	Quais os principais desafios e dificuldades encontradas pelo aluno M23?
	Perceber como se dá a inserção do aluno no curso de Psicologia da UL por meio do M23.	Como tem sido a sua inserção no Curso de Psicologia por meio do M23? Quais as principais dificuldades que tem enfrentado? Quais as aprendizagens mais significativas que você teve até agora no seu curso?
	Conhecer os significados do M23 para o aluno.	O que esse processo M23 significa para você?
III BLOCO	Identificar como os tutorados definem a tutoria;	Como você definiria a tutoria no M 23?
	Perceber a importância das ações tutoriais desenvolvidas no primeiro semestre do curso.	Qual a importância das ações tutoriais desenvolvidas no 1 semestre do curso?
	Identificar expectativas dos	Quais as suas expectativas em relação à ação

Compreensão e impressão da ação tutorial do tutor	tutorados em relação à ação tutorial.	tutorial?
	Traçar um perfil do tutor no M23 do Curso de Psicologia a partir das suas características e dos papéis desempenhados.	Quais os papéis desempenhados pelo tutor? Qual o perfil de um bom tutor para atuar no M23? Que características você considera essenciais para que ele desempenhe bem o seu papel?
	Conhecer a relação tutor-tutorado	Como é a relação tutor- tutorado?
	Identificar as aprendizagens mais significativas em relação à tutoria	Contribuições da tutoria para a vida pessoal, acadêmica e profissional Aprendizagens significativas que estão relacionadas ao processo de tutoria. Quais aprendizados profissionais você atribui à tutoria.
	Perceber a relação e a diferença entre o apoio tutorial do tutor e a mentoria.	Em que consiste a mentoria? Quais as diferenças entre o apoio tutorial do tutor e a mentoria do colega? Qual a importância da mentoria para a sua formação? Você pretende ser um mentor? Por quê?
IV Bloco Planejamento, desenvolvimento e avaliação das ações tutoriais	Conhecer as principais ações da tutoria no M23 do curso de Psicologia da UL	Fale um pouco sobre as ações de planejamento do apoio tutorial no M23. Você conhece todas elas? Que tipo de atividades ocorreram e como ocorreram?
	Definir os papéis dos sujeitos implicados na relação tutor-tutorado	Quais os papéis dos sujeitos envolvidos no apoio tutorial(tutor- docente tutor- tutorado) ?
	Perceber o nível de adesão das atividades propostas nas ações tutoriais.	Na sua opinião, há uma boa adesão às atividades propostas? Justifique.
	Avaliar a tutoria realizada no curso de Psicologia.	Como você avalia a “ tutoria do M23 Sugestões de melhoria do apoio tutorial. Se você fosse tutor, como você realizaria a tutoria?
V BLOCO Conclusão da entrevista	Encerrar a entrevista	Há algo que eu não perguntei e que você queira acrescentar?
	Agradecer a participação do entrevistado	Agradecer ao entrevistado pela sua colaboração.

APÊNDICE K – GUIÃO DA ENTREVISTA COM TUTORADOS (SEGUNDO E TERCEIRO ANO)

GUIÃO DA ENTREVISTA COM TUTORADOS (SEGUNDO E TERCEIRO ANO)

Entrevistados: Alunos Tutorados do segundo ano dos Maiores de 23.

Tema: A percepção dos alunos do segundo ano sobre o apoio tutorial em todos os seus aspectos: planeamento, desenvolvimento e avaliação das ações tutoriais;

Objectivos Gerais:

- ✓ Compreender como os alunos que foram tutorados percebem a tutoria realizada no primeiro semestre do programa Maiores de 23;
- ✓ Conhecer como os alunos compreendem o planeamento, desenvolvimento e a avaliação das ações tutoriais;
- ✓

BLOCOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	TÓPICOS/QUESTÕES
I BLOCO Legitimação da Entrevista	Estabelecer uma relação com o entrevistado	Iniciar uma interactividade com o entrevistado; Entregar a carta convite e o termo de consentimento livre esclarecido;
	Legitimar a entrevista	Informar o entrevistado sobre os objetivos da investigação; Esclarecer sobre o carácter ético da pesquisa, garantindo o anonimato e a confidencialidade das informações coletadas; Lembrar que a participação na pesquisa é voluntária e solicitar a autorização para gravação da entrevista; Informar que ele pode desistir de participar da pesquisa a qualquer momento;
	Motivar os participantes	Deixar claro para o entrevistado sobre a importância da sua participação na pesquisa;
II BLOCO Entendimento e impressões do Processo M 23	Identificar expectativas e impressões sobre o M23	Qual a sua primeira impressão ao entrar no M 23 ? Quais eram as suas expectativas e o que encontrou ?
	Conhecer a filosofia do M23 na visão do aluno	Como você compreende a filosofia do M23?
	Identificar o perfil do aluno M23 na visão do académico do Curso de Psicologia	Qual o perfil do aluno M23? Quas características desse grupo do 2 ano você destacaria?
	Conhecer os desafios e as dificuldades	Quais os principais desafios e dificuldades encontradas pelo aluno M23?
	Perceber como se dá a inserção do aluno no curso de Psicologia da UL por meio do M23.	Como tem sido a sua inserção no Curso de Psicologia por meio do M23? Quais as principais dificuldades que tem enfrentado? Quais as aprendizagens mais significativas que você teve até agora no seu curso?
	Conhecer os significados do M23 para o aluno.	O que esse processo M23 significa para você?
III BLOCO Compreensão e impressão da ação tutorial do tutor	Identificar como os tutorados definem a tutoria;	Como você definiria a tutoria no M 23?
	Perceber a importância das ações tutoriais desenvolvidas no primeiro semestre do curso.	Qual a importância das ações tutoriais desenvolvidas no 1 semestre do curso?
	Identificar expectativas dos tutorados em relação à ação tutorial.	Quais as suas expectativas em relação à ação tutorial?

	Traçar um perfil do tutor no M23 do Curso de Psicologia a partir das suas características e dos papéis desempenhados.	Quais os papéis desempenhados pelo tutor? Qual o perfil de um bom tutor para atuar no M23? Que características você considera essenciais para que ele desempenhe bem o seu papel?
	Conhecer a relação tutor-tutorado	Como é a relação tutor- tutorado?
	Identificar as aprendizagens mais significativas em relação à tutoria	Contribuições da tutoria para a vida pessoal, acadêmica e profissional. Aprendizagens significativas que estão relacionadas ao processo de tutoria. Quais aprendizados profissionais você atribui à tutoria.
	Perceber a relação e a diferença entre o apoio tutorial do tutor e a mentoria.	Em que consiste a mentoria? Quais as diferenças entre o apoio tutorial do tutor e a mentoria do colega? Qual a importância da mentoria (que você recebeu) para a sua formação? Você é um mentor? Obs.: Se o aluno for mentor, seguir com as questões: O que fez você tomar esta iniciativa? Quais as aprendizagens que você adquiriu com a atividade de mentoria?
IV Bloco Planejamento, desenvolvimento e avaliação das ações tutoriais	Conhecer as principais ações da tutoria no M23 do curso de Psicologia da UL	Fale um pouco sobre as ações de planejamento do apoio tutorial no M23. Você conheceu e/ou participou de todas elas? Que tipo de atividades ocorreram e como ocorreram?
	Definir os papéis dos sujeitos implicados na relação tutor-tutorado	Quais os papéis dos sujeitos envolvidos no apoio tutorial(tutor-docente tutor- tutorado) ?
	Perceber o nível de adesão das atividades propostas nas ações tutoriais.	Na sua opinião, há uma boa adesão às atividades propostas? Justifique.
	Avaliar a tutoria realizada no curso de Psicologia.	Como você avalia a “ tutoria do M23 Sugestões de melhoria do apoio tutorial. Se você fosse tutor, como você realizaria a tutoria?
V BLOCO Conclusão da entrevista	Encerrar a entrevista	Há algo que eu não perguntei e que você queira acrescentar?
	Agradecer a participação do entrevistado	Agradecer ao entrevistado pela sua colaboração.

APÊNDICE L – GUIÃO DA ENTREVISTA COM DOCENTE

GUIÃO DA ENTREVISTA COM DOCENTE

Entrevistados: Docente Tutor do dos Maiores de 23.

Tema: A percepção do docente tutor sobre o apoio tutorial em todos os seus aspectos: planeamento, desenvolvimento e avaliação das ações tutoriais;

Objectivos Gerais:

- ✓ Compreender como os docentes tutores percebem a tutoria realizada por eles próprios no primeiro semestre do programa Maiores de 23;
- ✓ Conhecer como são planeadas, desenvolvidas e avaliadas as ações tutoriais;
- ✓

BLOCOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	TÓPICOS/QUESTÕES
I BLOCO Legitimação da Entrevista	Estabelecer uma relação com o entrevistado	Iniciar uma interactividade com o entrevistado; Entregar a carta convite e o termo de consentimento livre esclarecido;
	Legitimar a entrevista	Informar o entrevistado sobre os objetivos da investigação; Esclarecer sobre o carácter ético da pesquisa, garantindo o anonimato e a confidencialidade das informações coletadas; Lembrar que a participação na pesquisa é voluntária e solicitar a autorização para gravação da entrevista; Informar que ele pode desistir de participar da pesquisa a qualquer momento;
	Motivar os participantes	Deixar claro para o entrevistado sobre a importância da sua participação na pesquisa;
II BLOCO Tutoria: concepção e ação tutorial do Processo M 23	Identificar a concepção de tutoria	Qual a sua concepção de tutoria?
	Entender como o docente se tornou um tutor.	Como você se tornou tutor no M23? Como você se tornou tutor no M23? Já exerce ou exerceu outro tipo de tutoria no Ensino Superior?
	Tomar conhecimento do tipo de tutoria exercido pelo docente tutor.	Que tipo de tutoria você exerce nos Maiores de 23?
	Saber se o docente teve formação específica para o exercício da tutoria.	Fale sobre a sua formação para exercer a tutoria.
	Conhecer como se dá a relação tutor- tutorado.	Fale sobre a relação tutor-tutorado na sua ação tutorial.
	Perceber se o exercício da tutoria contribui para o desenvolvimento profissional docente.	Qual a contribuição da tutoria para o seu desenvolvimento profissional docente? Que aprendizagens mais significativas você obteve exercendo a tutoria?
	Conhecer o perfil do professor que atua na tutoria do M23.	Qual o perfil de um docente tutor para atuar no M23? Que características pessoais e profissionais um tutor deve ter? E o que você trouxe que contribui para o programa?
III Bloco M23 no Curso de Psicologia: Planeamento, desenvolvimento e avaliação das ações	Conhecer um pouco da história da tutoria no M23.	Há quanto tempo existe esta tutoria nos M23 no seu curso? Há esta tutoria em todos os cursos M23 ou é uma especificidade do curso de Psicologia?
	Conhecer as principais ações da tutoria no M23 do curso de Psicologia da UL	Fale um pouco sobre o funcionamento das ações de planeamento do apoio tutorial no M23. De que modo são planeadas e desenvolvidas as ações de

tutoriais		<p>apoio tutorial? Que tipo de atividades ocorrem e como ocorrem? Dentre as etapas do apoio tutorial: (acolhimento, recepção, sessões temáticas, acompanhamento tutorial, avaliação) em quais delas você mais atua? Explique.</p>
	Definir os papéis dos sujeitos implicados na relação tutor-tutorado	<p>Quais os papéis dos sujeitos envolvidos no apoio tutorial (tutor- tutor docente e tutorado) ? Qual a diferença da tutoria do docente tutor e do tutor?</p>
	Perceber o nível de adesão das atividades propostas nas ações tutoriais.	<p>Na sua opinião, há uma boa adesão às atividades propostas? Justifique.</p>
	Avaliar a tutoria realizada no curso de Psicologia.	<p>Como você avalia a “tutoria do M23?</p>
IV BLOCO Conclusão da entrevista	Encerrar a entrevista	<p>Há algo que eu não perguntei e que você queira acrescentar?</p>
	Agradecer a participação do entrevistado	<p>Agradecer ao entrevistado pela sua colaboração.</p>

APÊNDICE M – GUIÃO DA ENTREVISTA COM TUTOR(A)

GUIÃO DA ENTREVISTA COM TUTOR(A)

Entrevistados: Tutora do dos Maiores de 23.

Tema: A percepção da tutora sobre o apoio tutorial em todos os seus aspectos: planeamento, desenvolvimento e avaliação das ações tutoriais;

Objectivos Gerais:

- ✓ Compreender como os tutores percebem a tutoria realizada por eles próprios no primeiro semestre do programa Maiores de 23;
- ✓ Conhecer como são planeadas, desenvolvidas e avaliadas as ações tutoriais;

BLOCOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	TÓPICOS/QUESTÕES
I BLOCO Legitimação da Entrevista	Estabelecer uma relação com o entrevistado	Iniciar uma interactividade com o entrevistado; Entregar a carta convite e o termo de consentimento livre esclarecido;
	Legitimar a entrevista	Informar o entrevistado sobre os objetivos da investigação; Esclarecer sobre o carácter ético da pesquisa, garantindo o anonimato e a confidencialidade das informações coletadas; Lembrar que a participação na pesquisa é voluntária e solicitar a autorização para gravação da entrevista; Informar que ele pode desistir de participar da pesquisa a qualquer momento;
	Motivar os participantes	Deixar claro para o entrevistado sobre a importância da sua participação na pesquisa;
II BLOCO Tutoria: concepção e ação tutorial do Processo M 23	Identificar a concepção de tutoria	Qual a sua concepção de tutoria?
	Entender como o docente se tornou um tutor.	Como você se tornou tutor no M23? Há quanto tempo exerce a tutoria no M23?
	Tomar conhecimento do tipo de tutoria exercido pelo tutor.	Que tipo de tutoria você exerce nos Maiores de 23?
	Saber se o tutor teve formação específica para o exercício da tutoria.	Fale sobre a sua formação para exercer a tutoria.
	Conhecer como se dá a relação tutor- tutorado.	Fale sobre a relação tutor-tutorado na sua ação tutorial.
	Perceber se o exercício da tutoria contribui para o desenvolvimento profissional do tutor.	Qual a contribuição da tutoria para o seu desenvolvimento profissional? Que aprendizagens mais significativas você obteve exercendo a tutoria?
	Conhecer o perfil do tutor que atua na tutoria do M23.	Qual o perfil de um tutor para atuar no M23? Que características pessoais e profissionais um tutor deve ter? E o que você trouxe que contribui para o programa?
III Bloco M23 no Curso de Psicologia: Planeamento, desenvolvimento e avaliação das ações tutoriais	Conhecer um pouco da história da tutoria no M23 no curso de Psicologia.	Há quanto tempo existe esta tutoria nos M23 no seu curso? Há esta tutoria em todos os cursos M23 ou é uma especificidade do curso de Psicologia?
	Conhecer as principais ações da tutoria no M23 do curso de Psicologia da UL	Fale um pouco sobre o funcionamento das ações de planeamento do apoio tutorial no M23. De que modo são planeadas e desenvolvidas as ações de apoio tutorial? Que tipo de atividades ocorrem e como ocorrem?

	Definir os papéis dos sujeitos implicados na relação tutor-tutorado	Quais os papéis dos sujeitos envolvidos no apoio tutorial (tutor- docente tutor- tutorado) ? Qual a diferença da tutoria do docente tutor e do tutor?
	Perceber o nível de adesão das atividades propostas nas ações tutorias.	Na sua opinião, há uma boa adesão às atividades propostas? Justifique.
	Avaliar a tutoria realizada no curso de Psicologia.	Como você avalia a “tutoria do M23?
IV BLOCO Conclusão da entrevista	Encerrar a entrevista	Há algo que eu não perguntei e que você queira acrescentar?
	Agradecer a participação do entrevistado	Agradecer ao entrevistado pela sua colaboração.

APÊNDICE N – GUIÃO DA ENTREVISTA COM EX-TUTOR(A)

GUIÃO DA ENTREVISTA COM EX-TUTOR(A)

Entrevistados: Ex-Tutor(a) do dos Maiores de 23.

Tema: A percepção da ex- tutora sobre o apoio tutorial em todos os seus aspectos: planeamento, desenvolvimento e avaliação das ações tutoriais;

Objectivos Gerais:

- ✓ Compreender como os tutores percebem a tutoria realizada por eles próprios no primeiro semestre do programa Maiores de 23;
- ✓ Conhecer como são planeadas, desenvolvidas e avaliadas as ações tutoriais;

BLOCOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	TÓPICOS/QUESTÕES
I BLOCO Legitimação da Entrevista	Estabelecer uma relação com o entrevistado	Iniciar uma interactividade com o entrevistado; Entregar a carta convite e o termo de consentimento livre esclarecido;
	Legitimar a entrevista	Informar o entrevistado sobre os objetivos da investigação; Esclarecer sobre o carácter ético da pesquisa, garantindo o anonimato e a confidencialidade das informações coletadas; Lembrar que a participação na pesquisa é voluntária e solicitar a autorização para gravação da entrevista; Informar que ele pode desistir de participar da pesquisa a qualquer momento;
	Motivar os participantes	Deixar claro para o entrevistado sobre a importância da sua participação na pesquisa;
II BLOCO Tutoria: concepção e ação tutorial do Processo M 23	Identificar a concepção de tutoria	Qual a sua concepção de tutoria?
	Entender como se tornou um tutor.	Como você se tornou tutor no M23? Quanto tempo exerceu a tutoria?
	Tomar conhecimento do tipo de tutoria exercido pelo docente tutor.	Que tipo de tutoria você exerceu nos Maiores de 23?
	Saber se o docente teve formação específica para o exercício da tutoria.	Fale sobre a sua formação para exercer a tutoria.
	Conhecer como se dava a relação tutor- tutorado.	Fale sobre a relação tutor-tutorado na sua ação tutorial.
	Perceber se o exercício da tutoria contribuiu para o desenvolvimento profissional docente.	Qual a contribuição da tutoria para o seu desenvolvimento profissional docente? Que aprendizagens mais significativas você obteve exercendo a tutoria?
	Conhecer o perfil do professor que atua na tutoria do M23.	Qual o perfil de um tutor para atuar no M23? Que características pessoais e profissionais um tutor deve ter ? E o que você trouxe que contribui para o programa?
III Bloco M23 no Curso de Psicologia: Planejamento, desenvolvimento e avaliação das ações	Conhecer um pouco da história da tutoria no M23 no curso de Psicologia.	Há quanto tempo existe esta tutoria nos M23 no seu curso? Há esta tutoria em todos os cursos M23 ou é uma especificidade do curso de Psicologia?
	Conhecer as principais ações da tutoria no M23 do curso de Psicologia da UL	Fale um pouco sobre o funcionamento das ações de planeamento do apoio tutorial no M23. De que modo são planeadas e desenvolvidas as ações de apoio tutorial?

tutoriais		Que tipo de atividades ocorrem e como ocorrem?
	Definir os papéis dos sujeitos implicados na relação tutor-tutorado	Quais os papéis dos sujeitos envolvidos no apoio tutorial (tutor- docente tutor- tutorado) ? Qual a diferença da tutoria do docente tutor e do tutor?
	Perceber o nível de adesão das atividades propostas nas ações tutoriais.	Na sua opinião, houve uma boa adesão às atividades propostas? Justifique.
	Avaliar a tutoria realizada no curso de Psicologia.	Como você avalia a “tutoria do M23?
IV BLOCO Conclusão da entrevista	Encerrar a entrevista	Há algo que eu não perguntei e que você queira acrescentar?
	Agradecer a participação do entrevistado	Agradecer ao entrevistado pela sua colaboração.

APÊNDICE O – GUIÃO DA ENTREVISTA COM COORDENADORA DO PROGRAMA

GUIÃO DA ENTREVISTA COM COORDENADORA DO PROGRAMA

Entrevistados: Coordenadora do programa dos Maiores de 23 do Curso de Psicologia.

Tema: A percepção da coordenadora sobre o M23, sobre o apoio tutorial em todos os seus aspectos: planeamento, desenvolvimento e avaliação das ações tutoriais;

Objectivos Gerais:

- ✓ Compreender como a coordenadora percebe a tutoria realizada no primeiro semestre do programa Maiores de 23;
- ✓ Conhecer como são planeadas, desenvolvidas e avaliadas as ações tutoriais;

BLOCOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	TÓPICOS/QUESTÕES
I BLOCO Legitimação da Entrevista	Estabelecer uma relação com o entrevistado	Iniciar uma interactividade com o entrevistado; Entregar a carta convite e o termo de consentimento livre esclarecido;
	Legitimar a entrevista	Informar o entrevistado sobre os objetivos da investigação; Esclarecer sobre o carácter ético da pesquisa, garantindo o anonimato e a confidencialidade das informações coletadas; Lembrar que a participação na pesquisa é voluntária e solicitar a autorização para gravação da entrevista; Informar que ele pode desistir de participar da pesquisa a qualquer momento;
	Motivar os participantes	Deixar claro para o entrevistado sobre a importância da sua participação na pesquisa;
II BLOCO O M23 NO CURSO DE PSICOLOGIA	Conhecer um pouco da história da tutoria no M23 no curso de Psicologia	Há quanto tempo existe O M23 no Curso de Psicologia? Como surgiu o Programa na instituição?
	Descobrir a forma de subsistência do programa no curso.	De que forma este programa subsiste? Há algum financiamento do governo para o funcionamento deste programa?
	Conhecer o funcionamento do programa na Universidade e no Curso de Psicologia.	Fale um pouco sobre o funcionamento do M23 a nível institucional e a nível de Curso. Como ocorre o processo de inserção do Curso no M23?
	Conhecer as leis e regulamentos que regem o M23.	Que documentos ou leis regem o M23 na instituição. Há documentos ou legislação específicos de cada grupo? (manual, regimentos....)
	Avaliar a tutoria realizada no curso de Psicologia.	Como M23 é avaliado (monitorado) pela instituição?
	Perceber se o M23 tem visibilidade na Universidade e no Curso.	Na sua opinião, o M23 tem visibilidade no Curso e na Universidade ? Ele é reconhecido e valorizado?
III BLOCO	Descobrir os pontos positivos e negativos do M23 na Universidade e no Curso.	Na sua opinião, quais pontos positivos e negativos no desenvolvimento do M23 na Instituição (Curso de Psicologia)?
	Saber o tempo em que a coordenadora exerce tal função.	Há quanto tempo coordena o M23?
	Entender as atividades de coordenação do M23.	Quais as principais atividades que você realiza como coordenadora?

COORDENAÇÃO: FUNÇÕES	Perceber os desafios e as dificuldades enfrentadas pela coordenadora.	Fale sobre os desafios ou dificuldades que você enfrenta no exercício da coordenação.
	Perceber as aprendizagens adquiridas por meio da experiência no M23.	Qual a contribuição desta experiência para o seu desenvolvimento profissional docente? O que você aprendeu neste programa?
IV BLOCO Tutoria: concepção e ação tutorial do Processo M 23	Identificar a concepção de tutoria	Como você compreende a tutoria?
	Tomar conhecimento do tipo de tutoria exercido pelo tutor.	Que tipo de tutoria é exercido nos Maiores de 23? Qual a diferença da tutoria do docente tutor e do tutor?
	Saber se o tutor teve formação específica para o exercício da tutoria.	O tutor tem uma formação específica para exercer a tutoria. Como é feita a seleção de tutores A atividade de tutoria é remunerada?
	Conhecer o perfil do tutor que atua na tutoria do M23.	Na sua opinião, existe um perfil de tutor para atuar no M23? Quais as principais características ou qualidades que um tutor deve ter para exercer a tutoria no M23?
	Avaliar a tutoria realizada no curso de Psicologia	Como a tutoria é avaliada e por quem? Como você avalia a “tutoria do M23?
	Perceber o nível de adesão das atividades propostas nas ações tutoriais.	Na sua opinião, há uma boa adesão às atividades propostas? Justifique.
V BLOCO Conclusão da entrevista	Encerrar a entrevista	Há algo que eu não perguntei e que você queira acrescentar?
	Agradecer a participação do entrevistado	Agradecer ao entrevistado pela sua colaboração.

APÊNDICE P – GUIÃO DA ENTREVISTA COM COORDENADORA DO GAPE

GUIÃO DA ENTREVISTA COM COORDENADORA DO GAPE

Entrevistados: Coordenadora do GAPE

Tema: A percepção da coordenadora do GAPE sobre o apoio tutorial e sobre a mentoria.

Objectivos Gerais:

Compreender o trabalho desenvolvido pelo GAPE;

Perceber as relações entre mentoria e tutoria.

BLOCOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	TÓPICOS/QUESTÕES
I BLOCO Legitimação da Entrevista	Estabelecer uma relação com o entrevistado	Iniciar uma interactividade com o entrevistado; Entregar a carta convite e o termo de consentimento livre esclarecido;
	Legitimar a entrevista	Informar o entrevistado sobre os objetivos da investigação; Esclarecer sobre o carácter ético da pesquisa, garantindo o anonimato e a confidencialidade das informações coletadas; Lembrar que a participação na pesquisa é voluntária e solicitar a autorização para gravação da entrevista; Informar que ele pode desistir de participar da pesquisa a qualquer momento;
	Motivar os participantes	Deixar claro para o entrevistado sobre a importância da sua participação na pesquisa;
II BLOCO O PROJETO DE MENTORIA NO CURSO DE PSICOLOGIA	Conhecer um pouco da história da mentoria.	Há quanto tempo existe o projeto de mentoria?
	Perceber a importância do projeto de mentoria.	Qual a importância deste projeto para o Curso de Psicologia? Este é um projeto específico do curso de Psicologia?
	Conhecer o funcionamento do projeto no Curso de Psicologia.	Fale um pouco sobre o funcionamento da mentoria. Como as pessoas podem se tornar mentores?
	Identificar o perfil de um mentor.	Existem pressupostos básicos para ser um mentor? Que características deve ter uma pessoa para ser um bom mentor?
	Perceber se o projeto de mentoria tem visibilidade na Universidade e no Curso.	Na sua opinião, o projeto de mentoria tem visibilidade no Curso e na Universidade? Ele é reconhecido e valorizado?
	Descobrir os pontos positivos e negativos da mentoria no Curso.	Na sua opinião, quais pontos positivos e negativos da mentoria? Ou quais os limites e possibilidades?
	Identificar a diferença entre a tutoria e a mentoria.	Qual a diferença entre a mentoria e a tutoria em termos de atividades? Na sua opinião, mentoria poderia ser considerada uma tutoria? Justifique.
	Identificar como a mentoria realizada no curso de Psicologia é avaliada.	Como o projeto de mentoria é avaliado (monitorado) pela instituição?
	Conhecer um pouco da história do GAPE.	O que é exatamente o GAPE? Há quanto tempo existe?

III BLOCO COORDENAÇÃO: FUNÇÕES	Saber o tempo em que a coordenadora exerce tal função.	Há quanto tempo coordena o GAPE?
	Entender as atividades realizadas no GAPE.	Quais as principais atividades que você realiza como coordenadora do GAPE?
	Perceber os desafios e as dificuldades enfrentadas pela coordenadora.	Fale sobre os desafios ou dificuldades que você enfrenta no exercício da coordenação do GAPE.
	Identificar a concepção de tutoria	Como você compreende a tutoria? Você considera que a sua atividade também é uma tutoria? Justifique.
	Perceber as aprendizagens adquiridas por meio da experiência no GAPE.	Qual a contribuição desta experiência para o seu desenvolvimento profissional docente? O que você aprendeu no GAPE?
	Perceber o nível de adesão das atividades propostas nas ações tutoriais	Há algo que eu não perguntei e que você queira acrescentar?
V BLOCO Conclusão da entrevista	Encerrar a entrevista	Há algo que eu não perguntei e que você queira acrescentar?
	Agradecer a participação do entrevistado	Agradecer ao entrevistado pela sua colaboração.

APÊNDICE Q – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 (IAD 1)			
EIXO DISCURSIVO: TUTORIA NO PET			
SUB-EIXO DISCURSIVO: Concepções de tutoria			
EXPRESSÕES CHAVES	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>T1-BR: Bom, o próprio nome já diz. Então assim como a palavra mesma diz: Um tutor tem essa função de ajudar os estudantes para que ele cumpra um roteiro, uma linha, receba uma orientação concreta em um determinado assunto. Para que ele depois, futuramente, ele se possam resolver sozinho e ir à frente só. Tutoria na minha concepção é essa aí.</p> <p>IC1</p> <p>T2-BR A tutoria é uma atividade diferenciada daquela que regularmente um docente faz na sua relação com os alunos, Tanto na docência, como na orientação, porque ela tem um caráter mais... mais de geração de uma formação mais autônoma do aluno. Então, ela requer um tipo de atuação diferenciada IC2 ao permitir que o próprio aluno tome suas iniciativas e busque no tutor um guia, um conselheiro, uma pessoa em que ele possa... pela sua experiência buscar direcionamentos, mas que ele, o próprio aluno, tenha autonomia de não só planejar, mas na execução e na avaliação das suas atividades. IC3 Então o tutor seria essa figura que estaria lá para ajudar para dar suporte, para apoiar essas atividades que precisam ser feitas de forma muito autônoma pelo aluno, por ser essa a característica do programa de educação tutorial. IC 1</p> <p>T3-BR: Eu tenho muito mais pela própria</p>	<p>IC1: A tutoria é uma orientação, um apoio, um suporte para ajudar o aluno a realizar as atividades</p> <p>Bom, o próprio nome já diz: um tutor tem essa função de ajudar os estudantes para que ele cumpra um roteiro, uma linha, receba uma orientação concreta em um determinado assunto. Para que, futuramente, ele possa resolver sozinho e ir à frente. Tutoria na minha concepção é essa aí.</p> <p>A gente pensa muito que a tutoria é um papel de acompanhamento, de organização, avaliação e direcionamento de atividades, porque, efetivamente, quem realiza essas atividades são os nossos alunos. Nós direcionamos, acompanhamos, orientamos e avaliamos essas atividades, mas é uma aprendizagem deles, para eles. Então é isso!</p> <p>Eu tenho minhas atividades aqui imaginando que o tutor é aquele professor que vai orientar numa formação mais amíúde do tutorando. Então, têm as questões programáticas que a gente tentar fazer a sociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão que é um desafio!</p> <p>Então o tutor seria essa figura que estaria lá para ajudar para dar suporte, para apoiar essas atividades que precisam ser feitas de forma muito autônoma pelo aluno, por ser essa a característica do programa de educação tutorial.</p> <p>IC2: A tutoria é uma atividade pedagógica, mas diferente daquela que o professor faz</p>	<p>AI: A tutoria é uma orientação</p> <p>A2: A tutoria é uma atividade pedagógica</p>	<p>DSC 1</p> <p>AI: A tutoria é uma orientação</p> <p>IC 1: A tutoria é uma orientação, um apoio, um suporte para ajudar o aluno a realizar as atividades.</p> <p>Bom, o próprio nome já diz: o tutor é aquele professor que vai orientar numa formação mais amíúde do tutorando, ele tem essa função de ajudar os estudantes a enfrentar seus casos, para que eles recebam uma orientação concreta em um determinado assunto. Para que eles, futuramente, possam resolver sozinhos e ir em frente.</p> <p>A tutoria tem um papel de acompanhamento, de organização e avaliação de atividades, de direcionamento, porque, efetivamente, quem realiza essas atividades são os nossos alunos. Nós direcionamos, acompanhamos, orientamos e avaliamos essas atividades, mas é uma aprendizagem deles, para eles. Então, o tutor seria essa figura que estaria lá para ajudar para dar suporte, para apoiar essas atividades que precisam ser feitas de forma muito autônoma pelo aluno. Tutoria na minha concepção é essa aí. Então é isso!</p> <p>DSC 2</p> <p>A2: A tutoria é uma atividade pedagógica</p>

<p>experiência por aquilo que a gente desenvolve com o grupo, [...] uma formação integral uma formação que unisse tanto as dimensões do que seja a atividade acadêmica, ensino, pesquisa, extensão, mas também a formação pessoal, a formação do indivíduo, a formação crítica, então a tutoria na verdade ela atua no sentido de promover e facilitar, [...] através das atividades ações que permitam na prática acontecer essa formação mais abrangente é para nós assim como tutor e dentro dessa concepção é muito mais importante essa formação mais ampla, mais completa, do que simplesmente ter alguém que tecnicamente conheça muito da sua área de formação, tenha conhecimentos aqui da história, das técnicas dos métodos, mas que na verdade acaba não tendo uma... digamos assim, uma formação capaz de pensar criticamente a sociedade, de pensar a universidade inserida num determinado contexto. Então, a tutoria é nesse sentido, a educação tutorial, [...] a ideia é muito mais de um acompanhamento [...] a gente trabalha muito no sentido da autonomia [...] a gente deixa os alunos, não é à vontade, sabe? Mas a gente procura deixar que eles descubram como fazer [...]. IC3 Nós discutimos as soluções coletivamente mas em muitas situações são eles próprios que descobrem e isso, acho, que é fazer tutoria. IC4 A gente cobra o resultado, é evidente, mas muito mais que um resultado, essa proatividade e essa</p>	<p><i>em sala de aula, ou no grupo de iniciação.</i> A tutoria é uma experiência pedagógica muito interessante porque você vai acompanhando o aluno na sua formação integral. É uma atividade diferenciada daquela que regularmente um docente faz na sua relação com os alunos. Então, ela requer um tipo de atuação diferenciada. A ação tutorial ela é uma ação que me permite ao mesmo tempo educar no processo. Essa ação pedagógica, esse acompanhamento que a nós fazemos não deixa de ser uma ação também do educador.</p>		<p>IC2: A tutoria é uma experiência, uma ação pedagógica, mas diferente daquela que o professor faz em sala de aula, ou no grupo de iniciação. A ação tutorial é uma experiência pedagógica que me permite educar no processo. No meu entendimento, essa ação pedagógica, esse acompanhamento que não deixa de ser uma ação também do educador, entretanto, ela é uma atividade diferenciada daquela que regularmente um docente faz na sua relação com os alunos. Em que ela se diferencia, aliás, das outras práticas pedagógicas que eu vejo, é esse estímulo à autonomia do aluno que, na verdade é um processo, que passa a ser conjunto, entre o tutor e o aluno.</p>
<p>Uma formação integral uma formação que unisse tanto as dimensões do que seja a atividade acadêmica, ensino, pesquisa, extensão, mas também a formação pessoal, a formação do indivíduo, a formação crítica, então a tutoria na verdade ela atua no sentido de promover e facilitar, através das atividades ações que permitam na prática acontecer essa formação mais abrangente é para nós assim como tutor e dentro dessa concepção é muito mais importante essa formação mais ampla, mais completa, do que simplesmente ter alguém que tecnicamente conheça muito</p>	<p>IC3: A tutoria é uma prática que promove a formação integral do aluno (pessoal, profissional e acadêmica), desenvolvendo o seu potencial e a sua responsabilidade e autonomia.</p>	<p>A3: A tutoria promove a formação integral do aluno</p>	<p>DSC 3 A3: A tutoria é uma prática que promove a formação integral do aluno. IC3: A tutoria é uma prática que promove a formação integral do aluno (pessoal, profissional e acadêmica), desenvolvendo o seu potencial e a sua responsabilidade e autonomia. A tutoria é uma experiência pedagógica muito interessante porque nós vamos acompanhando o aluno na sua formação integral, tanto as dimensões do que seja a atividade acadêmica, do ponto de vista do conhecimento, do tripé da universidade: ensino, pesquisa, extensão; como também a relação</p>

<p>capacidade de resolver as coisas, a interação, a atividade em grupo. Até porque nós pensamos que o indivíduo quando sai daqui vai enfrentar situações[...].IC3</p> <p>T4-BR: a ação tutorial ela é uma ação que me permite ao mesmo tempo educar [...]Uma educação no processo de... no meu entendimento, essa ação pedagógica, esse acompanhamento que a gente faz não deixa de ser uma ação também do educador IC2 de acompanhamento que permeia todas essas atividades do tripé, E trazendo para o PET, o ensino, a pesquisa, a extensão, então eu acho assim, é uma ação transversal, ao mesmo tempo, porque ela não perpassa só, digamos assim, uma dimensão, ela percorre várias dimensões, essas três dimensões, que é o ensino, a pesquisa e a extensão. E é uma prática que permite... que eu veja esse diferencial, ela permite o protagonismo e autonomia do aluno, na verdade ela não se resume, o que ela se diferencia, aliás, das outras práticas pedagógicas que eu vejo, é esse estímulo à autonomia do aluno. IC3 Na verdade é um processo que passa a ser conjunto, entre o educador que é o professor, o tutor e o aluno. Então ela é uma ação mediada, acho que pode até falar assim. Mediada porque ela não é imposta, não é uma prática que seja imposta pelo tutor, mas é uma prática que é construída, vejo que ela é construída nesse coletivo, que permite essa ação mais autônoma, mais</p>	<p>da sua área de formação, tenha conhecimentos aqui da história, das técnicas dos métodos, mas que na verdade acaba não tendo uma... digamos assim, uma formação capaz de pensar criticamente a sociedade, de pensar a universidade inserida num determinado contexto. Então, a tutoria é nesse sentido, a educação tutorial, a ideia é muito mais de um acompanhamento, a gente trabalha muito no sentido da autonomia, a gente deixa os alunos, não é à vontade, sabe? Mas a gente procura deixar que eles descubram como fazer. A gente cobra o resultado, é evidente, mas muito mais que um resultado, essa proatividade e essa capacidade de resolver as coisas, a interação, a atividade em grupo. Até porque nós pensamos que o indivíduo quando sai daqui vai enfrentar situações. porque ela tem um caráter mais... mais de geração de uma formação mais autônoma do aluno. Então, ela requer um tipo de atuação diferenciada ao permitir que o próprio aluno tome suas iniciativas e busque no tutor um guia, um conselheiro, uma pessoa em que ele possa... pela sua experiência buscar direcionamentos, mas que ele, o próprio aluno, tenha autonomia de não só planejar, mas na execução e na avaliação das suas atividades a ação tutorial ela é uma ação que me permite ao mesmo tempo educar. Uma educação no processo de... no meu entendimento, essa ação pedagógica, esse acompanhamento que a gente faz não deixa de ser uma ação também do educador de acompanhamento que permeia todas essas atividades do tripé, E trazendo para o PET, o ensino, a pesquisa, a extensão,</p>	<p><i>emocional e afetiva durante um processo de formação, e na questão da formação do sujeito crítico, que tenha autonomia e reponsabilidade.</i></p> <p><i>Então, eu vejo a tutoria também como um processo de formação humana do aluno, nós vamos formá-los para eles serem críticos da própria realidade, que ele seja um cidadão, responsável e autônomo, pois, se ele não tiver autonomia, se não tiver iniciativa, responsabilidade e além de tudo um conhecimento, um equilíbrio, um desenvolvimento emocional, se não tiver maturidade como é que ele vai enfrentar a realidade?</i></p> <p><i>Então, a tutoria, na verdade, atua no sentido de promover e facilitar, através das atividades e ações que permitam na prática acontecer essa formação mais abrangente. É muito mais importante essa formação mais ampla, do que simplesmente ter alguém que tecnicamente tenha conhecimentos da sua área, das técnicas, dos métodos, mas que na verdade não é capaz de pensar criticamente a sociedade, de pensar a universidade inserida em um determinado contexto. Então, a tutoria trabalha muito no sentido da autonomia, porque ela tem um caráter de geração de uma formação mais autônoma do aluno, ela requer um tipo de atuação diferenciada ao permitir que o próprio aluno tome suas iniciativas e busque no tutor um guia, um conselheiro, uma pessoa em que ele possa, pela sua</i></p>
--	---	---

<p>protagonista do aluno, para que ele possa também desenvolver aquele plano de ação que é realizado, que na verdade a gente se propõe... a gente se propõe a realizar, e ele é, digamos assim, flexibilizado, por conta das necessidades mesmo do grupo, das necessidades que são apontadas por esses alunos, esses que são tutorados. Fica uma ação muito compartilhada né?</p> <p>IC4</p> <p>T5-BR: [...] a gente pensa muito que a tutoria é um papel de acompanhamento, de organização de atividades, de avaliação de atividades, de direcionamento de atividades, porque, efetivamente, quem realiza essas atividades são os nossos meninos. Nós direcionamos, nós acompanhamos, nós orientamos e nós avaliamos essas atividades, mas é uma aprendizagem deles para eles, né. Então é isso! IC 1</p> <p>T6-BR: [...] Eu tenho minhas atividades aqui imaginando que o tutor é aquele professor que vai orientar numa formação mais amíúde do tutorando né. Então assim nós...têm as questões programáticas que a gente tentar fazer a sociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão que é um desafio IC 1 e ao mesmo tempo a gente aproveitar os potenciais de cada um, tentar ampliar, alguns estudantes, eles chegam muito tímidos demoram a encaixar, outros já chegam mais ou menos pronto então a gente tem que tá nesse entender [...]. É você ter um papel de formador ampliando no que você</p>	<p>então eu acho assim, é uma ação transversal, ao mesmo tempo, porque ela não perpassa só, digamos assim, uma dimensão, ela percorre várias dimensões, essas três dimensões, que é o ensino, a pesquisa e a extensão. E é uma prática que permite... que eu veja esse diferencial, ela permite o protagonismo e autonomia do aluno, na verdade ela não se resume, o que ela se diferencia, aliás, das outras práticas pedagógicas que eu vejo, é esse estímulo à autonomia do aluno que ele, na verdade é um processo que passa a ser conjunto, entre o educador que é o professor, o tutor e o aluno.</p> <p>e ao mesmo tempo a gente aproveitar os potenciais de cada um, tentar ampliar, alguns estudantes, eles chegam muito tímidos demoram a encaixar, outros já chegam mais ou menos pronto então a gente tem que tá nesse entender.É você ter um papel de formador ampliando no que você puder claro dentro das suas limitações, o potencial do formando. Aí a gente faz um papel tanto em termos de questões de conteúdo quanto de questões de ação de conteúdo pra que ele possa é ampliar a programação dentro de uma leitura de modo geral, como também a gente acaba fazendo um papel meio de mãe, psicóloga [risos] porque tem sempre essas questões um grupo nunca funciona sem atrito, você tem que fazer essas mediações, então na minha concepção é eu vou mais ou menos que dentro dos meus princípios éticos, dentro da minha concepção de vida encaminhá-lo para ser um profissional, né, não a minha... modelo e semelhança, mas dentro daqueles critérios que eu acho que o profissional tem...</p> <p>A tutoria é uma experiência</p>	<p><i>experiência, buscar direcionamentos, mas que ele, o próprio aluno, tenha autonomia não só no planejar, mas na execução e na avaliação das suas atividades. Nós não deixamos os alunos à vontade, mas procuramos deixar que eles descubram como fazer. Nós cobramos o resultado, mas muito mais que um resultado, essa proatividade e essa capacidade de resolver as coisas, a interação e a atividade em grupo.</i></p> <p><i>Por fim, a tutoria é uma prática que permite que eu veja esse diferencial, ela permite o protagonismo e autonomia do aluno, e ao mesmo tempo aproveitar os potenciais de cada um, tentarmos ampliar. Alguns estudantes chegam muito tímidos demoram a se encaixar, outros já chegam mais ou menos prontos, então nós temos que entender. Temos um papel de formadores, ampliando no que podemos, dentro das nossas limitações, o potencial do formando. Aí fazemos um papel tanto em termos de questões de conteúdo quanto de questões de ação de conteúdo pra que ele possa ampliar a programação dentro de uma leitura de modo geral. Também acabamos fazendo um papel meio de mãe e pai, psicólogo(a), porque tem sempre essas questões, um grupo nunca funciona sem atrito, temos que fazer essas mediações. Então, na minha concepção, eu vou mais ou menos que dentro dos meus princípios éticos, dentro da minha concepção de vida, encaminhá-lo(a) para ser um profissional dentro</i></p>
--	--	--

<p>puder claro dentro das suas limitações, o potencial do formando. [...] Aí a gente faz um papel tanto em termos de questões de conteúdo quanto de questões de ação de conteúdo pra que ele possa é ampliar a programação dentro de uma leitura de modo geral, como também a gente acaba fazendo um papel meio de mãe, psicóloga porque tem sempre essas questões um grupo nunca funciona sem atrito, você tem que fazer essas mediações, então na minha concepção é eu vou mais ou menos que dentro dos meus princípios éticos, dentro da minha concepção de vida encaminhá-lo para ser um profissional, não a minha semelhança, mas dentro daqueles critérios que eu acho que o profissional tem. IC3</p>	<p>pedagógica muito interessante porque você vai acompanhando o aluno na sua formação integral, tanto na formação do ponto de vista do conhecimento, como também a relação emocional e afetiva durante um processo de formação no caso da Universidade, durante a graduação, que é a questão da formação do sujeito crítico, mas... e que tenha autonomia e que tenha reponsabilidade. Então, eu vejo a tutoria como um processo de formação humana do aluno, ele não é só, nós não vamos só formar alunos para ser professor, nós vamos formar o aluno para eles serem críticos da própria realidade e que ele tenha responsabilidade, que ele seja um cidadão, responsável e autônomo, né. Assim, na minha pedagogia eu desenvolvo muito essa questão da autonomia, porque o aluno vem muito... [...] protegido no próprio ambiente de casa e aqui ele vai enfrentar outra realidade. Então, se ele não tiver autonomia, se ele não tiver iniciativa, responsabilidade e além de tudo um conhecimento e um equilíbrio, sei nem se a gente chama equilíbrio, mas um desenvolvimento emocional, porque se ele não tiver maturidade como é que ele vai enfrentar?</p>		<p><i>daqueles critérios que, não à minha imagem e semelhança, mas dentro daquilo que eu acho que o profissional tem que ter. Até porque nós pensamos que o indivíduo quando sai daqui vai enfrentar situações diversas!</i></p>
<p>T7-BR: A tutoria é uma experiência pedagógica muito interessante porque você vai acompanhando o aluno na sua formação integral IC2 tanto na formação do ponto de vista do conhecimento, como também a relação emocional e afetiva durante um processo de formação no caso da Universidade, durante a graduação [...] que é a questão da formação do sujeito crítico, mas... e que tenha autonomia e que tenha reponsabilidade. Então, eu vejo a tutoria como um processo de formação humana do aluno, ele não é só... nós não vamos só formar alunos para ser professor, nós vamos formar o aluno para eles serem críticos da própria realidade e que ele tenha responsabilidade, que ele seja um cidadão, responsável e autônomo,</p>	<p>IC4: <i>A tutoria não é uma prática imposta, ela é construída, é uma ação mediada.</i></p> <p>Nós discutimos as soluções coletivamente mas em muitas situações são eles próprios que descobrem e isso, acho, que é fazer tutoria , na verdade é um processo que passa a ser conjunto, entre o educador que é o professor, o tutor e o aluno. Então ela é uma ação mediada, acho que pode até falar assim. Mediada</p>	<p>A4: <i>A tutoria é uma ação construída e não imposta.</i></p>	<p>DSC 4 A4: <i>A tutoria é uma ação construída e não imposta.</i> IC4: <i>A tutoria não é uma prática imposta, ela é construída, é uma ação mediada.</i> <i>A tutoria é uma ação mediada, acho que pode até falar assim, porque ela não é uma prática que seja imposta pelo tutor, mas vejo que ela é construída nesse coletivo, que permite essa ação mais autônoma, mais protagonista do</i></p>

<p>né. Assim, na minha pedagogia eu desenvolvo muito essa questão da autonomia, porque o aluno vem muito... [...] protegido no próprio ambiente de casa e aqui ele vai enfrentar outra realidade. Então, se ele não tiver autonomia, se ele não tiver iniciativa, responsabilidade e além de tudo um conhecimento e um equilíbrio, sei nem se a gente chama equilíbrio, mas um desenvolvimento emocional, porque se ele não tiver maturidade como é que ele vai enfrentar?IC3</p>	<p>porque ela não é imposta, não é uma prática que seja imposta pelo tutor, mas é uma prática que é construída, vejo que ela é construída nesse coletivo, que permite essa ação mais autônoma, mais protagonista do aluno, para que ele possa também desenvolver aquele plano de ação que é realizado, que na verdade a gente se propõe... a gente se propõe a realizar, e ele é, digamos assim, flexibilizado, por conta das necessidades mesmo do grupo, das necessidades que são apontadas por esses alunos, esses que são tutorados. Fica uma ação muito compartilhada né?</p>		<p><i>aluno, para que ele possa também desenvolver aquele plano de ação que nós nos propomos a realizar, e ele é, digamos assim, flexibilizado, por conta das necessidades do grupo que são apontadas por esses alunos que são tutorados. Nós discutimos as soluções coletivamente, mas em muitas situações são eles próprios que descobrem e isso, acho, que é fazer tutoria. Fica uma ação muito compartilhada.</i></p>
--	--	--	---

APÊNDICE R – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 (IAD 2)

EIXO DISCURSIVO: PRÁTICA

SUB-EIXO DISCURSIVO: SUB-EIXO: Ação tutorial na prática cotidiana

EXPRESSÕES CHAVES	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>T1-BR: Olha, é um aprendizado contínuo, sabe? Com esses alunos. O PET ele tem uma rotatividade de alunos assim grande, que às vezes acho por um lado bom, por outro lado é ruim, porque você quando tá formando um aluno que tá já se afirmando. Aí o aluno sai, vai se embora e não fica. Aí pra compensar com outro, de novo. No começo o aluno é o mesmo. Você começa um aprendizado com esse aluno também. Por que claro! [...] Todo mundo diferente. Então, você começa com um de novo a formar... uns tem mais dificuldades que outros. Nós também claro, porque nós também temos que aprender a nos ajustar. Esse aprendizado também serve pra nós, porque, nós temos que aprender também com esses alunos, cada temperamento, personalidade de cada um. Aprender com ele. Então, um ajuste também do tutor se amoldar mais ou menos ao que aquele aluno estava fazendo, do jeito dele, até ele aprender o caminho, se afirmar. IC5</p>	<p>IC5: <i>A ação tutorial na prática cotidiana é um aprendizado contínuo para os alunos e para os tutores</i></p> <p>Olha, é um aprendizado contínuo, sabe? Com esses alunos. O PET ele tem uma rotatividade de alunos grande, que às vezes acho por um lado bom, por outro lado é ruim, porque você quando tá formando um aluno que tá já se afirmando, aí o aluno sai, aí pra compensar com outro, você começa um aprendizado com esse aluno também. Por que claro! Todo mundo diferente. Então, você começa de novo a formar, uns têm mais dificuldades que outros. Nós também claro, porque temos que aprender a nos ajustar. Esse aprendizado também serve pra nós porque temos que aprender também com esses alunos, cada temperamento, a personalidade de cada um. Aprender com ele. Então, um ajuste também do tutor se amoldar mais ou menos ao que aquele aluno estava fazendo, do jeito dele, até ele aprender o caminho, se afirmar. Então, as dificuldades a gente resolve aqui dentro, há reuniões mais tensas e são essas dificuldades do cotidiano que vão às vezes cobrando do próprio tutor posições, em que a gente vai lapidando o próprio grupo e se lapidando também nesse trato com a tutoria.</p>	<p>A5: <i>a ação tutorial na prática cotidiana é um aprendizado contínuo para tutores e tutorandos.</i></p>	<p>DSC 5</p> <p>A5: <i>a ação tutorial na prática cotidiana é um aprendizado contínuo para tutores e tutorandos.</i></p> <p>IC5: <i>A ação tutorial na prática cotidiana é um aprendizado contínuo para os alunos e para os tutores</i></p> <p><i>A ação tutorial na prática cotidiana no PET é um aprendizado contínuo porque ele tem uma rotatividade de alunos grande, o que às vezes acho por um lado bom, por outro é ruim. Quando estamos formando um aluno ele sai, aí pra compensar com outro, começamos um aprendizado com esse outro aluno também. Por que todo mundo diferente! Então, começamos de novo a formar, uns têm mais dificuldades que outros. Nós também claro! Esse aprendizado também serve pra nós porque temos que nos ajustar e aprender com esses alunos, com cada temperamento, com a personalidade de cada um. Aprender com ele. Então, um ajuste também do tutor se amoldar mais ou menos ao que aquele aluno estava fazendo, do jeito dele, até ele aprender o caminho e se afirmar. As dificuldades do cotidiano vão às vezes cobrando do próprio tutor posições em que vamos lapidando o próprio grupo e nos lapidando também nesse trato com a tutoria.</i></p>

<p>T2-BR: Bom, eu participo de todas as reuniões, aconselho os alunos, principalmente por conta dessa rotatividade que é grande no PET, pelas experiências que eu já tive na execução de muitas outras tarefas, nos direcionamentos de onde o grupo deve ir, individualmente e como grupo, no planejamento das atividades, na avaliação das atividades, né, da avaliação do que efetivamente foi positivo, do que é que não foi positivo. Então, eu participo de todos esses encontros, me coloco sempre à disposição, recebo muitos alunos fora desses horários dos encontros E dialogo com os alunos, ponderando sobre o quê que é importante, o que não é importante, o quê que poderia ser feito de uma forma mais adequada. E além disso, sirvo também como conselheiro, individualmente para todos os alunos nas atividades fora do PET? Sobre vida acadêmica, sobre carreira acadêmica, sobre estágios, sobre as escolhas que os alunos devem tomar enquanto alunos da universidade, também como profissionais, Então, sirvo também como orientador extra-PET para todos esses alunos.</p> <p>IC6</p> <p>T3-BR: Na prática cotidiana [...] nós temos assim, uma parte mais mecânica do</p>	<p>IC6: A ação tutorial na prática cotidiana acontece por meio da participação das reuniões e de encontros individuais e de encontros extra para resolução de problemas ou para aconselhamento.</p> <p>Bom, eu participo de todas as reuniões, aconselho os alunos, (principalmente por conta dessa rotatividade que é grande no PET) pelas experiências que eu já tive na execução de muitas outras tarefas, nos direcionamentos de onde o grupo deve ir, individualmente e como grupo, no planejamento e na avaliação das atividades, na avaliação do que efetivamente foi positivo e do que não foi positivo. Então, eu participo de todos esses encontros, me coloco sempre à disposição, recebo muitos alunos fora desses horários dos encontros e dialogo com os alunos, ponderando sobre o quê é e o que não é importante, o quê que poderia ser feito de uma forma mais adequada. E além disso, sirvo também como conselheiro(a), individualmente para todos os alunos nas atividades fora do PET, né? É sobre vida acadêmica, sobre estágios, sobre as escolhas que os alunos devem tomar enquanto alunos da universidade, também como profissionais, Então, sirvo também como orientador(a) extra-PET para todos esses alunos. Na prática cotidiana temos uma parte mais mecânica do trabalho, que são as reuniões semanais Agora no dia a dia é esse contato direto. Acho que isso é fundamental, né. Às vezes não é muito, esse contato diário, ele foge ao planejamento, às reuniões, a distribuição de tarefas, das atividades o planejamento tudo o que</p>	<p>A6: Na ação tutorial cotidiana há encontros ordinários e extraordinários</p>	<p>DSC 6</p> <p>A6: Na ação tutorial cotidiana há encontros ordinários e extraordinários.</p> <p>IC6: A ação tutorial na prática cotidiana acontece por meio da participação das reuniões e de encontros individuais e de encontros extra para resolução de problemas ou para aconselhamento.</p> <p><i>Eu posso ter reunião com eles pra ver o acompanhamento das atividades, vai depender de quanto essas atividades estão exigindo deles, da dificuldade de que eles estejam sentindo. Eu participo de todas as reuniões, aconselho os alunos, (principalmente por conta dessa rotatividade que é grande no PET) pelas experiências que eu já tive na execução de muitas outras tarefas, nos direcionamentos de onde o grupo deve ir, individualmente e com o grupo, no planejamento e na avaliação das atividades, do que efetivamente foi e do que não foi positivo. Então, eu participo de todos esses encontros e me coloco sempre à disposição, Recebo muitos alunos fora desses horários dos encontros e dialogo com eles, ponderando sobre o que é importante e o que poderia ser feito de uma forma mais adequada. E, além disso, sirvo também como conselheiro(a), individualmente para todos os alunos nas atividades fora do PET. sobre vida acadêmica, sobre estágios, sobre as escolhas que devem tomar enquanto alunos da universidade, também como profissionais, Então, sirvo também como orientador (a) extra-PET para todos esses alunos.</i></p>
--	---	--	---

<p>trabalho, que são as reuniões semanais [...] Agora assim, no geral, no dia a dia é esse contato direto. Todo o dia estou aqui, entendeu? Acho que isso é fundamental, né. Às vezes não é muito, esse contato diário, ele foge ao planejamento. As reuniões, a distribuição de tarefas, das atividades o planejamento tudo o que acontece dentro do grupo, é meio que dentro de um campo que a gente prevê mais ou menos como as coisas vão acontecer. Mas é no dia a dia, na resolução dos pequenos problemas, dos impasses que vão surgindo, das dificuldades até mesmo porque há dificuldades de trabalhar com o grupo, é difícil? A gente sempre diz que nós temos que garantir a individualidade, a diferença entre eles, nós temos que manter também o nível de coesão também entre o grupo? A forma de lidar internamente nunca</p>	<p>acontece dentro do grupo, é meio que dentro de um campo que a gente prevê mais ou menos como as coisas vão acontecer, né. Mas é no dia a dia, na resolução dos pequenos problemas, dos impasses que vão surgindo, das dificuldades até mesmo porque há dificuldades de trabalhar com o grupo, é difícil? A gente sempre diz que nós temos que garantir a individualidade, a diferença entre eles, nós temos que manter também o nível de coesão também entre o grupo? A forma de lidar internamente nunca deverá ser a forma de lidar, digamos, externamente, nós temos que nos apresentar sempre muito unidos, muito coeso lá fora. Eu posso ter uma reunião com eles pra ver o acompanhamento das atividades. Vai depender das necessidades, dependendo de quanto essas atividades estão exigindo deles, da dificuldade de que eles estejam sentindo.</p>		
<p>deverá ser a forma de lidar, digamos, externamente, nós temos que nos apresentar sempre muito unidos, muito coeso lá fora IC6 Então, as dificuldades a gente resolve aqui dentro, há reuniões mais tensas e tal. São essas dificuldades do cotidiano que vão às vezes cobrando do próprio tutor posições, onde a gente vai lapidando o próprio grupo e se lapidando também nesse trato com a tutoria. IC5 Mas eu acho que é o cotidiano, essa convivência também, que vai muito além do simples fato de ser um professor que passa conhecimento, mas de</p>	<p>IC7: A prática de tutoria no PET inspira a prática pedagógica em sala de aula, é um exercício à prática dialógica.</p> <p>Na prática cotidiana, eu me inspiro no PET, inclusive, para tentar inspirar um pouco a minha prática até pedagógica não só de sala de aula, como também tem tanto de prática nesse movimento de criticidade que os alunos fazem, em tudo que realmente a gente vai se propor a realizar, em todas as atividades. É esse modelo assim que a gente tenta ser, um modelo mais dialógico, participativo, sem ser aquela figura centrada, sem o professor ser o centro naquele momento, mas algo mais participativo.</p>	<p>A7: A ação tutorial cotidiana do PET inspira a prática pedagógica de sala de aula</p>	<p>DSC 7 A7: A ação tutorial cotidiana do PET inspira a prática pedagógica de sala de aula IC7: A prática de tutoria no PET inspira a prática pedagógica em sala de aula, é um exercício à prática dialógica.</p> <p>Na prática cotidiana, eu me inspiro no PET, inclusive, para a minha prática até pedagógica não só de sala de aula, como também tem tanto de prática nesse movimento de criticidade que os alunos fazem, em tudo que nos propomos a realizar, em todas as atividades. É esse modelo assim que tentamos ser, um modelo mais dialógico, participativo, sem ser aquela figura centrada, sem o professor ser o centro naquele momento, mas algo mais participativo.</p>

<p>alguém que congrega um grupo, entendeu? Acho que a tutoria tem essa função e essa parte do conhecimento, nem sempre fica na responsabilidade da formação mais formal, nem sempre fica a cargo somente do tutor porque nós temos as pesquisas individuais e a pesquisa coletiva, não, aí já é mais o tutor, é, já é o tutor mesmo que de certa forma orienta, mas nas pesquisas individuais dos doze, eu tinha três orientandos, digamos assim, dos nove orientandos, nove petianos estavam com orientações nas pesquisas individuais com outros professores do colegiado. Até porque é humanamente impossível a gente orientar doze pesquisas individuais. Então, não há também, eu porque uma coisa que eu preservo é de não trazer só para mim, centralizar todas as responsabilidades, até porque há trabalhos de pesquisa individual que não estão muito no campo de interesse da minha formação, é muito mais importante se tiver outro orientador dentro do colegiado que o próprio tutor, são com outros professores.</p> <p>IC8 T4-BR: Na prática cotidiana, eu me inspiro no PET, inclusive, para tentar inspirar um pouco a minha prática até pedagógica, assim de sala de aula, não só de sala de aula como também tem tanto de prática? Desse movimento de criticidade que os alunos fazem, tudo que realmente a gente vai se propor a realizar, todas as atividades. É esse modelo assim que a</p>	<p>IC8: A ação tutorial do PET congrega o grupo de alunos do PET com outros professores do curso.</p> <p>Mas eu acho que é o cotidiano, essa convivência também, que vai muito além do simples fato de ser um professor que passa conhecimento, mas de alguém que congrega um grupo, entendeu? Acho que a tutoria tem essa função e essa parte do conhecimento, nem sempre fica na responsabilidade da formação mais formal, nem sempre fica a cargo somente do tutor porque nós temos as pesquisas individuais e a pesquisa coletiva. Nas pesquisas individuais dos doze, eu tinha três orientandos, digamos assim, dos nove orientandos, nove petianos estavam com orientações nas pesquisas individuais com outros professores do colegiado. Até porque é humanamente impossível a gente orientar doze pesquisas individuais. Então, uma coisa que eu preservo é de não trazer só para mim, centralizar todas as responsabilidades, até porque há trabalhos de pesquisa individual que não estão muito no campo de interesse da minha formação, até porque é muito mais importante se tiver outro orientador dentro do colegiado que o próprio tutor, são com outros professores.</p>	<p>A8: A ação tutorial do PET congrega alunos e professores do curso.</p>	<p>DSC 8 A8: A ação tutorial do PET congrega alunos e professores do curso IC8: A ação tutorial do PET congrega o grupo de alunos do PET com outros professores do curso.</p> <p><i>Eu acho que o cotidiano, essa convivência vai muito além do simples fato de ser um professor que passa conhecimento, mas de alguém que congrega um grupo. Acho que a tutoria tem essa função e essa da formação mais formal nem sempre fica a cargo somente do tutor, porque no PET nós temos as pesquisas individuais e a pesquisa coletiva. É humanamente impossível a gente orientar doze pesquisas individuais. Então, uma coisa que eu preservo é de não trazer só para mim, centralizar todas as responsabilidades, porque há trabalhos de pesquisas individuais que não estão muito no campo de interesse da minha formação e é muito mais importante se tiver outro orientador dentro do colegiado que não somente o próprio tutor, são outros professores.</i></p>
--	---	--	--

<p>gente tenta ser, um modelo mais dialógico, participativo, sem ser aquela figura centrada, sem o professor aliás ser o centro naquele momento, mas algo mais mesmo participativo.</p> <p>IC7</p> <p>T5-BR: Eu posso ter uma reunião com eles, de 15 em 15 dias ou posso ter de mês em mês, pra ver o acompanhamento dessas atividades. Vai depender das necessidades, dependendo de quanto essas atividades estão exigindo deles, da dificuldade de que eles estejam sentindo. IC6</p>			
---	--	--	--

APÊNDICE S – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 3 (IAD 3)			
SUB-EIXO DISCURSIVO: ASPECTOS DA AÇÃO TUTORIAL NO PET			
EXPRESSÕES CHAVES	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>T1-BR: É, porque acontece, tem alunos com estilo de vida que ele escolhe [...]. Tem que respeitar. Vai da compostura que você tem, eu gosto muito sabe por que, eu vejo todos iguais. Eu mantenho a integridade de cada um. Respeitar a individualidade de cada um. Considerar a pessoa né? Respeitá-lo. Isso eu acho muito bonito. Talvez essa troca mútua.IC9.1</p> <p>Então esse convívio que nós temos de tutoria com os alunos ele é muito enriquecedor no aprendizado em todos os aspectos, porque nós temos que lidar além das três vertentes, da questão da pesquisa, extensão e ensino, ainda temos que lidar com questões emocionais, questões pessoais, familiares que acontecem com eles, que eles às vezes não se abrem pra todo mundo, mas o tutor é como um pai, né, às vezes, o aluno vem aqui, a gente percebe que ele tá lá travado, alguma coisa não está bem com ele e fala “Ei, vem cá. O que tá acontecendo?” Eu prefiro chamá-lo aqui. Individualmente, nós trabalhamos com eles individualmente. Quando vejo coisas, pego eles, chamo aqui, senta aí, fecha aí, vamos conversar e morreu tudo aqui. Ninguém sabe mais de nada. E isso tem sido assim, temos momentos muito bons, também porque quando o aluno se abre com confiança diz o que tá acontecendo seus problemas ele reage muito bem, positivamente, tanto que depois começa a andar as coisas direitinhas. IC9.2</p> <p>Depois que ele se abre, inclusive nós temos um período de avaliação pessoal, então a pessoa abre, exterioriza suas coisas que ficam guardadas ali dentro[...] os</p>	<p>IC9: Aspectos Psicológicos: IC9.1: Respeito à individualidade do aluno</p> <p>T1-BR: É, porque acontece, tem alunos assim com estilo de vida que ele escolhe. Tem que respeitar. Vai da compostura que você tem, eu gosto muito sabe por que, eu vejo todos iguais. Eu mantenho a integridade de cada um. Respeitar a individualidade de cada um. Considerar a pessoa. Respeitá-lo. Isso eu acho muito bonito. Talvez essa troca mútua...</p> <p>IC9.2: Aspectos psicológicos: questões emocionais, pessoais e familiares.</p> <p>Então esse convívio que nós temos de tutoria com os alunos ele é muito enriquecedor no aprendizado em todos os aspectos, porque nós temos que lidar além das três vertentes, da questão da pesquisa, extensão e ensino, ainda temos que lidar com questões emocionais, questões pessoais, familiares que acontecem com eles, que eles às vezes não se abrem pra todo mundo, mas o tutor é como um pai, às vezes, o aluno vem aqui, a gente percebe que ele tá lá travado, alguma coisa não está bem com ele e fala “Ei, vem cá. O que tá acontecendo?” Eu prefiro chamá-lo aqui. Individualmente, nós</p>	<p>A9: A ação tutorial prima pelos aspectos psicológicos: respeito à individualidade, questões emocionais, pessoais e familiares, desenvolvimento da confiança e da autoestima.</p>	<p>DSC 9 A9: A ação tutorial prima pelos aspectos psicológicos.</p> <p>IC9.1: Respeito à individualidade do aluno.</p> <p>O aluno tem o estilo de vida que ele escolhe. Tem que respeitar. Vai da compostura que nós temos. Eu gosto muito porque eu vejo todos iguais, mantenho a integridade e respeito a individualidade de cada um. Isso eu acho muito bonito, essa troca mútua...</p> <p>IC9.2:Aspectos psicológicos: questões emocionais, pessoais e familiares.</p> <p>Esse convívio que nós temos de tutoria com os alunos é muito enriquecedor no aprendizado em todos os aspectos, porque além das três vertentes, da pesquisa, extensão e ensino, ainda temos que lidar com questões emocionais, pessoais, familiares que acontecem com eles. Eles não se abrem pra todo mundo, mas o(a) tutor(a) é como um pai ou uma mãe. Ao conversarmos sobre as dificuldades que eles estão tendo na realização das tarefas, vem as dificuldades da vida pessoal de cada um. Então, essas dificuldades batem no nosso rosto com muita frequência. Nós, em determinados momentos, somos o(a) professor(a), psicólogo(a), também, porque os alunos são muito frágeis, essa nova geração. Tudo faz com que eles desabem. Qualquer</p>

<p>elogios, também sempre tem que haver elogio, nunca pode centrar-se apenas nas falhas, isso é muito ruim! E procuramos centrar nas coisas positivas pra no final depois falar “olha a coisa que tem que melhorar é isso”. Inclusive até eu! Passo pela peneira eu passo pela peneira também! IC9.3</p> <p>T2-BR: Essa formação técnica, acadêmica, técnica, passa por mim até certa escala mas ela é também, é feita por muito por outros professores. Nas pesquisas que os alunos fazem, eles têm vinculação com outros professores, outros laboratórios de pesquisa, então essa vinculação técnica se dá também por conta de outros professores, mas essa mais social, a mais crítica, eu, particularmente tenho essa preocupação muito grande porque a formação que um cientista de área X recebe é puramente técnica, ela é completamente técnica, o que gera um profissional completamente desvinculado da realidade social em que ele está inserido IC10.1</p> <p>T3-BR: E existem também atividades realizadas pelo grupo que são atividades de extensão, atividades externas que se enquadram muito mais nesse perfil de uma orientação social, crítica do que meramente técnica. Embora tenha aquele aspecto de preparar um conteúdo, mas eu acho que eles ganham muito mais pela experiência e pela colaboração que tem de haver entre eles para que negócio saia direito. IC10.1</p> <p>T4-BR: Acho que os dois, tanto de técnico-pedagógico, quanto crítico-social e psicológica, eu acho que são ações que não dão para ser dissociadas? Em alguns momentos a gente vê a necessidade de a gente está tendo uma ação mais técnica, até pela questão do conhecimento que a gente tem, da área e das suas especialidades. Mas tem muito momento também que tudo</p>	<p>trabalhamos com eles individualmente. Quando vejo coisas, pego eles, chamo aqui, senta aí, fecha aí, vamos conversar e morreu tudo aqui. Ninguém sabe mais de nada. Ao conversarmos sobre as dificuldades que eles estão tendo na realização das tarefas, vem as dificuldades da vida pessoal de casa um. Então, essas dificuldades batem no nosso rosto, é... com muita frequência. E aí entra o sofá do analista, né, porque discuti em casa, discuti com o namorado, afora as questões pessoais aí de saúde, às vezes não entende porque a pessoa tá faltando a pessoa pede sigilo. A gente, em determinados momentos, é a professor(a), psicólogo(a), também, porque esses meninos são muito frágeis, essa nova geração. Tudo faz com que eles desabem. Qualquer tipo de mudança no contexto deles parece que é um “Deus-nos-acuda” e eles se desorientam. Os pais tão se separando, o menino tem 24 anos, mas isso é um trauma horrível, então eles ficam completamente desorientados, aí lá vai o(a) professor(a) tutor(a) conversar pra saber o que tá acontecendo, em que que pode ajudar...</p> <p>IC9.3: Aspectos psicológicos: desenvolvimento da confiança e da autoestima.</p> <p>Depois que ele se abre, inclusive, nós temos um período de avaliação pessoal, então a pessoa</p>		<p><i>tipo de mudança no contexto deles parece que é um “Deus-nos-acuda” e eles se desorientam. Os pais estão se separando, o menino tem 24 anos, mas isso é um trauma horrível, então eles ficam completamente desorientados, aí lá vai o(a) professor(a) tutor(a) conversar pra saber o que tá acontecendo, em que que pode ajudar. E aí entra o sofá do analista, porque discuti em casa, discuti com o namorado, afora as questões pessoais aí de saúde, às vezes não entende porque a pessoa tá faltando a pessoa pede sigilo. Às vezes, o aluno vem aqui, percebemos que alguma coisa não está bem e nós trabalhamos com ele individualmente. E isso tem sido assim, temos momentos muito bons resultados, também porque quando o aluno se abre com confiança, diz o que está acontecendo, seus problemas, ele reage muito bem, positivamente, tanto que depois começa a andar as coisas direitinhas.</i></p> <p>IC9.3: Aspectos psicológicos: desenvolvimento da confiança e da autoestima</p> <p><i>Depois que ele se abre, inclusive, nós temos um período de avaliação pessoal, então a pessoa abre, exterioriza suas coisas que ficam guardadas ali dentro. Os elogios também sempre tem que haver elogio nunca pode centrar-se apenas nas falhas, isso é muito ruim! E procuramos centrar nas coisas positivas pra no final depois falar “olha a coisa que tem que melhorar!”. Inclusive até eu! Passo pela peneira também!</i></p>
---	---	--	--

<p>nos leva a essa criticidade, a essa questão também do lado social e do lado psicológico, então não dá para dissociar. Principalmente trabalhando com pessoas. IC11</p> <p>T5-BR:Ultimamente, os meninos andam muito preocupados com o mercado de trabalho, então nós estamos pensando em atividades, também que elejam qualidades do mercado de trabalho que eles gostariam de adquirir, não somente ligada à Academia, à docência, ao ensino, à pesquisa, mas também voltada para o mercado de trabalho. Mas essa ideia é uma ideia recente, Nós pensamos em alguns minicursos que tentem dar conta de lacunas que não existem na formação deles e que seja interessante para o mercado de trabalho. IC10.3</p> <p>Ao conversarmos sobre as dificuldades que eles têm tendo na realização das tarefas, vem as dificuldades da vida pessoal de casa um. Então, essas dificuldades batem no nosso rosto, é... com muita frequência.</p> <p>A gente, em determinados momentos, é a professor(a), psicólogo(a), também, porque... esses meninos são muito frágeis, essa nova geração. Tudo faz com que eles desabem. Qualquer tipo de mudança no contexto deles parece que é um “Deus-nos-acuda” e eles se desorientam. Os pais vão se separando, o menino tem 24 anos, mas isso é um trauma horrível, então eles ficam completamente desorientados, aí lá vai o(a) professor(a) tutor(a) conversar pra saber o que tá acontecendo, em que que pode ajudar...IC9.2</p> <p>T6-BR:E dentro dessa perspectiva as questões ético-sociais, ou seja, o compromisso da ciência, como é que ela vai chegar, quais são as consequências desse trabalho, acabam sendo perpassadas por essa discussão, porque a gente tá pensando assim, conhecer o mundo, entender o mundo ao</p>	<p>abre, exterioriza suas coisas que ficam guardadas ali dentro. E isso tem sido assim, temos momentos muito bons, também porque quando o aluno se abre com confiança diz o que tá acontecendo seus problemas ele reage muito bem, positivamente, tanto que depois começa a andar as coisas direitinhas. Os elogios, também sempre tem que haver elogio, nunca pode centrar-se apenas nas falhas, isso é muito ruim! E procuramos centrar nas coisas positivas pra no final depois falar “<i>olha a coisa que tem que melhorar é isso</i>”. Inclusive até eu! Passo pela peneira eu passo pela peneira também!</p>		
<p>A gente, em determinados momentos, é a professor(a), psicólogo(a), também, porque... esses meninos são muito frágeis, essa nova geração. Tudo faz com que eles desabem. Qualquer tipo de mudança no contexto deles parece que é um “Deus-nos-acuda” e eles se desorientam. Os pais vão se separando, o menino tem 24 anos, mas isso é um trauma horrível, então eles ficam completamente desorientados, aí lá vai o(a) professor(a) tutor(a) conversar pra saber o que tá acontecendo, em que que pode ajudar...IC9.2</p> <p>T6-BR:E dentro dessa perspectiva as questões ético-sociais, ou seja, o compromisso da ciência, como é que ela vai chegar, quais são as consequências desse trabalho, acabam sendo perpassadas por essa discussão, porque a gente tá pensando assim, conhecer o mundo, entender o mundo ao</p>	<p>IC10: Aspectos Sociais IC10.1: A ação tutorial promove a formação sócio crítica.</p> <p>Essa formação técnica, acadêmica, passa por mim até certa escala, mas ela é também, é feita por muito por outros professores. Nas pesquisas que os alunos fazem, eles têm vinculação com outros professores, outros laboratórios de pesquisa, então essa vinculação técnica se dá também por conta de outros professores, mas essa mais social, a mais crítica, eu, particularmente tenho essa preocupação muito grande porque a formação que um cientista de área X recebe é puramente técnica, ela é completamente técnica, o que gera um profissional completamente desvinculado da</p>	<p>A10.1: Aspectos Sociais: Formação sócio crítica,</p> <p>A10.2: Aspectos Sociais: Desenvolvimento da consciência coletiva.</p> <p>A10.3: Aspectos Sociais: formação profissional.</p>	<p>DSC 10 A10.1: A ação tutorial desenvolve aspectos sociais, promove uma formação crítica. IC10.1: Aspectos Sociais: Formação sócio crítica.</p> <p>Essa formação técnica e acadêmica passa por mim até certa escala, mas ela também é feita por muito outros professores. Nas pesquisas que os alunos fazem, eles têm vinculação com outros professores, outros laboratórios de pesquisa, então essa vinculação técnica se dá também por conta de outros professores, mas essa mais social, a mais crítica, aí essa sim que é uma especial, eu, particularmente tenho essa preocupação muito grande porque a formação que um cientista de qualquer área recebe é puramente técnica, o que gera um profissional completamente desvinculado da realidade social em que ele está inserido.</p>

<p>seu redor e como atuar ele de profissional de uma forma socialmente comprometida no bom sentido, pensando na sociedade e muitas diferenças. Nós estamos na reflexão mesmo que seja ali num pouquinho numa escola, é eu trabalhar no sentido da busca de uma igualdade. Então, isso mexe muito com os valores deles. Alguns já vêm mais acostumados a essa discussão, outros, começa a cair a ficha, porque começa a entender que o mundo não é aquele mundo que ele estava visualizando na globo, nos shoppings, não sei onde, e aí a gente tem pontuado não que seja ruim, a gente tem que entender, mas compreender dói, eu não sei quem foi que disse é... <i>'entender dói, mas é melhor do que ser massa de manobra'</i>. Então, é nesse sentido! Quando mexe com as questões sociais e desentendimento e isso também se reflete no comportamento dele na vida.</p> <p>IC10.1 E aí entra o sofá do analista, né, porque discutiu em casa, discutiu com o namorado, afora as questões pessoais aí de saúde, às vezes não entende porque a pessoa tá faltando a pessoa pede sigilo.</p> <p>IC9.2 T7-BR: Porque essa convivência coletiva, por exemplo, como conviver com pessoas de gênero diferente, concepções religiosas e teóricas diferente... [...] entram alunos de todas as ideologias, não necessariamente que seja de uma minha ,ou seja, de outra, tem aluno que participa do movimento estudantil, tem aluno que não participa, então, há ... é um caldal de ideias ali dentro e há embates. Enriquece e eu muitas vezes tenho que ter essa determinação. A outra coisa é que na academia a gente tem muito o aluno na questão do ideal, eu faço com que eles coloquem muito o pé no chão, por exemplo, tudo ali é adquirido pelo PET, pela bolsa vem também com o dinheiro para manter o PET, e por exemplo, uma coisa séria é</p>	<p>realidade social em que ele está inserido. E existem também atividades realizadas pelo grupo que são atividades de extensão, atividades externas que se enquadram muito mais nesse perfil de uma orientação social, crítica do que meramente técnica. Embora tenha aquele aspecto de preparar um conteúdo, mas eu acho que eles ganham muito mais pela experiência e pela colaboração que tem de haver entre eles para que negócio saia direito. E dentro dessa perspectiva as questões ético-sociais, ou seja, o compromisso da ciência, como é que ela vai chegar, quais são as consequências desse trabalho, acabam sendo perpassadas por essa discussão, porque a gente tá pensando assim, conhecer o mundo, entender o mundo ao seu redor e como atuar ele de profissional de uma forma socialmente comprometida no bom sentido, pensando na sociedade e... muitas diferenças. Nós estamos na reflexão mesmo que seja ali num pouquinho numa escola, é eu trabalhar no sentido da busca de uma igualdade. Então, isso mexe muito com os valores deles. Alguns já vêm mais acostumados a essa discussão, pra outros, começa a cair a ficha, porque começa a entender que o mundo não é aquele mundo que ele estava visualizando na globo, nos shoppings, não sei onde, e aí a gente tem pontuado não que seja ruim, a gente tem que entender, mas compreender dói, eu não sei quem foi que disse</p>	<p><i>As atividades realizadas pelo grupo que são atividades de extensão, atividades externas se enquadram muito mais nesse perfil de uma orientação social, crítica do que meramente técnica. Embora tenha aquele aspecto de preparar um conteúdo, mas eu acho que eles ganham muito mais pela experiência e pela colaboração que tem de haver entre eles para que negócio saia direito. Dentro dessa perspectiva as questões ético-sociais, ou seja, o compromisso da ciência, como é que ela vai chegar, quais são as consequências desse trabalho, acabam sendo perpassadas por essa discussão, porque pensamos assim, conhecer o mundo, entender o mundo ao seu redor e como atuar, ele como profissional de uma forma socialmente comprometida, pensando na sociedade. Nós estamos na reflexão, mesmo que seja ali num pouquinho, numa escola, é eu trabalhar no sentido da busca de uma igualdade. Então, isso mexe muito com os valores deles. Alguns já vêm mais acostumados a essa discussão, pra outros, começa a cair a ficha, porque começa a entender que o mundo não é aquele mundo que ele estava visualizando na globo, nos shoppings, não sei onde, e aí a gente tem pontuado, não que seja ruim, a gente tem que entender, mas compreender dói, eu não sei quem foi que disse 'entender dói, mas é melhor do que ser massa de manobra'. Então, é nesse sentido! Quando mexe com as questões sociais, isso também se reflete no comportamento dele na vida.</i></p>
--	---	---

<p>o uso dos materiais, é o uso coletivo, é, não é o uso individual. Então isso do ponto de vista político eles condenam quando não sabem usar. Mas muitas vezes a gente encontra o aluno nessa contradição. Aí a gente chama. Então é muito essa questão da formação humana, do saber dividir, o respeito pelo público, a dificuldade da própria Universidade, então eles saem muito mais maduro do ponto de vista ideológico. Outra coisa que eles aprendem muito é a gerir, porque nós somos administrados por comissões.</p> <p>IC10.2 O PET tem uma característica que é o desenvolvimento coletivo do grupo. Então, é um programa geracional porque ao mesmo tempo vão saindo bolsistas e vão entrando, então sempre tem um grupo mais velho, um grupo intermediário e um grupo novo. Então, como é que eu desenvolvo isso? Eu desenvolvo coletivamente, nós colocamos na mesa como um projeto que nós desenvolvemos durante um ano, todo ano tem um projeto para desenvolver, os alunos ajudam, dão opinião e nós desenvolvemos todas aquelas atividades coletivamente. Como é as responsabilidades, tem os mais velhos e todas as atividades são compostas assim, um aluno mais velho, um intermediário e um aluno mais novo. Essas ações eles tem total responsabilidade de fazer, sendo que impedimentos, os entraves, a gente traz para o grupo e o grupo se manifesta e eu como tutor(a) também me manifesto. É uma atividade muito boa, mas ela é difícil porque vai envolver formas, vai envolver seres humanos porque cada um tem sua forma, sua concepção. Tem os que estão chegando e os seres humanos têm especificidades, então, como é que eu vou levar aquele grupo para aqueles objetivos observando essas especificidades e dirigindo para que a gente consiga</p>	<p><i>‘entender dói, mas é melhor do que ser massa de manobra’.</i> Então, é nesse sentido! Quando mexe com as questões sociais e desentendimento e isso também se reflete no comportamento dele na vida.</p> <p>IC10.2: A ação tutorial promove a consciência coletiva.</p> <p>Essa convivência coletiva, por exemplo, como conviver com pessoas de gêneros diferentes, concepções religiosas e teóricas diferente... entram alunos de todas as ideologias, não necessariamente que seja de uma minha ,ou seja, de outra, tem aluno que participa do movimento estudantil, tem aluno que não participa, então, é um caldeirão de ideias ali dentro e há embates. Enriquece. E eu muitas vezes tenho que ter essa determinação. A outra coisa é que na academia a gente tem muito o aluno na questão do ideal, eu faço com que eles coloquem muito o pé no chão, por exemplo, tudo ali é adquirido pelo PET, pela bolsa vem também com o dinheiro para manter o PET, e por exemplo, uma coisa séria é o uso dos materiais, é o uso coletivo, é, não é o uso individual. Então isso do ponto de vista político eles condenam quando não sabem usar. Mas muitas vezes a gente encontra o aluno nessa contradição. Aí a gente chama. Então é muito essa questão da formação humana, do saber dividir, o respeito pelo público, a</p>	<p>A10.2: Aspectos Sociais: consciência coletiva. IC10.2: A ação tutorial promove a consciência coletiva.</p> <p><i>O PET tem uma característica que é o desenvolvimento coletivo do grupo. Então, é um programa geracional porque ao mesmo tempo vão saindo bolsistas e vão entrando, então sempre tem um grupo mais velho, um grupo intermediário e um grupo novo. Então, como é que eu desenvolvo isso? Eu desenvolvo coletivamente, nós colocamos na mesa como um projeto que nós desenvolvemos durante um ano, todo ano tem um projeto para desenvolver, os alunos ajudam, dão opinião e nós desenvolvemos todas aquelas atividades coletivamente. Como é as responsabilidades, tem os mais velhos e todas as atividades são compostas assim, um aluno mais velho, um intermediário e um aluno mais novo. Essas ações eles tem total responsabilidade de fazer, sendo que impedimentos, os entraves, a gente traz para o grupo e o grupo se manifesta e eu como tutor(a) também me manifesto. É uma atividade muito boa, mas ela é difícil porque vai envolver formas, vai envolver seres humanos porque cada um tem sua forma, sua concepção. Tem os que estão chegando e os seres humanos têm especificidades, então, como é que eu vou levar aquele grupo para aqueles objetivos observando essas especificidades e dirigindo para que a gente consiga aqueles objetivos, claro que há frustrações, mas na tentativa de formar</i></p>
--	--	--

<p>aqueles objetivos, claro que há frustrações, mas na tentativa de formar aquela pessoa, dele crescer em conjunto, e ter ali resultado, não só para o grupo mas na própria graduação. É tanto que a gente sabe que os cursos que tem o Programa de Educação Tutorial, eles são melhores no ponto de vista da graduação, porque todas as atividades são pensadas, as ações que eles desenvolvem da pesquisa, a extensão e do ensino, todos os projetos são pensados em conjunto para a graduação. IC10.2</p>	<p>dificuldade da própria Universidade, então eles saem muito mais maduro do ponto de vista ideológico. Outra coisa que eles aprendem muito é a gerir, porque nós somos administrados por comissões. O PET tem uma característica que é o desenvolvimento coletivo do grupo. Então, é um programa geracional porque ao mesmo tempo vão saindo bolsistas e vão entrando, então sempre tem um grupo mais velho, um grupo intermediário e um grupo novo. Então, como é que eu desenvolvo isso? Eu desenvolvo coletivamente, nós colocamos na mesa como um projeto que nós desenvolvemos durante um ano, todo ano tem um projeto para desenvolver, os alunos ajudam, dão opinião e nós desenvolvemos todas aquelas atividades coletivamente. Como é as responsabilidades, tem os mais velhos e todas as atividades são compostas assim, um aluno mais velho, um intermediário e um aluno mais novo. Essas ações eles tem total responsabilidade de fazer, sendo que impedimentos, os entraves, a gente traz para o grupo e o grupo se manifesta e eu como tutor(a) também me manifesto. É uma atividade muito boa, mas ela é difícil porque vai envolver formas, vai envolver seres humanos porque cada um tem sua forma, sua concepção. Tem os que estão chegando e os seres humanos têm especificidades, então,</p>		<p><i>aquela pessoa, dele crescer em conjunto, e ter ali resultado, não só para o grupo mas na própria graduação. É tanto que a gente sabe que os cursos que tem o Programa de Educação Tutorial, eles são melhores no ponto de vista da graduação, porque todas as atividades são pensadas, as ações que eles desenvolvem da pesquisa, a extensão e do ensino, todos os projetos são pensados em conjunto para a graduação. Essa convivência coletiva, como conviver com pessoas de gêneros diferentes, concepções religiosas e teóricas diferentes, porque entram alunos de todas as ideologias, não necessariamente que seja de uma minha, ou seja de outra, tem aluno que participa do movimento estudantil, tem aluno que não participa, então, é um caldal de ideias ali dentro e há embates. Enriquece. E eu muitas vezes tenho que ter essa determinação. A outra coisa é que na academia a gente tem muito o aluno na questão do ideal, eu faço com que eles coloquem muito o pé no chão, por exemplo, tudo ali é adquirido pelo PET, pela bolsa vem também com o dinheiro para manter o PET, e por exemplo, uma coisa séria é o uso dos materiais, é o uso coletivo, é, não é o uso individual. Então isso do ponto de vista político eles condenam quando não sabem usar. Mas muitas vezes a gente encontra o aluno nessa contradição. Aí a gente chama. Então é muito essa questão da formação humana, do saber dividir, o respeito pelo público, a dificuldade da própria Universidade, então eles saem muito mais maduro do ponto de vista ideológico, sabe? Outra coisa que eles</i></p>
---	---	--	---

	<p>como é que eu vou levar aquele grupo para aqueles objetivos observando essas especificidades e dirigindo para que a gente consiga aqueles objetivos, claro que há frustrações, mas na tentativa de formar aquela pessoa, dele crescer em conjunto, e ter ali resultado, não só para o grupo mas na própria graduação. É tanto que a gente sabe que os cursos que tem o Programa de Educação Tutorial, eles são melhores no ponto de vista da graduação, porque todas as atividades são pensadas, as ações que eles desenvolvem da pesquisa, a extensão e do ensino, todos os projetos são pensados em conjunto para a graduação. .</p> <p><i>IC10.3: A ação tutorial reflete sobre o desenvolvimento profissional.</i></p> <p>Ultimamente, os meninos andam muito preocupados com o mercado de trabalho, então nós estamos pensando em atividades que elejam qualidades do mercado de trabalho que eles gostariam de adquirir, não somente ligada à academia, à docência, ao ensino, à pesquisa, mas também voltada para o mercado de trabalho. Mas essa ideia é uma ideia recente, Nós pensamos em alguns minicursos que tentem dar conta de lacunas que não existem na formação deles e que seja interessante para o mercado de trabalho.</p>		<p><i>aprendem muito é a gerir, porque nós somos administrados por comissões.</i></p> <p><i>A10.3. Aspectos Sociais: formação profissional.</i></p> <p><i>IC10.3: A ação tutorial reflete sobre o desenvolvimento profissional.</i></p> <p><i>Ultimamente, os meninos andam muito preocupados com o mercado de trabalho, então nós estamos pensando em atividades que elejam qualidades do mercado de trabalho que eles gostariam de adquirir, não somente ligada à academia, à docência, ao ensino, à pesquisa, mas também voltada para o mercado de trabalho. Mas essa ideia é uma ideia recente, Nós pensamos em alguns minicursos que tentem dar conta de lacunas que não existem na formação deles e que seja interessante para o mercado de trabalho.</i></p>
--	--	--	---

	<p>ICII: <i>Indissociabilidade entre os aspectos técnico-pedagógico, crítico-social e psicológico.</i></p> <p>Acho que os dois, tanto de técnico-pedagógico, quanto crítico-social e psicológica, eu acho que são ações que não dão para ser dissociadas né? Em alguns momentos a gente vê a necessidade de a gente está tendo uma ação mais técnica, até pela questão do conhecimento que a gente tem na nossa área, que é uma área e das suas especialidades. Mas tem muito momento também que nos leva a essa criticidade, a essa questão também do lado social e do lado psicológico, então não dá para dissociar. Principalmente trabalhando com pessoas.</p>	<p>AII: <i>Os aspectos técnico-pedagógico, crítico-social e psicológico são indissociáveis na ação tutorial.</i></p>	<p>DSC II AII: <i>Os aspectos técnico-pedagógico, crítico-social e psicológico são indissociáveis na ação tutorial.</i></p> <p>ICII: <i>Indissociabilidade entre os aspectos técnico-pedagógico, crítico-social e psicológico.</i></p> <p><i>Na minha ação tutorial estão presentes tanto os aspectos técnico-pedagógico, quanto crítico-social e psicológica, eu acho que são ações que não dão para ser dissociadas. Em alguns momentos a gente vê a necessidade ter uma ação mais técnica, até pela questão do conhecimento que a gente tem da área e das suas especialidades. Mas tem muitos momentos também que nos levam a essa criticidade, a essa questão também do lado social e do lado psicológico, então não dá para dissociar. Principalmente trabalhando com pessoas.</i></p>
--	---	---	--

APÊNDICE T – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 4 (IAD 4)			
SUB-EIXO DISCURSIVO: Relação tutor – tutorando			
EXPRESSÕES CHAVES	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>T1-BR: Cada aluno é um mundo, uma cabeça. Tem as moças, tem os rapazes. Eu procuro dar uma atenção personalizada. (IC12) Então nós temos assim, o trabalho em grupo, os encontros em grupo pra falar um pouco das coisas do andamento do grupo, mas depois cada aluno tem um espaço de tempo pra conversar sobre o andamento das coisas deles, inclusive notas, as disciplinas, se tem algum problema, alguma coisa que podemos ajudar, alguma coisa que precise ser levada ao grupo para discussão. Então procura sempre dar essa atenção personalizada assim, individual, chamar aqui um ou outro, dependendo da situação, chamo aqui e conversamos. Pelo menos avisa, manda um e-mail, telefone, “<i>Professor(a), pode me atender?</i>”. Aí eu abro espaço pra eles. Eles têm prioridade. (IC12)</p> <p>T2-BR: Pronto, é uma relação que precisa ser muito aberta, precisa ser de muito diálogo. O tutor, ele precisa se colocar no patamar do aluno para que ele possa dialogar efetivamente. Sem isso esse diálogo não acontece em duas vias, a autoridade não pode ser a referência que o tutor tem para dialogar, ele precisa se posicionar porque há uma confiança, gerar uma confiança no aluno para que ele possa</p>	<p>IC12: <i>A relação tutor – tutorando no PET é uma relação aberta, flexível, sem autoritarismo.</i></p> <p>É uma relação que precisa ser muito aberta, precisa ser de muito diálogo. Cada aluno é um mundo, uma cabeça. Tem as moças, tem os rapazes. Eu procuro dar uma atenção personalizada. Então nós temos assim, o trabalho em grupo, os encontros em grupo pra falar um pouco das coisas do andamento do grupo, mas depois cada aluno tem um espaço de tempo pra conversar sobre o andamento das coisas deles, inclusive notas, as disciplinas, se tem algum problema, alguma coisa que podemos ajudar, alguma coisa que precise ser levada ao grupo para discussão. Então procura sempre dar essa atenção personalizada assim, individual, chamar aqui um ou outro, dependendo da situação, chamo aqui e conversamos. Pelo menos avisa, manda um e-mail, telefone, “<i>Professor(a), pode me atender?</i>”. Aí eu abro espaço pra eles. Eles têm prioridade. O tutor, ele precisa se colocar no patamar do</p>	<p>A12: <i>Relação tutor-tutorando: dialógica.</i></p>	<p>DSC12</p> <p>A12: <i>Relação tutor-tutorando: dialógica.</i></p> <p>IC12: <i>A relação tutor – tutorando no PET é uma relação aberta, flexível, sem autoritarismo.</i></p> <p>A relação professor aluno é essa relação que de certa forma também expressa um pouco a minha concepção mais geral na própria sala de aula que vem aqui para dentro do PET também. É uma relação que precisa ser muito aberta, muito flexível, precisa ser de muito diálogo. Cada aluno é um mundo, uma cabeça. Tem as moças, tem os rapazes. Eu procuro dar uma atenção personalizada. Nós temos claro nosso planejamento, mas assim eu tento quebrar muito essa questão desse distanciamento do professor-aluno. O tutor, ele precisa se colocar no patamar do aluno para que ele possa dialogar efetivamente. Sem isso, esse diálogo não acontece em duas vias, a autoridade não pode ser a referência que o tutor tem para dialogar, ele precisa se posicionar porque há uma confiança, gerar uma confiança no aluno para que ele possa escutar, não pela autoridade que a gente usa em outras ocasiões, mas no PET a gente precisa se colocar</p>

<p>escutar, não pela autoridade que a gente usa em outras ocasiões, mas no PET a gente precisa se colocar realmente no patamar do próprio aluno para que o diálogo possa acontecer. (IC12)</p> <p>T3-BR : A relação professor aluno é essa relação que de certa forma também expressa um pouco a minha concepção mas geral disso na própria sala de aula que vem aqui para dentro do PET também. O professor não é o detentor total de todos os conhecimentos, nem é aquele que sabe de tudo, de todas as práticas, a gente tenta construir coletivamente, mesmo sabendo que o professor tem a responsabilidade, ele é o responsável, no final das contas, pelo bom desempenho, pelo mau desempenho, ele está à frente. Ele não pode se eximir dessa posição que ele ocupa, mas é evidente que se as coisas dessem todas erradas, com certeza a maior cota de responsabilidade seria da tutoria, como na sala de aula também tem grande cota de participação, o professor, quando as coisas não dão muito certo. E o professor tem de ter muita habilidade para saber refazer os caminhos. Às vezes, informalmente nas reuniões com o desenvolver das atividades, a gente tenta garantir a reunião semanal e também a presença nas atividades, nas confraternizações. Uma viagem para encontro acadêmico, a viagem já ajuda muito, na viagem ficar todo mundo no mesmo lugar, as pessoas vão se</p>	<p>aluno para que ele possa dialogar efetivamente. Sem isso, esse diálogo não acontece em duas vias, a autoridade não pode ser a referência que o tutor tem para dialogar, ele precisa se posicionar porque há uma confiança, gerar uma confiança no aluno para que ele possa escutar, não pela autoridade que a gente usa em outras ocasiões, mas no PET a gente precisa se colocar realmente no patamar do próprio aluno para que o diálogo possa acontecer.</p> <p>A relação professor aluno é essa relação que de certa forma também expressa um pouco a minha concepção mais geral na própria sala de aula que vem aqui para dentro do PET também. O professor não é o detentor total de todos os conhecimentos, nem é aquele que sabe de tudo, de todas as práticas, a gente tenta construir coletivamente, mesmo sabendo que o professor é o responsável, no final das contas, pelo bom desempenho, pelo mau desempenho, ele está à frente. Ele não pode se eximir dessa posição que ele ocupa, mas se as coisas dessem todas erradas, com certeza a maior cota de responsabilidade seria da tutoria, como na sala de aula também</p>		<p>realmente no patamar do próprio aluno para que o diálogo possa acontecer. Então nós temos assim, o trabalho em grupo, os encontros em grupo pra falar um pouco das coisas do andamento do grupo, mas depois cada aluno tem um espaço de tempo pra conversar sobre o andamento das coisas deles, inclusive notas, as disciplinas, se tem algum problema, alguma coisa que podemos ajudar, alguma coisa que precise ser levada ao grupo para discussão. Então procura sempre dar essa atenção personalizada assim, individual, chamar aqui um ou outro, dependendo da situação, chamo aqui e conversamos. Pelo menos avisa, manda um e-mail, telefone, "<i>Professor(a), pode me atender?</i>". Aí eu abro espaço pra eles. Eles têm prioridade.</p>
--	--	--	---

<p>conhecendo. E muitas vezes, é ali exatamente que um precisa da ajuda do outro, porque aqui no dia a dia, talvez isso não se mostre com tanta clareza, mas quando se está fora do seu lugar, do seu ambiente de trabalho e vai para outro lugar distante, ali tem de estar muito solidário para que tudo dê certo, para um proteger o outro.(IC12)</p>	<p>tem grande cota de participação, o professor, quando as coisas não dão muito certo. E o professor tem de ter muita habilidade para saber refazer os caminhos. Às vezes, informalmente nas reuniões com o desenvolver das atividades, eu tento garantir a reunião semanal e também a presença nas atividades, nas confraternizações, uma viagem para encontro acadêmico, a viagem já ajuda muito, na viagem ficar todo mundo no mesmo lugar, as pessoas vão se conhecendo. E muitas vezes, é ali exatamente que um precisa da ajuda do outro, porque aqui no dia a dia, talvez isso não se mostre com tanta clareza, mas quando se está fora do seu lugar, do seu ambiente de trabalho e vai para outro lugar distante, ali tem de estar muito solidário para que tudo dê certo, para um proteger o outro</p>		
<p>T4-BR :A minha relação é uma relação muito aberta, muito assim flexível. A gente tem claro nosso planejamento, mas assim eu tento quebrar muito essa questão desse distanciamento do professor-aluno. (IC12) Também dessas relações, a questão do lado afetivo porque a gente se envolve. Aqui eu costumo dizer inclusive que a gente se considera uma família, porque são 12 bolsistas. Somos a família PET, porque não deixa de ser, eles até brincam muito porque nós acabamos até rotulando "os filhos" e alunos porque a gente fica muito tempo envolvido, ao longo do ano, a gente passa muito tempo juntos, são 10 horas que o tutor tem, mas eles tem 20 horas na verdade, nesse programa, e não tem como a gente deixar de ter esse laço, de construir esse laço afetivo também, mas essa relação mais mesmo flexível, mais aberta, para que eles possam criar, para que eles possam também contribuir, porque o programa pede por isso. Ele prevalece muito essa questão da autonomia, é claro que nós temos que ter nossa postura firme, decisiva, mas sem autoritarismo, acho que é</p>	<p>A minha relação é uma relação muito aberta, muito assim flexível. A gente tem claro nosso planejamento, mas assim eu tento quebrar muito essa questão desse distanciamento do professor-aluno</p>		
	<p>IC13: Na relação tutor- tutorando o pessoal e o profissional se mesclam.</p>	<p>A13: Relação tutor- tutorando: pessoal e profissional se mesclam.</p>	<p>DSC13 A13: Relação tutor- tutorando: pessoal e profissional se mesclam. IC13: Na relação tutor- tutorando o pessoal e o</p>

<p>uma relação que tem que ser mesmo muito harmônica, muito tranquila. Quando o aluno não cumpre com aquelas atividades, você tem que ser mais técnico muitas vezes, mas a gente tem que saber também separar muitas vezes isso. Como todos... Como isso faz parte do ofício mesmo do professor, do tutor. Mas a gente tenta fazer com que o processo flua com muita tranquilidade, até porque o aluno precisa se sentir motivado e ter essa liberdade também para poder criar, para colocar sua criatividade em pauta.</p> <p>(IC14) T5-BR: Olha, é uma relação interessante, porque, no Brasil, o pessoal e o profissional se mesclam muito. Então, a gente não é só a professor(a) orientador(a). Então, é... eu não sei como é em outros países, mas aqui nós acabamos por ter uma relação muito íntima, muito pessoal com os nossos, meninos. É tanto que a gente fala “meninos”, “meus meninos”, “minhas meninas”, porque extrapola os limites de sala de aula. O professor, de vez em quando sabe de um problema de um aluno e chega próximo, ou o aluno chega até a gente e conta, e, isso é pra revelar as dificuldades que tá sentindo na disciplina por conta desse problema e tal. Mas, na tutoria nós estamos muito mais próximos deles. Então é, de fato, é uma relação profissional, mas também é uma relação pessoal. Diferente da nossa relação em sala de aula, que é uma relação que requer um</p>	<p>É uma relação interessante, porque, no Brasil, o pessoal e o profissional se mesclam muito. Então, nós não somos só professores orientadores, nós acabamos por ter uma relação muito íntima, muito pessoal com os nossos alunos, extrapola os limites de sala de aula. O professor, de vez em quando sabe de um problema de um aluno e chega próximo, ou o aluno chega até a gente e conta, e, isso é pra revelar as dificuldades que tá sentindo na disciplina por conta desse problema e tal. Mas, na tutoria nós estamos muito mais próximos deles. Então é, de fato, é uma relação profissional, mas também é uma relação pessoal. Diferente da nossa relação em sala de aula, que é uma relação que requer um determinado distanciamento. E, em relação aos professores tutores, eles são bem mais próximos.</p>		<p><i>profissional se mesclam.</i></p> <p><i>É uma relação interessante, porque, no Brasil, o pessoal e o profissional se mesclam muito. Então, nós não somos só professores orientadores, nós acabamos por ter uma relação muito íntima, muito pessoal com os nossos alunos, extrapola os limites de sala de aula. O professor, de vez em quando sabe de um problema de um aluno e chega próximo, ou o aluno chega até a gente e conta, e, isso é pra revelar as dificuldades que tá sentindo na disciplina por conta desse problema e tal. Mas, na tutoria nós estamos muito mais próximos deles. Então é, de fato, é uma relação profissional, mas também é uma relação pessoal. Diferente da nossa relação em sala de aula, que é uma relação que requer um determinado distanciamento. E, em relação aos professores tutores, eles são bem mais próximos.</i></p>
<p>Diferente da nossa relação em sala de aula, que é uma relação que requer um</p>	<p>IC14: <i>Relação tutor-tutorando: relação de afeto.</i> Nossa relação é assim... é claro que uns são mais dados outros, mas eu sinto assim que há um respeito, um carinho. Onde eu encontro com eles ‘professor(a)’ me abraça, manda e-mail, sempre mandam alguma coisa, é uma relação de carinho, de proximidade. Muitos deles inclusive se</p>	<p>A14: <i>A relação tutor: tutorando é uma relação de afeto</i></p>	<p>DSCI4 A14: <i>A relação tutor: tutorando é uma relação de afeto</i> IC14: <i>Relação tutor-tutorando: relação de afeto.</i></p> <p>Nossa relação é assim... é claro que uns são mais dados outros, mas eu sinto assim que há um respeito, um carinho, a questão do lado afetivo porque a gente se envolve. Onde eu encontro com eles ‘professor(a)’ me abraça,</p>

<p>determinado distanciamento. E, em relação aos professores tutores, eles são bem mais próximos. (IC13)</p> <p>T6-BR: Nossa relação é assim... é claro que uns são mais dados outros, mas eu sinto assim que há um respeito, um carinho. Onde eu encontro com eles 'professor(a)' me abraça, manda e-mail, sempre mandam alguma coisa, é uma relação de carinho, de proximidade. Muitos deles inclusive se tornam amigos posteriormente. quando passam aqui é eternamente pedindo conselhos pros namorados, pros maridos pros concursos... pras coisas. Eu já sentei aqui com muitos deles, pra estruturar ponto de concurso e tal. É uma coisa muito gratificante. E parece que ficou de todas as turmas que eu passei assim cooperando desde o início. E teve um que passou agora no concurso e me ligou, acho que já era umas dez horas da noite <i>'professor(a) desculpe lhe ligar, mas eu sei que o(a) senhor(a) vai ficar feliz ..tirei o primeiro lugar'</i>, aí foi uma festa no telefone. Enfim é uma satisfação enorme! Hoje em dia esse programa já têm vários doutores inclusive doutores que estão passando em concursos em outras universidades (IC14)</p>	<p>tornam amigos posteriormente. quando passam aqui é eternamente pedindo conselhos pros namorados, pros maridos pros concursos... pras coisas. Eu já sentei aqui com muitos deles, pra estruturar ponto de concurso e tal. É uma coisa muito gratificante. E teve um que passou agora no concurso e me ligou, acho que já era umas dez horas da noite <i>'professor(a) desculpe lhe ligar, mas eu sei que o(a) senhor(a) vai ficar feliz ..tirei o primeiro lugar'</i>, aí foi uma festa no telefone. Enfim é uma satisfação enorme!</p> <p>Também dessas relações, a questão do lado afetivo porque a gente se envolve. Aqui eu costumo dizer inclusive que a gente se considera uma família, porque são 12 bolsistas. Somos a família PET, porque não deixa de ser, eles até brincam muito porque nós acabamos até rotulando "os filhos" e alunos porque a gente fica muito tempo envolvido, ao longo do ano, a gente passa muito tempo juntos, são 10 horas que o tutor tem, mas eles tem 20 horas na verdade, nesse programa, e não tem como a gente deixar de ter esse laço, de construir esse laço afetivo. Quando o aluno não cumpre com aquelas</p>		<p>manda e-mail, sempre mandam alguma coisa, é uma relação de carinho, de proximidade. Aqui eu costumo dizer inclusive que a gente se considera uma família, porque são 12 bolsistas. Somos a família PET, porque não deixa de ser, eles até brincam muito porque nós acabamos até rotulando "os filhos" e alunos porque a gente fica muito tempo envolvido, ao longo do ano, a gente passa muito tempo juntos, são 10 horas que o tutor tem, mas eles tem 20 horas na verdade, nesse programa, e não tem como a gente deixar de ter esse laço, de construir esse laço afetivo. Muitos deles inclusive se tornam amigos posteriormente. quando passam aqui é eternamente pedindo conselhos pros namorados, pros maridos pros concursos... pras coisas. Eu já sentei aqui com muitos deles, pra estruturar ponto de concurso e tal. É uma coisa muito gratificante. E parece que ficou de todas as turmas que eu passei assim cooperando desde o início. E teve um que passou agora no concurso e me ligou, acho que já era umas dez horas da noite <i>'professor(a) desculpe lhe ligar, mas eu sei que o(a) senhor(a) vai ficar feliz ..tirei o primeiro lugar'</i>, aí foi uma festa no telefone. Enfim é uma satisfação enorme!</p> <p>Por outro lado, quando o aluno não cumpre com aquelas atividades, você tem que ser mais técnico muitas vezes, mas a gente tem que saber também</p>
---	--	--	---

	<p>atividades, você tem que ser mais técnico muitas vezes, mas a gente tem que saber também separar muitas vezes isso. Como isso faz parte do ofício mesmo do professor, do tutor. Mas a gente tenta fazer com que o processo flua com muita tranquilidade, até porque o aluno precisa se sentir motivado e ter essa liberdade também para poder criar, para colocar sua criatividade em pauta.</p>		<p>separar muitas vezes isso. Como isso faz parte do ofício mesmo do professor, do tutor. Mas a gente tenta fazer com que o processo flua com muita tranquilidade, até porque o aluno precisa se sentir motivado e ter essa liberdade também para poder criar, para colocar sua criatividade em pauta.</p>
--	---	--	--

APÊNDICE U – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 5 (IAD 5)

SUB-EIXO DISCURSIVO: Desafios e dificuldades da prática			
EXPRESSÕES CHAVES	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>T1-BR: Então, é porque a universidade não dá, nem no ensino, nem na extensão e na pesquisa, porque a gente tem que fazer pesquisa, mas assim, que dê as ferramentas, vamos fazer um seminário, ou uma ronda de seminários durante um ano, dois anos. Que isso seja parte de um programa da própria PROGRAD, juntar os tutores, os outros programas parecidos para dar uma formação. Mas não tem isso. Faz falta.IC17</p> <p>Ah! já dei dinheiro. Pra você ver o nós não sei se todos os petianos, mas nós cada petiano conosco achou, no princípio, da bolsa dar X reais. O tutor também era o valor X, mas às vezes dava Y, porque não tínhamos custeio não tínhamos custeio, então claro, mas hoje, às vezes além do custeio há coisas que têm que ser feitas e tem que sair do bolso certo.IC18</p> <p>T2-BR: São muitos...são muitos. Existe uma pressão normal, natural, positiva, do próprio curso em relação à atuação do grupo. O grupo existe para gerar benefícios na formação, não só dos próprios petianos, mas também de todos os alunos da graduação ao qual o grupo está vinculado. Então, existe essa pressão, essa preocupação que a gente tem de estar sempre gerando atividades que possam contribuir para a formação, pra o engrandecimento da graduação. Então, essa relação com o próprio curso, a relação com a coordenação do curso, a relação com os coordenadores do curso é sempre um grande desafio...que você tem que fazer essa gestão, a gestão mais externa do PET, na conscientização da importância das atividades, pro corpo docente, com a</p>	<p>IC15: <i>Desafio: Relação do grupo PET com o próprio curso de graduação.</i></p> <p>Os desafios são muitos. Existe uma pressão normal, natural, positiva, do próprio curso em relação à atuação do grupo. O grupo existe para gerar benefícios na formação, não só dos próprios petianos, mas também de todos os alunos da graduação ao qual o grupo está vinculado. Então, existe essa pressão, essa preocupação que a gente tem de estar sempre gerando atividades que possam contribuir para a formação, pra o engrandecimento da graduação. Então, essa relação com o próprio curso, a relação com a coordenação do curso, a relação com os coordenadores do curso é sempre um grande desafio...que você tem que fazer essa gestão, a gestão mais externa do PET, na conscientização da importância das atividades, pro corpo docente, com a coordenação. Existem exemplos que eu posso usar que são emblemáticos, quando você organiza uma semana acadêmica, por exemplo, você precisa convencer os colegas, professores, que aquele evento é importante, que é uma atividade acadêmica, para que os professores liberem os seus alunos, para que a coordenação participe ativamente, estimule a participação não só do</p>	<p>AI5: <i>Desafio: Relação do grupo PET com o próprio curso de graduação.</i></p>	<p>DSC 15</p> <p>AI5: <i>Desafio: Relação do grupo PET com o próprio curso de graduação.</i></p> <p>IC15: <i>Desafio: Relação do grupo PET com o próprio curso de graduação.</i></p> <p><i>Os desafios são muitos. Existe uma pressão normal e positiva do próprio curso em relação à atuação do grupo que existe para gerar benefícios na formação, não só dos próprios petianos, mas também de todos os alunos do curso ao qual o grupo está vinculado. Então, existe essa pressão. Essa preocupação que a gente tem de estar sempre gerando atividades que possam contribuir para a formação, pra o engrandecimento da graduação. Então, essa relação com o próprio curso, com o coordenador do curso, é sempre um grande desafio! Você tem que fazer essa gestão, a gestão mais externa do PET, na conscientização da importância das atividades, com o corpo docente e com a coordenação. Existem exemplos que eu posso usar que são emblemáticos, quando você organiza uma semana acadêmica, por exemplo, você precisa convencer os colegas, professores, que aquele evento é importante, que é uma atividade acadêmica, para que eles liberem os seus alunos, para que a coordenação participe ativamente, estimule a participação não só do corpo docente, mas também dos alunos, então você tem ali uma gestão de interface entre o grupo e o meio externo, a própria universidade, o corpo</i></p>

<p>coordenação. Existem exemplos que eu posso usar que são emblemáticos, quando você organiza uma semana acadêmica, por exemplo, você precisa convencer os colegas, professores, que aquele evento é importante, que é uma atividade acadêmica, para que os professores liberem os seus alunos, para que a coordenação participe ativamente, estimule a participação não só do corpo docente, mas também dos alunos, então você tem ali uma gestão de interface entre o grupo e o meio externo, a própria universidade, o corpo docente, a administração superior, para que todos entendam a importância daquela atuação. Então, esse é um desafio, um desafio que eu vou chamar o desafio externo.</p> <p>IC15 E o interno, é você tratar de todas essas características pessoais, esses interesses que são diferenciados, então, é a gestão efetivamente do grupo no seu dia a dia. IC16</p> <p>T3-BR: Às vezes, assim... nós desligamos pouco... desliga muito poucos bolsistas por conta de incompatibilidade, por não se adequar, que é um dos princípios lá, quem não preserva o nome do PET, quem não cumpre as atividades, etc, etc, tá lá previsto como critério de desligamento, nós desligamos quase nula durante a nossa tutoria desligamento por esses motivos. Os desligamentos que aconteceram foi porque o aluno antes de concluir o curso ele se empregou na rede pública ou na rede particular de ensino e não pode, digamos assim, ter vínculo empregatício, continuar. Então, esses foram os motivos de desligamento agora aquele desligamento porque alguém não conseguiu se adequar ou então porque a gente não conseguiu criar um ambiente de participação, de acolhimento, de participação, nós não tivemos durante a nossa tutoria, que seria aquele</p>	<p>corpo docente, mas também dos alunos, então você tem ali uma gestão de interface entre o grupo e o meio externo, a própria universidade, o corpo docente, a administração superior, para que todos entendam a importância daquela atuação. Então, esse é um desafio, um desafio que eu vou chamar o desafio externo.</p> <p>Tem uma dificuldade aqui, por exemplo, nós fazemos atividades, assim, um debate, nós transformamos essa atividade numa <i>mostra de cinema</i>. E essa atividade foi assim super trabalhada! A gente assistiu pra escolher, então a gente discute e anota, que também é uma atividade mais lúdica mas é com o propósito de fundamentar e coisa e tal. Resultado, foram três alunos, quatro alunos, às vezes, mais aluno do curso X, Y, do que do próprio curso. E aí a gente fica discutindo, como é que a gente faz? Vamos botar tecnologias pra ver se...enfim, é essa dificuldade. A gente vive gastando a cabeça pensando, mas é porque realmente atingir o curso é muito complicado. E os meninos já vêm assim, sabe que o PET já é meio marcado, porque o Programa Especial de Treinamento de antigamente tinha aquela concepção de classe A, os melhores. Eu tento muito evitar que eles pisem no céu, caiam no estrelismo, mas não deixam de ser chamados de petulantes, como eles lêem muito, incomoda alguns professores.</p>		<p><i>docente, a administração superior, para que todos entendam a importância daquela atuação. Tem uma dificuldade aqui, por exemplo, nós fazemos atividades, assim, um debate, nós transformamos essa atividade numa mostra de cinema. E essa atividade foi assim super trabalhada! A gente assistiu pra escolher, então a gente discute e anota, que também é uma atividade mais lúdica mas é com o propósito de fundamentar e coisa e tal. Resultado, foram três alunos, quatro alunos, às vezes, mais aluno do curso X, Y, do que do próprio curso. E aí a gente fica discutindo, como é que a gente faz? Vamos botar tecnologias pra ver se...enfim, é essa dificuldade. A gente vive gastando a cabeça pensando, mas é porque realmente atingir o curso é muito complicado. E os meninos já vêm assim, sabe que o PET já é meio marcado, porque o Programa Especial de Treinamento de antigamente tinha aquela concepção de classe A, os melhores. Eu tento muito evitar que eles pisem no céu, caiam no estrelismo, mas não deixam de ser chamados de petulantes, como eles lêem muito, incomoda alguns professores. Então, esse é um desafio, um desafio que eu vou chamar o desafio externo.</i></p>
--	--	--	--

<p>por incompatibilidade, o aluno não se integrou de forma alguma e ele é convidado pelos colegas, por todo o mundo a se desligar, nós não tivemos problemas dessa natureza. Então, a gente diminui bastante o campo de dificuldade, quando nós trabalhamos nesse sentido de abertura. Onde cada um se pode expressar, pode falar, pode opinar e, coletivamente, a gente tenta entrar num consenso do que é melhor para o grupo. IC16</p> <p>E não temos participado por algumas dificuldades. No encontro regional, nordeste, nem temos participado no nacional, porque temos muitas dificuldades na logística de mandar o trabalho, de mandar os alunos e mandar o pessoal. Tem dificuldade na própria UECE, de transporte com alguém que se responsabilize, o tutor que esteja naquela data totalmente disponível para ir com os alunos, pelo menos um ir com todos os grupos. Então, tem essas dificuldades. IC18</p> <p>T4-BR:É, as dificuldades que a gente tem, muitas vezes é a questão da própria conciliação com as demais atividades, a dificuldade que eu tenho maior é essa, com as demais atividades, com o PET, que é um professor da UECE, que é pesquisador, tem outras atividades, sou também do programa de Pós-Graduação, tenho orientando de Mestrado, então, ainda tem as questões com as atividades burocráticas que a gente exerce. Então assim, muitas vezes a gente fica nessa dificuldade, acompanhando eles mais, por exemplo, o que me deixa muito assim, às vezes, impotente ou triste, é querer acompanhar todo o processo, todas as atividades e nem sempre a gente pode, a própria atividade de extensão, nem sempre eu posso estar acompanhando eles na própria atividade, que é nas escolas, ou numa semana, um curso que eles realizam, enfim, um</p>	<p>IC16: <i>Desafio: gestão de conflitos no próprio grupo PET</i></p> <p>E o interno, você tratar de todas essas características pessoais, esses interesses que são diferenciados, então, é a gestão efetivamente do grupo no seu dia a dia.</p> <p>Quando as pessoas estão começando, é como eu disse, cada um tem o seu tempo de entrar. Às vezes eu tenho paciência de compreender porque eu sou mais velha, tenho até obrigação. Mas o grupo às vezes fica assim, já tá andando... aí fica... a gente tem que arrumar, porque é gente do segundo, do terceiro, do quinto, do oitavo, e o tutor faz essa mediação. Terceiro, que a é se a gente enriquece, a gente se enriquece enquanto pessoa, enquanto uma aprendizagem, nós também temos dificuldades de conviver, a convivência, discutir a questão que você exerce na prática, a questão diversidade, essa relação, a exigência que a Universidade tem para você cumprir todas essas tarefas que você tem e ao mesmo tempo tem um grupo que você tem que acompanhar muito de perto. Você acompanha coletivamente, mas você acompanha individualmente.</p> <p>Às vezes, assim... nós desligamos pouco... desliga muito poucos bolsistas por conta de incompatibilidade, por não se adequar, que é um dos princípios lá, quem não preserva o nome do PET, quem não cumpre as atividades, etc, etc, tá lá previsto como critério de desligamento, nós desligamos quase nula</p>	<p>AI6: <i>Desafio: Gestão de conflitos internos</i></p>	<p>DSC 16</p> <p>AI6: <i>Desafio: Gestão de conflitos internos</i></p> <p>IC16:: <i>Desafio: gestão de conflitos no próprio grupo PET</i></p> <p><i>Um desafio interno é você tratar de todas essas características pessoais, esses interesses que são diferenciados, é a gestão efetivamente do grupo no seu dia a dia. Quando as pessoas estão começando, cada um tem o seu tempo de entrar. Às vezes eu tenho paciência de compreender porque eu sou mais velha, tenho até obrigação. Mas o grupo às vezes já está andando, aí a gente tem que arrumar, porque é gente do segundo, do terceiro, do quinto, do oitavo, e o tutor faz essa mediação. É que se nós nos enriquecemos enquanto pessoa, é uma aprendizagem, nós também temos dificuldades de conviver, discutir a questão que você exerce na prática, a questão da diversidade, essa relação, a exigência que a Universidade tem para você cumprir todas essas tarefas que você tem e ao mesmo tempo tem um grupo que você tem que acompanhar muito de perto. Você acompanha coletivamente, mas você acompanha individualmente também. Às vezes, nós desligamos bolsistas por conta de incompatibilidade, por não se adequar, que é um dos princípios, quem não preserva o nome do PET, quem não cumpre as atividades, etc., está lá previsto como critério de desligamento. Então, a gente tem que gerenciar muito, muito “pepino”.</i></p>
--	--	---	--

<p>momento, alguma atividade que a gente não possa estar e que tem que está acompanhando, porque às vezes o nosso acompanhamento é mais indireto do que direto pela nossa dificuldade de tempo curto mesmo.</p>	<p>durante a nossa tutoria desligamento por esses motivos. Então, por isso eu disse, a gente tem que gerenciar muito, muito “pepino”.</p>		
<p>Principalmente agora que o PET não está mais contando do nosso PAD. Então essa é outra grande dificuldade, são 10 horas que eram contabilizadas no nosso Plano de Ação Docente e agora não... retiraram. Saiu agora, nesse ano, o nosso PAD não tem mais. Então assim, é como se fosse uma atividade extracurricular do professor. Então, eles estão tentando, fazendo... Existem várias discussões sobre isso e até a Pró-Reitora está tentando voltar, resgatar essa contabilização no nosso PAD. A gente quer um pouco mais de disponibilidade, porque quando eu entrei aqui a gente tinha redução de seis horas. Então, eu reduzia sempre minha carga horária para eu estar no PET, se envolvendo, porque o PET contribui diretamente para o curso. Então, por exemplo, os eventos que a gente realiza do a gente passa uns quatro meses de antecedência para planejar, se reunir, a se debruçar mesmo, para que realmente tudo ocorra muito bem e sempre tem ocorrido, assim, muito bem, então a gente sempre se destaca muito, são muitos elogios, mas conta, assim, é um esforço, um trabalho muito árduo, muito grande de envolvimento mesmo. IC19 T5-BR: Eu não sei. Não tenho a menor ideia, porque nós não participamos. Nós não participamos porque nós nunca temos recursos para participar. Então, meu grupo propriamente dito nunca foi a nenhum. Porque as regras de custeio, o custeio quase nunca chega. Quando ele chega, ele chega com um mês... Não, o custeio, por exemplo, ele diz</p>	<p>IC17: Dificuldade: formação do tutor. O exercício da tutoria é uma experiência que a gente não é formado(a) para ela, você vai aprendendo no dia-a-dia, porque a universidade não dá, nem no ensino, nem na extensão, nem na pesquisa, porque a gente tem que fazer pesquisa, mas assim, que dê as ferramentas, vamos fazer uma formação, ou uma ronda de seminários durante um ano, dois anos. Que isso seja parte de um programa da própria PROGRAD, juntar os tutores, os outros programas parecidos para dar uma formação. Mas não tem isso. Faz falta.</p>	<p>AI7: Dificuldade: Falta de formação do tutor.</p>	<p>DSC 17 AI7: Dificuldade: Falta de formação do tutor. IC17: Dificuldade: formação do tutor. <i>O exercício da tutoria é uma experiência que nós não somos formados para ela, você vai aprendendo no dia-a-dia, porque a universidade não dá, nem no ensino, nem na extensão, nem na pesquisa, porque a gente tem que fazer pesquisa, mas assim, que dê as ferramentas, vamos fazer uma formação, ou uma ronda de seminários durante um ano, dois anos. Que isso seja parte de um programa da própria PROGRAD, juntar os tutores, os outros programas parecidos para dar uma formação. Mas não tem isso. Faz falta.</i></p>
<p>mesmo. IC19 T5-BR: Eu não sei. Não tenho a menor ideia, porque nós não participamos. Nós não participamos porque nós nunca temos recursos para participar. Então, meu grupo propriamente dito nunca foi a nenhum. Porque as regras de custeio, o custeio quase nunca chega. Quando ele chega, ele chega com um mês... Não, o custeio, por exemplo, ele diz</p>	<p>IC18: Dificuldades financeiras relacionadas ao custeio e ao atraso de bolsas impossibilitam ou dificultam os trabalhos. Atraso de bolsa, é uma coisa seríssima, inclusive agora tem atrasado. E os meninos não são meninos ricos. Então, na maioria das vezes eles dependem dessa bolsa. Agora tem muitos deles que estão sem conseguir nem vir pra aula e há o atraso da bolsa, Então, esse é um problema sério pra gente manter o resultado no curso e para manter o resultado porque isso aqui normalmente é lotado e essa semana não tivemos nenhuma reunião porque eles estão sem poder vir. Vai ser péssimo, coisa que ia fazer no próximo</p>	<p>AI8: Dificuldades financeiras: custeio e bolsa.</p>	<p>DSC 18 AI8: Dificuldades financeiras: custeio e bolsa. IC18: Dificuldades financeiras relacionadas ao custeio e ao atraso de bolsas impossibilitam ou dificultam os trabalhos. <i>Na maioria das vezes os alunos dependem da bolsa porque eles não são ricos. Agora tem muitos deles que estão sem conseguir nem vir pra aula porque há o atraso da bolsa. Esse é um problema seríssimo pra gente manter o resultado no curso. Isso tem sido um desgaste porque você vê a pessoa que tem um potencial sair porque não tem a bolsa. E assim já foram muitos. Isso dificulta muito as atividades. O financiamento dos eventos também tem sido uma dificuldade, nós não participamos porque nunca</i></p>

<p>que nós podemos... financiar eventos científicos, o menino participar de eventos científicos. Mas, por exemplo, não financia diária, financia a passagem. Financia a diária de professores, se eu quiser fazer um evento, posso pagar a diária do professor, mas do aluno não. Aí o aluno tem a passagem e não tem dinheiro para ficar lá, não tem como se virar pra ficar lá. Aí não funciona, não dá certo. Não tem transporte nem alimentação, tem única e exclusivamente a passagem. Então, fica muito complicado esse tipo de coisa. Por isso eu disse que há um distanciamento entre aquilo que tá no papel e aquilo que efetivamente pode vir a acontecer. Tem gastos que a gente não pode fazer que são primordiais. Por exemplo, eu vou trabalhar na comunidade carente com crianças e adolescentes e essa atividade requer que eu compre merenda para essas crianças. Essas crianças não podem estar o dia inteiro conosco sem estarem alimentadas e eu não posso pagar com o dinheiro do custeio essa merenda. Então, nós nos reunimos, né, e pagamos do nosso próprio bolso, a fim de que as crianças possam merendar, porque o dinheiro do custeio diz que a gente não pode pagar. ICI8</p> <p>Eu, por exemplo, já tirei dinheiro do meu bolso, porque não tinha dinheiro em caixa e precisava comprar isso, isso, aquilo, aquele outro... Não faz seis meses, eu doe X reais pra realizar a atividade, porque nós tínhamos nos comprometido com a comunidade e que precisava ser feito, porque não era... o MEC. O MEC é distante. Não adianta dizer: “<i>Olha, não aconteceu porque o MEC...</i>” Nós somos a cara do MEC e da Universidade. ICI8</p> <p>Por exemplo, recentemente eu tive uma aluna que decidiu fazer o que nós chamamos de monitoria, né, que é uma iniciação à docência dentro do</p>	<p>semestre. Isso tem sido um desgaste porque você vê a pessoa tem um potencial, e sair porque não tem... E assim já foram muitos. Isso dificulta muito as atividades.</p> <p>Eu não sei. Não tenho a menor ideia, porque nós não participamos. Nós não participamos porque nós nunca temos recursos para participar. Então, meu grupo propriamente dito nunca foi a nenhum. Porque as regras de custeio, o custeio quase nunca chega. Quando ele chega, ele chega com um mês... Não, o custeio, por exemplo, ele diz que nós podemos... financiar eventos científicos, o menino participar de eventos científicos. Mas, por exemplo, não financia diária, financia a fazer no próximo semestre. Isso tem sido um desgaste porque você vê a pessoa tem um potencial, e sair porque não tem... E assim já foram muitos. Isso dificulta muito as atividades.</p> <p>Outra coisa que também dificulta, às vezes quando você pega uma pessoa que dificulta muito o trabalho de grupo por questões de personalidade, eu já tive assim, pessoas que querem passar e fechar a porta, mas a gente resolve. A gente tem resolvido as questões.</p> <p>Ah já dei dinheiro. Pra você ver o nós não sei se todos os petianos, mas nós cada petiano conosco achou, no princípio, da bolsa dar X reais. O tutor também era o valor X, mas às vezes dava Y, porque não tínhamos custeio não tínhamos custeio, então claro, mas hoje, às vezes além do custeio há coisas que têm que ser feitas e tem que</p>	<p><i>temos recursos para participar, não temos participado do encontro regional, nordeste, nem do nacional, porque temos muitas dificuldades na logística de mandar o trabalho, de mandar os alunos e mandar o pessoal. Tem dificuldade na própria UECE de transporte com alguém que se responsabilize, o tutor que esteja naquela data totalmente disponível para ir com os alunos, pelo menos um ir com todos os grupos. Então, tem essas dificuldades. Porque as regras do custeio diz que nós podemos financiar eventos científicos. Mas, por exemplo, não financia diária, financia a passagem. Financia a diária de professores, se eu quiser fazer um evento, posso pagar a diária do professor, mas do aluno não. Aí o aluno tem a passagem e não tem dinheiro para ficar lá, não tem como se virar pra ficar lá. Aí não funciona, não dá certo. Não tem transporte nem alimentação, tem única e exclusivamente a passagem. Então, fica muito complicado esse tipo de coisa. Tem gastos que a gente não pode fazer que são primordiais. Por exemplo, eu vou trabalhar na comunidade carente com crianças e adolescentes e essa atividade requer que eu compre merenda para essas crianças. Essas crianças não podem estar o dia inteiro conosco sem estarem alimentadas e eu não posso pagar com o dinheiro do custeio essa merenda. Então, nós nos reunimos e pagamos do nosso próprio bolso, a fim de que as crianças possam merendar, porque o dinheiro do custeio diz que a gente não pode pagar. Mas hoje, às vezes mesmo com o custeio há coisas que têm que ser feitas e tem que sair do bolso, porque o custeio quase</i></p>
--	---	--

<p>Programa PET. Então o aluno tem a mesma função de monitor, mas nós não podemos chamar de “monitor”, porque, institucionalmente, existe monitor. A gente dá um nomezinho bonitinho: “<i>iniciação à docência</i>”. Os alunos sempre avisam, planejam, quando vão fazer eles escolhem as disciplinas, disciplina tal, tal, tal, de acordo com a escolha deles. Eu sempre digo: “<i>Deixe os horários abertos, porque vocês precisam estar presentes e tal.</i>” E isso tem que acontecer antes de se formar, tem que haver um planejamento, não pode ser no semestre que eles tão defendendo a monografia, porque senão não vai dar certo. E no final das contas, os colegas foram me dizer que uma das suas colegas era monitora, mas estava matriculada em outra disciplina no mesmo horário, então ela não era monitora. E que era muito injusto que ela ganhasse um certificado de monitoria não estando presente em sala de aula. Aí fui falar com o professor. Mas isso deu uma confusão desgraçada. A criatura se revoltou, que você não tem idéia, porque ela queria esse certificado, porque queria esse certificado. Foi falar com as interlocutoras, foi pra reunião do CLA defender o certificado dela e tal. Então, por isso eu disse, a gente tem que gerenciar muito, muito “<i>pepino</i>”. IC16</p> <p>T5-BR: o MEC tá trabalhando na contramão. Por exemplo, o menino, pra receber o certificado, ele precisava estar dois anos dentro do programa. Agora, ele pode receber o certificado com um mês. Isso aumenta a rotatividade, perde a identidade e os laços dos meninos com o programa. Não dá tempo construir... coisa nenhuma né. Então o MEC, ultimamente, tem trabalhado na contramão do que a gente espera. Então... é muita coisa.</p>	<p>sair do bolso certo. E não temos participado por algumas dificuldades. No encontro regional, nordeste, nem temos participado no nacional, porque temos muitas dificuldades na logística de mandar o trabalho, de mandar os alunos e mandar o pessoal. Tem dificuldade na própria UECE, de transporte com alguém que se responsabilize, o tutor que esteja naquela data totalmente disponível para ir com os alunos, pelo menos um ir com todos os grupos. Então, tem essas dificuldades.</p> <p>Eu não sei. Não tenho a menor ideia, porque nós não participamos. Nós não participamos porque nós nunca temos recursos para participar. Então, meu grupo propriamente dito nunca foi a nenhum. Porque as regras de custeio, o custeio quase nunca chega. Quando ele chega, ele chega com um mês... Não, o custeio, por exemplo, ele diz que nós podemos... financiar eventos científicos, o menino participar de eventos científicos. Mas, por exemplo, não financia diária, financia a passagem. Financia a diária de professores, se eu quiser fazer um evento, posso pagar a diária do professor, mas do aluno não. Aí o aluno tem a passagem e não tem dinheiro para ficar lá, não tem como se virar pra ficar lá. Aí não funciona, não dá certo. Não tem transporte nem alimentação, tem única e exclusivamente a passagem. Então, fica muito complicado esse tipo de coisa. Por isso eu disse que há um distanciamento entre aquilo que tá no papel e</p>	<p><i>nunca chega, quando ele chega, ele chega atrasado. A gente tem que gerir os conflitos financeiros. O aluno não tem dinheiro pra pegar ônibus pra ir fazer as atividades, aí a gente faz uma caixinha pra essas emergências, pra pagar a passagem do colega, por exemplo. Previdência, tudo tem que ser sempre pensado dentro de obstáculos. A gente nunca pensa em um caminho reto. A gente tem o plano A, B, C, D, E, pra fazer as coisas darem certo. Então eu acho que a gente precisa ter muita paciência e muito sentido de previsibilidade. Eu, por exemplo, já tirei dinheiro do meu bolso, porque não tinha dinheiro em caixa e precisava comprar isso, isso, aquilo, aquilo outro... Não faz seis meses, eu doei X reais pra realizar a atividade, porque nós tínhamos nos comprometido com a comunidade e que precisava ser feito, porque não era o MEC! O MEC é distante. Não adianta dizer: “Olha, não aconteceu porque o MEC...” Nós somos a cara do MEC e da Universidade.</i></p>
--	--	--

<p>IC21</p> <p>A gente tem que gerir os conflitos financeiros... Menino não tem dinheiro pra pegar ônibus pra ir fazer as atividades. Aí a gente faz uma caixinha pra essas emergências, pra pagar a passagem do colega, por exemplo. Previdência, tudo tem que ser sempre pensado dentro de obstáculos. A gente nunca pensa em um caminho reto. A gente tem o plano A, B, C, D, E, pra fazer as coisas darem certo. Então eu acho que a gente precisa ter muita paciência e muito sentido de previsibilidade IC18</p> <p>T6-BR: Atraso de bolsa, é uma coisa seríssima, inclusive agora tem atrasado. E os meninos não são meninos ricos. Então, na maioria das vezes eles dependem dessa bolsa. Agora tem muitos deles que estão sem conseguir nem vir pra aula e há o atraso da bolsa, Então, esse é um problema sério pra gente manter o resultado no curso e para manter o resultado porque isso aqui normalmente é lotado e essa semana não tivemos nenhuma reunião porque eles estão sem poder vir. Vai ser péssimo, coisa que ia fazer no próximo semestre. Isso tem sido um desgaste porque você vê a pessoa tem um potencial, e sair porque não tem... E assim já foram muitos. Isso dificulta muito as atividades. IC18</p> <p>Outra dificuldade, é quando as pessoas estão começando, é como eu disse, cada um tem o seu tempo de entrar. Às vezes eu tenho paciência de compreender porque eu sou mais velha, tenho até obrigação. Mas o grupo às vezes já tá andando, a gente tem que arrumar, porque é gente do segundo, do terceiro, do quinto, do oitavo, e o tutor faz essa mediação. IC16</p> <p>Outra coisa também que eu acho muito preocupante, era que antes a gente só podia pegar menino de 2º, 3º, até no máximo 4º, para passar dois anos, para ter o certificado de</p>	<p>aquilo que efetivamente pode vir a acontecer. Tem gastos que a gente não pode fazer que são primordiais. Por exemplo, eu vou trabalhar na comunidade carente com crianças e adolescentes e essa atividade requer que eu compre merenda para essas crianças. Essas crianças não podem estar o dia inteiro conosco sem estarem alimentadas e eu não posso pagar com o dinheiro do custeio essa merenda. Então, nós nos reunimos, e pagamos do nosso próprio bolso, a fim de que as crianças possam merendar, porque o dinheiro do custeio diz que a gente não pode pagar.</p> <p>A gente tem que gerir os conflitos financeiros... Menino não tem dinheiro pra pegar ônibus pra ir fazer as atividades. Aí a gente faz uma caixinha pra essas emergências, pra pagar a passagem do colega, por exemplo. Previdência, tudo tem que ser sempre pensado dentro de obstáculos. A gente nunca pensa em um caminho reto. A gente tem o plano A, B, C, D, E, pra fazer as coisas darem certo. Então eu acho que a gente precisa ter muita paciência e muito sentido de previsibilidade.</p> <p>Eu, por exemplo, já tirei dinheiro do meu bolso, porque não tinha dinheiro em caixa e precisava comprar isso, isso, aquilo, aquele outro... Não faz seis meses, eu doe X reais pra realizar a atividade, porque nós tínhamos nos comprometido com a comunidade e que precisava ser feito, porque não era... o MEC. O MEC é distante. Não adianta dizer: “<i>Olha, não</i></p>		
--	--	--	--

<p>PET. Agora isso não foi aprovado em assembléia, mas o ministério passou. É! Que agora você pode pegar até do 7º semestre. Quer dizer, que a pessoa pode passar um semestre no PET, ela pede o certificado, passou um ano como bolsista PET ou como não bolsista do programa PET, e vai ter o certificado do mesmo jeito. Então isso para a formação é péssimo. Não vai nem entender a lógica. Outra coisa, para gente, às vezes a gente leva... Tem gente que vai despertar com seis meses, outros com três, tem gente que com um ano, com mais de um ano é que começa a engrenar. Então, assim, esses dois anos no meu entendimento, são mínimos para gente, para formar realmente e não dá para fazer um trabalho decente. Já pensou você trabalhar um mês com uma criatura e ela ter o certificado de petiano? IC21</p> <p>T7-BR: O exercício da tutoria é o seguinte. É, primeiro é uma experiência que a gente não é formado(a) para ela. Segundo, é que você vai aprendendo no dia-a-dia. IC17</p> <p>Terceiro, que a é se a gente enriquece, a gente se enriquece enquanto pessoa, enquanto uma aprendizagem, nós também temos dificuldades de conviver, a convivência, discutir a questão que você exerce na prática, a questão diversidade, essa relação, a exigência que a Universidade tem para você cumprir todas essas tarefas que você tem e ao mesmo tempo tem um grupo que você tem que acompanhar muito de perto. Você acompanha coletivamente, mas você acompanha individualmente. IC16</p> <p>Então é esse o desafio e de fato, o não reconhecimento da Universidade, não vou dizer o não reconhecimento, mas o pouco reconhecimento da Universidade enquanto atividade. A Universidade ela quer assim, ela quer que a gente ajude a fazer projeto,</p>	<p><i>aconteceu porque o MEC...</i>” Nós somos a cara do MEC e da Universidade. .</p> <p>IC19: <i>Dificuldade: conciliar as atividades da tutoria do PET com as outras atividades.</i></p> <p>É, as dificuldades que a gente tem, muitas vezes é a questão da própria conciliação com as demais atividades, a dificuldade que eu tenho maior é essa, com as demais atividades, com o PET, que é um professor da UECE, que é pesquisador, tem outras atividades, sou também do programa de Pós-Graduação, tenho orientando de Mestrado, então, ainda tem as questões com as atividades burocráticas que a gente exerce. Então assim, muitas vezes a gente fica nessa dificuldade, acompanhando eles mais, por exemplo, o que me deixa muito assim, às vezes, impotente ou triste, é querer acompanhar todo o processo, todas as atividades e nem sempre a gente pode, a própria atividade de extensão, nem sempre eu posso estar acompanhando eles na própria atividade, que é nas escolas, ou numa semana, um curso que eles realizam, enfim, um momento, alguma atividade que a gente não possa estar e que tem que está acompanhando, porque às vezes o nosso acompanhamento é mais indireto do que direto pela nossa dificuldade de tempo curto mesmo. Principalmente agora que o PET não está mais contando do nosso PAD. Então essa é outra grande dificuldade, são 10 horas que eram contabilizadas</p>	<p>A19: <i>Dificuldade: Conciliar as atividades da tutoria do do PET com as outras atividades docentes.</i></p>	<p>DSC 19</p> <p>A19: <i>Dificuldade: Conciliar as atividades da tutoria do do PET com as outras atividades docentes.</i></p> <p>IC19: <i>Dificuldade: conciliar as atividades da tutoria do PET com as outras atividades docentes.</i></p> <p><i>As dificuldades na conciliação das demais atividades com o PET, que é ser um professor da UECE, pesquisador, ainda tem as questões com as atividades burocráticas que exercemos. Então assim, muitas vezes ficamos nessa dificuldade, acompanhando eles, mas o que me deixa muito impotente é querer acompanhar todo o processo e nem sempre a gente pode, a própria atividade de extensão, nem sempre eu posso estar acompanhando na própria que eles realizam, enfim, porque às vezes o meu acompanhamento é mais indireto do que direto pela nossa dificuldade de tempo curto mesmo. Principalmente agora que o PET não está mais contando do nosso PAD. Então essa é outra grande dificuldade, são X horas que eram contabilizadas no nosso Plano de Ação Docente e agora retiraram. Saiu agora, nesse ano, o nosso PAD não tem mais. Então assim, é como se fosse uma atividade extracurricular do professor. Eles existem várias discussões sobre isso e até a Pró-Reitora está tentando voltar, resgatar essa contabilização no nosso PAD. Eu quero um pouco mais de disponibilidade, porque quando eu entrei aqui tinha redução de X horas, então, eu reduzia sempre minha carga horária para estar no PET, se</i></p>
---	--	--	---

<p>quanto mais o PET tiver, melhor, eu também acho, mas na hora de reconhecer a atividade do tutor, ela reconhece ela dá a sala, ela dá a infraestrutura e a outra coisa também que é a produção... Foi uma luta para a gente considerar a produção do PET como produção acadêmica. Porque ele não era considerado grupo de iniciação científica até pouco tempo, tem mestrado que não reconhece. Na Semana Universitária as nossas produções eram separadas. Então, a própria Universidade, a reitoria, o programa não era visto do ponto de vista acadêmico ele não tinha o status que tem o PIBIC. Isso reduziu um pouco. IC 20</p> <p>Tem uma dificuldade aqui, por exemplo, nós fazemos atividades, assim, um debate, nós transformamos essa atividade numa <i>mostra de cinema</i>. E essa atividade foi assim super trabalhada! A gente assistiu pra escolher, então a gente discute e anota, que também é uma atividade mais lúdica mas é com o propósito de fundamentar e coisa e tal. Resultado, foram três alunos, quatro alunos, às vezes, mais aluno do curso X, Y, do que do próprio curso. E aí a gente fica discutindo, como é que a gente faz? Vamos botar tecnologias pra ver se...enfim, é essa dificuldade. A gente vive gastando a cabeça pensando, mas é porque realmente atingir o curso é muito complicado. E os meninos já vêm assim, sabe que o PET já é meio marcado, porque o Programa Especial de Treinamento de antigamente tinha aquela concepção de classe A, os melhores. Eu tento muito evitar que eles pisem no céu, caíam no estrelismo, mas não deixam de ser chamados de petulantes, como eles lêem muito, incomoda alguns professores. IC15</p>	<p>no nosso Plano de Ação Docente e agora não... retiraram. Saiu agora, nesse ano, o nosso PAD não tem mais. Então assim, é como se fosse uma atividade extracurricular do professor. Então, eles estão tentando, fazendo... Existem várias discussões sobre isso e até a Pró-Reitora está tentando voltar, resgatar essa contabilização no nosso PAD.</p> <p>A gente quer um pouco mais de disponibilidade, porque quando eu entrei aqui a gente tinha redução de seis horas. Então, eu reduzia sempre minha carga horária para eu estar no PET, se envolvendo, porque o PET contribui diretamente para o curso. Então, por exemplo, os eventos que a gente realiza do a gente passa uns quatro meses de antecedência para planejar, se reunir, a se debruçar mesmo, para que realmente tudo ocorra muito bem e sempre tem ocorrido, assim, muito bem, então a gente sempre se destaca muito, são muitos elogios, mas conta, assim, é um esforço, um trabalho muito árduo, muito grande de envolvimento mesmo.</p> <p>IC20: Desafio: Pouco reconhecimento da universidade. O não reconhecimento da Universidade! Não vou dizer o não reconhecimento, mas o pouco reconhecimento da Universidade em relação ao à tutoria enquanto atividade. A Universidade quer que a gente ajude a fazer projeto, quanto mais PET tiver, melhor, eu também acho, mas na hora de reconhecer a atividade do</p>	<p>A20: Desafio: Pouco reconhecimento da universidade.</p>	<p><i>envolvendo, porque o PET contribui diretamente para o curso. Então, por exemplo, os eventos que realizamos, passamos uns quatro meses de antecedência para planejar, reunir e nos debruçarmos mesmo, para que realmente tudo ocorra muito bem e sempre tem ocorrido, assim, muito bem, então sempre se destaca muito, são muitos elogios, mas conta, assim, é um esforço, um trabalho muito árduo, muito grande de envolvimento mesmo.</i></p> <p>DSC 20 A20: Desafio: Pouco reconhecimento da universidade IC20: Desafio: Pouco reconhecimento da universidade.</p> <p><i>O não reconhecimento da Universidade! Não vou dizer o não reconhecimento, mas o pouco reconhecimento da Universidade em relação ao à tutoria enquanto atividade. A Universidade quer que a gente ajude a fazer projeto, quanto mais PET tiver,</i></p>
--	--	---	--

	<p>tutor! Tudo bem ela reconhece alguns aspectos, ela dá a sala, ela dá a infraestrutura e a outra coisa também que é a produção... foi uma luta para a gente considerar a produção do PET como produção acadêmica. Porque ele não era considerado grupo de iniciação científica até pouco tempo, tem mestrado que não reconhece. Na Semana Universitária as nossas produções eram separadas. Então, a própria Universidade, a reitoria, o programa não era visto do ponto de vista acadêmico ele não tinha o status que tem o PIBIC. Isso reduziu um pouco.</p>		<p><i>melhor, eu também acho, mas na hora de reconhecer a atividade do tutor! Tudo bem ela reconhece alguns aspectos, ela dá a sala, ela dá a infraestrutura e a outra coisa também que é a produção... foi uma luta para a gente considerar a produção do PET como produção acadêmica. Porque ele não era considerado grupo de iniciação científica até pouco tempo, tem mestrado que não reconhece. Na Semana Universitária as nossas produções eram separadas. Então, a própria Universidade, a reitoria, o programa não era visto do ponto de vista acadêmico ele não tinha o status que tem o PIBIC. Isso reduziu um pouco.</i></p>
	<p>IC21: <i>Dificuldade: rotatividade de alunos no PET</i> Outra coisa também que eu acho muito preocupante, era que antes a gente só podia pegar alunos de 2º, 3º, até no máximo 4º, para passar dois anos, para ter o certificado de PET. Agora, isso não foi aprovado em assembleia, mas o ministério passou. É que agora você pode pegar até do 7º semestre. Quer dizer, que a pessoa pode passar um semestre no PET, ela pede o certificado, passou um ano como bolsista PET ou como não bolsista do programa PET, e vai ter o certificado do mesmo jeito. Então isso para a formação é péssimo. Não vai nem entender a lógica. Outra coisa, para gente, às vezes a gente leva... Tem gente que vai despertar com seis meses, outros com três, tem gente que com um ano, com mais de um ano é que começa a engrenar. Então, assim, esses dois anos no meu</p>	<p>A21: <i>Dificuldade: A rotatividade de alunos no PET dificulta os trabalhos.</i></p>	<p>DSC21 A21: <i>Dificuldade: A rotatividade de alunos no PET dificulta os trabalhos.</i> IC21: <i>Dificuldade: rotatividade de alunos no PET</i> <i>O MEC tá trabalhando na contramão. Uma coisa que eu acho muito preocupante, era que antes a gente só podia pegar alunos de 2º, 3º, até no máximo 4º, porque para ter o certificado de PET ele precisava estar dois anos dentro do programa. Isso não foi aprovado em assembleia, mas o ministério passou. É que agora você pode pegar até do 7º semestre. Quer dizer, ele pode passar um semestre no PET, e receber o certificado igual a quem passou um ano como bolsista ou não-bolsista PET. Então isso para a formação é péssimo. Não vai nem entender a lógica. Não dá tempo construir coisa nenhuma. Tem gente que vai despertar com seis meses, outros com três, tem gente que com um ano, com mais de um ano é que começa a engrenar. Então, assim,</i></p>

	<p>entendimento, são mínimos para gente, para formar realmente e não dá para fazer um trabalho decente. Já pensou você trabalhar um mês com uma criatura e ela ter o certificado de petiano?</p> <p>O MEC tá trabalhando na contramão. Por exemplo, o menino, pra receber o certificado, ele precisava estar dois anos dentro do programa. Agora, ele pode receber o certificado com um mês. Isso aumenta a rotatividade, perde a identidade e os laços dos meninos com o programa. Não dá tempo construir... coisa nenhuma né. Então o MEC, ultimamente, tem trabalhado na contramão do que a gente espera.</p>	<p><i>esses dois anos no meu entendimento, são mínimos para gente, para formar realmente e não dá para fazer um trabalho decente. Já pensou você trabalhar um mês com uma criatura e ela ter o certificado de petiano? Então o MEC, ultimamente, tem trabalhado na contramão do que a gente espera.</i></p>
--	--	---

APÊNDICE V – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 6 (IAD 6)

EIXO DISCURSIVO: FORMAÇÃO

SUB-EIXO: Formação para exercer a tutoria

EXPRESSÕES CHAVES	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>T1-BR. Bom, a nível profissional, a nível docente, eu acho que nós deveríamos ter. Deveria haver por parte da universidade alguma formação, algum seminário. Não um seminário pontual. Assim né, em cada ano, pelo menos uma ou duas vezes. Continuado. Porque eu me sinto só, assim, o que eu aprendo é na marra, no dia-a-dia. No dia-a-dia. Não tem assim uma coisa. Você vai lendo. Bom, o problema é que os cabelos brancos vão aparecendo, vão aprendendo mais algumas coisas, tu vai amadurecendo bem, vai na experiência do dia-a-dia, na experiência do ensino, da docência, aprendendo. Mas que haja assim, uma formação a nível profissional. É bom que você tem um grupo, coordena um grupo a nível profissional, pessoal mais do que tudo. O tutor coordena cerca de 12 a 15 pessoas o ano todo. É um aprendizado pra nós. É um aprendizado muito bonito.</p> <p>Eu já tinha alguma coisa assim de, curso anterior que tinha feito, uma especialização assim que tem que ver com essa questão de orientação, tutoria, coordenação, monitoria. Mas são experiências anteriores que não diretamente com a tutoria dentro de um programa, ou que recebem alguma orientação, uma base pra ser tutor, não! Essa coisa não existe! IC22</p> <p>T2-BR: Nenhuma. É autoformação, aprendendo na prática, [...] a formação para atuação é realmente na prática fazendo e aprendendo. IC22</p> <p>O tutor, quando entra ele recebe um choque de realidade dos próprios petianos mais antigos do quê que é a tutoria, do quê que é o PET, do quê</p>	<p>IC22: <i>Não há formação para exercer a tutoria, aprende-se no dia-a-dia, é auto formação.</i></p> <p>Nenhuma. Isso não existe, não.</p> <p>Que eu tenha participado não.</p> <p>Nada, nunca. O que eu fiz foi leituras. É, auto formação.</p> <p>Nenhuma. É auto formação, aprendendo na prática, a formação para atuação é realmente na prática fazendo e aprendendo.</p> <p>Bom, a nível profissional, a nível docente, eu acho que nós deveríamos ter. Deveria haver por parte da universidade alguma formação, algum seminário. Não um seminário pontual. Assim né, em cada ano, pelo menos uma ou duas vezes. Continuado. Porque eu me sinto só, assim, o que eu aprendo é na marra, no dia-a-dia. No dia-a-dia. Não tem assim uma coisa... Você vai lendo, o problema é que os cabelos brancos vão aparecendo, vão aprendendo mais algumas coisas, tu vai amadurecendo bem, vai na experiência do dia-a-dia, na experiência do ensino, da docência, aprendendo. Mas que haja assim, uma formação a nível profissional. É bom que você tem um grupo, coordena um grupo a nível profissional, pessoal mais do que tudo. O tutor coordena cerca de 12 a 15 pessoas o ano todo. É um aprendizado pra nós. É</p>	<p>A22: <i>Inexistência de formação para exercer a tutoria, tal como outras atividades da universidade.</i></p>	<p>DSC22</p> <p>A22: <i>Inexistência de formação para exercer a tutoria, tal como outras atividades da universidade.</i></p> <p>IC22: <i>Não há formação para exercer a tutoria, aprende-se no dia-a-dia, é auto formação.</i></p> <p><i>Eu nunca fiz nenhuma formação. Isso não existe, não! Que eu tenha participado, não! O que eu fiz foi leituras, você vai lendo, o problema é que os cabelos brancos vão aparecendo, você vai aprendendo mais algumas coisas, vai amadurecendo, vai na experiência do dia-a-dia, na experiência do ensino, da docência, aprendendo.</i></p> <p><i>Por isso, é auto formação, aprendendo na prática, a formação para atuação na tutoria é realmente na prática fazendo e aprendendo. Eu me sinto só, assim, o que eu aprendo é na marra, no dia-a-dia. Não tem assim uma coisa...</i></p> <p><i>A nível profissional, a nível docente, eu acho que nós deveríamos ter uma formação. Deveria haver por parte da universidade alguma formação, algum seminário. Não um seminário pontual, em cada ano, mas continuado, pelo menos uma ou duas vezes. Porque nós coordenamos um grupo a nível profissional e pessoal mais do que tudo, porque o tutor coordena 12 a 15 pessoas o ano todo. É um aprendizado pra nós. É um aprendizado muito bonito. Eu já tinha alguma coisa assim de curso anterior que tinha feito, uma especialização, assim que tem que ver com essa questão de orientação, coordenação, monitoria. Mas são experiências anteriores que não diretamente com a tutoria dentro de um programa, ou que recebem alguma orientação, uma base pra ser tutor, não! Essa coisa não existe!</i></p> <p><i>A atividade de um docente na</i></p>

<p>que é a tutoria. A relação tutorial acontece de aluno pra aluno, do aluno mais antigo para o aluno mais novo, a relação tutorial acontece do tutor com o tutor. Então, há... existe um ambiente já muito rico... os encontros, os encontros cearenses, o encontro nordestino, o encontro nacional, o ENCEPET, o ENEPET, o ENAPET, estão aí para garantir que essa relação aconteça, se efetive, onde o tutor pode absorver essa filosofia do PET. O tutor deve absorver desse ambiente todo, dos seus alunos mais veteranos, de outros tutores que estão já atuando na sua instituição, de outros tutores de outras instituições nesses eventos, para entender essa lógica que é uma lógica diferenciada de atuação!IC23</p> <p>A atividade de um docente na universidade ela é desafiadora já por natureza, por mais curioso que pareça, a própria docência, apesar de você ter feito graduação, mestrado e doutorado, faz concurso para ser professor de uma universidade e você não recebeu formação como docente. Eu, por exemplo, nunca sentei numa cadeira pra fazer uma disciplina sequer de qualquer tema de pedagogia. Eu nunca... eu aprendi a ser professor, não me ensinaram a ser professor! O que obviamente faz com que a gente tenha péssimos professores! Isso acontece! Então, a formação para atuação de um docente ela já é por si muito pobre. Pra você ser gestor? Ninguém também é ensinado a ser gestor, você é gestor, o coordenador de curso, que tem que ter o coordenador, vice coordenador, é o pró-reitor, o reitor, todo mundo é professor, ninguém também recebeu formação pra aquilo. É... igualmente a atividade de tutoria é aquela que... as pessoas exercem porque percebem que tem um perfil e são indicadas para aquilo, se</p>	<p>um aprendizado muito bonito. Eu já tinha alguma coisa assim de, curso anterior que tinha feito, uma especialização assim que tem que ver com essa questão de orientação, tutoria, coordenação, monitoria. Mas são experiências anteriores que não diretamente com a tutoria dentro de um programa, ou que recebem alguma orientação, uma base pra ser tutor, não! Essa coisa não existe!</p> <p>IC22.1: <i>Assim como outros papéis exercidos na universidade, a tutoria também não tem formação.</i></p> <p>A atividade de um docente na universidade ela é desafiadora já por natureza, por mais curioso que pareça, a própria docência, apesar de você ter feito graduação, mestrado e doutorado, faz concurso para ser professor de uma universidade e você não recebeu formação como docente. Eu, por exemplo, nunca sentei numa cadeira pra fazer uma disciplina sequer de qualquer tema de pedagogia. Eu nunca... eu aprendi a ser professor, não me ensinaram a ser professor! O que obviamente faz com que a gente tenha péssimos professores! Isso acontece! Então, a formação para atuação de um docente ela já é por si muito pobre. Pra você ser gestor? Ninguém também é ensinado a ser gestor, você é gestor, o coordenador de curso, que tem que ter o coordenador, vice coordenador, é o pró-reitor, o reitor, todo mundo é professor, ninguém também</p>	<p><i>universidade ela é desafiadora já por natureza, por mais curioso que pareça, a própria docência, apesar de você ter feito graduação, mestrado e doutorado, faz concurso para ser professor de uma universidade e você não recebeu formação como docente. Eu, por exemplo, nunca sentei numa cadeira pra fazer uma disciplina sequer de qualquer tema de pedagogia. Eu nunca... eu aprendi a ser professor, não me ensinaram a ser professor! O que obviamente faz com que a gente tenha péssimos professores! Isso acontece! Então, a formação para atuação de um docente ela já é por si muito pobre. Pra você ser gestor? Ninguém também é ensinado a ser gestor, você é gestor, o coordenador de curso, que tem que ter o coordenador, vice coordenador, é o pró-reitor, o reitor, todo mundo é professor, ninguém também recebeu formação pra aquilo, igualmente a atividade de tutoria é aquela que... as pessoas exercem porque percebem que tem um perfil e são indicadas ou se candidatam para aquilo.</i></p>
--	--	--

<p>candidatam pra aquilo. IC22.1 T3-BR: Foi aprendendo no dia a dia. Nós tínhamos conhecimento das atividades porque a tutoria anterior também já apresentava planejamentos, relatórios nas reuniões do colegiado. De certa forma a escolha da tutoria passou por uma reunião do colegiado, o colegiado decidiu e o critério era de ser doutor nos tínhamos outros doutores, mas formados no curso X e eu estava voltando do meu doutorado. Essa foi a condição assim basicamente para assumir. O resto foi aprendendo mesmo com a turma que vinha, mas é uma experiência muito bacana, porque a eu peguei uma turma que vinha da tutoria anterior e ainda não havia alunos selecionados digamos, na minha tutoria. Eu estava com alunos selecionados na tutoria anterior, então a gente vai meio que a reboque. O grupo só vai passar bem pouco o perfil da nova tutoria quando começa na minha tutoria, quando eu comecei a selecionar os novos alunos, daqui a pouco quatro novos alunos já selecionados da minha tutoria com oito que vinham da tutoria anterior, mas daqui a pouco doze totalmente selecionados na nossa tutoria, então vai adquirindo um pouco o perfil. Mas também existe aí um pouco da riqueza e daquilo que nós chamamos da continuidade. Então, assume um novo tutor, mas ainda com o grupo que vinha, digamos muito estimulado e trabalhando na perspectiva da tutoria anterior não vai perder essa aprendizagem. IC23</p>	<p>recebeu formação pra aquilo. É... igualmente a atividade de tutoria é aquela que... as pessoas exercem porque percebem que tem um perfil e são indicadas para aquilo, se candidatam pra aquilo.</p>		
<p>T4-BR: Nunca recebi a formação. IC22 A minha própria experiência como petiano(a) me mobilizou a estar realizando o processo da ação tutorial, mas assim, a gente aprende muito no processo, porque na época que eu fui petiano(a), eu trabalhei, eu fui petiana durante o período que o PET ele se</p>	<p>IC23: <i>Aprendizagem com tutores anteriores, com o grupo PET, nos eventos PET</i></p> <p>Foi aprendendo no dia a dia. Nós tínhamos conhecimento das atividades porque a tutoria anterior também já apresentava planejamentos, relatórios nas reuniões do colegiado. De certa forma a escolha da tutoria passou por uma reunião do colegiado e eu estava voltando do meu doutorado. Essa foi a condição basicamente para assumir. O resto foi aprendendo mesmo com a turma que vinha, mas é uma experiência muito bacana, porque a eu peguei uma turma que vinha da tutoria anterior e ainda não havia alunos selecionados na minha tutoria. Eu estava com alunos selecionados na tutoria anterior, então a gente vai meio que a reboque. O grupo só passou a ter o perfil da nova tutoria quando começou na minha tutoria, quando eu comecei a selecionar os novos alunos, daqui a pouco quatro novos alunos já selecionados da minha tutoria com oito que vinham da tutoria anterior, depois doze totalmente selecionados na nossa tutoria, então foi adquirindo um pouco o perfil. Mas também existe aí um pouco da riqueza e daquilo que nós chamamos da continuidade. Então,</p>	<p>A23: <i>Aprendizagem com outros tutores e com o grupo PET</i></p>	<p>DSC23</p> <p>A23: <i>Aprendizagem com outros tutores e com o grupo PET.</i></p> <p>IC23: <i>Aprendizagem com tutores anteriores e com o grupo PET.</i></p> <p><i>Foi aprendendo no dia a dia. Nós tínhamos conhecimento das atividades porque a tutoria anterior também já apresentava planejamentos, relatórios nas reuniões do colegiado. O resto foi aprendendo mesmo com a turma que vinha, mas é uma experiência muito bacana, porque eu peguei uma turma que vinha da tutoria anterior, então a gente vai meio que a reboque. O grupo só passou a ter o perfil da nova tutoria quando começou na minha tutoria, quando eu comecei a selecionar os novos alunos foi adquirindo um pouco o perfil. Mas também existe aí um pouco da riqueza e daquilo que nós chamamos da continuidade. Então, assume um novo tutor, mas ainda com o grupo que vinha, digamos muito estimulado e trabalhando na perspectiva da tutoria anterior não podemos perder essa aprendizagem. O tutor, quando entra recebe um choque de realidade dos próprios petianos mais antigos do quê que é a tutoria, do quê que é o PET, do quê que é a tutoria. A relação tutorial acontece de aluno pra aluno, do aluno mais antigo para o aluno mais novo, a relação tutorial acontece do tutor com o tutor. O tutor deve absorver desse ambiente todo, dos seus alunos mais veteranos, de outros tutores que estão já atuando na sua instituição, de outros tutores de outras instituições nesses eventos, para entender essa lógica que é uma lógica diferenciada de atuação! O tutor tem que confiar também no grupo, porque assim ele aprende. Quando entramos no PET</i></p>

<p>modificou na própria concepção, ele era Programa Especial de Treinamento. E a gente sabe que muitas coisas mudaram, naquela época o PET era muito direcionado a formação daquele grupo em especial, trabalhava as três dimensões, mas ele era mais voltado para a formação daqueles alunos, para a formação da carreira universitária, não era algo como eu vejo hoje, que o Programa de Educação Tutorial ele é muito voltado para a melhoria do curso de graduação. A gente vê muito uma interação muito maior dos bolsistas com o curso e essa contribuição muito maior para a qualidade daquele curso de ensino de graduação. IC24</p> <p>O tutor tem que confiar também no grupo, porque a gente aprende. Estou me remetendo aqui quando eu entrei no PET, porque quando eu entrei a gente fica realmente muito perdido(a), porque tem muitas coisas diferentes, muitas coisas diferentes daquilo que você está habituado(a), por isso eu digo, a gente vem com a experiência de orientar aluno de iniciação, em sala de aula que é totalmente diferente do contexto aqui do PET. E eles me ajudaram muito no processo, então eu achei aquilo muito importante, porque eu fui tomando parte, tomando conhecimento aos poucos, embora eu já estivesse a vivência de bolsista do PET, mas essa iniciação à tutoria passa a ser um papel diferente. Então a gente acabou aprendendo nesse processo e foi muito importante para mim. Uma experiência com os veteranos, que vai lhe conduzindo, e eles me deixaram muito a vontade para criar, estar realizando essa condução, esse processo tutorial. IC23</p> <p>T5-BR:Nenhuma. Isso não existe, não. IC22</p> <p>T6-BR :: Que eu tenha participado não. IC22</p> <p>T7-BR:Nada, nunca. O que eu</p>	<p>assume um novo tutor, mas ainda com o grupo que vinha, digamos muito estimulado e trabalhando na perspectiva da tutoria anterior não podemos perder essa aprendizagem.</p> <p>O tutor, quando entra ele recebe um choque de realidade dos próprios petianos mais antigos do quê que é a tutoria, do quê que é o PET, do quê que é a tutoria. A relação tutorial acontece de aluno pra aluno, do aluno mais antigo para o aluno mais novo, a relação tutorial acontece do tutor com o tutor.</p> <p>Então, existe um ambiente já muito rico... os encontros, os encontros cearenses, o encontro nordestino, o encontro nacional, o ENCEPET, o ENEPET, o ENAPET, estão aí para garantir que essa relação aconteça, se efetive, onde o tutor pode absorver essa filosofia do PET.</p> <p>O tutor deve absorver desse ambiente todo, dos seus alunos mais veteranos, de outros tutores que estão já atuando na sua instituição, de outros tutores de outras instituições nesses eventos, para entender essa lógica que é uma lógica diferenciada de atuação!</p> <p>O tutor tem que confiar também no grupo, porque a gente aprende...Estou me remetendo aqui quando eu entrei no PET, porque quando eu entrei a gente fica realmente muito perdido(a), porque tem muitas coisas diferentes, muitas coisas diferentes daquilo que você está habituado(a), por isso eu digo, a gente vem com a experiência de orientar</p>	<p><i>ficamos realmente muito perdidos(as), porque tem muitas coisas diferentes daquilo que estamos habituados(as). Viemos com a experiência de orientar aluno de iniciação, em sala de aula que é totalmente diferente do contexto aqui do PET. E eles me ajudaram muito no processo, então eu achei aquilo muito importante, porque eu fui tomando parte, tomando conhecimento aos poucos, embora eu já tivesse a vivência de bolsista do PET, mas essa iniciação à tutoria passa a ser um papel diferente. Então acabamos aprendendo nesse processo e foi muito importante para mim. Uma experiência com os veteranos que vão nos conduzindo, e eles me deixaram muito à vontade para criar, realizar essa condução, esse processo tutorial. Então, existe um ambiente já muito rico, os encontros cearenses, o encontro nordestino, o encontro nacional, o ENCEPET, o ENEPET, o ENAPET, estão aí para garantir que essa relação aconteça e se efetive para que o tutor possa absorver essa filosofia do PET.</i></p>
--	--	--

<p>fiz foi leituras. É, auto formação. IC22</p>	<p>aluno de iniciação, em sala de aula que é totalmente diferente do contexto aqui do PET. E eles me ajudaram muito no processo, então eu achei aquilo muito importante, porque eu fui tomando parte, tomando conhecimento aos poucos, embora eu já estivesse a vivencia de bolsista do PET, mas essa iniciação à tutoria passa a ser um papel diferente. Então a gente acabou aprendendo nesse processo e foi muito importante para mim. Uma experiência com os veteranos, que vai lhe conduzindo, e eles me deixaram muito a vontade para criar, estar realizando essa condução, esse processo tutorial.</p>		
	<p>IC24: <i>Aprendizagem como petiano (a)</i></p> <p>A minha própria experiência como petiano(a) me mobilizou a estar realizando o processo da ação tutorial, mas assim, a gente aprende muito no processo, porque na época que eu fui petiano(a), eu trabalhei, eu fui petiana durante o período que o PET ele se modificou na própria concepção, ele era Programa Especial de Treinamento. E a gente sabe que muitas coisas mudaram, naquela época o PET era muito direcionado a formação daquele grupo em especial, trabalhava as três dimensões, mas ele era mais voltado para a formação daqueles alunos, para a formação da carreira universitária, não era algo como eu vejo hoje, que o Programa de Educação Tutorial ele é muito voltado para a melhoria do curso de graduação. A</p>	<p>A24: <i>Aprendizagem como petiano (a)</i></p>	<p>DSC 24</p> <p>A24: <i>Aprendizagem como petiano (a)</i></p> <p>IC24: <i>Aprendizagem como petiano (a)</i></p> <p><i>A minha própria experiência como petiano(a) me mobilizou a estar realizando o processo da ação tutorial, mas assim, a gente aprende muito no processo, porque na época que eu fui petiano(a) foi no período que o PET se modificou na própria concepção, ele era Programa Especial de Treinamento, e sabemos que muitas coisas mudaram. Naquela época o PET era muito direcionado a formação daquele grupo em especial, trabalhava as três dimensões, mas ele era mais voltado para a formação daqueles alunos, para a formação da carreira universitária, não era algo como eu vejo hoje, que o Programa de Educação Tutorial ele é muito voltado para a melhoria do curso de graduação. A gente vê muito uma interação muito maior dos bolsistas com o curso e essa contribuição muito maior para a qualidade daquele curso de ensino de graduação.</i></p>

	gente vê muito uma interação muito maior dos bolsistas com o curso e essa contribuição muito maior para a qualidade daquele curso de ensino de graduação.		
--	---	--	--

APÊNDICE W – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 7(IAD 7)			
EIXO DISCURSIVO: Formação			
SUB-EIXO: elementos da formação do tutor			
EXPRESSÕES CHAVES	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>T1-BR: Bem, eu acho que essas questões dessa interação, essa relação de melhor entendimento da personalidade de cada estudante. É difícil, eu não sou um psicólogo (a). É exatamente essa formação de melhorar, ensinar ou mostrar o tutor para ter essa melhor interação aprender a lidar melhor com essas situações assim que se apresentam. Eu acho que a universidade também teria ajudar o tutor nessa parte, não somente na parte de interagir melhor com os estudantes no dia-a-dia, essa coisa assim do inter-relacionamento, assim como também a outra parte das ferramentas do tutor para que ele possa lidar com essas situações, não tá havendo isso aqui, nunca vi isso aí. IC26</p> <p>E outra coisa a parte da extensão nossa também, a universidade não contribui muito na parte da extensão. Eu é porque tenho uma formação anterior que tinha a ver com essas questões da extensão. Levar os alunos, sair da sala de aula, sair do muro da universidade para ir a expor o pensar, o conhecimento, interagir com a comunidade, nem todo mundo consegue fazer isso não! Então, muitos não têm essa formação também, como tutor, que é necessária. IC25</p> <p>T2-BR: O que eu acho que é fundamental nessa formação, esses elementos que são mais humanos, de relações, mais humanos de gestão de pessoal, mais de gestão de conflitos. Questões que não são não são questões técnicas. O que eu quero dizer e reforçar é que, a formação técnica, acadêmica, ela vem naturalmente, não pelo próprio professor, mas pelo próprio ambiente em que o sujeito está inserido, na relação com outros docentes, com a coordenação do curso. O que</p>	<p>IC25: <i>Formação sobre atividades de Extensão.</i></p> <p>E outra coisa a parte da extensão nossa também, a universidade não contribui muito na parte da extensão.</p> <p>Eu é porque tenho uma formação anterior que tinha a ver com essas questões da extensão. Levar os alunos, sair da sala de aula, sair do muro da universidade para ir a expor o pensar, o conhecimento, interagir com a comunidade, nem todo mundo consegue fazer isso não! Então, muitos não têm essa formação também, como tutor, que é necessária.</p> <p>Algum conteúdo que nós estamos precisando mesmo de formação, embora a gente está focalizando a extensão, atividade de extensão que é algo que a gente vê com mais deficiência, que tem mais deficiência, a questão da extensão.</p> <p>Eu acho que nós deveríamos ser orientados em atividades de extensão. Eu acho que esse é o principal problema nosso, é sempre as atividades que dão maior dificuldade.</p>	<p>A25: <i>Atividades de Extensão.</i></p>	<p>DSC 25</p> <p>A25: <i>Atividades de Extensão.</i></p> <p>IC25: <i>Formação sobre atividades de Extensão.</i></p> <p><i>Eu acho que nós deveríamos ser orientados em atividades de extensão que é algo que a gente vê com mais deficiência, é o principal problema nosso, é sempre as atividades que dão maior dificuldade e a universidade não contribui muito na parte da extensão. Levar os alunos, sair da sala de aula, sair do muro da universidade para ir a expor o pensar, o conhecimento, interagir com a comunidade, nem todo mundo consegue fazer isso não! Então, muitos não têm essa formação também, como tutor, que é necessária.</i></p>
	<p>IC26: <i>Formação humana: temas de interação e gestão de pessoal, trabalho em grupo.</i></p> <p>Bem, eu acho que essas questões dessa interação, essa relação de melhor entendimento da</p>	<p>A26: <i>Formação humana.</i></p>	<p>DSC 26</p> <p>A26: <i>Formação humana.</i></p> <p>IC26: <i>Formação humana: temas de interação e gestão de pessoal, trabalho em grupo.</i></p> <p><i>O que eu acho fundamental na formação</i></p>

<p>nos carece, eu acho que a todos nós nesse processo de formação é essa discussão sobre como é que faz a gestão desse pessoal, como é que faz a gestão desses interesses e dessas perspectivas que são conflitantes, todo mundo tem muitos sonhos, perspectivas que são diferentes. Você tem que fazer essa gestão desse ambiente dos conflitos que são gerados a partir desse ambiente. Então, essa formação que eu estou chamando de uma formação mais humana, para você efetivamente poder fazer a gestão do grupo daquele pessoal.IC26</p> <p>T3-BR: Eu acho que um tema bastante interessante é trabalho em grupo. Ter uma boa noção de como trabalhar em grupo, porque isso atravessa todas as formações, todas as áreas do conhecimento porque é um grupo que está o tutor estão em níveis diferentes, mas fazemos parte de um mesmo grupo.IC26</p> <p>E também eu acho que outro debate bastante importante seria a função social do conhecimento, porque que nós buscamos o conhecimento? Qual é a função social do conhecimento? Qual é a função social da universidade? Acho que esses são temas para você colocar numa seleção de tutor. Não temas assim da área específica do conhecimento, é claro que o tutor, como geralmente as próprias normas prevêm, o tutor ele tem de ser um doutor. Se ele é um doutor pressupõe-se que ele tem habilidades técnicas, metodológicas, e conhecimento na área específica. Agora, como aliar tudo isso a essa questão mais ampla que é a função social da universidade, a função social do próprio conhecimento, do saber, para quem nós produzimos saber, com que objetivo nós produzimos saber?IC27</p> <p>E essa ideia do trabalho em grupo, porque a ciência e o saber de uma maneira geral não são descomprometidos na sociedade, não é apolítico, tem compromettimentos, tantos aí, e</p>	<p>personalidade de cada estudante. É difícil, eu não sou um psicólogo (a). É exatamente essa formação de melhorar, ensinar ou mostrar o tutor para ter essa melhor interação aprender a lidar melhor com essas situações assim que se apresentam. Eu acho que a universidade também teria ajudar o tutor nessa parte, não somente na parte de interagir melhor com os estudantes no dia-a-dia, essa coisa assim do inter-relacionamento, assim como também a outra parte das ferramentas do tutor para que ele possa lidar com essas situações, não tá havendo isso aqui, nunca vi isso aí.</p> <p>O que eu acho que é fundamental nessa formação, esses elementos que são mais humanos, de relações, mais humanos de gestão de pessoal, mais de gestão de conflitos. Questões que não são não são questões técnicas. O que eu quero dizer e reforçar é que, a formação técnica, acadêmica, ela vem naturalmente, não pelo próprio professor, mas pelo próprio ambiente em que o sujeito está inserido, na relação com outros docentes, com a coordenação do curso. O que nos carece, eu acho que a todos nós nesse processo de formação é essa discussão sobre como é que faz a gestão desse pessoal, como é que faz a gestão desses interesses e dessas perspectivas que são conflitantes, todo mundo tem muitos sonhos, perspectivas que são diferentes. Você tem que fazer essa gestão desse ambiente dos conflitos que são gerados a partir</p>	<p><i>são os elementos mais humanos, de relações, de gestão de pessoal, de gestão de conflitos. Questões que não são questões técnicas. A formação técnica, acadêmica, ela vem naturalmente, não pelo próprio professor tutor, mas pelo próprio ambiente em que o sujeito está inserido, na relação com outros docentes, com a coordenação do curso. O que nos carece, eu acho que a todos nós nesse processo de formação é essa discussão sobre como é que faz a gestão desse pessoal, como é que faz a gestão desses interesses e dessas perspectivas que são conflitantes, todo mundo tem muitos sonhos, perspectivas que são diferentes. Você tem que fazer essa gestão dos conflitos que são gerados a partir desse ambiente. Essas questões de interação, essa relação de melhor entendimento da personalidade de cada estudante para o tutor aprender a lidar melhor com essas situações que se apresentam. Eu acho que a universidade também teria ajudar o tutor nessa parte, não somente na parte de interagir melhor com os estudantes no dia-a-dia, assim como também a outra parte das ferramentas do tutor para que ele possa lidar com essas situações. Então, essa formação que eu estou chamando de uma formação mais humana, para você efetivamente poder fazer a gestão do grupo daquele pessoal. Um tema bastante interessante também é trabalho em grupo. Ter uma boa noção de como trabalhar em grupo, porque isso atravessa todas as formações, todas as áreas do conhecimento porque é um grupo em que</i></p>
--	---	--

<p>para mim essa é uma questão fundante até para o perfil que se irá trabalhar com o grupo. IC26</p> <p>T4-BR: Eu acho que a própria educação tutorial, o processo de formação, de educação tutorial, o próprio PET, a filosofia, porque isso é algo que não tem muitas publicações, sobre o PET inclusive, porque na universidade de hoje se você for lá fazer levantamento você não vê muitas publicações. IC28</p> <p>Algum conteúdo que nós estejamos precisando mesmo de formação, embora a gente está focalizando a extensão, atividade de extensão que é algo que a gente vê com mais deficiência, que tem mais deficiência, a questão da extensão. IC25</p> <p>T5-BR:Eu acho que nós deveríamos ser orientados em atividades de extensão. Eu acho que esse é o principal problema nosso, é sempre as atividades que dão maior dificuldade. IC25</p> <p>Nós deveríamos ser orientados também na feitura de eventos, nós fazemos muito evento. E nós não somos empresa de eventos, somos professore e alunos fazendo eventos. E seria interessante que nós tivéssemos algum tipo de formação nesse sentido também. Eu acho que nós deveríamos ser orientados em atividades de extensão. Eu acho que esse é o principal problema nosso, é sempre as atividades que dão maior dificuldade.</p> <p>Nós deveríamos ser orientados também na feitura de eventos, nós fazemos muito evento. E nós não somos empresa de eventos, somos professore e alunos fazendo eventos. E seria interessante que nós tivéssemos algum tipo de formação nesse sentido também. IC31</p> <p>T6-BR: Eu acho que esse trabalho com grupos já é fundamental. IC26</p> <p>Você ter a possibilidade de compreender o significado realmente de uma tutoria. No sentido de que você é responsável por aquele conjunto em termos de orientação, de organização, de coordenação.</p>	<p>desse ambiente. Então, essa formação que eu estou chamando de uma formação mais humana, para você efetivamente poder fazer a gestão do grupo daquele pessoal.</p> <p>Eu acho que um tema bastante interessante também é trabalho em grupo. Ter uma boa noção de como trabalhar em grupo, porque isso atravessa todas as formações, todas as áreas do conhecimento porque é um grupo que o tutor e os alunos estão em níveis diferentes, mas fazemos parte de um mesmo grupo.</p> <p>E essa ideia do trabalho em grupo...</p> <p>Eu acho que esse trabalho com grupos já é fundamental.</p>		<p><i>o tutor e os alunos estão em níveis diferentes, mas fazemos parte de um mesmo grupo. Esse trabalho com grupos é fundamental.</i></p>
<p>Nós deveríamos ser orientados também na feitura de eventos, nós fazemos muito evento. E nós não somos empresa de eventos, somos professore e alunos fazendo eventos. E seria interessante que nós tivéssemos algum tipo de formação nesse sentido também. Eu acho que nós deveríamos ser orientados em atividades de extensão. Eu acho que esse é o principal problema nosso, é sempre as atividades que dão maior dificuldade.</p> <p>Nós deveríamos ser orientados também na feitura de eventos, nós fazemos muito evento. E nós não somos empresa de eventos, somos professore e alunos fazendo eventos. E seria interessante que nós tivéssemos algum tipo de formação nesse sentido também. IC31</p> <p>T6-BR: Eu acho que esse trabalho com grupos já é fundamental. IC26</p> <p>Você ter a possibilidade de compreender o significado realmente de uma tutoria. No sentido de que você é responsável por aquele conjunto em termos de orientação, de organização, de coordenação.</p>	<p>IC27: <i>A função social do conhecimento.</i></p> <p>E também eu acho que outro debate bastante importante seria a função social do conhecimento, porque que nós buscamos o conhecimento? Qual é a função social do conhecimento? Qual é a função social da universidade? Acho que esses são temas para você colocar numa seleção de tutor. Não temas assim da área específica do conhecimento, é claro que o tutor, como geralmente as próprias normas prevêm, o tutor ele tem de ser um doutor. Se ele é um doutor pressupõe-se que ele tem habilidades técnicas, metodológicas, e conhecimento na área específica. Agora, como aliar tudo isso a essa questão mais ampla que é a função social da universidade, a função social do próprio conhecimento, do saber, para quem nós produzimos saber, com</p>	<p>A27: <i>A função social do conhecimento.</i></p>	<p>DSC 27</p> <p>A27: <i>A função social do conhecimento.</i></p> <p>IC27: <i>A função social do conhecimento.</i></p> <p><i>Eu acho que um tema bastante importante seria a função social do conhecimento, porque nós buscamos o conhecimento? Qual é a função social do conhecimento? Qual é a função social da universidade? Acho que esses são temas para você colocar numa seleção de tutor. Não temas assim da área específica do conhecimento, é claro que o tutor, como geralmente as próprias normas prevêm, o tutor ele tem de ser um doutor. Se ele é um doutor pressupõe-se que ele tem habilidades técnicas, metodológicas, e conhecimento na área específica. Agora, como aliar tudo isso a essa questão mais ampla que é a função social da universidade, a função social do próprio conhecimento, do saber, para quem nós produzimos</i></p>

<p>Mas ao mesmo tempo, você não é o dono, você não é o que manda. Você compreender o que é realmente o significado. Ser tutor! IC31</p> <p>E principalmente, eu acho que o tutor tem que ter para além dessa coisa de cientificismo, produtivismo, ele tem que ter uma base crítica. Para dar abertura para uma formação mais ampla, de leitura mais crítica de mundo social. Acho que poderia ser aberto um diálogo, um debate entre os tutores, essa troca de experiência, o próprio C.L.A. funcionar como um meio de reciclagem, de trocas. Inclusive, o C.L.A. poderia promover pelo menos a cada semestre, uma reunião para fazer esse exercício. IC28</p> <p>T6-BR: Se a gente pegar, assim, uma metodologia do ensino superior ou algo assim. Ou mesmo, uma discussão que entrasse sobre a teoria do conhecimento, sociologia do conhecimento, uma visão de universidade, os problemas dos cursos (tipo, evasão). Inclusive, a ProGrad promover isso. E ter a condução realmente de uma discussão sobre docência na universidade. IC29</p> <p>T7-BR: Eu acho que os temas são muito ligados a perspectiva do Paulo Freire. A questão da autonomia, dialogicidade, eu acho que se você for numa metodologia freiriana, você vai encontrar todos os elementos. IC30</p>	<p>que objetivo nós produzimos saber? Porque a ciência e o saber de uma maneira geral não são descomprometidos na sociedade, não é apolítico, tem comprometimentos, tantos aí, e para mim essa é uma questão fundante até para o perfil que se irá trabalhar com o grupo.</p>		<p><i>saber, com que objetivo nós produzimos saber? Porque a ciência e o saber de uma maneira geral não são descomprometidos na sociedade, não é apolítico, tem comprometimentos, tantos aí, e para mim essa é uma questão fundante até para o perfil que se irá trabalhar com o grupo.</i></p>
	<p>IC28: <i>Formação crítico-social.</i></p> <p>Eu acho que o tutor tem que ter para além dessa coisa de cientificismo, produtivismo, ele tem que ter uma base crítica. Para dar abertura para uma formação mais ampla, de leitura mais crítica de mundo social. Acho que poderia ser aberto um diálogo, um debate entre os tutores, essa troca de experiência, o próprio C.L.A. funcionar como um meio de reciclagem, de trocas. Inclusive, o C.L.A. poderia promover pelo menos a cada semestre, uma reunião para fazer esse exercício.</p>	<p>A28: <i>Formação crítico-social.</i></p>	<p>DSC 28 A28: <i>Formação crítico-social.</i> IC28: <i>Formação crítico-social.</i></p> <p>Eu acho que o tutor tem que ter para além dessa coisa de cientificismo, produtivismo, ele tem que ter uma base crítica. Para dar abertura para uma formação mais ampla, de leitura mais crítica de mundo social. Acho que poderia ser aberto um diálogo, um debate entre os tutores, essa troca de experiência, o próprio C.L.A. funcionar como um meio de reciclagem, de trocas. Inclusive, o C.L.A. poderia promover pelo menos a cada semestre, uma reunião para fazer esse exercício.</p>
	<p>IC29: <i>Docência no ensino superior.</i></p> <p>Se a gente pegar, assim, uma metodologia do ensino superior ou algo assim. Ou mesmo, uma discussão que entrasse sobre a teoria do conhecimento, sociologia do conhecimento, uma visão de universidade, os problemas dos cursos (tipo, evasão). Inclusive, a ProGrad promover isso. E ter a condução realmente de uma discussão sobre docência na universidade.</p>	<p>A29: <i>Docência no ensino superior.</i></p>	<p>DSC 29 A29: <i>Docência no ensino superior.</i> IC29: <i>Docência no ensino superior.</i> <i>Uma metodologia do ensino superior ou algo assim, uma discussão que entrasse sobre a teoria do conhecimento, sociologia do conhecimento, uma visão de universidade, os problemas dos cursos (tipo, evasão). Inclusive, a ProGrad promover isso. E ter a condução realmente de uma discussão sobre docência na universidade.</i></p>
	<p>IC30: <i>Dialogicidade e autonomia.</i></p> <p>Eu acho que os temas são muito ligados a perspectiva do Paulo</p>	<p>A30: <i>Dialogicidade e autonomia.</i></p>	<p>DSC 30 A30: <i>Dialogicidade e autonomia.</i> IC30: <i>Dialogicidade e autonomia.</i></p>

	<p>Freire. A questão da autonomia, dialogicidade, eu acho que se você for numa metodologia freiriana, você vai encontrar todos os elementos.</p>		<p><i>Eu acho que os temas são muito ligados a perspectiva do Paulo Freire. A questão da autonomia, dialogicidade, eu acho que se você for numa metodologia freiriana, você vai encontrar todos os elementos.</i></p>
	<p>IC31: <i>Organização de eventos.</i> Nós deveríamos ser orientados também na feitura de eventos, nós fazemos muito evento. E nós não somos empresa de eventos, somos professore e alunos fazendo eventos. E seria interessante que nós tivéssemos algum tipo de formação nesse sentido também.</p>	<p>A31: <i>Organização de eventos.</i></p>	<p>DSC 31 A31: <i>Organização de eventos.</i> IC31: <i>Organização de eventos.</i> <i>Nós deveríamos ser orientados também na feitura de eventos, nós fazemos muito evento. E nós não somos empresa de eventos, somos professore e alunos fazendo eventos. E seria interessante que nós tivéssemos algum tipo de formação nesse sentido também.</i></p>
	<p>IC32: <i>O Significado da tutoria, de ser tutor.</i> Você ter a possibilidade de compreender o significado realmente de uma tutoria. No sentido de que você é responsável por aquele conjunto em termos de orientação, de organização, de coordenação. Mas ao mesmo tempo, você não é o dono, você não é o que manda. Você compreender o que é realmente o significado. Ser tutor! E principalmente, eu acho que o tutor tem que ter para além dessa coisa de cientificismo, produtivismo, ele tem que ter uma base crítica. Para dar abertura para uma formação mais ampla, de leitura mais crítica de mundo social. Quer dizer, como essa formação ela meio impossível, assim, impossível, que eu digo, ser dada como curso. Mas acho que poderia ser aberto um diálogo, um debate entre os tutores, essa troca de experiência,</p>	<p>A32: <i>O significado da tutoria.</i></p>	<p>DSC32 A32: <i>O significado da tutoria.</i> IC32: <i>O Significado da tutoria, de ser tutor.</i> <i>Nós termos a possibilidade de compreender o significado realmente de uma tutoria. Eu acho que esse trabalho com grupos já é fundamental, no sentido de que você é responsável por aquele conjunto em termos de orientação, de organização, de coordenação. Mas ao mesmo tempo, você não é o dono, você não é o que manda. Você compreender o que é realmente o significado. Ser tutor!</i></p>

	<p>o próprio C.L.A. funcionar como um meio de reciclagem, de trocas. Inclusive, o C.L.A. poderia promover pelo menos a cada semestre, uma reunião para fazer esse exercício.</p>		
--	--	--	--

APÊNDICE X – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 8 (IAD 8)			
EIXO DISCURSIVO: FORMAÇÃO			
SUB-EIXO: CONTRIBUIÇÃO DA TUTORIA PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL			
EXPRESSÕES CHAVES	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>T2-BR: Eu considero ter as características que são adequadas para atuação na tutoria. Só que elas não são exercitadas ou, não eram exercitadas aqui, e passaram a ser muito por conta do PET. Então, a minha atuação como docente, ou a minha atuação como orientador de iniciação científica são diferentes daquela como tutor. Eu não posso simplesmente considerar que a sala de aula é um grupo de bolsistas do PET, não funcionaria! Você ter relações diferentes! Essa característica eu já tinha. Ela não era exercida, efetivada! Mas com o PET, ela me permite gerar esse tipo de relação que eu acho que é muito positiva! Então, a atuação no PET me ajudou, porque ela me permitiu exercitar esse tipo de atuação que é bastante adequada, e que eu consigo levar em pequenas instâncias, em pequenos exemplos, para outras atuações, pra minha atuação profissional na minha atuação como docente, não na sala de aula, mas em um pequeno grupo onde você pode gerar um nível de autonomia maior, você faz um acompanhamento de forma diferenciada, você dá mais a capacidade do aluno construir, até cometer os seus próprios erros. Então, em pequenos momentos eu posso pegar essas experiências de atuação que eu tenho no PET e incluir na minha prática profissional. Na minha opinião, o programa de educação tutorial está aí para isso, é para avaliar até que ponto o modelo de educação tutorial é interessante; dá pra ter essa experiência em outros exemplos? Dá pra ter essa experiência na sala de aula? Então, é necessário que o ambiente seja mais controlado, que o número de alunos seja</p>	<p>IC33: <i>A tutoria no PET contribui para efetivar relações diferenciadas em outras atuações profissionais.</i></p> <p>Eu considero ter as características que são adequadas para atuação na tutoria. Só que elas não são exercitadas ou, não eram exercitadas aqui, e passaram a ser muito por conta do PET. Então, a minha atuação como docente, ou a minha atuação como orientador de iniciação científica são diferentes daquela como tutor. Eu não posso simplesmente considerar que a sala de aula é um grupo de bolsistas do PET, não funcionaria! Você ter relações diferentes! Essa característica eu já tinha. Ela não era exercida, efetivada! Mas com o PET, ela me permite gerar esse tipo de relação que eu acho que é muito positiva! Então, a atuação no PET me ajudou, porque ela me permitiu exercitar esse tipo de atuação que é bastante adequada, e que eu consigo levar em pequenas instâncias, em pequenos exemplos, para outras atuações, pra minha atuação profissional na minha atuação como docente, não na sala de aula, mas em um pequeno grupo onde você pode gerar um nível de autonomia maior, você faz um acompanhamento de forma diferenciada, você dá mais a capacidade do aluno construir, até cometer os seus próprios</p>	<p>A33: <i>A tutoria no PET contribui para efetivar relações diferenciadas em outras atuações profissionais.</i></p>	<p>DSC33</p> <p>A33: <i>A tutoria no PET contribui para efetivar relações diferenciadas em outras atuações profissionais.</i></p> <p>IC33: <i>A tutoria no PET contribui para efetivar relações diferenciadas em outras atuações profissionais.</i></p> <p><i>Eu considero ter as características que são adequadas para atuação na tutoria. Só que elas não eram exercitadas e passaram a ser muito por conta do PET. Então, a minha atuação como docente, ou a minha atuação como orientador(a) de iniciação científica são diferentes daquela como tutor(a). Eu não posso simplesmente considerar que a sala de aula é um grupo de bolsistas do PET, não funcionaria! Você ter relações diferentes! Então, a atuação no PET meu ajudou porque ela me permite gerar e exercitar esse tipo de relação que eu acho que é muito positiva, bastante adequada, e que eu consigo levar em pequenas instâncias, em pequenos exemplos, para outras atuações profissionais, na minha atuação como docente, não na sala de aula, mas em um pequeno grupo onde você pode gerar um nível de autonomia maior, você faz um acompanhamento de forma diferenciada, você dá mais a capacidade do aluno construir, até cometer os seus próprios erros. Então, em pequenos momentos eu posso pegar essas experiências de atuação que eu tenho no PET e incluir na</i></p>

<p>menor. Não dá pra fazer tudo o que a gente faz no PET em qualquer lugar, mas a prática nos ensina inclusive a identificar onde é que dá pra colocar esse componente de tutoria no lugar desse componente que a gente utiliza mais da autoridade, do que a gente precisa na sala de aula ou na atuação como orientador.</p> <p>IC33</p> <p>T3-BR: A tutoria eu digo que é um momento privilegiado para o profissional, porque a atividade de tutoria difere um pouco, não totalmente da atividade de sala de aula, porque há na tutoria uma corresponsabilidade, junto com o tutorando, pelo bom desempenho do grupo. Não é que você não consegue também na sala de aula praticar essa corresponsabilidade tão bem como dentro de um grupo, não é isso, porque os papéis são definidos lá! Aqui como é um grupo menor e vai conviver junto um bom período, quem entra aqui no segundo semestre vai passar dois anos. Então é diferente do espaço da sala de aula que entro naquele semestre, ministro a disciplina e no outro já não estarei mais lá. Talvez se assemelhe mais com o trabalho da gestão. O PET ajuda bastante o a treinar o indivíduo para outras responsabilidades, não somente o da sala de aula. Há um pouco a diferença, mas lá também me sinto um pouco tutor também porque estou naquela posição de atrair o aluno de conquistá-lo para o curso, de para a vida acadêmica, então isso acaba sendo um pouco parecido também, essa figura mais maternal ou paternal, que o(a) tutor(a) tem de ter e às vezes em sala de aula dependendo do semestre. IC33</p> <p>Mas eu acho que o PET ajuda também no geral a você ser mais tolerante até com as divergências, com a diversidade, porque acho que vai lapidando a nossa forma de ver o relacionamento humano. Acho que isso é importante.</p> <p>IC34</p>	<p>erros. Então, em pequenos momentos eu posso pegar essas experiências de atuação que eu tenho no PET e incluir na minha prática profissional. Na minha opinião, o programa de educação tutorial está aí para isso, é para avaliar até que ponto o modelo de educação tutorial é interessante; dá pra ter essa experiência em outros exemplos? Dá pra ter essa experiência na sala de aula? Então, é necessário que o ambiente seja mais controlado, que o número de alunos seja menor. Não dá pra fazer tudo o que a gente faz no PET em qualquer lugar, mas a prática nos ensina inclusive a identificar onde é que dá pra colocar esse componente de tutoria no lugar desse componente que a gente utiliza mais da autoridade, do que a gente precisa na sala de aula ou na atuação como orientador.</p> <p>A tutoria eu digo que é um momento privilegiado para o profissional, porque a atividade de tutoria difere um pouco, não totalmente da atividade de sala de aula, porque há na tutoria uma corresponsabilidade, junto com o tutorando, pelo bom desempenho do grupo. Não é que você não consegue também na sala de aula praticar essa corresponsabilidade tão bem como dentro de um grupo, não é isso, porque os papéis são definidos lá! Aqui como é um grupo menor e vai conviver junto um bom período, quem entra aqui no segundo semestre vai passar dois anos. Então é diferente do espaço da sala de aula que entro naquele semestre,</p>	<p><i>minha prática profissional. Na minha opinião, o Programa de Educação Tutorial para avaliar até que ponto o modelo de educação tutorial é interessante; dá pra ter essa experiência em outros exemplos? Dá pra ter essa experiência na sala de aula? Então, é necessário que o ambiente seja mais controlado, que o número de alunos seja menor. Não dá pra fazer tudo o que a gente faz no PET em qualquer lugar, mas a prática nos ensina inclusive a identificar onde é que dá pra colocar esse componente de tutoria no lugar desse componente que a gente utiliza mais da autoridade, do que a gente precisa na sala de aula ou na atuação como orientador(a).</i></p>
--	--	--

<p>T4-BR: A tutoria me inspira muito como professor(a) em sala, eu tenho aprendido muito, até costume dizer com eles. Cada dia a gente aprende com o outro nessa construção, nessa dinamicidade, eles são muito criativos, são muito dinâmicos.</p> <p>IC36 Então, a gente realmente precisa estar sempre brincando, a gente utiliza muito os afetos também, então tem sido uma aprendizagem contínua, por essa prática mesmo muito dialógica, a pedagogia que é dialógica, é aberta, Essa própria relação que eu tenho com eles, que eu procuro também disseminar com outros grupos de grupo de pesquisa, e também de iniciação científica embora lá o foco seja diferente. Enfim, é uma relação que eu venho aprendendo, é algo que eu sempre venho tentando agregar e levar um pouquinho do PET para lá também, para a minha prática pedagógica.</p> <p>IC35 T5-BR: Olhe, especialmente, eu acho que a gente aprende a lidar com “pepino”, aparecem tantos “pepinos”, principalmente em atividades de extensão. As atividades de extensão, elas são sempre extremamente complexas de serem realizadas. Então aparece todo tipo de “pepino” que você possa imaginar. Então, para as atividades, a gente tem que se virar em mil, tem que encontrar uma solução, porque a gente deve à comunidade, a atividade tem que acontecer do mesmo jeito.</p> <p>T5-BR: Eu acho que gerir “pepinos”, eu acho que é a principal contribuição. Não vou dizer que é aprendizagem acadêmica. Aprendizagem acadêmica a gente faz em outras instâncias, a gente faz em sala de aula, a gente faz com nossas pesquisas. Gerir conflitos, fazer com que aqueles meninos não “se matem” nesses grupos, por exemplo. Há muitos conflitos, é muito difícil, porque é uma quantidade grande de alunos, são 12, às vezes, temos voluntários, chega a 14, 15 petianos pra gente</p>	<p>ministro a disciplina e no outro já não estarei mais lá. Talvez se assemelhe mais com o trabalho da gestão. O PET ajuda bastante o a treinar o indivíduo para outras responsabilidades, não somente o da sala de aula. Há um pouco a diferença, mas lá também me sinto um pouco tutor também porque estou naquela posição de atrair o aluno de conquistá-lo para o curso, de para a vida acadêmica, então isso acaba sendo um pouco parecido também, essa figura mais maternal ou paternal, que o(a) tutor(a) tem de ter e às vezes em sala de aula dependendo do semestre.</p>		
<p>IC34: A tutoria no PET ensina a ser tolerante com a diversidade.</p> <p>IC35: Contribui para a dialogicidade e a mobilização de afetos.</p> <p>Então, a gente realmente precisa estar sempre brincando, a gente utiliza muito os afetos também, então tem sido uma aprendizagem contínua, por essa prática mesmo muito dialógica, a pedagogia que é dialógica, é aberta, Essa própria relação que eu tenho com eles, que eu procuro também disseminar com outros grupos de grupo de pesquisa, e também de iniciação científica embora lá o foco seja diferente. Enfim, é uma</p>	<p>Mas eu acho que o PET ajuda também no geral a você ser mais tolerante até com as divergências, com a diversidade, porque acho que vai lapidando a nossa forma de ver o relacionamento humano. Acho que isso é importante.</p>	<p>A34: Ser tolerante com a diversidade.</p> <p>A35: Contribui para a dialogicidade e a mobilização de afetos.</p>	<p>DSC34 A34: Ser tolerante com a diversidade. IC34: A tutoria no PET ensina a ser tolerante com a diversidade. <i>Eu acho que o PET ajuda também no geral a você ser mais tolerante até com as divergências, com a diversidade, porque vai lapidando a nossa forma de ver o relacionamento humano. Acho que isso é importante.</i></p> <p>DSC35 A35: Contribui para a dialogicidade e a mobilização de afetos. IC35: Contribui para a dialogicidade e a mobilização de afetos. <i>Nós utilizamos muito os afetos também, então tem sido uma aprendizagem contínua, por essa prática mesmo muito dialógica, a pedagogia que é dialógica, é aberta, Essa própria relação que eu tenho com eles, que eu procuro também disseminar com outros grupos de grupo de pesquisa, e também de iniciação científica embora lá o foco seja diferente. Enfim, é uma relação que eu venho aprendendo, é algo</i></p>

<p>gerir. Acontece todo tipo de conflito entre eles e a gente tá sempre procurando mediar.</p> <p>IC37 T6-BR: O PET tem sido uma escola pra mim. Talvez eu seja a pessoa que mais tenha aprendido dentro do PET, como eu aprendi uma concepção que dentro na sala de aula quem mais aprende é a gente, o professor, porque a gente tá ali com aquela obrigação fazer a coisa de coordenar o grupo, está aquecido, motivado com as coisas. E esse ganho é claro eu vou passando para os próximos grupos que vão chegando, às vezes funciona aqui, não funciona ali, a gente tem que refazer, reaprender.</p> <p>T7-BR: Eu aprendi muito, não tem essa experiência sistematizada no Brasil, ela faz parte do próprio movimento de formação pedagógica, formação docente, formação de técnicos também.</p>	<p>relação que eu venho aprendendo, é algo que eu sempre venho tentando agregar e levar um pouquinho do PET para lá também, para a minha prática pedagógica.</p>		<p><i>que eu sempre venho tentando agregar e levar um pouquinho do PET para lá também, para a minha prática pedagógica.</i></p>
	<p>IC36: <i>Contribui para o desenvolvimento da dinamicidade e criatividade.</i></p> <p>A tutoria me inspira muito como professor(a) em sala, eu tenho aprendido muito, até costume dizer com eles. Cada dia a gente aprende com o outro nessa construção, nessa dinamicidade, eles são muito criativos, são muito dinâmicos.</p>	<p>A36: <i>Contribui para o desenvolvimento da dinamicidade e criatividade.</i></p>	<p>DSC36 A36: <i>Contribui para o desenvolvimento da dinamicidade e criatividade.</i> IC36: <i>Contribui para o desenvolvimento da dinamicidade e criatividade.</i></p> <p><i>A tutoria me inspira muito como professor(a) em sala, eu tenho aprendido muito, até costume dizer com eles. Cada dia a gente aprende com o outro nessa construção, nessa dinamicidade, eles são muito criativos, são muito dinâmicos.</i></p>
	<p>IC37: <i>Prepara para a resolução de problemas.</i></p> <p>Eu acho que gerir “pepinos”, eu acho que é a principal contribuição. Não vou dizer que é aprendizagem acadêmica. Aprendizagem acadêmica a gente faz em outras instâncias, a gente faz em sala de aula, a gente faz com nossas pesquisas. Gerir conflitos, fazer com que aqueles meninos não “se matem” nesses grupos, por exemplo. Há muitos conflitos, é muito difícil, porque é uma quantidade grande de alunos, são 12, às vezes, temos voluntários, chega a 14, 15 petianos pra gente gerir. Acontece todo tipo de conflito entre eles e a gente tá sempre procurando mediar.</p>	<p>A37: <i>Prepara para a resolução de problemas.</i></p>	<p>DSC37 A37: <i>Prepara para a resolução de problemas.</i> IC37: <i>Prepara para a resolução de problemas.</i></p> <p><i>A principal contribuição é aprender a gerir “pepinos”. Não vou dizer que é aprendizagem acadêmica porque isso nós fazemos em outras instâncias, em sala de aula, com nossas pesquisas. Gerir conflitos, fazer com que os alunos não “se matem” nesses grupos, por exemplo. Há muitos conflitos, é muito difícil, porque é uma quantidade grande de alunos, são 12, às vezes, temos voluntários, chega a 14, 15 petianos pra gente gerir. Acontece todo tipo de conflito entre eles e estamos sempre procurando mediar.</i></p>

	<p>IC38: <i>Contribui para um aprendizado contínuo.</i> O PET tem sido uma escola pra mim. Talvez eu seja a pessoa que mais tenha aprendido dentro do PET, como eu aprendi uma concepção que dentro na sala de aula quem mais aprende é a gente, o professor, porque a gente tá ali com aquela obrigação fazer a coisa de coordenar o grupo, está aquecido, motivado com as coisas. E esse ganho é claro eu vou passando para os próximos grupos que vão chegando, às vezes funciona aqui, não funciona ali, a gente tem que refazer, reaprender.</p>	<p>A38: <i>Contribui para um aprendizado contínuo.</i></p>	<p>DSC38 A38: <i>Contribui para um aprendizado contínuo.</i> IC38: <i>Contribui para um aprendizado contínuo.</i></p> <p><i>O PET tem sido uma escola pra mim. Talvez eu seja a pessoa que mais tenha aprendido dentro do PET, como eu aprendi uma concepção que dentro na sala de aula quem mais aprende é o professor porque está ali com aquela obrigação fazer a coisa de coordenar o grupo, está aquecido, motivado com as coisas. E esse ganho, é claro, eu vou passando para os próximos grupos que vão chegando, às vezes funciona aqui, não funciona ali, tenho que refazer, reaprender.</i></p>
--	---	---	--

APÊNDICE Y – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 9 (IAD 9)

EIXO DISCURSIVO: Perfil do tutor			
EXPRESSÕES CHAVES	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>T1-BR: O tutor não pode ser uma pessoa fechada, carrancuda. Ele não pode ser muito moralista, porque aqui aparece cada situação. Ele tem que ser uma pessoa aberta, disposta a ouvir, ter paciência, muita paciência, ouvir. É bom deixar todo mundo falar, você vai escutar. Então, eu acho que fazer com que o estudante se sinta a vontade, sinta gosto por falar tranquilamente sem muitas travas. Um(a) amigo(a), um(a) companheiro(a) uma pessoa com quem contar num momento difícil. Isso tem dado certo, e na tutoria eu acho fundamental. IC39</p> <p>T2-BR: Eu tenho uma relação muito boa com os alunos, eu tenho um perfil de diálogo. Não tenho um perfil autoritário, isso para a tutoria não é interessante. Então, é um perfil mais de diálogo, um perfil mais de compreensão. IC39</p> <p>Na verdade, eu percebo que o tutor ele é requerido dele um perfil que é diferenciado. Então, algumas pessoas possuem essa característica e outras não. essa diferença dessa relação diferenciada que você precisa ter com o aluno. IC40</p> <p>T3-BR: Eu nem sei se eu tinha perfil para ser tutor. Acabei sendo o(a) tutor(a) e acabei descobrindo depois o que era ser tutor(a). Então, talvez isso não seja tão importante um perfil, assim como não há um perfil pra ser petiano. IC41</p> <p>T3-BR : Bom, essa dimensão da abertura com eles, um pouco essa ideia de autonomia, também deixá-los bastante à vontade para escolher com autonomia. IC45</p> <p>Então, essa experiência para ouvir, que reflete um pouco a dimensão democrática na prática, eu acho que isso ajuda muito. E também ajudou muito no ponto de vista do perfil desse interesse que eles passam</p>	<p>IC39: <i>O tutor tem que ser uma pessoa aberta, saber ouvir, ter uma relação dialógica.</i></p> <p>O tutor não pode ser uma pessoa fechada, carrancuda. Ele não pode ser muito moralista, porque aqui aparece cada situação. Ele tem que ser uma pessoa aberta, disposta a ouvir, ter paciência, muita paciência, ouvir. É bom deixar todo mundo falar, você vai escutar. Então, eu acho que fazer com que o estudante se sinta a vontade, sinta gosto por falar tranquilamente sem muitas travas. Um(a) amigo(a), um(a) companheiro(a) uma pessoa com quem contar num momento difícil. Isso tem dado certo, e na tutoria eu acho fundamental.</p> <p>Tem que ter paciência “de Jó”, porque os petianos não recebem e os trabalhos tem que continuar quando as bolsas atrasam. Isso tem acontecido muito nos últimos seis meses. Eu diria que ele deveria ser uma pessoa paciente que eu acho fundamental, a questão da democracia, de entender e se colocar em uma relação dialógica, mas que também tem que ter determinada autoridade sobre o grupo.</p> <p>Eu tenho uma relação muito boa com os alunos, eu tenho um perfil de diálogo. Não tenho um perfil</p>	<p>A39: <i>Pessoa aberta à escuta e ao diálogo.</i></p>	<p>A39: <i>Pessoa aberta à escuta e ao diálogo.</i></p> <p>IC39: <i>O tutor tem que ser uma pessoa aberta, saber ouvir, ter uma relação dialógica.</i></p> <p><i>O(a) tutor(a) não pode ser uma pessoa fechada. Tem que ser uma pessoa aberta, disposta a ouvir, ser uma pessoa tolerante, ter paciência que eu acho fundamental. Ter um perfil de diálogo, de compreensão. Um(a) amigo(a), um(a) companheiro(a), uma pessoa com quem contar num momento difícil. É bom deixar todo mundo falar, você vai escutar, eu acho que fazer com que o estudante se sinta a vontade, sinta gosto por falar tranquilamente sem muitas travas. Isso tem dado certo, e na tutoria eu acho fundamental. Essa experiência para ouvir, que reflete um pouco a dimensão democrática na prática, a questão de entender e se colocar em uma relação dialógica, mas que também tem que ter determinada autoridade sobre o grupo. Eu acho que isso ajuda muito no ponto de vista do perfil desse interesse que eles passam a sentir pelo todo. Também a questão de ter mais flexibilidade, porque aquela prática que muitas vezes nós trazemos de autoritarismo, de sempre fazer valer a nossa vontade, não a do grupo, a gente tem que ter muito cuidado com isso aqui no programa, é um exercício de prática autônoma, remete muito a essa ação que é mediada, jamais imposta. Um perfil autoritário para a tutoria isso não é interessante.</i></p>

<p>a sentir pelo todo, pela comunidade. IC39</p> <p>T4-BR: Eu acho que essa questão de ter mais flexibilidade, porque aquela prática que muitas vezes nós trazemos lá da prática pedagógica, autoritarismo, de sempre fazer valer a sua vontade, não a do grupo, a gente tem que ter muito cuidado com isso, aqui no programa porque é um exercício de prática autônoma, remete muito a essa ação que é mediada, jamais imposta. IC39</p> <p>Então, o professor que não tenha uma visão do programa, que ele tem uma visão dessa filosofia todinha que norteia, eu acho que ele realmente tem dificuldades IC46 que também não tem essas experiências, é interessante que tenha que momentos de experiências não só lá na pesquisa porque a maior parte são pesquisadores. Têm experiências na pesquisa, mas que não é a mesma coisa, são duas atividades completamente diferentes. IC40</p> <p>Mas assim, quanto a perfil, não são todos que tem esse perfil, uns tem perfil de pesquisador. IC40</p> <p>T5-BR: Eu não sei o que é um perfil de tutor do PET. Então, não posso responder à sua pergunta. No dia que nós tivermos um perfil instituído, que esteja alocado na realidade, aí eu posso lhe dizer se eu possuo ou não essas qualidades. IC41</p> <p>Tem que ter paciência “de Jó”, porque os petianos não recebem e os trabalhos tem que continuar quando as bolsas atrasam. Isso tem acontecido muito nos últimos seis meses. IC39</p> <p>T6-BR: O perfil, eu acho que o perfil do tutor animado com o grupo, que se coloca politicamente, que tenha a posição ética IC42</p> <p>Que tem desejo de ficar no PET. IC43</p> <p>Eu espero que eu esteja contribuindo é na possibilidade de formação crítica. Mas eu estimo muito eles a participarem dessa coisa</p>	<p>autoritário, que é um perfil que pode ser interessante para certas situações da docência e em alguns momentos são fundamentais, mas para a tutoria não é interessante. Então, é um perfil mais de diálogo, um perfil mais de compreensão.</p> <p>Então, essa experiência para ouvir, que reflete um pouco a dimensão democrática na prática, eu acho que isso ajuda muito. E também ajudou muito no ponto de vista do perfil desse interesse que eles passam a sentir pelo todo, pela comunidade.</p> <p>Eu acho que essa questão de ter mais flexibilidade, porque aquela prática que muitas vezes nós trazemos lá da prática pedagógica, autoritarismo, de sempre fazer valer a sua vontade, não a do grupo, a gente tem que ter muito cuidado com isso, aqui no programa porque é um exercício de prática autônoma, remete muito a essa ação que é mediada, jamais imposta.</p> <p>Eu acho que ele tem que ser uma pessoa aberta, ele tem que entender bastante, ser uma pessoa tolerante. Então essa coisa de compreender, da questão da tolerância, das atividades que são muitas atividades.</p> <p>IC40: <i>É um perfil diferenciado que nem todos têm.</i></p> <p>Na verdade, eu percebo que o tutor ele é requerido dele um perfil que é diferenciado. Então, algumas pessoas possuem essa característica e outras</p>	<p>A40: <i>Perfil diferenciado.</i></p>	<p>A40: <i>Perfil diferenciado.</i></p> <p>IC40: <i>É um perfil diferenciado que nem todos têm.</i></p> <p><i>Na verdade, eu percebo que do(a) tutor(a) é requerido dele um perfil diferenciado. A atuação do tutor é completamente diferente da forma como ele atua na formação dos alunos em</i></p>
---	---	--	--

<p>política, com a formação interna e de certa forma tenho trabalhado para ajudar o curso. IC42</p> <p>T7-BR: Eu acho que ele tem que ser uma pessoa aberta, ele tem que entender bastante, ser uma pessoa tolerante. Então essa coisa de compreender, da questão da tolerância, das atividades que são muitas atividades. IC39</p> <p>T1-BR: Não estabelecer uma distância entre o aluno, o grupo e você, isso é uma coisa que o tutor deve ter essa disponibilidade e tempo. IC44)</p> <p>Eu gosto do Pet, gosto muito! Pra mim o Pet é a menina dos olhos! Tem que querer e eu percebo que nem todo mundo quer. IC43</p> <p>T2-BR: A atuação do tutor é completamente diferente da forma como ele atua na formação dos alunos em outras instâncias, então, ele precisa escutar muito. A relação tutorial não acontece só do tutor com o aluno, ela acontece do aluno com o tutor. IC40</p> <p>Uma pessoa que traga autonomia para os alunos, fazer com que os consigam caminhar sozinhos quando saírem daqui. IC45</p> <p>T4-BR O tutor tem que confiar também no grupo, porque a gente aprende. IC48</p>	<p>não.</p> <p>essa diferença dessa relação diferenciada que você precisa ter com o aluno.</p> <p>A atuação do tutor é completamente diferente da forma como ele atua na formação dos alunos em outras instâncias, então, ele precisa escutar muito. A relação tutorial não acontece só do tutor com o aluno, ela acontece do aluno com o tutor.</p> <p>Que também não tem essas experiências, é interessante que tenha que momentos de experiências não só lá na pesquisa porque a maior parte são pesquisadores. Têm experiências na pesquisa, mas que não é a mesma coisa, são duas atividades completamente diferentes.</p> <p>Mas assim, quanto a perfil, não são todos que tem esse perfil, uns tem perfil de pesquisador.</p>		<p>outras instâncias, ele precisa escutar muito. A relação tutorial não acontece só do tutor com o aluno, ela acontece do aluno com o tutor. Então, algumas pessoas possuem essa característica e outras não. Quanto a perfil, não são todos que tem esse perfil, uns tem perfil de pesquisador. Têm experiências na pesquisa, mas não é a mesma coisa, são duas atividades completamente diferentes.</p>
<p>T5-BR: Faça do seu jeito. Cada um deve encontrar o seu próprio caminho, que se adequa às suas próprias habilidades e competências. O que funciona pra mim pode não funcionar pra outra pessoa. Vai fazer como tudo que a gente faz na vida, a gente testa. Vê se dá certo de uma forma. Se não der, a gente vai pra outra. Eu acho que cada um vai fazer o seu próprio caminho. Cada tutor vai trazer e fazer sua trajetória. IC45</p> <p>T6-BR: primeiro ler os manuais. IC46 Depois ver dentro daquilo ali, o que ele pode estar exercendo, mas dentro daquilo, ganhando autonomia. IC45</p> <p>E segundo, dar um tempo. Porque muita coisa que precisa demorar mesmo entender. E que aprender com o grupo já</p>	<p>IC41: Não sei se há um perfil, talvez não seja tão importante assim.</p> <p>Eu não sei o que é um perfil de tutor do PET. Então, não posso responder à sua pergunta. No dia que nós tivermos um perfil instituído, que esteja alocado na realidade, aí eu posso lhe dizer se eu possuo ou não essas qualidades.</p> <p>Eu nem sei se eu tinha perfil para ser tutor. Acabei sendo o(a) tutor(a) e acabei descobrindo depois o que era ser tutor(a). Então, talvez isso não seja tão importante um perfil, assim como não</p>	<p>A41: Não há perfil, isso não é tão importante.</p>	<p>A41: Não há perfil, isso não é tão importante.</p> <p>IC41: Não sei se há um perfil, talvez não seja tão importante assim.</p> <p>Eu não sei o que é um perfil de tutor do PET. Eu nem sei se eu tinha perfil para ser tutor. No dia que nós tivermos um perfil instituído, que esteja alocado na realidade, aí eu posso dizer se eu possuo ou não essas qualidades. Acabei sendo o(a) tutor(a) e acabei descobrindo depois o que era ser tutor(a). Então, talvez isso não seja tão importante um perfil, assim como não há um perfil pra ser petiano.</p>

<p>existente, porque os mais velhos, geralmente ensinam os mais novos e também ensinam os tutores. IC47 T7-BR: Eu diria que ele deveria ser uma pessoa paciente que eu acho fundamental, a questão da democracia, de entender e se colocar em uma relação dialógica, mas que também tem que ter determinada autoridade sobre o grupo. IC39</p>	<p>há um perfil pra ser petiano.</p> <p>IC42: <i>Tem que ter postura política, ética, crítica.</i></p> <p>O perfil, eu acho que o perfil do tutor animado com o grupo, que se coloca politicamente, que tenha a posição ética.</p> <p>Eu espero que eu tenha contribuindo é na possibilidade de formação crítica. Mas eu estímulo muito eles a participarem dessa coisa política, com a formação interna e de certa forma tenho trabalhado para ajudar o curso.</p>	<p>A42: <i>Postura ética, política e crítica.</i></p>	<p>A42: <i>Postura ética, política e crítica.</i></p> <p>IC42: <i>Tem que ter postura política, ética, crítica.</i></p> <p><i>Eu acho que o perfil do tutor que se coloca politicamente, que tem a posição ética, contribui na possibilidade de formação crítica. Eu estímulo muito eles a participarem dessa coisa política com a formação interna e de certa forma tenho trabalhado para ajudar o curso.</i></p>
<p>IC43: <i>Tem que ter desejo de ficar no PET</i></p> <p>Eu gosto do Pet, gosto muito! Pra mim o Pet é a menina dos olhos! Tem que querer e eu percebo que nem todo mundo quer. que tem desejo de ficar no PET.</p>	<p>IC43: <i>Tem que ter desejo de ficar no PET</i></p> <p>Eu gosto do Pet, gosto muito! Pra mim o Pet é a menina dos olhos! Tem que querer e eu percebo que nem todo mundo quer. que tem desejo de ficar no PET.</p>	<p>A43: Desejo de estar no PET.</p>	<p>A43: Desejo de estar no PET.</p> <p>IC43: <i>Tem que ter desejo de ficar no PET</i></p> <p>Eu gosto do PET, gosto muito! Pra mim o PET é a menina dos olhos! Tem que querer e tem que ter desejo de ficar no PET, porque eu percebo que nem todo mundo quer.</p>
<p>IC44: <i>Ser disponível.</i></p> <p>Não estabelecer uma distância entre o aluno, o grupo e você, isso é uma coisa que o tutor deve ter essa disponibilidade e tempo.</p>	<p>IC44: <i>Ser disponível.</i></p> <p>Não estabelecer uma distância entre o aluno, o grupo e você, isso é uma coisa que o tutor deve ter essa disponibilidade e tempo.</p>	<p>A44: <i>disponibilidade.</i></p>	<p>A44: <i>disponibilidade.</i></p> <p>IC44: <i>Ser disponível.</i></p> <p><i>O(a) tutor(a) não deve estabelecer distância entre o grupo e ele(a), isso é uma coisa que o tutor deve ter, essa disponibilidade e tempo.</i></p>
<p>IC45: <i>Ser autônomo e desenvolver autonomia nos alunos.</i></p> <p>Faça do seu jeito. Cada um deve encontrar o seu próprio caminho, que se adeque às suas próprias habilidades e competências. O que funciona pra mim pode</p>	<p>IC45: <i>Ser autônomo e desenvolver autonomia nos alunos.</i></p> <p>Faça do seu jeito. Cada um deve encontrar o seu próprio caminho, que se adeque às suas próprias habilidades e competências. O que funciona pra mim pode</p>	<p>A45: <i>Ser autônomo e desenvolver autonomia nos alunos.</i></p>	<p>A45: <i>Ser autônomo e desenvolver autonomia nos alunos.</i></p> <p>IC45: <i>Ser autônomo e desenvolver autonomia nos alunos.</i></p> <p><i>Cada um deve encontrar o seu próprio caminho, fazer as coisas do seu jeito, de</i></p>

	<p>não funcionar pra outra pessoa. Vai fazer como tudo que a gente faz na vida, a gente testa. Vê se dá certo de uma forma. Se não der, a gente vai pra outra. Eu acho que cada um vai fazer o seu próprio caminho. Cada tutor vai trazer e fazer sua trajetória</p> <p>Uma pessoa que traga autonomia para os alunos, fazer com que os consigam caminhar sozinhos quando saírem daqui.</p> <p>Depois ver dentro daquilo ali, o que ele pode estar exercendo, mas dentro daquilo, ganhando autonomia</p> <p>Bom, essa dimensão da abertura com eles, um pouco essa ideia de autonomia, também deixá-los bastante à vontade para escolher com autonomia.</p>		<p><i>modo que se adeque às suas próprias habilidades e competências. O que funciona pra mim pode não funcionar pra outra pessoa. Vai fazer como tudo que a gente faz na vida, a gente testa. Vê se dá certo de uma forma. Se não der, a gente vai pra outra. Cada tutor(a) vai trazer e fazer sua trajetória. Depois ver dentro daquilo o que ele pode estar exercendo, mas ganhando autonomia. O(a) tutor(a) também tem que ser uma pessoa que traga autonomia para os alunos, deixá-los bastante à vontade para escolher com autonomia, fazer com que os consigam caminhar sozinhos quando saírem daqui.</i></p>
	<p>IC46: <i>Conhecer a filosofia do PET</i></p> <p>Primeiro ler os manuais . Então, o professor que não tenha uma visão do programa, que ele tem uma visão dessa filosofia todinha que norteia, eu acho que ele realmente tem dificuldades</p>	<p>A46: <i>Conhecer a filosofia do PET.</i></p>	<p>A46: <i>Conhecer a filosofia do PET.</i></p> <p>IC46: <i>Conhecer a filosofia do PET</i></p> <p><i>O(a) tutor(a) tem que primeiro ler os manuais, porque o(a) professor(a) que não tem uma visão do programa, dessa filosofia que o norteia, ele realmente tem dificuldades.</i></p>
	<p>IC47: <i>Ter confiança e aprender com o grupo.</i></p> <p>O tutor tem que confiar também no grupo, porque a gente aprende.</p> <p>E segundo, dar um tempo. Porque muita coisa que precisa demorar mesmo entender. E que aprender com o grupo já existente, porque os mais velhos, geralmente ensinam os mais novos e também ensinam os tutores.</p>	<p>A47: <i>Ter confiança e aprender com o grupo</i></p>	<p>A47: <i>Ter confiança e aprender com o grupo</i></p> <p>IC47: <i>Ter confiança e aprender com o grupo.</i></p> <p><i>O(a) tutor(a) tem que confiar no grupo já existente, porque os mais velhos, geralmente ensinam os mais novos e também ensinam os tutores. A gente aprende muita coisa que precisa demorar mesmo pra entender.</i></p>

APÊNDICE Z – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 10 (IAD 10)

EIXO DISCURSIVO: CURRÍCULO E TUTORIA			
SUB-EIXO DISCURSIVO: TUTORIA DO PET E O CURRÍCULO DO CURSO			
EXPRESSÕES CHAVES	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>T2-BR: A gente tem dificuldades. O nosso currículo é muito restrito. A gente tem uma associação que gera um currículo de referência que a maioria das instituições usa e que é muito fechado. No meu curso eu percebo que a nossa influência na questão curricular é muito pequena, no nosso caso específico. Mas eu percebo que, em outros cursos, pelas discussões que eu tenho com outros tutores, com petianos de outros grupos, aí sim, há uma inserção bem maior dessas atividades, da atuação do próprio PET na formação dos outros alunos a nível de currículo. IC49</p> <p>T2-BR: a minha atuação tem um peso muito maior nesse tipo de formação que não é efetivamente dado, que não faz parte da grade curricular do curso. IC53</p> <p>T3-BR: Eu acho que intervém significativamente porque traz principalmente novos temas, muitas vezes que não estão sendo abordados nas disciplinas e no currículo. Então, nós trazemos profissionais de outras universidades do Ceará e da própria UECE, como também de outros estados, para trabalhar temas e abordagens que muitas vezes são bastante interessantes para o despertar do aluno nos seus interesses individuais pelas pesquisas. Não só do aluno petiano! Não falo só do aluno petiano, falo do aluno de todo o curso. Então, na Semana X, as conferências trazem temas bastante interessantes do ponto de vista tanto acadêmico, e algumas oportunidades, alguns temas bastante desafiadores no ponto de vista político, social. Nós temos uma boa parceria também dos petianos com o movimento estudantil. Então, eles fazem mesas, temas</p>	<p>IC48: O PET intervém significativamente no currículo, suprimindo algumas lacunas da formação do curso.</p> <p>Eu acho que intervém significativamente porque traz principalmente novos temas, muitas vezes que não estão sendo abordados nas disciplinas e no currículo. Então, nós trazemos profissionais de outras universidades do Ceará e da própria UECE, como também de outros estados, para trabalhar temas e abordagens que muitas vezes são bastante interessantes para o despertar do aluno nos seus interesses individuais pelas pesquisas. Não só do aluno petiano! Não falo só do aluno petiano, falo do aluno de todo o curso. Então, na Semana X, as conferências trazem temas bastante interessantes do ponto de vista acadêmico, e algumas oportunidades, alguns temas bastante desafiadores no ponto de vista político, social. Nós temos uma boa parceria também dos petianos com o movimento estudantil, com o C.A. do curso. Então, eles fazem mesas, temas</p>	<p>A48: O PET intervém no currículo e supre algumas lacunas da formação.</p>	<p>DSC 48</p> <p>A48: O PET intervém no currículo e supre algumas lacunas da formação.</p> <p>IC48: O PET intervém significativamente no currículo, suprimindo algumas lacunas da formação do curso.</p> <p>Eu acho que o PET intervém significativamente porque traz novos temas, muitas vezes que não estão sendo abordados nas disciplinas e no currículo. Então, nós trazemos profissionais de outras universidades do Ceará e da própria UECE, como também de outros estados, para trabalhar temas e abordagens que muitas vezes são bastante interessantes para o despertar do aluno em seus interesses individuais pelas pesquisas. Não só do aluno petiano! Não falo só do aluno petiano, falo do aluno de todo o curso. Então, na Semana X, as conferências trazem temas bastante interessantes do ponto de vista tanto acadêmico, e algumas oportunidades, alguns temas bastante desafiadores no ponto de vista político, social. Nós temos uma boa parceria também dos petianos com o movimento estudantil. Então, eles fazem mesas, temas relevantes, o PET dá um gás significativo pra o debate que acontece no nosso curso. Enriquece o currículo</p>

<p>bastante interessantes do ponto de vista tanto acadêmico, e algumas oportunidades, alguns temas bastante desafiadores no ponto de vista político, social. Nós temos uma boa parceria também dos petianos com o movimento estudantil, com o C.A. do curso. Então, eles fazem mesas, temas relevantes, o PET dá um gás significativo pra o debate que acontece no nosso curso.</p> <p>IC48 T4-BR: Eu acredito que sim, mas não só o PET. Não é uma diferenciação aqui pelo fato de ser o PET, mas por conta da maior parte dos alunos estarem desenvolvendo outras atividades: de iniciação, de monitoria, de pesquisa.IC50 T5-BR: Porque nós dividimos nossas atividades em atividades de ensino para curso, atividades para extensão e atividades para pesquisa do aluno. Entre as atividades do curso, nós fazemos palestras, mesas redondas. Em geral, nós escolhemos temáticas que estão na contemporaneidade e não são vistas em sala de aula; em especial, aqueles buracos na nossa grade.</p>	<p>relevantes, o PET dá um gás significativo pra o debate que acontece no nosso curso. Porque nós dividimos nossas atividades em atividades de ensino para curso, atividades para extensão e atividades para pesquisa do aluno. Entre as atividades do curso, nós fazemos palestras, mesas redondas. Em geral, nós escolhemos temáticas que estão na contemporaneidade e não são vistas em sala de aula; em especial, aqueles buracos na nossa grade. Enriquece o currículo porque tem muitas coisas que devem ter o escrutínio do cientista X e que não tem por questões de tempo e espaço na grade, os colegas não tem condições de trabalhar essas questões. Então, nós trabalhamos isso em forma de encontros, seminários.</p>		<p>porque tem muitas coisas que devem ter o escrutínio do cientista X e que não tem por questões de tempo e espaço na grade, não há condições de trabalhar essas questões. Então, nós dividimos nossas atividades em atividades de ensino para curso, atividades para extensão e atividades para pesquisa do aluno. Entre as atividades do curso, nós trabalhamos isso em forma de encontros, seminários, palestras, mesas redondas. Em geral, nós escolhemos temáticas que estão na contemporaneidade e não são vistas em sala de aula; em especial, aqueles buracos na nossa grade.</p>
<p>Enriquece o currículo porque tem muitas coisas que devem ter o escrutínio do cientista X e que não tem por questões de tempo e espaço na grade, os colegas não tem condições de trabalhar essas questões. Então, nós trabalhamos isso em forma de encontros, seminários.IC48 No momento em que o aluno faz a inserção à docência e vira um monitor, ele está intervindo diretamente no dia-a-dia da sala de aula. Então, eu acho que nós estamos de várias formas, dentro do curso, são múltiplas as formas que nós acionamos esse currículo.IC53</p>	<p>IC49: o PET intervém muito pouco no currículo.</p> <p>A gente tem dificuldades. O nosso currículo é muito restrito. A gente tem uma associação que gera um currículo de referência que a maioria das instituições usa e que é muito fechado. No meu curso eu percebo que a nossa influência na questão curricular é muito pequena, no nosso caso específico. Mas eu percebo que, em outros cursos, pelas discussões que eu</p>	<p>A49: o PET intervém muito pouco no currículo</p>	<p>DSC 49 A49: o PET intervém muito pouco no currículo. IC49: O PET intervém muito pouco no currículo.</p> <p><i>Eu percebo que a nossa influência do PET na questão curricular é muito pequena, em casos específicos. Mas eu percebo que, em outros cursos, pelas discussões que eu tenho com outros tutores, com petianos de outros grupos, há uma inserção bem maior dessas atividades, da atuação do próprio PET na</i></p>

<p>T5-BR: Eu acho que o curso tem uma nova cara depois do PET. O curso era um antes do PET e hoje o curso tem uma nova cara depois do PET. Eu acho que o PET contribui para construir uma identidade. Eu acho que é importante que todos os cursos tenham uma “cara” própria. Então eu acho que sim. IC51</p>	<p>tenho com outros tutores, com petianos de outros grupos, aí sim, há uma inserção bem maior dessas atividades, da atuação do próprio PET na formação dos outros alunos a nível de currículo.</p>		<p><i>formação dos outros alunos a nível de currículo.</i></p>
<p>T6-BR: A gente procura desenvolver o planejamento no sentido de priorizar um grupo de estudos, pra discutir amplamente. Eu pego muito na parte teórico-metodológica, que é o grande gargalo, o grande buraco do curso. E as atividades que a gente monta também é pra mandar essa mensagem pra o curso, então a gente prioriza esse tipo de leitura. Nesse aspecto, eu não direciono a nenhuma linha específica, entendo mais o lado do teórico-metodológico. A gente fez um raciocínio de mandar uma mensagem para o curso, temos que discutir o fundamento de tudo isso, que é o projeto que nos conduz até hoje. As leituras aqui enriquecem o currículo! Então, estamos que nem dois “bicudos”. Eu continuo insistindo nos fundamentos e a graduação continua dizendo “A gente quer técnica, a gente quer técnica”. Reflexo do mundo. Mas a gente mantém a nossa resistência e postura nesse sentido. A gente tem resistido, apesar de termos tido poucas participações. Hoje em dia com as atividades complementares, até que muitas coisas assim, alguns vêm até mesmo por causa das horas! É a chantagem das horas! Pois é, mas mesmo assim, com isso, a dificuldade dessa leitura, dessa compreensão da necessidade de pensar. Ou seja, se a gente está aqui trabalhando numa formação</p>	<p>IC50: O PET intervém no currículo, mas não só ele, outros programas também.</p> <p>Eu acredito que sim, mas não só o PET. Não é uma diferenciação aqui pelo fato de ser o PET, mas por conta da maior parte dos alunos estarem desenvolvendo outras atividades: de iniciação, de monitoria, de pesquisa.</p>	<p>A50: O PET intervém no currículo juntamente com outros programas.</p>	<p>DSC 50 A50: O PET intervém no currículo juntamente com outros programas IC50: O PET intervém no currículo, mas não só ele, outros programas também.</p> <p><i>Eu acredito que o PET intervém no currículo do curso, mas não só ele. Não é uma diferenciação aqui pelo fato de ser o PET, mas por conta da maior parte dos alunos estarem desenvolvendo outras atividades: de iniciação, de monitoria, de pesquisa.</i></p>
<p>Eu acho que o curso tem uma nova cara depois do PET. O curso era um antes do PET e hoje o curso tem uma nova cara depois do PET. Eu acho que o PET contribui para construir uma identidade. Eu acho que é importante que todos os cursos tenham uma “cara” própria. Então eu acho que sim.</p>	<p>IC51: O PET contribui para a construção da identidade do curso.</p> <p>Eu acho que o curso tem uma nova cara depois do PET. O curso era um antes do PET e hoje o curso tem uma nova cara depois do PET. Eu acho que o PET contribui para construir uma identidade. Eu acho que é importante que todos os cursos tenham uma “cara” própria. Então eu acho que sim.</p>	<p>A51: O PET contribui para a construção da identidade do curso.</p>	<p>DSC 51 A51: O PET contribui para a construção da identidade do curso. IC51: O PET contribui para a construção da identidade do curso.</p> <p><i>Eu acho que o curso tem uma nova cara depois do PET. O curso era um antes do PET e hoje o curso tem uma nova cara depois do PET, pois ele contribui para construir uma identidade. Eu acho que é importante que todos os cursos tenham uma “cara” própria. Então eu acho que sim, o PET contribui para o currículo dos cursos.</i></p>
<p>a gente procura desenvolver o</p>	<p>IC52: O PET intervém como resistência ao currículo do curso que prioriza a técnica.</p>	<p>A52: O PET intervém como resistência á técnica.</p>	<p>DSC 52 A52: O PET intervém como resistência á técnica. IC52: O PET intervém como resistência ao currículo do curso que prioriza a técnica.</p>

<p>mais global, nós não queremos privar a graduação disso. Nós queremos compartilhar isso com a graduação. Só não sei o porquê a graduação continua resistindo. É a angústia de Platão! Platão ele fala da caverna, aí ele diz que o filósofo tem aquela angústia, porque quando ele vê aquela luz e ele quer dizer para os outros. Nós saímos da caverna e queremos tirar o povo de lá, mas o povo está confortavelmente ali. Agora se você disser assim “Vem para cá, que tem técnica”, tá tudo no escuro, mas você vai conseguir fazer com que eles saiam. IC52</p> <p>T7-BR: Como as atividades extracurriculares tem muitos problemas que muitas vezes a Universidade não traz. Ele é inovador porque ele traz uma temática polêmica para o PET, os problemas da própria graduação, a fragilidade da formação, a qualidade da formação. Então, nesse sentido a gente ajuda. E o aluno também participa da comissão pedagógica do curso. Então, como o aluno, ele está em contato em todas as nossas atividades, elas são avaliadas. Então a gente faz um formulário e avalia todas as nossas atividades. E como a gente faz a avaliação? A gente tem um quadro para o curso, de como é que está a formação, isso tudo é feito pelos alunos, quais são os desejos dos alunos e isso mexe com o currículo, mexe com os professores. Então, e por isso o PET também é um pouco temido no curso, ele também é muito bom na graduação. É um privilégio! IC53</p>	<p>planejamento no sentido de priorizar um grupo de estudos, pra discutir amplamente. Eu pego muito na parte teórico-metodológica, que é o grande gargalo, o grande buraco do curso. E as atividades que a gente monta também é pra mandar essa mensagem pra o curso, então a gente prioriza esse tipo de leitura. Nesse aspecto, eu não direciono a nenhuma linha específica, entendo mais o lado do teórico-metodológico.</p> <p>A gente fez um raciocínio de mandar uma mensagem para o curso, temos que discutir o fundamento de tudo isso, que é o projeto que nos conduz até hoje. As leituras aqui enriquecem o currículo!</p> <p>Então, estamos que nem dois “bicudos”. Eu continuo insistindo nos fundamentos e a graduação continua dizendo “A gente quer técnica, a gente quer técnica”. Reflexo do mundo. Mas a gente mantém a nossa resistência e postura nesse sentido. A gente tem resistido, apesar de termos tido poucas participações. Hoje em dia com as atividades complementares, até que muitas coisas assim, alguns vêm até mesmo por causa das horas integralizadas! É a chantagem das horas! Pois é, mas mesmo assim, com isso, a dificuldade dessa leitura, dessa compreensão da necessidade de pensar.</p>		<p><i>Eu pego muito na parte teórico-metodológica, que é o grande gargalo, o grande buraco do curso. E as atividades também são montadas pra mandar essa mensagem pra o curso, temos que discutir o fundamento de tudo isso, que é o projeto que nos conduz até hoje. Nesse aspecto, eu não direciono a nenhuma linha específica, entendo mais o lado do teórico-metodológico. As leituras aqui enriquecem o currículo! Eu continuo insistindo nos fundamentos e a graduação continua dizendo “a gente quer técnica”. Reflexo do mundo! Mas nós mantemos a nossa resistência e postura nesse sentido. Temos resistido, apesar de termos tido poucas participações, mesmo com a dificuldade dessa leitura, dessa compreensão da necessidade de pensar. Ou seja, se a gente está aqui trabalhando numa formação mais global, nós não queremos privar a graduação disso, queremos compartilhar isso com eles. Só não sei o porquê a graduação continua resistindo. É a angústia de Platão! Platão ele fala da caverna, aí ele diz que o filósofo tem aquela angústia, porque quando ele vê aquela luz e ele quer dizer para os</i></p>
---	---	--	---

	<p>Ou seja, se a gente está aqui trabalhando numa formação mais global, nós não queremos privar a graduação disso. Nós queremos compartilhar isso com a graduação. Só não sei o porquê a graduação continua resistindo. É a angústia de Platão! Platão ele fala da caverna, aí ele diz que o filósofo tem aquela angústia, porque quando ele vê aquela luz e ele quer dizer para os outros. Nós saímos da caverna e queremos tirar o povo de lá, mas o povo está confortavelmente ali. Agora se você disser assim “Vem para cá, que tem técnica”, tá tudo no escuro, mas você vai conseguir fazer com que eles saiam.</p>		<p><i>outros. Nós saímos da caverna e queremos tirar o povo de lá, mas o povo está confortavelmente ali. Agora se você disser assim “Vem para cá, que tem técnica”, tá tudo no escuro, mas você vai conseguir fazer com que eles saiam.</i></p>
	<p>IC53: <i>Enriquece por meio da atuação do tutor e dos alunos.</i></p> <p>A minha atuação tem um peso muito maior nesse tipo de formação que não é efetivamente dado, que não faz parte da grade curricular do curso.</p> <p>No momento em que o aluno faz a inserção à docência e vira um monitor, ele está intervindo diretamente no dia-a-dia da sala de aula. Então, eu acho que nós estamos de várias formas, dentro do curso, são múltiplas as formas que nós acionamos esse currículo.</p> <p>Como as atividades extracurriculares tem</p>	<p>A53: <i>O PET está no currículo em ação.</i></p>	<p>DSC 53 A53: <i>O PET está no currículo em ação.</i> IC53: <i>O PET está no currículo em ação</i></p> <p><i>Eu acho que nós estamos de várias formas dentro do curso, são múltiplas as formas que nós acionamos esse currículo. A minha atuação tem um peso muito maior nesse tipo de formação que não é efetivamente dado, que não faz parte da grade curricular do curso. Também o aluno, no momento em que o faz a inserção à docência e vira um monitor, ele está intervindo diretamente no dia-a-dia da sala de aula. Então, eu acho que nós estamos de várias formas, dentro do curso, são múltiplas as formas que nós acionamos esse</i></p>

	<p>muitos problemas que muitas vezes a Universidade não traz. Ele é inovador porque ele traz uma temática polêmica para o PET, os problemas da própria graduação, a fragilidade da formação, a qualidade da formação. Então, nesse sentido a gente ajuda. E o aluno também participa da comissão pedagógica do curso. Então, como o aluno, ele está em contato em todas as nossas atividades, elas são avaliadas. Então a gente faz um formulário e avalia todas as nossas atividades. E como a gente faz a avaliação? A gente tem um quadro para o curso, de como é que está a formação, isso tudo é feito pelos alunos, quais são os desejos dos alunos e isso mexe com o currículo, mexe com os professores. Então, e por isso o PET também é um pouco temido no curso, ele também é muito bom na graduação. É um privilégio!</p>	<p><i>currículo. As atividades extracurriculares têm muitos problemas que muitas vezes a Universidade não traz, é uma temática polêmica, os problemas da própria graduação, a fragilidade da formação, a qualidade da formação. Então, nesse sentido nós ajudamos. Intervém também quando o aluno participa da comissão pedagógica do curso, ele está em contato em todas as nossas atividades, elas são avaliadas. Então fazemos um formulário e avaliamos todas as nossas atividades. E como a fazemos a avaliação? A gente tem um quadro para o curso, de como é que está a formação, isso tudo é feito pelos alunos, quais são os desejos dos alunos e isso mexe com o currículo, mexe com os professores. Então, e por isso o PET também é um pouco temido no curso, ele também é muito bom na graduação. É um privilégio!</i></p>
--	--	---

APÊNDICE AA –INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 11 (IAD 11)

EIXO DISCURSIVO: TRÍADE: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO			
EXPRESSÕES CHAVES	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>T1-BR: Era pra fazer isso na Universidade, esse movimento, essa interação que está escrito no papel, eu não vejo. IC53</p> <p>T2-BR: O nosso grupo, ele tem uma característica muito extensionista. A gente percebe que há predominância de atividades de pesquisa na grande parte dos grupos, mas a característica do nosso grupo, especificamente, é ser muito extensionista. A gente tem muitas atividades pra fora da instituição. Essa questão da tríade é uma preocupação, uma preocupação nossa. É um desafio muito grande. Eu digo mais. Eu ousou dizer, que o PET é a única iniciativa efetiva que existe hoje nas instituições institucionalizada. Pode até haver iniciativas pessoais, individuais, mas institucionalizada, que efetivamente trabalha a tríade. As nossas universidades, elas são estruturadas, elas são criadas de forma que qualquer discussão que perpassa, individualmente, cada um dos setores é dificultada. Por exemplo, tem a pró-reitoria de pesquisa, a pró-reitora de extensão. E tem a pró-reitora de graduação. Então, quer dizer, a universidade não está estruturada para operar a tríade de forma articulada. Ela está estruturada de forma separada, realizar ensino, para realizar pesquisa e realizar extensão. Ela não se organizou, você não tem uma pró-reitoria. Você tem iniciativas como planejamento, que, a princípio, permitiria que essa integração se desse, mas, efetivamente, institucionalmente, quem está</p>	<p>IC54: <i>Há predominância de uma das dimensões, mas continua havendo a integração.</i></p> <p>Sim, a gente sempre tem em alguns momentos, uma dimensão ou outra que ela se destaca, embora que a gente tente fazer sempre esse entrelaçamento, essa integração, não tem como está dissociando, Então, gente tenta fazer com que as três dimensões estejam presentes, contempladas.</p>	<p>A54: <i>Há predominância de uma das dimensões.</i></p>	<p>DSC 54</p> <p>A54: <i>Há predominância de uma das dimensões, mas continua havendo integração.</i></p> <p>IC54: <i>Há predominância da extensão, mas continua havendo a integração.</i></p> <p>Sempre tem, em alguns momentos, uma dimensão ou outra que ela se destaca, embora que a gente tente fazer sempre esse entrelaçamento, essa integração, não tem como estar dissociando. Então, a gente tenta fazer com que as três dimensões estejam presentes, contempladas.</p>
<p>Pode até haver iniciativas pessoais, individuais, mas institucionalizada, que efetivamente trabalha a tríade. As nossas universidades, elas são estruturadas, elas são criadas de forma que qualquer discussão que perpassa, individualmente, cada um dos setores é dificultada. Por exemplo, tem a pró-reitoria de pesquisa, a pró-reitora de extensão. E tem a pró-reitora de graduação. Então, quer dizer, a universidade não está estruturada para operar a tríade de forma articulada. Ela está estruturada de forma separada, realizar ensino, para realizar pesquisa e realizar extensão. Ela não se organizou, você não tem uma pró-reitoria. Você tem iniciativas como planejamento, que, a princípio, permitiria que essa integração se desse, mas, efetivamente, institucionalmente, quem está</p>	<p>IC55: <i>Uma das dimensões é deficiente. a gente está focalizando a extensão, atividade de extensão que é algo que a gente vê com mais deficiência, que tem mais deficiência, a questão da extensão.</i></p> <p>O nosso “estrangulamento” mais aqui é com a pesquisa.</p>	<p>A55: <i>Uma das dimensões é deficiente</i></p>	<p>DSC55</p> <p>A55: <i>Uma das dimensões é deficiente.</i></p> <p>IC55: <i>Uma das dimensões é deficiente.</i></p> <p>Ora, a atividade de extensão é algo que a gente vê com mais deficiência, ora o “estrangulamento” é a pesquisa.</p>
<p> Ela está estruturada de forma separada, realizar ensino, para realizar pesquisa e realizar extensão. Ela não se organizou, você não tem uma pró-reitoria. Você tem iniciativas como planejamento, que, a princípio, permitiria que essa integração se desse, mas, efetivamente, institucionalmente, quem está</p>	<p>IC56: <i>Necessidade de compreender o que é cada uma das dimensões.</i></p> <p>Há algumas mais específicas de ensino, mas nós temos que entender que é uma forma de trabalhar que vamos ter de pensar melhor como é que nós podemos enxergar cada dimensão dessa. Muitas vezes a gente faz como</p>	<p>A56: <i>Necessidade de compreender o que é cada dimensão.</i></p>	<p>DSC56</p> <p>A56: <i>Necessidade de compreender o que é cada dimensão.</i></p> <p>IC56: <i>Necessidade de compreender o que é cada uma das dimensões.</i></p> <p><i>Talvez a grande dificuldade em compreender o que é extensão, o que é pesquisa, o que é ensino? Será que lá na escola, se eu fizer uma atividade lá, é só</i></p>

<p>preocupado em gerar atividades que associem esses três elementos da tríade é o Programa de Educação Tutorial. Então, ele não só consegue fazer isso, mas eu acho que é o único que consegue fazer isso de forma efetiva IC53</p> <p>T3-BR: Essa tríade, a indissociabilidade, ensino, pesquisa, extensão embora no planejamento formalmente ela apareça meio que separada, didaticamente, atividades de ensino, atividades de pesquisa e atividades de extensão. No entanto, as atividades de uma maneira geral elas requerem duro do petiano, habilidades nessas três dimensões. Há atividades específicas que estão no planejamento em que exercemos as três dimensões plenamente, faz esse diálogo com a função social do conhecimento, da função social da universidade. Então, no geral todas as atividades, elas acabam tendo que reunir essas três dimensões. IC53</p> <p>Há algumas mais específicas de ensino, mas nós temos que entender que é uma forma de trabalhar que vamos ter de pensar melhor como é que nós podemos enxergar cada dimensão dessa. Muitas vezes a gente faz como sendo ensino ou como sendo pesquisa, ou como sendo extensão e não está vendo a outra dimensão que está presente que está ali por trás. IC56</p> <p>T4-BR: Sim, a gente sempre tem em alguns momentos, uma dimensão ou outra que ela se destaca, embora que a gente tente fazer sempre esse entrelaçamento, essa integração, não tem como está dissociando, IC54 Então, [...] a gente tenta fazer com que as três dimensões estejam presentes, contempladas. IC54 [...] a gente está focalizando a extensão, atividade de extensão que é algo que a</p>	<p>sendo ensino ou como sendo pesquisa, ou como sendo extensão e não está vendo a outra dimensão que está presente que está ali por trás. Mas assim, a gente tomou algumas decisões... Talvez a grande dificuldade em compreender o que é extensão. O que é que é extensão? Será que lá na escola, se eu fizer uma atividade lá, é extensão? É uma extensão. É de ensino. [E ao mesmo tempo pode ser pesquisa.] A gente, primeiro faz a pesquisa, para depois fazer aquilo! Essa parte. Organiza, pensa, discute, planeja como vai ser o trabalho.</p>		<p><i>extensão? É uma extensão. É de ensino. E ao mesmo tempo pode ser pesquisa. Nós temos que pensar melhor como é que nós podemos enxergar cada dimensão dessas. Muitas vezes a gente faz como sendo ensino ou como sendo pesquisa, ou como sendo extensão e não está vendo a outra dimensão que está presente ali por trás.</i></p>
<p>Há algumas mais específicas de ensino, mas nós temos que entender que é uma forma de trabalhar que vamos ter de pensar melhor como é que nós podemos enxergar cada dimensão dessa. Muitas vezes a gente faz como sendo ensino ou como sendo pesquisa, ou como sendo extensão e não está vendo a outra dimensão que está presente que está ali por trás. IC56</p> <p>T4-BR: Sim, a gente sempre tem em alguns momentos, uma dimensão ou outra que ela se destaca, embora que a gente tente fazer sempre esse entrelaçamento, essa integração, não tem como está dissociando, IC54 Então, [...] a gente tenta fazer com que as três dimensões estejam presentes, contempladas. IC54 [...] a gente está focalizando a extensão, atividade de extensão que é algo que a</p>	<p>IC57: O PET faz a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão.</p> <p>Era pra fazer isso na Universidade, esse movimento, essa interação que está escrito no papel, eu não vejo. Eu digo mais. Eu ousa dizer, que o PET é a única iniciativa efetiva que existe hoje nas instituições institucionalizadas. Pode até haver iniciativas pessoais, individuais, mas institucionalizada, que efetivamente trabalha a tríade. As nossas universidades, elas são estruturadas, elas são criadas de forma que qualquer discussão que perpassa, individualmente, cada um dos setores é dificultada. Por</p>	<p>A57: <i>Indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão.</i></p>	<p>DSC 57 A57: <i>Indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão.</i></p> <p>IC57: <i>O PET faz a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão que deveria ser papel da Universidade.</i></p> <p><i>Nós fazemos o projeto e dentro do projeto é contemplado ensino, pesquisa e extensão. Como as atividades devem ser realizadas em conjunto, não pode ser desequilibrado. Tem uma atividade individual de pesquisa de cada aluno, mas temos pesquisas coletivas que fazemos um tema que contempla ensino, pesquisa e extensão. Esse movimento, essa interação que está escrito no papel, era pra fazer isso na Universidade. Eu ousa dizer, que o PET é a única iniciativa efetiva que existe hoje nas</i></p>

<p>gente vê com mais deficiência, que tem mais deficiência, a questão da extensão. IC55</p> <p>T6-BR: O nosso “estrangulamento” mais aqui é com a pesquisa. IC55</p> <p>Mas assim, a gente tomou algumas decisões... Talvez a grande dificuldade em compreender o que é extensão. O que é que é extensão? Será que lá na escola, se eu fizer uma atividade lá, é extensão? É uma extensão. É de ensino. [E ao mesmo tempo pode ser pesquisa.] A gente, primeiro faz a pesquisa, para depois fazer aquilo! Essa parte. Organiza, pensa, discute, planeja como vai ser o trabalho. IC56</p> <p>T7-BR: Como as atividades vão ser realizadas em conjunto e não pode ser desequilibrado, a gente faz o projeto e dentro do projeto é contemplado ensino, pesquisa e extensão. Por exemplo, a gente tem uma atividade individual em pesquisa. Tem uma atividade individual, cada aluno... mas temos pesquisas coletivas que a gente faz o tema que contemple ensino, pesquisa e extensão. É anual, aí a gente manda para o MEC, tem que ter equilíbrio das atividades e nós temos que fazer aquelas atividades mesmo tendo greve. IC54</p>	<p>exemplo, tem a pró-reitoria de pesquisa, a pró-reitora de extensão. E tem a pró-reitora de graduação. Então, quer dizer, a universidade não está estruturada para operar a tríade de forma articulada. Ela está estruturada de forma separada, realizar ensino, para realizar pesquisa e realizar extensão. Ela não se organizou, você não tem uma pró-reitoria. Você tem iniciativas como planejamento, que, a princípio, permitiria que essa integração se desse, mas, efetivamente, institucionalmente, quem está preocupado em gerar atividades que associem esses três elementos da tríade é o Programa de Educação Tutorial. Então, ele não só consegue fazer isso, mas eu acho que é o único que consegue fazer isso de forma efetiva.</p> <p>Como as atividades vão ser realizadas em conjunto e não pode ser desequilibrado, a gente faz o projeto e dentro do projeto é contemplado ensino, pesquisa e extensão. Por exemplo, a gente tem uma atividade individual em pesquisa. Tem uma atividade individual, cada aluno... mas temos pesquisas coletivas que a gente faz o tema que contemple ensino, pesquisa e extensão. É anual, aí a gente manda para o MEC, tem que ter equilíbrio das atividades e nós temos</p>		<p><i>instituições institucionalizadas. Pode até haver iniciativas pessoais, individuais, mas institucionalizadas que efetivamente trabalhe a tríade! As nossas universidades, elas são estruturadas, elas são criadas de forma que qualquer discussão que perpassa, individualmente, cada um dos setores é dificultada. Por exemplo, tem a pró-reitoria de pesquisa, a pró-reitora de extensão. E tem a pró-reitora de graduação. Então, quer dizer, a universidade não está estruturada para operar a tríade de forma articulada. Ela está estruturada de forma separada, realizar ensino, para realizar pesquisa e realizar extensão. Ela não se organizou, você não tem uma pró-reitoria. Você tem iniciativas como planejamento, que, a princípio, permitiria que essa integração se desse, mas, efetivamente, institucionalmente, quem está preocupado em gerar atividades que associem esses três elementos da tríade é o Programa de Educação Tutorial. Então, ele não só consegue fazer isso, mas eu acho que é o único que consegue fazer isso de forma efetiva.</i></p>
---	--	--	--

	<p>que fazer aquelas atividades mesmo tendo greve. Essa tríade, a indissociabilidade, ensino, pesquisa, extensão embora no planejamento formalmente ela apareça meio que separada, didaticamente, atividades de ensino, atividades de pesquisa e atividades de extensão. No entanto, as atividades de uma maneira geral elas requerem do petiano, habilidades nessas três dimensões. Há atividades específicas que estão no planejamento em que exercemos as três dimensões plenamente, faz esse diálogo com a função social do conhecimento, da função social da universidade. Então, no geral todas as atividades, elas acabam tendo que reunir essas três dimensões.</p>		
--	---	--	--

APÊNDICE BB – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 12 (IAD 12)			
EIXO DISCURSIVO: AVALIAÇÃO			
AVALIAÇÃO DO PET NOS CURSOS DA UECE			
EXPRESSÕES CHAVES	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>INT2-BR: o MEC todo ano ele avalia, de que forma? Tem um relatório que todo grupo PET preenche. Os alunos e professores fazem o relatório, esse relatório é trabalhoso demais. Tem um planejamento, o MEC, todo ano cobra um planejamento, e no final do ano, espera-se que você relate aquilo que foi planejado. Então, manda para o MEC esse relatório, o MEC ele faz uma avaliação, se ele vê que o Programa, além de ter realizado as atividades traçadas ele se superou em matéria do que o MEC tem como o objetivo pra o PET, ele permanece existindo. Quando ele não é bem avaliado, ele tem um sinal, ele recebe um aviso de que o programa não está sendo desenvolvido a contento, que ele poderá ser suspenso, caso não melhore tais aspectos que foram observados a partir dos relatórios. IC58.3.</p> <p>E além disso, o aluno, ele avalia o professor tutor, é uma avaliação que o tutor não tem acesso, <i>é on line</i>, o aluno ele avalia o professor tutor, e como o tutor também avalia os alunos, mas nenhum tem acesso ao instrumento de avaliação do outro. O que ele tem acesso é a avaliação que foi feita, mas é de maneira geral, como o grupo se comportou ao longo ano, como o grupo tem se comportado. IC60.1</p> <p>Aí no MEC cuida de tudo isso, mas cuida em que sentido? Ele recebe os relatórios, mas esses relatórios são repassados para outros professores tutores de outras intuições. E são esses professores que vão avaliar. A época de mandar os relatórios é mais ou menos em dezembro, a</p>	<p>IC58: Avaliação dos grupos PET pelo MEC.</p> <p>IC58.1. Havia uma avaliação, mas não há mais, ainda se discute o melhor modelo.</p> <p>No final do ano, início de cada ano, o MEC vinha fazendo uma avaliação do PET, do programa, o PET, e tinha uma avaliação do tutor, era um programa muito confuso. É não dizia muita coisa não porque, mas tinha, tinha uma avaliação. Isso parou, parou nos últimos dois, três anos. A gente vinha fazendo, inclusive eu mesmo, me mandavam o formulário preenchido com todas as coisas pra eu avaliar um colega lá de outro estado, onde tivesse PET, pra eu avaliar. Eu também era avaliado não sei por quem por aí mundo afora, mas era assim aquela troca. Eu acho que pela sistemática que era utilizada um setor vai avaliar oito PET, então a avaliação desses professores que vai fazer um perfil, devem fazer isso lá, mas nunca veio um retorno pra nós.</p> <p>Há muito tempo inclusive, o processo avaliativo foi suspenso, há uma discussão ainda em andamento de qual é o melhor modelo de avaliação dos grupos PET, aí não só em</p>	<p>A58: O MEC distribui a avaliação entre os grupos PET.</p>	<p>DSC58</p> <p>A58: O MEC distribui a avaliação entre os grupos PET</p> <p>IC58: Avaliação dos grupos PET pelo MEC.</p> <p>IC58.1. Havia uma avaliação, mas não há mais, ainda se discute o melhor modelo.</p> <p>No final do ano e início de cada ano, o MEC vinha fazendo uma avaliação do programa PET e tinha uma avaliação do tutor, era um programa muito confuso. É não dizia muita coisa não mas tinha uma avaliação. Isso parou, parou nos últimos dois, três anos. Eu vinha fazendo, mandavam o formulário preenchido com todas as coisas pra eu avaliar um colega lá de outro estado, onde tivesse PET, pra eu avaliar. Eu também era avaliado não sei por quem por aí mundo afora, mas era assim aquela troca. Eu acho que pela sistemática que era utilizada era assim, um setor avaliava oito PET, mas nunca veio um retorno pra nós.</p> <p>Assim, há muito o processo avaliativo foi suspenso, há uma discussão ainda em andamento de qual é o melhor modelo de avaliação dos grupos PET, aí não só em relação à tutoria, mas a própria atuação do grupo. Já houve um processo de centralização, agora há um movimento novamente</p>

<p>gente manda. Aí eles distribuem pra outros professores tutores de outras instituições que são eles que vão fazer essa avaliação. O tutor ele recebe o relatório e ele vai avaliar, aí ele devolve pra o MEC. Então, quem são os pareceristas, são os próprios professores tutores. Com certeza tem lá os critérios de avaliação e ele vai ler e vai fazer a avaliação, por exemplo, os professores tutores do curso de Ciências da Computação daqui avaliava muitas vezes projeto do Curso de Ciências da Computação de outra IES e de outras áreas também. IC58.3.</p> <p>INT1-BR: Não, mas eu lembro que tem uma outra avaliação que eu ainda não participei mas eu lembro que um tutor falou de avaliações do MEC para os tutores, pra o andamento dos PET. Não sei dizer se é só via relatório, o relatório é um dos instrumentos, o relatório, a prestação de contas, porque tudo eles tem uma comissão para avaliar isso lá, a gente avalia aqui, mas eles avaliam lá também. Não sei se tem um instrumento. IC62</p> <p>INT 2- BR: E era pra ter uma avaliação em relação ao desempenho do interlocutor também pelo MEC. Mas o MEC não avalia o interlocutor. Pra você ver como ele não tem importância, porque se ele tivesse, ele seria avaliado. E eu acho que se ele fosse remunerado eles fariam uma avaliação. IC61</p> <p>T1-BR: O PET poderia estar melhor ainda. Porque eu venho acompanhando o perfil dos alunos e acho que tem havido uma queda. Sempre passaram pra os alunos, o programa Pet é um programa de elite gente não é elitizado não, elite em que sentido? São pessoas especiais. Privilegiadas. E é porque são selecionados dentro do curso como os melhores alunos dentro do curso. Então, privilégio porque vão trabalhar</p>	<p>relação à tutoria, mas a própria atuação do grupo. Já houve um processo de centralização, agora há um movimento novamente de descentralização onde se aloca pros comitês locais de acompanhamento, também há atividade de avaliação. Então, ainda se está discutindo qual é esse modelo de avaliação. Porque a avaliação eu acho que já foi um fruto muito dessa crítica, porque hoje a avaliação dos relatórios, dos planejamentos, é feita pelos próprios tutores via <i>ad hoc</i>. Então eles chamam esses tutores para fazer, eu mesma já avaliei vários relatórios dos outros PET's do Brasil, então eu acho que já foi um processo de muita crítica que eles nos ouviram e já tentaram inclusive mais assim, até permitir que houvesse uma participação maior dos tutores que tem conhecimento sobre o programa. Então, nada mais justo do que o próprio tutor fazer essa avaliação.</p> <p>IC58.2. Desafio da avaliação</p> <p>Há de fato muita dificuldade em se fazer isso, você tem uma capilaridade muito grande, uma diversidade muito grande na atuação desses grupos. Então, por um lado você tem um PET matemática,</p>	<p>de descentralização onde se aloca pros comitês locais de acompanhamento, também há atividade de avaliação. Então, ainda se está discutindo qual é esse modelo de avaliação. Porque a avaliação eu acho que já foi um fruto muito da crítica, porque hoje a avaliação dos relatórios, dos planejamentos, é feita pelos próprios tutores via <i>ad hoc</i>. Então eles chamam esses tutores para fazer, eu já avaliei vários relatórios dos outros PET's do Brasil. Então, nada mais justo do que o próprio tutor fazer essa avaliação.</p> <p>IC58.2. Desafio da avaliação</p> <p>Há de fato muita dificuldade em se fazer a avaliação do PET, da tutoria, você tem uma capilaridade muito grande, uma diversidade muito grande na atuação desses grupos. Então, por um lado você tem um PET matemática, por outro você tem um PET filosofia! É muito diferente! Então, é uma lógica que você percebe que gera um desafio avaliativo, como é que você avalia? Qual é o modelo, qual o melhor modelo? Qual é a atuação melhor? Qual a melhor gestão? Então, como essa diversidade é muito grande, o desafio avaliativo também obviamente o é. O que é uma atividade bem executada? O que é uma atividade bem sucedida? Então, o desafio da avaliação é muito grande, mas, de fato a forma como</p>
---	---	--

<p>num programa do MEC que é muito bem conceituado. E vão trabalhar três coisas que nem toda Universidade faz, vão trabalhar três eixos, na questão do ensino da pesquisa da extensão, aqui tem essas três coisas e mais, então tem muito trabalho a ser feito. Então o quê que tem havido em função de ter havido outros programas com bolsas onde a cobrança é menos, então muitos alunos não querem vir pro PET porque é trabalho! É trabalho, é cobrança. Então essa queda de alunos assim mais interessados, diminui em função disso aí.</p> <p>IC59.3. T1-BR: no final do ano, início de cada ano, o MEC vinha fazendo uma avaliação do PET, do programa, o PET, e tinha uma avaliação do tutor, era um programa muito confuso. É não dizia muita coisa não porque, mas tinha, tinha uma avaliação. Isso parou, parou nos últimos dois, três anos. A gente vinha fazendo, inclusive eu mesmo, me mandavam o formulário preenchido com todas as coisas pra eu avaliar um colega lá de outro estado, onde tivesse PET, pra eu avaliar. Eu também era avaliado não sei por quem por aí mundo afora, mas era assim aquela troca. Eu acho que pela sistemática que era utilizada um setor vai avaliar oito PET, então a avaliação desses professores que vai fazer um perfil, devem fazer isso lá, mas nunca veio um retorno pra nós. IC58.1. T2-BR: O PET é um caso de sucesso de efetiva utilização de recurso público na formação de alunos que saem do PET, saem da universidade, com uma formação diferenciada em relação a outros alunos que não são petianos, essa formação mais humana, mais socialmente preocupada e que também geram impacto relevante, através das atividades que a gente executa, na formação de outros do curso. Então, eu acho</p>	<p>por outro você tem um PET filosofia! É muito diferente! Então, é uma lógica que você percebe que gera um desafio avaliativo, como é que você avalia? Qual é o modelo, qual o melhor modelo? Qual é a atuação melhor? Qual a melhor gestão? A melhor gestão é a que o professor lá da psicologia faz? Ou a que eu faço? Enfim, isso não tem certo, a princípio. Então, como essa diversidade é muito grande, o desafio avaliativo também obviamente o é. O que é uma atividade bem executada? O que é uma atividade bem sucedida? Eu organizo uma palestra e vão dez pessoas! Outro organiza uma palestra e vão cem pessoas? Necessariamente a atividade dele foi melhor do que a minha? Não! Claro que não! Então, o desafio da avaliação é muito grande, mas, de fato a forma como os grupos têm sido avaliados, é um grande problema do programa!</p> <p>IC58.3. O MEC distribui a avaliação dos grupos, os pareceristas são os tutores de outras IES. O MEC todo ano ele avalia, de que forma? Tem um relatório que todo grupo PET preenche. Os alunos e professores fazem o relatório, esse relatório é trabalhoso demais. Tem um planejamento, o MEC, todo ano cobra um planejamento, e no</p>		<p><i>os grupos têm sido avaliados, é um grande problema do programa!</i></p> <p>IC58.3. O MEC distribui a avaliação dos grupos, os pareceristas são os tutores de outras IES.</p> <p><i>O MEC todo ano ele avalia, de que forma? Tem um planejamento, o MEC, todo ano cobra um planejamento, e no final do ano, espera-se que você relate aquilo que foi planejado. Tem um relatório que todo grupo PET preenche. Os alunos e professores fazem o relatório. Então, manda para o MEC esse relatório.</i></p> <p><i>O MEC recebe os relatórios, mas esses relatórios são repassados para outros professores tutores de outras instituições. E são esses professores que vão avaliar. A época de mandar os relatórios é mais ou menos em dezembro, a nós mandamos. Aí eles distribuem pra outros professores tutores de outras instituições que são eles que vão fazer essa avaliação. O tutor recebe o relatório, avalia e devolve pra o MEC. Então, os pareceristas são os próprios tutores, por exemplo, os professores tutores do curso X daqui avalia projeto do Curso X de outra IES.</i></p> <p><i>O MEC faz uma avaliação, se ele ver que o Programa, além de ter realizado as atividades traçadas ele se superou, em matéria do que o MEC tem como o objetivo pra o PET, ele permanece existindo. Quando não é bem</i></p>
---	--	--	---

<p>que a atuação do grupo é muito positiva. IC59.1</p> <p>T2-BR: Há muito tempo inclusive, o processo avaliativo foi suspenso, há uma discussão ainda em andamento de qual é o melhor modelo de avaliação dos grupos PET, aí não só em relação à tutoria, mas a própria atuação do grupo. Já houve um processo de centralização, agora há um movimento novamente de descentralização onde se aloca pros comitês locais de acompanhamento, também há atividade de avaliação. Então, ainda se está discutindo qual é esse modelo de avaliação. IC58.1.</p> <p>Em relação especificamente à atividade de tutoria você efetivamente não tem um processo de acompanhamento, de avaliação adequado. Então, a gente tem grupos que estão, infelizmente, a atuação do grupo ou a importância do grupo, ela é muito dependente do tutor e dos alunos que lá estão. O que significa que se você pega um tutor que não tem um perfil adequado, que não tem a dedicação que precisa ser dada pro grupo, ou não tem interesse de efetivar o que o grupo efetivamente deveria fazer, a gente sabe que existem exemplos de tutores que atuam dentro do PET da mesma forma como atuam com seus alunos bolsistas de iniciação científica, nos seus laboratórios de pesquisa e transformam o PET numa extensão do seu próprio laboratório de pesquisa. Então, inclusive alguns tutores defendem isso como sendo correto e que passam aí despercebidos pelo processo avaliativo, processo de acompanhamento da atividade da tutoria não é efetivo! Eu acho inclusive que o próprio MEC, eu tenho certeza que o próprio MEC reconhece que esse processo de acompanhamento não é efetivo. IC60.2</p>	<p>final do ano, espera-se que você relate aquilo que foi planejado. Então, manda para o MEC esse relatório, o MEC ele faz uma avaliação, se ele vê que o Programa, além de ter realizado as atividades traçadas ele se superou em matéria do que o MEC tem como o objetivo pra o PET, ele permanece existindo. Quando ele não é bem avaliado, ele tem um sinal, ele recebe um aviso de que o programa não está sendo desenvolvido a contento, que ele poderá ser suspenso, caso não melhore tais aspectos que foram observados a partir dos relatórios.</p> <p>Aí no MEC cuida de tudo isso, mas cuida em que sentido? Ele recebe os relatórios, mas esses relatórios são repassados para outros professores tutores de outras instituições. E são esses professores que vão avaliar. A época de mandar os relatórios é mais ou menos em dezembro, a gente manda. Aí eles distribuem pra outros professores tutores de outras instituições que são eles que vão fazer essa avaliação. O tutor ele recebe o relatório e ele vai avaliar, aí ele devolve pra o MEC. Então, os pareceristas são os próprios professores tutores. Com certeza tem lá os critérios de avaliação e ele vai ler e vai fazer a avaliação, por exemplo, os professores tutores do curso X daqui avaliava</p>		<p><i>avaliado, ele tem um sinal, recebe um aviso de que o programa não está sendo desenvolvido a contento, que poderá ser suspenso, caso não melhore tais aspectos que foram observados a partir dos relatórios.</i></p>
---	--	--	---

<p>Há de fato muita dificuldade em se fazer isso, você tem uma capilaridade muito grande, uma diversidade muito grande na atuação desses grupos. Então, por um lado você tem um PET matemática, por outro você tem um PET filosofia! É muito diferente! Então, é uma lógica que você percebe que gera um desafio avaliativo, como é que você avalia? Qual é o modelo, qual o melhor modelo? Qual é a atuação melhor? Qual a melhor gestão? A melhor gestão é a que o professor lá da psicologia faz? Ou a que eu faço? Enfim, isso não tem certo, a princípio. Então, como essa diversidade é muito grande, o desafio avaliativo também obviamente o é. O que é uma atividade bem executada? O que é uma atividade bem sucedida? Eu organizo uma palestra e vão dez pessoas! Outro organiza uma palestra e vão cem pessoas? Necessariamente a atividade dele foi melhor do que a minha? Não! Claro que não! Então, o desafio da avaliação é muito grande, mas, de fato a forma como os grupos têm sido avaliados, é um grande problema do programa! IC58.2. T3-BR: O PET é um programa importantíssimo para uma graduação. Tem o desafio de não fazer do petiano aquele aluno diferenciado como se fosse uma elite, uma estrela dentro do curso. Ele tem de trabalhar e atuar com o pé no chão. Tem de trabalhar no sentido de proporcionar uma boa integração com os demais dentro do curso. Nós não estamos formando aqui um aluno diferenciado do ponto de vista de ele ser melhor que outros alunos. Ele tem outras oportunidades que outros alunos não têm, mas essas oportunidades que eles têm aqui, elas devem ser compartilhadas com outros alunos. Nas nossas atividades</p>	<p>muitas vezes projeto do Curso X de outra IES.</p> <p>IC59: <i>Avaliação interna realizada pelo próprio grupo.</i></p> <p>IC59.1. <i>O PET é importante para a graduação.</i></p> <p>O PET é um caso de sucesso de efetiva utilização de recurso público na formação de alunos que saem do PET, saem da universidade, com uma formação diferenciada em relação a outros alunos que não são petianos, essa formação mais humana, mais socialmente preocupada e que também geram impacto relevante, através das atividades que a gente executa, na formação de outros do curso. Então, eu acho que a atuação do grupo é muito positiva.</p> <p>O PET é um programa importantíssimo para uma graduação. Tem o desafio de não fazer do petiano aquele aluno diferenciado como se fosse uma elite, uma estrela dentro do curso. Ele tem de trabalhar e atuar com o pé no chão. Tem de trabalhar no sentido de proporcionar uma boa integração com os demais dentro do curso. Nós não estamos formando aqui um aluno diferenciado do ponto de vista de ele ser melhor que outros alunos. Ele tem outras oportunidades que</p>	<p>A59: <i>Há uma avaliação constante das atividades realizada pelo grupo, e de fato o PET é importante para a graduação, mas o registro daquela avaliação mais formal, com uso de registros, muitas vezes fica a desejar por conta do tempo.</i></p>	<p>DSC59</p> <p>A59: <i>Há uma avaliação constante das atividades realizada pelo grupo, e de fato o PET é importante para a graduação, mas o registro daquela avaliação mais formal, com uso de registros, muitas vezes fica a desejar por conta do tempo.</i></p> <p>IC59: <i>Avaliação interna realizada pelo próprio grupo.</i></p> <p>IC59.1. <i>O PET é importante para a graduação.</i></p> <p><i>O PET é um programa importantíssimo para uma graduação, é um caso de sucesso de efetiva utilização de recurso público na formação de alunos que saem do PET, saem da universidade, com uma formação diferenciada em relação a outros alunos que não são petianos, essa formação mais humana, mais socialmente preocupada e que também geram impacto relevante, através das atividades que a gente executa, na formação de outros alunos do curso. Para mim só tem sentido a existência do PET se ele atuar dessa forma da melhoria do curso, na formação geral do graduando, não só do petiano, mas do graduando. Então, todas as atividades como elas são pensadas, elas são planejadas com esse objetivo, nessa direção da melhoria da formação de</i></p>
---	---	--	--

<p>que nós planejamos em muitos momentos nós incorporamos outros alunos também para participar na mesma atividade. Então, o PET é muito importante para um curso de graduação. Para mim só tem sentido a existência do PET se ele atuar dessa forma da melhoria do curso, na formação geral do graduando, não só do petiano, mas do graduando. Então, todas as atividades como elas são pensadas, elas são planejadas com esse objetivo, nessa direção da melhoria da formação de todo o curso, não só do petiano. IC59.1</p> <p>Mas essa é uma questão que passa pelo processo de planejamento, pelas avaliações, que cada atividade ela tem de ser avaliada. Às vezes, como são muitas atividades muitas vezes o aspecto avaliativo acaba sendo meio que minimizado, não parar para avaliar. Mas como é que vamos repetir a atividade no semestre seguinte, estamos procurando fazer melhor em relação a anterior mesmo não tendo havido avaliação formal no momento da avaliação, nos planejamos exatamente nesses parâmetros do que foi a atividade realizada anteriormente. Então, a avaliação acaba também funcionando dessa forma. Mas às vezes o momento formal, parar para avaliar essa ou aquela atividade e que teria de ser feito, mas é por conta do tempo, é muita atividade! Você termina uma já está planejando a outra. Então, aí a gente acaba tendo dificuldade em fazer isso. Mas o que eu sinto é que a cada nova atividade que nós fazemos, nós buscamos aprimorar. Então, a avaliação está aí dentro de um contexto. Não há assim aquele momento formal da parada vamos avaliar etc. e tal. IC59.2.</p> <p>T4-BR: Porque a avaliação eu acho que já foi um fruto muito</p>	<p>outros alunos não têm, mas essas oportunidades que eles têm aqui, elas devem ser compartilhadas com outros alunos. Nas nossas atividades que nós planejamos em muitos momentos nós incorporamos outros alunos também para participar na mesma atividade. Então, o PET é muito importante para um curso de graduação. Para mim só tem sentido a existência do PET se ele atuar dessa forma da melhoria do curso, na formação geral do graduando, não só do petiano, mas do graduando. Então, todas as atividades como elas são pensadas, elas são planejadas com esse objetivo, nessa direção da melhoria da formação de todo o curso, não só do petiano.</p> <p>Eu acho que ele dá uma grande contribuição, porque ele fomenta a graduação, e ele forma pessoal, na questão da formação docente, muitos dos professores da graduação passaram pelo PET.</p> <p>IC59.2. <i>As atividades são constantemente avaliadas, mas o nem sempre há uma avaliação mais formal devido ao tempo.</i></p> <p>Mas essa é uma questão que passa pelo processo de planejamento, pelas avaliações, que cada atividade ela tem de ser</p>		<p><i>todo o curso, não só do petiano. Tem o desafio de não fazer do petiano aquele aluno diferenciado como se fosse uma elite, uma estrela dentro do curso. Ele tem de trabalhar e atuar com o pé no chão. Tem de trabalhar no sentido de proporcionar uma boa integração com os demais dentro do curso. Nós não estamos formando aqui um aluno diferenciado do ponto de vista de ele ser melhor que outros alunos. Ele tem outras oportunidades que outros alunos não têm, mas essas oportunidades que eles têm aqui, elas devem ser compartilhadas com outros alunos. Nas nossas atividades que nós planejamos em muitos momentos nós incorporamos outros alunos também para participar na mesma atividade.</i></p> <p>IC59.2. <i>As atividades são constantemente avaliadas, mas o nem sempre há uma avaliação mais formal devido ao tempo.</i></p> <p><i>Geralmente fazemos o planejamento no final do ano. Antes de começar o ano, nós sentamos e sistematizamos o planejamento das atividades principais. O MEC orienta que tem que ter uma atividade que é inédita, nós passamos uns dias avaliando, os alunos em conjunto. Avaliamos e já tiramos sugestões para o próximo planejamento. Agora, o que talvez mais falhe é o registro. Mas sinceramente é porque o tempo não dá. Às vezes, como são muitas atividades o aspecto</i></p>
--	---	--	--

<p>dessa crítica, porque hoje a avaliação dos relatórios, dos planejamentos, é feita pelos próprios tutores via <i>ad hoc</i>. Então eles chamam esses tutores para fazer, eu mesma já avalei vários relatórios dos outros PET's do Brasil, então eu acho que já foi um processo de muita crítica que eles nos ouviram e já tentaram inclusive mais assim, até permitir que houvesse uma participação maior dos tutores que tem conhecimento sobre o programa. Então, nada mais justo do que o próprio tutor fazer essa avaliação. IC58.1</p> <p>T6-BR: A gente faz esse trabalho e faz uma avaliação, discute como foi. E a atividade vem melhorando a cada ano por conta disso. Agora, o que talvez mais falhe é o registro. Mas sinceramente é porque o tempo não dá. Eu não tenho essa capacidade de fazer muitas coisas não. IC59.2</p> <p>T7-BR : eu acho que ele dá uma grande contribuição, porque ele fomenta a graduação, e ele forma pessoal, na questão da formação docente, muitos dos professores da graduação passaram pelo PET. IC59.1</p> <p>T7-BR: As atividades são assim, tem uma orientação do MEC e tem uma data a gente fazer planejamento. Geralmente o a gente faz o planejamento no final do ano. A gente avalia e quando a gente está avaliando a gente já tira sugestões para o próximo planejamento, já vai construindo, faz a avaliação pensando em ideias para o próximo planejamento. Antes de começar o ano, nós sentamos e sistematizamos o planejamento das atividades principais. O MEC orienta que tem que ter quatro atividades, tem que ter uma atividade que é inédita, nós passamos uns dois ou três dias avaliando, de manhã e de tarde, os alunos em</p>	<p>avaliada. Às vezes, como são muitas atividades muitas vezes o aspecto avaliativo acaba sendo meio que minimizado, não parar para avaliar. Mas como é que vamos repetir a atividade no semestre seguinte, estamos procurando fazer melhor em relação a anterior mesmo não tendo havido avaliação formal no momento da avaliação, nos planejamos exatamente nesses parâmetros do que foi a atividade realizada anteriormente. Então, a avaliação acaba também funcionando dessa forma. Mas às vezes o momento formal, parar para avaliar essa ou aquela atividade e que teria de ser feito, mas é por conta do tempo, é muita atividade! Você termina uma já está planejando a outra. Então, aí a gente acaba tendo dificuldade em fazer isso. Mas o que eu sinto é que a cada nova atividade que nós fazemos, nós buscamos aprimorar. Então, a avaliação está aí dentro de um contexto. Não há assim aquele momento formal da parada vamos avaliar etc. e tal. A gente faz esse trabalho e faz uma avaliação, discute como foi. E a atividade vem melhorando a cada ano por conta disso. Agora, o que talvez mais falhe é o registro. Mas sinceramente é porque o tempo não dá. Eu não tenho essa capacidade de fazer muitas coisas não.</p>		<p><i>avaliativo acaba sendo meio que minimizado, não parar para avaliar. Mas como vamos repetir a atividade no semestre seguinte, estamos procurando fazer melhor em relação a anterior mesmo não tendo havido avaliação formal no momento da avaliação, nós planejamos exatamente nesses parâmetros do que foi realizado anteriormente, e a atividade vem melhorando a cada ano. Então, a avaliação acaba também funcionando dessa forma. Mas às vezes o momento formal, parar para avaliar essa ou aquela atividade e que teria de ser feito, mas é por conta do tempo, é muita atividade! Você termina uma já está planejando a outra. Então, aí a gente acaba tendo dificuldade em fazer isso. Mas o que eu sinto é que a cada nova atividade que nós fazemos, nós buscamos aprimorar. Então, a avaliação está aí dentro de um contexto. Não há assim aquele momento formal da parada pra avaliar.</i></p> <p>IC59.3. O PET poderia estar melhor.</p> <p><i>O PET poderia estar melhor ainda. Porque eu venho acompanhando o perfil dos alunos e acho que tem havido uma queda. Sempre passaram pra os alunos, o programa PET é um programa de elite gente não é elitizado não, elite em que sentido? São pessoas especiais. Privilegiadas. E é porque são selecionados dentro do curso como os melhores alunos dentro do curso. Então, privilégio porque</i></p>
---	--	--	---

<p>conjunto, e aí a gente já vai fazendo avaliação e planejamento e dizendo quais são as propostas que a gente tem. IC59.2</p> <p>T7-BR: Agora, que tivesse mais oportunidade de encontro, a gente já sugeriu inúmeras vezes, encontro entre os tutores para a gente sistematizar mais essa experiência. Há um momento em que assim, nos encontros nacionais, ENAPETs, mas são como minicongressos, tem apresentação de trabalhos, não tem tempo para discutir as problemáticas. E temos os encontros regionais, independente do ENAPET, mas deveria ter encontro nacional de tutores avaliando a atividade pedagógica. Faz um tempo que nós não somos avaliados, quando a gente estava sob a ordem da CAPES, a gente era avaliado igual os cursos da CAPES.</p> <p>IC60.3</p>	<p>As atividades são assim, tem uma orientação do MEC e tem uma data a gente fazer planejamento. Geralmente o a gente faz o planejamento no final do ano. A gente avalia e quando a gente está avaliando a gente já tira sugestões para o próximo planejamento, já vai construindo, faz a avaliação pensando em ideias para o próximo planejamento. Antes de começar o ano, nós sentamos e sistematizamos o planejamento das atividades principais. O MEC orienta que tem que ter quatro atividades, tem que ter uma atividade que é inédita, nós passamos uns dois ou três dias avaliando, de manhã e de tarde, os alunos em conjunto, e aí a gente já vai fazendo avaliação e planejamento e dizendo quais são as propostas que a gente tem.</p> <p>IC59.3. O PET poderia estar melhor.</p> <p>O PET poderia estar melhor ainda. Porque eu venho acompanhando o perfil dos alunos e acho que tem havido uma queda. Sempre passaram pra os alunos, o programa Pet é um programa de elite gente não é elitizado não, elite em que sentido? São pessoas especiais. Privilegiadas. E é porque são selecionados dentro do curso como os melhores alunos dentro do curso. Então, privilégio porque vão</p>		<p>vão trabalhar num programa do MEC que é muito bem conceituado. E vão trabalhar três coisas que nem toda Universidade faz, vão trabalhar três eixos, na questão do ensino da pesquisa da extensão, aqui tem essas três coisas e mais, então tem muito trabalho a ser feito. Então o quê que tem havido em função de ter havido outros programas com bolsas onde a cobrança é menos, então muitos alunos não querem vir pro PET porque é trabalho! É trabalho, é cobrança. Então essa queda de alunos assim mais interessados, diminui em função disso aí.</p>
---	---	--	---

	<p>trabalhar num programa do MEC que é muito bem conceituado. E vão trabalhar três coisas que nem toda Universidade faz, vão trabalhar três eixos, na questão do ensino da pesquisa da extensão, aqui tem essas três coisas e mais, então tem muito trabalho a ser feito. Então o quê que tem havido em função de ter havido outros programas com bolsas onde a cobrança é menos, então muitos alunos não querem vir pro PET porque é trabalho! É trabalho, é cobrança. Então essa queda de alunos assim mais interessados, diminui em função disso aí.</p>		
	<p>IC60: Avaliação da tutoria pelo MEC</p> <p>IC60.1: O tutor avalia o tutorando e vice-versa.</p> <p>O aluno avalia o professor tutor, é uma avaliação que o tutor não tem acesso, é <i>on line</i>, e como o tutor também avalia os alunos, mas nenhum tem acesso ao instrumento de avaliação do outro. O que ele tem acesso é a avaliação que foi feita, mas é de maneira geral, como o grupo se comportou ao longo ano, como o grupo tem se comportado.</p> <p>IC60.2: Deveria ter uma avaliação dos tutores mais adequada pelo MEC.</p> <p>Em relação</p>	<p>A60: Há avaliação dos tutores mas deveria ser mais adequada.</p>	<p>DSC60</p> <p>A60: Há avaliação dos tutores mas deveria ser mais adequada.</p> <p>IC60: Avaliação da tutoria pelo MEC</p> <p>IC60.1: O tutor avalia o tutorando e vice-versa.</p> <p>O aluno avalia o professor tutor, é uma avaliação que o tutor não tem acesso, é <i>on line</i>, e como o tutor também avalia os alunos, mas nenhum tem acesso ao instrumento de avaliação do outro. O que ele tem acesso é a avaliação que foi feita, mas é de maneira geral, como o grupo se comportou ao longo ano, como o grupo tem se comportado.</p> <p>IC60.2: Deveria ter uma avaliação dos tutores mais adequada pelo MEC.</p> <p>Em relação especificamente à</p>

	<p>especificamente à atividade de tutoria você efetivamente não tem um processo de acompanhamento, de avaliação adequado. Então, a gente tem grupos que estão, infelizmente, a atuação do grupo ou a importância do grupo, ela é muito dependente do tutor e dos alunos que lá estão. O que significa que se você pega um tutor que não tem um perfil adequado, que não tem a dedicação que precisa ser dada pro grupo, ou não tem interesse de efetivar o que o grupo efetivamente deveria fazer, a gente sabe que existem exemplos de tutores que atuam dentro do PET da mesma forma como atuam com seus alunos bolsistas de iniciação científica, nos seus laboratórios de pesquisa e transformam o PET numa extensão do seu próprio laboratório de pesquisa. Então, inclusive alguns tutores defendem isso como sendo correto e que passam aí despercebidos pelo processo avaliativo, processo de acompanhamento da atividade da tutoria não é efetivo! Eu acho inclusive que o próprio MEC, eu tenho certeza que o próprio MEC reconhece que esse processo de acompanhamento não é efetivo.</p> <p>IC60.3: <i>Deveria ter momentos de avaliação nos Encontros Nacionais do PET-</i></p>		<p><i>atividade de tutoria você efetivamente não tem um processo de acompanhamento, de avaliação adequado. A atuação do grupo ou a importância do grupo é muito dependente do tutor e dos alunos que lá estão. O que significa que se um tutor não tem um perfil adequado, que não tem a dedicação que precisa ser dada pro grupo, ou não tem interesse de efetivar o que o grupo efetivamente deveria fazer, sabemos que existem exemplos de tutores que atuam dentro do PET da mesma forma como atuam com seus alunos bolsistas de iniciação científica, nos seus laboratórios de pesquisa e transformam o PET numa extensão do seu próprio laboratório de pesquisa. Então, inclusive alguns tutores defendem isso como sendo correto e que passam aí despercebidos pelo processo avaliativo, processo de acompanhamento da atividade da tutoria não é efetivo! Eu acho inclusive que o próprio MEC reconhece que esse processo de acompanhamento não é efetivo.</i></p> <p>IC60.3: <i>Deveria ter momentos de avaliação da tutoria nos Encontros Nacionais do PET-ENAPET</i></p> <p><i>Deveria ter mais oportunidade de encontro entre os tutores para sistematizar mais essa experiência. Há um momento nos encontros nacionais, ENAPETs, mas são como minicongressos, não tem tempo para</i></p>
--	---	--	--

	<p><i>ENAPET</i></p> <p>Agora, que tivesse mais oportunidade de encontro, a gente já sugeriu inúmeras vezes, encontro entre os tutores para a gente sistematizar mais essa experiência. Há um momento em que assim, nos encontros nacionais, ENAPETs, mas são como minicongressos, tem apresentação de trabalhos, não tem tempo para discutir as problemáticas. E temos os encontros regionais, independente do ENAPET, mas deveria ter encontro nacional de tutores avaliando a atividade pedagógica. Faz um tempo que nós não somos avaliados, quando a gente estava sob a ordem da CAPES, a gente era avaliado igual os cursos da CAPES.</p>		<p><i>discutir as problemáticas. Deveria ter encontro nacional de tutores avaliando a atividade pedagógica. Faz um tempo que nós não somos avaliados, quando a gente estava sob a ordem da CAPES, a gente era avaliado igual os cursos da CAPES.</i></p>
	<p>IC61: <i>Era pra ter uma avaliação do interlocutor</i></p> <p>E era pra ter uma avaliação em relação ao desempenho do interlocutor também pelo MEC. Mas o MEC não avalia o interlocutor. Pra você ver como ele não tem importância, porque se ele tivesse, ele seria avaliado. E eu acho que se ele fosse remunerado eles fariam uma avaliação.</p>	<p>A61: <i>Não há avaliação do interlocutor.</i></p>	<p>DSC61 A61: <i>Não há avaliação do interlocutor.</i> IC61: <i>Era pra ter uma avaliação do interlocutor</i></p> <p><i>Era pra ter uma avaliação em relação ao desempenho do interlocutor também pelo MEC, mas ele não avalia o interlocutor, para o MEC talvez ele não tem importância, porque se ele tivesse, ele seria avaliado. E eu acho que se ele fosse remunerado eles fariam uma avaliação.</i></p>

	<p>IC62: Ainda não houve participação de avaliação do MEC. Não, mas eu lembro que tem uma outra avaliação que eu ainda não participei mas eu lembro que um tutor falou de avaliações do MEC para os tutores, pra o andamento dos PET. Não sei dizer se é só via relatório, o relatório é um dos instrumentos, o relatório, a prestação de contas, porque tudo eles tem uma comissão para avaliar isso lá, a gente avalia aqui, mas eles avaliam lá também. Não sei se tem um instrumento.</p>	<p>A62: Desconhecimento de como ocorre a avaliação do MEC.</p>	<p>DSC62 A62: Desconhecimento de como ocorre a avaliação do MEC. IC62: Ainda não houve participação de avaliação do MEC. Lembro que tem uma avaliação que eu ainda não participei mas um tutor falou de avaliações do MEC para os tutores, pra o andamento dos PET. Não sei dizer se é só via relatório, o relatório é um dos instrumentos, o relatório, a prestação de contas, porque tudo eles tem uma comissão para avaliar isso lá, a gente avalia aqui, mas eles avaliam lá também. Não sei se tem um instrumento.</p>
--	--	---	---

APÊNDICE CC – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 13 (IAD 13)

EIXO DISCURSIVO: ASPECTOS NORMATIVOS E INSTITUCIONAIS			
EXPRESSÕES CHAVES	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>T2-BR: Posso dizer que há, sim, reconhecimento, não só por parte dos cursos de graduação, mas pela própria administração superior, pela própria instituição. Mas, pela efetiva atuação do PET, eu acho que o reconhecimento deveria ser maior. Eu acho que a importância que os grupos têm para as graduações em que estão vinculadas é tamanha, não pode ser de novo mensurada, mas é tamanha que esse reconhecimento poderia ser maior. IC63</p> <p>T4-BR: Eu vejo que hoje eles estão dando uma valorização muito maior. Teve uma época que o PET realmente não havia reconhecimento nenhum, até por falta de conhecimento das pessoas, e aí acho que isso vai muito de acordo com a gestão, eu percebo que assim, há uns quatro anos ou mais o PET tem ganhado uma visibilidade maior, acho que com a questão da interlocução que se faz, desde que a gente teve um(a) interlocutor(a) que realmente assumiu deu uma alavancada nessa visibilidade do programa PET aqui dentro da UECE, realmente tem conseguido manter esse reconhecimento. IC63</p> <p>T4-BR: Eu acho que deveria ser mais reconhecido. Valorizar mais, primeiro nós achamos que tem que ter uma valorização maior aqui dentro mesmo, na nossa própria universidade, nessa questão da própria formação dos tutores, porque eu estou vendo que está um processo muito vago. IC63</p> <p>Não havia um reconhecimento da tutoria como carga horária, mas o reconhecimento vem da</p>	<p>IC63: <i>Há um reconhecimento da instituição, mas deveria ser mais reconhecido.</i></p> <p>Posso dizer que há, sim, reconhecimento, não só por parte dos cursos de graduação, mas pela própria administração superior, pela própria instituição. Mas, pela efetiva atuação do PET, eu acho que o reconhecimento deveria ser maior. Eu acho que a importância que os grupos têm para as graduações em que estão vinculadas é tamanha, não pode ser de novo mensurada, mas é tamanha que esse reconhecimento poderia ser maior. Eu vejo que hoje eles estão dando uma valorização muito maior. Teve uma época que o PET realmente não havia reconhecimento nenhum, até por falta de conhecimento das pessoas, e aí acho que isso vai muito de acordo com a gestão, eu percebo que assim, há uns quatro anos ou mais o PET tem ganhado uma visibilidade maior, acho que com a questão da interlocução que se faz, desde que a gente teve um(a) interlocutor(a) que realmente assumiu deu uma alavancada nessa visibilidade do</p>	<p>A63: <i>Há um reconhecimento da instituição, mas deveria ser mais reconhecido.</i></p>	<p>DSC63 A63: <i>Há um reconhecimento da instituição, mas deveria ser mais reconhecido.</i></p> <p>IC63: <i>Há um reconhecimento da instituição, mas deveria ser mais reconhecido.</i></p> <p><i>Posso dizer que há, sim, reconhecimento, não só por parte dos cursos de graduação, mas pela própria administração superior, pela própria instituição. Eu vejo que hoje eles estão dando uma valorização muito maior. Mas, pela efetiva atuação do PET, eu acho que o reconhecimento deveria ser maior. Eu acho que a importância que os grupos têm para as graduações em que estão vinculadas é tamanha, não pode ser mensurada, mas esse reconhecimento poderia ser maior aqui dentro, essa questão da própria formação dos tutores. Teve uma época que o PET realmente não havia reconhecimento nenhum, até por falta de conhecimento das pessoas, e aí acho que isso vai muito de acordo com a gestão, eu percebo que assim, há uns quatro anos ou mais o PET tem ganhado uma visibilidade maior, acho que com a questão da interlocução que se faz, desde que tivemos um(a) interlocutor(a) que deu uma alavancada nessa visibilidade do programa PET aqui dentro da UECE, realmente tem conseguido manter esse reconhecimento.</i></p>

<p>luta política IC64 T5-BR: A nossa carga horária como tutores não está incorporada na CDS da Universidade porque nós éramos apenas sete. E eles tinham muitas preocupações e não se lembraram de que nós existíamos. Isso foi dito em uma reunião. Se o nosso Legislativo pensasse dessa forma, as minorias nunca seriam atendidas, porque elas são uma parcela tão pequena da população. Mas eu acredito que isso também é uma aprendizagem pra Universidade, e foi feito uma nova CDS, se lembraram que nós existíamos, nós gritamos que nós merecíamos ter carga horária. Porque, afinal de contas, nós trabalhávamos tanto pra isso. IC64</p>	<p>programa PET aqui dentro da UECE, realmente tem conseguido manter esse reconhecimento. Eu acho que deveria ser mais reconhecido. Valorizar mais, primeiro nós achamos que tem que ter uma valorização maior aqui dentro mesmo, na nossa própria universidade, nessa questão da própria formação dos tutores, porque eu estou vendo que está um processo muito vago.</p>		
<p>T5-BR: Então, o que eu quero dizer é o PET é responsável também, como qualquer luta política, por ir ganhando seu espaço, provando seu valor. Eu acho que, como na sociedade maior, é assim, dentro da Universidade também é assim. IC65 T6-BR: Hoje está reconhecendo mais, mas poderia ter um maior reconhecimento, porque, eu tenho a impressão, que todo professor poderia funcionar como tutor de pequenos grupos, não precisava ser de doze pessoas, seis para cada um. Quem tivesse interesse. Institucionalizar isso. Então, assim, todo mundo vai ser um tutor. Mesmo que isso não levasse à bolsa, não levasse a isso e aquilo outro, mas o curso trabalhar com tutoria, seria muito importante. E a própria instituição ter os PETs institucionais, da instituição. IC65 T1-BR: Eu acho que a universidade, por ser um programa do MEC para a graduação, a própria graduação deveria se envolver</p>	<p>IC64: O reconhecimento da tutoria é uma conquista política. Não havia um reconhecimento da tutoria como carga horária, mas o reconhecimento vem da luta política A nossa carga horária como tutores não está incorporada na CDS da Universidade porque nós éramos apenas sete. E eles tinham muitas preocupações e não se lembraram de que nós existíamos. Isso foi dito em uma reunião. Se o nosso Legislativo pensasse dessa forma, as minorias nunca seriam atendidas, porque elas são uma parcela tão pequena da população. Mas eu acredito que isso também é uma aprendizagem pra Universidade, e foi feito uma nova CDS, se lembraram que nós existíamos, nós gritamos que nós merecíamos ter carga horária. Porque, afinal</p>	<p>A64: O reconhecimento da tutoria é uma conquista política.</p>	<p>DSC64 A64: O reconhecimento da tutoria é uma conquista política. IC64: O reconhecimento da tutoria é uma conquista política. A nossa carga horária como tutores não está incorporada na CDS da Universidade porque nós éramos apenas sete. E eles tinham muitas preocupações e não se lembraram de que nós existíamos. Isso foi dito em uma reunião. Se o nosso Legislativo pensasse dessa forma, as minorias nunca seriam atendidas, porque elas são uma parcela tão pequena da população. Mas eu acredito que isso também é uma aprendizagem pra Universidade, e foi feito uma nova CDS, se lembraram que nós existíamos, nós gritamos que nós merecíamos ter carga horária. Porque, afinal de contas, nós trabalhávamos tanto pra isso. Então, o que eu quero dizer é que o PET é responsável também, como qualquer luta política, por ir ganhando seu espaço, provando seu valor. Eu acho que, como na sociedade</p>

<p>mais nisso. O próprio MEC também deveria enfatizar mais a divulgação das universidades da representatividade, da importância do programa para a universidade. Que isso seria a nível de discussão nos ENAPET. Só que o ENAPET também está sempre muito entregue muito assim “<i>façam se vocês quiserem</i>”, então nós que temos que nos movimentarmos para que essas coisas aconteçam. Eu acho que o MEC que faz propaganda de tanto programa, mas esse aqui mantém um pouco assim “<i>tá aí, mas é pra vocês resolverem!</i>”. Então, essa relação esse envolvimento inclusive ter até mais pessoas lá do próprio MEC envolvidas com o programa. É pouca gente. IC66</p>	<p>de contas, nós trabalhávamos tanto pra isso. Então, o que eu quero dizer é o PET é responsável também, como qualquer luta política, por ir ganhando seu espaço, provando seu valor. Eu acho que, como na sociedade maior, é assim, dentro da Universidade também é assim.</p>		<p><i>maior, é assim, dentro da Universidade também é assim.</i></p>
<p>T2-BR: Acho que pelo próprio MEC, é que o MEC, ele não está organizado suficientemente pra acompanhar o PET. Então, eles têm um grupo de pessoal muito pequeno que não consegue efetivamente fazer um acompanhamento. Não há um acompanhamento efetivo. Então, o que eu acho que o MEC precisa é, mesmo sabendo que o PET é, dentro do orçamento do Ministério da Educação, dentro dos diversos programas que estão lá, uma gota no oceano, em reconhecimento à importância e ao potencial do programa, efetivamente gerar as condições para que ele possa ser acompanhado, avaliado, que é o que a gente espera. Então, a sugestão seria a locação de pessoal, de muito mais pessoal do que efetivamente o MEC tem, pra fazer esse acompanhamento; que se determinasse um processo de avaliação efetivo, com a participação coletiva, que fossem discutidos esses</p>	<p>IC65: <i>A tutoria deveria ser institucionalizada</i></p> <p>Eu tenho a impressão, que todo professor poderia funcionar como tutor de pequenos grupos, não precisava ser de doze pessoas, seis para cada um. Quem tivesse interesse. Institucionalizar isso. Então, assim, todo mundo vai ser um tutor. Mesmo que isso não levasse à bolsa, não levasse a isso e aquilo outro, mas o curso trabalhar com tutoria, seria muito importante. E a própria instituição ter os PETs institucionais, da instituição.</p>	<p>A65: <i>A tutoria deveria ser institucionalizada</i></p>	<p>DSC65</p> <p>A65: <i>A tutoria deveria ser institucionalizada</i></p> <p>IC65: <i>A tutoria deveria ser institucionalizada</i></p> <p><i>Eu tenho a impressão, que todo professor poderia funcionar como tutor de pequenos grupos, não precisava ser de doze pessoas, seis para cada um. Quem tivesse interesse. Institucionalizar isso. Então, assim, todo mundo vai ser um tutor. Mesmo que isso não levasse à bolsa, não levasse a isso e aquilo outro, mas o curso trabalhar com tutoria, seria muito importante. E a própria instituição ter os PETs institucionais, da instituição.</i></p>
	<p>IC66: <i>Maior envolvimento do MEC e da Universidade</i></p> <p>Eu acho que a universidade, por ser um programa do MEC para a graduação, a própria graduação deveria se envolver mais nisso. O próprio MEC também deveria enfatizar mais a divulgação das universidades da representatividade, da importância do programa para a</p>	<p>A66: <i>Maior envolvimento do MEC e da Universidade</i></p>	<p>DSC66</p> <p>A66: <i>Maior envolvimento do MEC e da Universidade</i></p> <p>IC66: <i>Maior envolvimento do MEC e da Universidade</i></p> <p><i>O MEC deveria enfatizar mais a divulgação das universidades da representatividade, da importância deste programa para a universidade. Que isso seria a nível de discussão nos ENAPET. Só que o ENAPET também está sempre muito entregue, nós que temos que nos</i></p>

<p>critérios com a comunidade do PET. A comunidade do PET, ela é muito rica. Ela é, entre todos os programas de bolsa do país, a mais organizada, a mais consciente das suas próprias responsabilidades. Então, que se coloque mais pessoal para fazer esse acompanhamento, que se construa esse processo de acompanhamento, de avaliação, ouvindo o próprio grupo, a própria comunidade petiana. IC66</p> <p>T6-BR: Eu tenho a impressão que o PET foi um “tiro no pé” do MEC, no sentido de que o programa é um piloto para fazer essa indissociabilidade entre Ensino-Pesquisa-Extensão. Que deveria ser uma obrigação da universidade, mas que não faz. Se a gente pegar, aqui a UECE, ela foi um colegiado grande há muito tempo, hoje ela está exercendo mais a pesquisa e a extensão é a “prima pobre”. Então não há ou é mercadológico, ou é paternalista, mas isso não é desenvolvido. Então, o PET, ele foi criado numa intenção, talvez, de satisfazer algumas elites, mas ele acabou se revertendo em algo, socialmente muito importante. E crescendo! E dando resultados muito satisfatórios, em termos de formação. Então eu penso que o MEC, poderia reforçar os programas dessa natureza, para que a universidade alcance seu real objetivo, que não é o mercado, porque com isso a gente vai ter a possibilidade de, ensaiando e errando, construir realmente essa indissociabilidade entre Ensino-Pesquisa-Extensão. E aí ela vai contemplar universal e essa relação da ampliação, da possibilidade da construção do conhecimento com o compromisso social. IC66:</p> <p>T4-BR: Valorizar mais,</p>	<p>universidade. Que isso seria a nível de discussão nos ENAPET. Só que o ENAPET também está sempre muito entregue muito assim “façam se vocês quiserem”, então nós que temos que nos movimentarmos para que essas coisas aconteçam. Eu acho que o MEC que faz propaganda de tanto programa, mas esse aqui mantém um pouco assim “tá aí, mas é pra vocês resolverem!”. Então, essa relação esse envolvimento inclusive ter até mais pessoas lá do próprio MEC envolvidas com o programa. É pouca gente.</p> <p>Acho que pelo próprio MEC, é que o MEC, ele não está organizado suficientemente pra acompanhar o PET. Então, eles têm um grupo de pessoal muito pequeno que não consegue efetivamente fazer um acompanhamento. Não há um acompanhamento efetivo. Então, o que eu acho que o MEC precisa é, mesmo sabendo que o PET é, dentro do orçamento do Ministério da Educação, dentro dos diversos programas que estão lá, uma gota no oceano, em reconhecimento à importância e ao potencial do programa, efetivamente gerar as condições para que ele possa ser acompanhado, avaliado, que é o que a gente espera. Então, a</p>	<p><i>movimentarmos para que essas coisas aconteçam. Então, essa relação esse envolvimento inclusive ter até mais pessoas lá do próprio MEC envolvidas com o programa. É pouca gente. É que o MEC não está organizado suficientemente pra acompanhar o PET. Então, eles têm um grupo de pessoal muito pequeno que não consegue efetivamente fazer um acompanhamento. Não há um acompanhamento efetivo. Então, o que eu acho que o MEC precisa, em reconhecimento à importância e ao potencial do programa, efetivamente gerar as condições para que ele possa ser acompanhado e avaliado. Então, a sugestão seria a locação de pessoal, de muito mais pessoal do que efetivamente o MEC tem, pra fazer esse acompanhamento; que se determinasse um processo de avaliação efetivo, com a participação coletiva, que fossem discutidos esses critérios com a comunidade do PET. A comunidade do PET, ela é muito rica. Ela é, entre todos os programas de bolsa do país, a mais organizada, a mais consciente das suas próprias responsabilidades.</i></p> <p><i>Eu tenho a impressão que o PET foi um “tiro no pé” do MEC, no sentido de que o programa é um piloto para fazer essa indissociabilidade entre Ensino-Pesquisa-Extensão. Que deveria ser uma obrigação da universidade, mas que não faz. Se a gente pegar, aqui a UECE, ela foi um colegiado grande há muito tempo, hoje ela está exercendo mais a pesquisa e a extensão é a “prima pobre”. Então, o PET, ele foi criado numa</i></p>
--	--	--

<p>primeiro nós achamos que tem que ter uma valorização maior aqui dentro mesmo, na nossa própria universidade, nessa questão da própria formação dos tutores, porque eu estou vendo que está um processo muito vago. IC63</p> <p>T3-BR: A gente acaba discutindo o manual, essas coisas todas nos encontros, então, você fica super antenado com moldes, com portarias com isso tudo. A mesma coisa com o nosso regimento interno. Então quando a gente sente uma dificuldade “ah, tem um regimento!” então vamos lá ver como a gente faz, porque se as coisas não vão muito bem, mas a gente molda muito mais pela convivência. E vez ou outra a gente recorre ao manual de orientações quando nos temos alguma dúvida de encaminhamento, a gente vai pra o regimento interno, aí quando temos novos petianos, repassamos tudo aquilo pra quem está entrando, então a gente tá sempre, de certa forma, no contato com essas orientações. A gente não precisa estar com o papel direto porque na prática a gente acaba aprendendo também. E quando a gente tem alguma uma dúvida é que a gente vai, no mais das vezes a gente não recorre porque já tem um certo domínio. Às vezes o próprio petiano tem muito domínio disso, muito mais que o tutor. Porque eles são muito antenados, eles participam e politicamente participam dos encontros e isso os habilita a entender a dinâmica o mecanismo e quando tem dúvida como eu disse é que a gente vai pra os documentos. IC69</p> <p>T6-BR: Eu já li lá o manual e esqueço e faço como eu entendo, porque tá ali, fria mesmo, distante, que pelo menos diante das necessidades</p>	<p>sugestão seria a locação de pessoal, de muito mais pessoal do que efetivamente o MEC tem, pra fazer esse acompanhamento; que se determinasse um processo de avaliação efetivo, com a participação coletiva, que fossem discutidos esses critérios com a comunidade do PET. A comunidade do PET, ela é muito rica. Ela é, entre todos os programas de bolsa do país, a mais organizada, a mais consciente das suas próprias responsabilidades. Então, que se coloque mais pessoal para fazer esse acompanhamento, que se construa esse processo de acompanhamento, de avaliação, ouvindo o próprio grupo, a própria comunidade petiana.</p> <p>Eu tenho a impressão que o PET foi um “tiro no pé” do MEC, no sentido de que o programa é um piloto para fazer essa indissociabilidade entre Ensino-Pesquisa-Extensão. Que deveria ser uma obrigação da universidade, mas que não faz. Se a gente pegar, aqui a UECE, ela foi um colegiado grande há muito tempo, hoje ela está exercendo mais a pesquisa e a extensão é a “prima pobre”. Então não há ou é mercadológico, ou é paternalista, mas isso não é desenvolvido. Então, o PET, ele foi criado numa intenção, talvez, de satisfazer algumas elites, mas ele</p>		<p><i>intenção, talvez, de satisfazer algumas elites, mas ele acabou se revertendo em algo, socialmente muito importante. E crescendo! E dando resultados muito satisfatórios, em termos de formação. Então eu penso que o MEC, poderia reforçar os programas dessa natureza, para que a universidade alcance seu real objetivo, que não é o mercado, porque com isso a gente vai ter a possibilidade de, ensaiando e errando, construir realmente essa indissociabilidade entre Ensino-Pesquisa-Extensão e essa relação da ampliação, da possibilidade da construção do conhecimento com o compromisso social. Eu acho que a própria universidade, por ser um programa do MEC para a graduação, deveria se envolver mais nisso.</i></p>
--	---	--	--

<p>com os grupos que passaram aqui, se eu for estar olhando aquelas regras, vou perder muita gente aqui. É eu leio, conheço, sei, mas cada grupo tem o seu perfil, e a gente tem que trabalhar com os perfis desses grupos. Eu já andei muito na linha, mas eu lembrei que o trem é que anda na linha. Eu hoje em dia, acho que com a idade, a gente vai aprendendo umas coisas, a regra está ali, eu não vou descumprir as coisas, tem um perfil e tudo, mas vou agir de preferência dentro do que a minha experiência me mostra</p> <p>IC67</p> <p>T7-BR: Os manuais eles são uma orientação e eles são muito importantes, porque no último momento quando a gente tem que dizer sim ou não a gente apela para os manuais, eles foram feitos, eles foram pensados não só pelo MEC, foi pensado por um movimento, porque o PET é um movimento político pedagógico pensado por um grupo de intelectuais que pensam a formação de professores dentro da própria Universidade. É tanto que esse grupo ele é um grupo que tem uma lógica diferente, aqui a gente forma uma carreira coletiva, então a gente pensa isso. Então a legislação é uma legislação orientadora. Porque também ela é elaborada de acordo com o próprio movimento do PET e ela é fruto da nossa própria necessidade. O PET ele já mudou muito nesse período, de concepção, essa própria legislação foi objeto de avanço. IC68</p>	<p>acabou se revertendo em algo, socialmente muito importante. E crescendo! E dando resultados muito satisfatórios, em termos de formação. Então eu penso que o MEC, poderia reforçar os programas dessa natureza, para que a universidade alcance seu real objetivo, que não é o mercado, porque com isso a gente vai ter a possibilidade de, ensaiando e errando, construir realmente essa indissociabilidade entre Ensino-Pesquisa-Extensão. E aí ela vai contemplar universal e essa relação da ampliação, da possibilidade da construção do conhecimento com o compromisso social.</p>		
	<p>IC67: <i>As normas do Manual de Orientações Básicas-MOB são distantes do real.</i></p> <p>Eu já li lá o manual e esqueço e faço como eu entendo, porque tá ali, fria mesmo, distante, que pelo menos diante das necessidades com os grupos que passaram aqui, se eu for estar olhando aquelas regras, vou perder muita gente aqui. É eu leio, conheço, sei, mas cada grupo tem o seu perfil, e a gente tem que trabalhar com os perfis desses grupos.</p> <p>Eu já andei muito na linha, mas eu lembrei que o trem é que anda na linha. Eu hoje em dia, acho que com a idade, a gente vai</p>	<p>A67: <i>As normas do Manual de Orientações Básicas-MOB são distantes do real.</i></p>	<p>DSC67</p> <p>A67: <i>As normas do Manual de Orientações Básicas-MOB são distantes do real.</i></p> <p>IC67: <i>As normas do Manual de Orientações Básicas-MOB são distantes do real.</i></p> <p><i>Eu já li o manual e esqueço e faço como eu entendo, porque e está ali, fria mesmo, distante, pelo menos diante das necessidades dos grupos que passaram aqui, se eu ficar olhando aquelas regras, vou perder muita gente aqui. É eu leio, conheço, sei, mas cada grupo tem o seu perfil, e a gente tem que trabalhar com os perfis desses grupos. Acho que com a idade, a gente vai aprendendo umas coisas, a regra está ali, eu não vou descumprir as coisas, mas vou agir de preferência dentro do que a minha experiência me</i></p>

	<p>aprendendo umas coisas, a regra está ali, eu não vou descumprir as coisas, tem um perfil e tudo, mas vou agir de preferência dentro do que a minha experiência me mostra.</p>		<p>mostra</p>
	<p>IC68: <i>As normas do Manual de Orientações são muito importantes.</i></p> <p>Os manuais eles são uma orientação e eles são muito importantes, porque no último momento quando a gente tem que dizer sim ou não a gente apela para os manuais, eles foram feitos, eles foram pensados não só pelo MEC, foi pensado por um movimento, porque o PET é um movimento político pedagógico pensado por um grupo de intelectuais que pensam a formação de professores dentro da própria Universidade. É tanto que esse grupo ele é um grupo que tem uma lógica diferente, aqui a gente forma uma carreira coletiva, então a gente pensa isso. Então a legislação é uma legislação orientadora. Porque também ela é elaborada de acordo com o próprio movimento do PET e ela é fruto da nossa própria necessidade. O PET ele já mudou muito nesse período, de concepção, essa própria legislação foi objeto de avanço.</p>	<p>A68: <i>As normas do Manual de Orientações são muito importantes.</i></p>	<p>DSC68 A68: <i>As normas do Manual de Orientações são muito importantes.</i></p> <p>IC68: <i>As normas do Manual de Orientações são muito importantes.</i></p> <p><i>Os manuais são uma orientação e são muito importantes, porque no último momento quando a gente tem que dizer sim ou não a gente apela para os manuais, eles foram pensados não só pelo MEC, mas por um movimento, porque o PET é um movimento político pedagógico pensado por um grupo de intelectuais que pensam a formação de professores dentro da própria Universidade. É tanto que esse grupo tem uma lógica diferente, aqui a gente forma uma carreira coletiva, a gente pensa isso. Então a legislação é orientadora. Porque também ela é elaborada de acordo com o próprio movimento do PET e é fruto da nossa própria necessidade. O PET já mudou muito nesse período, desde a concepção, essa própria legislação foi objeto de avanço.</i></p>

	<p>IC69: <i>As normas são para recorrer quando necessário.</i></p> <p>A gente acaba discutindo o manual, essas coisas todas nos encontros, então, você fica super antenado com moldes, com portarias com isso tudo. A mesma coisa com o nosso regimento interno. Então quando a gente sente uma dificuldade “<i>ah, tem um regimento!</i>” então vamos lá ver como a gente faz, porque se as coisas não vão muito bem, mas a gente molda muito mais pela convivência. E vez ou outra a gente recorre ao manual de orientações quando nos temos alguma dúvida de encaminhamento, a gente vai pra o regimento interno, aí quando temos novos petianos, repassamos tudo aquilo pra quem está entrando, então a gente tá sempre, de certa forma, no contato com essas orientações. A gente não precisa estar com o papel direto porque na prática a gente acaba aprendendo também. É quando a gente tem alguma uma dúvida é que a gente vai, no mais das vezes a gente não recorre porque já tem um certo domínio. Às vezes o próprio petiano tem muito domínio disso, muito mais que o tutor. Porque eles são muito antenados, eles participam e politicamente participam dos</p>	<p>A69: <i>As normas são para recorrer quando necessário.</i></p>	<p>DSC69 A69: <i>As normas são para recorrer quando necessário.</i></p> <p>IC69: <i>As normas são para recorrer quando necessário.</i></p> <p><i>Acabamos discutindo o manual e essas coisas todas nos encontros, então, ficamos super antenado com moldes, com portarias com isso tudo. A mesma coisa com o nosso regimento interno. Então quando a sentimos uma dificuldade vamos lá ver como a gente faz, mas a gente molda muito mais pela convivência, e vez ou outra a gente recorre ao Manual de Orientações, quando temos alguma dúvida de encaminhamento. Quando temos novos petianos, repassamos tudo pra quem está entrando, então a estamos sempre no contato com essas orientações. Não precisamos estar com o papel direto porque na prática acabamos aprendendo também. Quando temos alguma uma dúvida é que vamos, no mais das vezes não recorreremos porque já temos certo domínio. Às vezes o próprio petiano tem muito domínio disso, muito mais que o tutor. Porque eles são muito antenados e politicamente participam dos encontros e isso os habilita a entender a dinâmica.</i></p>
--	---	--	---

	encontros e isso os habilita a entender a dinâmica o mecanismo e quando tem dúvida como eu disse é que a gente vai pra os documentos.		
--	---	--	--

APÊNDICE DD – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 14 (IAD14)

EIXO DISCURSIVO: CONCEPÇÕES DE TUTORIA PELOS PETIANOS			
EXPRESSÕES CHAVES	IDÉIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>GDI: Conceituar a tutoria é um pouco complexo, mas eu acho que o que faz a tutoria do PET ser diferenciada é o modo como o programa funciona. Ao meu ver a tutoria seria um professor que irá auxiliar, guiar, ajudar os seus tutorandos no decorrer de suas atividades. Na tutoria do PET a gente desenvolve pesquisa, ensino e extensão, tudo ao mesmo tempo, faz que seja uma coisa mais subjetiva e eu acho que é uma grande diferença do PET, porque a tutoria existe por aí em vários cantos, mas ter pesquisa ensino e extensão, aí que dá o diferencial pra tutoria do PET ser como ela é. IC70</p> <p>GDI: Eu acho que é uma ação de modelagem do(a) tutor(a) para com a gente, pra ver nosso crescimento, é uma modelagem mesmo pra vocês crescer e estar preparado para o mundo lá fora. IC71</p> <p>GDI: Eu acredito que o(a) tutor(a) acompanha o nosso desenvolvimento e nos ajuda nesse processo, acompanha tanto o desenvolvimento pessoal de cada um, mas não é como se fosse um chefe, não tá mandando em ninguém aqui, não diz 'você faz isso' delegando coisas, não! Ele(a) acompanha o grupo e vai ajudando o grupo assim como o(a) próprio(a) tutor(a) também aprende aqui com o PET ao acompanhar os alunos em todo esse processo do PET tudo isso também é um aprendizado. IC74</p> <p>GD7: Eu acho a tutoria é quando você tem uma pessoa</p>	<p>IC70: A tríade ensino, pesquisa e extensão faz a tutoria do PET ser diferenciada.</p> <p>Conceituar a tutoria é um pouco complexo, mas eu acho que o que faz a tutoria do PET ser diferenciada é o modo como o programa funciona. Ao meu ver a tutoria seria um professor que irá auxiliar, guiar, ajudar os seus tutorandos no decorrer de suas atividades. Na tutoria do PET a gente desenvolve pesquisa, ensino e extensão, tudo ao mesmo tempo, faz que seja uma coisa mais subjetiva e eu acho que é uma grande diferença do PET, porque a tutoria existe por aí em vários cantos, mas ter pesquisa ensino e extensão, aí que dá o diferencial pra tutoria do PET ser como ela é.</p> <p>IC71: A tutoria prepara o aluno para atuar no mundo.</p> <p>Eu acho que é uma ação de modelagem do(a) tutor(a) para com a gente, pra ver nosso crescimento, é uma modelagem mesmo pra vocês crescer e estar preparado para o mundo lá fora.</p>	<p>A70: A tríade ensino, pesquisa e extensão faz a tutoria do PET ser diferenciada.</p> <p>A71: A tutoria prepara o aluno para atuar no mundo.</p>	<p>DSC70</p> <p>A70: A tríade ensino, pesquisa e extensão faz a tutoria do PET ser diferenciada.</p> <p>IC70: A tríade ensino, pesquisa e extensão faz a tutoria do PET ser diferenciada.</p> <p><i>Conceituar a tutoria é um pouco complexo. Ao meu ver a tutoria seria um professor que auxilia, guia, ajuda os seus tutorandos no decorrer de suas atividades. Eu acho que o que faz a tutoria do PET ser diferenciada é o modo como o programa funciona, porque nela a gente desenvolve pesquisa, ensino e extensão, tudo ao mesmo tempo, faz com que seja uma coisa mais subjetiva e eu acho que é uma grande diferença, porque a tutoria existe por aí em vários cantos, mas essa indissociação da tríade é dá o diferencial pra tutoria do PET ser como ela é.</i></p> <p>DSC71</p> <p>A71: A tutoria prepara o aluno para atuar no mundo.</p> <p>IC71: A tutoria prepara o aluno para atuar no mundo.</p> <p><i>Eu acho que é uma ação de modelagem do(a) tutor(a) para com a gente, pra ver nosso crescimento, é uma modelagem mesmo pra você crescer e estar preparado para o mundo lá fora.</i></p>

<p>e aquela pessoa tem um conhecimento a mais que o seu e ela está lhe auxiliando nas dúvidas que você tem acerca de determinado assunto, para mim tutoria é isso, é quando tem a transmissão desses conhecimentos, uma pessoa sabe mais e vai transmitir para o que tem dúvida, para quem sabe menos. IC72</p> <p>GD1: A tutoria pra mim é diferente do que qualquer outra orientação que você tem na universidade porque aqui é uma coisa mais subjetiva, o(a) tutor(a) tem um papel mais subjetivo não de estar só dizendo que você tem que fazer isso e aquilo outro, mas quando é claro ele(a) tem que fazer isso porque é o papel, uma forma de colocar as coisas pra andarem, mas o papel importante da tutoria é a presença dele(a) não só para criticar, mas também pra auxiliar você e não indo só naquelas tarefas específicas, mas é fazer um clima mais divertido e isso acredito que não é só cobrar, mas também elogiar. IC73</p> <p>GD3: A tutoria seria uma orientação, mas que não se compara a orientação que a gente tem com o nosso orientador da monografia. Uma orientação muito mais ampla que não se reduz as atividades, uma orientação mais para além só das atividades além do PET papel. IC73</p> <p>GD3: É. Porque é difícil da gente dizer “é isso”. O PET vai para além só do âmbito acadêmico e profissional. Mas eu percebo a tutoria como isso, como orientação. IC73</p> <p>GD3: A tutoria é um processo de acompanhamento e também de companheirismo. E não se trata aqui de você dar ordens pra alguém, mas você acompanhar e você estar junto sempre nos momentos</p>	<p>IC72: A tutoria auxilia no desenvolvimento cognitivo. Eu acho a tutoria é quando você tem uma pessoa e aquela pessoa tem um conhecimento a mais que o seu e ela está lhe auxiliando nas dúvidas que você tem acerca de determinado assunto, para mim tutoria é isso, é quando tem a transmissão desses conhecimentos, uma pessoa sabe mais e vai transmitir para o que tem dúvida, para quem sabe menos.</p>	<p>A72: A tutoria auxilia no desenvolvimento cognitivo.</p>	<p>DSC72 A72: A tutoria auxilia no desenvolvimento cognitivo. IC72: A tutoria auxilia no desenvolvimento cognitivo.</p> <p><i>Eu acho a tutoria é quando você tem uma pessoa e aquela pessoa tem um conhecimento a mais que o seu e ela está lhe auxiliando nas dúvidas que você tem acerca de determinado assunto, para mim tutoria é isso, é quando uma pessoa sabe mais e vai transmitir para o que tem dúvida, para quem sabe menos.</i></p>
<p>IC73: Tutoria é o acompanhamento, aconselhamento, orientação mais ampla que envolve aspectos pedagógicos, técnicos, sociais e psicológicos.</p> <p>Então eu acho que a tutoria é isso, o acompanhamento e o aconselhamento, não o direcionamento do passo à passo e sim o acompanhar. Esses acompanhamentos todos que é feito nas pesquisas a gente mostra o que a gente pretende, opina, diz se é interessante, se não é. Tem essa questão do acompanhamento, o pessoal, o(a) tutor(a) não está aqui comentando o que é que um está fazendo, o que é que o outro está fazendo, mas ele sabe. Ele(a) tem um acompanhamento não só técnico, mas tem esse acompanhamento</p>	<p>IC73: Tutoria é o acompanhamento, aconselhamento, orientação mais ampla que envolve aspectos pedagógicos, técnicos, sociais e psicológicos.</p>	<p>A73: Tutoria é o acompanhamento, aconselhamento, orientação mais ampla que envolve aspectos pedagógicos, técnicos, sociais e psicológicos.</p>	<p>DSC73 A73: Tutoria é o acompanhamento, aconselhamento, orientação mais ampla que envolve aspectos pedagógicos, técnicos, sociais e psicológicos. IC73: Tutoria é o acompanhamento, aconselhamento, orientação mais ampla que envolve aspectos pedagógicos, técnicos, sociais e psicológicos.</p> <p><i>Eu acho que a tutoria é o acompanhamento e o aconselhamento, não o direcionamento do passo à passo, não é necessariamente pegar na mão, mas instruir. É. Porque é difícil da gente dizer “é isso”. Mas eu percebo a tutoria como orientação. O PET vai para além só do âmbito acadêmico e profissional. Esse acompanhamento todo que é feito nas pesquisas a gente mostra o que a gente</i></p>

<p>decisivos. IC74 GD4: O que eu acho que deve ser uma responsabilidade muito grande, porque na orientação eles têm muito, quem é orientador sabe, eles tem muito no pulso, e para você ser tutor você tem que deixar as coisas correrem solto mas também você não pode perder a rédea de tudo. Então, eu vejo uma diferença grande, ao mesmo tempo não tem só o lado acadêmico, também tem o lado pessoal, porque você não deixa de ter outros problemas, você continua tendo sua vida pessoal, não tem só uma vida acadêmica, então, acaba também sendo um pouco de orientador também nessa parte pessoal. IC73 GD1: o (a) tutor(a) é como se fosse um pai, uma mãe pra gente! Ele(a) guia as coisas que a gente tem que fazer como se fosse um pai, uma mãe mesmo. Ele(a) dá bronca quando tem que dar, elogia quando a gente apresenta melhoras e eu sinto que é como se fosse o(a) nosso(a) guia mesmo. Acho que não tem outra definição. IC73 GD7: tutoria de forma geral para mim é realmente como se fosse esse acompanhamento mesmo, não é necessariamente pegar na mão, mais instruir. IC73 GD7: Tem umas tendências pedagógicas e técnicas. Isso aqui é bem visto, aqui não tem como a gente não ser e as questões assim mais psicológicas e sociais, ele(a) tem uma abertura muito grande. A gente tem uma abertura muito grande inclusive com o grupo mesmo, se você quiser parar aqui a reunião e quiser comentar algo sobre sua vida a gente vai parar e ouvir, porque a gente sabe que atinge diretamente mesmo no grupo, se você quiser chegar e conversar com</p>	<p>pessoal. A tutoria seria uma orientação, mas que não se compara a orientação que a gente tem com o nosso orientador da monografia. Uma orientação muito mais ampla que não se reduz as atividades, uma orientação mais para além só das atividades além do PET papel. É. Porque é difícil da gente dizer “é isso”. O PET vai para além só do âmbito acadêmico e profissional. Mas eu percebo a tutoria como isso, como orientação. A tutoria é um processo de acompanhamento e também de companheirismo. O que eu acho que deve ser uma responsabilidade muito grande, porque na orientação eles têm muito, quem é orientador sabe, eles tem muito no pulso, e para você ser tutor você tem que deixar as coisas correrem solto mas também você não pode perder a rédea de tudo. Então, eu vejo uma diferença grande, ao mesmo tempo não tem só o lado acadêmico, também tem o lado pessoal, porque você não deixa de ter outros problemas, você continua tendo sua vida pessoal, não tem só uma vida acadêmica, então, acaba também sendo um pouco de orientador também nessa parte pessoal. O (a) tutor(a) é como se fosse um pai, uma mãe pra gente! Ele(a)</p>		<p><i>pretende, opina, diz se é interessante, se não é. Seria uma orientação, mas que não se compara a orientação que a gente tem com o nosso orientador da monografia, é muito mais ampla que não se reduz às atividades, é para além só das atividades, para além do PET papel.</i> <i>Tem umas tendências pedagógicas e técnicas. Isso aqui é bem visto, aqui não tem como a gente não ser, e tem as questões mais psicológicas e sociais, o(a) tutor(a) dá uma abertura muito grande. A gente tem uma abertura muito grande inclusive com o grupo mesmo, se você quiser parar aqui a reunião e quiser comentar algo sobre sua vida a gente vai parar e ouvir, porque a gente sabe que atinge diretamente mesmo o grupo, se você quiser conversar particularmente ou em grupo, a abertura é fácil. Tem essa questão do acompanhamento pessoal do(a) tutor(a) que não está aqui comentando o que cada um está fazendo, mas ele sabe porque tem um acompanhamento não só técnico, mas pessoal, por isso é diferente do que qualquer outra orientação que você tem na universidade, aqui é uma coisa mais subjetiva, o(a) tutor(a) tem um papel mais subjetivo, é um processo de acompanhamento e também de companheirismo, não de estar só dizendo que você tem que fazer isso e aquilo outro, mas quando é claro ele(a) tem que fazer isso porque é o papel, uma forma de colocar as coisas pra andarem, mas o papel importante da tutoria é a</i></p>
---	--	--	---

<p>particularmente ou em grupo, a abertura é fácil. IC73</p> <p>GD2: Então eu acho que a tutoria é isso, o acompanhamento e o aconselhamento, não o direcionamento do passo à passo e sim o acompanhar. Esses acompanhamentos todos que é feito nas pesquisas a gente mostra o que a gente pretende, opina, diz se é interessante, se não é. Tem essa questão do acompanhamento, o pessoal, o(a) tutor(a) não está aqui comentando o que é que um está fazendo, o que é que o outro está fazendo, mas ele sabe. Ele(a) tem um acompanhamento não só técnico, mas tem esse acompanhamento pessoal.</p> <p>IC73</p>	<p>guia as coisas que a gente tem que fazer como se fosse um pai, uma mãe mesmo. Ele(a) dá bronca quando tem que dar, elogia quando a gente apresenta melhoras e eu sinto que é como se fosse o(a) nosso(a) guia mesmo. Acho que não tem outra definição. Tutoria de forma geral para mim é realmente como se fosse esse acompanhamento mesmo, não é necessariamente pegar na mão, mais instruir. Tem umas tendências pedagógicas e técnicas. Isso aqui é bem visto, aqui não tem como a gente não ser e as questões assim mais psicológicas e sociais, ele(a) tem uma abertura muito grande. A gente tem uma abertura muito grande inclusive com o grupo mesmo, se você quiser parar aqui a reunião e quiser comentar algo sobre sua vida a gente vai parar e ouvir, porque a gente sabe que atinge diretamente mesmo no grupo, se você quiser chegar e conversar com particularmente ou em grupo, a abertura é fácil.</p> <p>Então eu acho que a tutoria é isso, o acompanhamento e o aconselhamento, não o direcionamento do passo à passo e sim o acompanhar. Esses acompanhamentos todos que ele faz, nas pesquisas a gente mostra o que a gente pretende, opina, diz se é interessante, se não é. Ele tem essa questão</p>		<p><i>presença dele(a) não só para criticar, mas também pra auxiliar você, é fazer um clima mais divertido que não é só cobrar, mas também elogiar. O que eu acho que deve ser uma responsabilidade muito grande, porque na orientação, quem é orientador sabe, tem que ser muito no pulso, e para você ser tutor você tem que deixar as coisas correrem solto, mas também você não pode perder a rédea de tudo.</i></p> <p><i>Então, eu vejo uma diferença grande, ao mesmo tempo não tem só o lado acadêmico, também tem o lado pessoal, porque você não deixa de ter outros problemas, você continua tendo sua vida pessoal, não tem só uma vida acadêmica, então, acaba também sendo um pouco de orientador também nessa parte pessoal. O (a) tutor(a) é como se fosse um pai, uma mãe pra gente! Ele(a) guia as coisas que a gente tem que fazer como se fosse um pai, uma mãe mesmo. Ele(a) dá bronca quando tem que dar, elogia quando a gente apresenta melhoras e eu sinto que é como se fosse o(a) nosso(a) guia mesmo. Acho que não tem outra definição.</i></p>
--	--	--	---

	<p>do acompanhamento, o pessoal das coisas, ele(a) não está aqui comentando o que é que um está fazendo, o que é que o outro está fazendo, mas ele sabe, não é à toa que quando a pessoa sai ele(a) diz “olha, fulano o seu trabalho aqui foi muito bom por causa disso, disso e disso”. Ele tem um acompanhamento não só técnico, mas ele tem esse acompanhamento pessoal.</p> <p>A tutoria pra mim é diferente do que qualquer outra orientação que você tem na universidade porque aqui é uma coisa mais subjetiva, o(a) tutor(a) tem um papel mais subjetivo não de estar só dizendo que você tem que fazer isso e aquilo outro, mas quando é claro ele(a) tem que fazer isso porque é o papel, uma forma de colocar as coisas pra andarem, mas o papel importante da tutoria é a presença dele(a) não só para criticar, mas também pra auxiliar você, é fazer um clima mais divertido e isso acredito que não é só cobrar, mas também elogiar.</p>		
	<p>IC74: A ação tutorial não é autoritária. Eu acredito que o(a) tutor(a) acompanha o nosso desenvolvimento e nos ajuda nesse processo, acompanha tanto o desenvolvimento pessoal de cada um, mas não é como se fosse um chefe, não tá mandando em ninguém</p>	<p>A74: A ação tutorial não é autoritária.</p>	<p>DSC74 A74: A ação tutorial não é autoritária. IC74: A ação tutorial não é autoritária. Eu acredito que o(a) tutor(a) acompanha o nosso desenvolvimento e nos ajuda nesse processo, mas não é como se fosse um chefe, não tá mandando em ninguém aqui, não diz “você faz</p>

	<p>aqui, não diz 'você faz isso' delegando coisas, não! Ele(a) acompanha o grupo e vai ajudando o grupo assim como o(a) próprio(a) tutor(a) também aprende aqui com o PET ao acompanhar os alunos em todo esse processo do PET tudo isso também é um aprendizado.</p> <p>E não se trata aqui de você dar ordens pra alguém, mas você acompanhar e você estar junto sempre nos momentos decisivos.</p>		<p><i>isso!'” delegando coisas, Não se trata aqui de dar ordens pra alguém, mas de acompanhar e estar junto sempre nos momentos decisivos. Ele(a) acompanha o grupo e vai ajudando o grupo. E assim o(a) próprio(a) tutor(a) também aprende aqui com o PET ao acompanhar os alunos em todo esse processo do PET tudo isso também é um aprendizado.</i></p>
--	---	--	--

APÊNDICE EE – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 15 (IAD15)

EIXO DISCURSIVO: PERFIL DO TUTOR			
EXPRESSÕES CHAVES	IDÉIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>GD2: Disponibilidade. Ele(a) está de olho aqui no nosso trabalho de vez em quando, bate aqui na porta pra perguntar como é que está e se você for lá na sala dele(a) agora pedir ajuda pra qualquer coisa ele(a) vai parar o que ele está fazendo e vai lhe dar atenção, vai ajudar! Eu admiro muito isso nele(a) porque ele tem a humildade de parar e ensinar as coisas do começo. IC75</p> <p>GD2: Estar disponível para ajudar... IC75</p> <p>É ter sensibilidade de perceber coisas que a gente não percebe que ajude a gente. Ser acessível. IC76</p> <p>GD2: E ele é bem sincero também. Se for uma coisa que está errada, ele também não faz logo uma mediação ele diz “ó isso tá errado, tem que mudar e tal, procurar outra pesquisa”. IC76</p> <p>GD2: Ele(a) vê e percebe o desenvolvimento de certas pessoas, quando as pessoas que saem do PET ele(a) comenta em que a pessoa se desenvolveu e sempre faz um discurso no final quando a pessoa sai. IC76</p> <p>GD2: A percepção que um tutor tem que ter. Já aconteceu da pessoa estar meio desligada do programa, meio solta, sem querer trabalhar e tal, e ele(a) soube como trabalhar. Já aconteceu um caso de ele(a) falar com a pessoa e a pessoa mudar suas atitudes, através daquele sermão, digamos assim, que ele(a) deu. Então, ele(a) consegue, mesmo sem estar presente, saber quem está trabalhando, quem não está, quem está fazendo, quem não está. Ele(a)tem esse</p>	<p>IC75: <i>Ter Disponibilidade para ajudar e ter dedicação.</i></p> <p>E a dedicação, dedicado(a).</p> <p>Disponibilidade. Ele(a) está de olho aqui no nosso trabalho de vez em quando, bate aqui na porta pra perguntar como é que está e se você for lá na sala dele(a) agora pedir ajuda pra qualquer coisa ele(a) vai parar o que ele está fazendo e vai lhe dar atenção, vai ajudar! Eu admiro muito isso nele(a) porque ele tem a humildade de parar e ensinar as coisas do começo.</p> <p>Estar disponível para ajudar...</p> <p>Mais presença e de mais tempo, de tirar dúvidas, porque a gente tá no processo de formação</p> <p>IC76: <i>Ser perceptivo e sensível às situações do grupo.</i></p> <p>A sensibilidade do(a) tutor(a) teve em vários casos é uma coisa que impressiona e surpreende.</p> <p>É ter sensibilidade de perceber coisas que a gente não percebe que ajude a gente. Ser acessível.</p> <p>Ele(a) vê e percebe o desenvolvimento de certas pessoas, quando as pessoas que saem do PET ele(a) comenta em</p>	<p>A75: <i>Ter Disponibilidade para ajudar e ter dedicação.</i></p> <p>A76: <i>Ser perceptivo e sensível às situações do grupo</i></p>	<p>DSC75</p> <p>A75: <i>Ter Disponibilidade para ajudar e ter dedicação.</i></p> <p>IC75: <i>Ter Disponibilidade para ajudar e ter dedicação.</i></p> <p><i>Estar disponível para ajudar ter mais presença e mais tempo, de tirar dúvidas, se dedicar, porque a gente tá no processo de formação. O(a) nosso(a) tutor(a) está de olho aqui no nosso trabalho. De vez em quando bate aqui na porta pra perguntar como é que está e se você for lá na sala dele(a) agora pedir ajuda pra qualquer coisa ele(a) vai parar o que ele está fazendo e vai lhe dar atenção, vai ajudar! Eu admiro muito isso nele(a) porque ele tem a humildade de parar e ensinar as coisas do começo.</i></p> <p>DSC76</p> <p>DSC76</p> <p>A76: <i>Ser perceptivo e sensível às situações do grupo</i></p> <p>IC76: <i>Ser perceptivo e sensível às situações do grupo.</i></p> <p><i>A sensibilidade do(a) tutor(a) é uma coisa que me impressiona e me surpreende, isso é muito importante para um grupo de trabalho. A sensibilidade de perceber coisas que a gente não percebe que ajude a gente,</i></p>

<p>sentimento, essa sensibilidade. Talvez até pelo fato de não estar presente, de ele não participar, ele não opinar muitas coisas, ele só observar, ajude essa questão. Porque ele(a) fica aqui e tal, ele(a) não perde tempo sem estar observando, ele fica escutando o que cada um está falando e vai percebendo a característica de cada um. O bom é que ele(a) sempre está presente, apesar de ele não estar presente fisicamente, não teve nenhuma vez que nós precisamos de alguma coisa que ele(a) não estava sempre pronto para responder. A gente sabe que se alguma coisa der problema ele sempre vai estar lá do nosso lado para ajudar. IC76</p> <p>GD3: Saber conviver.</p> <p>GD4: uma pessoa resolutiva, uma pessoa que consegue dar continuidade às coisas, mas sem aquela carga de estresse que geralmente a gente costuma ficar, uma pessoa muito segura, com quem você pode contar. IC77</p> <p>GD 5: Então é saber se posicionar, tanto o lado pessoal, saber falar, quanto o lado profissional, porque querendo ou não ele(a) é tutor(a), saindo um pouco daquela imagem romântica de que os dois tem que aprender com os dois, porque, digamos assim, ele tem muito mais a ensinar do que aprender. IC77</p> <p>GD3: Acho que o diálogo. E a flexibilidade de você respeitar o limite do outro e também de saber quando cobrar, como cobrar, dialogar mesmo. IC77</p> <p>GD5: eu considero que é necessário o(a) tutor(a) ter aquele lado bem profissional, IC78 mas também tem que ter o lado da sensibilidade porque é muito importante para dar continuidade a um grupo de trabalho. Enfim, eu acho que essa questão da sensibilidade também, por se</p>	<p>que a pessoa se desenvolveu e sempre faz um discurso no final quando a pessoa sai.</p> <p>mas também tem que ter o lado da sensibilidade porque é muito importante para dar continuidade a um grupo de trabalho. Enfim, eu acho que essa questão da sensibilidade também, por se tratar de seres humanos, somos frágeis, temos nossas limitações, enfim, tem uma série de coisas e é essencial que o tutor considere isso. A nossa subjetividade também, principalmente.</p> <p>A percepção que um tutor tem que ter. Já aconteceu da pessoa estar meio desligada do programa, meio solta, sem querer trabalhar e tal, e ele(a) soube como trabalhar. Já aconteceu um caso de ele(a) falar com a pessoa e a pessoa mudar suas atitudes, através daquele sermão, digamos assim, que ele(a) deu. Então, ele(a) consegue, mesmo sem estar presente, saber quem está trabalhando, quem não está, quem está fazendo, quem não está. Ele(a) tem esse sentimento, essa sensibilidade.</p> <p>Talvez até pelo fato de não estar presente, de ele não participar, ele não opinar muitas coisas, ele só observar, ajude essa questão. Porque ele(a) fica aqui e tal, ele(a) não perde tempo sem estar observando, ele fica escutando o</p>		<p><i>ver e perceber o desenvolvimento das pessoas. A percepção que um tutor tem que ter. Já aconteceu da pessoa estar meio desligada do programa, meio solta, sem querer trabalhar e tal, e o(a) tutor(a) soube como trabalhar. Já aconteceu um caso dele(a) falar com a pessoa e a pessoa mudar suas atitudes através daquele sermão, digamos assim, que ele(a) deu. Então, ele(a) consegue, mesmo sem estar sempre presente, saber quem está trabalhando, quem não está, quem está fazendo, quem não está. Ele(a) tem esse sentimento, essa sensibilidade. Talvez até pelo fato de não estar presente, de só observar, ajude nessa questão, porque fica aqui e tal, não perde tempo em estar observando, fica escutando o que cada um está falando e vai percebendo a característica de cada um. O bom é que ele(a) sempre está presente, apesar de ele não estar presente fisicamente, não teve nenhuma vez que nós precisamos de alguma coisa que ele(a) não estava sempre pronto para responder. A gente sabe que se alguma coisa der problema ele sempre vai estar lá do nosso lado para ajudar. Assim ele(a) tem uma característica que sente o clima e quando ele(a) sente o clima muito pesado que isso realmente acaba atrapalhando as atividades, então, ele(a) chega numa reunião e abre o espaço para resolver aquele problema, e naquele momento ali as pessoas se colocam e aí de fato as atividades</i></p>
--	---	--	--

<p>tratar de seres humanos, somos frágeis, temos nossas limitações, enfim, tem uma série de coisas e é essencial que o tutor considere isso. A nossa subjetividade também, principalmente.</p> <p>IC76</p> <p>GD5: Um olhar do grupal, se preocupar com o grupo nas atividades, mas também do pessoal dentro do grupo. Dar atenção individual. IC79</p> <p>GD5: A sensibilidade do(a) tutor(a) teve em vários casos é uma coisa que impressiona e surpreende. IC76</p> <p>GD5:E a dedicação, dedicado(a) IC75</p> <p>GD6:Acho também que o(a) tutor geralmente a sabe lidar com determinadas situações não é uma pessoa autoritária de modo algum, é uma pessoa que sabe respeitar sua opinião e também exige, e que sabe muito bem mediar também as ações do grupo, é uma pessoa muito humana nesse sentido.</p> <p>IC77</p> <p>GD7: o(a) tutor(a) pode até ter a boa vontade, a iniciativa de querer começar mais precisa ser uma pessoa que tenha mais aporte do que eu para poder me nortear, que é a função do tutor. IC78</p> <p>GD7: Mais presença e de mais tempo, de tirar dúvidas, porque a gente tá no processo de formação. IC75</p> <p>GD7:Assim ele(a) tem uma característica que ela sente muito, lógico que quando você convive com o grupo você sente o clima e quando ele(a) sente o clima muito pesado que isso realmente acaba atrapalhando as atividades, ela chega numa reunião e abre o espaço para resolver aquele problema, eu acho isso muito positivo porque não somos pessoas separadas, então muitas vezes a minha vida pessoal acaba refletindo e quando tem ele(a) sente essa</p>	<p>que cada um está falando e vai percebendo a característica de cada um. O bom é que ele(a) sempre está presente, apesar de ele não estar presente fisicamente, não teve nenhuma vez que nós precisamos de alguma coisa que ele(a) não estava sempre pronto para responder. A gente sabe que se alguma coisa der problema ele sempre vai estar lá do nosso lado para ajudar. Assim ele(a) tem uma característica que ela sente muito, lógico que quando você convive com o grupo você sente o clima e quando ele(a) sente o clima muito pesado que isso realmente acaba atrapalhando as atividades, ela chega numa reunião e abre o espaço para resolver aquele problema, eu acho isso muito positivo porque não somos pessoas separadas, então muitas vezes a minha vida pessoal acaba refletindo e quando tem ele(a) sente essa necessidade como já aconteceu, abre esse momento para discutir e naquele momento ali as pessoas se colocam e aí de fato as atividades começam a dar melhores respostas. E ele é bem sincero também. Se for uma coisa que está errada, ele também não faz logo uma mediação ele diz “ó isso tá errado, tem que mudar e tal, procurar outra pesquisa”.</p>		<p><i>começam a dar melhores respostas. Enfim, eu acho que essa questão da sensibilidade também, por se tratar de seres humanos, somos frágeis, temos nossas limitações, enfim, tem uma série de coisas e é essencial que o tutor considere isso. A nossa subjetividade também, principalmente. Eu acho isso muito positivo porque não somos pessoas separadas, então muitas vezes a minha vida pessoal acaba refletindo e quando tem ele(a) sente essa necessidade como já aconteceu. E ele(a) é bem sincero(a) também. Se for uma coisa que está errada, ele também não faz logo uma mediação ele diz “ó isso tá errado, tem que mudar e tal”.</i></p>
--	---	--	--

<p>necessidade como já aconteceu, abre esse momento para discutir e naquele momento ali as pessoas se colocam e aí de fato as atividades começam a dar melhores respostas. IC76</p>	<p>IC77: <i>Sabe se posicionar e dialogar para lidar com situações dentro do grupo.</i></p> <p>Acho também que o(a) tutor geralmente sabe lidar com determinadas situações não é uma pessoa autoritária de modo algum, é uma pessoa que sabe respeitar sua opinião e também exige, e que sabe muito bem mediar também as ações do grupo, é uma pessoa muito humana nesse sentido.</p> <p>uma pessoa resolutiva, uma pessoa que consegue dar continuidade às coisas, mas sem aquela carga de estresse que geralmente a gente costuma ficar, uma pessoa muito segura, com quem você pode contar.</p> <p>Então é saber se posicionar, tanto o lado pessoal, saber falar, quanto o lado profissional, porque querendo ou não ele(a) é tutor(a), saindo um pouco daquela imagem romântica de que os dois tem que aprender com os dois, porque, digamos assim, ele tem muito mais a ensinar do que aprender.</p> <p>Acho que o diálogo. E a flexibilidade de você respeitar o limite do outro e também de saber quando cobrar, como cobrar, dialogar mesmo.</p>	<p>A77: <i>Sabe se posicionar e dialogar para lidar com situações dentro do grupo.</i></p>	<p>DSC77</p> <p>A77: <i>Sabe se posicionar e dialogar para lidar com situações dentro do grupo.</i></p> <p>IC77: <i>Sabe se posicionar e dialogar para lidar com situações dentro do grupo.</i></p> <p><i>Acho que o diálogo e a flexibilidade de respeitar o limite do outro. O(a) tutor geralmente deve saber lidar com determinadas situações, não ser uma pessoa autoritária de modo algum, uma pessoa que sabe respeitar sua opinião e também exigir, e que sabe muito bem mediar as ações do grupo, também de saber quando cobrar, como cobrar, dialogar mesmo, ser uma pessoa humana nesse sentido. Também ser uma pessoa resolutiva que consegue dar continuidade às coisas, mas sem aquela carga de estresse que geralmente a gente costuma ficar, uma pessoa muito segura, com quem você pode contar. Saber se posicionar, tanto o lado pessoal, saber falar.</i></p>
	<p>IC78: <i>Tem que ter o lado profissional, ter aporte para nortear o tutorando.</i></p> <p>O(a) tutor(a) pode até</p>	<p>A78: <i>Tem que ter o lado profissional, ter aporte para nortear o tutorando.</i></p>	<p>DSC78</p> <p>A78: <i>Tem que ter o lado profissional, ter aporte para nortear o tutorando.</i></p> <p>IC78: <i>Tem que ter o lado profissional, ter aporte</i></p>

	<p>ter a boa vontade, a iniciativa de querer começar mais precisa ser uma pessoa que tenha mais aporte do que eu para poder me nortear, que é a função do tutor.</p> <p>Eu considero que é necessário o(a) tutor(a) ter aquele lado bem profissional, o lado profissional, porque querendo ou não ele(a) é tutor(a), saindo um pouco daquela imagem romântica de que os dois tem que aprender com os dois, porque, digamos assim, ele tem muito mais a ensinar do que aprender</p>		<p><i>para nortear o tutorando.</i></p> <p><i>Eu considero que é necessário o(a) tutor(a) ter aquele lado bem profissional, porque querendo ou não ele(a) é tutor(a) e pode até ter a boa vontade mas precisa ser uma pessoa que tenha mais aporte do que o tutorando para poder nortear-lo, que é a função do tutor, saindo um pouco daquela imagem romântica de que os dois tem que aprender com os dois, porque, digamos assim, o(a) tutor(a) tem muito mais a ensinar do que aprender.</i></p>
	<p>IC79: <i>Ter um olhar grupal e individual também</i></p> <p>Um olhar do grupal, se preocupar com o grupo nas atividades, mas também do pessoal dentro do grupo, dar atenção individual.</p>	<p>A79: <i>Ter um olhar grupal e individual também.</i></p>	<p>DSC79 A79: <i>Ter um olhar grupal e individual também.</i> IC79: <i>Ter um olhar grupal e individual também.</i></p> <p><i>O tutor tem que ter um olhar do grupal, se preocupar com o grupo nas atividades, mas também do pessoal dentro do grupo, dar atenção individual.</i></p>

APÊNDICE FF – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 16 (IAD16)

EIXO DISCURSIVO: PRÁTICA DO TUTOR			
SUB-EIXO: PAPEL DO TUTOR			
EXPRESSÕES CHAVES	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>GD1: Nosso trabalho com o(a) tutor(a) sempre foi muito bom porque ele(a) sempre acompanhou. É aquele(a) professor(a) que critica quando tem que criticar, elogia quando tem que elogiar, pega no seu pé quando tem que pegar e também dá a oportunidade quando tem que dar. Eu acho que tudo é válido no que ele(a) faz e isso reflete tanto aqui quanto pro curso em geral, então a gente trabalha com ele(a) aqui e o que ele(a) nos ensina aqui a gente pode repassar pro curso como um todo que isso é muito importante porque grande parte do nosso objetivo do PET é para os alunos do curso, então ele(a) ajuda muito essa parte e isso é muito importante. IC80</p> <p>GD 2: O(a) tutor(a) eu acho que ele(a) cumpre muito bem o papel, essa questão da orientação de estar acompanhando IC80 o acompanhamento é muito importante, mas sem limitar a gente no sentido de fazer isso e isso. IC82A gente está realizando alguma atividade, em tudo que a gente tá fazendo a gente planeja ele(a) está lá e diz “ó a gente precisa planejar” e aí a gente vai lá e planeja. Vamos fazer “a, b, c e d”, aí ele diz “esse ‘b’ vocês não podem fazer por isso, isso e isso, ‘d’ vocês tem que tomar essas precauções” e aí a gente, com essas informações que ele(a) passa, que ele(a) acompanha, ele(a) fica de fora porque ele(a) consegue ter uma visão maior e aí vai orientando quando vê necessário. E aí se ele(a) não tem uma boa opinião, que é</p>	<p>IC80: <i>Acompanha todas as atividades, criticando e elogiando no momento certo.</i></p> <p>Nosso trabalho com o(a) tutor(a) sempre foi muito bom porque ele(a) sempre acompanhou. É aquele(a) professor(a) que critica quando tem que criticar, elogia quando tem que elogiar, pega no seu pé quando tem que pegar e também dá a oportunidade quando tem que dar. Eu acho que tudo é válido no que ele(a) faz e isso reflete tanto aqui quanto pro curso em geral, então a gente trabalha com ele(a) aqui e o que ele(a) nos ensina aqui a gente pode repassar pro curso como um todo que isso é muito importante porque grande parte do nosso objetivo do PET é para os alunos do curso, então ele(a) ajuda muito essa parte e isso é muito importante. O(a) tutor(a) eu acho que ele(a) cumpre muito bem o papel, essa questão da orientação de estar acompanhando. A gente está realizando alguma atividade, em tudo que a gente tá fazendo a gente planeja ele(a) está lá e diz “ó a gente precisa planejar” e aí a gente vai lá e planeja. Vamos fazer</p>	<p>A80: <i>Acompanha todas as atividades, criticando e elogiando no momento certo.</i></p>	<p>A80: <i>Acompanha todas as atividades, criticando e elogiando no momento certo.</i></p> <p>IC80: <i>Acompanha todas as atividades, criticando e elogiando no momento certo.</i></p> <p><i>Nosso trabalho com o(a) tutor(a) sempre foi muito bom, ele(a) cumpre muito bem o papel, essa questão da orientação, porque ele(a) sempre acompanhou. É aquele(a) professor(a) que critica quando tem que criticar, elogia quando tem que elogiar, pega no seu pé quando tem que pegar e também dá a oportunidade quando tem que dar. Então saber dar a liberdade para o grupo decidir e também eu acho importante para o tutor saber falar na hora certa. O(a) tutor(a) escuta muito, mas também na hora de dar carão, dá carão também, aí você reflete não só sobre o PET mas sobre sua vida inteira. Se a gente está realizando alguma atividade, em tudo que a gente tá fazendo a gente planeja ele(a) está lá e diz “a gente precisa planejar” e aí a gente vai lá e planeja. Vamos fazer “a, b, c e d”, aí ele diz “esse ‘b’ vocês não podem fazer por isso, isso e isso, ‘d’ vocês tem que tomar essas precauções” e aí a gente, com essas informações que ele(a) passa, que ele(a) acompanha, ele(a) consegue ter uma visão maior e aí vai orientando</i></p>

<p>muito raro isso acontecer, já aconteceu, ele(a) joga para o grupo, se o grupo está com dificuldade de tomar uma decisão ou de ter uma ideia, mas ele(a) joga e deixa para gente articular o negócio e vai acompanhado. IC80</p> <p>GD 4: Porque assim, eu sempre vejo o(a) tutor(a) como alguém que trabalha em parceria com os "tutorandos", na verdade, quando eu não via o que era o programa, eu sempre tive a visão de que o o(a) tutor(a) era o professor que estava a frente, mas era aquele que pegava na sua mão. O que a gente entende aqui é alguém meio que parceiro, porque o grupo PET é bastante autônomo. Então, o que o(a) nosso(a) tutor(a) geralmente faz, é dizer até onde a gente consegue ir ou dizer "não, isso aqui dá certo, isso aqui não dá, vamos fazer assim", mas ele(a) não nos restringe. IC82</p> <p>GD4: Acho que é aquela pessoa que você pode contar. Aquela pessoa que lhe orienta. IC83</p> <p>GD4: Quando você fala tutor, não é só alguém que te orienta, eu não sei explicar, mas é algo muito além de uma orientação. IC83</p> <p>GD4: Na verdade a gente dá o caminho e o(a) tutor(a) molda as coisas, ele(a) não dita o que a gente tem que fazer, é tipo uma construção que a gente constrói junto. IC82</p> <p>GD4: Eu vejo muito além só do acadêmico. IC81</p> <p>GD4: Tirar aquela ideia de que o professor é um lugar que ninguém pode tocar, ninguém pode contradizer, ninguém pode contrapor, eu acho que a gente perdeu muito isso aqui. IC82</p> <p>GD5: Essa questão de incentivar mesmo, de querer que o aluno aprenda. Você sente muito no(a) tutor(a) que ele(a) quer realmente que a gente aprenda, que a gente</p>	<p>“a, b, c e d”, aí ele diz “esse ‘b’ vocês não podem fazer por isso, isso e isso, ‘d’ vocês tem que tomar essas precauções” e aí a gente, com essas informações que ele(a) passa, que ele(a) acompanha, ele(a) fica de fora porque ele(a) consegue ter uma visão maior e aí vai orientando quando vê necessário. E aí se ele(a) não tem uma boa opinião, que é muito raro isso acontecer, já aconteceu, ele(a) joga para o grupo, se o grupo está com dificuldade de tomar uma decisão ou de ter uma ideia, mas ele(a) joga e deixa para gente articular o negócio e vai acompanhado. Então saber dar a liberdade para o grupo decidir e também eu acho importante para o tutor saber falar na hora certa. O(a) tutor(a) escuta muito, mas também na hora de dar carão, dá carão também, aí você reflete não só sobre o PET mas sobre sua vida inteira.</p>		<p><i>quando vê que é necessário. E aí se ele(a) não tem uma boa opinião, que é muito raro isso acontecer, ele(a) joga para o grupo, se o grupo estiver com dificuldade de tomar uma decisão ou de ter uma ideia, mesmo assim ele(a) joga e deixa para gente articular o negócio e vai acompanhado. Eu acho que tudo é válido no que ele(a) faz e isso reflete tanto aqui quanto pro curso em geral, então a gente trabalha com ele(a) aqui e o que ele(a) nos ensina aqui a gente pode repassar pro curso como um todo que isso é muito importante porque grande parte do nosso objetivo do PET é para os alunos do curso, então ele(a) ajuda muito essa parte e isso é muito importante.</i></p>
<p>GD4: Eu vejo muito além só do acadêmico. IC81</p> <p>GD4: Tirar aquela ideia de que o professor é um lugar que ninguém pode tocar, ninguém pode contradizer, ninguém pode contrapor, eu acho que a gente perdeu muito isso aqui. IC82</p> <p>GD5: Essa questão de incentivar mesmo, de querer que o aluno aprenda. Você sente muito no(a) tutor(a) que ele(a) quer realmente que a gente aprenda, que a gente</p>	<p>IC81:É incentivar o tutorando.</p> <p>Eu vejo muito além só do acadêmico. Essa questão de incentivar mesmo, de querer que o aluno aprenda. Você sente muito no(a) tutor(a) que ele(a) quer realmente que a gente aprenda, que a gente saia daqui um ótimo profissional, sabendo escrever, sabendo falar, fazer as coisas</p>	<p>A81: O tutor tem o papel de incentivar o tutorando..</p>	<p>A81: O tutor tem o papel de incentivar o tutorando. IC81:É incentivar o tutorando.</p> <p><i>Eu vejo muito além só do acadêmico, essa questão de incentivar mesmo, de querer que o aluno aprenda. Você sente muito no(a) tutor(a) que ele(a) quer realmente que a gente aprenda, que a gente saia daqui um ótimo profissional, sabendo escrever, sabendo falar, fazer as coisas conforme</i></p>

<p>saia daqui um ótimo profissional, sabendo escrever, sabendo falar, fazer as coisas conforme uma excelente qualidade. Ele(a) quer o máximo de cada um. IC81</p> <p>GD5: o tutor tem o papel de facilitador porque a gente tem muita liberdade e fazer tudo que a gente quer, escolher os temas que a gente quer, só que o(a) tutor(a) ensinou para a gente os caminhos para facilitar, qual o caminho certo a maneira certa de fazer, a maneira ética de fazer, todas essas coisas, o papel de facilitador e é essencial, e como aqui também nós somos doze, e até como assim outro grupo que se reúne, tem as divergências. Diferentes opiniões e o(a) tutor(a) consegue juntar e às vezes até exclui uma mas falando da maneira correta, não de maneira grossa mas falando “olha, a sua opinião a maneira que você está expondo não pode ser colocado agora, por causa disso, disso e disso, a conduta que a gente tem que analisar é essa e não essa”, então ele(a) faz todo o processo de convencimento, e leva a gente da maneira correta até a gente alcançar nossos objetivos. O(a) tutor(a) é essencial. IC84</p> <p>GD5: O papel do(a) tutor(a) é mediar. IC84</p> <p>GD 5: É importante, saber dar a liberdade para o grupo decidir e também eu acho importante para o tutor saber falar na hora certa. O(a) tutor(a) escuta muito, mas também na hora de dar carão, dá carão também, aí você reflete não só sobre o PET mas sobre sua vida inteira. IC80</p> <p>GD6: Eu acho que o papel do(a) tutor(a), ele(a) nos dá muita autonomia de trabalho, nós trabalhamos de forma autônoma no PET, então vem compreendendo também a</p>	<p>conforme uma excelente qualidade. Ele(a) quer o máximo de cada um.</p> <p>IC82: <i>Papel de parceria.</i></p> <p>Tirar aquela ideia de que o professor é um lugar que ninguém pode tocar, ninguém pode contradizer, ninguém pode contrapor, eu acho que a gente perdeu muito isso aqui.</p> <p>Na verdade a gente dá o caminho e o(a) tutor(a) molda as coisas, ele(a) não dita o que a gente tem que fazer, é tipo uma construção que a gente constrói junto.</p> <p>o acompanhamento é muito importante, mas sem limitar a gente no sentido de fazer isso e isso.</p> <p>Porque assim, eu sempre vejo o(a) tutor(a) como alguém que trabalha em parceria com os "tutorandos", na verdade, quando eu não via o que era o programa, eu sempre tive a visão de que o o(a) tutor(a) era o professor que estava a frente, mas era aquele que pegava na sua mão. O que a gente entende aqui é alguém meio que parceiro, porque o grupo PET é bastante autônomo. Então, o que o(a) nosso(a) tutor(a) geralmente faz, é dizer até onde a gente consegue ir ou dizer "não, isso aqui não dá, vamos fazer assim", mas ele(a) não nos restringe.</p>	<p>A82: <i>Papel de parceria.</i></p>	<p><i>uma excelente qualidade. O(a) tutor(a) quer o máximo de cada um.</i></p> <p>DSC82</p> <p>A82: <i>Papel de parceria.</i></p> <p>IC82: <i>Papel de parceria.</i></p> <p><i>Eu sempre vejo o(a) tutor(a) como alguém que trabalha em parceria com os "tutorandos", aqui consegui tirar aquela ideia de que o professor é um lugar que ninguém pode tocar, ninguém pode contradizer, ninguém pode contrapor, eu acho que a gente perdeu muito isso aqui. Na verdade, quando eu não via o que era o programa, eu sempre tive a visão de que o(a) tutor(a) era o professor que estava a frente, mas era aquele que pegava na sua mão. O que a gente entende aqui é alguém meio que parceiro, porque o grupo PET é bastante autônomo. Então, o acompanhamento é muito importante, mas sem limitar a gente no sentido de fazer isso e isso. O que o(a) nosso(a) tutor(a) geralmente faz, é dizer até onde a gente consegue ir ou dizer "não, isso aqui não dá, vamos fazer assim", mas ele(a) não nos restringe. Na verdade a gente dá o caminho e o(a) tutor(a) molda as coisas, ele(a) não dita o que a gente tem que fazer, é tipo uma construção que a gente constrói junto.</i></p>
---	---	--	---

<p>questão dos trabalhos que ele(a) exerce aqui na universidade e como trabalhamos assim de forma autônoma, às vezes a gente sente falta, da presença do(a) tutor(a) aqui em certos momentos em que a experiência dele(a) poderia dar um norte, que às vezes a gente se perde com as discussões, a gente fica sem um norte pra seguir e quando ele(a) está aqui é muito mais produtivo as reuniões do programa, as coisas melhoram, até a própria dinâmica mesmo muda, porque a gente passa a ser guiado. O fato da gente pensar soluções pra um problema está nos fazendo amadurecer cada vez mais e eu acho isso muito importante, o(a) tutor(a) que faz isso de uma forma muito interessante, mesmo ela não estando aqui sempre, faz com que a gente se questione sobre determinados problemas e que a gente busque a solução entre nós mesmos, chega um momento que a gente vai chegar numa barreira que a gente vai precisar dele(a), aí sim ele(a) se faz presente pra gente prosseguir mas, esse movimento da busca pela solução desse problema seja teórica seja prática, é, seja pessoal, nos engrandece bastante porquê? Porque, aí a gente vai saber, não é dizer pra onde eu devo ir, é ensinar as pessoas a buscarem, porque vai ter alguém que ande com as próprias pernas. IC85</p>	<p>IC83: <i>Aquela pessoa com quem o tutorando pode contar.</i> Quando você fala tutor, não é só alguém que te orienta, eu não sei explicar, mas é algo muito além de uma orientação. Acho que é aquela pessoa que você pode contar. Aquela pessoa que lhe orienta.</p>	<p>A83: <i>Aquela pessoa com quem o tutorando pode contar.</i></p>	<p>DSC83 A83: <i>Aquela pessoa com quem o tutorando pode contar.</i> IC83: <i>Aquela pessoa com quem o tutorando pode contar.</i> <i>Quando você fala tutor, não é só alguém que te orienta, eu não sei explicar, mas é algo muito além de uma orientação. Acho que é aquela pessoa que você pode contar.</i></p>
	<p>IC84: <i>Papel de mediador, facilitador.</i> O papel do(a) tutor(a) é mediar . O tutor tem o papel de facilitador porque a gente tem muita liberdade e fazer tudo que a gente quer, escolher os temas que a gente quer, só que o(a) tutor(a) ensinou para a gente os caminhos para facilitar, qual o caminho certo a maneira certa de fazer, a maneira ética de fazer, todas essas coisas, o papel de facilitador é essencial , e como aqui também nós somos doze, e até como assim outro grupo que se reúne, tem as divergências. Diferentes opiniões e o(a) tutor(a) consegue juntar e às vezes até exclui uma mas falando da maneira correta, não de maneira grossa mas falando “olha, a sua opinião a maneira que você está expondo não pode ser colocado agora, por causa disso, disso e disso, a conduta que a gente tem que analisar é essa e não essa”, então ele(a) faz todo o processo de convencimento, e leva a gente da maneira</p>	<p>A84: <i>Papel de mediador, facilitador.</i></p>	<p>DSC84 A84: <i>Papel de mediador, facilitador.</i> IC84: <i>Papel de mediador, facilitador.</i> <i>O papel do(a) tutor(a) é mediar , ele(a) tem o papel de facilitador(a) porque a gente tem muita liberdade e fazer tudo que a gente quer, escolher os temas que a gente quer, só que o(a) tutor(a) ensinou para a gente os caminhos para facilitar qual o caminho certo, a maneira certa de fazer, a maneira ética de fazer, todas essas coisas, o papel de facilitador é essencial . E como aqui também nós somos doze, como qualquer outro grupo que se reúne, tem as divergências, diferentes opiniões e o(a) tutor(a) consegue juntar e às vezes até exclui uma mas falando da maneira correta, não de maneira grossa mas falando “olha, a sua opinião a maneira que você está expondo não pode ser colocado agora, por causa disso, disso e disso, a conduta que a gente tem que analisar é essa e não essa”, então ele(a) faz todo o processo de convencimento, e leva a gente da maneira correta até nós alcançarmos nossos objetivos.</i></p>

	<p>correta até a gente alcançar nossos objetivos. O(a) tutor(a) é essencial.</p>		
	<p>IC85: <i>É dar autonomia para o grupo.</i></p> <p>Eu acho que o papel do(a) tutor(a), ele(a) nos dá muita autonomia de trabalho, nós trabalhamos de forma autônoma no PET, então vem compreendendo também a questão dos trabalhos que ele(a) exerce aqui na universidade e como trabalhamos assim de forma autônoma, às vezes a gente sente falta, da presença do(a) tutor(a) aqui em certos momentos em que a experiência dele(a) poderia dar um norte, que às vezes a gente se perde com as discussões, a gente fica sem um norte pra seguir e quando ele(a) está aqui é muito mais produtivo as reuniões do programa, as coisas melhoram, até a própria dinâmica mesmo muda, porque a gente passa a ser guiado. O fato da gente pensar soluções pra um problema está nos fazendo amadurecer cada vez mais e eu acho isso muito importante, o(a) tutor(a) que faz isso de uma forma muito interessante, mesmo ela não estando aqui sempre, faz com que a gente se questione sobre determinados problemas e que a gente busque a solução entre nós mesmos, chega um momento que a gente vai chegar</p>	<p>A85: <i>É dar autonomia para o grupo.</i></p>	<p>DSC85</p> <p>A85: <i>É dar autonomia para o grupo.</i></p> <p>IC85: <i>É dar autonomia para o grupo.</i></p> <p><i>Eu acho que o papel do(a) tutor(a) é dar muita autonomia de trabalho, nós trabalhamos de forma autônoma no PET e como trabalhamos dessa forma, às vezes sentimos falta da presença do(a) tutor(a) aqui em certos momentos em que a experiência dele(a) pode dar um norte, que às vezes nos perdemos com as discussões e quando ele(a) está aqui é muito mais produtivo as reuniões do programa, as coisas melhoram, até a própria dinâmica mesmo muda, porque passamos a ser guiados. O fato de pensarmos soluções pra um problema está nos fazendo amadurecer cada vez mais e eu acho isso muito importante, o(a) tutor(a) faz isso de uma forma muito interessante, mesmo ela não estando aqui sempre, faz com que nos questionemos sobre determinados problemas e faz com que busquemos a solução entre nós mesmos, em algum momento chegamos numa barreira que vai precisar dele(a), aí sim ele(a) se faz presente pra prosseguirmos mas, esse movimento da busca pela solução desse problema seja teórica seja prática nos engrandece bastante porque não é dizer pra onde eu devo ir, é ensinar as pessoas a buscarem, porque aí aprendemos a andar com as nossas próprias pernas.</i></p>

	<p>numa barreira que a gente vai precisar dele(a), aí sim ele(a) se faz presente pra gente prosseguir mas, esse movimento da busca pela solução desse problema seja teórica seja prática, é, seja pessoal, nos engrandece bastante porquê? Porque, aí a gente vai saber, não é dizer pra onde eu devo ir, é ensinar as pessoas a buscarem, porque vai ter alguém que ande com as próprias pernas.</p>		
--	---	--	--

APÊNDICE GG – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 17 (IAD17)

EIXO DISCURSIVO: PRÁTICA DO TUTOR			
SUB-EIXO DISCURSIVO: RELAÇÃO TUTOR-TUTORANDO			
EXPRESSÕES CHAVES	IDÉIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>GD1: Eu acho que o(a) tutor(a) é como se fosse é como ele(a) diz 'aqui é uma família' e ele (a) é um pai, mãe mesmo. Além de orientar bastante a gente e tudo, não é simplesmente aquele(a) orientador(a), você percebe que tem aquele relacionamento, tem uma assim um carisma uma coisa bem desenvolvida. O(a) tutor(a) é como se fosse um(a) pai, mãe mesmo! IC87</p> <p>GD1: Ao meu ver é lógico que o tutor vai estar aqui lhe cobrando puxão de orelha e tal, aqui não tem nada daquela coisa imposta ditadura não. É assim, no planejamento ele propõe alguma atividade pra gente, o grupo vota e se o grupo aprovar a gente realiza a atividade, senão é descartada. Então eu diria isso o tutor que tá vindo saber ter ouvido saber ter sensibilidade de que aqui não tem essa coisa tão hierárquica quanto tem em outros lugares. IC86</p> <p>GD2: Ele(a) dá totalmente o espaço, delega as coisas, pra a gente testar, pra a gente tomar as decisões. IC86</p> <p>GD2: Ele(a) faz uma função tipo de mediador, só que ele(a) deixa a gente com independência e só interfere, media na hora que vê necessidade, mas não media dando cada passo por passo, media dando à gente para que a gente possa dar o próprio passo. E também quando a gente não tem muito ideia do que fazer, ele(a) diz o que fazer, mas não faz pela gente, a gente que vai atrás, a gente que vai lá e faz. O melhor dele(a) é que a gente às vezes</p>	<p>IC86: A relação tutor-tutorando não é ditatorial. Ao meu ver é lógico que o tutor vai estar aqui lhe cobrando puxão de orelha e tal, aqui não tem nada daquela coisa imposta ditadura não. É assim, no planejamento ele propõe alguma atividade pra gente, o grupo vota e se o grupo aprovar a gente realiza a atividade, senão é descartada. Então eu diria isso o tutor que tá vindo saber ter ouvido saber ter sensibilidade de que aqui não tem essa coisa tão hierárquica quanto tem em outros lugares. Ele(a) dá totalmente o espaço, delega as coisas, pra a gente testar, pra a gente tomar as decisões, a gente quem toma as decisões. Todas nossas coisas: o nosso planejamento, o nosso relatório, a nossa atividade, é tudo uma construção bem coletiva mesmo. o(a) tutor(a) tem a palavra final, lógico, mas dialoga junto com a gente. Não é uma coisa imposta.</p> <p>IC87: É uma relação coletiva.</p> <p>A minha visão é do coletivo. O nosso grupo ele tem uma característica assim, ele é muito autônomo, porque assim a gente</p>	<p>A86: A relação tutor-tutorando não é ditatorial.</p> <p>A87: É uma relação coletiva.</p>	<p>DSC86</p> <p>A86: A relação tutor-tutorando não é ditatorial. IC86: A relação tutor-tutorando não é ditatorial.</p> <p>O(a) tutor(a) dá totalmente o espaço, delega as coisas, pra a gente testar e pra a gente tomar as decisões. É assim, no planejamento ele propõe alguma atividade pra gente, o grupo vota e se o grupo aprovar a gente realiza a atividade, senão é descartada. Todas as nossas coisas: o nosso planejamento, o nosso relatório, as nossas atividade, é tudo uma construção bem coletiva mesmo. O(a) tutor(a) tem a palavra final, lógico, mas dialoga junto com a gente. Ao meu ver é lógico que o tutor vai estar aqui lhe cobrando puxão de orelha e tal, mas eu diria que o(a) tutor(a) sabe ouvir, tem sensibilidade porque aqui não tem essa coisa tão hierárquica quanto tem em outros lugares. Não é uma coisa imposta, aqui não tem nada de ditadura não.</p> <p>DSC87</p> <p>A87: É uma relação coletiva. IC87: É uma relação coletiva.</p> <p>A minha visão é do coletivo. O nosso grupo ele tem uma característica</p>

<p>tem uma ideia legal de alguma atividade que a gente quer fazer, a gente questiona e ele(a) apresenta os pontos e diz “a decisão agora é com vocês”. Ele(a) é muito de indicar o caminho e não, de fazer. Ele(a) exerce a função de um orientador. IC88</p>	<p>vê a experiência dos outros grupos. É porque quando agente faz a socialização das experiências em nossos eventos, ENCEPET, ENEPET a gente vê outros grupos que eles são muito talhados pelo tutor. Eles fazem atividades designadas pelo tutor, aqui no grupo as atividades são pensadas em coletivo, todas as ações são definidas em coletivo, o(a) tutor(a) não diz isso “você vai fazer isso, você vai fazer aquilo”, ele(a) acaba sendo um 13º integrante do grupo e só dá uma opinião mais forte quando realmente está num momento extremo, que está todo mundo perdido, todo mundo desorientado, aí ele(a) diz “é isso” aí e pronto, a gente pensa, analisa direitinho, tem que ser isso mesmo, mas assim todas as outras ações são coletivas, ele(a) prefere inclusive assim, é a metodologia ele(a).</p>		<p><i>assim, ele é muito autônomo, porque assim a gente vê a experiência dos outros grupos. É porque quando agente faz a socialização das experiências em nossos eventos, ENCEPET, ENEPET a gente vê outros grupos que eles são muito talhados pelo tutor. Eles fazem atividades designadas pelo tutor, aqui no grupo as atividades são pensadas em coletivo, todas as ações são definidas em coletivo, o(a) tutor(a) não diz isso “você vai fazer isso, você vai fazer aquilo”, ele(a) acaba sendo um 13º integrante do grupo e só dá uma opinião mais forte quando realmente está num momento extremo, que está todo mundo perdido, todo mundo desorientado, aí ele(a) diz “é isso” aí e pronto, a gente pensa, analisa direitinho, tem que ser isso mesmo, mas todas as outras ações são coletivas, ele(a) prefere inclusive assim, é a metodologia dele(a).</i></p>
<p>GD4:Todas nossas coisas: o nosso planejamento, o nosso relatório, a nossa atividade, é tudo uma construção bem coletiva mesmo. o(a) tutor(a) tem a palavra final, lógico, mas dialoga junto com a gente. Não é uma coisa imposta. IC86</p> <p>GD6:Acho que é uma relação também muito de respeito pessoal e profissional, seja você, petiano ou tutor(a), acho que é uma relação de respeito. Cheguei à algumas vezes discordar do(a) tutor(a), a gente discordou, mas a gente conseguiu conversar mesmo com essa discordância, eu acho que isso é fundamental, porque um grupo não é essencialmente a concordância, ela não vai acontecer em tudo, acho que nem é nem saudável para um grupo ter uma concordância imune. Então é essencialmente a relação do tutor com o tutorando é o quê? É fundamentalmente uma relação de autonomia, de respeito a essa autonomia, seja o(a) tutor(a) respeitando o tutorando e o tutorando também respeitando o(a) tutor(a) e isso é um movimento que deve ser constante e deve ser recíproco, e cabe ao tutor saber respeitar a autonomia do estudante por que aqui a gente está num ambiente acadêmico, ambiente de professores supervalorizados, e isso é difícil de lidar. É difícil você encontrar um tutor que vai respeitar a opinião dos tutorandos. IC89</p> <p>GD7: Acho que é uma</p>	<p>IC88: É uma relação de mediação.</p> <p>Ele(a) faz uma função tipo de mediador, só que ele(a) deixa a gente com independência e só interfere, media na hora que vê necessidade, mas não media dando cada passo por passo, media dando à gente para que a gente possa dar o próprio passo. E também quando a gente não tem muito ideia do que fazer, ele(a) diz o que fazer, mas não faz pela gente, a gente que vai atrás, a gente que</p>	<p>A88: É uma relação de mediação.</p>	<p>DSC88</p> <p>A88: É uma relação de mediação.</p> <p>IC88: É uma relação de mediação.</p> <p><i>Ele(a) faz uma função tipo de mediador, só que ele(a) deixa o grupo bem independente e só interfere, media na hora que vê necessidade, mas não media dando passo a passo, media nos delegando para que possamos dar o próprio passo. Quando não temos ideia do que fazer, ele(a) diz o que fazer, mas não faz por nós, nós quem vamos atrás, vamos lá e</i></p>

<p>relação mais coletiva, não é só você e o(a) tutor(a).IC87</p> <p>GD6: Eu acho que ele(a) sabe fazer essa relação, estamos falando de pessoas e pessoas , cada um tem sua opinião, e o(a) tutor(a) sabe colocar bem, lidar com essas situações, mesmo a situação conflitante.</p> <p>GD7: A minha visão é do coletivo. O nosso grupo ele tem uma característica assim, ele é muito autônomo, porque assim a gente vê a experiência dos outros grupos. É porque quando agente faz a socialização das experiências em nossos eventos, ENCEPET, ENEPET a gente vê outros grupos que eles são muito talhados pelo tutor. Eles fazem atividades designadas pelo tutor, aqui no grupo as atividades são pensadas em coletivo, todas as ações são definidas em coletivo, o(a) tutor(a) não diz isso “você vai fazer isso, você vai fazer aquilo”, ele(a) acaba sendo um 13° integrante do grupo e só dá uma opinião mais forte quando realmente está num momento extremo, que está todo mundo perdido, todo mundo desorientado, aí ele(a) diz “é isso” aí e pronto, a gente pensa, analisa direitinho, tem que ser isso mesmo, mas assim todas as outras ações são coletivas, ele(a) prefere inclusive assim, é a metodologia ele(a).IC87</p>	<p>vai lá e faz. O melhor dele(a) é que a gente às vezes tem uma ideia legal de alguma atividade que a gente quer fazer, a gente questiona e ele(a) apresenta os pontos e diz “a decisão agora é com vocês”. Ele(a) é muito de indicar o caminho e não, de fazer. Ele(a) exerce a função de um orientador.</p> <p>Eu acho que ele(a) sabe fazer essa relação, estamos falando de pessoas e pessoas , cada um tem sua opinião, e o(a) tutor(a) sabe colocar bem, lidar com essas situações, mesmo a situação conflitante.</p>		<p>fazemos. O melhor dele(a) é que às vezes temos uma ideia legal de alguma atividade que queremos fazer, nós questionamos e ele(a) apresenta os pontos e diz “a decisão agora é com vocês”. Ele(a) é muito de indicar o caminho e não de fazer. Ele(a) exerce a função de um orientador. Também acho que ele(a) sabe fazer essa relação de mediação pessoal com o grupo, estamos falando de pessoas e pessoas, cada um tem sua opinião, e o(a) tutor(a) sabe colocar bem, lidar com essas situações, mesmo a situação conflitante.</p>
	<p>IC89: <i>Relação de respeito pessoal e profissional, respeito à autonomia.</i></p> <p>Acho que é uma relação também muito de respeito pessoal e profissional, seja você , petiano ou tutor(a), acho que é uma relação de respeito. Cheguei à algumas vezes discordar do(a) tutor(a), a gente discordou, mas a gente conseguiu conversar mesmo com essa discordância, eu acho que isso é fundamental , porque um grupo não é essencialmente a concordância, ela não vai acontecer em tudo, acho que nem é nem saudável para um grupo ter uma concordância imune. Então é essencialmente a relação do tutor com o tutorando é o quê? É fundamentalmente uma relação de autonomia,</p>	<p>A89: <i>Relação de respeito pessoal e profissional, respeito à autonomia.</i></p>	<p>DSC89</p> <p>A89: <i>Relação de respeito pessoal e profissional, respeito à autonomia.</i></p> <p>IC89: <i>Relação de respeito pessoal e profissional, respeito à autonomia.</i></p> <p>Acho que é uma relação também muito de respeito pessoal e profissional, seja você , petiano ou tutor(a), acho que é uma relação de respeito. Cheguei à algumas vezes discordar do(a) tutor(a), discordamos, mas conseguimos conversar mesmo com essa discordância. Eu acho que isso é fundamental , porque um grupo não é essencialmente a concordância, ela não vai acontecer em tudo, acho que nem é nem saudável para um grupo ter uma concordância imune. Então, o que é essencialmente a relação do tutor com o tutorando? É fundamentalmente uma relação de autonomia, de</p>

	<p>de respeito a essa autonomia, seja o(a) tutor(a) respeitando o tutorando e o tutorando também respeitando o(a) tutor(a) e isso é um movimento que deve ser constante e deve ser recíproco, e cabe ao tutor saber respeitar a autonomia do estudante por que aqui a gente está num ambiente acadêmico, ambiente de professores supervalorizados, e isso é difícil de lidar. É difícil você encontrar um tutor que vai respeitar a opinião dos tutorandos.</p>		<p><i>respeito a essa autonomia, seja o(a) tutor(a) respeitando o tutorando e o tutorando também respeitando o(a) tutor(a) e isso é um movimento que deve ser constante e deve ser recíproco, e cabe ao tutor saber respeitar a autonomia do estudante por que aqui a gente está num ambiente acadêmico, ambiente de professores supervalorizados, e isso é difícil de lidar. É difícil você encontrar um tutor que vai respeitar a opinião dos tutorandos.</i></p>
	<p>IC90: <i>É uma relação semelhante à uma família.</i></p> <p>Eu acho que o(a) tutor(a) é como se fosse é como ele(a) diz 'aqui é uma família' e ele (a) é um pai, mãe mesmo. Além de orientar bastante a gente e tudo, não é simplesmente aquele(a) orientador(a), você percebe que tem aquele relacionamento, tem uma assim um carisma uma coisa bem desenvolvida. O(a) tutor(a) é como se fosse um(a) pai, mãe mesmo!</p>	<p>A90: <i>É uma relação semelhante à uma família.</i></p>	<p>DSC90 A90: <i>É uma relação semelhante à uma família.</i> IC90: <i>É uma relação semelhante à uma família.</i></p> <p><i>Eu acho que o(a) tutor(a) é como se fosse é como ele(a) diz 'aqui é uma família' e ele (a) é um pai, mãe mesmo. Além de orientar bastante a gente e tudo, não é simplesmente aquele(a) orientador(a), você percebe que tem aquele relacionamento, tem uma assim um carisma uma coisa bem desenvolvida. O(a) tutor(a) é como se fosse um(a) pai, mãe mesmo!</i></p>

APÊNDICE HH – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 18 (IAD18)

EIXO DISCURSIVO: EXPECTATIVA EM RELAÇÃO À MUDANÇA DE TUTOR			
EXPRESSÕES CHAVES	IDÉIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>GD1: Se eu pudesse falar alguma coisa para o(a) tutor(a) que fosse entrar é, logicamente toda a parte técnica é fundamental, ter o conhecimento do que é o PET, de como se estrutura o PET.</p> <p>IC91</p> <p>GD1: Eu diria o(a) tutor(a) que irá entrar irá deverá ter essa sensibilidade, mas eu diria pro tutor que tenha ouvidos aqui no PET, todos nós somos uma voz, a voz de ninguém aqui é superior a de ninguém e isso muitas vezes vale até para o tutor. IC92</p> <p>GD1: A gente espera bastante que até pra um bom desenvolvimento da tutoria desse possível profissional que ele tenha um período de experiência. É alguns meses antes, do(a) tutor(a) atual sair, ficar aqui pra ir acompanhando a situação, as reuniões os nossos eventos pra ir pegando o ritmo e vendo como é, IC93</p> <p>no mais a gente diria a nossa opinião, as nossas experiências que passamos, e a gente tirou como lição de cada evento pra que embasá-lo(a) pra que ele(a) realmente tenha uma noção do que acontece aqui dentro. IC92</p> <p>GD1: Antes mesmo dele(a) entrar tem que ter um conhecimento prévio da portaria MEC até porque um(a) tutor(a) chegar aqui perdido não tem como a gente trabalhar e ter esse conhecimento prévio ter esse período de adaptação, IC91 mas como profissional saber lidar com os alunos, saber criticar quando tem que criticar, mas elogiar quando tem que elogiar, e saber lidar com as atividades, impor aos</p>	<p>IC91: <i>Eu diria pra o tutor conhecer a filosofia do PET e ter interesse pelo PET.</i></p> <p>Que ele(a) seja, digamos assim um amigo do PET. Que para o que der e vier ele esteja aqui para apoiar, orientar... É bom também que ele conheça o PET e as atividades dele para ele não chegar com a ideia errada e ter aquele choque de repente, “Ah, não dá pra mim”. Conhecer o PET na dimensão do programa, saber das políticas, porque existe todo um contexto de debate de sobre o programa, de como o programa pode melhorar, tem os encontros nacionais, o ENAPET etc. Então, o ideal é que ele se envolva com os aspectos políticos do programa também, porque são debates recorrentes. Então uma pessoa que queira se envolver com o programa. Muito comum você chegar num evento de encontro regional, estadual ou nacional e tem poucos tutores. Então tem muitos tutores que não tem esse interesse pelo programa, mas que é ideal que tenham.</p> <p>Se eu pudesse falar alguma coisa para o(a) tutor(a) que fosse entrar é, logicamente toda a parte técnica é</p>	<p>A91: <i>Eu diria pra o tutor conhecer a filosofia do PET e ter interesse pelo PET.</i></p>	<p>DSC91</p> <p>A91: <i>Eu diria pra o tutor conhecer a filosofia do PET e ter interesse pelo PET.</i></p> <p>IC91: <i>Eu diria pra o tutor conhecer a filosofia do PET e ter interesse pelo PET.</i></p> <p><i>Se eu pudesse falar alguma coisa para o(a) tutor(a) que fosse entrar é, logicamente toda a parte técnica é fundamental, ter o conhecimento do que é o PET, de como se estrutura o PET. Eu diria para ele(a) se situar ele um pouco no programa, Antes mesmo dele(a) entrar tem que ter um conhecimento prévio da portaria MEC até porque um(a) tutor(a) chegar aqui perdido não tem como a gente trabalhar e ter esse conhecimento prévio ter esse período de adaptação que é fundamental que o tutor compreenda o que é o PET e isso não requer um ou dois meses pra compreender, conhecer como foi o processo histórico do PET, quais foram as lutas, quais são as lutas que a gente tem aqui.</i></p> <p><i>É bom também que ele conheça o PET e as atividades dele para ele não chegar com a ideia errada e ter aquele choque de repente, “Ah, não dá pra mim”. Conhecer o PET na dimensão do programa, saber das políticas, porque existe todo um contexto de debate de sobre o</i></p>

<p>alunos exerceram as atividades do planejamento, essas coisas assim que o(a) tutor(a) deve ter, motivar quando tem que motivar. IC95 GD 2: Eu acho que tem a questão do “se conhecer”. A gente acaba que tem um vínculo, assim, convive todo dia, tem coisas informais, a gente sai para fazer integrações fora da universidade. Então, o(a) tutor(a) deve estar disposto a nos conhecer, e se deixar conhecer. A gente cria realmente tem um vínculo. Então o tutor tem que se deixar conhecer. Porque, às vezes a pessoa é fechada e não quer se deixar conhecer. IC94 GD 6: Eu acho que é fundamental que o tutor compreenda o que é o PET e isso não requer um ou dois meses pra compreender, IC91 então se a gente tem um grupo bom e que é autônomo, primeiro é essencial respeitar essa autonomia, e a partir daí respeitar o que existe além do planejamento, entender o que é planejamento, entender o que é a criatividade, contribuir é fundamental porque o PET é a casa dos petianos como também é a casa do(a) tutor(a) , ele(a) deve contribuir, é fundamental que o tutor contribua, mas respeitando essencialmente a autonomia do PET e aí a partir daí que você compreender qual é a dinâmica do tutor aí você pode escutar, você pode trazer novas ideias, você pode tentar de fato tutorar a partir do momento que você compreende o que é o PET por que se você chegar querendo administrar o que você não compreende, isso não vai dar certo. IC95 GD3: Eu acho que todas as pessoas têm alguma coisa a acrescentar. E se ele(a) está naquele cargo de tutor(a) é porque ele fez a merecer.</p>	<p>fundamental, ter o conhecimento do que é o PET, de como se estrutura o PET. Antes mesmo dele(a) entrar tem que ter um conhecimento prévio da portaria MEC até porque um(a) tutor(a) chegar aqui perdido não tem como a gente trabalhar e ter esse conhecimento prévio ter esse período de adaptação, Eu acho que é fundamental que o tutor compreenda o que é o PET e isso não requer um ou dois meses pra compreender, O que eu diria para o tutor seria de situar ele um pouco no programa, tentar socializar as experiências que eu tive, tanto enquanto Petiano quando na experiência de tutoria mesmo, na relação com o tutor que já estava no PET, socializar mesmo no espaço com o intuito de trazer o tutor para dentro do programa, então seria mais eu chegar no primeiro dia e dizer é assim, , então seria algo que eu diria assim para ele ao longo do tempo, tentar socializar. Conhecer como foi o processo histórico do PET, quais foram as lutas, quais são as lutas que a gente tem aqui, É as qualidades que gostaria que o próximo o(a) tutor(a) tivesse, é muito importante que o que tenha comprometimento com o programa, e interesse, é importante</p>		<p><i>programa, de como o programa pode melhorar, tem os encontros nacionais, o ENAPET etc. Então, o ideal é que ele se envolva com os aspectos políticos do programa também, porque são debates recorrentes. Então uma pessoa que queira se envolver com o programa. Muito comum você chegar num evento de encontro regional, estadual ou nacional e tem poucos tutores. Então tem muitos tutores que não tem esse interesse pelo programa, mas que é ideal que tenham.</i></p> <p><i>Eu também tentar ia socializar as experiências que eu tive, tanto enquanto petiano quando na experiência de tutoria mesmo, na relação com o tutor que já estava no PET, socializar mesmo no espaço com o intuito de trazer o tutor para dentro do programa, então seria mais eu chegar no primeiro dia e dizer é assim, , então seria algo que eu diria assim para ele ao longo do tempo, tentar socializar. É muito importante também que ele(a) tenha comprometimento com o programa, e que ele(a) esteja tão interessado no Programa de Educação Tutorial quanto os próprios petianos estão. Que ele(a) seja, digamos assim um amigo do PET. Que para o que der e vier ele esteja aqui para apoiar, orientar . Porque se ele(a) tratar o programa só como mais outra atividade qualquer da universidade, sem interesse e vem aqui de vez em quando, a reunião, não vai ser um trabalho bem feito, não vai ter uma</i></p>
---	---	--	---

<p>Então eu tenho certeza que vai nos passar muita coisa. IC96 É lógico que sempre pedindo respeito a um grupo que já está formado, pedindo respeito à pessoa individual, aquele universitário individualmente e é lógico que vai ter a comparação. Sempre vai ter. Mas é isso a questão dele tentar manter um equilíbrio de harmonia do novo tutor com o grupo. IC95</p>	<p>que ele(a) esteja tão interessado no Programa de Educação Tutorial, quanto os próprios petianos estão. Porque se ele(a) tratar o programa só como mais outra atividade qualquer da universidade, sem interesse e vem aqui de vez em quando, a reunião, não vai ser um trabalho bem feito, não vai ter uma relação boa com os petianos é bom que tenha acima de tudo interesse gostar de trabalhar aqui e desenvolver isso.</p>		<p><i>relação boa com os petianos é bom que tenha acima de tudo interesse gostar de trabalhar aqui e desenvolver isso.</i></p>
<p>GD 3: Bom eu acho que é falar para agir como líder, porque tem uma grande diferença a questão do líder e a questão do chefe. Porque às vezes você pode ter essa postura de o tutor querer agir como chefe, mandar “faça isso, faça aquilo” e a questão do(a) líder já é bem diferente, ele(a) vai com grupo, aquela questão mesmo dele se relacionar com o grupo enquanto parte e não como aquela pessoa que está mandando, desmandando e tal, que está impondo, e sim como parte do grupo que "vamos vai dar certo, nós vamos fazer isso juntos", mas é essa questão mesmo de liderar e não chefiar. IC98</p> <p>GD3: Que seja flexível e compreensivo IC97 e a partir dessa experiência que já vem, que carrega cada um com certeza já tem muito a acrescentar para o grupo. Essa é a visão que eu tenho de dar dicas assim, a carga que ele já vem trazendo vir a acrescentar mais ainda àquele grupo que já vem caminhando, IC96 além de todas as questões que já foram faladas de liderança e respeito. IC98</p> <p>GD3: Eu pediria pra ele tentar a respeitar minha opinião , compreender a minha posição e buscar sempre que o grupo seja como já falou seja proativo, seja responsável, faça as atividades com compromisso. IC95</p> <p>GD3: Primeiro de tudo, que</p>	<p>IC92: Para ter ouvidos no PET, somos uma voz.</p> <p>O novo tutor ele terá que perceber com o tutorando e acrescentar, ele vai muito para continuar a construção. Eu diria o(a) tutor(a) que irá entrar irá deverá ter essa sensibilidade, mas eu diria pro tutor que tenha ouvidos aqui no PET, todos nós somos uma voz, a voz de ninguém aqui é superior a de ninguém e isso muitas vezes vale até para o tutor. no mais a gente diria a nossa opinião, as nossas experiências que passamos, e a gente tirou como lição de cada evento pra que embasá-lo(a) pra que ele(a) realmente tenha uma noção do que acontece aqui dentro. É ótimo realmente que os tutores novos cheguem perguntando mesmo perguntando dicas dos petianos. Eu acho que para uma troca de tutores é mais a situação que vai</p>	<p>A 92: Para ter ouvidos no PET, somos uma voz.</p>	<p>DSC92 A92: Para ter ouvidos no PET, somos uma voz. IC92: Para ter ouvidos no PET, somos uma voz.</p> <p><i>É ótimo realmente que os tutores novos cheguem mesmo perguntando dicas dos petianos. Eu diria ao(a) tutor(a) que irá entrar que deverá ter essa sensibilidade, que tenha ouvidos aqui no PET, todos nós somos uma voz, a voz de ninguém aqui é superior a de ninguém e isso muitas vezes vale até para o tutor. Perceber com o tutorando, ouvir a nossa opinião, as nossas experiências que passamos, e a gente tirou como lição de cada evento pra embasá-lo(a) pra que ele(a) realmente tenha uma noção do que acontece aqui dentro e acrescentar, ele vai muito para continuar a construção. Eu acho que o grupo que está aqui vai ter que se preparar muito mais do que ele, porque para receber assim vai ser uma pessoa que não vai saber da dinâmica, não vai saber de tudo que</i></p>

<p>ele fosse ele, que trouxesse todas as experiências dele, IC96 mas que ele fosse compreensivo e respeitasse. Acho que compreensão e respeito é fundamental para que no grupo haja no mínimo, um diálogo. IC95</p> <p>GD3: Não vai vingar se for uma pessoa que não dialoga, que não seja presente, que não acompanhe eu acho que nem pode chegar a tutoria e se chegar não vai permanecer e IC97</p> <p>agora o que eu diria pra ele(a) faça com que esse grupo tenha a cara dele(a), que ele(a) construa um novo grupo porque esse grupo foi construído por outra pessoa. A gente sabe que aqui no nosso grupo antes teve outro PET que tinha a cara do seu antigo tutor, que tinha seu tutorandos e tudo. O(a) nosso(a) tutor(a) entrou em um processo lento e construiu o que somos hoje e eu acho que o(a) outro(a) tutor (a) não queira imitar, copiar ou se prender aos parâmetros de comparação, que ele(a) faça o novo PET ter a sua cara com seus tutorandos e que vocês construam um novo PET e que claro não vai poder deixar de ter todas essas qualidades que foram colocadas desde a liderança até o diálogo, a autonomia. IC96</p> <p>GD3: Ser ele e colocar o que ele tem de melhor para o grupo e saber coletar de cada tutorando qualidades, construir um novo grupo, um grupo melhor ou pior, não sei. IC96</p> <p>GD3: [...] principalmente que ele(a) seja aberto ao diálogo, IC97 que se sinta parte do grupo, no sentido em que pelo fato dele ser tutor ele não se sinta acima de nós, mas que se sinta parte de nós. E eu acho que isso é extremamente fundamental para o bom funcionamento do grupo. Que</p>	<p>entrar eu acho que o grupo que está aqui vai ter que se preparar muito mais do que ele, porque para receber assim vai ser uma pessoa que não vai saber da dinâmica, não vai saber de tudo que acontece, o histórico no PET, então grupo que vai ter aqui ele realmente vai ter uma meta muito importante, porque o tutor só vai conseguir passar por todo o processo, [...] Então eu acho que a dificuldade maior, porque realmente é um desafio maior vai ser maior para o grupo do que para o próprio tutor, porque ele vai chegar aqui e vai querer saber como funciona isso aqui, então eu acho que o maior desafio vai ser para o grupo, tentar mostrar todas essas questões para ele e eu acho que diria realmente para o tutor para ele seguir essa questão ética, que as decisões elas sejam coletivas, tudo seja decidido coletivamente, respeitada todas as opiniões de cada bolsista daqui e também do(a) tutor(a), é claro, que tem essa questão hierarquizada que fica atrás diante dessas questões e que a equipe seja mais participativa, eu acho que um tutor chegar agora ele tem que participar de tudo, vivenciar mesmo para ele entender a dinâmica do grupo.</p> <p>IC93: Diria pra ter um período de experiência</p>	<p>A 93: Diria pra ter um período de</p>	<p><i>acontece, o histórico no PET, então grupo que vai ter uma meta muito importante, porque o tutor só assim vai conseguir passar por todo o processo, então eu acho que a dificuldade e o desafio vai ser maior para o grupo do que para o próprio tutor, porque ele vai chegar aqui e vai querer saber como funciona isso aqui, o grupo deve tentar mostrar todas essas questões para ele e eu acho que diria realmente para o tutor para ele seguir essa questão ética, que as decisões elas sejam coletivas, tudo seja decidido coletivamente, respeitada todas as opiniões de cada bolsista daqui e também do(a) tutor(a), é claro, que tem essa questão hierarquizada que fica atrás diante dessas questões e que a equipe seja mais participativa, eu acho que um tutor chegar agora ele tem que participar de tudo, vivenciar mesmo para ele entender a dinâmica do grupo.</i></p> <p>DSC93</p> <p>A93: Diria pra ter um</p>
---	--	---	--

<p>ninguém aqui, nem mesmo um bolsista nem tutor, se ache acima ou abaixo de ninguém. Eu acho que a gente tem que planificar a relação. IC100</p> <p>GD3: O novo tutor ele terá que perceber com o tutorando e acrescentar, ele vai muito para continuar a construção. IC92</p> <p>GD4: Acho que a gente explicaria a dinâmica do grupo, o que a gente costuma trabalhar e também deixar o novo tutor se abrir para o que ele pensa do PET, quais são os novos projetos que ele pode contribuir e também a gente entrar nesses projetos, a gente ver que é a nossa realidade ou se não é, então seria uma parceria de ideias também, de outros novos projetos. IC96</p> <p>GD4: Apresentar para o novo tutor que o grupo está aqui para ajudar também, e não pensar só porque é tutor que vai ser sozinho, não, acho que é essa ideia de todos se ajudarem. IC96</p> <p>GD4: Acho que eu falaria novamente nessa questão de que aqui é uma parceria entre tutor e os tutorandos, têm uma hierarquia, lógico, porque tem que ter, mas as coisas são bem democráticas, a discussão é coletiva IC96</p>	<p>com o tutor atual.</p> <p>A gente espera bastante que até pra um bom desenvolvimento da tutoria desse possível profissional que ele tenha um período de experiência. É alguns meses antes, do(a) tutor(a) atual sair, ficar aqui pra ir acompanhando a situação, as reuniões os nossos eventos pra ir pegando o ritmo e vendo como é. Pelo menos seguir as orientações do(a) tutor(a) anterior, porque ele(a) tem essa didática, mas tem porque viveu esse processo de construção do PET, já tem toda essa manha porque realmente viveu, ela sabe como é a dinâmica daqui, sabe como é, Tem um projeto que existe um tempo de transição que um tutor acompanhe o outro, mas mesmo assim não daria tempo dele(a) conhecer tudo.</p>	<p>experiência com o tutor atual.</p>	<p>período de experiência com o tutor atual.</p> <p>IC93: Diria pra ter um período de experiência com o tutor atual.</p> <p>Tem um projeto que existe um tempo de transição que um tutor acompanhe o outro, mas mesmo assim não daria tempo dele(a) conhecer tudo. A gente espera bastante que até pra um bom desenvolvimento da tutoria desse profissional que ele tenha um período de experiência. É alguns meses antes, do(a) tutor(a) atual sair, ficar aqui pra ir acompanhando a situação, as reuniões os nossos eventos pra ir pegando o ritmo e vendo como é, pelo menos seguir as orientações do(a) tutor(a) anterior que já tem essa didática, mas se tem é porque já viveu esse processo de construção do PET, já tem toda essa manha porque realmente viveu, ela sabe como é a dinâmica daqui, sabe como é.</p>
<p>e seria muito importante que ele(a) estivesse sempre presente ou pelo menos a maior quantidade possível que ele pudesse estar presente. Porque às vezes os tutores têm outras demandas e não podem estar sempre presentes. IC99</p> <p>GD5: Se o PET tem que ter a cara do tutor, o PET também tem que ter a cara do petiano. Então, tem que ser um misto de tudo isso. Eu acho que assim que esse tutor chegasse aqui eu tentaria extrair assim da minha cabeça as coisas mais benéficas que eu acho que o(a) tutor(a) anterior conseguiu trazer para o programa, IC100</p>	<p>IC94: Não há um manual ensinando como agir, ele(a) tem que e deixar-se conhecer.</p> <p>Eu acho que tem a questão do “se conhecer”. A gente acaba que tem um vínculo, assim, convive todo dia, tem coisas informais, a gente sai para fazer integrações fora da universidade. Então, o(a) tutor(a) deve estar disposto a nos conhecer, e se deixar conhecer. A gente cria realmente tem um vínculo. Então</p>	<p>A 94: Não há um manual ensinando como agir, ele(a) tem que e deixar-se conhecer.</p>	<p>DSC94</p> <p>A94: Não há um manual ensinando como agir, ele(a) tem que e deixar-se conhecer.</p> <p>IC94: Não há um manual ensinando como agir, ele(a) tem que e deixar-se conhecer.</p> <p>Eu acho que não tem um manual que diga “Ah, o novo tutor tem que fazer isso, isso e isso” acho que, sobretudo grupos que já tem alguns anos de existência, que já tem uma característica própria já são consolidados, o tutor tem que chegar e é um processo assim como o</p>

<p>Por exemplo, de estar sempre orientando, a nossa autonomia também, eu acho de extrema importância, IC95 porque se chegasse um(a) tutor(a) autoritário? “Ah, eu que vou definir as atividades, eu que vou fazer isso”, eu acho que não seria benéfico para o PET. Então como a gente que constrói as atividades no grosso, a gente ia estar meio que desmotivado para fazer essas atividades. Então, eu acho que a nossa autonomia, mas acho que até essa autonomia ela tem que ser cuidada porque ela não pode está vinculada a falta de atenção do(a) tutor(a), ele(a), tem que estar presente, tem que ter autonomia na hora da gente decidir algumas coisas, mas tem que estar ali olhando “será que esse é o melhor caminho? Deixa eu também ajudar vocês, será que essa forma aqui não fica mais bacana?” Enfim, eu acho que essa questão da sensibilidade também, por se tratar de serem humanos, somos frágeis, temos nossas limitações, enfim, tem uma série de coisas e é essencial que o tutor considere isso. A nossa subjetividade também, principalmente.</p> <p>GD6: É ótimo realmente que os tutores novos cheguem perguntando mesmo perguntando dicas dos petianos. IC92</p> <p>GD7: O que eu percebo uma dificuldade nos tutores de modo geral é sempre a mesma coisa, eles não são exclusivos dessa atividade, eles têm outras atividades que são prioritárias. IC99</p> <p>GD7: Eu já estava até com medo do próximo tutor que vai entrar ou tutora, porque eu queria que permanecesse essa questão da nossa autonomia, se o grupo já tinha acordado algo antes, não chegar querendo mudar as regras de</p>	<p>o tutor tem que se deixar conhecer. Porque, às vezes a pessoa é fechada e não quer se deixar conhecer. Eu acho, é como a docência, você vai chegar numa classe, você não conhece os alunos, Você vai ter que fazer o elo de contato com eles, você vai ter que favorecer uma forma de chegar, você não pode chegar de forma bruta e nem de forma positiva para os alunos, por que senão você não conquistar o respeito deles. Eu acho que, se você fosse chegar aqui como tutora, eu acho que seria um bom docente, você chegar, conquistar, não chegar de forma positiva, mas de forma a dialogar com os que aqui estão pra que você possa fazer seu grupo. Eu acho que não tem um manual que diga “Ah, o novo tutor tem que fazer isso, isso e isso” acho que, sobretudo grupos que já tem alguns anos de existência, que já tem uma característica própria já é consolidado, eu acho que o tutor tem chegar e é um processo assim como o petiano quando entra. Quando entrei aqui não entendia nada e fui me adequando mesmo muito, acho que o tutor tem que também passar por esse processo que é contínuo, não é de uma hora para outra não vai acontecer.</p> <p>IC95: Saber lidar com os alunos, ser</p>	<p>A 95: Saber lidar com os alunos, ser</p>	<p><i>petiano quando entra. Quando entrei aqui não entendia nada e fui me adequando mesmo muito, acho que o tutor tem que também passar por esse processo que é contínuo, não é de uma hora para outra que vai acontecer. É também uma questão do “se conhecer”. A gente acaba que tem um vínculo, assim, convive todo dia, tem coisas informais, a gente sai para fazer integrações fora da universidade. Então, o(a) tutor(a) deve estar disposto a nos conhecer, e se deixar conhecer. A gente cria realmente um vínculo. Então o tutor tem que se deixar conhecer. Porque, às vezes a pessoa é fechada e não quer se deixar conhecer. É como a docência, você vai chegar numa classe, você não conhece os alunos, Você vai ter que fazer o elo de contato com eles, você vai ter que favorecer uma forma de chegar, você não pode chegar de forma bruta e nem de forma positiva para os alunos, por que senão você não conquistar o respeito deles. Eu acho que, se você fosse chegar aqui como tutora, eu acho que seria um bom docente, chegar, conquistar, não chegar de forma positiva, mas de forma a dialogar com os que aqui estão pra que você possa fazer seu grupo.</i></p> <p>DSC95 A 95: Saber lidar com os</p>
---	---	--	---

<p>uma vez, então assim, ir conhecendo o terreno e eu acho que até o tutor que vai chegar, vai chegar a conhecer primeiro e já vai percebendo algumas coisas e a partir daí fazer alterações aos pouquinhos, sem fazer uma mudança muito esquematizada. IC95</p> <p>GD7: Eu sou mais a questão que permaneça a questão da horizontalidade, mas que tenha uma participação mesmo, o problema de tutor é porque geralmente ele já tem um nível muito grande geralmente eles são doutores, então eles fazem diversas coisas para analisar, então eles fazem um monte de coisa na vida acadêmica dele e aí que o tempo fica restrito, mais com maior frequência não apenas nas reuniões administrativas, mas que compareça em nossos eventos, principalmente na graduação.</p> <p>GD7: A única coisa que eu penso mesmo é a questão de participação mais nos eventos, mais na construção de debates, não ficar só na reunião IC99 e também não chegar impondo, ser realmente uma discussão coletiva onde a opinião do(a) tutor(a) tenha o mesmo peso da opinião dos outros bolsistas, é isso o que eu tenho que dizer. IC98</p> <p>GD7: Eu acho que assim, eu falaria para ele que talvez ele se colocasse, fosse mais próximo do grupo, pudesse vir mais vezes, não frequentar aqui nas nossas atividades, mas nas reuniões ser sempre presente, mas eu falo assim é realmente a participação nas atividades, no planejamento, tá aqui mais vezes, porque a gente não tem muito essa relação pessoal é importante também não falo só a nível de saber da minha vida pessoa, mais de ter uma proximidade como, por exemplo, os outros bolsistas, a questão de tempo a</p>	<p><i>compreensivo e respeitar a autonomia.</i></p> <p>E claro, uma coisa muito importante se fazer presente, nos dar autonomia não significa dizer que vai nos abandonar e deixar a gente fazer tudo só, não. Se fazer presente, acompanhar, acompanhamento não requer autoritarismo, é diferente acho que autonomia para a gente, mas também que ele se faça presente. por exemplo, de estar sempre orientando, a nossa autonomia também, eu acho de extrema importância, [...] Então, eu acho que a nossa autonomia, Que nos dêem autonomia, flexibilidade, mas também que esteja disposto a nos acompanhar nas nossas atividades, que seja responsável, presente dialogando com o grupo trabalhar mesmo essa questão da diversidade, acompanhar o diferente, respeitar as opiniões.</p> <p>Assim de tentar compreender os defeitos de todo mundo, tentar acolher os defeitos porque eu acho que existe assim uma diferença muito grande assim dessa missão assim de cada um, é muito difícil uma pessoa definir cada um. E o tutor chegando aqui ele vai ter que olhar a gente como um ser diferente mesmo, não pode "não vou falar mais" ou assim dizer que ele está</p>	<p><i>compreensivo e respeitar a autonomia.</i></p>	<p><i>alunos , ser compreensivo e respeitar a autonomia.</i></p> <p>IC95: Saber lidar com os alunos, ser compreensivo e respeitar a autonomia.</p> <p><i>O novo tutor deve saber lidar com os tutorandos, orientando, que seja compreensivo e nos dê autonomia e flexibilidade. Eu acho que a nossa autonomia extrema importância, mas também que esteja disposto a nos acompanhar nas nossas atividades. E claro, uma coisa muito importante se fazer presente, nos dar autonomia não significa dizer que vai nos abandonar e deixar a gente fazer tudo só, não. Se fazer presente, acompanhar, acompanhamento não requer autoritarismo, é diferente acho que autonomia para a gente, mas também que ele se faça presente, pois deve estar disposto a nos acompanhar nas nossas atividades, que seja responsável, presente dialogando com o grupo trabalhar mesmo essa questão da diversidade, respeitar as opiniões, assim de tentar compreender os defeitos de todo mundo, tentar acolher os defeitos porque eu acho que existe assim uma diferença muito grande assim dessa missão assim de cada um, é muito difícil uma pessoa definir cada um. E o tutor chegando aqui ele vai ter que olhar a gente como um ser diferente mesmo, não pode "não vou falar mais" ou assim dizer que ele está sobressaindo porque eu acho que todo mundo pode enriquecer de alguma</i></p>
---	---	---	---

<p>troca de saberes. IC99</p> <p>GD7: eu acho que as vezes a gente precisa ter uns momentos individuais, porque tem coisas que as vezes eu não consigo falar para o grupo, então eu acho que alguns momentos, essa questão mesmo do acompanhamento mais próximo da pesquisa ou mesmo de questões acadêmicas que a gente faz a monitoria, se eu não me sinto a vontade para abrir para todo o grupo eu acho que tem que ser com o(a)tutor(a), então nesse sentido. IC95</p> <p>GD7: o que eu diria para o tutor seria de situar ele um pouco no programa, tentar socializar as experiências que eu tive, tanto enquanto Petiano quando na experiência de tutoria mesmo, na relação com o tutor que já estava no PET, socializar mesmo no espaço com o intuito de trazer o tutor para dentro do programa, então seria mais eu chegar no primeiro dia e dizer é assim, , então seria algo que eu diria assim para ele ao longo do tempo, tentar socializar. IC91</p> <p>GD7: O que eu diria se possível até o momento de escolha do tutor, eu não sei como vai acontecer, mas tem que ter um perfil que realmente consiga trabalhar, que consiga aceitar a diversidade de pensamento, porque aqui no grupo a gente tem isso, são 12 cabeças pensando e às vezes cada um pensa de uma forma e um bom conceito de ser tutor(a) é o(a) que a gente tem que consegue ouvir a todos, sempre coloca a opinião dele(a) e o grupo como um todo decide, mas é lógico, às vezes eu sinto que a opinião dele(a) pesa um pouco, tem isso aí em todo o lugar. E um outro ponto positivo do(a) tutor(a) atual, você sente que o professor tem mais...IC101</p> <p>GD7: É, o que eu pediria é</p>	<p>sobressaindo porque eu acho que todo mundo pode enriquecer de alguma forma o PET. Mas como profissional saber lidar com os alunos, saber criticar quando tem que criticar, mas elogiar quando tem que elogiar, e saber lidar com as atividades, impor aos alunos exercerem as atividades do planejamento, essas coisas assim que o(a) tutor(a) deve ter, motivar quando tem que motivar.</p> <p>então se a gente tem um grupo bom e que é autônomo, primeiro é essencial respeitar essa autonomia, e a partir daí respeitar o que existe além do planejamento, entender o que é planejamento, entender o que é a criatividade, contribuir é fundamental porque o PET é a casa dos petianos como também é a casa do(a) tutor(a) , ele(a) deve contribuir, é fundamental que o tutor contribua, mas respeitando essencialmente a autonomia do PET e aí a partir daí que você compreender qual é a dinâmica do tutor aí você pode escutar, você pode trazer novas ideias, você pode tentar de fato tutorar a partir do momento que você compreende o que é o PET por que se você chegar querendo administrar o que você não compreende, isso não vai dar certo. Eu pediria pra ele tentar a respeitar minha opinião , compreender</p>		<p>forma o PET.</p> <p><i>Eu pediria pra ele tentar a respeitar minha opinião , compreender a minha posição e buscar sempre que o grupo seja como já falou seja proativo, seja responsável, faça as atividades com compromisso, assim como todo profissional saber lidar com os alunos, saber criticar quando tem que criticar, mas elogiar quando tem que elogiar, e saber lidar com as atividades, impor aos alunos exercerem as atividades do planejamento, essas coisas assim que o(a) tutor(a) deve ter, motivar quando tem que motivar.</i></p> <p><i>Eu já estava até com medo do(a) próximo(a) tutor(a) que vai entrar, porque eu queria que permanecesse essa questão da nossa autonomia, se o grupo já tinha acordado algo antes, não chegar querendo mudar as regras de uma vez, então assim, ir conhecendo o terreno e eu acho que até o tutor que vai chegar, vai chegar a conhecer primeiro e já vai percebendo algumas coisas e a partir daí fazer alterações aos pouquinhos, sem fazer uma mudança muito esquematizada.</i></p> <p><i>Essa questão da autonomia ela é muito boa assim, se a gente tem um grupo bom e que é autônomo, primeiro é essencial respeitar essa autonomia, e a partir daí respeitar o que existe além do planejamento, entender o que é planejamento, entender o que é a criatividade, contribuir é fundamental porque o PET é a casa dos petianos como também é a casa</i></p>
---	---	--	--

<p>exatamente de ter mais momentos com o tutor(a), porque assim a gente tem reuniões e são os momentos que ele(a) está geralmente, então fica tudo sobrecarregado apenas para aquela tarde, então a gente fala da nossa pesquisa no momento dessa reunião que não é algo simples porque você vai falar do seu objeto e aí é algo que requer orientação maior, um tempo maior de sentar com a gente e dizer olha leia isso aqui, como um grupo que tem vários eixos não tem também como, não tem condições de fazer isso, mas o que tutor poderia fazer, direcionar a gente, os temas e encaminhar porque querendo ou não quando o professor encaminha para um outro professor também facilita o processo, eu acho que é isso.IC99</p> <p>GD7: Eu acho que para uma troca de tutores é mais a situação que vai entrar eu acho que o grupo que está aqui vai ter que se preparar muito mais do que ele, porque para receber assim vai ser uma pessoa que não vai saber da dinâmica, não vai saber de tudo que acontece, o histórico no PET, então grupo que vai ter aqui ele realmente vai ter uma meta muito importante, porque o tutor só vai conseguir passar por todo o processo, IC92</p> <p>pelo menos seguir as orientações do(a) tutor(a) anterior, porque ele(a) tem essa didática, mas tem porque viveu esse processo de construção do PET, já tem toda essa manha porque realmente viveu, ela sabe como é a dinâmica daqui, sabe como é, IC93 como foi o processo histórico do PET, quais foram as lutas, quais são as lutas que a gente tem aqui, IC91 então eu acho que a dificuldade maior, porque realmente é um desafio maior</p>	<p>a minha posição e buscar sempre que o grupo seja como já falou seja proativo, seja responsável, faça as atividades com compromisso. mas que ele fosse compreensivo e respeitasse. Acho que compreensão e respeito é fundamental para que no grupo haja no mínimo, um diálogo. É lógico que sempre pedindo respeito a um grupo que já está formado, pedindo respeito à pessoa individual, aquele universitário individualmente e é lógico que vai ter a comparação. Sempre vai ter. Mas é isso a questão dele tentar manter um equilíbrio de harmonia do novo tutor com o grupo que ele fosse compreensivo e respeitasse. Acho que compreensão e respeito é fundamental para que no grupo haja no mínimo, um diálogo. Eu acho que as vezes a gente precisa ter uns momentos individuais, porque tem coisas que as vezes eu não consigo falar para o grupo, então eu acho que alguns momentos, essa questão mesmo do acompanhamento mais próximo da pesquisa ou mesmo de questões acadêmicas que a gente faz a monitoria, se eu não me sinto a vontade para abrir para todo o grupo eu acho que tem que ser com o(a)tutor(a), então nesse sentido. Eu já estava até com medo do próximo tutor</p>		<p><i>do(a) tutor(a) , ele(a) deve contribuir, é fundamental que o tutor contribua, mas respeitando essencialmente a autonomia do PET e aí a partir daí que você compreender qual é a dinâmica do tutor aí você pode escutar, você pode trazer novas ideias, você pode tentar de fato tutorar a partir do momento que você compreende o que é o PET por que se você chegar querendo administrar o que você não compreende, isso não vai dar certo. Bem, que tivesse diálogo, compreensão, flexibilidade porque é importante também para trabalhar em grupo, assim como também enriquecer o grupo com sua questão pessoal, eu acho que as vezes a gente precisa ter uns momentos individuais, porque tem coisas que as vezes eu não consigo falar para o grupo, então eu acho que alguns momentos, essa questão mesmo do acompanhamento mais próximo da pesquisa ou mesmo de questões acadêmicas que a gente faz a monitoria, se eu não me sinto a vontade para abrir para todo o grupo eu acho que tem que ser com o(a)tutor(a), então nesse sentido. É lógico que sempre pedindo respeito a um grupo que já está formado, pedindo respeito à pessoa individual, aquele universitário individualmente.</i></p>
--	--	--	--

<p>vai ser maior para o grupo do que para o próprio tutor, porque ele vai chegar aqui e vai querer saber como funciona isso aqui, então eu acho que o maior desafio vai ser para o grupo, tentar mostrar todas essas questões para ele e eu acho que diria realmente para o tutor para ele seguir essa questão ética, que as decisões elas sejam coletivas, tudo seja decidido coletivamente, respeitada todas as opiniões de cada bolsista daqui e também do(a) tutor(a), é claro, que tem essa questão hierarquizada que fica atrás diante dessas questões e que a equipe seja mais participativa, eu acho que um tutor chegar agora ele tem que participar de tudo, vivenciar mesmo para ele entender a dinâmica do grupo. IC92</p> <p>GD7: Tem um projeto que existe um tempo de transição que um tutor acompanhe o outro, mas mesmo assim não daria tempo dele(a) conhecer tudo. IC93</p> <p>GD6: Eu acho, é como a docência, você vai chegar numa classe, você não conhece os alunos, Você vai ter que fazer o elo de contato com eles, você vai ter que favorecer uma forma de chegar, você não pode chegar de forma bruta e nem de forma positiva para os alunos, por que senão você não conquistar o respeito deles. Eu acho que, se você fosse chegar aqui como tutora, eu acho que seria um bom docente, você chegar, conquistar, não chegar de forma positiva, mas de forma a dialogar com os que aqui estão pra que você possa fazer seu grupo. IC94</p> <p>GD6: eu acho que não tem um manual que diga “Ah, o novo tutor tem que fazer isso, isso e isso” acho que, sobretudo grupos que já tem alguns anos de existência, que já tem uma característica própria já é</p>	<p>que vai entrar ou tutora, porque eu queria que permanecesse essa questão da nossa autonomia, se o grupo já tinha acordado algo antes, não chegar querendo mudar as regras de uma vez, então assim, ir conhecendo o terreno e eu acho que até o tutor que vai chegar, vai chegar a conhecer primeiro e já vai percebendo algumas coisas e a partir daí fazer alterações aos pouquinhos, sem fazer uma mudança muito esquematizada. Bem, o que já foi falado antes a questão da autonomia. Então que não tirasse essa autonomia, que tivesse diálogo, compreensão, flexibilidade porque é importante também para trabalhar em grupo, assim como também enriquecer o grupo com sua questão pessoal.</p>		
<p>IC96: Diria pra ser ele(a) mesmo(a), trazer sua experiência e em parceria construir novos projetos.</p> <p>Agora o que eu diria pra ele(a) faça com que esse grupo tenha a cara dele(a), que ele(a) construa um novo grupo porque esse grupo foi construído por outra pessoa. A gente sabe que aqui no nosso grupo antes teve outro PET que tinha a cara do seu antigo tutor, que tinha seu tutorandos e tudo. O(a) nosso(a) tutor(a) entrou em um processo lento e construiu o que somos</p>		<p>A96: Diria pra ser ele(a) mesmo(a), trazer sua experiência e em parceria construir novos projetos.</p>	<p>DSC96</p> <p>A96: Diria pra ser ele(a) mesmo(a), trazer sua experiência e em parceria construir novos projetos.</p> <p>IC96: Diria pra ser ele(a) mesmo(a), trazer sua experiência e em parceria construir novos projetos.</p> <p><i>Primeiro de tudo, que ele(a) fosse ele(a), que trouxesse todas as experiências dele(a), que faça com que esse grupo tenha a cara dele(a), que construa um novo grupo porque esse grupo foi construído por outra pessoa. Eu acho que todas as pessoas têm alguma coisa a acrescentar. E se ele(a) está naquele cargo</i></p>

<p>consolidado, eu acho que o tutor tem chegar e é um processo assim como o petiano quando entra. Quando entrei aqui não entendia nada e fui me adequando mesmo muito, acho que o tutor tem que também passar por esse processo que é contínuo, não é de uma hora para outra não vai acontecer. IC94</p> <p>GD7: Os professores acabam sendo tutores do PET e têm outras atividades e de certa forma isso acaba não atrapalhando, mais talvez dificultando o andamento. IC99</p> <p>GD1: É as qualidades que gostaria que o próximo o(a) tutor(a) tivesse, é muito importante que o que tenha comprometimento com o programa, e interesse, é importante que ele(a) esteja tão interessado no Programa de Educação Tutorial, quanto os próprios petianos estão. Porque se ele(a) tratar o programa só como mais outra atividade qualquer da universidade, sem interesse e vem aqui de vez em quando, a reunião, não vai ser um trabalho bem feito, não vai ter uma relação boa com os petianos é bom que tenha acima de tudo interesse gostar de trabalhar aqui e desenvolver isso. IC91</p> <p>GD2: Que ele(a) seja, digamos assim um amigo do PET. Que para o que der e vier ele esteja aqui para apoiar, orientar... É bom também que ele conheça o PET e as atividades dele para ele não chegar com a ideia errada e ter aquele choque de repente, "Ah, não dá pra mim". Conhecer o PET na dimensão do programa, saber das políticas, porque existe todo um contexto de debate de sobre o programa, de como o programa pode melhorar, tem os encontros nacionais, o ENAPET etc. Então, o ideal é</p>	<p>hoje e eu acho que o(a) outro(a) tutor (a) não queira imitar, copiar ou se prender aos parâmetros de comparação, que ele(a) faça o novo PET ter a sua cara com seus tutorandos e que vocês construam um novo PET e que claro não vai poder deixar de ter todas essas qualidades que foram colocadas desde a liderança até o diálogo, a autonomia. Eu acho que todas as pessoas têm alguma coisa a acrescentar. E se ele(a) está naquele cargo de tutor(a) é porque ele fez a merecer. Então eu tenho certeza que vai nos passar muita coisa. Ser ele e colocar o que ele tem de melhor para o grupo e saber coletar de cada tutorando qualidades, construir um novo grupo, um grupo melhor ou pior, não sei. Primeiro de tudo, que ele fosse ele, que trouxesse todas as experiências dele, mas a partir dessa experiência que já vem, que carrega cada um com certeza já tem muito a acrescentar para o grupo. Essa é a visão que eu tenho de dar dicas assim, a carga que ele já vem trazendo vir a acrescentar mais ainda àquele grupo que já vem caminhando, Acho que a gente explicaria a dinâmica do grupo, o que a gente costuma trabalhar e também deixar o novo tutor se abrir para o que ele pensa do PET, quais são os novos projetos que ele pode</p>		<p><i>de tutor(a) é porque ele fez a merecer. Então eu tenho certeza que vai nos passar muita coisa e a partir dessa experiência que já vem, que carrega cada um com certeza já tem muito a acrescentar para o grupo. Ser ele e colocar o que ele tem de melhor para o grupo e saber coletar de cada tutorando qualidades, construir um novo grupo, um grupo melhor ou pior, não sei. Essa é a visão que eu tenho de dar dicas assim, a carga que ele já vem trazendo vir a acrescentar mais ainda àquele grupo que já vem caminhando. A gente sabe que aqui no nosso grupo antes teve outro PET que tinha a cara do seu antigo tutor, que tinha seu tutorandos e tudo. O(a) nosso(a) tutor(a) entrou em um processo lento e construiu o que somos hoje e eu acho que o(a) outro(a) tutor (a) não queira imitar, copiar ou se prender aos parâmetros de comparação, que ele(a) faça o novo PET ter a sua cara com seus tutorandos e que vocês construam um novo PET, porque aqui é uma parceria entre tutor e os tutorandos, lógico que tem uma hierarquia, porque tem que ter, mas as coisas são bem democráticas, a discussão é coletiva e que claro não vai poder deixar de ter todas essas qualidades que foram colocadas desde a liderança até o diálogo e a autonomia. Enfim, eu apresentaria para o novo tutor que o grupo está aqui para ajudar também, e não pensar só porque é tutor que vai ser sozinho, não, acho que é essa ideia de</i></p>
---	--	--	---

<p>que ele se envolva com os aspectos políticos do programa também, porque são debates recorrentes. Então uma pessoa que queira se envolver com o programa. Muito comum você chegar num evento de encontro regional, estadual ou nacional e tem poucos tutores. Então tem muitos tutores que não tem esse interesse pelo programa, mas que é ideal que tenham. IC91</p> <p>GD2: É, tem que saber se doar pelo projeto, porque não é só a parte da gente que tem que estar se doando, ele tem que saber se doando, e se doar não no sentido de mudar a gente do jeito que ele gosta ou que ele acha melhor, mas sim no sentido de desenvolver a gente da melhor forma possível. IC99</p> <p>GD3: Bem, o que já foi falado antes a questão da autonomia. Então que não tirasse essa autonomia, que tivesse diálogo, compreensão, flexibilidade porque é importante também para trabalhar em grupo, assim como também enriquecer o grupo com sua questão pessoal. IC95</p>	<p>contribuir e também a gente entrar nesses projetos, a gente ver que é a nossa realidade ou se não é, então seria uma parceria de ideias também, de outros novos projetos. Apresentar para o novo tutor que o grupo está aqui para ajudar também, e não pensar só porque é tutor que vai ser sozinho, não, acho que é essa ideia de todos se ajudarem. Acho que eu falaria novamente nessa questão de que aqui é uma parceria entre tutor e os tutorandos, têm uma hierarquia, lógico, porque tem que ter, mas as coisas são bem democráticas, a discussão é coletiva.</p>		<p><i>todos se ajudarem. A gente explicaria a dinâmica do grupo, o que a gente costuma trabalhar e também deixar o novo tutor se abrir para o que ele pensa do PET, quais são os novos projetos que ele pode contribuir e também a gente entrar nesses projetos, a gente ver que é a nossa realidade ou se não é, então seria uma parceria de ideias também, de outros novos projetos.</i></p>
<p>GD3: É justamente a flexibilidade, IC97 assim de tentar compreender os defeitos de todo mundo, tentar acolher os defeitos porque eu acho que existe assim uma diferença muito grande assim dessa missão assim de cada um, é muito difícil uma pessoa definir cada um. E o tutor chegando aqui ele vai ter que olhar a gente como um ser diferente mesmo, não pode "não vou falar mais" ou assim dizer que ele está sobressaindo porque eu acho que todo mundo pode enriquecer de alguma forma o PET. IC95</p> <p>GD3: Que nos dê autonomia, flexibilidade, mas também que esteja disposto a nos</p>	<p>IC97: <i>Que ele(a) seja flexível e compreensivo(a) e dialogue.</i></p> <p>Principalmente que ele(a) seja aberto ao diálogo. Que seja flexível e compreensivo que ele fosse compreensivo e respeitasse. Acho que compreensão e respeito é fundamental para que no grupo haja no mínimo, um diálogo. Não vai vingar se for uma pessoa que não dialoga, que não seja presente, que não acompanhe eu acho que nem pode chegar a tutoria e se chegar não vai permanecer e Eu ia falar para o novo tutor que eu acho fundamental é que além da flexibilidade, do diálogo, da autonomia, da liderança, do</p>	<p>A97: <i>Que ele(a) seja flexível e compreensivo(a) e dialogue.</i></p>	<p>DSC97</p> <p>A97: <i>Que ele(a) seja flexível e compreensivo(a) e dialogue.</i></p> <p>IC97: <i>Que ele(a) seja flexível e compreensivo(a) e dialogue.</i></p> <p><i>Eu ia falar para o novo tutor que eu acho fundamental além da flexibilidade, do acompanhamento, é que ele(a) seja aberto ao diálogo. Que ele seja compreensivo e respeite. Acho que compreensão e respeito é fundamental para que no grupo haja no mínimo um diálogo. Não vai vingar se for uma pessoa que não dialoga, que não seja presente, que não acompanhe eu acho que nem pode chegar a tutoria e se chegar não vai permanecer. A autonomia, a compreensão, a democracia e a flexibilidade são pontos fortes e necessários.</i></p>

<p>acompanhar nas nossas atividades, que seja responsável, presente dialogando com o grupo. IC97 trabalhar mesmo essa questão da diversidade, acompanhar o diferente, respeitar as opiniões. IC95</p> <p>GD3: Eu acho que evitar toda e qualquer forma autoritarismo, IC98 tentar ser o mais flexível democrático possível, a autonomia, flexibilidade, então eu acho que são pontos fortes e necessários.</p>	<p>acompanhamento, acho que é fundamental. tentar ser o mais flexível democrático possível, a autonomia, flexibilidade, então eu acho que são pontos fortes e necessários. Autonomia para a gente, democracia e flexibilidade. Então, esse é um ponto muito forte só tem a enriquecer e a contribuir com a gente.</p>		
<p>Autonomia para a gente, democracia e flexibilidade. Então, esse é um ponto muito forte só tem a enriquecer e a contribuir com a gente. IC97</p> <p>GD3: O acolhimento, eu acho muito importante tentar minimamente se aproximar do aluno, nós somos um grupo não tão grande assim, já que a gente convive tanto, acaba se tornando um grupo até pequeno se vê que a gente convive bastante. Então eu acho que tentar minimamente se aproximar do aluno, tentar estabelecer uma relação de amizade eu sei que não vai conseguir tocar todos, mas acho que tentar estabelecer essa relação de amizade contribui muito até mesmo por um voto de confiança, credibilidade àquele aluno e consequentemente nos dar autonomia. IC99</p> <p>E claro, uma coisa muito importante se fazer presente, nos dar autonomia não significa dizer que vai nos abandonar e deixar a gente fazer tudo só, não. Se fazer presente, acompanhar, acompanhamento não requer autoritarismo, é diferente acho que autonomia para a gente, mas também que ele se faça presente. IC95</p> <p>GD3: Eu ia falar para o novo tutor que eu acho fundamental é que além da flexibilidade, do diálogo, da autonomia, da</p>	<p>IC98: Diria para ser líder e não chefe, evitar autoritarismo.</p> <p>Bom eu acho que é falar para agir como líder, porque tem uma grande diferença a questão do líder e a questão do chefe. Porque às vezes você pode ter essa postura de o tutor querer agir como chefe, mandar “faça isso, faça aquilo” e a questão do(a) líder já e bem diferente, ele(a) vai com grupo, aquela questão mesmo dele se relacionar com o grupo enquanto parte e não como aquela pessoa que está mandando, desmandando e tal, que está impondo, e sim como parte do grupo que "vamos vai dar certo, nós vamos fazer isso juntos", mas é essa questão mesmo de liderar e não chefear. Além de todas as questões que já foram faladas de liderança e respeito. Pra não chegar impondo, evitar autoritarismo. Porque se chegasse um(a) tutor(a) autoritário? “Ah, eu que vou definir as</p>	<p>A 98: Diria para ser líder e não chefe, evitar autoritarismo.</p>	<p>DSC98</p> <p>A 98: Diria para ser líder e não chefe, evitar autoritarismo.</p> <p>IC98: Diria para ser líder e não chefe, evitar autoritarismo.</p> <p><i>Bom eu acho que é falar para agir como líder, porque tem uma grande diferença a questão do líder e a questão do chefe. Porque às vezes você pode ter essa postura de o tutor querer agir como chefe, mandar “faça isso, faça aquilo” e a questão do(a) líder já e bem diferente, ele(a) vai com grupo, aquela questão mesmo dele se relacionar com o grupo enquanto parte e não como aquela pessoa que está mandando, desmandando e tal, que está impondo, e sim como parte do grupo que "vamos vai dar certo, nós vamos fazer isso juntos", mas é essa questão mesmo de liderar e não chefear. Pra não chegar impondo, evitar toda e qualquer forma autoritarismo, porque se chegasse um(a) tutor(a) autoritário? “Ah, eu que vou definir as atividades, eu que vou fazer isso”, eu acho que não seria benéfico para o PET Então como a gente que constrói as atividades</i></p>

<p>liderança, do acompanhamento, acho que é fundamental.IC97</p>	<p>atividades, eu que vou fazer isso”, eu acho que não seria benéfico para o PET Então como a gente que constrói as atividades no grosso, a gente ia estar meio que desmotivado para fazer essas atividades. Eu acho que evitar toda e qualquer forma autoritarismo, e também não chegar impondo, ser realmente uma discussão coletiva onde a opinião do(a) tutor(a) tenha o mesmo peso da opinião dos outros bolsistas, é isso o que eu tenho que dizer. por exemplo, de estar sempre orientando, a nossa autonomia também, eu acho de extrema importância, porque se chegasse um(a) tutor(a) autoritário? “Ah, eu que vou definir as atividades, eu que vou fazer isso”, eu acho que não seria benéfico para o PET Então como a gente que constrói as atividades no grosso, a gente ia estar meio que desmotivado para fazer essas atividades.</p>		<p><i>no grosso, a gente ia estar meio que desmotivado para fazer essas atividades. Deve ser realmente uma discussão coletiva onde a opinião do(a) tutor(a) tenha o mesmo peso da opinião dos outros bolsistas.</i></p>
	<p>IC99: <i>Aproximar-se do grupo, participar das atividades e se fazer presente, se doar ao projeto.</i></p> <p>É, o que eu pediria é exatamente de ter mais momentos com o tutor(a), porque assim a gente tem reuniões e são os momentos que ele(a) está geralmente, então fica tudo sobrecarregado apenas para aquela tarde, então a gente fala da nossa pesquisa no momento dessa reunião que não é</p>	<p>A99: <i>Aproximar-se do grupo, participar das atividades e se fazer presente, se doar ao projeto.</i></p>	<p>DSC99</p> <p>A99: <i>Aproximar-se do grupo, participar das atividades e se fazer presente, se doar ao projeto.</i></p> <p>IC99: <i>Aproximar-se do grupo, participar das atividades e se fazer presente, se doar ao projeto.</i></p> <p><i>É muito importante tentar minimamente se aproximar do aluno, nós somos um grupo não tão grande assim, já que a gente convive tanto, acaba se tornando um grupo até</i></p>

	<p>algo simples porque você vai falar do seu objeto e ai é algo que requer orientação maior, um tempo maior de sentar com a gente e dizer olha leia isso aqui, como um grupo que tem vários eixos não tem também como, não tem condições de fazer isso, mas o que tutor poderia fazer, direcionar a gente, os temas e encaminhar porque querendo ou não quando o professor encaminha para um outro professor também facilita o processo, eu acho que é isso.</p> <p>É, tem que saber se doar pelo projeto, porque não é só a parte da gente que tem que estar se doando, ele tem que saber se doar e muito. E se doar não no sentido de mudar a gente do jeito que ele gosta ou que ele acha melhor, mas sim no sentido de desenvolver a gente da melhor forma possível.</p> <p>O acolhimento, eu acho muito importante tentar minimamente se aproximar do aluno, nós somos um grupo não tão grande assim, já que a gente convive tanto, acaba se tornando um grupo até pequeno se vê que a gente convive bastante. Então eu acho que tentar minimamente se aproximar do aluno, tentar estabelecer uma relação de amizade eu sei que não vai conseguir tocar todos, mas acho que tentar estabelecer essa relação de amizade contribui muito até mesmo por</p>	<p><i>pequeno se vê que a gente convive bastante. Então eu acho que tentar minimamente se aproximar do aluno, tentar estabelecer uma relação de amizade eu sei que não vai conseguir tocar todos, mas acho que tentar estabelecer essa relação de amizade contribui muito até mesmo por um voto de confiança, credibilidade àquele aluno e conseqüentemente nos dar autonomia. O que eu pediria é exatamente de ter mais momentos com o tutor(a), porque assim a gente tem reuniões e são os momentos em que ele(a) geralmente está presente, então fica tudo sobrecarregado apenas para aquela tarde. A única coisa que eu penso mesmo é a questão de participação, nos eventos, na construção de debates, não ficar só na reunião. Talvez ele se colocasse, fosse mais próximo do grupo, pudesse vir mais vezes, não é só frequentar aqui nas nossas atividades, mas nas reuniões ser sempre presente, mas eu falo assim é realmente a participação nas atividades, no planejamento, estar aqui mais vezes, porque tem muito essa relação pessoal que é importante também, não falo só a nível de saber da minha vida pessoa, mais de ter uma proximidade como os outros bolsistas, a questão de tempo a troca de saberes. O problema de tutor é porque geralmente ele já tem um nível muito grande geralmente eles são doutores, então eles fazem um monte de coisa na vida acadêmica e o tempo fica restrito, eles</i></p>
--	---	--

	<p>um voto de confiança, credibilidade àquele aluno e consequentemente nos dar autonomia.</p> <p>Eu acho que assim, eu falaria para ele que talvez ele se colocasse, fosse mais próximo do grupo, pudesse vir mais vezes, não frequentar aqui nas nossas atividades, mas nas reuniões ser sempre presente, mas eu falo assim é realmente a participação nas atividades, no planejamento, tá aqui mais vezes, porque a gente não tem muito essa relação pessoal é importante também não falo só a nível de saber da minha vida pessoa, mais de ter uma proximidade como, por exemplo, os outros bolsistas, a questão de tempo a troca de saberes.</p> <p>A única coisa que eu penso mesmo é a questão de participação mais nos eventos, mais na construção de debates, não ficar só na reunião</p> <p>O que eu percebo uma dificuldade nos tutores de modo geral é sempre a mesma coisa, eles não são exclusivos dessa atividade, eles têm outras atividades que são prioritárias .</p> <p>Mas que tenha uma participação mesmo, o problema de tutor é porque geralmente ele já tem um nível muito grande geralmente eles são doutores, então eles fazem diversas coisas para analisar, então eles fazem um monte de coisa na vida acadêmica dele e ai que</p>		<p><i>não são exclusivos, os professores acabam sendo tutores do PET mas também têm outras atividades e não podem estar sempre presentes e de certa forma isso acaba não atrapalhando, mais talvez dificultando o andamento.</i></p>
--	---	--	--

	<p>o tempo fica restrito, mais com maior frequência não apenas nas reuniões administrativas, mas que compareça em nossos eventos, principalmente na graduação. e seria muito importante que ele(a) estivesse sempre presente ou pelo menos a maior quantidade possível que ele pudesse estar presente. Porque às vezes os tutores têm outras demandas e não podem estar sempre presentes. Os professores acabam sendo tutores do PET e têm outras atividades e de certa forma isso acaba não atrapalhando, mais talvez dificultando o andamento.</p>		
	<p>IC100: <i>Sentir-se parte do grupo.</i></p> <p>Se o PET tem que ter a cara do tutor, o PET também tem que ter a cara do petiano. Então, tem que ser um misto de tudo isso. Eu acho que assim que esse tutor chegasse aqui eu tentaria extrair assim da minha cabeça as coisas mais benéficas que eu acho que o(a) tutor(a) anterior conseguiu trazer para o programa,</p> <p>Que se sinta parte do grupo, no sentido em que pelo fato dele ser tutor ele não se sinta acima de nós, mas que se sinta parte de nós. E eu acho que isso é extremamente fundamental para o bom funcionamento do grupo. Que ninguém aqui, nem mesmo um</p>	<p>A100: <i>Sentir-se parte do grupo.</i></p>	<p>DSC100</p> <p>A100: <i>Sentir-se parte do grupo.</i></p> <p>IC100: <i>Sentir-se parte do grupo.</i></p> <p><i>Se o PET tem que ter a cara do tutor, o PET também tem que ter a cara do petiano. Então, tem que ser um misto de tudo isso. Que se sinta parte do grupo, no sentido em que pelo fato dele ser tutor ele não se sinta acima de nós, mas que se sinta parte de nós. E eu acho que isso é extremamente fundamental para o bom funcionamento do grupo. Que ninguém aqui, nem mesmo um bolsista nem tutor, se ache acima ou abaixo de ninguém. Eu acho que a gente tem que planificar a relação.</i></p> <p><i>Eu acho que assim que esse tutor chegasse aqui eu tentaria extrair assim da minha cabeça as coisas</i></p>

	<p>bolsista nem tutor, se ache acima ou abaixo de ninguém. Eu acho que a gente tem que planificar a relação.</p>		<p><i>mais benéficas que eu acho que o(a) tutor(a) anterior conseguiu trazer para o programa, e passaria pra ele(a).</i></p>
	<p>IC101: <i>Aceitar a diversidade</i></p> <p>O que eu diria é que realmente consiga trabalhar, que consiga aceitar a diversidade de pensamento, porque aqui no grupo a gente tem isso, são 12 cabeças pensando e às vezes cada um pensa de uma forma e um bom conceito de ser tutor(a) é o(a) que a gente tem que consegue ouvir a todos, ele(a) sempre coloca a opinião dele(a) e o grupo como um todo decide, mas é lógico, às vezes eu sinto que a opinião dele(a) pesa um pouco, tem isso aí em todo o lugar.</p>	<p>A101: <i>Aceitar a diversidade</i></p>	<p>DSCI01</p> <p>A101: <i>Aceitar a diversidade</i></p> <p>IC101: <i>Aceitar a diversidade.</i></p> <p><i>O que eu diria é que realmente consiga trabalhar, que consiga aceitar a diversidade de pensamento, porque aqui no grupo a gente tem isso, são 12 cabeças pensando e às vezes cada um pensa de uma forma e um bom conceito de ser tutor(a) é o(a) que consegue ouvir a todos, ele(a) sempre coloca a opinião dele(a) e o grupo como um todo decide, mas é lógico, às vezes eu sinto que a opinião dele(a) pesa um pouco,mas tem isso aí em todo o lugar.</i></p>

APÊNDICE II – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 19 (IAD 19)			
EIXO DISCURSIVO: CONCEPÇÕES DE TUTORIA (PTM23)			
EXPRESSÕES CHAVES	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>T1-PT: No geral, a tutoria é um processo. Para mim será sempre um processo de acompanhamento do desenvolvimento das competências dos alunos e de apoio à resolução de problemas, tem sempre um apoio e é importante que haja uma integração do aluno com o tutor para que esse desenvolvimento possa ser monitorizado ao longo do tempo, para que se possa detectar também necessidade de formação ou de necessidade ao nível da resolução de problemas.</p> <p>IC102</p> <p>T2-PT: Então, tutoria é um apoio que existe, pode ser entre pares, pode ser entre pessoas mais velhas e mais novas ou o contrário também, dependendo da maestria que se está a realizar em determinada atividade. Portanto tutor é sempre que eu tenho mais facilidade em realizar uma determinada atividade. IC103</p> <p>T2-PT: Eu acho que são complementares, porque apesar de achar que o papel do tutor é importante, acho que o papel do mentor é igualmente importante, IC104</p> <p>porque o mentor acaba por ser aquela pessoa que está mais próxima diariamente, eu não estava aqui todos os dias, eu vinha uma vez por semana, depois para as sessões, depois tinha o tal apoio por e-mail que era organizado, mas acho que o mentor é a pessoa que está muito mais presente diariamente, que pode cruzar facilmente no bairro, acontece qualquer coisinha “olha, eu preciso de um apoio, podes me ajudar?” É um apoio muito</p>	<p>IC102: A tutoria é um processo de acompanhamento do desenvolvimento de competências e de apoio à resolução de problemas.</p> <p>No geral, a tutoria é um processo. Para mim será sempre um processo de acompanhamento do desenvolvimento das competências dos alunos e de apoio à resolução de problemas, tem sempre um apoio e é importante que haja uma integração do aluno com o tutor para que esse desenvolvimento possa ser monitorizado ao longo do tempo, para que se possa detectar também necessidade de formação ou de necessidade ao nível da resolução de problemas.</p>	<p>A102: A tutoria é um processo de acompanhamento do desenvolvimento de competências e de apoio à resolução de problemas.</p>	<p>DSCI02</p> <p>A102: A tutoria é um processo de acompanhamento do desenvolvimento de competências e de apoio à resolução de problemas.</p> <p>IC102: A tutoria é um processo de acompanhamento do desenvolvimento de competências e de apoio à resolução de problemas.</p> <p>No geral, a tutoria é um processo de acompanhamento do desenvolvimento das competências dos alunos e de apoio à resolução de problemas, tem sempre um apoio e é importante que haja uma integração do aluno com o tutor para que esse desenvolvimento possa ser monitorizado ao longo do tempo, para que se possa detectar também necessidade de formação ou de necessidade ao nível da resolução de problemas.</p>
	<p>IC103: Existem diversas formas de tutoria.</p> <p>Então, tutoria é um apoio que existe, pode ser entre pares, pode ser entre pessoas mais velhas e mais novas ou o contrário também, dependendo da maestria que se está a realizar em determinada atividade. Portanto tutor é sempre que eu tenho mais facilidade em realizar uma determinada atividade.</p> <p>Essa tutoria de apoio a</p>	<p>A103: Existem diversas formas de tutoria.</p>	<p>DSCI03</p> <p>A103: Existem diversas formas de tutoria.</p> <p>IC103: Existem diversas formas de tutoria.</p> <p>Então, tutoria é um apoio que existe, pode ser entre pares, pode ser entre pessoas mais velhas e mais novas ou o contrário também, dependendo da maestria que se está a realizar em determinada atividade. Essa tutoria do PTM23 é de apoio a essa diversidade, eu acho que essa tutoria é uma tutoria para um público alvo, para a diversidade, não é uma</p>

<p>mais imediato, além de que são pessoas mais novas, que podem dar outras perspectivas, porque normalmente são alunos, 18, 19 anos, que podem dar uma perspectiva da Faculdade mais leve, não tão séria. Porque para as pessoas mais velhas é só trabalho, não há diversão, eu mesma não tive muita diversão na Faculdade, eu trabalhava e não tinha muito tempo para isso, mas as vezes as pessoas que entram pelo Maiores de 23 vem com uma perspectiva que é muito trabalho, que não vão ter capacidade e a perspectiva de alunos mais novos pode ajudar nesse sentido, tirar um pouquinho desse peso. Além de que estão muito mais recordados das matérias do curso, pode ser bom também nesse sentido, partilha de materiais também é muito importante, dúvidas, podem estudar juntos, por exemplo.... Convívio no geral. IC105 C1: [...] essa tutoria de apoio a essa diversidade, eu acho que essa tutoria é uma tutoria para um público alvo, para a diversidade, [...] Nesse sentido se presarmos na tutoria, é claro que ela é muito diversa, diferentes experiências tutoriais e programas tutoriais, alguns conjugam várias modalidades tutoriais, e nesse caso, especificamente, [...] Também tenho a impressão que tem sempre uma tutoria curricular, ou seja, o professor, faz sempre um trabalho de tutoria curricular aos seus alunos. Nós temos uma tutoria mais administrativa, mais acadêmica, no sentido de um programa de tutoria, de apoio acompanhar os passos deles, os problemas, as situações. Vamos ter uma tutoria mais customizada, de apoio, uma tutoria para um grupo específico, ter uma tutoria mais a distância, e esse projeto tem avançado para isso, para uma modalidade que hoje é mais fácil de conceber, porque as vidas são complexas e complicadas, as pessoas tem que fazer várias atividades ao mesmo tempo, e permite que no momento em que as pessoas estão em casa, sem se deslocar, possam usufruir dessa tutoria.</p> <p>IC104: Também tenho a impressão que tem sempre uma tutoria curricular, ou seja, o professor, faz sempre um trabalho de tutoria curricular aos seus alunos. Nós temos uma tutoria mais administrativa, mais acadêmica, no sentido de um programa de tutoria, de apoio</p>	<p>essa diversidade, eu acho que essa tutoria é uma tutoria para um público alvo, para a diversidade, [...] Nesse sentido se presarmos na tutoria, é claro que ela é muito diversa, diferentes experiências tutoriais e programas tutoriais, alguns conjugam várias modalidades tutoriais, e nesse caso, especificamente, [...] Também tenho a impressão que tem sempre uma tutoria curricular, ou seja, o professor, faz sempre um trabalho de tutoria curricular aos seus alunos. Nós temos uma tutoria mais administrativa, mais acadêmica, no sentido de um programa de tutoria, de apoio acompanhar os passos deles, os problemas, as situações. Vamos ter uma tutoria mais customizada, de apoio, uma tutoria para um grupo específico, ter uma tutoria mais a distância, e esse projeto tem avançado para isso, para uma modalidade que hoje é mais fácil de conceber, porque as vidas são complexas e complicadas, as pessoas tem que fazer várias atividades ao mesmo tempo, e permite que no momento em que as pessoas estão em casa, sem se deslocar, possam usufruir dessa tutoria.</p> <p>IC104: A tutoria e a mentoria são complementares.</p> <p>Eu acho que são</p>	<p>A104: A tutoria e a mentoria são complementares.</p>	<p>tutoria para todos, mas a Faculdade tem outros projetos de apoio e integração dos jovens à faculdade. Nesse sentido se presarmos na tutoria, é claro que ela é muito diversa, diferentes experiências tutoriais e programas tutoriais, alguns conjugam várias modalidades tutoriais, e nesse caso, especificamente, com essa diversidade de tutoria fez com que se pensasse em uma tutoria à parte no programa de mentorado para integrar também, em conjunto, esse programa de tutoria. Também tenho a impressão que tem sempre uma tutoria curricular, ou seja, o professor faz sempre um trabalho de tutoria curricular aos seus alunos. Nós temos uma tutoria mais administrativa, mais acadêmica, no sentido de um programa de tutoria, de apoio acompanhar os passos deles, os problemas, as situações. Vamos ter uma tutoria mais customizada, de apoio, uma tutoria para um grupo específico, ter uma tutoria mais a distância, e esse projeto tem avançado para isso, para uma modalidade que hoje é mais fácil de conceber, porque as vidas são complexas e complicadas, as pessoas tem que fazer várias atividades ao mesmo tempo, e permite que no momento em que as pessoas estão em casa, sem se deslocar, possam usufruir dessa tutoria.</p> <p>DSC104 A104: A tutoria e a mentoria são complementares. IC104: A tutoria e a mentoria são</p>
---	--	--	--

<p>acompanhar os passos deles, os problemas, as situações. Vamos ter uma tutoria mais customizada, de apoio, uma tutoria para um grupo específico, ter uma tutoria mais a distância, e esse projeto tem avançado para isso, para uma modalidade que hoje é mais fácil de conceber, porque as vidas são complexas e complicadas, as pessoas tem que fazer várias atividades ao mesmo tempo, e permite que no momento em que as pessoas estão em casa, sem se deslocar, possam usufruir dessa tutoria. IC103</p> <p>CI: Depois as reuniões tutoriais corretivas, elas cada vez são menos. Porque como esse público alvo passou a usufruir de forma mais estruturada da mentoria, do programa de mentorado que é para mim uma tutoria a parte, nesse sentido, essas sessões grupais com o tutor passa a não ter muita pertinência. Pode ter uma ou outra sim, até para estabelecer alguma relação, que crie uma confiança, para depois apostar mais nos encontros individuais, na tutoria individualizada. Portanto, eu acho que o que tem acontecido mais é a tutoria individualizada, com o recurso da tecnologia, com o sistema de tutoria à distância. IC105</p>	<p>complementares, porque apesar de achar que o papel do tutor é importante, acho que o papel do mentor é igualmente importante [...].</p> <p>Com essa diversidade de tutoria fez com que se pensasse em uma tutoria à parte no programa de mentorado para integrar também, em conjunto, esse programa de tutoria. Depois as reuniões tutoriais corretivas, elas cada vez são menos. Porque como esse público alvo passou a usufruir de forma mais estruturada da mentoria, do programa de mentorado que é para mim uma tutoria a parte, nesse sentido, essas sessões grupais com o tutor passa a não ter muita pertinência. Pode ter uma ou outra sim, até para estabelecer alguma relação, que crie uma confiança, para depois apostar mais nos encontros individuais, na tutoria individualizada. Portanto, eu acho que o que tem acontecido mais é a tutoria individualizada, com o recurso da tecnologia, com o sistema de tutoria à distância</p>		<p><i>complementares.</i></p> <p><i>Eu acho que a tutoria e a mentoria são complementares, porque apesar de achar que o papel do tutor é importante, acho que o papel do mentor é igualmente importante.</i></p>
--	---	--	--

	<p>ICI05: <i>A mentoria é convívio, o mentor é mais próximo do aluno. [...] porque o mentor acaba por ser aquela pessoa que está mais próxima diariamente, [...] o mentor é a pessoa que está muito mais presente diariamente, [...] acontece qualquer coisinha “olha, eu preciso de um apoio, podes me ajudar?” É um apoio muito mais imediato, além de que são pessoas mais novas, que podem dar outras perspectivas, porque normalmente são alunos, 18, 19 anos, que podem dar uma perspectiva da Faculdade mais leve, não tão séria. Porque para as pessoas mais velhas é só trabalho, não há diversão, eu mesma não tive muita diversão na Faculdade, eu trabalhava e não tinha muito tempo para isso, mas as vezes as pessoas que entram pelo Maiores de 23 vem com uma perspectiva que é muito trabalho, que não vão ter capacidade e a perspectiva de alunos mais novos pode ajudar nesse sentido, tirar um pouquinho desse peso. Além de que estão muito mais recordados das matérias do curso, pode ser bom também nesse sentido, partilha de materiais também é muito importante, dúvidas, podem estudar juntos, por exemplo.... Convívio no geral.</i></p>	<p>AI05: <i>A mentoria é convívio, o mentor é mais próximo do aluno.</i></p>	<p>DSCI05 AI05: <i>A mentoria é convívio, o mentor é mais próximo do aluno.</i> ICI05: <i>A mentoria é convívio, o mentor é mais próximo do aluno.</i></p> <p><i>As reuniões tutoriais, elas cada vez são menos. Porque como esse público alvo passou a usufruir de forma mais estruturada da mentoria, do programa de mentorado essas sessões grupais com o tutor passa a não ter muita pertinência, porque o mentor acaba por ser aquela pessoa que está mais próxima diariamente, acontece qualquer coisinha “olha, eu preciso de um apoio, podes me ajudar?” É um apoio muito mais imediato, além de que são pessoas mais novas, que podem dar outra perspectiva da Faculdade, mais leve, não tão séria. Porque para as pessoas mais velhas é só trabalho, não há diversão, as pessoas que entram pelo Maiores de 23 vem com uma perspectiva que é muito trabalho, que não vão ter capacidade e a perspectiva de alunos mais novos pode ajudar nesse sentido, tirar um pouquinho desse peso. Além de que estão muito mais recordados das matérias do curso, pode ser bom também nesse sentido, partilha de materiais também é muito importante, dúvidas, podem estudar juntos, por exemplo, convívio no geral.</i></p>
--	---	---	---

APÊNDICE JJ – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 20 (IAD 20)			
EIXO DISCURSIVO: PRÁTICA (PTM23)			
SUB-EIXO: Funções do tutor			
EXPRESSÕES CHAVES	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>T1-PT: [...] as funções serão de apoio nessa fase de integração dos alunos maiores de 23 e portanto, da minha parte há um apoio presencial, mas nomeadamente na tentativa de solução de problemas que eles tenham, por exemplo, encaminhá-los cá dentro quando eles tenham dúvidas, agilizar processos cá dentro, às vezes eles estão à espera de uma informação da área académica e eles não lhes dão essa informação e, se calhar se for eu a pedir é mais rápido, isso ajuda. As disponibilidades também de acesso a materiais, informações sobre os planos do curso, por exemplo, algumas regras de funcionamento, e depois fazer a ponte com a equipa dos professores que fazem as sessões tutoriais [...] já não sou eu que dinamizo essas sessões, mas funciono um pouco como mediador, vejo qual a necessidade que os alunos tenham depois contato com os professores para se organizar a dinamização dessas sessões [...].</p> <p>T1-PT: Era algo que este ano também gostaríamos de introduzir o aconselhamento de carreira, neste momento não dá porque eu não tenho disponibilidade para o fazer, mas talvez no início do próximo semestre, [...] volte a pensar nisso. porque uma das sessões temáticas que eu gostaria de desenvolver com eles era de facto o apoio à construção da carreira. Porque muitos deles disseram na entrevista, que queriam vir para a</p>	<p>IC106: <i>As funções do tutor no PTM23 é de dar apoio aos alunos na tentativa de resolução de problemas de mediação entre alunos e professores.</i></p> <p>[...] as funções serão de apoio nessa fase de integração dos alunos maiores de 23 e, portanto, da minha parte há um apoio presencial, mas nomeadamente na tentativa de solução de problemas que eles tenham, por exemplo, encaminhá-los cá dentro quando eles tenham dúvidas, agilizar processos cá dentro, às vezes eles estão à espera de uma informação da área académica e eles não lhes dão essa informação e, se calhar se for eu a pedir é mais rápido, isso ajuda. As disponibilidades também de acesso a materiais, informações sobre os planos do curso, por exemplo, algumas regras de funcionamento, e depois fazer a ponte com a equipa dos professores que fazem as sessões tutoriais [...] já não sou eu que dinamizo essas sessões, mas funciono um pouco como mediador, vejo qual a necessidade que os alunos tenham depois contato com os professores para se organizar a dinamização dessas sessões [...].</p>	<p>AI06: <i>Resolução de problemas de mediação entre alunos e professores.</i></p>	<p>DSC106</p> <p>AI06: <i>Resolução de problemas de mediação entre alunos e professores.</i></p> <p>IC106: <i>As funções do tutor no PTM23 é de dar apoio aos alunos na tentativa de resolução de problemas e de mediação entre alunos e professores.</i></p> <p><i>As funções serão de apoio nessa fase de integração dos alunos maiores de 23 e, portanto, da minha parte há um apoio presencial, mas nomeadamente na tentativa de solução de problemas que eles tenham, por exemplo, encaminhá-los cá dentro quando eles tenham dúvidas, agilizar processos cá dentro, às vezes eles estão à espera de uma informação da área académica e eles não lhes dão essa informação e, se calhar se for eu a pedir é mais rápido, isso ajuda. As disponibilidades também de acesso a materiais, informações sobre os planos do curso, por exemplo, algumas regras de funcionamento, e depois fazer a ponte com a equipa dos professores que fazem as sessões tutoriais, já não sou eu que dinamizo essas sessões, mas funciono um pouco como mediador, vejo qual a necessidade que os alunos tenham depois contato com os professores para se organizar a dinamização dessas sessões.</i></p>

<p>psicologia, mas ainda não tinham a ideia muito clara do que é que gostariam de fazer com isto. E o objectivo também não é eles decidirem agora o que a especialização que vão fazer, mas em todo caso é importante irem conhecendo as áreas de aplicação da psicologia que são muito diversas. Então tinha pensado em fazer com eles uma sessão mais introdutória para os ajudar a explorar esta atividade do psicólogo e ajudá-los a definir alguns interesses que possam ir guiando quer a escolha deles das disciplinas optativas que vão ter de fazer ao longo do curso, quer mais tarde se calhar a escolha da área do mestrado e para se ir tentando aproximar daquilo que lhe chamam mais a atenção dentro da área da psicologia.</p> <p>IC107</p>	<p>IC107: <i>Uma temática necessária é o aconselhamento de carreira.</i></p> <p>Era algo que este ano também gostaríamos de introduzir o aconselhamento de carreira, neste momento não dá porque eu não tenho disponibilidade para o fazer, mas talvez no início do próximo semestre, [...] volte a pensar nisso, porque uma das sessões temáticas que eu gostaria de desenvolver com eles era de facto o apoio à construção da carreira. Porque muitos deles disseram na entrevista, que queriam vir para a psicologia, mas ainda não tinham a ideia muito clara do que é que gostariam de fazer com isto. E o objectivo também não é eles decidirem agora a especialização que vão fazer, mas em todo caso é importante irem conhecendo as áreas de aplicação da psicologia que são muito diversas. Então tinha pensado em fazer com eles uma sessão mais introdutória para os ajudar a explorar esta atividade do psicólogo e ajudá-los a definir alguns interesses que possam ir guiando quer a escolha deles das disciplinas optativas que vão ter de fazer ao longo do curso, quer mais tarde se calhar a escolha da área do mestrado e para se ir tentando aproximar daquilo que lhe chamam mais a atenção dentro da área da psicologia.</p>	<p>A107: <i>Aconselhamento de carreira.</i></p>	<p>DSC107 A107: <i>Aconselhamento de carreira.</i> IC107: <i>Uma temática necessária é o aconselhamento de carreira.</i></p> <p><i>Era algo que este ano também gostaríamos de introduzir: o aconselhamento de carreira. Neste momento não dá porque eu não tenho disponibilidade para o fazer, mas talvez no início do próximo semestre volte a pensar nisso, porque uma das sessões temáticas que eu gostaria de desenvolver com eles era de facto o apoio à construção da carreira. Porque muitos deles disseram na entrevista que queriam vir para a psicologia, mas ainda não tinham a ideia muito clara do que é que gostariam de fazer com isto. E o objectivo também não é eles decidirem agora a especialização que vão fazer, mas em todo caso é importante irem conhecendo as áreas de aplicação da psicologia que são muito diversas. Então, tinha pensado em fazer com eles uma sessão mais introdutória para os ajudar a explorar esta atividade do psicólogo e ajudá-los a definir alguns interesses que possam ir guiando quer a escolha deles das disciplinas optativas que vão ter de fazer ao longo do curso, quer mais tarde, se calhar, a escolha da área do mestrado, e para se ir tentando aproximar daquilo que lhe chamam mais a atenção dentro da área da psicologia.</i></p>
---	--	--	--

APÊNDICE KK – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 21 (IAD 21)

EIXO DISCURSIVO: PRÁTICA(PTM23)			
SUB-EIXO: AÇÃO TUTORIAL NA PRÁTICA COTIDIANA			
EXPRESSÕES CHAVES	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>T1-PT: [...] têm muitas dúvidas relativamente à divisão académica, em que se podem inscrever, às questões relacionadas com o Estatuto do Trabalhador Estudante, questões sobre bolsas de estudo. [...] Mas são coisas muito práticas, chegam a dizer que têm dificuldade, por exemplo, de estudar para uma disciplina ou em fazer um trabalho de grupo, que era aquilo que nós se calhar nós anteciparíamos numa tutoria mais pedagógica, mas eles vêm com questões muito práticas.</p> <p>IC108 Eu acho que não teve nenhum a procurar individualmente, por e-mail eles enviavam várias questões enormes, todo dia. Eram mais questões relacionadas à Faculdade. Só houve uma vez que eu fiz uma sessão que podemos considerar individual, mas acabou por não ser. Houve um aluno que queria muito participar de uma sessão temática que era sobre a gestão do tempo, mas ele não podia naquele horário, mas grande parte do grupo podia, por causa desse aluno não fazia sentido alterar a sessões já que os outros poderiam. Então, eu fiz a sessão com a maior parte dos alunos e depois combinei um dia só com aquele. IC109</p> <p>T1-PT: A tutoria é exercida sempre no primeiro semestre. Eu penso que não foi sempre assim. Mas eu sei que no</p>	<p>IC108: <i>A ação tutorial está voltada para tirar dúvidas de questões práticas dos alunos.</i> [...] têm muitas dúvidas relativamente à divisão académica, em que se podem inscrever, às questões relacionadas com o Estatuto do Trabalhador Estudante, questões sobre bolsas de estudo. [...] Mas são coisas muito práticas, chegam a dizer que têm dificuldade, por exemplo, de estudar para uma disciplina ou em fazer um trabalho de grupo, que era aquilo que nós se calhar nós anteciparíamos numa tutoria mais pedagógica, mas eles vêm com questões muito práticas.</p>	<p>AI08: <i>A ação tutorial está voltada para tirar dúvidas de questões práticas dos alunos.</i></p>	<p>DSCI08 AI08: <i>A ação tutorial está voltada para tirar dúvidas de questões práticas dos alunos.</i></p> <p>IC108: <i>A ação tutorial está voltada para tirar dúvidas de questões práticas dos alunos.</i></p> <p><i>Os alunos têm muitas dúvidas relativamente à divisão académica, em que se podem inscrever, às questões relacionadas com o Estatuto do Trabalhador Estudante, questões sobre bolsas de estudo, são coisas muito práticas, chegam a dizer que têm dificuldade, por exemplo, de estudar para uma disciplina ou em fazer um trabalho de grupo, que era aquilo que nós, se calhar, anteciparíamos numa tutoria mais pedagógica, mas eles vêm com questões muito práticas.</i></p>
	<p>IC109: <i>A ação tutorial envolve as sessões temáticas, atendimentos online e atendimentos individuais.</i> Eu acho que não teve nenhum a procurar individualmente, por e-mail eles enviavam várias questões enormes, todo dia. Eram mais questões relacionadas à Faculdade. Só houve uma vez que eu fiz uma sessão que podemos considerar individual [...]. Houve um aluno que queria muito participar de uma</p>	<p>AI09: <i>A ação tutorial envolve as sessões temáticas, atendimentos online e atendimentos individuais.</i></p>	<p>DSCI09 AI09: <i>A ação tutorial envolve as sessões temáticas, atendimentos online e atendimentos individuais.</i> IC109: <i>A ação tutorial envolve as sessões temáticas, atendimentos online e atendimentos individuais.</i></p> <p><i>Existem momentos só com os alunos. Temos a sessão de acolhimento, depois temos de modalidades diversas, aquilo que chamamos de sessões temáticas, essas sessões temáticas podem existir, podem não existir, depende do grupo. Porque há anos que elas existem, há</i></p>

<p>ano passado tentamos colocar todos os workshops no início do ano lectivo logo em outubro e novembro, exactamente porque depois eles tendem a não comparecer, vai se dissipando. E este ano tentamos fazer o mesmo, e aquilo que combinamos IC110 relativamente ao atendimento presencial, que ocorre às segundas feiras, também foi um bocadinho isso, foi ver inicialmente se eles vão recorrendo, é sempre por marcação e depois quando percebemos que eles também já não estão a ir, nós estamos disponíveis por <i>e-mail</i>, portanto, por qualquer necessidade se for possível alguma coisa reunimos com eles obviamente. IC109 Mas vai haver um ponto em que temos que decidir se podemos manter esse acompanhamento ou não. Mas como o foco desse projeto é a integração, [...] que no início do ano lectivo que o apoio é mais concentrado. IC110</p> <p>T1-PT: Eu não sinto que tenha mudado muita coisa, na verdade, [...] na estrutura do planeamento das actividades mudou alguma coisa, porque na anterior as actividades já estavam definidas, as sessões estavam definidas embora tenha sido feita uma avaliação das necessidades, depois já havia uma resposta preparada. Eles ou iam ou não iam. No caso deste ano, tentamos que fossem eles a definir o quê que era importante, dentro de algumas opções que já estavam definidas e deixamos que eles propusessem outras coisas,</p>	<p>sessão temática que era sobre a gestão do tempo, mas ele não podia naquele horário, mas grande parte do grupo podia, por causa desse aluno não fazia sentido alterar a sessões já que os outros poderiam. Então, eu fiz a sessão com a maior parte dos alunos e depois combinei um dia só com aquele. Se não me engano estava presente a professora [...], uma das funcionárias do GAPE, que é a coordenadora, uma vez que ela faz parte do gabinete de apoio psicopedagógico ao estudante (GAPE) ela estava lá também, para conhecerem o gabinete, para os alunos novos conhecerem para além do funcionamento do curso e conhecerem também a estrutura da faculdade. Pronto isso é uma parte: sessão de acolhimento. Claro que inicialmente eram enviados e-mails fazendo publicidade da ação de acolhimento, porque muitos alunos não sabem que as faculdades têm depois estes tipos de projetos. Depois da ação de acolhimento, foram calendarizadas algumas ações temáticas, como por exemplo, metas de estudo porque esses alunos normalmente já não estudam há muito tempo, já tem algumas dificuldades. Existiam momentos só com os alunos. As sessões de acolhimento inicialmente nós combinávamos tudo com as pessoas,</p>		<p><i>anos que elas existem todas, outros que só existem uma ou outra, depende da visão, da necessidade desse público, que é quem decide o que é que e necessário para si.</i></p> <p><i>As sessões de acolhimento inicialmente nós combinamos tudo com as pessoas, normalmente nós tentamos que o diretor da Faculdade venha, depois vêm algumas pessoas da secretaria, da biblioteca, a coordenadora do GAPE (Gabinete de Apoio Pedagógico), um professor só para dar uma palavrinha, a coordenadora dos Maiores de 23 e eu, para os alunos novos conhecerem o funcionamento do curso e conhecerem também a estrutura da faculdade e o gabinete. Claro que inicialmente são enviados e-mails para os alunos fazendo publicidade da sessão de acolhimento, porque muitos deles não sabem que as faculdades têm estes tipos de projetos. E Também é enviado um e-mail para os professores e coordenadores dizendo que será realizada a sessão e se é possível fazer um pequeno documento explicando cada uma das suas áreas, eu também fiz um pequeno documento no power point para explicar como funciona o projeto de tutoria. Portanto, essa é a primeira fase, já temos um planeamento dessa sessão, é feita uma introdução de acolhimento em que fala o diretor, então tinha essa parte que falavam eles, depois temos a parte em que eu apresento o projeto e explico que é voluntário e só participa quem quer, quais os nossos objetivos se não eles não entendem para que aquilo serve, pensam que</i></p>
---	--	--	---

<p>o que não aconteceu.</p> <p>Acho que acabou por não resultar como tínhamos previsto. Isso é algo também a repensar. Mas em termos da estrutura foi a única diferença. Penso que acabei por me basear muito no modelo do ano passado, no modelo da tutora anterior de se relacionar com os alunos.IC114</p> <p>T2-PT: [...] uma sessão de acolhimento, nessa sessão as coisas que teria para explicar o funcionamento do curso, eu estava presente para explicar o funcionamento do programa de tutoria, porque era um programa voluntário, só participava quem quisesse, também para explicar em si a estrutura do programa. IC112</p> <p>Se não me engano estava presente a professora [...], uma das funcionárias do GAPE, que é a coordenadora, uma vez que ela faz parte do gabinete de apoio psicopedagógico ao estudante (GAPE) ela estava lá também, para conhecerem o gabinete, para os alunos novos conhecerem para além do funcionamento do curso e conhecerem também a estrutura da faculdade. Pronto isso é uma parte: sessão de acolhimento. Claro que inicialmente eram enviados e-mails fazendo publicidade da ação de acolhimento, porque muitos alunos não sabem que as faculdades têm depois estes tipos de projetos. Depois da ação de acolhimento, foram calendarizadas algumas ações temáticas, como por</p>	<p>normalmente nós tentávamos que o diretor da Faculdade viesse, mas é uma pessoa muito ocupada e geralmente não vinha, vinha o vice-presidente, depois vinha algumas pessoas, vinha algumas pessoas da secretaria, da biblioteca, depois vinha a Célia do GAPE e eu, às vezes vinha um professor só para dar uma palavrinha. Portanto, inicialmente era enviado um e-mail dizendo que seria realizado uma sessão com todas essas pessoas e dizia se era possível fazer um pequeno documento explicando cada uma das suas áreas, eu também fiz um pequeno documento no power point para explicar como iria funcionar o projeto de tutoria. Portanto, essa era a primeira fase, já tínhamos um planeamento dessa sessão, fazia uma introdução de acolhimento, falava a diretora ou vice-presidente, então tinha essa parte que falavam eles, depois tínhamos a parte em que eu apresentava o projeto e explicava que era voluntário e só participava quem quisesse, quais era os nossos objetivos se não eles não entendiam para que aquilo servia, pensariam que era uma perda de tempo e eles já são muito atrapalhados com essa coisa de tempo, explicava também a estrutura em que era</p>	<p><i>era uma perda de tempo e eles já são muito atrapalhados com essa coisa de tempo, explico também a estrutura em que são realizadas as sessões temáticas, os momentos de discussão, também que pode haver um momento de atendimento mais individual, mas isso é combinado individualmente com cada um quando eles precisam, pronto, é tudo explicado, inclusive as datas das sessões, porque inicialmente nós já temos datas previstas, mas claro, se necessário, alteramos, mas achamos que ter datas específicas já facilita a organização deles também. Pronto, então, depois disso tudo estar estruturado, enviamos e-mail a todos os alunos escolhidos, para além dos e-mails, eu contatei todos por telefone e falei da sessões e poucos não podiam ir, de fato grande parte deles foi. Depois da sessão, há uma sessão de avaliação inicial para avaliar o clima e as expectativas do curso e adiantar quais são as dificuldades e facilidades, os pontos mais fortes e os pontos mais fracos. Para ver também se nosso plano inicial estava indo de encontro aquilo que eles mais cariciavam, de fato o que tem mais dificuldade é na questão do tempo e não saber se vai conseguir lidar com a exigência da Faculdade. Relativamente ao atendimento presencial, que ocorre às segundas feiras, também foi um bocadinho isso, foi ver inicialmente se eles vão recorrendo, é sempre por marcação e depois quando percebemos que eles também já não estão a ir, nós estamos disponíveis por e-mail, por esse meio eles</i></p>
---	---	---

<p>exemplo, metas de estudo porque esses alunos normalmente já não estudam há muito tempo, já tem algumas dificuldades. IC109</p> <p>Apresentações orais, assim algumas temáticas, sempre querendo deixar em aberto outros dias disponíveis para que se eles quisessem, eles poderiam sugerir outros temas que eles considerassem mais importantes até do que estes que nós propúnhamos. Depois, tínhamos também planejado umas seções mais de partilha, eles falavam o que eles quisessem para vermos como é que estava andando o curso, mas não teve assim uma grande adesão. [...] IC114</p> <p>T1-PT: De fato são sessões mais específicas e também estão orientadas de acordo com a própria especialização dos professores, por exemplo Z é da área da educação e ela trabalha muito os métodos de estudo, portanto, geralmente era ela que dava esta sessão. A professora Y, portanto, ligada à psicologia mais cognitiva e experimental, é que está mais relacionada com a leitura dos artigos científicos porque as próprias disciplinas dela estão mais relacionadas com este tipo de metodologia de trabalho, portanto, tentamos utilizar o potencial e as áreas de especialização dos professores em favor dos alunos. IC111</p> <p>T1-PT: de conteúdos ou até de formas de trabalhar, por exemplo, o workshop da professora Arlete sobre leitura de artigos científicos serve para os</p>	<p>realizadas as sessões temáticas, os momentos de discussão, também que poderiam haver um momento de atendimento mais individual, mas isso seria combinado individualmente com cada um quando eles precisassem, pronto, era tudo explicado, inclusive as datas das sessões, porque inicialmente nós já tínhamos datas previstas, mas claro, se fosse necessário, alterava, mas achávamos que ter datas específicas já facilitava a organização deles também. Pronto, então, depois disso tudo estar estruturado, era enviado e-mail a todos os alunos que tinham sido escolhidos, para além dos e-mails, porque tinha muita gente que não respondia os e-mails, nós tínhamos dúvidas se tinham recebido, então eu contatei todos por telefone e falei da sessão e poucos não podiam ir, de fato grande parte deles foi, tanto num ano como no outro. Depois da sessão, havia uma sessão de avaliação inicial para avaliar o clima e as expectativas do curso e adiantar quais são as dificuldades e facilidades, os pontos mais fortes e os pontos mais fracos. Para ver também se nosso plano inicial estava indo de encontro aquilo que eles mais cariciavam, de fato o que tem mais dificuldade é na</p>	<p><i>enviavam várias questões enormes, todo dia, questões relacionadas à Faculdade. Portanto, qualquer necessidade se for possível alguma coisa reunimos com eles obviamente. Só houve uma vez que eu fiz uma sessão que podemos considerar individual. Houve um aluno que queria muito participar de uma sessão temática que era sobre a gestão do tempo, mas ele não podia naquele horário, mas grande parte do grupo podia, por causa desse aluno não fazia sentido alterar a sessão já que os outros poderiam. Então, eu fiz a sessão com a maior parte dos alunos e depois combinei um dia só com aquele.</i></p>
--	--	---

<p>ajudar a quê? À formação aqui é muito teórica e eles têm muito que ler, e às vezes a apresentar artigos científicos e se eles souberem logo como fazer uma leitura e como fazer uma pesquisa, isso são ferramentas úteis para eles não estarem a perder tempo com esse processo inicial e para automaticamente comecem a trabalhar. É muito importante, portanto, alguns são de conteúdo e outros são de métodos de trabalho..</p> <p>T1-PT: Este ano nós acabamos quase sempre por partir do ano anterior, como modelo base; e este ano tentamos que isto tudo fosse feito de forma co-construída com os próprios alunos M23; porque o ano passado de facto havia um conjunto de ações de workshops, e depois os alunos não compareceram. E o formato era rígido, portanto, havia workshops nestes dias, os professores já tinham sido convocados, os alunos também, depois eles simplesmente não compareciam, o que também causava alguns constrangimentos para os professores que se tinham disponibilizados para fazer aquelas ações. Então, este ano, e antecipamos já que este público tinha características semelhantes aos do ano passado, portanto, todos eles com habilitações superiores ou com frequência universitária, e portanto, se calhar, não teriam tantas dificuldades ao nível dos métodos de estudo, por exemplo, e sendo o método, a formação em métodos de estudos oferecida também pelo programa de mentorado,</p>	<p>questão do tempo e não saber se vai conseguir lidar com a exigência da Faculdade.</p> <p>Relativamente ao atendimento presencial, que ocorre às segundas feiras, também foi um bocadinho isso, foi ver inicialmente se eles vão recorrendo, é sempre por marcação e depois quando percebemos que eles também já não estão a ir, nós estamos disponíveis por <i>e-mail</i>, portanto, por qualquer necessidade se for possível alguma coisa reunimos com eles obviamente.</p> <p>[...] temos a sessão de acolhimento, depois temos modalidades diversas, aquilo que chamamos de sessões temáticas, essas sessões temáticas podem existir, podem não existir ou podem existir mais do que aquela que dei os exemplo, depende do grupo. Porque há anos que elas existem, há anos que elas existem todas, outros que só existem uma ou outra, depende da visão, da necessidade desse público, que é quem decide o que é que é necessário para si.</p>		
<p>este público tinha características semelhantes aos do ano passado, portanto, todos eles com habilitações superiores ou com frequência universitária, e portanto, se calhar, não teriam tantas dificuldades ao nível dos métodos de estudo, por exemplo, e sendo o método, a formação em métodos de estudos oferecida também pelo programa de mentorado,</p>	<p>IC110: A ação tutorial é exercida com mais intensidade no primeiro semestre.</p> <p>A tutoria é exercida sempre no primeiro semestre. Eu penso que não foi sempre assim. Mas eu sei que no ano passado tentamos colocar todos os workshops no início do ano lectivo logo em outubro e novembro,</p>	<p>AI10: A ação tutorial é exercida com mais intensidade no primeiro semestre.</p>	<p>DSC110</p> <p>AI10: A ação tutorial é exercida com mais intensidade no primeiro semestre.</p> <p>IC110: A ação tutorial é exercida com mais intensidade no primeiro semestre.</p> <p>A tutoria é exercida sempre no primeiro semestre. Eu penso que não foi sempre assim. Mas eu sei que no ano passado tentamos</p>

<p>esse foi um dos workshops que não colocamos. Portanto, assumimos que as pessoas tendo uma formação mais avançada não tivessem tantas dificuldades, isso e eram também mais jovens, portanto, teriam acabado de estudar a menos tempo, não havia aquele distanciamento da prática académica. E então, tentamos pensar o que é que poderia ser específico mesmo dos M23, e oferecemos-lhes a possibilidade de eles selecionarem quais é que eram as sessões em que eles gostariam de participar. Eles fizeram isso e nós contactamos os professores responsáveis por essas ações. Mas o que depois o que acabou de acontecer foi que para uma da biblioteca eles se inscreveram todos e só foram quatro. Depois no workshop de estatística que era aquele que de alguma forma todos me pediam “<i>preciso de apoio na estatística, tenho muito receio do que vai acontecer na estatística porque já fugi da matemática há muitos anos</i>”, e mesmo nas entrevistas isso surgia! Este ano organizamos o workshop, eles disseram que não podiam por questões de horário, alteramos o dia e mesmo assim, cancelaram. Portanto, tentamos que este ano isto fosse mais construído com eles para desenvolver mais no tipo de ações que eles necessitavam, no tipo de temas que precisavam de trabalhar, e de competências a desenvolver, e de responsabilizá-los também,</p>	<p>exactamente porque depois eles tendem a não comparecer, vai se dissipando. E este ano tentamos fazer o mesmo, e aquilo que combinamos [...] Mas vai haver um ponto em que temos que decidir se podemos manter esse acompanhamento ou não. Mas como o foco desse projeto é a integração, [...] que no início do ano lectivo que o apoio é mais concentrado.</p> <p>Mas só faz sentido no primeiro ano, chega no final do primeiro ano já não faz mais sentido porque os alunos já não conseguem, começam os exames... eles começam a ficar muito estressados com a época dos exames e não vale a pena.</p>		<p><i>colocar todos os workshops no início do ano lectivo, logo em outubro e novembro, exactamente porque depois eles tendem a não comparecer, vai se dissipando. E este ano tentamos fazer o mesmo, e aquilo que combinamos. Mas vai haver um ponto em que temos que decidir se podemos manter esse acompanhamento ou não. Mas como o foco desse projeto é a integração no início do ano lectivo, por isso o apoio é mais concentrado. Mas só faz sentido no primeiro ano, chega no final do primeiro ano já não faz mais sentido porque os alunos já não conseguem, começam os exames, eles começam a ficar muito estressados com a época dos exames e não vale a pena.</i></p>
<p>pediam “<i>preciso de apoio na estatística, tenho muito receio do que vai acontecer na estatística porque já fugi da matemática há muitos anos</i>”, e mesmo nas entrevistas isso surgia! Este ano organizamos o workshop, eles disseram que não podiam por questões de horário, alteramos o dia e mesmo assim, cancelaram. Portanto, tentamos que este ano isto fosse mais construído com eles para desenvolver mais no tipo de ações que eles necessitavam, no tipo de temas que precisavam de trabalhar, e de competências a desenvolver, e de responsabilizá-los também,</p>	<p>ICIII: <i>As sessões temáticas são ofertadas pelos professores com especialidade na área.</i></p> <p>De fato são sessões mais específicas e também estão orientadas de acordo com a própria especialização dos professores, por exemplo Z é da área da educação e ela trabalha muito os métodos de estudo, portanto, geralmente era ela que dava esta sessão. A professora Y, portanto, ligada à psicologia mais cognitiva e experimental, é que está mais relacionada com a leitura dos artigos científicos porque as próprias disciplinas dela estão mais relacionadas com este tipo de metodologia de</p>	<p>AIII: <i>A tutoria ocorre por meio de sessões cujas temáticas das são propostas pelo PTM23, mas também acolhe sugestões dos alunos.</i></p>	<p>DSCIII AIII: <i>A tutoria ocorre por meio de sessões cujas temáticas das são propostas pelo PTM23, mas também acolhe sugestões dos alunos.</i></p> <p><i>As sessões mais específicas estão orientadas de acordo com a própria especialização dos professores, por exemplo, Z é da área da educação e ela trabalha muito os métodos de estudo, portanto, geralmente era ela que dava esta sessão. A professora Y, portanto, ligada à psicologia mais cognitiva e experimental, é que está mais relacionada com a leitura dos artigos científicos porque as próprias disciplinas dela estão mais relacionadas com</i></p>

<p>porque se eles dizem à partida que estão interessados em frequentar, nós abrimos aquela vaga e esperamos que eles compareçam, quando não comparecem também ficam as responsabilidades e não acontece. IC114</p> <p>Portanto, tentamos que este ano o planejamento fosse feito com base na experiência passada, mas em conjunto com os próprios alunos M23. Quando eu digo tentamos geralmente eu penso isto em conjunto com a coordenadora, inicialmente. E também falei com a Coordenadora do GAPE porque como ela tem acesso à informação sobre o projeto de mentorado que é ela que coordena. Também pensar em conjunto com ela na perspectiva de não haver uma sobreposição. Estou-me também a recordar no início do ano lectivo também houve uma reunião com os alunos M23 do ano passado que eram mentores, e eu estive presente e aproveitei para lhes perguntar o que tinha corrido melhor e pior no ano passado, e fui recolhendo algum feedback da parte deles. E de fato eles deram algumas informações importantes, como a redundância. Portanto, nós tínhamos no programa no projeto de tutoria, ações e workshops semelhantes às que eles tinham no mentorado e portanto acharam que era redundante e estava por sobrepor. Depois também falaram de outras questões como o horário, as sessões eram de duas horas e eles acharam que era muito difícil para um trabalhador</p>	<p>trabalho, portanto, tentamos utilizar o potencial e as áreas de especialização dos professores em favor dos alunos. Também tinha momentos com os professores. Em relação a questão dos professores, foi realizado uma sessão sobre estatísticas, muito alunos não se sentem a vontade com estatística. Era uma sessão muito mais para a professora conhecer as dúvidas deles do que propriamente para falar de estatística, estatística especificamente como explicar coisas, não, dizer os problemas que estava e tornar-se disponível, era deixá-los a vontade para se sentissem dificuldade nas aulas, estarem mais confortáveis em procurar o professor. Porque muitas vezes nós não temos muita facilidade em procurar o professor, principalmente no primeiro ciclo da faculdade, porque normalmente os professores não sabem nosso nome, não sabem quem nós somos, então nós sentimos um bocado... agora estou dizendo isso mais como aluna, sentimos um pouco de dificuldade de esta com os professores porque eles não sabem quem nós somos, porque na aula são muitas pessoas a ter dúvidas e temos vergonha de fazer isso, então era mais para deixá-los a vontade para se precisar, estar</p>		<p><i>este tipo de metodologia de trabalho, portanto, tentamos utilizar o potencial e as áreas de especialização dos professores em favor dos alunos. Foi realizada uma sessão sobre estatísticas, muitos alunos não se sentem a vontade com estatística, era uma sessão muito mais para a professora conhecer as dúvidas deles do que propriamente para falar de estatística, estatística especificamente como explicar coisas, não, dizer os problemas que estava e tornar-se disponível, era deixá-los a vontade para se sentissem dificuldade nas aulas estarem mais confortáveis em procurar o professor. Porque muitas vezes nós não temos muita facilidade em procurar o professor, principalmente no primeiro ciclo da faculdade, porque normalmente os professores não sabem nosso nome, não sabem quem nós somos, então nós sentimos um bocado, agora estou dizendo isso mais como aluna, sentimos um pouco de dificuldade de estar com os professores porque eles não sabem quem nós somos, porque na aula são muitas pessoas a ter dúvidas e temos vergonha de fazer isso, então era mais para deixá-los a vontade para se precisar, estar com o professor. Dizer o horário de atendimento do professor, essas coisas, e eu acho que isso foi bastante bom. E tivemos outra sessão que era leitura de artigo científicos, que foi com uma professora da Faculdade também, professora Y, que está envolvida no Maiores de 23, porque achávamos que os alunos têm dificuldade de achar os pontos chaves de um artigo e perdem muito tempo para ler o artigo,</i></p>
--	--	--	--

<p>estudante estar a dispender de duas horas para estar nessa formação então este ano pensamos em sessões de uma hora e meia, por exemplo. Fomos recolhendo assim algum feedback dos alunos do ano passado. IC113</p> <p>T2-PT: Existiam momentos só com os alunos. As sessões de acolhimento inicialmente nós combinávamos tudo com as pessoas, normalmente nós tentávamos que o diretor da Faculdade viesse, mas é uma pessoa muito ocupada e geralmente não vinha, vinha o vice-presidente, depois vinha algumas pessoas, vinha algumas pessoas da secretaria, da biblioteca, depois vinha a Célia do GAPE e eu, às vezes vinha um professor só para dar uma palavrinha. Portanto, inicialmente era enviado um e-mail dizendo que seria realizado uma sessão com todas essas pessoas e dizia se era possível fazer um pequeno documento explicando cada uma das suas áreas, eu também fiz um pequeno documento no power point para explicar como iria funcionar o projeto de tutoria. Portanto, essa era a primeira fase, já tínhamos um planejamento dessa sessão, fazia uma introdução de acolhimento, falava a diretora ou vice-presidente, então tinha essa parte que falavam eles, IC109 depois tínhamos a parte em que eu apresentava o projeto e explicava que era voluntário e só participava quem quisesse, quais era os nossos objetivos se não eles não entendiam para que aquilo servia,</p>	<p>com o professor. Dizer o horário de atendimento do professor, essas coisas, e eu acho que isso foi bastante bom. E tivemos outra sessão que era leitura de artigo científicos, que foi com uma professora da Faculdade também, professora Arlete, que está envolvida no Maiores de 23, porque achávamos que os alunos tem dificuldade de achar os pontos chaves de um artigo e perdem muito tempo para ler o artigo, porque nós lemos inúmeros artigos na época da Faculdade, mas se nós soubermos onde procurar as coisas, não precisamos ler o artigo todo. Isso nos poupa tempo. E há artigos que são em inglês e há pessoas que não sabem inglês, portanto, saber onde procurar o ponto chave, é uma ajuda imensa. Então, a professora fez isso, explicou a estrutura do artigo e eu acho que foi bastante produtivo.</p>		<p><i>porque nós lemos inúmeros artigos na época da Faculdade, mas se nós soubermos onde procurar as coisas, não precisamos ler o artigo todo. Isso nos poupa tempo. E há artigos que são em inglês e há pessoas que não sabem inglês, portanto, saber onde procurar o ponto chave, é uma ajuda imensa. Então, a professora fez isso, explicou a estrutura do artigo e eu acho que foi bastante produtivo.</i></p>
<p>[...] uma sessão de acolhimento, nessa sessão teria para explicar o funcionamento do curso, eu estava presente para explicar o funcionamento do Programa de Tutoria, porque era um programa voluntário, só participava quem quisesse, também para explicar em si a</p>	<p>IC112: <i>A adesão à tutoria é voluntária, só adere às atividades quem quer.</i></p>	<p>A112: <i>A adesão à tutoria é voluntária, só adere às atividades quem quer e precisa.</i></p>	<p>DSC112 A112:<i>A adesão à tutoria é voluntária, só adere às atividades quem quer.</i> IC112:<i>A adesão à tutoria é voluntária, só adere às atividades quem quer.</i></p> <p><i>Assim, quanto à sessão de acolhimento, de fato, foi a que teve maior adesão. Eles foram todos contatados telefonicamente, por e-mail, com bastante antecedência, então, tiveram tempo para planejar as atividades que tinham em conjunto para tentar vir. Acho que essa foi uma das coisas que facilitou.</i></p>

<p>pensariam que era uma perda de tempo e eles já são muito atrapalhados com essa coisa de tempo, IC112 explicava também a estrutura em que era realizadas as sessões temáticas, os momentos de discussão, também que poderiam haver um momento de atendimento mais individual, mas isso seria combinado individualmente com cada um quando eles precisassem, pronto, era tudo explicado, inclusive as datas das sessões, porque inicialmente nós já tínhamos datas previstas, mas claro, se fosse necessário, alterava, mas achávamos que ter datas específicas já facilitava a organização deles também. Pronto, então, depois disso tudo estar estruturado, era enviado e-mail a todos os alunos que tinham sido escolhidos, para além dos e-mails, porque tinha muita gente que não respondia os e-mails, nós tínhamos dúvidas se tinham recebido, então eu contatei todos por telefone e falei da sessões e poucos não podiam ir, de fato grande parte deles foi, tanto num ano como no outro. Depois da sessão, havia uma sessão de avaliação inicial para avaliar o clima e as expectativas do curso e adiantar quais são as dificuldades e facilidades, os pontos mais fortes e os pontos mais fracos. Para ver também se nosso plano inicial estava indo de encontro aquilo que eles mais cariciavam, de fato o que tem mais dificuldade é na questão do tempo e não saber se vai conseguir lidar com a exigência da Faculdade. IC109</p>	<p>estrutura do programa. depois tínhamos a parte em que eu apresentava o projeto e explicava que era voluntário e só participava quem quisesse, quais era os nossos objetivos senão eles não entendiam para que aquilo servia, pensariam que era uma perda de tempo e eles já são muito atrapalhados com essa coisa de tempo, Este ano [...] só ocorreu uma sessão sobre à biblioteca, à qual foram quatro alunos, e não se têm mostrado..., apesar de inicialmente eles têm demonstrado interessados em frequentar, depois quando elas são marcadas, elas acabam por não acontecer. Essa é a tal questão, a adesão não tem sido muita. Começa sempre muito bem, eles começam sempre por comparecer nas primeiras sessões e depois vai se diluindo. Mas de alguma forma eu não vejo isso como algo negativo. Eles sabem que estamos aqui se for preciso o apoio que aqui o terão. Mas o nosso objectivo (e pra mim isto... eu acho que isto é muito importante) também é o de promover a auto-imunização deles, e portanto, se eles não sentem necessidade, estão a obter respostas de outra forma. E por que não? O nosso objectivo é esse, eles não precisam de comparecer nas sessões se conseguirem desenvolver essas ferramentas de outra</p>		<p><i>Na sessão de acolhimento explicamos o funcionamento do curso, a estrutura e o funcionamento do Programa de Tutoria, os nossos objetivos senão eles não entendiam para que aquilo servia, pensariam que era uma perda de tempo e eles já são muito atrapalhados com essa coisa de tempo. Também explicamos que o Programa é voluntário, só participa quem quer. Depois começaram as atividades propriamente ditas, as sessões temáticas, as ações mais de tutoria, mais de discussão. Este ano só ocorreu uma sessão sobre à biblioteca, à qual foram quatro alunos, e apesar de inicialmente eles têm demonstrado interessados em frequentar, depois quando elas são marcadas, elas acabam por não acontecer. Essa é a tal questão, a adesão não tem sido muita, chegou a uma fase que já não valia a pena mais fazer nada, porque as dúvidas que eles tinham tiravam por e-mail e estavam demasiados ocupados a estudar e fazer trabalho de grupo que não estavam a vontade para dispensar mais tempo para fazer as reuniões, sentiam que isso ia prejudicar mais do que ajudar, mas também já estavam totalmente adaptados. Começa sempre muito bem, eles começam sempre por comparecer nas primeiras sessões e depois vai se diluindo. Mas de alguma forma eu não vejo isso como algo negativo. Eles sabem que estamos aqui se for preciso o apoio que aqui o terão. Mas o nosso objectivo (e pra mim isto... eu acho que isto é muito importante) também é o de promover a auto-</i></p>
--	---	--	--

<p>T2-PT: Também tinha momentos com os professores. <i>IC111</i> Mas só faz sentido no primeiro ano, chega no final do primeiro ano já não faz mais sentido porque os alunos já não conseguem, começam os exames... eles começam a ficar muito estressados com a época dos exames e não vale a pena. <i>IC110</i> Em relação a questão dos professores, foi realizado uma sessão sobre estatísticas, muito alunos não se sentem a vontade com estatística. Era uma sessão muito mais para a professora conhecer as dúvidas deles do que propriamente para falar de estatística, estatística especificamente como explicar coisas, não, dizer os problemas que estava e tornar-se disponível, era deixá-los a vontade para se sentissem dificuldade nas aulas, estarem mais confortáveis em procurar o professor. Porque muitas vezes nós não temos muita facilidade em procurar o professor, principalmente no primeiro ciclo da faculdade, porque normalmente os professores não sabem nosso nome, não sabem quem nós somos, então nós sentimos um bocado... agora estou dizendo isso mais como aluna, sentimos um pouco de dificuldade de esta com os professores porque eles não sabem quem nós somos, porque na aula são muitas pessoas a ter dúvidas e temos vergonha de fazer isso, então era mais para deixá-los a vontade para se precisar, estar com o professor. Dizer o horário de atendimento do professor, essas coisas, e</p>	<p>forma. Eu lembro-me de uma aluna especificamente que me contactou...estava muito aflita porque...às tantas achava que não ia entrar no mestrado integrado porque teve uma nota muito baixa, e portanto, resolveu aceitar mais um emprego, e tinha dois empregos, entretanto, soube que ficou. Então estava em pânico porque achou que não ia conseguir fazer tudo ao mesmo tempo e ligou e tivemos um bocadinho a falar e ela estava de facto muito, muito preocupada e eu passei-lhe o contacto do mentor, ela fez... acho que foi chá ou tomar café com o mentor e depois quando eu a voltei a encontrar o que ela me disse foi “Ah, ainda bem que fui falar com o mentor, agora tou um bocadinho mais descansada, eu afinal consigo fazer isso!” Porque acho que já lhe tinha passado uma série de informações, de textos e trabalhos dos anos anteriores pra lhe mostrar o grau de complexidade dos trabalhos e também os <i>timings</i> das avaliações em cada disciplina, porque isto é uma informação que é de paredão e que é muito valiosa e que para ela foi decisivo para ela optar por continuar pelo curso. E nunca mais ouvi falar dela, encontro-a no corredor e tá sempre com um ar muito fresco e aparentemente estará a correr tudo bem. Se</p>	<p><i>imunização deles, e portanto, se eles não sentem necessidade, estão a obter respostas de outra forma. O nosso objectivo é esse, eles não precisam de comparecer nas sessões se conseguirem desenvolver essas ferramentas de outra forma. Mas de alguma vão encontrando apoios nos professores, nos mentores, nos colegas e deixam de precisar da tutoria e isso também não deve ser visto como negativo. Eles recorrem muito ao e-mail e isso eu ainda vou recebendo, nas sessões presenciais, já não.</i></p>
--	--	--

<p>eu acho que isso foi bastante bom. E tivemos outra sessão que era leitura de artigo científicos, que foi com uma professora da Faculdade também, professora Y, que está envolvida no Maiores de 23, porque achávamos que os alunos tem dificuldade de achar os pontos chaves de um artigo e perdem muito tempo para ler o artigo, porque nós lemos inúmeros artigos na época da Faculdade, mas se nós soubermos onde procurar as coisas, não precisamos ler o artigo todo. Isso nos poupa tempo. E há artigos que são em inglês e há pessoas que não sabem inglês, portanto, saber onde procurar o ponto chave, é uma ajuda imensa. Então, a professora fez isso, explicou a estrutura do artigo e eu acho que foi bastante produtivo. IC111</p> <p>C1: [...] temos a sessão de acolhimento, depois temos modalidades diversas, aquilo que chamamos de sessões temáticas, essas sessões temáticas podem existir, podem não existir [...], depende do grupo. Porque há anos que elas existem, há anos que elas existem todas, outros que só existem uma ou outra, depende da visão, da necessidade desse público, que é quem decide o que é que e necessário para si. IC109.</p>	<p>não estiver nós estamos aqui pra ela. Mas de alguma vão encontrando apoios nos professores, nos mentores, nos colegas e deixam de precisar da tutoria e isso também não deve ser visto como negativo. Eles recorrem muito ao email e isso eu ainda vou recebendo. Ah.. nas sessões presenciais, ah... já não.</p> <p>Assim, quanto à sessão de acolhimento, de fato, foi a que teve maior adesão. Eles foram todos contatados telefonicamente, por e-mail, com bastante antecedência, então, tiveram tempo para planejar as atividades que tinham em conjunto para tentar vir. Acho que essa foi uma das coisas que facilitou. Depois começaram as atividades propriamente ditas, as sessões temáticas, as ações mais de tutoria, mais de discussão. Depois, ficou mais difícil e chegou a uma fase que já não valia a pena mais fazer nada, porque as dúvidas que eles tinham tiravam por e-mail e estavam demasiados ocupados a estudar e fazer trabalho de grupo que não estavam a vontade para dispensar mais tempo para fazer as reuniões, sentiam que isso ia prejudicar mais do que ajudar, mas também já estavam totalmente adaptados. Então, acho que também não valia a pena continuar uma coisa se eles já se sentiam completamente</p>		
---	---	--	--

	<p>adaptados, porque eu os encontrava, por exemplo, com os mais novos sem nenhum receio, se sentiam confortáveis em lidar com pessoas mais novas, por exemplo, um senhor e uma senhora de 60 anos a lidar com amigos de 18, é difícil, né? E no início às vezes eu ouvia coisas que eu ficava assim “eu sou mesmo velha”, se eu senti isso e tinha feito 23 há pouco tempo, se eu senti isso em relação aos alunos de 18 anos, imagina o que uma pessoa de 60 não sentiria? No entanto, apesar de essa ser uma dificuldade, eu os via completamente adaptados e por isso não achei que precisassem de mais apoio, chegou uma altura que nós chegamos quase a dissolver o projeto, não que fosse um fim assim, foi se diluindo porque já não acontecia.</p>		
	<p>IC113: <i>A tutoria trabalha em parceria com o mentorado para que não haja sobreposição de atividades.</i></p> <p>E também falei com a Coordenadora do GAPE porque como ela tem acesso à informação sobre o projeto de mentorado que é ela que coordena. Também pensar em conjunto com ela na perspectiva de não haver uma sobreposição. Estou-me também a recordar no início do ano lectivo</p>	<p>AI13: <i>A tutoria trabalha em parceria com o mentorado para que não haja sobreposição de atividades.</i></p>	<p>DSC113 AI13: <i>A tutoria trabalha em parceria com o mentorado para que não haja sobreposição de atividades.</i> IC113: <i>A tutoria trabalha em parceria com o mentorado para que não haja sobreposição de atividades.</i> <i>Trabalhamos com a Coordenadora do GAPE porque ela tem acesso à informação sobre o projeto de mentorado, é ela que coordena, pensamos em conjunto com ela na perspectiva de não haver uma sobreposição. Estou-me também a recordar no início do ano lectivo também</i></p>

	<p>também houve uma reunião com os alunos M23 do ano passado que eram mentores, e eu estive presente e aproveitei para lhes perguntar o que tinha corrido melhor e pior no ano passado, e fui recolhendo algum feedback da parte deles. E de fato eles deram algumas informações importantes, como a redundância. Portanto, nós tínhamos no programa no projeto de tutoria, ações e workshops semelhantes às que eles tinham no mentorado e portanto acharam que era redundante e estava por sobrepor. Depois também falaram de outras questões como o horário, as sessões eram de duas horas e eles acharam que era muito difícil para um trabalhador estudante estar a dispender de duas horas para estar nessa formação então este ano pensamos em sessões de uma hora e meia, por exemplo. Fomos recolhendo assim algum feedback dos alunos do ano passado.</p>		<p><i>houve uma reunião com os alunos M23 do ano passado que eram mentores, e eu estive presente e aproveitei para lhes perguntar o que tinha corrido melhor e pior no ano passado, e fui recolhendo algum feedback da parte deles. E de fato eles deram algumas informações importantes, como a redundância. Nós tínhamos no Programa de Tutoria ações e workshops semelhantes às que eles tinham no mentorado, e portanto acharam que era redundante e estava por sobrepor. Depois também falaram de outras questões como o horário, as sessões eram de duas horas e eles acharam que era muito difícil para um trabalhador estudante estar a dispender de duas horas para estar nessa formação então este ano pensamos em sessões de uma hora e meia, por exemplo. Fomos recolhendo assim algum feedback dos alunos do ano passado.</i></p>
--	---	--	--

	<p>IC114: <i>O planeamento das ações da tutoria partem sempre do ano anterior, mas se adaptando às necessidades das novas turmas, de forma co-construída.</i></p> <p>Este ano nós acabamos quase sempre por partir do ano anterior, como modelo base; e este ano tentamos que isto tudo fosse feito de forma co-construída com os próprios alunos M23; porque o ano passado de facto havia um conjunto de ações de workshops, e depois os alunos não compareceram. E o formato era rígido, portanto, havia workshops nestes dias, os professores já tinham sido convocados, os alunos também, depois eles simplesmente não compareciam, o que também causava alguns constrangimentos para os professores que se tinham disponibilizados para fazer aquelas ações. Então, este ano, e antecipamos já que este público tinha características semelhantes aos do ano passado, portanto, todos eles com habilitações superiores ou com frequência universitária, e portanto, se calhar, não teriam tantas dificuldades ao nível dos métodos de estudo, por exemplo, e sendo o método, a formação em métodos de estudos oferecida também pelo programa de mentorado, esse foi um</p>	<p>A114: <i>O planeamento das ações da tutoria partem sempre do ano anterior, mas se adaptando às necessidades das novas turmas, de forma co-construída.</i></p>	<p>DSC114 A114: <i>O planeamento das ações da tutoria partem sempre do ano anterior, mas se adaptando às necessidades das novas turmas, de forma co-construída.</i> IC114: <i>O planeamento das ações da tutoria partem sempre do ano anterior, mas se adaptando às necessidades das novas turmas, de forma co-construída.</i></p> <p><i>Este ano nós acabamos quase sempre por partir do ano anterior, como modelo base, não sinto que tenha mudado muita coisa na estrutura, do planeamento das actividades mudou alguma coisa, porque na anterior as actividades já estavam definidas, as sessões estavam definidas embora tenha sido feita uma avaliação das necessidades, depois já havia uma resposta preparada. Eles ou iam ou não iam. No caso deste ano, tentamos que isto tudo fosse feito de forma co-construída com os próprios alunos M23; tentamos que fossem eles a definir o quê que era importante, dentro de algumas opções que já estavam definidas e deixamos que eles propusessem outras coisas, o que não aconteceu. porque o ano passado de facto havia um conjunto de ações de workshops, e depois os alunos não compareceram. E o formato era rígido, portanto, havia workshops nestes dias, os professores já tinham sido convocados, os alunos também, depois eles simplesmente não compareciam, o que também causava alguns constrangimentos para os professores que se tinham disponibilizados para fazer</i></p>
--	--	---	---

	<p>dos workshops que não colocamos. Portanto, assumimos que as pessoas tendo uma formação mais avançada não tivessem tantas dificuldades, isso e eram também mais jovens, portanto, teriam acabado de estudar a menos tempo, não havia aquele distanciamento da prática acadêmica. E então, tentamos pensar o que é que poderia ser específico mesmo dos M23, e oferecemos-lhes a possibilidade deles selecionarem quais é que eram as sessões em que eles gostariam de participar. Eles fizeram isso e nós contactamos os professores responsáveis por essas ações. Mas o que depois o que acabou de acontecer foi que para uma da biblioteca eles se inscreveram todos e só foram quatro. Depois no workshop de estatística que era aquele que de alguma forma todos me pediam “<i>preciso de apoio na estatística, tenho muito receio do que vai acontecer na estatística porque já fugi da matemática há muitos anos</i>”, e mesmo nas entrevistas isso surgia! Este ano organizamos o workshop, eles disseram que não podiam por questões de horário, alteramos o dia e mesmo assim, cancelaram. Portanto, tentamos que este ano isto fosse mais construído com eles para desenvolver mais no tipo de ações que eles necessitavam, no</p>	<p><i>aquelas ações. Então, este ano, e antecipamos já que este público tinha características semelhantes aos do ano passado, portanto, todos eles com habilitações superiores ou com frequência universitária, e portanto, se calhar, não teriam tantas dificuldades ao nível dos métodos de estudo, por exemplo, e sendo o método, a formação em métodos de estudos oferecida também pelo programa de mentorado, esse foi um dos workshops que não colocamos. Portanto, assumimos que as pessoas tendo uma formação mais avançada não tivessem tantas dificuldades, isso e eram também mais jovens, portanto, teriam acabado de estudar a menos tempo, não havia aquele distanciamento da prática acadêmica. Acho que acabou por não resultar como tínhamos previsto. Isso é algo também a repensar. Mas em termos da estrutura foi a única diferença. Penso que acabei por me basear muito no modelo do ano passado, no modelo da tutora anterior de se relacionar com os alunos, fizemos apresentações orais, assim algumas temáticas, sempre querendo deixar em aberto outros dias disponíveis para que se eles quisessem, eles poderiam sugerir outros temas que eles considerassem mais importantes até do que estes que nós propúnhamos. Depois, tínhamos também planejado umas seções mais de partilha, eles falavam o que eles quisessem para vermos como é que estava andando o curso, mas não teve assim uma grande adesão. E então, tentamos pensar o que é que poderia ser</i></p>
--	--	--

	<p>tipo de temas que precisavam de trabalhar, e de competências a desenvolver, e de responsabilizá-los também, porque se eles dizem à partida que estão interessados em frequentar, nós abrimos aquela vaga e esperamos que eles compareçam, quando não comparecem também ficam as responsabilidades e não acontece.</p> <p>Apresentações orais, assim algumas temáticas, sempre querendo deixar em aberto outros dias disponíveis para que se eles quisessem, eles poderiam sugerir outros temas que eles considerassem mais importantes até do que estes que nós propúnhamos.</p> <p>Depois, tínhamos também planejado umas seções mais de partilha, eles falavam o que eles quisessem para vermos como é que estava andando o curso, mas não teve assim uma grande adesão. [...]</p>		<p><i>específico mesmo dos M23, e oferecemos-lhes a possibilidade deles selecionarem quais é que eram as sessões em que eles gostariam de participar. Eles fizeram isso e nós contactamos os professores responsáveis por essas ações. Mas o que depois o que acabou de acontecer foi que para uma da biblioteca eles se inscreveram todos e só foram quatro. Depois no workshop de estatística que era aquele que de alguma forma todos me pediam “preciso de apoio na estatística, tenho muito receio do que vai acontecer na estatística porque já fugi da matemática há muitos anos”, e mesmo nas entrevistas isso surgia! Este ano organizamos o workshop, eles disseram que não podiam por questões de horário, alteramos o dia e mesmo assim, cancelaram. Portanto, tentamos que este ano isto fosse mais construído com eles para desenvolver mais no tipo de ações que eles necessitavam, no tipo de temas que precisavam de trabalhar, e de competências a desenvolver, e de responsabilizá-los também, porque se eles dizem à partida que estão interessados em frequentar, nós abrimos aquela vaga e esperamos que eles compareçam, quando não comparecem também ficam as responsabilidades e não acontece.</i></p>
--	---	--	---

APÊNDICE LL – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 22 (IAD 22)			
EIXO DISCURSIVO: PRÁTICA (PTM23)			
SUB-EIXO: RELAÇÃO TUTOR- TUTORANDO			
EXPRESSÕES CHAVES	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>T1-PT: [...] é uma relação de apoio, e de mais transparência, não é de igual para igual, mas é de facto uma colaboração.[...] Mas de alguma forma, eu não tenho tido tanta proximidade com eles quanto seria de esperar porque como as sessões temáticas não aconteceram, e só alguns é que recorreram depois ao atendimento presencial, só com esses é que eu vou tendo uma relação um bocadinho mais próxima, pois, sempre que os encontro, pergunto como é que está a correr e se eles têm alguma dúvida, mas não há. Portanto, eles não me ligam todas as semanas a contar o que é que se está a passar. Acho que encontraram se calhar nos mentores esse apoio mais sistemático e aqui é um apoio pontual, eles têm uma dúvida, mandam-me um email, se precisam de uma ajuda dos serviços académicos, se já não está a andar qualquer coisa, eu ajudo, pronto, eu apoio pontualmente, mas penso que se sentiram a vontade para colocarem questões sempre que acharem necessário. IC115</p> <p>T2-PT: Assim, eu acho que sempre foi boa, eles se sentiram bastante à vontade para contactar comigo. Quando nos cruzávamos se eles precisassem de alguma coisa ou até mesmo para ligarem para mim, sempre os deixei bastante a vontade. Eu acho que eu também tenho um perfil que não evito contato, não sou muito</p>	<p>IC115: <i>É uma relação de apoio, mas não tão próxima quanto o esperado.</i></p> <p>[...] é uma relação de apoio, e de mais transparência, não é de igual para igual, mas é de facto uma colaboração. [...]</p> <p>Mas de alguma forma, eu não tenho tido tanta proximidade com eles quanto seria de esperar porque como as sessões temáticas não aconteceram, e só alguns é que recorreram depois ao atendimento presencial, só com esses é que eu vou tendo uma relação um bocadinho mais próxima, pois, sempre que os encontro, pergunto como é que está a correr e se eles têm alguma dúvida, mas não há. Portanto, eles não me ligam todas as semanas a contar o que é que se está a passar. Acho que encontraram se calhar nos mentores esse apoio mais sistemático e aqui é um apoio pontual, eles têm uma dúvida, mandam-me um email, se precisam de uma ajuda dos serviços académicos, se já não está a andar qualquer coisa, eu ajudo, pronto, eu apoio pontualmente, mas penso que se sentiram a vontade para colocarem questões</p>	<p>A115: <i>É uma relação de apoio, mas não tão próxima quanto o esperado.</i></p>	<p>DSC115</p> <p>A115: <i>É uma relação de apoio, mas não tão próxima quanto o esperado.</i></p> <p>IC115: <i>É uma relação de apoio, mas não tão próxima quanto o esperado.</i></p> <p><i>A relação tutor-tutorando é uma relação de apoio, e de mais transparência, não é de igual para igual, mas é de facto uma colaboração. Mas de alguma forma, eu não tenho tido tanta proximidade com eles quanto seria de esperar porque como as sessões temáticas não aconteceram, e só alguns é que recorreram depois ao atendimento presencial, só com esses é que eu vou tendo uma relação um bocadinho mais próxima, pois, sempre que os encontro, pergunto como é que está a correr e se eles têm alguma dúvida, mas não há. Portanto, eles não me ligam todas as semanas a contar o que é que se está a passar. Acho que encontraram se calhar nos mentores esse apoio mais sistemático e aqui é um apoio pontual, eles têm uma dúvida, mandam-me um email, se precisam de uma ajuda dos serviços académicos, se já não está a andar qualquer coisa, eu ajudo, pronto, eu apoio pontualmente, mas penso que se sentiram a vontade para colocarem questões sempre que acharem necessário.</i></p>

<p>arrogante, para me contatar com as pessoas sou tutora, mas não sou mais do que eles. Portanto eles sempre se sentiram a vontade para isso. As dúvidas eram mais acerca do funcionamento do curso mesmo, depois vieram questões mais burocráticas e eu encaminhava para a secretaria, aí outras coisas mais de acompanhamento continuado eu encaminhava para o GAPE, mas eu acho que sempre foi um contato muito fácil. Depois foram as ações temáticas, eu fazia a ação de acordo com o que eu tinha planejado, mas deixava sempre espaço para eles tirarem outras dúvidas, fazerem outros comentários, deixava eles dirigirem também um pouquinho a sessão de acordo com aquilo que eles precisassem. IC116</p> <p>C1: Essa relação se baseia um pouco nessa ideia, um tutor, não é um professor e o tutor não é uma pessoa para resolver os problemas pelo tutorando. Um tutor é alguém que está disponível para orientar, para ajudar a encontrar caminhos. Essa deve ser a relação, não é uma relação para ensinar como é que se faz trabalhos, como é que se faz isso, como é se faz aquilo. Não é para resolver os problemas burocráticos e etc. É para ajudar o aluno, o tutorando nesse caso, construir suas próprias metas, ter um planejamento para as atingir, a materializar o seu caminho, a gerir seu tempo, o seu espaço e a refletir sobre isso para que o aluno organize no fundo, suas aprendizagens para ter sucesso. IC117.</p>	<p>sempre que acharem necessário.</p> <p>IC116: <i>É uma relação em que o tutorando se sente à vontade.</i></p> <p>Assim, eu acho que sempre foi boa, eles se sentiram bastante à vontade para contatar comigo. Quando nos cruzávamos se eles precisassem de alguma coisa ou até mesmo para ligarem para mim, sempre os deixei bastante a vontade. Eu acho que eu também tenho um perfil que não evito contato, não sou muito arrogante, para me contatar com as pessoas sou tutora, mas não sou mais do que eles. Portanto eles sempre se sentiram a vontade para isso. As dúvidas eram mais acerca do funcionamento do curso mesmo, depois vieram questões mais burocráticas e eu encaminhava para a secretaria, aí outras coisas mais de acompanhamento continuado eu encaminhava para o GAPE, mas eu acho que sempre foi um contato muito fácil. Depois foram as ações temáticas, eu fazia a ação de acordo com o que eu tinha planejado, mas deixava sempre espaço para eles tirarem outras dúvidas, fazerem outros comentários, deixava eles dirigirem também um pouquinho a sessão de acordo com aquilo que eles precisassem.</p>	<p>A116: <i>É uma relação em que o tutorando se sente à vontade.</i></p>	<p>DSC116</p> <p>A116: <i>É uma relação em que o tutorando se sente à vontade.</i></p> <p>IC116: <i>É uma relação em que o tutorando se sente à vontade.</i></p> <p><i>Assim, eu acho que sempre é boa, eles se sentem bastante à vontade para contatar comigo. Quando nos cruzamos se eles precisam de alguma coisa ou até mesmo para ligarem para mim, sempre os deixo bastante a vontade. Eu acho que eu também tenho um perfil que não evito contato sou tutora, mas não sou mais do que eles. Portanto eles se sentem à vontade para isso. As dúvidas eram mais acerca do funcionamento do curso mesmo, depois vieram questões mais burocráticas e eu encaminhei para a secretaria, aí outras coisas mais de acompanhamento continuado eu encaminhei para o GAPE, mas eu acho que sempre é um contato muito fácil.</i></p>
---	---	---	--

	<p>IC117: O tutor não é alguém que resolve pelo tutorando, mas aponta caminhos para que atinja as suas metas.</p> <p>Essa relação se baseia um pouco nessa ideia, um tutor, não é um professor e o tutor não é uma pessoa para resolver os problemas pelo tutorando. Um tutor é alguém que está disponível para orientar, para ajudar a encontrar caminhos. Essa deve ser a relação, não é uma relação para ensinar como é que se faz trabalhos, como é que se faz isso, como é se faz aquilo. Não é para resolver os problemas burocráticos e etc. É para ajudar o aluno, o tutorando nesse caso, construir suas próprias metas, ter um planeamento para as atingir, a materializar o seu caminho, a gerir seu tempo, o seu espaço e a refletir sobre isso para que o aluno organize no fundo, suas aprendizagens para ter sucesso.</p>	<p>AI17: O tutor não resolve pelo tutorando, mas aponta caminhos para que atinja as suas metas.</p>	<p>AI17: O tutor não resolve pelo tutorando, mas aponta caminhos para que atinja as suas metas.</p> <p>IC117: O tutor não resolve pelo tutorando, mas aponta caminhos para que atinja as suas metas.</p> <p>Essa relação tutor- tutorando se baseia um pouco nessa ideia, um tutor, não é um professor e o tutor não é uma pessoa para resolver os problemas pelo tutorando. Um tutor é alguém que está disponível para orientar, para ajudar a encontrar caminhos. Essa deve ser a relação, não é uma relação para ensinar como é que se faz trabalhos, como é que se faz isso, como é se faz aquilo. Não é para resolver os problemas burocráticos e etc. É para ajudar o aluno, o tutorando nesse caso, construir suas próprias metas, ter um planeamento para as atingir, a materializar o seu caminho, a gerir seu tempo, o seu espaço e a refletir sobre isso para que o aluno organize no fundo, suas aprendizagens para ter sucesso.</p>
--	---	--	--

APÊNDICE MM – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 23 (IAD 23)

EIXO DISCURSIVO: FORMAÇÃO (PTM23)			
SUB-EIXO: FORMAÇÃO PARA EXERCER A TUTORIA			
EXPRESSÕES CHAVES	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>T1-PT: Não. Mas acompanhei uma colega e assisti as sessões dela também, deu para perceber um bocadinho. IC118</p> <p>T2-PT: Foi orientações, já tenho uma base que ajuda. Mas não tive uma formação específica para realizar esse projeto. IC119</p> <p>C1: Se fosse um programa mais generalizado, a muitas outras Faculdades, por exemplo, teria que ver um trabalho de formação desses tutores, agora, no caso específico da Faculdade de Psicologia, o que foi feito foi que nós todos fomos fazer formação juntos, envolvemos em outros projetos, estive com outros colegas em experiências na Universidade do Minho, fizemos investigação sobre o assunto, portanto, as equipes foram formando umas as outras. E também, obtendo informação e trazendo. A Universidade de Lisboa fez seminários, atividades complementares, portanto, houve aqui muito trabalho ao longo do tempo. IC120</p>	<p>IC118: Não houve formação para exercer a tutoria, mas houve acompanhamento de uma tutoria anterior.</p> <p>Não. Mas acompanhei uma colega e assisti as sessões dela também, deu para perceber um bocadinho.</p>	<p>A118: Não houve formação para exercer a tutoria, mas acompanhou a tutoria anterior.</p>	<p>A118: Não houve formação para exercer a tutoria, mas acompanhou a tutoria anterior.</p> <p>IC118: Não houve formação para exercer a tutoria, mas houve acompanhamento de uma tutoria anterior.</p> <p>Não tive formação, mas acompanhei a tutoria anterior e assisti às sessões dela também, deu para perceber um bocadinho.</p>
	<p>IC119: Não houve formação para exercer a tutoria, mas houve orientações.</p> <p>Foi orientações, já tenho uma base que ajuda. Mas não tive uma formação específica para realizar esse projeto.</p>	<p>A119: Não houve formação para exercer a tutoria, mas houve orientações.</p>	<p>DSC119</p> <p>A119: Não houve formação para exercer a tutoria, mas houve orientações.</p> <p>IC119: Não houve formação para exercer a tutoria, mas houve orientações.</p> <p>Não tive uma formação específica para realizar esse projeto, o que eu tive orientações e também já tenho uma base que ajuda.</p>
	<p>IC120: A formação foi por iniciativa própria de uma equipe.</p> <p>Se fosse um programa mais generalizado, a muitas outras Faculdades, por exemplo, teria que ver um trabalho de formação desses tutores, agora, no caso específico da Faculdade de Psicologia, o que foi feito foi que nós todos fomos fazer formação juntos, envolvemos em outros projetos, estive com outros colegas em experiências na Universidade do Minho, fizemos</p>	<p>A120: A formação foi por iniciativa própria de uma equipe.</p>	<p>DSC120</p> <p>A120: A formação foi por iniciativa própria de uma equipe.</p> <p>IC120: A formação foi por iniciativa própria de uma equipe.</p> <p>Se fosse um programa mais generalizado a muitas outras Faculdades, por exemplo, teria que ver um trabalho de formação desses tutores, agora, no caso específico da Faculdade de Psicologia, o que foi feito foi que nós todos fomos fazer formação juntos, envolvemos em outros projetos, estivemos com outros colegas em experiências na Universidade do Minho, fizemos investigação sobre o assunto,</p>

	<p>investigação sobre o assunto, portanto, as equipes foram formando umas as outras. E também, obtendo informação e trazendo. A Universidade de Lisboa fez seminários, atividades complementares, portanto, houve aqui muito trabalho ao longo do tempo.</p>		<p><i>portanto, as equipes foram formando umas as outras. E também, obtendo informação e trazendo. A Universidade de Lisboa fez seminários, atividades complementares, portanto, houve aqui muito trabalho ao longo do tempo.</i></p>
--	--	--	---

APÊNDICE NN – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 24 (IAD 24)			
EIXO DISCURSIVO: FORMAÇÃO (PTM23)			
SUB-EIXO: CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL			
EXPRESSÕES CHAVES	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>T1-PT: Aprendizagens adquiridas como informações sobre o funcionamento do curso, porque eu tenho trabalhado aqui na faculdade, sendo dos Serviços da Comunidade eu não posso trabalhar para ao público interno, nem para alunos, nem para professores, nem para funcionários. Então, eu trabalho cá, mas na realidade, não sei nada sobre o funcionamento do curso de Psicologia, “<i>se posso me matricular aqui quais é que são os prazos, quais é que são as condições e os critérios de avaliação</i>”, por exemplo. E estar a trabalhar com os Maiores de vinte e três, obrigou-me a ter que saber essas informações. Passei também a conhecer os meus colegas da divisão acadêmica, que eu não sabia muito bem o que eles faziam, agora tenho de saber, porque tenho de saber a quem dirigir as perguntas, portanto fez-me conhecer melhor os meus colegas, a minha instituição e também o próprio curso e questões mais pedagógicas que antes eu não tinha, não precisei de saber. E também tem sido muito interessante trabalhar em colaboração com o GAPE, em colaboração com o projeto de mentorado e a tentar perceber aqui como é que fazemos esta gestão para não sobrepor e pra proporcionarmos apoio aos alunos em várias experiências, várias frentes, e portanto, também tem me permitido aproximar do</p>	<p>IC121: <i>Aprendizagens sobre a instituição, sobre o curso e sobre questões pedagógicas.</i></p> <p>Aprendizagens adquiridas como informações sobre o funcionamento do curso, porque eu tenho trabalhado aqui na faculdade, sendo dos Serviços da Comunidade eu não posso trabalhar para ao público interno, nem para alunos, nem para professores, nem para funcionários. Então, eu trabalho cá, mas na realidade, não sei nada sobre o funcionamento do curso de Psicologia, “<i>se posso me matricular aqui quais é que são os prazos, quais é que são as condições e os critérios de avaliação</i>”, por exemplo. E estar a trabalhar com os Maiores de vinte e três, obrigou-me a ter que saber essas informações. Passei também a conhecer os meus colegas da divisão acadêmica, que eu não sabia muito bem o que eles faziam, agora tenho de saber, porque tenho de saber a quem dirigir as perguntas, portanto fez-me conhecer melhor os meus colegas, a minha instituição e também o próprio curso e questões mais pedagógicas que antes eu não tinha, não precisei de saber. E também tem sido muito interessante trabalhar em colaboração com o</p>	<p>AI21: <i>Aprendizagens sobre a instituição, sobre o curso e sobre questões pedagógicas.</i></p>	<p>DSC121</p> <p>AI21: <i>Aprendizagens sobre a instituição, sobre o curso e sobre questões pedagógicas.</i></p> <p>IC121: <i>Aprendizagens sobre a instituição, sobre o curso e sobre questões pedagógicas.</i></p> <p><i>Aprendizagens adquiridas como informações sobre o funcionamento do curso, porque eu tenho trabalhado aqui na faculdade nos Serviços da Comunidade e eu não posso trabalhar para ao público interno, nem para alunos, nem para professores, nem para funcionários. Então, eu trabalho cá, mas na realidade, não sei nada sobre o funcionamento do curso de Psicologia. E estar a trabalhar com os Maiores de vinte e três, obrigou-me a ter que saber essas informações. Passei também a conhecer os meus colegas da Divisão Acadêmica, que eu não sabia muito bem o que eles faziam, agora tenho de saber, porque tenho de saber a quem dirigir as perguntas, a minha instituição, também o próprio curso e as questões mais pedagógicas que antes eu não tinha, porque nunca precisei saber. E também tem sido muito interessante trabalhar em colaboração com o GAPE, com o projeto de mentorado e a tentar perceber aqui como é que fazemos esta gestão para não sobrepor e pra proporcionarmos apoio aos alunos em várias experiências, várias frentes, e portanto, também tem me permitido aproximar do trabalho do GAPE e discutir ideias com a coordenação que eu acho isso muito interessante.</i></p>

<p>trabalho do GAPE e discutir ideias com a coordenação que eu acho isso muito interessante. IC121</p> <p>T1-PT: Foi a primeira vez que lidei com adultos, porque no estágio da ordem dos psicólogos foi com crianças na escola e eu trabalhei com crianças [...] esse programa de tutoria me permitiu trabalhar com jovens adultos, mas também com adultos mais velhos, por exemplo, uma senhora de 60 anos, que eu nunca tinha trabalhado e eu achei interessante porque as pessoas mais velhas são mais envolvidas. Portanto, foi importante conhecer pessoas de várias idades e que estavam inseridas no mesmo contexto, mas com focos diferentes. Apesar de todas quererem estudar, eu acho que as pessoas mais velhas estavam mais focadas no objetivo. Foi importante nesse sentido. IC122</p> <p>Outro motivo é que eu não gosto muito de falar em público, sou tímida, não gosto muito de falar em público e com essas sessões, apesar de ser um grupo pequeno, era na faixa de treze, mas nem todos participavam do programa, não que eles não achassem interessante, mas como muitos trabalhavam também, era difícil conseguir conciliar de forma que todos conseguisse fazer as sessões, e eu compreendo, tem o trabalho deles e só dava para ir seis ou sete para as ações temáticas. Portanto, não foi um número muito grande, mas deu para conter um pouquinho as dificuldades de falar em público e explicar, foi quase um <i>workshop</i>. IC123</p> <p>C1: [...] a atenção a diversidade e a diferença é algo que é cada vez mais</p>	<p>GAPE, em colaboração com o projeto de mentorado e a tentar perceber aqui como é que fazemos esta gestão para não sobrepôr e pra proporcionarmos apoio aos alunos em várias experiências, várias frentes, e portanto, também tem me permitido aproximar do trabalho do GAPE e discutir ideias com a coordenação que eu acho isso muito interessante.</p> <p>IC122: <i>Foi importante conhecer pessoas de várias idades e que estavam inseridas no mesmo contexto.</i></p> <p>Foi a primeira vez que lidei com adultos, porque no estágio da ordem dos psicólogos foi com crianças na escola e eu trabalhei com crianças [...] esse programa de tutoria me permitiu trabalhar com jovens adultos, mas também com adultos mais velhos, por exemplo, uma senhora de 60 anos, que eu nunca tinha trabalhado e eu achei interessante porque as pessoas mais velhas são mais envolvidas. Portanto, foi importante conhecer pessoas de várias idades e que estavam inseridas no mesmo contexto, mas com focos diferentes. Apesar de todas quererem estudar, eu acho que as pessoas mais velhas estavam mais focadas no objetivo. Foi importante nesse sentido. [...] a atenção a diversidade e a diferença é algo que é cada vez mais importante. E todo esse processo me ajudou a pensar nela e de que</p>	<p>AI22: <i>Foi importante conhecer pessoas de várias idades e que estavam inseridas no mesmo contexto.</i></p>	<p>DSC122</p> <p>AI22: <i>Foi importante conhecer pessoas de várias idades e que estavam inseridas no mesmo contexto.</i></p> <p>IC122: <i>Foi importante conhecer pessoas de várias idades e que estavam inseridas no mesmo contexto.</i></p> <p><i>Foi a primeira vez que lidei com adultos e esse programa de tutoria me permitiu trabalhar com jovens adultos, mas também com adultos mais velhos, por exemplo, uma senhora de 60 anos, que eu nunca tinha trabalhado, e eu achei interessante porque as pessoas mais velhas são mais envolvidas. Portanto, foi importante conhecer pessoas de várias idades e que estavam inseridas no mesmo contexto, mas com focos diferentes. Apesar de todas quererem estudar, eu acho que as pessoas mais velhas estavam mais focadas no objetivo. A atenção a diversidade e a diferença é algo que é cada vez mais importante. E todo esse processo me ajudou a pensar nela e de que forma posso ajudar, também a perceber o seu percurso e suas dificuldades, as metas, ajuda a perceber que são eles que vão conseguir superar seus próprios obstáculos. Tem que se identificar, encontrar soluções e etc. E esse trabalho mais próximo que a tutoria me</i></p>
--	---	--	--

<p>importante. E todo esse processo me ajudou a pensar nela e de que forma posso ajudar. IC122</p> <p>C1: [...] perceber o seu percurso e suas dificuldades, as metas, ajuda a perceber que são eles que vão conseguir superar seus próprios obstáculos. Tem que se identificar, encontrar soluções e etc. E esse trabalho mais próximo que a tutoria me permitiu, fez eu olhar o trabalho mais global da sala de aula. IC122</p>	<p>forma posso ajudar.</p> <p>[...] perceber o seu percurso e suas dificuldades, as metas, ajuda a perceber que são eles que vão conseguir superar seus próprios obstáculos. Tem que se identificar, encontrar soluções e etc. E esse trabalho mais próximo que a tutoria me permitiu, fez eu olhar o trabalho mais global da sala de aula.</p>		<p><i>permitiu, fez eu olhar o trabalho mais global da sala de aula. Foi importante nesse sentido.</i></p>
	<p>IC123: <i>Aprendi a vencer a dificuldade de falar em público.</i></p> <p>Outro motivo é que eu não gosto muito de falar em público, sou tímida, não gosto muito de falar em público e com essas sessões, apesar de ser um grupo pequeno, era na faixa de treze, mas nem todos participavam do programa, não que eles não achassem interessante, mas como muitos trabalhavam também, era difícil conseguir conciliar de forma que todos conseguisse fazer as sessões, e eu compreendo, tem o trabalho deles e só dava para ir seis ou sete para as ações temáticas. Portanto, não foi um número muito grande, mas deu para conter um pouquinho as dificuldades de falar em público e explicar, foi quase um <i>workshop</i>.</p>	<p>AI23: <i>Aprendi a vencer a dificuldade de falar em público.</i></p>	<p>DSC123</p> <p>AI23: <i>Aprendi a vencer a dificuldade de falar em público.</i></p> <p>IC123: <i>Aprendi a vencer a dificuldade de falar em público.</i></p> <p><i>Outro motivo é que eu não gosto muito de falar em público, sou tímida, não gosto muito de falar em público e com essas sessões, apesar de ser um grupo pequeno, era na faixa de treze, mas nem todos participavam do programa, não que eles não achassem interessante, mas como muitos trabalhavam também, era difícil conseguir conciliar de forma que todos conseguisse fazer as sessões, e eu compreendo, tem o trabalho deles e só dava para ir seis ou sete para as ações temáticas. Portanto, não foi um número muito grande, mas deu para conter um pouquinho as dificuldades de falar em público e explicar, foi quase um <i>workshop</i>.</i></p>

APÊNDICE OO – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 25 (IAD 25)

EIXO DISCURSIVO: PERFIL DO TUTOR (PTM23)			
EXPRESSÕES CHAVES	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>T1-PT: Eu acho que é muito importante tutor, principalmente com os alunos M23, ser tolerante. No sentido em que é um público muito diversificado, é muito diferente termos alunos que acabaram agora o décimo segundo ano e, portanto, vêm todos com um percurso mais ou menos semelhante, embora possam ser uns mais na área de Ciências, outros mais nas áreas de humanidades, mas é muito mais limiar, a população M23 é muito heterogênea. Há pessoas com nono ano, há pessoas com décimo segundo ano; há pessoas com licenciaturas e com mestrados; e, portanto, estão a tentar fazer uma outra formação e entram por esta via; há pessoas com experiências profissionais em áreas muito diversas, algumas já viveram no estrangeiro, estiveram a emigrar, temos também o caso das pessoas que estão a planear a reforma e que este projeto dos M23 está dentro deste planeamento da reforma, portanto, “<i>eu estou à espera de, ou estou reformada, ou me vou me reformar proximamente e quero fazer algo da minha vida</i>”. Portanto, é um público muito heterogêneo em termos de habilidades, experiências profissionais, habilitações, experiências de vida, portanto, acho que a tolerância é também muito importante para conseguirmos trabalhar com todos e dar atenção a todos de forma neutra e imparcial.</p>	<p>IC124: <i>O tutor tem que ser tolerante com a diversidade.</i> Eu acho que é muito importante tutor, principalmente com os alunos M23, ser tolerante. No sentido em que é um público muito diversificado, é muito diferente termos alunos que acabaram agora o décimo segundo ano e, portanto, vêm todos com um percurso mais ou menos semelhante, embora possam ser uns mais na área de Ciências, outros mais nas áreas de humanidades, mas é muito mais limiar, a população M23 é muito heterogênea. Há pessoas com nono ano, há pessoas com décimo segundo ano; há pessoas com licenciaturas e com mestrados; e, portanto, estão a tentar fazer uma outra formação e entram por esta via; há pessoas com experiências profissionais em áreas muito diversas, algumas já viveram no estrangeiro, estiveram a emigrar, temos também o caso das pessoas que estão a planear a reforma e que este projeto dos M23 está dentro deste planeamento da reforma, portanto, “<i>eu estou à espera de, ou estou reformada, ou me vou me reformar proximamente e quero fazer algo da minha vida</i>”. Portanto, é um público muito</p>	<p>A124: <i>O tutor tem que ser tolerante com a diversidade.</i></p>	<p>DSC124 A124: <i>O tutor tem que ser tolerante com a diversidade.</i> IC124: <i>O tutor tem que ser tolerante com a diversidade.</i></p> <p><i>Eu acho que é muito importante tutor, principalmente com os alunos M23, ser tolerante. No sentido em que é um público muito diversificado, é muito diferente de termos alunos que acabaram agora o décimo segundo ano e, portanto, vêm todos com um percurso mais ou menos semelhante, a população M23 é muito heterogênea. Há pessoas com nono ano, há pessoas com décimo segundo ano; há pessoas com licenciaturas e com mestrados; e, portanto, estão a tentar fazer uma outra formação e entram por esta via; há pessoas com experiências profissionais em áreas muito diversas, algumas já viveram no estrangeiro, estiveram a emigrar, temos também o caso das pessoas que estão a planear a reforma e que este projeto dos M23 está dentro deste planeamento da reforma. Portanto, é um público muito heterogêneo em termos de habilidades, experiências profissionais, habilitações, experiências de vida, portanto, acho que a tolerância é também muito importante para conseguirmos trabalhar com todos e dar atenção a todos de forma neutra e imparcial. Nesse sentido um ponto fundamental é tomarem atenção à diversidade, à heterogeneidade das pessoas porque quando são pessoas adultas normalmente são pessoas que já tem uma profissão, que já tiraram um curso, a própria formação de</i></p>

<p>IC124</p> <p>Outros tipos de competências relativamente ao perfil, tenho alguma dificuldade em definir, é um perfil para a abertura, a disponibilidade, que eu ultimamente tenho tido menos, mas eles também não me têm procurado, portanto, eu vou dando aquilo que eles me pedem, se calhar, poderia estar a ser mais proativa e ir mais ao encontro deles, mas neste momento não está a ser possível, espero poder retomar isso mais tarde.</p> <p>IC125</p> <p>T2-PT: Eu acho que eu também tenho um perfil que não evito contato, não sou muito arrogante, para me contactar com as pessoas, sou tutora, mas não sou mais do que eles. Portanto eles sempre se sentiram a vontade para isso. Eu acho que tem que ter facilidade de contato com as outras pessoas no sentido de estar disponível, porque tem pessoas que não estão disponíveis, eu acho que tem que estar disponível para receber as dúvidas, talvez também as críticas. Eventualmente também podemos receber críticas. Acima de tudo a disponibilidade. IC125</p> <p>É preciso ter também empatia, porque se nós não nos colocamos no lugar do outro, de compreender as dificuldades do outro, fica mais difícil ajudá-los.</p> <p>IC126. Mas é importante que seja uma pessoa que tenha experiência em relação às dificuldades deles [...]. Mas eu acho que é importante ter essa experiência pessoal, não é só o saber, é o sentir, eu acho que isso ajuda bastante.</p> <p>IC127</p>	<p>heterogéneo em termos de habilidades, experiências profissionais, habilitações, experiências de vida, portanto, acho que a tolerância é também muito importante para conseguirmos trabalhar com todos e dar atenção a todos de forma neutra e imparcial.</p> <p>Bom eu acho que um ponto fundamental é tomarem atenção à diversidade, à heterogeneidade das pessoas porque quando são pessoas adultas normalmente são pessoas que já tem uma profissão, que já tiraram um curso, a própria formação de base também tem que estar atenta a esses fatores, não é, que em questão da base está dando uma diferenciação entre um grupo relativamente homogêneo que é o grupo dos mais novos e o grupo dos mais velhos, acho que é um aspecto importante. E o outro aspecto também é ajudar digamos nas interrelações entre os maiores de 23 para os mais novos e os mais velhos em termos de debate, em termos enfim de intervenções nas aulas, etc.</p>		<p><i>base também tem que estar atenta a esses fatores, não é, que em questão da base está dando uma diferenciação entre um grupo relativamente homogêneo que é o grupo dos mais novos e o grupo dos mais velhos, acho que é um aspecto importante. E o outro aspecto também é ajudar digamos nas interrelações entre os maiores de 23 para os mais velhos e os mais novos em termos de debate, em termos enfim de intervenções nas aulas.</i></p>
	<p>IC125: <i>Uma pessoa que tem abertura e disponibilidade.</i></p> <p>Outros tipos de competências relativamente ao perfil, tenho alguma dificuldade</p>	<p>A125: <i>Uma pessoa que tem abertura e disponibilidade.</i></p>	<p>DSC125</p> <p>A125: <i>Uma pessoa que tem abertura e disponibilidade.</i></p> <p>IC125: <i>Uma pessoa que tem abertura e disponibilidade.</i></p> <p><i>O tutor tem que ser uma pessoa que tenha disponibilidade para</i></p>

<p>T2-PT: Eu acho que é mesmo essa vontade de se contatar. Se tivesse uma dúvida assim em cima da hora eles falavam comigo no <i>facebook</i>, chegavam a ligar para o meu telemóvel, porque eu deixei logo meu telemóvel para eles me contatarem para alguma coisa que eles precisassem.</p> <p>IC125</p> <p>C1: tutor tem que ser uma pessoa que tenha três características, IC125 uma, ser uma pessoa que tenha bastante experiência e saber, IC127</p> <p>uma pessoa que tenha disponibilidade para trabalhar as relações interpessoais, isso é muito importante, e depois o saber fazer, o saber escutar, o saber comunicar dificuldades, ter perspectivas de respostas, ter coerência, mediar conflitos, portanto, o tutor é essa pessoa que é esse elo de ligação e que tem que ter essas competências para ajudar o outro. IC125</p> <p>P1: Bom eu acho que um ponto fundamental é tomarem atenção à diversidade, à heterogeneidade das pessoas porque quando são pessoas adultas normalmente são pessoas que já tem uma profissão, que já tiraram um curso, a própria formação de base também tem que estar atenta a esses fatores, não é, que em questão da base está dando uma diferenciação entre um grupo relativamente homogêneo que é o grupo dos mais novos e o grupo dos mais velhos, acho que é um aspecto importante. E o outro aspecto também é ajudar digamos nas interrelações entre os maiores de 23 para os mais velhos e os mais novos em termos de debate, em termos</p>	<p>em definir, é um perfil para a abertura, a disponibilidade, que eu ultimamente tenho tido menos, mas eles também não me têm procurado, portanto, eu vou dando aquilo que eles me pedem, se calhar, poderia estar a ser mais proativa e ir mais ao encontro deles, mas neste momento não está a ser possível, espero poder retomar isso mais tarde.</p> <p>Eu acho que eu também tenho um perfil que não evito contato, não sou muito arrogante, para me contatar com as pessoas, sou tutora, mas não sou mais do que eles. Portanto eles sempre se sentiram a vontade para isso. Eu acho que tem que ter facilidade de contato com as outras pessoas no sentido de estar disponível, porque tem pessoas que não estão disponíveis, eu acho que tem que estar disponível para receber as dúvidas, talvez também as críticas. Eventualmente também podemos receber críticas. Acima de tudo a disponibilidade. Eu acho que é mesmo essa vontade de se contatar. Se tivesse uma dúvida assim em cima da hora eles falavam comigo no <i>facebook</i>, chegavam a ligar para o meu telemóvel, porque eu deixei logo meu telemóvel para eles me contatarem para alguma coisa que eles precisassem [...].</p> <p>[...]uma pessoa que tenha disponibilidade para trabalhar as relações interpessoais, isso é muito importante, e depois o saber fazer, o</p>		<p><i>trabalhar as relações interpessoais, isso é muito importante, e depois o saber fazer, o saber escutar, o saber comunicar dificuldades, ter perspectivas de respostas, ter coerência, mediar conflitos, portanto, o tutor é essa pessoa que é esse elo de ligação e que tem que ter essas competências para ajudar o outro. Eu acho que eu também tenho um perfil que não evito contato, não sou arrogante, para me contatar com as pessoas, sou tutora, mas não sou mais do que eles. Portanto eles sempre se sentiram a vontade para isso. Eu acho que tem que ter facilidade de contato com as outras pessoas no sentido de estar disponível, porque tem pessoas que não estão disponíveis, eu acho que tem que estar disponível para receber as dúvidas, talvez também as críticas. Eventualmente também podemos receber críticas. Acima de tudo a disponibilidade. É mesmo essa vontade de se contatar. Se têm uma dúvida assim em cima da hora eles falam comigo no <i>facebook</i>, chegam a ligar para o meu telemóvel, porque eu deixei logo meu telemóvel para eles me contatarem para alguma coisa que eles precisassem. Enfim, é um perfil para a abertura, a disponibilidade, que eu ultimamente tenho tido menos, mas eles também não me têm procurado, portanto, eu vou dando aquilo que eles me pedem, se calhar, poderia estar a ser mais proativa e ir mais ao encontro deles, mas neste momento não está a ser possível, espero poder retomar isso mais tarde.</i></p>
---	--	--	--

<p>enfim de intervenções nas aulas, etc. IC124 P1: [...] que haja uma disponibilidade, atenção, disponibilidade é, acho que se calhar são para mim os elementos mais importantes. IC125</p>	<p>saber escutar, o saber comunicar dificuldades, ter perspectivas de respostas, ter coerência, mediar conflitos, portanto, o tutor é essa pessoa que é esse elo de ligação e que tem que ter essas competências para ajudar o outro. [...] que haja uma disponibilidade, atenção, disponibilidade é, acho que se calhar são para mim os elementos mais importantes.</p>		
	<p>IC126: <i>O tutor tem que ter empatia.</i></p> <p>É preciso ter também empatia, porque se nós não nos colocamos no lugar do outro, de compreender as dificuldades do outro, fica mais difícil ajudá-los.</p>	<p>IC126: <i>O tutor tem que ter empatia.</i></p>	<p>DSC126 A126: <i>O tutor tem que ter empatia.</i> IC126: <i>O tutor tem que ter empatia.</i></p> <p>É preciso ter também empatia, porque se nós não nos colocamos no lugar do outro, de compreender as dificuldades do outro, fica mais difícil ajudá-los.</p>
	<p>IC127: <i>Uma pessoa que tenha experiência em relação às dificuldades dos alunos.</i></p> <p>Mas é importante que seja uma pessoa que tenha experiência em relação às dificuldades deles [...]. Mas eu acho que é importante ter essa experiência pessoal, não é só o saber, é o sentir, eu acho que isso ajuda bastante. [...] tutor tem que ser uma pessoa que tenha bastante experiência e saber.</p>	<p>A127: <i>Uma pessoa que tenha experiência em relação às dificuldades dos alunos.</i></p>	<p>A127: <i>Uma pessoa que tenha experiência em relação às dificuldades dos alunos.</i> IC127: <i>Uma pessoa que tenha experiência em relação às dificuldades dos alunos.</i></p> <p><i>O tutor tem que ser uma pessoa que tenha bastante experiência e saber. É importante que seja uma pessoa que tenha experiência em relação às dificuldades deles, é importante ter essa experiência pessoal, não é só o saber, é o sentir, eu acho que isso ajuda bastante.</i></p>

APÊNDICE PP – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 26 (IAD 26)

EIXO DISCURSIVO: AVALIAÇÃO (PTM23)			
EXPRESSÕES CHAVES	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>T1-PT: Eu acho que sim, vale a pena existir tutoria, acho que faz todo sentido existir, mas acho que necessita melhorias. Não era a única tarefa que eu tinha que realizar, era pouco tempo que eu tinha, portanto, eu não consegui dar o que o projeto necessitava, por isso que digo que a disponibilidade de [...] estar aqui cinco dias por semana facilita, [...] estar cinco dias por semana focada nessa tarefa só. E se for necessário, consegue fazer uma monitorização do programa muito melhor [...]. Mas pronto, ter mais tempo pra eles. IC128</p> <p>T1-PT: Eu acho que é importante oferecermos esse serviço aos alunos, afinal somos uma faculdade de Psicologia, se nós não tivermos um apoio à integração e ao desenvolvimento de competências do aluno quem é que vai ter? Depois também somos do curso da Universidade de Lisboa que tem mais alunos M23, somos nós e a Faculdade de direito porque nos outros cursos geralmente abrem duas, três vagas e portanto, também não é possível fazer um projeto de tutoria e não faz sentido para poucos alunos. Pode ser pra poucos [...]. Portanto, pelo que eu sei todas as vagas são sempre todas preenchidas, mas os outros cursos têm uma quantidade muito pequena de vagas e, portanto, esses alunos entram e passam despercebidos e acho que</p>	<p>IC128: Vale à pena existir a tutoria, mas necessita de melhorias.</p> <p>Eu acho que sim, vale a pena existir tutoria, acho que faz todo sentido existir, mas acho que necessita melhorias. Não era a única tarefa que eu tinha que realizar, era pouco tempo que eu tinha, portanto, eu não consegui dar o que o projeto necessitava, por isso que digo que a disponibilidade de [...] estar aqui cinco dias por semana facilita, [...] estar cinco dias por semana focada nessa tarefa só. E se for necessário, consegue fazer uma monitorização do programa muito melhor [...]. Mas pronto, ter mais tempo pra eles.</p> <p>Eu acho que é importante oferecermos esse serviço aos alunos, afinal somos uma faculdade de Psicologia, se nós não tivermos um apoio à integração e ao desenvolvimento de competências do aluno quem é que vai ter? Depois também somos do curso da Universidade de Lisboa que tem mais alunos M23, somos nós e a Faculdade de direito porque nos outros cursos geralmente abrem duas, três vagas e portanto, também não é possível fazer um</p>	<p>AI28: Vale à pena existir a tutoria, mas necessita de melhorias.</p>	<p>AI28: Vale à pena existir a tutoria, mas necessita de melhorias.</p> <p>IC128: Vale à pena existir a tutoria, mas necessita de melhorias.</p> <p><i>Eu acho que é importante existir. Eu acho que é importante para os alunos na altura do acolhimento saberem que ela existe, é importante oferecermos esse serviço aos alunos, afinal somos uma faculdade de Psicologia, se nós não tivermos um apoio à integração e ao desenvolvimento de competências do aluno quem é que vai ter? Depois também somos do curso da Universidade de Lisboa que tem mais alunos M23, somos nós e a Faculdade de direito porque nos outros cursos geralmente abrem duas, três vagas e portanto, também não é possível fazer um projeto de tutoria e não faz sentido para poucos alunos, portanto, esses alunos entram e passam despercebidos e acho que perdem logo o cunho maior de 23. Aqui de facto tem entrado um número maior, neste ano foram dezesseis, mas tem andado aí por uns quinze, dezesseis. Portanto, acho importante oferecermos esse serviço. Relativamente ao modelo: acho que de facto os maiores de 23 já não são o que eram há uns anos atrás, se calhar de facto aquelas pessoas que não tinham as habilitações suficientes para entrar no ensino superior mas tinham experiência profissional, logo nos primeiros anos foram entrando e foram se graduando. E agora temos muito são</i></p>

<p>perdem logo o cunho maior de 23. Aqui de facto tem entrado um número maior, neste ano foram dezesseis, mas tem andado aí por uns quinze, dezesseis, e em direito também entra o mesmo. Portanto, acho importante oferecermos esse serviço. Relativamente ao modelo: acho que de facto os maiores de 23 já não são o que eram há uns anos atrás, se calhar de facto aquelas pessoas que não tinham as habilitações suficientes para entrar no ensino superior mas tinham experiência profissional, logo nos primeiros anos foram entrando e foram se graduando. E agora temos muito são pessoas que até poderiam ter entrado por um outro contingente, mas se calhar é mais prático entrar pelos Maiores de 23, mas são pessoas com habilitações superiores, mais jovens, ainda com os métodos de estudo muito frescos na cabeça deles, alguns são trabalhadores estudantes mas outros não são, muitas vezes, aproveitam também períodos em que estão desempregados e em qual recebem o subsídio desemprego e aproveitam para fazer a sua formação, portanto, para prestar a sua formação profissional. Portanto, o público Maiores de 23 tem vindo a mudar e acho que de facto o modelo de tutoria deve ser repensado em função do público e das características dos alunos em cada ano. E se calhar oferecer workshops mais sobre práticas pedagógicas ou sobre como fazer uma apresentação, sobre como fazer um trabalho de grupo, pode ser muito básico para muitas destas pessoas que estão aqui. E em todo caso eles terão oportunidade</p>	<p>projeto de tutoria e não faz sentido para poucos alunos. Pode ser pra poucos [...]. Portanto, pelo que eu sei todas as vagas são sempre todas preenchidas, mas os outros cursos têm uma quantidade muito pequena de vagas e, portanto, esses alunos entram e passam despercebidos e acho que perdem logo o cunho maior de 23. Aqui de facto tem entrado um número maior, neste ano foram dezesseis, mas tem andado aí por uns quinze, dezesseis, e em direito também entra o mesmo. Portanto, acho importante oferecermos esse serviço. Relativamente ao modelo: acho que de facto os maiores de 23 já não são o que eram há uns anos atrás, se calhar de facto aquelas pessoas que não tinham as habilitações suficientes para entrar no ensino superior mas tinham experiência profissional, logo nos primeiros anos foram entrando e foram se graduando. E agora temos muito são pessoas que até poderiam ter entrado por um outro contingente, mas se calhar é mais prático entrar pelos Maiores de 23, mas são pessoas com habilitações superiores, mais jovens, ainda com os métodos de estudo muito frescos na cabeça deles, alguns são trabalhadores estudantes mas outros não são, muitas vezes, aproveitam também</p>		<p><i>pessoas que até poderiam ter entrado por um outro contingente, mas se calhar é mais prático entrar pelos Maiores de 23, mas são pessoas com habilitações superiores, mais jovens, ainda com os métodos de estudo muito frescos na cabeça deles, alguns são trabalhadores estudantes mas outros não são, muitas vezes, aproveitam também períodos em que estão desempregados e em qual recebem o subsídio desemprego e aproveitam para fazer a sua formação, portanto, para prestar a sua formação profissional. Portanto, o público Maiores de 23 tem vindo a mudar e acho que de facto o modelo de tutoria deve ser repensado em função do público e das características dos alunos em cada ano. E se calhar oferecer workshops mais sobre práticas pedagógicas ou sobre como fazer uma apresentação, sobre como fazer um trabalho de grupo, pode ser muito básico para muitas destas pessoas que estão aqui. E em todo caso eles terão oportunidade também de aprender. Nessa perspectiva, eu acho que sim, vale a pena existir tutoria, mas acho que necessita melhorias como a disponibilidade de estar aqui cinco dias por semana facilitada nessa tarefa só. Mas pronto, ter mais tempo pra eles. E se for necessário, fazer uma monitorização do programa muito melhor. Se não estão a recorrer, nós procuramos saber como é que as coisas funcionam e se não ocorrem porque de facto não sentem a necessidade, consideramos que é bom sinal em termos da sua integração.</i></p>
---	--	--	--

<p>também de aprender. IC128 Acho que o projeto de tutoria deve continuar, deve continuar a ser monitorado com o de mentorado, por um lado para não haver sobreposição e por um outro lado, pra ser um apoio coordenado pra não estarmos a ajudar de frentes muito diferentes. E sobre potencialidades, acho que era importante envolvermos mais os alunos, [...] dar-lhes voz de alguma forma, não sei ainda como, acho que aquilo é sobre tutoria, estava a pensar em buscar alternativas de intervenção. Mas é importante existir, acho que é importante existir um ponto de apoio em que eles podem recorrer, não são só os colegas no caso dos mentores e também não são os professores que têm se calhar uma relação com eles um pouco mais distanciada. Então é isso. IC129 T2-PT: Os limites de fato é eles terem pouco tempo porque quase todos trabalham e como trabalham o pouco tempo que tem querem dedicar ao curso, justamente porque são pessoas mais focadas do que os alunos que entram na idade habitual e que ainda estão na fase de viver a vida, não estão tão focados em ter resultados bons, em concentrar-se no curso e aprender, as pessoas que entram mais velhas tem mais essa perspectiva, se dedicam ao curso e por isso podem ter dificuldade em abrir outras atividades, eles pensam “eu já tenho tão pouco tempo, se eu for abrir mais essa ou aquela tarefa, programa ou projeto ou seja o que for, vai ser ainda mais difícil fazer o que tem para fazer. Portanto, acho que essa é a principal dificuldade. IC130</p>	<p>períodos em que estão desempregados e em qual recebem o subsídio desemprego e aproveitam para fazer a sua formação, portanto, para prestar a sua formação profissional. Portanto, o público Maiores de 23 tem vindo a mudar e acho que de facto o modelo de tutoria deve ser repensado em função do público e das características dos alunos em cada ano. E se calhar oferecer workshops mais sobre práticas pedagógicas ou sobre como fazer uma apresentação, sobre como fazer um trabalho de grupo, pode ser muito básico para muitas destas pessoas que estão aqui. E em todo caso eles terão oportunidade também de aprender.</p> <p>Eu acho que é importante existir. Eu acho que é importante para os alunos na altura do acolhimento saberem que ela existe, se não estão a recorrer, nós procuramos saber como é que as coisas funcionam e se não ocorrem porque fato não sentem a necessidade, consideramos que é bom sinal em termos da sua integração mas parece-me que é importante pelo menos saibam que este apoio tutorial que ele existe sim, neste momento inicial.</p>		
	<p>IC129: O PTM23 precisa ser</p>	<p>IC129: O PTM23 precisa ser</p>	<p>DSC129 A129: O PTM23 precisa ser</p>

<p>Algumas pessoas podem achar que vão tirar o curso só por tirar porque já não vão conseguir praticar, isso de alguma forma pode prejudicar, talvez, pensando em alunos mais novos, que vão estudar e quando chegam no mercado de trabalho não tem trabalho. Pode pensar “nós já não temos trabalho, para que uma pessoa mais velha para tirar nosso lugar”. Porque também há perspectivas diferentes de empregos, tem empregos que pedem pessoas a partir dos trinta. As pessoas pensam assim, que aquela pessoa que entrou depois, que os mais antigos não deviam existir, eu digo isso porque já ouvi pessoas dizerem que acham que pessoas mais velhas não deviam estudar, eu não concordo, mas podem pensar assim, “eu estou aqui, tirei boas notas, acabei o secundário e agora uma pessoa mais velha vai tirar o meu lugar quando acabar o curso”. Então, isso pode virar uma dificuldade. Em relação também ao funcionamento do curso, as pessoas que trabalham geralmente têm épocas especiais para fazer os exames e aí algumas pessoas não vêem muito bem esses estudantes porque acham que são favorecidos. Agora as possibilidades, falei os limites, não sei se falei bem porque as vezes começo a pensar numa coisa e possibilidades, eu acho que são alunos muito motivados, dedicados, e eu acho que isso pode ser bom para para o funcionamento do curso,</p>	<p><i>monitorado.</i> Acho que o projeto de tutoria deve continuar, deve continuar a ser monitorado com o de mentorado, por um lado para não haver sobreposição e por um outro lado, pra ser um apoio coordenado pra não estarmos a ajudar de frentes muito diferentes. E sobre potencialidades, acho que era importante envolvermos mais os alunos, [...] dar-lhes voz de alguma forma, não sei ainda como, acho que aquilo é sobre tutoria, estava a pensar em buscar alternativas de intervenção. Mas é importante existir, acho que é importante existir um ponto de apoio em que eles podem recorrer, não são só os colegas no caso dos mentores e também não são os professores que têm se calhar uma relação com eles um pouco mais distanciada. Então é isso.</p>	<p><i>monitorado.</i></p>	<p><i>monitorado.</i> IC129: <i>O PTM23 precisa ser monitorado.</i> <i>Acho que o projeto de tutoria deve continuar a ser monitorado com o de mentorado, por um lado para não haver sobreposição e por um outro lado, pra ser um apoio coordenado pra não estarmos a ajudar com frentes muito diferentes. Acho também que era importante envolvermos mais os alunos, dar-lhes voz de alguma forma, não sei ainda como, acho que aquilo é sobre tutoria, estava a pensar em buscar alternativas de intervenção. Mas é importante existir um ponto de apoio em que eles podem recorrer, não são só os colegas no caso dos mentores e também não são os professores que têm se calhar uma relação com eles um pouco mais distanciada.</i></p>
<p>IC132 acho que é uma pena não conhecermos os alunos antes de conhecer o programa. Porque eu acho que se os conhecêssemos, o programa</p>	<p>IC130: <i>Na teoria eu acho que faz todo o sentido que o programa exista, mas na prática é muito difícil de implementar, por causa do tempo dos nossos alunos.</i> Os limites de fato é eles terem pouco tempo porque quase todos trabalham e como trabalham o pouco tempo que tem querem dedicar ao curso, justamente porque são pessoas mais focadas do que os alunos que entram na idade habitual e que ainda estão na fase de viver a</p>	<p>A130: <i>Na teoria eu acho que faz todo o sentido que o programa exista, mas na prática é muito difícil de implementar, por causa do tempo dos nossos alunos.</i></p>	<p>DSC130 A130: <i>Na teoria eu acho que faz todo o sentido que o programa exista, mas na prática é muito difícil de implementar, por causa do tempo dos nossos alunos.</i> IC130: <i>Na teoria eu acho que faz todo o sentido que o programa exista, mas na prática é muito difícil de implementar, por causa do tempo dos nossos alunos.</i> <i>Na teoria eu acho que faz todo o sentido e é por isso que o programa existe. Mas depois, na prática, é muito difícil de implementar. No nosso ponto de vista isso tem a ver com o tempo dos nossos alunos. Os alunos maiores de vinte três são</i></p>

<p>iria muito mais ao encontro deles. [...] eu acho que isso pode ser muito bom, porque no dia da entrevista nós conseguimos ver um pouco das dificuldades que eles vão sentir, antecipar essas coisas todas, então podemos planejar muito mais o projeto ao encontro de tudo aquilo que eles querem, do que eles sentem necessidade, por isso acho que uma possibilidade é essa, com a pessoa que faz a entrevista. Porque a motivação que eles têm é grande e é uma pena se perder no processo, acaba por se perder porque se o projeto não vai ao encontro do que eles necessitam logo no início, enquanto estão mais livres e os professores ainda não estão a dar aulas assim muito pesadas, não há trabalhos de grupo ainda, não há exames, então temos que desempenhar o foco principal do projeto logo no início, mas para isso acontecer tem que se conhecer muito bem os alunos e antes do projeto começar. Acho que isso pode ser uma possibilidade, talvez possamos melhorar mais o projeto nesse sentido.IC131</p> <p>C1: Eu acho que ele entrou em uma fase que nós não... assim, no início nós tínhamos a expectativa do cumprimento dos alunos do programa um pouco prescritivo. Como percebemos e acho que é mesmo assim, que o programa tem que ser flexível e sendo aquilo que os alunos incitam, hoje estamos mais confortáveis com essa ideia, no sentido de achar que tem sido aquela ajuda que é necessária e não aquela ajuda que botamos na cabeça que eles precisam.IC133</p> <p>P1: Eu acho que é</p>	<p>vida, não estão tão focados em ter resultados bons, em concentrar-se no curso e aprender, as pessoas que entram mais velhas tem mais essa perspectiva, se dedicam ao curso e por isso podem ter dificuldade em abrir outras atividades, eles pensam “eu já tenho tão pouco tempo, se eu for abrir mais essa ou aquela tarefa, programa ou projeto ou seja o que for, vai ser ainda mais difícil fazer o que tem para fazer. Portanto, acho que essa é a principal dificuldade. Na teoria eu acho que faz todo o sentido e é por isso que o programa existe. Mas depois, na prática, é muito difícil de implementar. No nosso ponto de vista isso tem a ver com o tempo dos nossos alunos. Os alunos maiores de vinte três são estudantes e trabalhadores. E uma das maiores dificuldades que eles tem é de haver tempo para o além de vir as aulas e do trabalhar, fazer os trabalhos em grupo e etc. Eu acho que é importante fazer uma boa reflexão, se não existir esse programa os alunos vão sentir falta de algo, no entanto é preciso entender que é um processo complexo. Eu acho que é importante que ele exista como disponibilidade, mas é preciso mais do que isso, é necessário encontrar formas de chegar aos alunos de modo mais efetivo.</p>		<p><i>estudantes e trabalhadores. E uma das maiores dificuldades que eles tem é de haver tempo para o além de vir as aulas e do trabalhar, fazer os trabalhos em grupo e etc. Eu acho que é importante fazer uma boa reflexão, se não existir esse programa os alunos vão sentir falta de algo, no entanto é preciso entender que é um processo complexo. Os limites de fato é eles terem pouco tempo porque quase todos trabalham e como trabalham o pouco tempo que tem querem dedicar ao curso, justamente porque são pessoas mais focadas do que os alunos que entram na idade habitual e que ainda estão na fase de viver a vida, não estão tão focados em ter resultados bons, em concentrar-se no curso e aprender, as pessoas que entram mais velhas tem mais essa perspectiva, se dedicam ao curso e por isso podem ter dificuldade em abrir outras atividades, eles pensam “eu já tenho tão pouco tempo, se eu for abrir mais essa ou aquela tarefa, programa ou projeto ou seja o que for, vai ser ainda mais difícil fazer o que tem para fazer. Portanto, acho que essa é a principal dificuldade. Portanto, eu acho que é importante que ele exista como disponibilidade, mas é preciso mais do que isso, é necessário encontrar formas de chegar aos alunos de modo mais efetivo.</i></p>
--	---	--	--

<p>importante existir. Eu acho que é importante para os alunos na altura do acolhimento saberem que ela existe, se não estão a recorrer, nós procuramos saber como é que as coisas funcionam e se não ocorrem porque fato não sentem a necessidade, consideramos que é bom sinal em termos da sua integração mas parece-me que é importante pelo menos saibam que este apoio tutorial que ele existe sim, neste momento inicial.</p> <p>IC128</p> <p>P1: Eu acho que um programa que está bastante bem elaborado e que procura abranger relativamente os vários aspectos enfim das dificuldades eventuais desses alunos. Eu acho que a partir do momento em que temos a noção que o fato para desses alunos não aderirem às sessões temáticas sejam por uma boa razão. Leva-me a pensar que de fato tem que haver uma certa sinergia entre o que é proposto e depois outro tipo de apoio que eles têm no mentorado. IC134</p> <p>E nesse aspecto, de relance não estou a ver algo que pudesse ser melhorado pelo menos seja o que ainda não se manifestaram nesse sentido, mas de qualquer modo é sempre importante também ter a opinião deles relativamente a satisfação que eles tem em termos de conjunto de informações disponíveis e dos programas que são propostos. IC135</p> <p>C2: Na teoria eu acho que faz todo o sentido e é por isso que o programa existe. Mas depois, na prática, é muito difícil de implementar. No nosso ponto de vista isso tem a ver com o tempo dos nossos alunos. Os alunos maiores de vinte três são estudantes e</p>	<p>IC131: <i>Conhecer os alunos antes de realizar as atividades poderia trazer melhorias para o PTM23.</i></p> <p>acho que é uma pena não conhecermos os alunos antes de conhecer o programa. Porque eu acho que se os conhecêssemos, o programa iria muito mais ao encontro deles. [...] eu acho que isso pode ser muito bom, porque no dia da entrevista nós conseguimos ver um pouco das dificuldades que eles vão sentir, antecipar essas coisas todas, então podemos planejar muito mais o projeto ao encontro de tudo aquilo que eles querem, do que eles sentem necessidade, por isso acho que uma possibilidade é essa, com a pessoa que faz a entrevista. Porque a motivação que eles têm é grande e é uma pena se perder no processo, acaba por se perder porque se o projeto não vai ao encontro do que eles necessitam logo no início, enquanto estão mais livres e os professores ainda não estão a dar aulas assim muito pesadas, não há trabalhos de grupo ainda, não há exames, então temos que desempenhar o foco principal do projeto logo no início, mas para isso acontecer tem que se conhecer muito bem os alunos e antes do projeto começar. Acho que isso pode ser uma possibilidade,</p>	<p>AI31: <i>Conhecer os alunos antes de realizar as atividades poderia trazer melhorias para o PTM23.</i></p>	<p>DSC131</p> <p>AI31: <i>Conhecer os alunos antes de realizar as atividades poderia trazer melhorias para o PTM23.</i></p> <p>IC131: <i>Conhecer os alunos antes de realizar as atividades poderia trazer melhorias para o PTM23.</i></p> <p><i>Acho que é uma pena não conhecermos os alunos antes de iniciar o projeto, porque eu acho que se os conhecêssemos, o programa iria muito mais ao encontro deles. Eu acho que isso pode ser muito bom, porque no dia da entrevista nós conseguimos ver um pouco das dificuldades que eles vão sentir, antecipar essas coisas todas, então podemos planejar muito mais o projeto ao encontro de tudo aquilo que eles querem, do que eles sentem necessidade, por isso acho que uma possibilidade é essa, com a pessoa que faz a entrevista. Porque a motivação que eles têm é grande e é uma pena se perder no processo, acaba por se perder porque se o projeto não vai ao encontro do que eles necessitam logo no início, enquanto estão mais livres, e os professores ainda não estão a dar aulas muito pesadas, não há trabalhos de grupo ainda, não há exames, então temos que desempenhar o foco principal do projeto logo no início, mas para isso acontecer tem que se conhecer muito bem os alunos e antes do projeto começar. Acho que isso pode ser uma possibilidade, talvez possamos melhorar mais o projeto nesse sentido.</i></p>
--	--	--	---

<p>trabalhadores. E uma das maiores dificuldades que eles tem é de haver tempo para o além de vir as aulas e do trabalhar, fazer os trabalhos em grupo e etc. Eu acho que é importante fazer uma boa reflexão, se não existir esse programa os alunos vão sentir falta de algo, no entanto é preciso entender que é um processo complexo. Eu acho que é importante que ele exista como disponibilidade, mas é preciso mais do que isso, é necessário encontrar formas de chegar aos alunos de modo mais efetivo. IC130</p> <p>C2: Tutoria está mais associada a tempos letivos, fazer mesmo parte do seu horário. Teria que ter um caráter obrigatório, mas que esteja lá no seu horário. [...] É preciso encontrar aqui uma solução quase que organizacional. Eu acho que se eles viessem as tutorias teriam um ganhar imenso, iriam superar obstáculos muito mais rapidamente. Eu acredito que eles pensam nisso dessa forma, mas não conseguem ver. Questões relacionadas à organização do tempo.</p> <p>[...] uma coisa relacionada a tutoria de mais de 23, o aluno vem trás as suas questões e o técnico pode organizar com os docentes workshop específicos, atividades específicas, orientações específicas para o aluno, isso seria o resultado dessa ação de tutoria e seria muito bom. Porque não podia ser o professor o tutor desses alunos? Porque funcionaria melhor e termos de visão dos alunos porque era uma figura de autoridade ali.</p> <p>IC136</p>	<p>talvez possamos melhorar mais o projeto nesse sentido.</p>		
	<p>IC132: <i>A relação entre os mais jovens e os mais velhos.</i></p> <p>Algumas pessoas podem achar que vão tirar o curso só por tirar porque já não vão conseguir praticar, isso de alguma forma pode prejudicar, talvez,</p>	<p>AI32: <i>A relação entre os mais jovens e os mais velhos.</i></p>	<p>DSS132</p> <p>AI32: <i>A relação entre os mais jovens e os mais velhos.</i></p> <p>IC132: <i>A relação entre os mais jovens e os mais velhos.</i></p> <p><i>Algumas pessoas podem achar que vão tirar o curso só por tirar porque já não vão conseguir praticar, isso de alguma forma pode prejudicar,</i></p>

	<p>pensando em alunos mais novos, que vão estudar e quando chegam no mercado de trabalho não tem trabalho. Pode pensar “nós já não temos trabalho, para que uma pessoa mais velha para tirar nosso lugar”. Porque também há perspectivas diferentes de empregos, tem empregos que pedem pessoas a partir dos trinta. As pessoas pensam assim, que aquela pessoa que entrou depois, que os mais antigos não deviam existir, eu digo isso porque já ouvi pessoas dizerem que acham que pessoas mais velhas não deviam estudar, eu não concordo, mas podem pensar assim, “eu estou aqui, tirei boas notas, acabei o secundário e agora uma pessoa mais velha vai tirar o meu lugar quando acabar o curso”. Então, isso pode virar uma dificuldade. Em relação também ao funcionamento do curso, as pessoas que trabalham geralmente têm épocas especiais para fazer os exames e aí algumas pessoas não vêm muito bem esses estudantes porque acham que são favorecidos. Agora as possibilidades, falei os limites, não sei se falei bem porque as vezes começo a pensar numa coisa e possibilidades, eu acho que são alunos muito motivados, dedicados, e eu acho que isso pode ser bom para para o</p>		<p><i>talvez, pensando em alunos mais novos que vão estudar e quando chegam no mercado de trabalho não tem trabalho, podem pensar “nós já não temos trabalho, para que uma pessoa mais velha para tirar nosso lugar”. As pessoas pensam assim, que aquela pessoa que entrou depois, que os mais antigos não deviam existir, eu digo isso porque já ouvi pessoas dizerem que acham que pessoas mais velhas não deviam estudar, eu não concordo, mas podem pensar assim, “eu estou aqui, tirei boas notas, acabei o secundário e agora uma pessoa mais velha vai tirar o meu lugar quando acabar o curso”. Então, isso pode virar uma dificuldade. Em relação também ao funcionamento do curso, as pessoas que trabalham geralmente têm épocas especiais para fazer os exames e aí algumas pessoas não vêm muito bem esses estudantes porque acham que são favorecidos. Agora as possibilidades, falei os limites, não sei se falei bem porque às vezes começo a pensar numa coisa e possibilidades, eu acho que são alunos muito motivados, dedicados, e eu acho que isso pode ser bom para o funcionamento do curso.</i></p>
--	--	--	--

	funcionamento do curso.		
	<p>IC133: Hoje há uma compreensão de que o programa tem que ser flexível.</p> <p>Eu acho que ele entrou em uma fase que nós não... assim, no início nós tínhamos a expectativa do cumprimento dos alunos do programa um pouco prescritivo. Como percebemos e acho que é mesmo assim, que o programa tem que ser flexível e sendo aquilo que os alunos incitam, hoje estamos mais confortáveis com essa ideia, no sentido de achar que tem sido aquela ajuda que é necessária e não aquela ajuda que botamos na cabeça que eles precisam.</p>	<p>A133: Hoje há uma compreensão de que o programa tem que ser flexível.</p>	<p>DSC133 A133: Hoje há uma compreensão de que o programa tem que ser flexível. IC133: Hoje há uma compreensão de que o programa tem que ser flexível.</p> <p><i>Eu acho que no início nós tínhamos a expectativa do cumprimento dos alunos do programa um pouco prescritivo. Percebemos que o programa tem que ser flexível e sendo aquilo que os alunos incitam, hoje estamos mais confortáveis com essa ideia, no sentido de achar que tem sido aquela ajuda que é necessária e não aquela ajuda que botamos na cabeça que eles precisam.</i></p>
	<p>IC134: Deve haver uma sinergia entre o PTM23 e o mentorado.</p> <p>Eu acho que um programa que está bastante bem elaborado e que procura abranger relativamente os vários aspectos enfim das dificuldades eventuais desses alunos. Eu acho que a partir do momento em que temos a noção que o fato para desses alunos não aderirem às sessões temáticas sejam por uma boa razão. Leva-me a pensar que de fato tem que haver uma certa sinergia entre o que é proposto e depois outro tipo de apoio que eles têm no mentorado.</p>	<p>A134: Deve haver uma sinergia entre o PTM23 e o mentorado.</p>	<p>DSC134 A134: Deve haver uma sinergia entre o PTM23 e o mentorado. IC134: Deve haver uma sinergia entre o PTM23 e o mentorado.</p> <p><i>Eu acho que um programa que está bastante bem elaborado e que procura abranger relativamente os vários aspectos enfim das dificuldades eventuais desses alunos. Eu acho que a partir do momento em que temos a noção que o fato para desses alunos não aderirem às sessões temáticas, sejam por uma boa razão. Leva-me a pensar que de fato tem que haver uma certa sinergia entre o que é proposto e depois outro tipo de apoio que eles têm no mentorado.</i></p>

	<p>ICI35: <i>Não vejo algo que pudesse ser melhorado, é preciso ouvir os alunos.</i></p> <p>E nesse aspecto, de relance não estou a ver algo que pudesse ser melhorado pelo menos seja o que ainda não se manifestaram nesse sentido, mas de qualquer modo é sempre importante também ter a opinião deles relativamente a satisfação que eles tem em termos de conjunto de informações disponíveis e dos programas que são propostos.</p>	<p>AI35: <i>Não vejo algo que pudesse ser melhorado, é preciso ouvir os alunos.</i></p>	<p>DSCI35</p> <p>AI35: <i>Não vejo algo que pudesse ser melhorado, é preciso ouvir os alunos.</i></p> <p>ICI35: <i>Não vejo algo que pudesse ser melhorado, é preciso ouvir os alunos.</i></p> <p><i>E nesse aspecto, não estou a ver algo que pudesse ser melhorado pelo menos seja o que ainda não se manifestaram nesse sentido, mas de qualquer modo é sempre importante também ter a opinião deles relativamente à satisfação que eles têm em termos de conjunto de informações disponíveis e dos programas que são propostos.</i></p>
	<p>ICI36: <i>Tutoria deveria ter um caráter obrigatório.</i></p> <p>Tutoria está mais associada a tempos letivos, fazer mesmo parte do seu horário. Teria que ter um caráter obrigatório, mas que esteja lá no seu horário. [...] É preciso encontrar aqui uma solução quase que organizacional. Eu acho que se eles viessem as tutorias teriam um ganhar imenso, iriam superar obstáculos muito mais rapidamente. Eu acredito que eles pensam nisso dessa forma, mas não conseguem ver. Questões relacionadas à organização do tempo.</p> <p>[...] uma coisa relacionada a tutoria de mais de 23, o aluno vem trás as suas questões e o técnico pode organizar com os docentes workshop específicos, atividades específicas, orientações</p>	<p>AI36: <i>Tutoria deveria ter um caráter obrigatório.</i></p>	<p>DSCI36</p> <p>AI36: <i>Tutoria deveria ter um caráter obrigatório.</i></p> <p>ICI36: <i>Tutoria deveria ter um caráter obrigatório.</i></p> <p><i>Tutoria está mais associada a tempos letivos, fazer mesmo parte do seu horário. Teria que ter um caráter obrigatório, mas que esteja lá no seu horário. É preciso encontrar aqui uma solução quase que organizacional. Eu acho que se eles viessem às tutorias teriam a ganhar imenso, iriam superar obstáculos muito mais rapidamente. Eu acredito que eles pensam nisso dessa forma, mas não conseguem ver. Questões relacionadas à organização do tempo, o aluno vem trás as suas questões e o técnico pode organizar com os docentes workshops específicos, atividades específicas, orientações específicas para o aluno, isso seria o resultado dessa ação de tutoria e seria muito bom. Porque não podia ser o professor o tutor desses alunos? Porque funcionaria melhor em termos de visão dos alunos, porque era uma figura de autoridade ali.</i></p>

	<p>específicas para o aluno, isso seria o resultado dessa ação de tutoria e seria muito bom. Porque não podia ser o professor o tutor desses alunos? Porque funcionaria melhor e termos de visão dos alunos porque era uma figura de autoridade ali.</p>		
--	--	--	--

APÊNDICE QQ – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 27(IAD 27)			
EIXO DISCURSIVO: Concepções de tutoria (alunos M23)			
EXPRESSÕES CHAVES	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>A2: É um apoio pra todas as horas. Eu defino como todas as horas, porque sempre que eu tenho alguma dúvida se eu mandar um e-mail é respondido com muita rapidez e sim! É para todas as horas mesmo! O atendimento é interessante, eu estou a falar a nível individual. ICI37</p> <p>A3: Tutoria é isso dos mentores, não? Não tenho assim muito a dizer.</p> <p>A7: Eu não sei o que é tutoria. Nós aqui temos o mentorado que há um conjunto de pessoas que são mentores. Em que que isto consiste? O mentor existe, eu não sei se existe há muito tempo, acho que é relativamente recente aqui na faculdade e inclusivamente aí nas outras faculdades aqui do campus, acho que não existe, existe numa ou noutra, entretanto, já vai surgindo, e eles inclusivamente estão a trocar experiências para ver se arranja também, mas não tem. Mas basicamente o objetivo tanto para os mais jovens do contingente geral tanto como para os Maiores de 23, isto porque o Mentorado Maior de 23 só existiu este ano em 2015, o ano passado era uma coisa ligeiramente diferente, em 2013 também era ligeiramente diferente, consiste em num acompanhamento inicial quando o aluno entra para a faculdade.</p>	<p>ICI37: A tutoria é um apoio pra todas as horas, aumenta a confiança na fase inicial, evitando desistência.</p> <p>É um apoio pra todas as horas. Eu defino como todas as horas, porque sempre que eu tenho alguma dúvida se eu mandar um e-mail é respondido com muita rapidez e sim! É para todas as horas mesmo! O atendimento é interessante, eu estou a falar a nível individual.</p> <p>A tutoria M23 fez-nos sentir muito amparados e aumenta a nossa confiança na fase inicial em que as dúvidas e receios ainda são muitos e que pode levar à desistência.</p>	<p>AI37: A tutoria é um apoio pra todas as horas, aumenta a confiança na fase inicial, evitando desistência.</p>	<p>DSC137</p> <p>AI37: A tutoria é um apoio pra todas as horas, aumenta a confiança na fase inicial, evitando desistência.</p> <p>ICI37: A tutoria é um apoio pra todas as horas, aumenta a confiança na fase inicial, evitando desistência.</p> <p>A tutoria M23 fez-nos sentir muito amparados e aumenta a nossa confiança na fase inicial em que as dúvidas e receios ainda são muitos e que pode levar à desistência. É um apoio pra todas as horas. Eu defino como todas as horas, porque sempre que eu tenho alguma dúvida se eu mandar um e-mail é respondido com muita rapidez e sim! É para todas as horas mesmo! O atendimento é interessante, eu estou a falar a nível individual.</p>
	<p>ICI38: Eu não sei o que é tutoria, nós temos o mentorado.</p> <p>Tutoria é isso dos mentores, não? Não tenho assim muito a dizer.</p> <p>Eu não sei o que é tutoria. Nós aqui temos o mentorado que há um conjunto de pessoas que são mentores. Em que que isto consiste? O mentor existe, eu não sei se existe há muito tempo, acho que é relativamente recente aqui na faculdade e inclusivamente aí nas outras faculdades aqui do campus, acho que não existe, existe numa ou noutra, entretanto, já vai surgindo, e eles inclusivamente estão a trocar experiências para ver se</p>	<p>AI38: Algumas pessoas confundem a tutoria com o mentorado.</p>	<p>DSC138</p> <p>AI38: Eu não sei o que é tutoria, nós temos o mentorado.</p> <p>ICI38: Algumas pessoas confundem a tutoria com o mentorado.</p> <p>Eu não sei o que é tutoria. Tutoria é isso dos mentores, não? Não tenho assim muito a dizer. Eu não sei o que é tutoria. Nós aqui temos o mentorado que há um conjunto de pessoas que são mentores. Em que isto consiste? Consiste em num acompanhamento inicial quando o aluno entra para a faculdade do ponto de vista do aluno mais rapidamente</p>

<p>IC138 Mas não do ponto de vista das matérias ou das disciplinas do ponto de vista acadêmico, que isso sim, acho que já tem a ver com tutoria, mas sim, do ponto de vista do aluno mais rapidamente ultrapassar dificuldades que não têm nada a ver com o ensino propriamente dito, nomeadamente o quê? Saber os processos e a parte burocrática das coisas: onde é que é a secretaria, como é que funciona, onde é que se tiram fotocópias, onde é que estão os materiais, onde é que ficam as salas, onde é que são os laboratórios, o quê que é preciso saber pra uma pessoa estar à vontade aqui dentro e não estar preocupada, completamente perdida. Depois ao longo do ano ir aconselhando em termos, por exemplo, de métodos de estudo, o que é mais difícil, o que é preciso estudar mais, o que é que alguns professores valorizam mais e outros valorizam menos, mas não vai além disso, nós não nos sentamos com eles para ver se um trabalho tá bem ou se está a correr bem ou assim. Pronto! É eles saberem se existem sebatas, se existem apontamentos dos anos anteriores, quais são os livros que são mesmo necessários, e aqueles que fazem parte da bibliografia, [...] portanto, esse gênero de coisas. Bem, isto passa-se no primeiro mês, um ou dois meses, a partir daí eles são autônomos porque entretanto, formam os seus próprios grupos, começam a trabalhar uns com os outros. Portanto, onde é que existe algum acompanhamento, quase todos os anos portanto, todos os anos entra um grupo novo. e tal. Assim, essas coisas todas, quando</p>	<p>arranja também, mas não tem. Mas basicamente o objetivo tanto para os mais jovens do contingente geral tanto como para os Maiores de 23, isto porque o Mentorado Maior de 23 só existiu este ano em 2015, o ano passado era uma coisa ligeiramente diferente, em 2013 também era ligeiramente diferente, consiste em num acompanhamento inicial quando o aluno entra para a faculdade.</p> <p>do ponto de vista do aluno mais rapidamente ultrapassar dificuldades que não têm nada a ver com o ensino propriamente dito, nomeadamente o quê? Saber os processos e a parte burocrática das coisas: onde é que é a secretaria, como é que funciona, onde é que se tiram fotocópias, onde é que estão</p> <p>os materiais, onde é que ficam as salas, onde é que são os laboratórios, o quê que é preciso saber pra uma pessoa estar à vontade aqui dentro e não estar preocupada, completamente perdida. Depois ao longo do ano ir aconselhando em termos, por exemplo, de métodos de estudo, o que é mais difícil, o que é preciso estudar mais, o que é que alguns professores valorizam mais e outros valorizam menos, mas não vai além disso, nós não nos sentamos com eles para ver se um trabalho tá bem ou se está a correr bem ou assim. Pronto! É eles saberem se existem sebatas, se existem apontamentos dos anos anteriores, quais são os livros que são mesmo necessários, e aqueles que fazem parte da bibliografia, [...] portanto, esse gênero de coisas. Bem, isto passa-se no primeiro mês, um ou dois meses, a partir daí eles são autônomos porque entretanto, formam os seus próprios grupos, começam a trabalhar uns com os outros.</p>	<p><i>ultrapassar dificuldades que não têm nada a ver com o ensino propriamente dito, nomeadamente o quê? Saber os processos e a parte burocrática das coisas: onde é que é a secretaria, como é que funciona, onde é que se tiram fotocópias, onde é que estão os materiais, onde é que ficam as salas, onde é que são os laboratórios, o quê que é preciso saber pra uma pessoa estar à vontade aqui dentro e não estar preocupada, completamente perdida. Depois ao longo do ano ir aconselhando em termos, por exemplo, de métodos de estudo, o que é mais difícil, o que é preciso estudar mais, o que é que alguns professores valorizam mais e outros valorizam menos, mas não vai além disso, nós não nos sentamos com eles para ver se um trabalho tá bem ou se está a correr bem ou assim. Pronto! É eles saberem se existem sebatas, se existem apontamentos dos anos anteriores, quais são os livros que são mesmo necessários, e aqueles que</i></p> <p><i>fazem parte da bibliografia, portanto esse gênero de coisas. Bem, isto passa-se no primeiro mês, um ou dois meses, a partir daí eles são autônomos porque entretanto, formam os seus próprios grupos, começam a trabalhar uns com os outros. Portanto, onde é que existe algum acompanhamento, quase todos os anos portanto, todos os anos entra um grupo novo e tal. Assim, essas coisas todas, quando estão à vontade eles próprios se orientam.</i></p>
--	---	--

<p>estão à vontade eles próprios se orientam. O processo é sempre o mesmo, as mesmas perguntas. IC138</p> <p>A6: A tutoria M23 fez-nos sentir muito amparados e aumenta a nossa confiança na fase inicial em que as dúvidas e receios ainda são muitos e que pode levar à desistência.</p>	<p>Portanto, onde é que existe algum acompanhamento, quase todos os anos portanto, todos os anos entra um grupo novo. e tal. Assim, essas coisas todas, quando estão à vontade eles próprios se orientam. O processo é sempre o mesmo, as mesmas perguntas.</p>		<p><i>O processo é sempre o mesmo, as mesmas perguntas.</i></p>
	<p>IC139: <i>A tutoria é do ponto de vista das matérias, das disciplinas.</i></p> <p>Mas não do ponto de vista das matérias ou das disciplinas do ponto de vista acadêmico, que isso sim, acho que já tem a ver com tutoria.</p>	<p>AI39: <i>A tutoria é do ponto de vista das matérias, das disciplinas.</i></p>	<p>DSCI39 AI39: <i>A tutoria é do ponto de vista das matérias, das disciplinas</i> IC139: <i>A tutoria é do ponto de vista das matérias, das disciplinas.</i></p> <p><i>O acompanhamento do ponto de vista das matérias ou das disciplinas, do ponto de vista acadêmico tem a ver com a tutoria.</i></p>

APÊNDICE RR – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 28 (IAD 28)

EIXO DISCURSIVO: PRÁTICA			
SUB-EIXO: AÇÕES DO APOIO TUTORIAL NO PTM23			
EXPRESSIONES CHAVES	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>A1: A sessão inicial de acolhimento. IC140</p> <p>A2: Uma sessão individual. O restante foi pelos e-mails. IC140</p> <p>A5: Não tenho consciência clara dessas atividades. Também não sabia que aquele acolhimento já era uma ação. IC141</p> <p>A4: Não ocorreram ações, acho eu! Eu sei que houve uma inicial. E depois houve mais uma que eu vim que não me lembro o que era. Sei que houve uma de estatística também que eu também não fui. Não ocorreu porque não havia ninguém. IC141</p> <p>A6: Na altura não, também por uma questão de horário, porque elas eram feitas de manhã também e eu trabalho de manhã. Depois houve uma delas que passou para a tarde que foi a de estatística, só que depois chegou a ser cancelada e não voltaram a organizar, pois então eu não cheguei a participar só por causa disso. IC142</p> <p>A3: Em termos da tutoria, chega-nos algumas, algumas não, bastante informações, deixa-nos informados de tudo o que se passa, dos workshops. IC143</p> <p>A6: Sim, eu acho importante para uma fase inicial ou mesmo em termos de funcionamento da universidade, em termos de funcionamento do próprio curso, do que é a universidade, porque também há muitas pessoas que chegam aqui muito mais velhas do que eu e que, se calhar sentem-se um bocadinho perdidas e acho que é fundamental</p>	<p>IC140: <i>As ações ocorrem por meio da sessão inicial de acolhimento, de sessões individuais e atendimentos on-line.</i></p> <p>A sessão inicial de acolhimento. Uma sessão individual. O restante foi pelos e-mails. Tive conhecimento de uma série de ações de planeamento inicial, nas quais participei, relativas ao acolhimento dos alunos. Uma delas foi a receção dos alunos que estavam na shortlist para serem selecionados. Teve essa primeira para apresentação do curso em si e depois ao existir essa segunda se calhar como já aconteceu em tempo de aula, acho que foi uma semana por aí, surgiram novas questões e nós podemos colocar diretamente, em vez de estar a recorrer por e-mail, e ali diretamente entre todos se calhar, uma dúvida que era minha também era dos outros elementos e foi um altura para todos ficarmos esclarecidos. A3: Não. Não. Eu nunca fui a nenhuma sessão individual, porque eu sou uma pessoa que vou e busco. Eu só passei pelo acolhimento e a outra sessão com os mentores, eu estive nos dois. Ah! Foi tudo bom! Pudemos tirar dúvidas, esclarecer dúvidas relacionadas com o que viria a seguir se fôssemos selecionados na primeira, na segunda já sabíamos que</p>	<p>IC140: <i>As ações ocorrem por meio da sessão inicial de acolhimento, de sessões individuais e atendimentos on-line.</i></p>	<p>DSC140</p> <p>A140: <i>As ações ocorrem por meio da sessão inicial de acolhimento, de sessões individuais e atendimentos on-line.</i></p> <p>IC140: <i>As ações ocorrem por meio da sessão inicial de acolhimento, de sessões individuais e atendimentos on-line.</i></p> <p><i>Houve a sessão inicial de acolhimento, foi a receção dos alunos que estavam na shortlist para serem selecionados. Teve essa primeira para apresentação do curso em si e depois ao existir essa segunda se calhar como já aconteceu em tempo de aula, acho que foi uma semana por aí, surgiram novas questões e nós podemos colocar diretamente, em vez de estar a recorrer por e-mail, e ali diretamente entre todos se calhar, uma dúvida que era minha também era dos outros elementos e foi um altura para todos ficarmos esclarecidos. Também alguém recorreu a sessão individual. Mas por e-mail inicialmente, quando houve aquelas primeiras questões que ela na altura não teve a resposta imediata teve que procurar informação, depois informou e me comunicou com ela por e-mail.</i></p>

<p>essa orientação inicial. IC144 A3: São muito importantes porque são um Welcome, para esses novos estudantes Maiores de 23 que já muitos deles têm uma profissão, muitos vieram como eu, sem saber exatamente o que iria acontecer. É muito importante haver esse feedback, essa troca de informação, como é que eu posso dizer, essa interação entre a tutoria e nós M23. Eu acho que é indispensável, e se não fosse assim, eu sei que há um grande número de desistências no início, se não houvesse esse processo, essa informação, da estatística, os workshops e tudo mais, provavelmente mais gente desistiria. IC144 A6: Acho que é importante porque acho que é um momento em que nós podemos também colocar as dúvidas que nos vão surgindo. Teve essa primeira para apresentação do curso em si e depois ao existir essa segunda se calhar como já aconteceu em tempo de aula, acho que foi uma semana por aí, surgiram novas questões e nós podemos colocar diretamente, em vez de estar a recorrer por e-mail, e ali diretamente entre todos se calhar, uma dúvida que era minha também era dos outros elementos e foi um altura para todos ficarmos esclarecidos. IC144 A8: Creio que, na nossa faculdade, existe uma filosofia de grande acompanhamento deste grupo específico de alunos. Creio que foram identificadas vantagens na criação deste programa, para permitir ou facilitar o regresso ou reingresso ao ensino superior de alunos</p>	<p>tínhamos sido os selecionados. No geral foi mesmo como a palavra diz, foram as estruturas de acolhimento. Acolher os Maiores de 23, esclarecer quaisquer dúvidas, encaminhar-nos, dizer o quê que iria acontecer, onde poderíamos pedir ajuda, a quem recorrer, os mentores nomeadamente, porque cada um de nós tem um mentor, e basicamente é isso! Porque na primeira reunião, éramos todos, depois na segunda é que foram os selecionados.</p>		
<p>IC141: Não tenho consciência das ações. Não tenho consciência clara dessas atividades. Também não sabia que aquele acolhimento já era uma ação Não ocorreram ações, acho eu! Eu sei que houve uma inicial. E depois houve mais uma que eu vim que não me lembro o que era. Sei que houve uma de estatística também que eu também não fui. Não ocorreu porque não havia ninguém.</p>	<p>IC141: Não tenho consciência das ações. Não tenho consciência clara dessas atividades. Também não sabia que aquele acolhimento já era uma ação Não ocorreram ações, acho eu! Eu sei que houve uma inicial. E depois houve mais uma que eu vim que não me lembro o que era. Sei que houve uma de estatística também que eu também não fui. Não ocorreu porque não havia ninguém.</p>	<p>IC141: Não tenho consciência das ações</p>	<p>DSC141 A141: Não tenho consciência das ações IC141: Não tenho consciência das ações. Não ocorreram ações, acho eu! Não tenho consciência clara dessas atividades. Eu sei que houve uma sessão inicial, mas também não sabia que aquele acolhimento já era uma ação. E depois houve mais uma que eu vim que não me lembro o que era. Sei que houve uma de estatística também que eu também não fui e não ocorreu porque não havia ninguém.</p>
<p>IC142: Não houve participação das sessões temáticas por uma questão do horário. Na altura não participei, também por uma questão de horário, porque elas eram feitas de manhã também e eu trabalho de manhã. Depois houve uma delas que passou para a tarde que foi a de estatística, só que depois chegou a ser cancelada e não voltaram a organizar, pois então eu não cheguei a participar só por causa disso.</p>	<p>IC142: Não houve participação das sessões temáticas por uma questão do horário. Na altura não participei, também por uma questão de horário, porque elas eram feitas de manhã também e eu trabalho de manhã. Depois houve uma delas que passou para a tarde que foi a de estatística, só que depois chegou a ser</p>	<p>AI42: Não houve participação das sessões temáticas por uma questão do horário.</p>	<p>DSC142 A142: Não houve participação das sessões temáticas por uma questão do horário. IC142: Não houve participação das sessões temáticas por uma questão do horário. Na altura não participei das sessões, também por uma questão de horário, porque elas eram feitas de manhã também e eu trabalho de manhã. Depois houve uma delas que passou para a tarde que foi a de estatística, só que depois chegou a ser</p>

<p>que não seguiram o percurso padrão e que foram detetadas dificuldades, no passado, na integração e sucesso deste grupo de alunos, que levou à criação e implementação de um o programa de apoio e acompanhamento a este grupo de alunos para minorar os casos de insucesso e desistência que se verificaram no passado.</p>			<p>cancelada e não voltaram a organizar, pois então eu não cheguei a participar só por causa disso.</p>
<p>IC144 A7: Tive conhecimento de uma série de acções de planeamento inicial, nas quais participei, relativas ao acolhimento dos alunos. Uma delas foi a receção dos alunos que estavam na shortlist para serem seleccionados. IC140 A8: Ajudou-me a reforçar a confiança em mim, nas minhas capacidades e a determinação em continuar. Ajudou-me a sentir muito acompanhada neste meu projeto. Eu Esperava que acções tutoriais fossem um pouco mais dinâmicas, que tomassem menos tempo.</p>	<p>IC143: A tutoria informa de todas as acções. Em termos da tutoria, chega-nos algumas, algumas não, bastante informações, deixa-nos informados de tudo o que se passa, dos workshops.</p>	<p>AI43: A tutoria informa de todas as acções.</p>	<p>DSCI43 AI43: A tutoria informa de todas as acções. IC143: A tutoria informa de todas as acções. Em termos da tutoria, chega-nos algumas, algumas não, bastante informações, deixa-nos informados de tudo o que se passa, dos workshops.</p>
<p>IC144 A2: Acho que é importante, essas aulas, workshops sobre organização pra estudar deveria ser dado mesmo no início. Essa dificuldade que nós temos de como é que eu vou organizar os estudos, como é que eu vou gerir o tempo deveria ser dado mesmo no início. IC145 A1: Acho pra mim que é positivo fazer esses pequenos cursos. Acho que são positivas, acho que sim, é uma boa iniciativa para nós que temos mais dificuldade ainda. É conseguir conciliar o nosso tempo, a maneira que vamos aplicar na faculdade. Pronto, a minha crítica é que deveria ser mais cedo. IC145</p>	<p>IC144: As acções são importantes em uma fase inicial porque as pessoas chegam um pouco perdidas. São muito importantes porque são um Welcome, para esses novos estudantes Maiores de 23 que já muitos deles têm uma profissão, muitos vieram como eu, sem saber exatamente o que iria acontecer. É muito importante haver esse feedback, essa troca de informação, como é que eu posso dizer, essa interação entre a tutoria e nós M23. Eu acho que é indispensável, e se não fosse assim, eu sei que há um grande número de desistências no início, se não houvesse esse processo, essa informação, da estatística, os workshops e tudo mais, provavelmente mais gente desistiria. Ajudou-me a reforçar a confiança em mim, nas minhas capacidades e a determinação em continuar. Ajudou-me a sentir muito acompanhada neste meu projeto. Eu Esperava que acções tutoriais fossem um pouco mais dinâmicas, que tomassem menos tempo. Sim, eu acho importante</p>	<p>AI44: As acções são importantes em uma fase inicial porque as pessoas chegam um pouco perdidas.</p>	<p>DSCI44 AI44: As acções são importantes em uma fase inicial porque as pessoas chegam um pouco perdidas. IC144: As sessões são importantes em uma fase inicial porque as pessoas chegam um pouco perdidas. As acções tutoriais são muito importantes porque são um Welcome, para esses novos estudantes Maiores de 23 que já muitos deles têm uma profissão, muitos vieram como eu, sem saber exatamente o que iria acontecer. É muito importante haver esse feedback, essa troca de informação, como é que eu posso dizer, essa interação entre a tutoria e nós M23. Eu acho que é indispensável, que é um momento em que nós podemos também colocar as dúvidas que nos vão surgindo em termos de funcionamento da universidade, em termos de funcionamento do próprio curso, e se não fosse assim, eu sei que há um grande número de desistências no início, se não houvesse esse processo, essa informação, da estatística, os workshops e tudo mais, provavelmente mais gente</p>

<p>A6: Acho que é importante porque acho que é um momento em que nós podemos também colocar as dúvidas que nos vão surgindo. IC144</p> <p>Teve essa primeira para apresentação do curso em si e depois ao existir essa segunda se calhar como já aconteceu em tempo de aula, acho que foi uma semana por aí, surgiram novas questões e nós podemos colocar diretamente, em vez de estar a recorrer por e-mail, e ali diretamente entre todos se calhar, uma dúvida que era minha também era dos outros elementos e foi um altura para todos ficarmos esclarecidos. IC140</p> <p>A6: Mas por e-mail inicialmente, quando houve aquelas primeiras questões que ela na altura não teve a resposta imediata teve que procurar informação, depois informou e me comunicou com ela por e-mail. IC140</p> <p>A2: [...] principalmente as sessões de organização e de como estudar forem dadas no início, sempre no início do curso. É uma delas, e mais formações. IC145</p>	<p>para uma fase inicial ou mesmo em termos de funcionamento da universidade, em termos de funcionamento do próprio curso, do que é a universidade, porque também há muitas pessoas que chegam aqui muito mais velhas do que eu e que, se calhar sentem-se um bocadinho perdidas e acho que é fundamental essa orientação inicial. Acho que é importante porque acho que é um momento em que nós podemos também colocar as dúvidas que nos vão surgindo.</p>		<p><i>desistiria. Ajudou-me a reforçar a confiança em mim, nas minhas capacidades e a determinação em continuar. Ajudou-me a sentir muito acompanhado(a) neste meu projeto. Eu só esperava que ações tutoriais fossem um pouco mais dinâmicas, que tomassem menos tempo.</i></p>
	<p>IC145: <i>Os workshops são importantes, mas deveriam ser dados no início.</i></p> <p>Acho pra mim que é positivo fazer esses pequenos cursos. Acho que são positivas, acho que sim, é uma boa iniciativa para nós que temos mais dificuldade ainda. É conseguir conciliar o nosso tempo, a maneira que vamos aplicar na faculdade. Pronto, a minha crítica é que deveria ser mais cedo.</p> <p>Acho que é importante, essas aulas, workshops sobre organização pra estudar deveria ser dado mesmo no início. Essa dificuldade que nós temos de como é que eu vou organizar os estudos, como é que eu vou gerir o tempo deveria ser dado mesmo no início.</p> <p>[...] principalmente as sessões de organização e de como estudar forem dadas no início, sempre no início do curso. É uma delas, e mais formações.</p>	<p>A145: <i>Os workshops são importantes, mas deveriam ser dados no início.</i></p>	<p>DSC145</p> <p>A145: <i>Os workshops são importantes, mas deveriam ser dados no início.</i></p> <p>IC145: <i>Os workshops são importantes, mas deveriam ser dados no início.</i></p> <p><i>Acho que é positivo fazer esses pequenos cursos, essas aulas, workshops sobre organização pra estudar, é uma boa iniciativa para nós que temos mais dificuldade ainda de conseguir conciliar o nosso tempo, a maneira que vamos aplicar na faculdade. Pronto, a minha crítica é que deveria ser mais cedo, mesmo no início.</i></p>
	<p>IC146: <i>Na Faculdade de Psicologia existe uma filosofia de</i></p>	<p>A146: <i>Na Faculdade de Psicologia existe uma filosofia de</i></p>	<p>DSC146</p> <p>A146: <i>Na Faculdade de Psicologia existe uma</i></p>

	<p><i>acompanhamento desse grupo específico de alunos M23 no intuito de integrá-los no ensino superior.</i></p> <p>Creio que, na nossa faculdade, existe uma filosofia de grande acompanhamento deste grupo específico de alunos. Creio que foram identificadas vantagens na criação deste programa, para permitir ou facilitar o regresso ou reingresso ao ensino superior de alunos que não seguiram o percurso padrão e que foram detetadas dificuldades, no passado, na integração e sucesso deste grupo de alunos, que levou à criação e implementação de um o programa de apoio e acompanhamento a este grupo de alunos para minorar os casos de insucesso e desistência que se verificaram no passado.</p>	<p><i>acompanhamento desse grupo específico de alunos M23 no intuito de integrá-los no ensino superior.</i></p>	<p><i>filosofia de acompanhamento desse grupo específico de alunos M23 no intuito de integrá-los no ensino superior.</i></p> <p>IC146: <i>Na Faculdade de Psicologia existe uma filosofia de acompanhamento desse grupo específico de alunos M23 no intuito de integrá-los no ensino superior.</i></p> <p><i>Creio que, na nossa faculdade, existe uma filosofia de grande acompanhamento deste grupo específico de alunos. Foram identificadas vantagens na criação deste programa, para permitir ou facilitar o regresso ou reingresso ao ensino superior de alunos que não seguiram o percurso padrão e que foram detetadas dificuldades, no passado, na integração e sucesso deste grupo de alunos, que levou à criação e implementação de um o programa de apoio e acompanhamento a este grupo de alunos para minorar os casos de insucesso e desistência que se verificaram no passado.</i></p>
--	---	---	--

APÊNDICE SS – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 29 (IAD29)

EIXO DISCURSIVO: PRÁTICA			
SUB-EIXO: RELAÇÃO TUTOR- TUTORADO			
EXPRESSÕES CHAVES	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>A8: O papel assumido pelo tutor creio que foi sempre de grande preocupação em tornar a nossa integração na faculdade mais fácil, mais acompanhada. Ao tutorado coube o papel de aderir, ou não, às iniciativas propostas. IC147</p> <p>A3: Não tive contato com a tutora. IC148</p> <p>A4: A minha é boa, se bem que não a vejo muito, mas cada vez que vejo falo bastante, tenho uma boa relação com ela. IC149</p> <p>A8: No meu caso foi uma relação um pouco impessoal, uma vez que era um tutor para todo o grupo de M23 e por isso se tornou um pouco distante, mas ainda assim senti que havia uma preocupação com o grupo. IC149</p> <p>A4: Ajuda-nos aqui a estar... como é que eu hei de dizer... entrarmos no espírito aqui da faculdade, e ajuda-nos nos estudos, com alguns materiais de estudo. Basicamente, comigo foi assim, não tenho assim tanto contato.</p> <p>A6: confesso que o meu tutor ainda não teve com ele. Sinceramente acho que no início ela teve um papel fundamental para o momento em que estávamos. Neste momento, acho que se calhar só mesmo aquelas questões pontuais é que podíamos recorrer a ela, porque a partir de agora acho que depende um bocado de nós.</p>	<p>IC147: A tutora tem preocupação em realizar a integração.</p> <p>O papel assumido pelo tutor creio que foi sempre de grande preocupação em tornar a nossa integração na faculdade mais fácil, mais acompanhada. Ao tutorado coube o papel de aderir, ou não, às iniciativas propostas.</p> <p>IC148: Não tive contato com a tutoria, mas acho que ela tem um papel fundamental no início.</p> <p>Não tive contato com a tutora. confesso que o meu tutor ainda não teve com ele. Sinceramente acho que no início ela teve um papel fundamental para o momento em que estávamos. Neste momento, acho que se calhar só mesmo aquelas questões pontuais é que podíamos recorrer a ela, porque a partir de agora acho que depende um bocado de nós.</p>	<p>AI47: A tutora tem preocupação em realizar a integração.</p> <p>IC148: Não tive contato com a tutoria, mas acho que ela tem um papel fundamental no início.</p>	<p>DSC147</p> <p>AI47: A tutora tem preocupação em realizar a integração.</p> <p>IC147: A tutora tem preocupação em realizar a integração.</p> <p>O tutor tem grande preocupação em tornar a nossa integração na faculdade mais fácil, mais acompanhada. Ao tutorado coube o papel de aderir, ou não, às iniciativas propostas.</p> <p>DSC148</p> <p>AI48: Não tive contato com a tutoria, mas acho que ela tem um papel fundamental no início.</p> <p>IC148: Não tive contato com a tutoria, mas acho que ela tem um papel fundamental no início.</p> <p>Confesso que ainda não tive contato com a tutora, mas sinceramente acho que no início ela teve um papel fundamental para o momento em que estávamos. Neste momento, acho que se calhar só mesmo aquelas questões pontuais é que podíamos recorrer a ela, porque a partir de agora acho que depende um bocado de nós. Mas por e-mail inicialmente, quando houve aquelas primeiras questões que ela na altura não teve a resposta imediata teve que procurar informação, depois informou e me comunicou com ela por e-mail.</p>

	<p>ICI149: <i>A relação com a tutora é boa, mas não há muito contato.</i></p> <p>A minha é boa, se bem que não a vejo muito, mas cada vez que vejo falo bastante, tenho uma boa relação com ela.</p> <p>No meu caso foi uma relação um pouco impessoal, uma vez que era um tutor para todo o grupo de M23 e por isso se tornou um pouco distante, mas ainda assim senti que havia uma preocupação com o grupo.</p> <p>Ajuda-nos aqui a estar... como é que eu hei de dizer... entrarmos no espírito aqui da faculdade, e ajuda-nos nos estudos, com alguns materiais de estudo.</p> <p>Basicamente, comigo foi assim, não tenho assim tanto contato.</p>	<p>ICI149: <i>A relação com a tutora é boa, mas não há muito contato.</i></p>	<p>DSCI149</p> <p>A149: <i>A relação com a tutora é boa, mas não há muito contato.</i></p> <p>ICI149: <i>A relação com a tutora é boa, mas não há muito contato.</i></p> <p><i>A minha tutora é boa, se bem que não a vejo muito, mas cada vez que vejo falo bastante, tenho uma boa relação com ela. É uma relação um pouco impessoal, uma vez que é um tutor para todo o grupo de M23 e por isso se tornou um pouco distante, mas ainda assim senti que há uma preocupação com o grupo. Ajuda-nos aqui a estar, a entrarmos no espírito aqui da faculdade, e ajuda-nos nos estudos, com alguns materiais de estudo. Basicamente, comigo foi assim, não tenho assim tanto contato.</i></p>
--	---	--	--

APÊNDICE TT – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 30 (IAD 30)

EIXO DISCURSIVO: PRÁTICA			
SUB-EIXO: ADEÇÃO ÀS ATIVIDADES PROPOSTAS PELO PTM23			
EXPRESSÕES CHAVES	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>A2: É assim, as pessoas querem ir, o problema está em algumas pessoas que trabalham e conciliar os horários, elas querem ir, mas tem que se arranjar aqui uns horários adequados para eles, às vezes é complicado! Nós temos uma colega que chega às duas, perde sempre uma hora da aula, portanto para ela só poderia se calhar à noite, mesmo assim... IC150</p> <p>A1: Bom. Mas isso era fácil de resolver. “Quantos dão? Manhã” muito provavelmente teriam que fazer isto, olhar quem tem mais dificuldade. É ver quase que um desdobramento, ou seja, aqueles que podem vir de manhã, vêm de manhã mas depois há uma repetição, por assim dizer da sessão para quem só pode vir à tarde, por exemplo. Ou ao fim da tarde! Bastava ter um dia da semana, em que se for preciso, há sempre aquela de tutoria. Há sempre uma sessão naquele dia.</p> <p>A3: A adesão dos workshops, alguns colegas eu sei que sim. Eu fiz um que era da biblioteca, acho que houve mais um outro. Não! Acho que esse foi único, o da biblioteca, que eu fui. Sim, mas, entretanto, tem havido trabalhos de grupo. Sei que os colegas aderem constantemente somos contactados sim! IC151</p> <p>A4: Não sei, porque como não vou, não tenho acesso não. Mas nos maiores de 23 havia uma grande maioria que eu sei que acedem. IC151</p>	<p>IC150: <i>As pessoas que trabalham não aderem porque não conseguem conciliar o horário.</i></p> <p>É assim, as pessoas querem ir, o problema está em algumas pessoas que trabalham e conciliar os horários, elas querem ir, mas tem que se arranjar aqui uns horários adequados para eles, às vezes é complicado! Nós temos uma colega que chega às duas, perde sempre uma hora da aula, portanto para ela só poderia se calhar à noite, mesmo assim...</p> <p>A5: É assim, acho que muitas vezes também... normalmente os workshops são às sextas de manhã. Normalmente o que eu tenho visto, quase sempre é às sextas, tem sido às sextas de manhã. Muitas vezes há pessoas que trabalham, porque dos Maiores de 23 são pessoas que trabalham normalmente, ou as pessoas têm filhos, e já tem o seu tempo tão controlado que muitas vezes só se for uma coisa que eles achem mesmo muito importante. Depois depende cada pessoa tem sua necessidade e se calhar pra mim um workshop de Gestão de tempo pra mim não me diz grande coisa, porque eu acho que na minha cabeça já faço a minha gestão do tempo razoavelmente bem. E acho que depois depende de cada tema do workshop como ainda não fui, porque depois tem o trabalho e há coisas da faculdade pra fazer, os trabalhos de grupo, e por vezes o tempo já está tão apertado que arranjar tempo para fazer meio a um workshop às vezes não acontece. Mas eu acho bem que eles façam esse tipo de apoio porque quem realmente tem a necessidade arranja maneira de ir aos workshops. Eu acho que tem boa adesão, é mais</p>	<p>AI50: <i>As pessoas que trabalham não aderem porque não conseguem conciliar o horário.</i></p>	<p>DSC150</p> <p>AI50: <i>As pessoas que trabalham não aderem porque não conseguem conciliar o horário.</i></p> <p>IC150: <i>As pessoas que trabalham não aderem porque não conseguem conciliar o horário.</i></p> <p><i>As pessoas querem ir aos workshops, o problema está em em conciliar os horários, elas querem ir, mas tem que se arranjar aqui uns horários adequados para eles, às vezes é complicado! Os Maiores de 23 são pessoas que trabalham normalmente, ou as pessoas têm filhos, e já tem o seu tempo tão controlado que muitas vezes só se for uma coisa que eles achem mesmo muito importante. Depois depende cada pessoa tem sua necessidade e se calhar pra mim um workshop de Gestão de tempo pra mim não me diz grande coisa, porque eu acho que na minha cabeça já faço a minha gestão do tempo razoavelmente bem. E acho que depois depende de cada tema do workshop como ainda não fui, porque depois tem o trabalho e há coisas da faculdade pra fazer, os trabalhos de grupo, e por vezes o tempo já está tão apertado que arranjar tempo para fazer meio a um workshop às vezes não acontece. Mas eu acho bem que eles façam esse tipo de apoio porque quem realmente tem a necessidade arranja maneira de ir aos workshops. Eu acho que tem boa adesão, é mais</i></p>

<p>A5: Só por email. Se eu já fui a algum workshop? Não. Mas eu recebi os e-mails, eu recebi os e-mails todos, dos workshops que eles iam fazendo, eu recebi esse material todo... IC151</p> <p>A5: É assim, acho que muitas vezes também... normalmente os workshops são às sextas de manhã. Normalmente o que eu tenho visto, quase sempre é às sextas, tem sido às sextas de manhã. Muitas vezes há pessoas que trabalham, porque dos</p>	<p>coisas da faculdade pra fazer, os trabalhos de grupo, e por vezes o tempo já está tão apertado que arranjar tempo para fazer meio a um workshop às vezes não acontece. Mas eu acho bem que eles façam esse tipo de apoio porque quem realmente tem a necessidade arranja maneira de ir aos workshops. Eu acho que tem boa adesão, é mais pela questão do tempo sim.</p>		<p><i>pela questão do tempo sim.</i></p>
<p>que maiores de 23 são pessoas que trabalham normalmente, ou as pessoas têm filhos, e já tem o seu tempo tão controlado que muitas vezes só se for uma coisa que eles achem mesmo muito importante. Depois depende cada pessoa tem sua necessidade e se calhar pra mim um workshop de Gestão de tempo pra mim não me diz grande coisa, porque eu acho que na minha cabeça já faço a minha gestão do tempo razoavelmente bem. E acho que depois depende de cada tema do workshop como ainda não fui, porque depois tem o trabalho e há coisas da faculdade pra fazer, os trabalhos de grupo, e por vezes o tempo já está tão apertado que arranjar tempo para fazer meio a um workshop às vezes não acontece. Mas eu acho bem que eles façam esse tipo de apoio porque quem realmente tem a necessidade arranja maneira de ir aos workshops. Eu acho que tem boa adesão, é mais pela questão do tempo sim.</p> <p>IC150</p> <p>A6: Assim pelo que eu vi dos meus colegas, eu acho que eles foram a algumas, mas por acaso não questionei se tinham sido benéficas, se não. Por</p>	<p>IC151: <i>Eu não aderi, mas sei de colegas que aderiram.</i></p> <p>A adesão dos workshops, alguns colegas eu sei que sim. Eu fiz um que era da biblioteca, acho que houve mais um outro. Não! Acho que esse foi único, o da biblioteca, que eu fui. Sim, mas, entretanto, tem havido trabalhos de grupo. Sei que os colegas aderem constantemente somos contactados sim! Não sei, porque como não vou, não tenho acesso não. Mas nos maiores de 23 havia uma grande maioria que eu sei que acedem. Só por email. Se eu já fui a algum workshop? Não. Mas eu recebi os e-mails, eu recebi os e-mails todos, dos workshops que eles iam fazendo, eu recebi esse material todo... Assim pelo que eu vi dos meus colegas, eu acho que eles foram a algumas, mas por acaso não questionei se tinham sido benéficas, se não. Por acaso isso não sei. É assim, até agora também não voltou a haver mais procura, na altura se calhar os temas que foram postos sim, acho que existiu alguma</p>	<p>A151: <i>Eu não aderi, mas sei de colegas que aderiram.</i></p>	<p>DSC151</p> <p>A151: <i>Eu não aderi, mas sei de colegas que aderiram.</i></p> <p>IC151: <i>Eu não aderi, mas sei de colegas que aderiram.</i></p> <p><i>Eu não tive acesso, mas sei que alguns colegas acederam aos workshops. Eu fiz um que era da biblioteca, acho que houve mais um outro. Não! Acho que esse foi único, o da biblioteca, que eu fui, mas, entretanto, tem havido trabalhos de grupo. Sei que os colegas aderem, constantemente somos contactados sim! Eu recebi os e-mails todos, dos workshops que eles iam fazendo, eu recebi esse material todo.</i></p>

<p>acaso isso não sei. É assim, até agora também não voltou a haver mais procura, na altura se calhar os temas que foram postos sim, acho que existiu alguma procura, mas sinceramente... IC151</p> <p>A8: Creio que a adesão inicial foi mais marcada, houve maior adesão às atividades. À medida que o semestre avançava, tanto por questões de maior indisponibilidade dos alunos, sobrecarregados logo desde o início com aulas e trabalhos de grupo, como pela obtenção de informação / apoio através de outros meios, a adesão às iniciativas diminuiu bastante. IC152</p> <p>A3: Não. Não. Eu nunca fui a nenhuma sessão individual, porque eu sou uma pessoa que vou e busco. Eu só passei pelo acolhimento e a outra sessão com os mentores, eu estive nos dois. Ah! Foi tudo bom! Pudemos tirar dúvidas, esclarecer dúvidas relacionadas com o que viria a seguir se fôssemos selecionados na primeira, na segunda já sabíamos que tínhamos sido os selecionados. No geral foi mesmo como a palavra diz, foram as estruturas de acolhimento. Acolher os Maiores de 23, esclarecer quaisquer dúvidas, encaminhar-nos, dizer o quê que iria acontecer, onde poderíamos pedir ajuda, a quem recorrer, os mentores nomeadamente, porque cada um de nós tem um mentor, e basicamente é isso! Porque na primeira reunião, éramos todos, depois na segunda é que foram os selecionados.</p>	<p>procura.</p> <p>IC152: <i>A adesão inicial às atividades foi mais marcada, depois diminuiu.</i></p> <p>Creio que a adesão inicial foi mais marcada, houve maior adesão às atividades. À medida que o semestre avançava, tanto por questões de maior indisponibilidade dos alunos, sobrecarregados logo desde o início com aulas e trabalhos de grupo, como pela obtenção de informação, apoio através de outros meios, a adesão às iniciativas diminuiu bastante.</p> <p>Não. Não. Eu nunca fui a nenhuma sessão individual, porque eu sou uma pessoa que vou e busco. Eu só passei pelo acolhimento e a outra sessão com os mentores, eu estive nos dois. Ah! Foi tudo bom! Pudemos tirar dúvidas, esclarecer dúvidas relacionadas com o que viria a seguir se fôssemos selecionados na primeira, na segunda já sabíamos que tínhamos sido os selecionados. No geral foi mesmo como a palavra diz, foram as estruturas de acolhimento. Acolher os Maiores de 23, esclarecer quaisquer dúvidas, encaminhar-nos, dizer o quê que iria acontecer, onde poderíamos pedir ajuda, a quem recorrer, os mentores nomeadamente, porque cada um de nós tem um mentor, e basicamente é isso! Porque na primeira reunião, éramos todos, depois na segunda é que foram os selecionados.</p>	<p>A152: <i>A adesão inicial às atividades foi mais marcada, depois diminuiu.</i></p>	<p>DSC152</p> <p>A152: <i>A adesão inicial às atividades foi mais marcada, depois diminuiu.</i></p> <p>IC152: <i>A adesão inicial às atividades foi mais marcada, depois diminuiu.</i></p> <p><i>Creio que a adesão inicial foi mais marcada, houve maior adesão às atividades. Eu passei pelo acolhimento e a outra sessão com os mentores, eu estive nos dois. Ah! Foi tudo bom! Pudemos tirar dúvidas, esclarecer dúvidas relacionadas com o que viria a seguir se fôssemos selecionados na primeira, na segunda já sabíamos que tínhamos sido os selecionados. No geral foi mesmo como a palavra diz, foram as estruturas de acolhimento. Acolher os Maiores de 23, esclarecer quaisquer dúvidas, encaminhar-nos, dizer o quê que iria acontecer, onde poderíamos pedir ajuda, a quem recorrer, os mentores nomeadamente, porque cada um de nós tem um mentor, e basicamente é isso! À medida que o semestre avançava, tanto por questões de maior indisponibilidade dos alunos, sobrecarregados logo desde o início com aulas e trabalhos de grupo, como pela obtenção de informação, apoio através de outros meios, a adesão às iniciativas diminuiu bastante.</i></p>
--	---	--	---

APÊNDICE UU – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 31 (IAD 31)

EIXO DISCURSIVO: PERFIL DO TUTOR			
EXPRESSÕES CHAVES	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>A2: Tem que ter iniciativa. É iniciativa! Proatividade é a palavra mais adequada. IC153 A1: Proativo, pronto! IC153 A2: Muito tímida parece! IC154 A1: Eu acho que... Eu gosto muito da tutora mas a ideia que dá é que ela não se sente à vontade a falar conosco. Não sei! Muito tímida, exatamente, e eu acho que somos todos adultos [...] nesse caso, o tutor tem que ser mais ativo, falar mais conosco, tem que ser mesmo descomplicado. Já não há necessidade disso, IC154 proativo, eu acho que sim. Proativo! IC153 A5: O perfil? Tem que ser uma pessoa responsável. IC155 Tem que ser alguém que tenha, por exemplo, os Maiores de 23, seria bom que fosse alguém que tivesse passado pelo processo Maiores de 23 ou que conhecesse bem o processo. Para saber as dificuldades, para saber o que é que alguém que chega por esse acesso pensa no geral. IC156 E tenha disponibilidade de tempo. IC157 A8: O tutor faz a integração no grupo e na faculdade, aproximação (e antecipação) das realidades que iríamos encontrar, desmistificar medos, angústias e anseios. Um bom tutor será aquele que se sintoniza conosco, que consegue compreender (e antecipar) as nossas dificuldades e anseios e consegue minorá-los. Para desempenhar bem o papel ele tem que ser: Ser</p>	<p>IC153: O tutor tem que ter iniciativa, tem que ser proativo. Tem que ter iniciativa. É iniciativa! Proatividade é a palavra mais adequada. Proativo, pronto! Proativo, eu acho que sim. Proativo!</p> <p>IC154: O tutor não pode ser tímido, deve sentir-se à vontade com o grupo. Muito tímida parece Eu acho que... Eu gosto muito da tutora mas a ideia que dá é que ela não se sente à vontade a falar conosco. Não sei! Muito tímida, exatamente, e eu acho que somos todos adultos [...] nesse caso, o tutor tem que ser mais ativo, falar mais conosco, tem que ser mesmo descomplicado. Já não há necessidade disso.</p>	<p>A153: O tutor tem que ter iniciativa, tem que ser proativo. A154: O tutor não pode ser tímido, deve sentir-se à vontade com o grupo. A155: O tutor tem que ser uma pessoa responsável. A156: Alguém que conheça o processo M23.</p>	<p>DSC153 A153: O tutor tem que ter iniciativa, tem que ser proativo. IC153: O tutor tem que ter iniciativa, tem que ser proativo. <i>O tutor tem que ter iniciativa. Proatividade é a palavra mais adequada.</i></p> <p>DSC154 A154: O tutor não pode ser tímido, deve sentir-se à vontade com o grupo. IC154: O tutor não pode ser tímido, deve sentir-se à vontade com o grupo. <i>Eu gosto muito da tutora mas a ideia que dá é que ela não se sente à vontade a falar conosco. Não sei! Muito tímida! Eu acho que somos todos adultos, nesse caso, o tutor tem que ser mais ativo, falar mais conosco, tem que ser mesmo descomplicado. Já não há necessidade disso!</i></p> <p>DSC155 A155: O tutor tem que ser uma pessoa responsável. IC155: O tutor tem que ser uma pessoa responsável. <i>O tutor tem que ser uma pessoa responsável.</i></p> <p>DSC156 A156: Alguém que conheça o processo M23. IC156: Alguém que conheça o processo M23. <i>Seria bom que o tutor fosse alguém que tivesse passado pelo processo dos Maiores de 23 ou que conhecesse bem o processo. Para saber as dificuldades, para saber o que é que alguém que chega por esse acesso pensa no geral.</i></p>

<p>expansivo, empático, positivo ou otimista, ser motivador. IC158</p> <p>A8: Se eu fosse tutor, procuraria cativar mais a adesão dos alunos às iniciativas propostas. Não sei exatamente de que forma. IC158</p>	<p>IC157: O tutor tem que ter disponibilidade de tempo.</p> <p>E tenha disponibilidade de tempo.</p>	<p>AI57: O tutor tem que ter disponibilidade de tempo.</p>	<p>DSCI57</p> <p>AI57: O tutor tem que ter disponibilidade de tempo.</p> <p>IC157: O tutor tem que ter disponibilidade de tempo</p> <p>Alguém que tenha disponibilidade de tempo.</p>
	<p>IC158: Um tutor tem que estar em sintonia com o grupo, cativar o grupo.</p> <p>O tutor faz a integração no grupo e na faculdade, aproximação (e antecipação) das realidades que iríamos encontrar, desmistificar medos, angústias e anseios. Um bom tutor será aquele que se sintoniza conosco, que consegue compreender (e antecipar) as nossas dificuldades e anseios e consegue minorá-los. Para desempenhar bem o papel ele tem que ser: Ser expansivo, empático, positivo ou otimista, ser motivador.</p> <p>Se eu fosse tutor, procuraria cativar mais a adesão dos alunos às iniciativas propostas. Não sei exatamente de que forma.</p>	<p>AI58: Um tutor tem que estar em sintonia com o grupo.</p>	<p>AI58: Um tutor tem que estar em sintonia com o grupo.</p> <p>IC158: Um tutor tem que estar em sintonia com o grupo.</p> <p>O tutor faz a integração do grupo e na faculdade, aproximação (e antecipação) das realidades que iríamos encontrar, desmistificar medos, angústias e anseios. Um bom tutor será aquele que se sintoniza conosco, que consegue compreender (e antecipar) as nossas dificuldades e anseios e consegue minorá-los. Para desempenhar bem o papel ele tem que ser: ser expansivo, empático, positivo ou otimista, ser motivador, cativar mais a adesão dos alunos, não sei exatamente de que forma.</p>

APÊNDICE VV – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 32 (IAD 32)

EIXO DISCURSIVO: AVALIAÇÃO			
EXPRESSÕES CHAVES	IDEIAS CENTRAIS	ANCORAGENS	DSC
<p>A3: É muito complicado! Ou seja, a tutora, o que ela faz é uma ligação entre nós e a universidade, basicamente. Eu não tenho sentido muita interferência, ou seja, não era interferência que eu queria dizer. Mas se calhar não seria interferência, não sinto muita presença da tutoria, sinceramente. Também não me faz falta. Eu não sei em relação aos outros alunos, acabo sempre por estar esclarecida. IC159 Se será dispensável? Talvez também não seja dispensável. Se é completamente indispensável? Também não sei, acho que aí depois só estatisticamente teria que fazer um teste para saber o que os outros alunos acham. IC160</p> <p>A1: Pra mim, até mesmo pelos emails, por exemplo, há demora. Eu achei que o(a) tutor(a) demorava assim um bocadinho para responder. Também depende das questões que nós colocamos, se forem coisas que ele (a) consegue facilmente responder, responde. E pronto! Mas eu vou ser sincera, mesmo desde que aconteceu, naquela altura não conseguimos estar na tutoria de estatística, a partir daí a tutoria foi desistente. Eu acho que foi.</p> <p>Não sei se eu não tenho uma ideia diferente. Eu também não parto, eu também não tenho se calhar questões suficientes para ir falar com elas, ou dar algum feedback ou assim. Entretanto, também se calhar parece que há um descuido, entretanto, dos</p>	<p>IC159: Não sinto a presença da tutoria, também não tive muito contato, mas acabo sempre por estar esclarecido(a).</p> <p>É muito complicado! Ou seja, a tutora, o que ela faz é uma ligação entre nós e a universidade, basicamente. Eu não tenho sentido muita interferência, ou seja, não era interferência que eu queria dizer. Mas se calhar não seria interferência, não sinto muita presença da tutoria, sinceramente. Também não me faz falta. Eu não sei em relação aos outros alunos, acabo sempre por estar esclarecida. Não tive muito contato.</p> <p>IC160: É importante ouvir todos os alunos pra saber se a tutoria é dispensável ou não.</p> <p>Se será dispensável? Talvez também não seja dispensável. Se é completamente indispensável? Também não sei, acho que aí depois só estatisticamente teria que fazer um teste para saber o que os outros alunos acham.</p> <p>IC161: Eu acho que está bom! Não vou dizer que se calhar está excelente, perfeito, porque também talvez eu não faça muito uso.</p> <p>Eu pessoalmente, eu acho que está bom! Não vou dizer que se calhar está</p>	<p>A159: Não sinto a presença da tutoria, mas acabo sempre por estar esclarecido(a).</p> <p>A160: É importante ouvir todos os alunos pra saber se a tutoria é dispensável ou não.</p> <p>A161: Eu acho que está bom! Não vou dizer que se calhar está excelente, perfeito, porque também talvez eu não faça muito uso.</p>	<p>DSC159</p> <p>A159: Não sinto a presença da tutoria, mas acabo sempre por estar esclarecido(a).</p> <p>IC159: Não sinto a presença da tutoria, mas acabo sempre por estar esclarecido(a).</p> <p>É muito complicado! A tutoria, o que ela faz é uma ligação entre nós e a universidade, basicamente. Eu não tenho sentido muita interferência, ou seja, não era interferência que eu queria dizer. Mas se calhar não sinto muita presença da tutoria, sinceramente. Também não me faz falta. Eu não sei em relação aos outros alunos, acabo sempre por estar esclarecido(a).</p> <p>DSC160</p> <p>A160: É importante ouvir todos os alunos pra saber se a tutoria é dispensável ou não.</p> <p>IC160: É importante ouvir todos os alunos pra saber se a tutoria é dispensável ou não.</p> <p>Se será dispensável? Talvez também não seja dispensável. Se é completamente indispensável? Também não sei, acho que aí depois só estatisticamente teria que fazer um teste para saber o que os outros alunos acham.</p> <p>DSC161</p> <p>A161: Eu acho que está bom! Não vou dizer que se calhar está excelente, perfeito, porque também talvez eu não faça muito uso.</p> <p>IC161: Eu acho que está bom! Não vou dizer que se calhar está excelente,</p>

<p>Maiores de 23. Não quer dizer com isso que eu ache que ela tem que estar sempre a ligar-nos ou a mandar emails, não, não é nada disso! Não tem nada haver com isso! É uma questão lá está Agora voltando a falar da proatividade, “Então, e daqui para frente?” “Agora que já tem alguns meses nisto, o que que é preciso? O que achou que pode ser melhor?” Não há esse acordo, não há essa continuidade. Portanto, pra mim, a tutoria dos Maiores de 23, do dia em que eu entrei para aqui foi desistente, deixou de existir.</p> <p>Sim, sim, teria que se articular conosco novamente, acho que sim. Foi aquilo, a idéia que se viu foi, isto. “Não conseguimos fazer [...]agora vocês falam todos entre vocês”, que maior parte de nós nem sequer se conhece ou não está habituado a ver as caras ou assim, e agora temos que organizar para voltar a dizer-lhe: “olha, então nós agora podemos nesta altura! “ Não! Não acho que seja isso! Porque se há uma tutoria, há um tutor, alguém que está na tutoria aqui, alguém que está aqui... “pronto, se não conseguimos agora então vamos reagendar todos, eu que tenho o poder para falar com todos, vou falar e vou organizar.” Eu acho que nesse caso ela podia perguntar a todos o que acham, mas na tarde, mais na manhã. Exatamente. Mas passou para nós a questão de agora vocês organizem-se e depois é que avisem quando é que podem e não partiu dela de saber “Então, quando é que podem? Então tu podes aqui, podes aqui. Então, a partir do momento em que</p>	<p>excelente, perfeito, porque também talvez eu não faça muito uso. E então eu não estou assim tão dentro. A única coisa que eu recebo da tutoria são os e-mails a informar o que vai acontecer, os workshops, ou se há alguma atividade extracurricular que queríamos fazer que contribuísse. Também acho que não haverá muito mais do que eles possam fazer, acredito, mas eu não sei exatamente qual é o papel da tutoria, se calhar por isso, se calhar se eu soubesse qual é exatamente o papel, eu teria mais o que falar sobre o assunto, mas eu acho que o papel é esse mesmo, é acolher, informar. Pronto, então se é isso, eu acho que está muito bom!</p>		<p><i>perfeito, porque também talvez eu não faça muito uso.</i></p> <p><i>Eu pessoalmente, eu acho que está bom! Não vou dizer que se calhar está excelente, perfeito, porque também talvez eu não faça muito uso. E então eu não estou assim tão dentro. A única coisa que eu recebo da tutoria são os e-mails a informar o que vai acontecer, os workshops, ou se há alguma atividade extracurricular que queríamos fazer que contribuísse. Também acho que não haverá muito mais do que eles possam fazer, acredito, mas eu não sei exatamente qual é o papel da tutoria, se calhar por isso, se calhar se eu soubesse qual é exatamente o papel, eu teria mais o que falar sobre o assunto, mas eu acho que o papel é esse mesmo, é acolher, informar. Pronto, então se é isso, eu acho que está muito bom!</i></p>
<p>Creio que foi um excelente projeto para nos ajudar naqueles primeiros momentos do regresso à faculdade.</p> <p>Sim. Toda a ajuda inicial que nós precisamos nos Maiores de 23 tem sido satisfatória. Teve um contributo importante na minha integração, na desmistificação de dúvidas</p>	<p>ICI162: <i>Foi um excelente projeto para nos ajudar naqueles primeiros momentos do regresso à faculdade.</i></p> <p>Creio que foi um excelente projeto para nos ajudar naqueles primeiros momentos do regresso à faculdade. Sugeria – tal como o fiz na altura – que as acções desenvolvidas tomasse menos tempo. Em vez de períodos de duas horas por cada atividade, eventualmente uma hora seria mais adequado.</p> <p>Sim. Toda a ajuda inicial que nós precisamos nos Maiores de 23 tem sido satisfatória. Teve um contributo importante na minha integração, na desmistificação de dúvidas</p>	<p>A162: <i>Foi um excelente projeto para nos ajudar naqueles primeiros momentos do regresso à faculdade.</i></p>	<p>DSC162</p> <p>A162: <i>Foi um excelente projeto para nos ajudar naqueles primeiros momentos do regresso à faculdade.</i></p> <p>ICI162: <i>Foi um excelente projeto para nos ajudar naqueles primeiros momentos do regresso à faculdade.</i></p> <p><i>Creio que foi um excelente projeto para nos ajudar naqueles primeiros momentos do regresso à faculdade. Toda a ajuda inicial que nós precisamos nos Maiores de 23 tem sido satisfatória. Teve um contributo importante na minha integração, na desmistificação de dúvidas e receios. Uma das aprendizagens mais significativas teve a ver</i></p>

<p>eu já tenho a disponibilidade de todos vou arranjar uma data” (também que seja razoável para ela porque ela também tem as coisas dela) e fazer aqui”. Isto aqui também fica bem para a professora de estatística e tal. Mas achei que tendo uma posição de tutoria, tem que partir deles as ideias e quase que aqui também estou a falar um bocadinho para contornar mas em cima de nós. Porque com a atividade que temos, a nossa vida que temos, o nosso trabalho, e ainda vamos pra aqui termos as aulas, nós nunca mais vamos lembrar se for preciso, ah ainda temos aquilo pra pensar e reagendar todos juntos! IC163</p>	<p>e receios. Uma das aprendizagens mais significativas teve a ver com os depoimento que ouvi na minha sessão de acolhimento em que vi que outros como eu se tinham proposto a fazer o mesmo percurso e estavam a terminá-lo com sucesso. Aprendi também com o que disse um desses colegas no seu depoimento, que era importante deixar a bagagem que trazíamos (nomeadamente do curso anterior) e adotar uma postura humilde.</p>		<p>com os depoimento que ouvi na minha sessão de acolhimento em que vi que outros como eu se tinham proposto a fazer o mesmo percurso e estavam a terminá-lo com sucesso. Aprendi também com o que disse um desses colegas no seu depoimento, que era importante deixar a bagagem que trazíamos (nomeadamente do curso anterior) e adotar uma postura humilde. Sugeriria, tal como o fiz na altura, que as acções desenvolvidas tomasse menos tempo. Em vez de períodos de duas horas por cada atividade, eventualmente uma hora seria mais adequado.</p>
<p>A1: Não, é só saber, por exemplo, vir ter conosco e perguntar, “quais as dificuldades que estás a sentir? Ok! Vamos ver se os outros também concordam. É que nós somos 16, nem sequer somos muitas pessoas, somos 16 pessoas. Então agora, olha esta semana, tiveram dúvidas de não sei o quê, o mesmo feedback que os professores nos dão. É que eles não se importam de chegarmos e tirarmos dúvidas mesmo com eles, ou seja, há uma abertura por parte dos próprios docentes de fazer isso. Portanto, eles podem, temos dúvidas nesta cadeira sobre isso, então, vamos criar ali uma conversa, nesse caso, a falar seria o tutor, o tutor dizer: “ok! Estão estão a sentir dificuldade nisso...vou falar com o docente”. Das duas uma, ou o docente consegue ter um espaço que essas 16 pessoas vêm conversar com ele, e isso depois vai mudar de docente para</p>	<p>IC163: Teria que haver mais articulação por parte da tutoria porque os alunos não conseguem se articular sozinhos.</p> <p>Pra mim, até mesmo pelos emails, por exemplo, há demora. Eu achei que o(a) tutor(a) demorava assim um bocadinho para responder. Também depende das questões que nós colocamos, se forem coisas que ele (a) consegue facilmente responder, responde. E pronto! Mas eu vou ser sincera, mesmo desde que aconteceu, naquela altura não conseguimos estar na tutoria de estatística, a partir daí a tutoria foi desistente. Eu acho que foi.</p> <p>Não sei se eu não tenho uma ideia diferente. Eu também não parto, eu também não tenho se calhar questões suficientes para ir falar com elas, ou dar algum feedback ou assim. Entretanto, também se calhar parece que há um descuido, entretanto, dos Maiores de 23. Não quer</p>	<p>A163: Teria que haver mais articulação por parte da tutoria porque os alunos não conseguem se articular sozinhos.</p>	<p>DSC163</p> <p>A163: Teria que haver mais articulação por parte da tutoria porque os alunos não conseguem se articular sozinhos.</p> <p>IC163: Teria que haver mais articulação por parte da tutoria porque os alunos não conseguem se articular sozinhos.</p> <p>Pra mim, até mesmo pelos emails, por exemplo, há demora. Eu achei que o(a) tutor(a) demorava assim um bocadinho para responder. Também depende das questões que nós colocamos, se forem coisas que ele (a) consegue facilmente responder, responde. E pronto! Mas eu vou ser sincero(a), mesmo desde que aconteceu, naquela altura não conseguimos estar na tutoria de estatística, a partir daí a tutoria foi desistente. Eu acho que foi. Não sei se eu não tenho uma ideia diferente. Eu também não parto, eu também não tenho se calhar questões suficientes para ir falar</p>

<p>docente, ou conseguirmos de alguma maneira que o tutor, reúna a informação, ou seja, se não consegue o docente vir, ser do tutor ir ao docente e recolher algumas questões assim e transportar para os alunos.</p> <p>IC163</p> <p>A3: Eu pessoalmente, eu acho que está bom! Não vou dizer que se calhar está excelente, perfeito, porque também talvez eu não faça muito uso. E então eu não estou assim tão dentro. A única coisa que eu recebo da tutoria são os e-mails a informar o que vai acontecer, os workshops, ou se há alguma atividade extracurricular que queríamos fazer que contribuísse. Também acho que não haverá muito mais do que eles possam fazer, acredito, mas eu não sei exatamente qual é o papel da tutoria, se calhar por isso, se calhar se eu soubesse qual é exatamente o papel, eu teria mais o que falar sobre o assunto, mas eu acho que o papel é esse mesmo, é acolher, informar. Pronto, então se é isso, eu acho que está muito bom!</p> <p>IC161</p> <p>A3: Sim. Toda a ajuda inicial que nós precisamos nos Maiores de 23 tem sido satisfatória. IC162</p> <p>A4: Haver mais informação no início do semestre, acaba a questão de nós andarmos aqui perdidos. Porque os alunos todos nunca tavam aqui na faculdade porque sabiam que não tinha aulas e nós esperámos horas e horas a pensar que havia, até nos dizerem que não. Sim, sobre as aulas. Sim, isso aconteceu nos primeiros dias. IC163</p> <p>A5: [...] sinto que aqui há muito mais acompanhamento e há</p>	<p>dizer com isso que eu ache que ela tem que estar sempre a ligar-nos ou a mandar emails, não, não é nada disso! Não tem nada haver com isso! É uma questão lá está Agora voltando a falar da proatividade, “Então, e daqui para frente?” “Agora que já tem alguns meses nisto, o que que é preciso? O que achou que pode ser melhor?” Não há esse acordo, não há essa continuidade. Portanto, pra mim, a tutoria dos Maiores de 23, do dia em que eu entrei para aqui foi desistente, deixou de existir.</p> <p>Sim, sim, teria que se articular conosco novamente, acho que sim. Foi aquilo, a idéia que se viu foi, isto. “Não conseguimos fazer [...] agora vocês falam todos entre vocês”, que maior parte de nós nem sequer se conhece ou não está habituado a ver as caras ou assim, e agora temos que organizar para voltar a dizer-lhe: “olha, então nós agora podemos nesta altura! “ Não! Não acho que seja isso! Porque se há uma tutoria, há um tutor, alguém que está na tutoria aqui, alguém que está aqui... “pronto, se não conseguimos agora então vamos reagendar todos, eu que tenho o poder para falar com todos, vou falar e vou organizar.” Eu acho que nesse caso ela podia perguntar a todos o que acham, mas na tarde, mais na manhã. Exatamente. Mas passou para nós a questão de agora vocês organizem-se e depois é que avisem quando é que podem e não partiu dela de saber “Então, quando é que podem? Então tu podes aqui, podes aqui. Então, a partir do momento em que eu já tenho a</p>	<p>com eles, ou dar algum feedback ou assim. Entretanto, também se calhar parece que há um descuido, entretanto, dos Maiores de 23. Não quer dizer com isso que eu ache que ele(a) tem que estar sempre a ligar-nos ou a mandar emails, não, não é nada disso! Não tem nada haver com isso! É uma questão, agora voltando a falar da proatividade, “Então, e daqui para frente?” “Agora que já tem alguns meses nisto, o que que é preciso? O que achou que pode ser melhor?” Não há esse acordo, não há essa continuidade. Portanto, pra mim, a tutoria dos Maiores de 23, do dia em que eu entrei para aqui foi desistente, deixou de existir. Teria que se articular conosco novamente, acho que sim. Foi aquilo, a idéia que se viu foi, isto. “Não conseguimos fazer, agora vocês falem todos entre vocês”, que maior parte de nós nem sequer se conhece ou não está habituado a ver as caras ou assim, e agora temos que organizar para voltar a dizer-lhe: “olha, então nós agora podemos nesta altura! “ Não! Não acho que seja isso! Porque se há uma tutoria, há um tutor, alguém que está na tutoria aqui, alguém que está aqui... “pronto, se não conseguimos agora então vamos reagendar todos, eu que tenho o poder para falar com todos, vou falar e vou organizar.” Eu acho que nesse caso ela podia perguntar a todos o que acham, mas na tarde, mais na manhã. Mas passou para nós a questão de agora vocês organizem-se e depois é que avisem quando é que podem e não partiu dele(a) de saber</p>
---	---	---

<p>muito mais preocupação em saber se precisa de alguma coisa, o que é que tá a correr mal o que é que não tá, acho que há uma preocupação pelo bem estar dos alunos. ICI168</p> <p>A5: Pra ser muito sincero(a) eu acho que não sei o que é que eu poderia melhorar, acho que daquilo que eu tenho visto, daquilo que tenho percebido. Não, eu acho que é mesmo bom! Acho que estão sempre, todas as semanas tem um workshop, também se houver mais um workshop lá está outra vez o tempo e as pessoas não vão, as pessoas se calhar nem a um workshop vão, se calhar muito menos iam se houvessem dois. Portanto, acho que, se calhar, acho que é muito bom. E hoje em dia acho muito bom os e-mails, mesmo durante o processo, cheguei a enviar um ou dois e-mails, [...] e sempre me responderam muito rapidamente com clareza, sobre, por exemplo, a dizer quando é que saíam as notas, a dizer quando é que...pronto se que eu houvesse alguma coisa que tivesse dúvidas, sempre enviei e-mails e eles sempre me responderam.</p> <p>A5: Sim. Acho que deve ser mantido. Acho que Sim. Sim, claro. ICI167</p> <p>A6: Acho que aí a situação que eu sugeria era realmente na questão dos horários em que, por exemplo, esses workshops são feitos, acho que deveria se calhar existir uma maior preocupação, por exemplo, com os trabalhadores estudantes, e tentarem encontrar um horário adequado para toda a gente e não ser à partida logo marcada uma hora automaticamente sem, se calhar, terem atenção a isso porque, eu, por</p>	<p>disponibilidade de todos vou arranjar uma data” (também que seja razoável para ela porque ela também tem as coisas dela) e fazer aqui”. Isto aqui também fica bem para a professora de estatística e tal. Mas achei que tendo uma posição de tutoria, tem que partir deles as ideias e quase que aqui também estou a falar um bocadinho para contornar mas em cima de nós. Porque com a atividade que temos, a nossa vida que temos, o nosso trabalho, e ainda vamos pra aqui termos as aulas, nós nunca mais vamos lembrar se for preciso, ah ainda temos aquilo pra pensar e reagendar todos juntos!</p> <p>Haver mais informação no início do semestre, acaba a questão de nós andarmos aqui perdidos. Porque os alunos todos nunca tavam aqui na faculdade porque sabiam que não tinha aulas e nós esperámos horas e horas a pensar que havia, até nos dizerem que não. Sim, sobre as aulas. Sim, isso aconteceu nos primeiros dias.</p> <p>Não, é só saber, por exemplo, vir ter conosco e perguntar, “quais as dificuldades que estás a sentir? Ok! Vamos ver se os outros também concordam. É que nós somos 16, nem sequer somos muitas pessoas, somos 16 pessoas. Então agora, olha esta semana, tiveram dúvidas de não sei o quê, o mesmo feedback que os professores nos dão. É que eles não se importam de chegarmos e tirarmos dúvidas mesmo com eles, ou seja, há uma abertura por parte dos próprios docentes de fazer isso. Portanto, eles podem,</p>		<p><i>“Então, quando é que podem? Então, a partir do momento em que eu já tenho a disponibilidade de todos vou arranjar uma data” Também que seja razoável para ela porque ela também tem as coisas dele(a) e “fazer aqui”. Isto aqui também fica bem para a professora de estatística e tal. Mas achei que tendo uma posição de tutoria, tem que partir deles as ideias e quase que aqui também estou a falar um bocadinho para contornar, mas em cima de nós! Porque com a atividade que temos, a nossa vida que temos, o nosso trabalho, e ainda vamos pra aqui termos as aulas, nós nunca mais vamos lembrar se for preciso, ah ainda temos aquilo pra pensar e reagendar todos juntos!</i></p>
---	---	--	---

<p>exemplo, não pude participar em algumas delas devido a isso, de alguns workshops, e acho que seria fundamental existir essa preocupação, que ao fim ao cabo os Maiores de 23 quase todos eles são trabalhadores estudantes.</p> <p>A6: Esperar que continue a existir da mesma forma porque também nós passamos nos sentir mais acolhidos, digamos assim.</p> <p>IC167</p> <p>A8: Creio que foi um excelente projeto para nos ajudar naqueles primeiros momentos do regresso à faculdade. Sugeriria – tal como o fiz na altura – que as acções desenvolvidas tomasse menos tempo. Em vez de períodos de duas horas por cada atividade, eventualmente uma hora seria mais adequado.</p>	<p>temos dúvidas nesta cadeira sobre isso, então, vamos criar ali uma conversa, nesse caso, a falar seria o tutor, o tutor dizer: “ok! Estão estão a sentir dificuldade nisso...vou falar com o docente”. Das duas uma, ou o docente consegue ter um espaço que essas 16 pessoas vêm conversar com ele, e isso depois vai mudar de docente para docente, ou conseguirmos de alguma maneira que o tutor, reúna a informação, ou seja, se não consegue o docente vir, ser do tutor ir ao docente e recolher algumas questões assim e transportar para os alunos.</p>		
<p>IC162</p> <p>A2: Assim, o fato de saber se há alguém se a gente tiver um dúvida podemos tirar é bom, mas neste momento... não houve tempo...e ainda pouco apoio não é? Porque não temos a tal formação inicial que deveria ser dado. IC165</p> <p>A2: É muito receptiva, sempre que eu preciso e pergunto alguma coisa, a resposta é rápida, sente-se mesmo é que estão disponíveis. Sim! Sinto mesmo isso, que a qualquer momento que eu precisar, posso contar.</p>	<p>IC164: <i>A tutoria é muito receptiva, sei que no momento em que eu precisar, posso contar!</i></p> <p>É muito receptiva, sempre que eu preciso e pergunto alguma coisa, a resposta é rápida, sente-se mesmo é que estão disponíveis. Sim! Sinto mesmo isso, que a qualquer momento que eu precisar, posso contar.</p>	<p>IC164: <i>A tutoria é muito receptiva, sei que no momento em que eu precisar, posso contar!</i></p>	<p>DSC164</p> <p>A164: <i>A tutoria é muito receptiva, sei que no momento em que eu precisar, posso contar!</i></p> <p>IC164: <i>A tutoria é muito receptiva, sei que no momento em que eu precisar, posso contar!</i></p> <p><i>A tutoria é muito receptiva! Sempre que eu preciso e pergunto alguma coisa, a resposta é rápida, sente-se mesmo é que estão disponíveis. Sim! Sinto mesmo isso, que a qualquer momento que eu precisar, posso contar.</i></p>
<p>IC164</p> <p>A1: Eu vou ser sincero(a)! Sinto mais apoio por parte dos mentores, dos nossos mentores que foram atribuídos do que através da tutoria. É verdade! Mas há muito mais abertura por parte dos mentores que vêm ter contigo se for preciso: “Então, está tudo bem? Tu precisas de ajuda” a minha faz sempre</p>	<p>IC165:<i>Foi muito bom no início, mas depois a tutoria perdeu-se.</i></p> <p>Assim, o fato de saber se há alguém se a gente tiver um dúvida podemos tirar é bom, mas neste momento... não houve tempo...e ainda pouco apoio não é? Porque não temos a tal formação inicial que deveria ser dado.</p> <p>Eu se calhar tenho uma maneira um bocadinho diferente, porque é muito bom no início. Ou seja, no</p>	<p>A165:<i>Foi muito bom no início, mas depois a tutoria perdeu-se.</i></p>	<p>DSC165</p> <p>A165:<i>Foi muito bom no início, mas depois a tutoria perdeu-se.</i></p> <p>IC165:<i>Foi muito bom no início, mas depois a tutoria perdeu-se.</i></p> <p><i>Assim, o fato de saber se há alguém se a gente tiver um dúvida podemos tirar é bom, mas neste momento, não houve tempo e ainda pouco apoio não é? É muito bom no início. Ou seja, no processo de entrada. A partir do momento em que o ano letivo começa, a partir do</i></p>

<p>isso., chega sempre e pergunta, “ Então, precisa de ajuda, está a correr tudo bem?” é assim, lá está, como já vem da área, já não tem certas dúvidas que a pessoa iria ter, mas não é por isso que ela deixa no dia a seguir chegar e voltar a perguntar. IC169 A4: Não tive muito contato. IC159 A8: Teve um contributo importante na minha integração, na desmistificação de dúvidas e receios. Uma das aprendizagens mais significativas teve a ver com os depoimento que ouvi na minha sessão de acolhimento em que vi que outros como eu se tinham proposto a fazer o mesmo percurso e estavam a terminá-lo com sucesso. Aprendi também com o que disse um desses colegas no seu depoimento, que era importante deixar a bagagem que trazíamos (nomeadamente do curso anterior) e adotar uma postura humilde. IC162 A1: Eu se calhar tenho uma maneira um bocadinho diferente, porque é muito bom no início. Ou seja, no processo de entrada, de preparação para os exames, dos exames ao acolhimento. A partir do momento em que o ano letivo começa, a partir do momento em que nós começamos a ser alunos tal como os outros; eu achei que o objetivo dos Maiores se perdeu também. Perdeu-se, perdeu-se. A tutoria em si, o apoio isso tudo, perdeu-se! Já não está aqui tão ativo como estive no início. Houve aquela primeira sessão de acolhimento, houve a sessão a seguir da biblioteca, entretanto, estamos aqui a falar de</p>	<p>processo de entrada, de preparação para os exames, dos exames ao acolhimento. A partir do momento em que o ano letivo começa, a partir do momento em que nós começamos a ser alunos tal como os outros; eu achei que o objetivo dos Maiores se perdeu também. Perdeu-se, perdeu-se. A tutoria em si, o apoio isso tudo, perdeu-se! Já não está aqui tão ativo como estive no início. Houve aquela primeira sessão de acolhimento, houve a sessão a seguir da biblioteca, entretanto, estamos aqui a falar de pessoas Maiores de 23 que já trabalham, têm filhos, pronto! Há ali uma ginástica muito diferente do que se fôssemos só alunos iniciais de 18 anos. [...] Para nós todos foi muito difícil! Portanto, a tutoria não se deu, mas também não foi reagendada! Pronto! E a partir daí nunca mais!</p>		<p><i>momento em que nós começamos a ser alunos tal como os outros; eu achei que o objetivo dos Maiores se perdeu também. Perdeu-se, perdeu-se! A tutoria em si, o apoio isso tudo, perdeu-se! Já não está aqui tão ativo como estive no início. Houve aquela primeira sessão de acolhimento, houve a sessão a seguir da biblioteca, entretanto, estamos aqui a falar de pessoas Maiores de 23 que já trabalham, têm filhos, pronto! Há ali uma ginástica muito diferente do que se fôssemos só alunos iniciais de 18 anos. Houve ali uma altura em que se quis combinar outra tutoria e para nós todos foi muito difícil! Portanto, a tutoria não se deu, mas também não foi reagendada! Pronto! E a partir daí nunca mais!</i></p>
<p>IC166: Eu se calhar tenho uma maneira um bocadinho diferente, porque é muito bom no início. Ou seja, no processo de entrada, de preparação para os exames, dos exames ao acolhimento. A partir do momento em que o ano letivo começa, a partir do momento em que nós começamos a ser alunos tal como os outros; eu achei que o objetivo dos Maiores se perdeu também. Perdeu-se, perdeu-se. A tutoria em si, o apoio isso tudo, perdeu-se! Já não está aqui tão ativo como estive no início. Houve aquela primeira sessão de acolhimento, houve a sessão a seguir da biblioteca, entretanto, estamos aqui a falar de</p>	<p>IC166: Eu não sei o que poderia mudar, acho que a tutoria está mesmo boa!</p> <p>Pra ser muito sincero(a) eu acho que não sei o que é que eu poderia melhorar, acho que daquilo que eu tenho visto, daquilo que tenho percebido. Não, eu acho que é mesmo bom! Acho que estão sempre, todas as semanas tem um workshop, também se houver mais um workshop lá está outra vez o tempo e as pessoas não vão, as pessoas se calhar nem a um workshop vão, se calhar muito menos iam se houvessem dois. Portanto, acho que, se calhar, acho que é muito bom. E hoje em dia acho muito bom os e-mails, mesmo durante o processo, cheguei a enviar um ou dois e-mails, [...] e sempre me responderam</p>	<p>AI66: Eu não sei o que poderia mudar, acho que a tutoria está mesmo boa!</p>	<p>DSC166 AI66: Eu não sei o que poderia mudar, acho que a tutoria está mesmo boa! IC166: Eu não sei o que poderia mudar, acho que a tutoria está mesmo boa!</p> <p><i>Pra ser muito sincero(a) eu acho que não sei o que é que eu poderia melhorar, acho que daquilo que eu tenho visto, daquilo que tenho percebido. Eu acho que é mesmo bom! Acho que estão sempre, todas as semanas tem um workshop, também se houver mais um workshop, lá está outra vez o tempo e as pessoas não vão, as pessoas se calhar nem a um workshop vão, se calhar muito menos iam se houvessem dois. Portanto, se calhar, acho que é muito bom. E hoje em dia acho muito bom os e-</i></p>

<p>peessoas Maiores de 23 que já trabalham, têm filhos, pronto! Há ali uma ginástica muito diferente do que se fôssemos só alunos iniciais de 18 anos. Houve ali uma altura em que se quis combinar outra tutoria [...] Para nós todos foi muito difícil! Portanto, a tutoria não se deu, mas também não foi reagendada! Pronto! E a partir daí nunca mais!</p>	<p>muito rapidamente com clareza, sobre, por exemplo, a dizer quando é que saíam as notas, a dizer quando é que...pronto se que eu houvesse alguma coisa que tivesse dúvidas, sempre enviei e-mails e eles sempre me responderam.</p>		<p><i>mails, mesmo durante o processo, cheguei a enviar um ou dois e-mails [...] e sempre me responderam muito rapidamente com clareza, sobre, por exemplo, a dizer quando é que saíam as notas. Pronto se houvesse alguma coisa que eu tivesse dúvidas, sempre enviei e-mails e eles sempre me responderam.</i></p>
<p>ICI165</p>	<p>ICI167: <i>A tutoria deve ser mantida porque assim passamos a ser mais acolhidos.</i> Sim. Acho que deve ser mantido. Acho que Sim. Sim, claro. Esperar que continue a existir da mesma forma porque também nós passamos nos sentir mais acolhidos, digamos assim.</p>	<p>AI167: <i>A tutoria deve ser mantida porque assim passamos a ser mais acolhidos.</i></p>	<p>DSCI167 AI167: <i>A tutoria deve ser mantida porque assim passamos a ser mais acolhidos.</i> ICI167: <i>A tutoria deve ser mantida porque assim passamos a ser mais acolhidos.</i> <i>Acho que a tutoria deve ser mantida. Espero que continue a existir da mesma forma porque também nós passamos nos sentir mais acolhidos, digamos assim.</i></p>
	<p>ICI168: <i>A tutoria se preocupa com o bem estar do aluno.</i></p> <p>[...] sinto que aqui há muito mais acompanhamento e há muito mais preocupação em saber se precisa de alguma coisa, o que é que tá a correr mal o que é que não tá, acho que há uma preocupação pelo bem estar dos alunos.</p>	<p>AI168: <i>A tutoria se preocupa com o bem estar do aluno.</i></p>	<p>DSCI168 AI168: <i>A tutoria se preocupa com o bem estar do aluno.</i> ICI168: <i>A tutoria se preocupa com o bem estar do aluno.</i> <i>Sinto que aqui há muito mais acompanhamento e há muito mais preocupação em saber se precisa de alguma coisa, o que é que tá a correr mal o que é que não tá, acho que há uma preocupação pelo bem estar dos alunos.</i></p>

	<p>IC169: <i>Senti mais apoio dos mentores, do que da tutoria.</i></p> <p>Eu vou ser sincero(a)! Sinto mais apoio por parte dos mentores, dos nossos mentores que foram atribuídos do que através da tutoria. É verdade! Mas há muito mais abertura por parte dos mentores que vêm ter contigo se for preciso: “Então, está tudo bem? Tu precisas de ajuda” a minha faz sempre isso., chega sempre e pergunta, “ Então, precisa de ajuda, está a correr tudo bem?” é assim, lá está, como já vem da área, já não tem certas dúvidas que a pessoa iria ter, mas não é por isso que ela deixa no dia a seguir chegar e voltar a perguntar.</p>	<p>A169: <i>Senti mais apoio dos mentores, do que da tutoria.</i></p>	<p>DSC169</p> <p>A169: <i>Senti mais apoio dos mentores, do que da tutoria.</i></p> <p>IC169: <i>Senti mais apoio dos mentores, do que da tutoria.</i></p> <p><i>Eu vou ser sincero(a)! Sinto mais apoio por parte dos mentores, dos nossos mentores que foram atribuídos do que através da tutoria. É verdade! Mas há muito mais abertura por parte dos mentores que vêm ter contigo se for preciso: “Então, está tudo bem? Tu precisas de ajuda” a minha faz sempre isso., chega sempre e pergunta. É assim, como eles já vem da área, já não tem certas dúvidas que a pessoa iria ter, mas não é por isso que ela deixa no dia a seguir chegar e voltar a perguntar</i></p>
--	---	--	---